

Marta Alexandra Fernandes Rodrigues

O Corpo como Objecto de Marca(s): Modificações corporais e a procura de significado  
num território não demarcado

Universidade Fernando Pessoa  
Porto, 2015



Marta Alexandra Fernandes Rodrigues

O Corpo como Objecto de Marca(s): Modificações corporais e a procura de significado  
num território não demarcado

Universidade Fernando Pessoa  
Porto, 2015

© 2015

Marta Alexandra Fernandes Rodrigues  
“TODOS OS DIREITOS RESERVADOS”

Marta Alexandra Fernandes Rodrigues

O Corpo como Objecto de Marca(s): Modificações corporais e a procura de significado  
num território não demarcado

Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Zélia de Macedo Teixeira e co-orientação do Prof. Doutor Luís Santos.



## RESUMO

MARTA ALEXANDRA FERNANDES RODRIGUES: O Corpo como Objecto de Marca(s): Modificações corporais e a procura de significado num território não demarcado

(Sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Zélia de Macedo Teixeira e coorientação do Prof. Doutor Luís Santos)

A presente dissertação pretende reflectir sobre o corpo como objecto de marca(s) e sobre a multiplicidade de significados que dele podem emergir, num território legislativo considerado pouco dignificante para profissionais e arriscado para consumidores. Assim, o foco da presente pesquisa incide sobre as vozes dos sujeitos extensivamente marcados ou que através das modificações corporais constroem um projecto corporal. Não pretendíamos explorar o universo das modificações corporais e os discursos contemporâneos sobre metamorfoses em sujeitos com um ou outro apontamento no corpo. O nosso objectivo era aceder às vivências daqueles que escolheram as modificações corporais como um modo de ser e estar na vida. Para o efeito procurámos construir uma amostra estratégica e intencional de sujeitos com MC em larga escala e aprofundámos as experiências pessoais destes indivíduos para aceder à sua dimensão subjectiva em vários domínios que se interrelacionam. Apresentamos os contributos de 20 usuários e de 20 profissionais de modificações corporais, que se constituem nos nossos grupos de trabalho. Trata-se de uma investigação de índole qualitativa sustentada pelo contexto comunicacional do ciberespaço. Foi intencional a compatibilização de um *design* clássico de investigação, a recolha de dados através de questionário e entrevista semi-estruturada, bem como a sua análise através do método *Grounded Analysis* com vista à elaboração de uma teoria fundamentada nos dados, com um método de recolha de dados menos convencional, referimo-nos ao facto de termos optado pelo *site Facebook* como o único meio de contacto com os sujeitos da amostra e como a nossa base de recolha de dados. Ao darmos voz aos discursos contemporâneos sobre metamorfoses corporais extremas concluímos que a opção por um projecto de

modificação corporal pode tratar-se de um processo de (re)descoberta identitária, que o corpo pode ser usado como espaço de expressão, afirmação e diferenciação em relação aos outros. A dor é compreendida como um meio e não como um fim, trata-se de um acto con(m)sentido, e suportada por motivações várias que lhe conferem significado. A discriminação e o preconceito foram experiências partilhadas pelos participantes. Concluimos que os outros tendem a condenar aquilo que não compreendem, chegando até a sentir-se ameaçados por algo que para eles simplesmente não faz sentido.

## ABSTRACT

MARTA ALEXANDRA FERNANDES RODRIGUES: The Body as an Object of (Trade)Marks: Body modifications and the search for a meaning in an unmarked territory

(Under the guidance of PHD Zélia de Macedo Teixeira and co-supervision of PHD Luís Santos)

The present dissertation intends to reflect upon the body as an object of (trade)marks and upon the plurality of meanings that can emerge from it, in a legislative context, considered less dignifying for professionals and risky for consumers. Thus, the focus of this research is on the voices of extensively marked subjects or that, through their bodily modifications, build a body-project. We did not want to explore the universe of body modifications nor the contemporary speeches about metamorphosis on individuals with one or two body marks. Our goal was to access the experiences of those that chose these body modifications as a way of being in life. For that, we sought to build a strategic and intentional sample of subjects with largely body modifications, and to analyse in depth their personal experiences to access their subjective dimension in many domains that interrelate. We present the contributes of 20 users and 20 body modification professionals, which constitute two voices groups on Body Modification (BM). It's an investigation of a qualitative nature supported by a communicational cyberspace context. It was intentional the compatibility of a classic-type investigation, the data collection through inquiries and a semi-structured interview; as well as its analysis via the *Grounded Analysis* method seeking the elaboration of a theory founded on data, with a less conventional data collection method. We are referring to our choice of using *Facebook* as the single way to contact the sample subjects, and as our database. By giving voice to these contemporary speeches on extreme body modification metamorphoses, we conclude that the option for a body modification project may be about a process of (re)discovering an identity, that the body may be used as a space for expression, affirmation and differentiation regarding others. The pain is understood as a

mean and not an end. It's a "wiling action with sentiment", and endured by several motivations that give it meaning. The discrimination and prejudice were shared feelings sensed by the participants. We conclude that the others, non-modified subjects, tend to condemn what they don't understand, even feeling threaten by something that, for them, simply does not make sense.

## RÉSUMÉ

MARTA ALEXANDRA FERNANDES RODRIGUES:

Le Corps comme Objet de Marque(s): Modifications corporelles et la recherche de signification non-démarquée

(Sous la co-direction des Pr. Zélia de Macedo Teixeira et Pr. Luís Santos)

Cette thèse vise à réfléchir sur le corps comme objet de marque(s) et sur la multiplicité de significations qu'il peut faire émerger dans un territoire législatif considéré peu dignifié pour les professionnels et risqué pour les consommateurs. Ainsi, la cible de cette recherche est mise sur les voix des sujets largement marqués, ou qui, à travers des modifications du corps, construisent un projet corporelle. Nous ne souhaitons explorer l'univers des modifications corporelles et les discours contemporains sur les métamorphoses du sujet avec réduites annotations sur le corps. Notre objectif était d'accéder aux expériences de ceux qui ont choisit la modification corporelle comme un mode de vie. À cet effet, nous nous sommes efforcés de créer un échantillon stratégique et intentionnel de sujets avec une grande échelle de modifications corporelles et nous avons aussi approfondi les expériences personnelles de ces individus pour accéder à leurs dimensions subjectives dans différents domaines interconnectés. Nous présentons les contributions de 20 utilisateurs et de 20 professionnels des modifications corporelles qui constituent deux groupes de voix sur les Modifications Corporelles (MC). Il s'agit d'une recherche qualitative soutenue par le contexte communicationnel du cyberspace. C'était tout à fait intentionnel la jonction d'un design de recherche classique, la collecte de données provenant d'un questionnaire et d'un entretien semi-structuré. Leur analyse a été réussite à travers de la méthode *Grounded Analysis* pour élaborer une théorie soutenue par les données, avec une méthode de collecte moins conventionnelle quand nous ont choisi le *site Facebook* comme le seule moyen de contact avec les sujets de l'échantillon et comme notre base

de données. En donnant la voix aux discours contemporains sur les métamorphoses corporelles extrêmes, nous avons conclu que l'option de projet de modification corporelle peut s'agir d'un processus de (re)découverte identitaire, que le corps peut être utilisé comme espace d'expression, affirmation et différenciation par rapport aux autres. La douleur est entendue comme un moyen, et non comme une fin. Il s'agit d'un acte consenti et supporté par des motivations variées qui leur confèrent signification. La discrimination et le préjugé font partie des expériences partagées par les participants. Nous avons conclu que les sujets non modifiés sont inclinés à condamner le comportement des sujets modifiés qu'ils ne comprennent pas, éventuellement parce qu'ils peuvent se sentir menacés par une chose qui ne fait aucun sens pour eux.

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe e à Luskas, porque muito do que sou devo a vocês.



## **AGRADECIMENTOS**

Gostava de começar por agradecer a todos aqueles que tornaram esta investigação possível, refiro-me aos 20 usuários e 20 profissionais de modificação corporal que disponibilizaram horas do seu tempo em frente a um computador a partilhar comigo o seu mundo e a sua realidade para que todos pudéssemos alargar o nosso conhecimento sobre uma área ainda muito inexplorada e incompreendida. De igual modo, estendo este agradecimento aos profissionais e estúdios de modificação corporal que não integrando a presente amostra me receberam nas suas instalações, ou que de outras formas contribuíram para o sucesso da presente investigação, facilitando contactos ou partilhando a sua experiência.

Foi uma honra e um prazer enorme trabalhar e contar com a colaboração de um dos maiores ícones da modificação corporal no Brasil, Thiago Soares (T.Angel) cujos conhecimentos e disponibilidade ímpar para me ajudar a evoluir são algo que jamais esquecerei.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Doutora Zélia Teixeira, por ter entrado comigo nesta viagem arriscada e confiar sempre no meu valor como investigadora. Um obrigado muito especial por nunca desistir de mim e pela paciência extra que é necessário ter comigo por vezes!

Ao Prof. Doutor Luís Santos por tentar sempre perceber a lógica das minhas propostas mais vanguardistas e pelas conversas telefónicas que muitas vezes mudaram o rumo deste trabalho...e por todas as vírgulas esquecidas!

À Magui, porque me ter visto crescer ao longo destes anos, com quem partilhei muitos sorrisos mas também muitas lágrimas... Sem ela, por todos os motivos, esta tese jamais seria possível!

À Joana, porque é a irmã que eu escolhi!

Ao Tomané, pelas longas tertúlias em que debatemos estes temas. Obrigado seres sempre um entusiasta desta investigação e por demonstrares uma preocupação tão genuína com o meu presente e com o meu futuro.

Ao Pedrinho, pelo amor incondicional.

## ÍNDICE

	Página
<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	
1. Corpo, identidade e transformações	11
1.1. Pensar o corpo ou corporalizar a reflexão?	15
1.1.1. Dualidades	17
a. Corpo versus Mente/espírito	17
b. Razão versus Prazer/sentidos	18
c. Natureza versus Cultura	18
d. Subjectividade versus Objectividade	19
1.1.2. <i>Embodiment</i> ou corporalização	20
1.1.3. Diversidades	24
1.2. Resignificação do conceito de identidade	30
1.2.1. Individualidades	31
1.2.2. Multiplicidades	35
1.2.2.1. Identidade narrativa e dialógica	39
1.2.3. Transformações	40
1.3. Uma natural convergência	40
2. Histórias contadas por corpos marcados	50
2.1. Tatuagem	52
2.2. Perfuração	64
2.3. Escarificação	68
2.4. Práticas de suspensão corporal	71

3. Da <i>Body Art</i> à <i>Body Modification</i>	75
3.1. Movimentos predominantes na actualidade	78
3.1.1. <i>Modern Primitives</i>	78
3.1.2. <i>Church of Body Modification</i>	80
3.1.3. <i>Body Hacktivism</i>	81
4. Uniformização dos discursos sobre Modificações Corporais	83
4.1. Modificações Corporais Não <i>Mainstream</i>	84
4.2. Modificações Corporais Extremas ou Não <i>Mainstream Hard</i>	88
4.2.1. Modificações Extremas Orais	88
4.2.2. Implantes considerados <i>Hard</i>	89
4.2.3. Modificações Extremas Genitais	89
4.2.4. Modificações Extremas nas Orelhas	90
4.2.5. Outros tipos de Modificações Corporais Extremas	91
5. Discursos sobre os corpos modificados	92
5.1. O corpo como objecto estético, artístico e de consumo	93
5.2. O corpo autobiográfico, relacional e memorial	95
5.3. O corpo distinto, distinguível, dissidente e liberto	99
5.4. O corpo que se supera	104
5.5. Do corpo modificado ao compromisso identitário	105
5.6. Os corpos (com) sentidos	107
6. Marcas que marcam... num território por demarcar	109
7. Reflexão do enquadramento teórico	115

## **CAPÍTULO II – PARTE PRÁTICA**

<b>Vozes de corpos marcados: significados emergentes</b>	<b>121</b>
1. Método	125

1.1. Amostra	125
1.2. Instrumentos	126
1.2.1. Convite de participação no projecto de investigação <i>online</i>	128
1.2.2. Consentimento informado	128
1.2.3. Questionário de caracterização pessoal	128
1.2.4. Entrevista semi-estruturada	129
1.3. Procedimentos	130
1.3.1 Constituição da amostra e recolha da informação	130
1.3.2 Metodologia de análise da informação recolhida	133
1.3.2.1 Justificação pela escolha do Método Qualitativo	133
1.3.2.2. <i>Grounded Theory</i>	136
1.3.3.3. Vantagens da recolha de dados no plano virtual	141
2. Apresentação e análise dos resultados	142
2.1. Resultados dos Questionários de caracterização pessoal	142
2.1.1. Dados sócio-demográficos	142
2.1.2. Dados relativos às modificações corporais	147
2.2. Resultados das entrevistas semi-estruturadas	155
2.2.1. Questão 1- “Como foi o primeiro contacto com o meio das MC?”	156
2.2.1.1. Análise das respostas dos Usuários	156
2.2.1.2. Análise das respostas dos Profissionais	161
2.2.2. Questão 2- “O que determinou (esteve na base, levou...) a sua escolha de fazer uma MC?”	167
2.2.2.1. Análise das respostas dos Usuários	167
2.2.2.2. Análise das respostas dos Profissionais	172
2.2.3. Questão 3- “O que se lembra de mais significativo nas suas experiências de MC?”	177
2.2.3.1. Análise das respostas dos Usuários	177
2.2.3.2. Análise das respostas dos Profissionais	180
2.2.4. Questão 4- “As MC afectaram de algum modo a sua vida pessoal?”	185
2.2.4.1. Análise das respostas dos Usuários	185
2.2.4.2. Análise das respostas dos Profissionais	188

2.2.5. Questão 5- “As MC afectaram de algum modo a sua vida profissional?”	195
2.2.5.1. Análise das respostas dos Usuários	195
2.2.5.2. Análise das respostas dos Profissionais	199
2.2.6. Questão 6- “As MC afectaram de algum modo a sua vida social?”	205
2.2.6.1. Análise das respostas dos Usuários	205
2.2.6.2. Análise das respostas dos Profissionais	211
2.2.7. Questão 7- “Na sua opinião, para além das modificações físicas há algo que distinga ou diferencie as pessoas com MC das restantes?”	216
2.2.7.1. Análise das respostas dos Usuários	216
2.2.7.2. Análise das respostas dos Profissionais	219
2.2.8. Questão 8- “Na sua opinião, para além das modificações físicas há algo que una ou aproxime entre si, as pessoas com MC?”	223
2.2.8.1. Análise das respostas dos Usuários	223
2.2.8.2. Análise das respostas dos Profissionais	227
2.2.9. Questão 9- “Sendo a dor uma inerência das MC como viveu esta condição?”	233
2.2.9.1. Análise das respostas dos Usuários	233
2.2.9.2. Análise das respostas dos Profissionais	239
2.2.10. Questão 10- “A noção de MC pressupõe a realização de mudanças no seu corpo... como define ou caracteriza a forma como viveu estas mudanças?”	246
2.2.10.1. Análise das respostas dos Usuários	246
2.2.10.2. Análise das respostas dos Profissionais	251
2.2.11. Questão 11- “Como caracteriza o efeito destas mudanças na relação consigo próprio, na forma como se vê?”	256
2.2.11.1. Análise das respostas dos Usuários	256
2.2.11.2. Análise das respostas dos Profissionais	259
2.2.12. Questão 12- “Num meio em que as MC ainda são uma excepção, como é que acha que os outros se sentem em relação às suas MC?”	265
2.2.12.1. Análise das respostas dos Usuários	265

2.2.12.2. Análise das respostas dos Profissionais	271
2.2.13. Questão 13- “Para si, qual é o significado desta escolha (ter realizado MC)?”	277
2.2.13.1. Análise das respostas dos Usuários	277
2.2.13.2. Análise das respostas dos Profissionais	281
2.2.14. Questão 14- “Preparou-se de alguma forma (ex. investigou previamente vários profissionais/ estúdios, informação sobre os riscos de saúde, etc.) para a realização das suas MC?”	286
2.2.14.1. Análise das respostas dos Usuários	286
2.2.14.2. Análise das respostas dos Profissionais	290
2.2.15. Questão 15- “Independentemente de já ter realizado ou não suspensões, por favor descreva a sua opinião sobre esta prática/ experiência.”	297
2.2.15.1. Análise das respostas dos Usuários	297
2.2.15.2. Análise das respostas dos Profissionais	303
2.3. Bloco exclusivo ao grupo dos Profissionais	310
2.3.1. Questão 1- “Como caracteriza a sua entrada para as MC na vertente profissional?”	311
2.3.2. Questão 2- “Como se foi desenvolvendo a sua formação profissional (locais, duração)?”	319
2.3.3. Questão 3- “Qual é a sua opinião quanto à situação do nosso país, no que respeita a ofertas de formação para os profissionais de MC?”	327
2.3.4. Questão 4 - “No que respeita à legislação em vigor para as MC, como caracteriza Portugal neste domínio?”	335
2.3.5. Questão 5- “Prepara de alguma forma os seus clientes para lidar com a dor inerente aos processos de modificação?”	343
2.3.6. Questão 6- “Na sua opinião, quais são os principais motivos que levam os seus clientes a realizar MC?”	349
2.3.7. Questão 7- “O que distingue para si um bom cliente de um mau cliente?”	354
2.3.8. Questão 8- “E, o que distingue para si um bom profissional de	

um mau profissional?”	362
3. Discussão dos resultados	370
3.1. A entrada no mundo das MC...	370
3.2. A opção por um projecto corporal de construção individual...	373
3.3. O preço de ser “EU”, especial e único...	377
3.4. Metamorfoses corporais e pessoais...	383
3.5. A dor como instrumento de metamorfose...	388
3.6. As MC na óptica dos profissionais...	395
3.7. Por detrás das marcas corporais...	400
3.8. EU – Profissional de MC, em Portugal...	405
3.9. Pensar e usar o corpo de outro modo...	415
CONCLUSÃO	423
BIBLIOGRAFIA	429
ANEXOS	Vol. II

## ÍNDICE DE TABELAS

		Página
Tabela 1 a)	Caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários em função do género, idade, estado civil e escolaridade.	126
Tabela 1 b)	Caracterização sociodemográfica do grupo de Profissionais em função do género, idade, estado civil e escolaridade.	126
Tabela 2 a)	Caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários em função da profissão e situação profissional.	143
Tabela 2 b)	Caracterização sociodemográfica do grupo de Profissionais em função da profissão e situação profissional.	144
Tabela 3 a)	Caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários em função da nacionalidade, zona de residência e com quem vive.	145
Tabela 3 b)	Caracterização sociodemográfica do grupo de Profissionais em função da nacionalidade, zona de residência e com quem vive.	145
Tabela 4 a)	Caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários em função da escolaridade dos pais e profissão dos pais.	146
Tabela 4 b)	Caracterização sociodemográfica do grupo de Profissionais em função da escolaridade dos pais e profissão dos pais.	147
Tabela 2.1a)	Dados relativos à prática das MC – grupo de Profissionais.	148
Tabela 2. b)	Dados relativos à prática das MC – grupo de Usuários.	150
Tabela 5 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 1 com o grupo de Usuários.	157
Tabela 5 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 1 com o grupo de Profissionais.	163
Tabela 6 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 2 com o grupo de Usuários.	168

Tabela 6 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 2 com o grupo de Profissionais.	173
Tabela 7 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 3 com o grupo de Usuários.	178
Tabela 7 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 3 com o grupo de Profissionais.	181
Tabela 8 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 4 com o grupo de Usuários.	186
Tabela 8 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 4 com o grupo de Profissionais.	190
Tabela 9 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 5 com o grupo de Usuários.	196
Tabela 9 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 5 com o grupo de Profissionais.	201
Tabela 10 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 6 com o grupo de Usuários.	206
Tabela 10 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 6 com grupo de Profissionais.	212
Tabela 11 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 7 com o grupo de Usuários.	217
Tabela 11 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão com o grupo de Profissionais.	220
Tabela 12 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão com o grupo de Usuários.	224
Tabela 12 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 8 com o grupo de Profissionais.	229
Tabela 13 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 9 com o grupo de Usuários.	234
Tabela 13 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 9 com o grupo de Profissionais.	240
Tabela 14 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 10 com o grupo de Usuários.	248
Tabela 14 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 10 com o grupo de Profissionais.	252

Tabela 15 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 11 com o grupo de Usuários.	258
Tabela 15 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 11 com o grupo de Profissionais.	260
Tabela 16 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 12 com o grupo de Usuários.	266
Tabela 16 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 12 com o grupo de Profissionais	272
Tabela 17 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 13 com o grupo de Usuários.	279
Tabela 17 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 13 com o grupo de Profissionais	282
Tabela 18 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 14 com o grupo de Usuários.	288
Tabela 18 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 14 com o grupo de Profissionais	291
Tabela 19 a)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 15 com o grupo de Usuários.	299
Tabela 19 b)	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 15 com o grupo de Profissionais	304
Tabela 20	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 1, exclusiva aos profissionais.	312
Tabela 21	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 2, exclusiva aos profissionais.	320
Tabela 22	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 3, exclusiva aos profissionais.	328
Tabela 23	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 4, exclusiva aos profissionais.	336
Tabela 24	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 5, exclusiva aos profissionais.	344
Tabela 25	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 6, exclusiva aos profissionais.	350
Tabela 26	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na	355

questão 7, exclusiva aos profissionais.

Tabela 27	Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 8, exclusiva aos profissionais.	364
-----------	---	-----

## ÍNDICE DE FIGURAS

		Página
Figura 1	Posições de suspensão corporal.	88
Figura 2	Fases do processo de clarificação estrutural.	140
Figura 3	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 1.	166
Figura 4	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 2.	176
Figura 5	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 3.	184
Figura 6	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 4.	194
Figura 7	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 5.	204
Figura 8	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 6.	215
Figura 9	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 7.	222
Figura 10	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 8.	232
Figura 11	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 9.	245

Figura 12	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 10.	255
Figura 13	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 11.	264
Figura 14	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 12.	276
Figura 15	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 13.	285
Figura 16	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 14.	296
Figura 17	Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 15.	309

## ÍNDICE DE ANEXOS

	Página
Anexo A Descrição individual da prática de modificações corporais no grupo dos Usuários	3
Anexo B Descrição individual da prática de modificações corporais no grupo dos Profissionais	11
Anexo C Classificação das modificações corporais segundo o <i>site</i> BME ( <i>Body Modification Engine</i> )	21
Anexo D Glossário de modificação corporais	27
Anexo E Zonas corporais modificadas, convergências e divergências entre os grupos	49
Anexo F Convite de participação	53
Anexo G Consentimento Informado	57
Anexo H Questionário de caracterização pessoal	61
Anexo I Entrevista semi-estruturada (Versão para Usuários)	65
Entrevista semi-estruturada (Versão para Profissionais)	65
Anexo J Representação gráfica por questão do processo de clarificação estrutural	71



## INTRODUÇÃO

Quando nos dispusemos a abraçar cientificamente o universo das modificações corporais extremas, as questões que suscitaram o nosso envolvimento inicial com este domínio foram os motivos e os significados, ou não fossem os humanos incessantes procuradores e criadores de significado (Guidano, 1998). Neste sentido, o foco da presente dissertação incide sobre as vozes dos sujeitos extensivamente marcados ou que através das modificações corporais constroem um projecto corporal. Consequentemente pretendemos aceder à sua experiência sobre estas metamorfoses corporais e pessoais e, deste modo, aos discursos de quem tem o corpo extensivamente marcado. O objectivo desta investigação, tal como foi apresentado aos potenciais participantes através de um convite *online*, pretendia olhar para o fenómeno das modificações corporais na óptica dos seus usuários e profissionais, sustentado na sua experiência pessoal, com o intuito de acedermos aos temas associados à adopção e defesa destas práticas tão diversificadas e ricas. Num discurso menos informal e mais científico, não pretendíamos explorar o universo das modificações corporais e os discursos contemporâneos sobre metamorfoses em sujeitos com um ou outro apontamento no corpo. O nosso objectivo era aceder às vivências daqueles que escolheram as modificações corporais como um modo de ser e estar na vida.

Para o efeito, aprofundámos as experiências pessoais destes sujeitos para aceder à sua dimensão subjectiva em vários domínios que se interrelacionam.

Os significados emergente das vozes destes corpos marcados, resultaram num “nó de significações” (Merleau-Ponty, 1945) no sentido em que a cada metamorfose corporal voluntária e intencional está acoplado um ou mais significados, sejam eles mais primitivos ou mais modernos, num registo sempre subjectivo e como parte integrante das narrativas individuais e consequentemente sociais. Como tal, não faria sentido termos optado por outro método que não o qualitativo, mais especificamente sustentados na *Grounded Theory*. Esta metodologia de pesquisa, ao surgir na fase

modernista dos anos 60/70 veio contribuir para dar resposta às necessidades de investigação mais coerentes com os paradigmas pós-modernos da Psicologia, ao se centrar na dimensão humana da sociedade, nos significados que os indivíduos atribuem às suas vidas e nos aspectos subjectivos da vida social (Layder, 1993). Constitui-se deste modo, numa ferramenta fundamental para o trabalho no domínio da significação da experiência humana (Fernandes, 2001) e que como tal, encaixa perfeitamente nos objectivos da presente dissertação, dar voz aos discursos contemporâneos sobre metamorfoses corporais extremas.

Para podermos mergulhar profundamente neste fenómeno ainda desconhecido para muitos, precisávamos de explorar, compreender e enquadrar teoricamente alguns conceitos, com os processos de metamorfose corporal em estudo. Assim, antes de mais, centrámo-nos na evolução da reflexão do corpo, através do corpo. Deste modo, elegemos o corpo como um dos pilares primordiais desta dissertação, um corpo modificado é certo, mas um corpo definidor de presença (Le Breton, 2004), que ocupa um lugar central nas sociedades modernas, como meio de reordenação permanente das narrativas identitárias (Klesse, 2000). Não faria sentido pensarmos os indivíduos fora do tempo e espaço que lhe são próprios (Gonzaga, 2011), e neste sentido, a questão da identidade surge como um problema moderno, mais especificamente da modernidade líquida segundo Bauman (2001). Numa época de liquidificação social e identitária (Ferreira, 2011) marcada pelo risco, incerteza, instabilidade, insegurança e precaridade, os trabalhos autobiográficos “à flor da pele” funcionam como diários permanentes que ninguém pode roubar. Estes mapas da história de vida funcionam como pontos de referência que proporcionam aos sujeitos um sentido de integridade pessoal, bem como um sentimento de segurança ontológica (Turtiainen & Oksanen, 2005) (ponto 1).

Ao reconhecermos que transformar o corpo humano é uma prática que desde sempre esteve presente na história das sociedades e que acompanha a evolução, pareceu-nos fulcral aceder às origens dos corpos marcados em várias partes do mundo, e à multiplicidade de significados que envolviam sujeitos e comunidades na realização destas práticas (ponto 2), para posteriormente darmos então voz aos discursos contemporâneos.

Quando a relação com as modificações corporais é partilhada com o grupo, um fenómeno comum na ancestralidade, contribuem para o significado colectivo das

práticas, tal como acontece em alguns movimentos contemporâneos: os *Modern Primitives*, cujas práticas ritualizadas são fruto de instintos universais, ou na *Church of Body Modification* que defende as práticas de modificação corporal como rituais fundamentais para o desenvolvimento da espiritualidade e por fim, o *Body Hactivism* que acredita na melhoria do potencial do corpo humano através de experiências tecnológicas. Embora na presente dissertação se explorem experiências individuais e subjectivas de metamorfose corporal, para a total compreensão do universo das modificações corporais na actualidade é necessário ter em conta os diferentes movimentos que se focam no corpo e na sua exploração sensorial dentro de uma espécie de perspectiva artística vanguardista no campo da *Body Art* (ponto 3).

Chega o momento de se uniformizarem os discursos sobre as modificações corporais, com o intuito de apresentar a riqueza e diversidade das práticas neste domínio, clarificando as suas definições para uma compreensão mais alargada deste universo. Reconhecendo a sua amplitude, apresentamos uma hipótese de classificação geral, conscientes da impossibilidade de abranger a totalidade deste fenómeno. Para o efeito recorremos a fontes académicas (Le Breton, 2004 e Teixeira, 2006), bem como a fontes empíricas, nomeadamente ao site *Body Modification Ezine*, a página virtual com maior visibilidade e credibilidade neste meio (ponto 4).

Tal como já referimos, o ponto de partida da presente dissertação e a base da curiosidade científica que lhe deu corpo, nasceu dos motivos e dos significados das modificações corporais extremas. Assim, a revisão bibliográfica sobre as motivações, significados e configurações pessoais subjacentes às experiências de modificação corporal, resultou na apresentação de seis principais linhas de compreensão do corpo: como objecto estético, artístico e de consumo; autobiográfico, relacional e memorial; distinto, distinguível, dissidente e liberto; o corpo que se supera; do corpo modificado ao compromisso identitário e por fim os corpos (com) sentidos (ponto 5).

Contudo, estes processos de metamorfose pessoal através das marcas corporais ocorrem num território por demarcar, e neste sentido preocupámo-nos em ilustrar a óptica dos profissionais de modificação corporal portugueses sobre a situação legislativa do nosso país neste domínio, uma situação que não dignifica profissionais nem assegura os consumidores. Previamente, apresentamos uma revisão cronológica

detalhada das orientações que regulam ou legislam o território das modificações corporais em Portugal, que se mostra um terreno frágil e desestruturado (ponto 6).

O enquadramento teórico termina com um ponto de reflexão e síntese que abre portas às já explanadas temáticas da parte prática (ponto 7), e sobre a qual gostávamos ainda de salientar, cujos dados foram recolhidos *online*, sendo este o método por nós privilegiado no sentido de abraçar a diversidade inerente aos discursos electrónicos em sintonia com os discursos dos corpos marcados.

E porquê aceder aos discursos contemporâneos sobre os corpos marcados de forma extrema? Porque o momento actual pode-se considerar de sobreposição de paradigmas, uma vez que, a par da disseminação das ideias pós-modernistas, nos defrontamos continuamente com a produção teórica e prática que enforma do paradigma racionalista moderno (Teixeira, 2004), sendo pois um tempo de abertura ao debate e à reflexão sobre múltiplas ocorrências que sobressaem na(s) vida(s) e no(s) espaço(s) de sociabilidade e de cidadania.

Não conseguimos precisar quando nos apaixonamos cientificamente por este domínio e esclarecemos desde já, que não se trata de uma questão de identificação ou de um encantamento pessoal pelas modificações corporais. Recordamo-nos que sempre que observávamos estes sujeitos de estéticas dissidentes e visuais espetaculares nos inquietavam os motivos e os significados por detrás de tais marcas no corpo. Informalmente fomos alimentando a curiosidade e a vontade de saber conhecendo pessoas do meio das modificações corporais e frequentando estúdios ou eventos relacionados, e foi aí que nos apercebemos do desfasamento entre sujeitos não modificados e sujeitos modificados quanto à compreensão deste universo em várias dimensões, como as razões subjacentes às práticas, a opção por este estilo de vida, a vivência da dor e as restantes exploradas na presente investigação.

Perante o nosso entusiasmo e a necessidade de descobrir mais sobre uma área tão crua, tão inexplorada e ao mesmo tempo tão rica, arriscámos tudo, e entrámos nesta maravilhosa viagem de descoberta científica que se revelou um percurso de exploração que transcendeu em muito as marcas no corpo, e deu voz à realidade de uma minoria em crescimento e em desenvolvimento constante. Com isto, queremos dizer que as metamorfoses corporais intencionais são vividas como um processo de desenvolvimento pessoal, não são episódios estanques, constituem todo um processo de autodescoberta,

evolução e reinvenção de si, em que “as possibilidades são infinitamente mais elevadas do que aquilo que o indivíduo poderá suportar no seu corpo” (Le Breton, 2004, p.159).

Assim, reflectir sobre o corpo marcado, modificado, reconfigurado de uma forma que se pretende permanente, com uma visibilidade que o assinala como diferente remete-nos para espaços onde os princípios do racionalismo que defendem que os seres humanos são fundamentalmente seres racionais cujos pensamentos são constituídos por um cálculo algorítmico de símbolos abstractos. Obedecendo a manipulação destes símbolos às leis da lógica dita universal e sendo a realidade percebida como um quebra-cabeças ao qual se acede apenas através da lógica e da razão (Gonçalves, 1997), não se aplicam de molde a permitir-nos uma compreensão satisfatória destes fenómenos. Este é o desafio a que nos propomos na presente dissertação: compreender as modificações corporais mantendo-nos fiéis às vozes dos sujeitos com projectos de marcação corporal.



**CAPÍTULO I**  
**ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



### **Debaixo da roupa estamos todos nus (Parte 1)**

ESTAVA NA ALEMANHA, NUM ENCONTRO DE ESCRITORES, e todas as manhãs, no pequeno-almoço do hotel, havia uma mesa de homens portugueses. Em voz alta, acreditando que ninguém os entendia, libertavam-se a contar as suas aventuras com prostitutas polacas e os seus negócios de Mercedes em segunda mão. Num desses dias, um deles apontou para a minha orelha e disse: olha para este, parece que caiu em cima de um monte de pregos.

Noutra ocasião estava no Luxemburgo, também num encontro de escritores. Preparava-me para almoçar, conversava com um poeta holandês, enquanto dois homens iam servindo salada em todos os pratos da mesa. Um deles chegou perto de mim e, em português, disse ao outro: olha para este animal, tem o braço todo sujo. Dessa vez, não fiquei em silêncio. Disse-lhe: por acaso, até tenho o braço bastante bem lavado. Mudou de cor.

Não preciso destes dois exemplos breves para saber que aquilo que muitas pessoas pensam repetidamente, todos os dias, e que não dizem por pudor. Desde que cobri o braço esquerdo com tatuagens que sei aquilo que sentem as mulheres com decotes. É muito frequente o olhar das pessoas que estão a falar comigo fugir-lhes para o meu braço. Depois, disfarçam. No caso dos *piercings*, é mais inconsciente. Estão a falar comigo e, de repente, começam a ter comichão na sobrancelha, exactamente no lugar do meu *piercing*.

Em *Abrço (3ª edição)* de José Luís Peixoto (2011), página 333



## 1. Corpo, identidade e transformações

“Como objecto de representação e de identidade do indivíduo, o corpo ocupa um lugar central nas sociedades ocidentais. É o “recinto objectivo da soberania do sujeito” e como tal, um factor fundamental na construção da sua subjectividade. Nesse sentido, as modificações corporais podem ser entendidas como formas pelas quais os sujeitos revelam a sua presença no mundo, são tipos de assinaturas de si mesmos e que ajudam a afirmar a sua singularidade” (Le Breton, 1995, p. 133).

Um dos pilares primordiais desta dissertação é o Corpo. Um corpo modificado é certo, mas um corpo que na sua essência tem uma existência que inquietou biólogos, antropólogos, sociólogos, psicólogos, artistas e tantos outros agentes de reflexão e produção de conhecimento sobre o que é ser-se humano.

Quando pensamos na evolução do Homem, quase imediatamente pensamos na evolução de um corpo, que se foi afastando da curvatura que o volvia para o chão, e se foi alongando ao mesmo tempo que possibilitava o alargamento de horizontes, bem como das suas capacidades. Da história do Homem também faz parte a história do (seu) corpo, dando-nos nota das intrincadas relações que foram sendo estabelecidas pelo corpo, através do corpo, por vezes contra o corpo, com a envolvente cultural e social que acompanha e define a evolução da humanidade.

Iniciamos este percurso ressaltando a glorificação do corpo pelos gregos antigos, parcialmente presente também na civilização romana (Barbosa, Matos & Costa, 2011; Cassimiro, Galdino & Sá, 2012; Konig, 1969) merecendo discussões de filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles<sup>1</sup>. O primeiro acreditava que a saúde era o bem mais precioso do homem em conjunto com a beleza encontrada no seu corpo. Já Platão considerava o corpo um estorvo para a alma, sendo a superioridade da alma explicada pelas fragilidades patentes na dor e na finitude daquele (Cassimiro, et al. 2012; Carmo,

---

<sup>1</sup> Sócrates detinha uma visão integral do homem, considerando importante tanto o corpo como a alma, ao contrário de Platão que defendia uma posição mais dualista que fazia sobressair a primazia da alma, para a qual o corpo funcionava como prisão. Aristóteles aproximava-se da postura de Sócrates, entendendo a realização humana como fruto da interação corpo e alma (Cassimiro, Galdino & Sá, 2012).

2005), enquanto Aristóteles concordando com a fragilidade do conhecimento sensível renunciava à atribuição ao intelecto de uma função ou existência superior. Na senda do platonismo, e no que ao corpo respeita, deparamo-nos como refere Cordeiro (2013), com a valorização da cabeça porque detém a forma esférica do Universo – e o olho, análogo à alma. Ainda assim e séculos mais tarde, Santo Agostinho alerta para os perigos da visão, distinguindo a “(...) voluptuosidade destes olhos da minha carne (...) – que se fascinam com a beleza das formas, cores e brilhos que acorrentam a alma – dos <<olhos invisíveis>> que procuram a Beleza divina e não se deixam enganar<sup>2</sup>”.

Interessantemente encontramos em 2013 uma acesa controvérsia exactamente centrada nos olhos, enquanto objecto de tatuagem. O procedimento do *eyeball tattooing* – utilizando o método de injeção – foi inventado por Shannon Larratt e realizado por Luna Cobra em 2007. A invulgaridade da prática e a mediatização do facto originou no Brasil uma discussão pública, leia-se social, que culminou com a produção de uma proposta de legislação visando proibir e criminalizar o *eyeball tattooing* no Brasil, e prevendo uma pena por lesão corporal, com a detenção do infractor a variar de 6 meses a 1 ano. Esta tentativa reguladora de uma escolha que é defendida como individual originou um movimento pela suspensão do projecto lei<sup>3</sup> que tem vindo a publico sustentado no *slogan* “Meu corpo, Meus olhos, Minha subjectividade, Minha vida, Minha decisão!”.

Retomando o percurso iniciado e centrando-nos na Idade Média, encontramos o Homem incitado pela Igreja a renunciar aos bens terrenos e materiais como moeda de troca da salvação eterna da alma, função de um poder inegável da Igreja na regulação moral e política da vida em sociedade, das relações interpessoais, familiares, bem como das formas de pensamento e até de trajar (Cassimiro et al., 2012; Cordeiro, 2013). De acordo com Matos, Gentile e Falzeta (2004), na Idade Média, o corpo foi considerado perigoso, em especial o feminino, visto como um lugar de tentações. A associação do corpo feminino ao demónio foi fácil, pois era um instrumento daquele para a sedução do homem através do sexo. Tendo Eva havia nascido de uma costela de Adão nenhuma mulher poderia ser correcta, sendo portanto mais hábil para a feitiçaria (Rosecrans, 2000). A detecção de marcas no corpo das bruxas através da eliminação de pelos e

---

<sup>2</sup> Santo Agostinho, Confissões, IN-CM, Lisboa, 2001, p.275.

<sup>3</sup> Documento disponível em [https://secure.avaaz.org/po/petition/Deputado\\_Rogério\\_Peninha\\_Mendonca\\_PMDBSC\\_Pedimos\\_o\\_arquivamento\\_imediato\\_do\\_PL\\_57902013/?cWKTwfb](https://secure.avaaz.org/po/petition/Deputado_Rogério_Peninha_Mendonca_PMDBSC_Pedimos_o_arquivamento_imediato_do_PL_57902013/?cWKTwfb)

cabelo era parte integrante do ritual confirmatório do compromisso assumido com o Mal (Barbosa, Matos & Costa, 2011; Rodrigues, 2011) e condição para o seu julgamento e condenação.

O corpo é assumido como prisão da alma, do qual era apenas um invólucro desdenhável. Esta concepção que encontramos desde os primórdios do cristianismo até ao fim da idade média foi vigente durante cerca de 17 séculos. Neste enquadramento alterar o corpo seria induzir o caos na ordem das coisas, na ordem estabelecida pelo pensamento religioso judaico-cristão que concebia a modificação corporal como uma profanação do corpo, conseqüentemente da imagem de Deus (Atkinson, 2004; Falk, 1995).

Com o advento do Renascimento o corpo torna-se alvo do interesse científico, e passa a corpo investigado, descrito e analisado (Gaya, 2005) mantendo-se no entanto, assegurado o dualismo que o separa da alma e a preponderância desta última. “O corpo, agora sob um olhar “científico”, serviu de objecto de estudos e experiências. Passa-se do teocentrismo ao antropocentrismo” (Barbosa, Matos & Costa, 2011, p.27).

Com a emergência do Movimento Humanista, que via no homem a medida de todas as coisas, à semelhança do que tinha acontecido no passado com os filósofos gregos assistimos a um resgate do corpo. Esta perspectiva de pensamento influenciou pintores, escultores e artistas em geral, que retomaram os padrões da Antiguidade Clássica na sua produção, celebrando abertamente o corpo e a beleza física. A mulher, antes ligada ao pecado, reapareceu, seminua e deslumbrante, como podemos contactar na tela de Sandro Boticelli pintada em 1485, O Nascimento de Vênus. Michelangelo Buonarroti enfatizou a beleza e a harmonia do corpo masculino patente em David, escultura apresentada ao público florentino em 1504, bem como na imagem de Adão, pintada no tecto da Capela Sistina entre 1508 e 1512. Mas já antes, em 1492, Leonardo da Vinci tinha immortalizado, na gravura conhecida como O Homem Vitruviano, o equilíbrio e as proporções da figura masculina.

Todavia, a retracção imposta pelo fenómeno da Reforma Católica e ditado pelo Concílio de Trento (1545-1563) marcaria uma gradual ocultação dos corpos até ao século XVIII (Ribeiro, 2003).

O século XIX traz uma outra dimensão à visibilidade do corpo, que surge na arte de Manet do fim de século e assim continua nos trabalhos de Matisse, Picasso,

entre outros. À nudez artística contrapõe-se a robustez exigida pela industrialização e pela produção capitalista que tornam o corpo oprimido e manipulável (Foucault, 1979) ao mesmo que se pretende produtor, e consumidor (Pelegriani, 2006; Rosário, 2006).

Os anos 60 e 70 do século XX assistiram a uma substituição do controle social dos corpos pelo reivindicado controle pessoal, reclamando o retorno às funcionalidades naturais de fonte de prazer e de objecto de desejo (Ribeiro, 2003). Esta nova forma de valorização do corpo estendeu-se até aos dias de hoje ainda que sob outras roupagens, nomeadamente através de alterações cada vez mais radicais da estrutura desse mesmo corpo.

Passamos pois de um corpo proibido para um corpo instrumental (na industrialização) assumindo-se nos dias de hoje como um corpo desmistificado e fractal (Silva, 1999), que também se sustenta nas condições socioculturais e estéticas do capitalismo contemporâneo que configuram a noção de pós-modernismo<sup>4</sup>.

Num tempo em que estar no mundo pode ser insatisfatório por múltiplas razões, em que muitos têm dificuldade em ter uma noção de “quem são”, identificando-se preferencialmente como um ego isolado, em que o principal desafio da experiência de viver é “fazer sentido”, é crucial desenvolver uma narrativa praticável, acerca do *Self* e do mundo, para lidar com a incerteza existencial e ontológica (Eisenberg, 2001).

Como refere Klesse (1999), as pessoas estão envolvidas numa reordenação permanente das narrativas identitárias nas quais a preocupação e interesse para com o corpo tornou-se central. Este Corpo, e a forma como é vivido e imbuído de significado, também é determinada pelo tempo. Se o Corpo pode ser representado hoje como matéria-prima a modelar segundo o momento, como um acessório primordial definidor de presença, e conseqüentemente de diferença como um objecto de *design* de assinatura (Le Breton, 2004), também assume a configuração composta de um objecto de marca, e ao mesmo tempo de um objecto de marcas.

Neste percurso, e se tivermos mais uma vez como exemplo a tatuagem, enquanto prática mais popular no universo das modificações corporais no Ocidente, podemos vê-

---

<sup>4</sup> No texto subsequente, e para evitar equívocos, as noções de modernidade líquida (Bauman, 2001; 2007), pós-modernidade (Featherstone, 2003; Lyotard, 1979) de modernidade tardia ou modernidade alta (Giddens, 1991, 2003), modernização reflexiva (Beck, 1992), hipermodernidade (Lipovetsky, 2005), modernidade retroativa (Lifschitz & Silva 2008), trans-modernidade (Dussel, 2002), serão correspondentes aos tempos mais recentes da contemporaneidade.

la surgir nos limbos sociais, na marginalidade, no desvio e até associada à doença mental (Sanders, 1988). A construção social da prática da tatuagem emerge da impureza e da profanação do corpo e foi ascendendo a uma plataforma de legitimidade, reconhecimento e até de valorização social, fruto de “uma intensa luta no terreno do simbólico para mudar a cara antiga e ganhar um novo espaço social” (Pérez, 2006, p. 184). Estamos pois perante um novo cenário, perante uma nova fachada social, que se aproxima de comportamentos e contextos historicamente legítimos e purificados que aproximam esta prática da praxis da clínica médica, no que respeita à importação de normas de segurança, higiene, e cuidados, que conferem segurança a um público com um posicionamento médio e alto e com poder de compra de um serviço que pretendem cada vez mais seguro e sofisticado.

Em jeito de transição para os pontos que se seguem gostaríamos de citar Mourão (2002) quando refere que “A genealogia da modernidade segue o caminho que vai do religioso ao químico e culmina na prótese electrónica. Processo de sublimação em que a matéria se rarefaz ou idealiza” (p. 90). Acrescentamos nós: processo de construção em que noções estruturantes da forma como significamos a humanidade tais como corpo e identidade se reconfiguram enquanto categorias evidentes da nossa cultura.

### **1.1. Pensar o corpo ou corporalizar a reflexão?**

“O corpo (...) é um agente da cultura. (...) ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta. (...) uma imagem mental da morfologia corporal tem fornecido um esquema para o diagnóstico e/ou visão da vida social e política” (Bordo, 1997, p.19).

Lisa Blackman, na sua obra *The Body: The Key Concepts* questiona: “*Is there anything natural about the human body? Is still a viable concept for organizing, examining and reflecting upon the body as an object of study within the humanities?*” (2008, p.8), como forma de apresentar a fragilidade do conceito de corpo natural e de todas as premissas a ele inerentes. Hoje pensar sobre o corpo, nomeadamente sobre o

corpo que somos e temos implica outras dimensões, como por exemplo o corpo que faz, os corpos que se tornam, os corpos que nos definem.

A escolha do título deste ponto – Pensar o corpo ou corporalizar a reflexão? – não aconteceu pelo jogo de palavras, mas sim pela constatação de que a reflexão sobre a díade corpo-mente teve na sua evolução que atingir um novo nível de integração, pois não corresponde à nossa vivência do corpo, vivência essa que varia de cultura para cultura, dependente de todo um conjunto de representações que delimitam consequentemente, diferentes visões do mundo (Ribeiro, 2003).

O mesmo autor defende que “o corpo não é um objecto físico como outro qualquer: além de escapar em grande parte à auto-representação, o que dele nos dizem os outros tem algo de exótico, e o que nele nós próprios sentimos tem muito de mistério” (2003, p.16), aproximando-se assim do pensamento de Merleau-Ponty (1963) quando diz que jamais poderá fazer corresponder à significação “corpo humano”, tal como as ciências e os testemunhos lhe apresentavam, uma experiência actual do seu corpo que lhe seja adequada.

Todavia a tradição dualista de conceber o corpo e a mente, herdeira da concepção também ela dual da divisão entre corpo e espírito, pautou grande parte da produção conceptual neste domínio até à introdução de conceitos como *embodiment* (incorporação), corporeidade, experiência vivida (Damásio, 1995; Merleau-Ponty, 1963; Varela, Thompson & Rosch, 1993) trazendo uma dimensão mais integrativa à compreensão do corpo da mente e da mente no corpo. E se este movimento foi de integração, a diversidade tem esboçado os contornos mais recentes da teorização sobre o corpo.

Annemarie Mol (2002) relembra-nos a noção de corpo múltiplo enquanto entidade continuamente estendida e relacionada com outros corpos humanos ou não humanos, com práticas, técnicas, tecnologias e objectos que produzem diferentes tipos de corpos e que possibilitam diferentes formas de ser humano. Conceitos como os de excorporação, performatividade, agência, extensões corporais povoam os textos da contemporaneidade (Duarte, 2013; Ferreira, 2006, 2013; Gubrium & Holstein, 1995; 2014; Silva, 2006, 2009). Os três pontos que seguem visam proporcionar uma organização sequencial, ainda que sintética, da evolução da reflexão sobre o corpo, através do corpo.

### 1.1.1. Dualidades

“Fica-se impressionado como, tanto em uma área de interesse como em outra, o mesmo tipo de questão aparece: racionalismo vs empiricismo, hereditariedade vs ambiente, pessoa vs situação” (Hilgard, 1987, p.521).

As dualidades apontadas por Hilgard são apenas alguns dos exemplos mais comuns da organização do conhecimento que, produzido em determinado domínio, e tendo em conta pontos de vista que se contrapõem, focalizam em seu torno múltiplas contribuições, usualmente num registo de polarização de posições, muito mais do que de complementaridade.

Como já tivemos oportunidade de referir anteriormente a reflexão sobre o corpo foi inspirada por inúmeras ocorrências sociais, culturais, políticas, filosóficas e científicas que enformaram essa mesma reflexão, que na Idade Moderna transparecia com facilidade em discussões dicotómicas como as que de seguida apresentamos.

#### **a. Corpo versus Mente/espírito**

No que ao corpo diz respeito, a dualidade Corpo versus Mente é provavelmente a mais antiga. Atribuída historicamente a René Descarte, a expressão “*cogitum ergo sum*” sustentou a primazia da mente, e consequentemente do espírito sobre o corpo, associando a existência ao pensamento (Barreiro, 2004; Blackman, 2008; Csordas, 1990; Ribeiro, 2003). A mente é assim traduzida como a entidade que referencia e torna possível todos os processos que nos permitem pensar, racionalizar, argumentar e debater, processos estes usualmente agrupados sob a denominação de cognições, e que são valorizados face aos processos involuntários que têm origem no corpo.

Decorrente desta dicotomização entre corpo e mente encontramos uma outra derivada: a do controle voluntário vs. o controlo involuntário. O primeiro seria exercido pela vontade e aplicado à mente; o segundo sustentava-se em leis físicas que regulam acontecimentos que não requerem esforço consciente ou atenção e que têm lugar no corpo. O primeiro seria passível de mudança, o segundo fixo e imutável, abrindo ainda mais o fosso entre estas duas entidades (Blackmanm, 2008).

### **b. Razão versus Prazer/sentidos**

A inferiorização racionalista do corpo pela mente que foi de inspiração teológica na Idade Média, e mais filosófica nos tempos modernos (séculos XVII e XVIII), legitimou a desqualificação dos prazeres do corpo em contraponto às alegrias do espírito ou da mente (Ribeiro, 2003). A associação do prazer aos sentidos e ao desejo resultam na sua rotulação como atentados à ordem natural das coisas (Maffesoli, 1990). Consequentemente, também os sentidos são alvo de classificação: os nobres (visão e audição) que permitem criar novas condições no mundo racional das imagens e dos sons, tornando-o inteligível, logo admirável e passível de ser apreciado com prazer espiritual; e os suspeitos (olfacto-gosto, tacto e contacto) que são associados aos prazeres sensuais e excitatórios do corpo, às paixões, e por conseguinte a excessos e desvios. É pois compreensível que neste enquadramento “O prazer afasta da ordem racional, e por isso o uso dos prazeres é sujeito a uma regulamentação restritiva” (Ribeiro, 2003, p. 180). E, se esta regulação não acontece, nomeadamente através da vontade, surgem os distúrbios mentais e físicos produtos do corpo como locação do desejo anti-social (Turner, 1996).

### **c. Natureza versus Cultura**

O distanciamento entre natureza e cultura encontra-se em vários domínios das ciências humanas e sociais, desde a Psicologia à Sociologia. No que ao corpo diz respeito encontramos duas linhas de pensamento que representam bem esta dualidade. Por um lado temos a sociobiologia que conceptualiza o corpo como “uma base biológica e pré social sobre a qual se fundamentam as superestruturas do Eu e da sociedade” (Shilling, 1993) e por outro, um conjunto de autores ligados ao constructivismo (e.g. Foucault, 1994; Goffman, 1987; Turner, 1994) que assumem o corpo como pertença da cultura e não de uma identidade biológica.

Para Barreiro (2004) a produção sociológica “tendeu a evitar as explicações do mundo social que tinham em conta o corpo humano, centrando-se no actor humano como um criador de signos e de significados” (p.2). Acresce o autor a este facto a condição do corpo como fenómeno natural e não social na sua essência.

#### **d. Subjectividade versus Objectividade**

A dicotomia expressa neste ponto verifica-se em múltiplos domínios, nomeadamente nas metodologias de abordagem de várias temáticas humanas e sociais, sendo certo que as pontes que têm vindo a surgir entre estas duas visões beneficiaram a produção de conhecimento de forma inquestionável (Teixeira, 2004).

No que ao corpo diz respeito e à dimensão objectiva, esta encontra-se no terreno do físico e do biológico, já a dimensão subjectiva transparece nos contributos da realidade mental psico-cultural (Csordas, 1990), resultando numa valorização da experiência interior (subjectiva).

Esta divisão de perspectivas compreensivelmente redundante na conceptualização dupla, mas mutuamente exclusiva do corpo como sujeito, ou como objecto. Esta questão é de longa data no domínio da filosofia e surge a partir da premissa de que o mundo consiste em objectos (entidades) que são percebidos ou presumidos que existam como entidades por sujeitos (observadores). Esta distribuição mutuamente exclusiva entende o corpo como objecto espacialmente localizado e funcionando mecanicamente. Na posição cartesiana o corpo é pois considerado de valor neutro. Como Leder refere: "o corpo é instalado dentro do 'neutro' discurso da Ciência objectiva" (1990, p. 128). A temática específica do corpo objecto vs sujeito será retomada com maior profundidade no ponto que se segue, referente à incorporação (*embodiment*).

Muitos outros exemplos desta compreensão cartesiana dicotómica poderiam constar desta dissertação (feminino versus masculino, indivíduo versus estrutura social, entre outros), afastando-nos provavelmente do caminho traçado para o desenvolvimento desta parte de enquadramento teórico.

Todavia, gostaríamos de apresentar um último exemplo destas dualidades, com aplicação directa ao domínio das modificações corporais, reflectindo a dicotomia "pureza versus impureza". Pérez (2006), inspirada na obra de Mary Douglas "Pureza e Perigo" de 1976, vocacionada para a análise religiosa, transportou a grelha de leitura encontrada para o campo da tatuagem, usando este código duplo como ordenador simbólico desta realidade, referindo que:

“(...) a associação feita entre tatuagem e sujeira pode ser vista como uma forma de se reagir socialmente diante de uma situação considerada perigosa, provocadora de desordem, geradora de um tipo

de “anormalidade”. Mas qual é a ordem ou normalidade que a tatuagem transgride? A normalidade do corpo, pois ao ser nele realizada uma modificação, colocada uma marca definitiva, está sendo violado o que é considerado ideal: a sua forma “natural” (pág. 183).

A mesma autora (Pérez), na análise das abordagens que consideram, por exemplo, a tatuagem como mera expressão estética, ressalta uma nova fragmentação do sujeito em dois universos opostos – o emotivo/ superficial e o reflexivo/ profundo – que em sua opinião resultam num empobrecimento do fenómeno, que deixa de lado dimensões como a interacção entre cliente e tatuador, os significados, gostos e escolhas, reflexos do mundo interno de quem se tatua e de quem posteriormente “recria a sua corporalidade e a verbaliza, dando lugar a desvelamentos e a descobertas de si mesmo (...). Estes possuem projectos de construção corporal, pensados e planeados como parte de um processo vivencial, autónomo e subjectivo” (2006, p. 202).

Encerrando este ponto dedicado às dualidades que têm organizado a compreensão do corpo, abrimos porta a uma dimensão integradora de algumas das polarizações acima descritas. Através do conceito de *embodiment* (incorporação) vários autores fazem a ponte entre extremos e defendem uma posição de continuidade que passamos a descrever.

### 1.1.2. *Embodiment* ou incorporação

“Se esta certeza (o meu corpo pertence-me) é abalada, tudo (o mundo, o meu mundo) é abalado. Não estamos pois num processo mesquinho de contabilizar propriedades dispensáveis, pelo contrário, estamos no centro primeiro do humano. Antes ainda das necessidades primárias (alimentação, abrigo, etc.) surge a necessidade do piso zero: ter um corpo que se reconhece; em volta, para o mundo e depois para si próprio, e dizer, calmamente: eu estou aqui, pelo menos tenho um corpo.” (Tavares, 2013, p. 183).

Almeida (2004) refere-se ao interesse inédito sobre o tema do corpo e da incorporação que surgiu nas ciências sociais nas duas últimas décadas como “tema que ganhou estatuto de coqueluche nos grandes centros de produção académica, especialmente no mundo Anglo-Saxónico” (p. 49), posição esta que parece dar resposta ao que vários autores (Blackman, 2008; Burkitt, 1999; Featherstone, Hepworth &

Turner, 1991; Turner, 1984; Shilling, 1993) consideram a ausência do corpo nas teorias sociais, enquanto temática central e centralizadora da produção de conhecimento sobre a humanidade.

Para Blackman (2008) esta ausência apenas se torna presença efectiva fruto da emergência de uma sociedade de risco (Beck, 1992) e de um conjunto de práticas e de tecnologias que configuram o corpo como uma espaço chave de transformação e de mudança, estando criadas as condições para que se passe da análise do corpo reactivo à do corpo activado.

O conceito de *embodiment* que passaremos a traduzir por incorporação tem sido usado extensivamente desde meados dos anos 80 no domínio das ciências cognitivas, trazendo à luz conceitos como “*embodied mind*”<sup>5</sup> (e.g. Lakoff & Johnson, 1999; Varela et al., 1993), “*embodied intelligence*” (e.g. Brooks, 1991), “*embodied action*” (e.g. Varela et al., 1993), “*embodied cognition*” (e.g. Clark, 1997), e de “*embodied cognitive science*” (e.g. Clark, 1999; Pfeifer & Scheier, 1999).

Já no domínio da psicologia social o conceito é definido como a assunção de que pensamentos, sentimentos e comportamentos estão baseados em experiências sensoriais, e em estados corporais (Meier, Schnall, Schwartz & Bargh, 2012). Na mesma linha Barsalou, Niedenthal, Barbey e Ruppert, (2003, p.43) já haviam traduzido a noção de incorporação da seguinte forma:

*“By embodiment we will simply mean that states of the body, such as postures, arm movements, and facial expressions, arise during social interaction and play central roles in social information processing. Across diverse paradigms, social psychologists have reported four types of embodiment effects. First, perceived social stimuli do not just produce cognitive states, they produce bodily states as well. Second, perceiving bodily states in others produces bodily mimicry in the self. Third, bodily states in the self produce affective states. Fourth, the compatibility of bodily states and cognitive states modulates performance effectiveness.”*

Também Turner (2001) sintetiza quatro dimensões que caracterizam o conceito de *embodiment*. Primeiro, como efeito ou consequência de práticas contínuas de corporalização, enquanto processo que aprendido nas suas técnicas possibilita ao corpo

---

<sup>5</sup>“*Embodied mind*” traduz-se como mente corporalizada

encontrar o seu lugar/espaço no quotidiano, e no *habitus* social. Segundo, como requerendo uma experiência vivida do corpo subjectivo e sensorial, tendo igualmente em conta os seus efeitos nas relações sociais. Desta forma, a incorporação é a formatação activa do mundo experienciado através de práticas corporalizadas. Terceiro, a noção de incorporação tem uma dimensão colectiva, pois tem lugar em conjunto com actores sociais interconectados. Finalmente, a incorporação enquanto processo de fazer e tornar-se um corpo é igualmente o projecto de se organizar num *Self*. Mantendo os conceitos originais “*embodiment*” e “*enselfment*” são processos mutuamente dependentes e reforçadores, ou como refere o autor:

*“The self involves a corporeal project within a specific social nexus where the continuous self depends on successful embodiment, a social habitus, and memory. (...) Thus the sociological notion of a “body” involves three related processes: embodiment, enselfment, and emplacement” (2001, p.14).*

Começamos a encontrar as pontes que esbatem as duplicidades elencadas no ponto anterior. Se o corpo é ao mesmo tempo um objecto passível de ser observado e um modo de ser que torna essa observação possível, dilui-se a distinção objecto/sujeito.

Foram autores como Merleau-Ponty (1963) com os seus estudos sobre a percepção, e Bourdieu (1977, 1984) ao enquadrar a noção de *embodiment* num discurso antropológico de prática, que iniciaram o esbatimento da principal dicotomia cartesiana: a distinção corpo versus mente. Para Merleau-Ponty (2004, 2005, 2006) o corpo é um contexto em relação com o mundo, e a consciência a projecção do corpo no mundo, defendendo que pensar, fazer e sentir, são actividades práticas que requerem a nossa presença corporalizada. Integrado no movimento da fenomenologia existencial critica a filosofia da consciência e o positivismo na ciência e tem como base da sua produção teórica a integração do corpo e da mente. A sua concepção do corpo-próprio e de motricidade contribuiu fortemente para a compreensão do ser humano visto como totalidade e indubitavelmente ligado ao mundo em que vive (Mendes, 2008). Para Bourdieu (1977, 1984), o corpo socialmente informado é o princípio gerador e unificador de todas as práticas, e a consciência é uma forma de cálculo estratégica fusionada com um sistema de potencialidades objectivas.

O conceito de *embodiment* teve também implicações na distinção entre emoções e cognições, com autores como Csordas (1990) a sinalizar uma aproximação entre estas

duas entidades, aparecendo as emoções como cognições corporalizadas (Rosaldo, 1984; Jenkins, 1988), bem como na antiga discussão entre natureza e cultura. A este respeito a abordagem da incorporação parte do postulado metodológico de que o corpo não é um objecto a ser estudado em relação à cultura, mas deve ser considerada como o sujeito da cultura, ou em outras palavras como o fundamento existencial da cultura, ou como referia já em 1950, Marcel Mauss (cit. in Csordas, 1990, p.6) “*the body is at the same time the original tool with which humans shape their world, and the original substance out of which the human world is shaped*”.

Centrando-nos nas produções teóricas mais recentes, Turner, no seu artigo “O(s) fim(s) da Humanidade: vulnerabilidade e a metáfora da pertença” (2001) defende que os seres humanos são ontologicamente frágeis movendo-se num ambiente instável, e que as instituições sociais, surgem como forma de protecção das incertezas e aflições, constituindo-se no que hoje chamamos de sociedade, surgindo o companheirismo e os rituais de partilha do espaço e da vida em comum como forças criativas de renovação social e de construção de um contexto onde as instituições são formas de fortificar a existência humana. No aprofundamento da relação entre os indivíduos e o ambiente social, optámos por sublinhar a posição de Turner na medida em que, para este autor, o suporte, o enquadramento para uma teoria da acção social reside na noção de *embodiment*, enquanto conjunto de práticas corporais que produzem e oferecem ao corpo o seu lugar na vida diária, enquanto forma de configurar os corpos individuais, particulares num *habitus* social; enquanto efeito activo do corpo subjectivo na formatação do mundo vivido; enquanto projecto colectivo, na medida em que assume o seu lugar numa vida e num mundo que já é social, e finalmente como ingrediente na construção do *Self* pois as noções de *embodiment* e *enselfment* são processos mutuamente dependes e reforçadores (Turner, 2001).

Em resumo, foram trazidos para este espaço conceitos como os de corporeidade, corpo-sujeito e consciência corporal, que se configuram como essenciais para o entendimento do ser humano enquanto corpo situado num contexto histórico, e para a compreensão das suas diversas maneiras de se movimentar e actuar no mundo em que vive (Mendes, 2008).

### 1.1.3. Diversidades

“O corpo é uma evidência, e nele recai a essência da existência actual perante a nossa dependência da imagem. O corpo exerce assim, um singular terrorismo moral, assumindo-se como repressor e violento, sob a capa da beleza e da perfeição. Consequentemente, o corpo é o objecto que mais nos consome e inquieta” (Sebastião, 2010, p. 65).

Se no passado o humano foi dividido em dois – corpo e alma – na pós-modernidade o corpo configura a própria fragmentação, parte-se em pedaços, divide-se e adquire sentido próprio (Rosário, 2006). O que é físico agora decompõe-se e desmultiplica-se nos seus vários componentes, de tal forma que os média ou os avanços da medicina têm a possibilidade de transformar cada um destes pedaços num potencial alvo de consumo e de tratamento (Barbosa, Matos & Costa, 2011).

Barreiro (2004) aponta quatro ordens de factores que parecem estar subjacentes ao contemporâneo interesse pelo corpo, indissociáveis de um conjunto de transformações sociais, que passamos a enumerar: o pensamento feminista criticando o determinismo sexual do corpo e a discriminação de géneros; a transformação do corpo numa mercadoria, enquanto meio de produção e de distribuição privilegiado da sociedade de consumo; o envelhecimento da população que em acumulação com a evolução da medicina moderna colocam a reflexão sobre a corporificação a um nível superior; finalmente, a secularização da sociedade actual liberta das contingências impostas ao desejo, sustenta igualmente a mercantilização do corpo.

Acresce-se um outro vector de transformação da experiência de corpo, que trata da sua nova articulação com o mercado. Durante o capitalismo de produção, o corpo estava no mercado como força de trabalho: tratava-se de ao comprá-la, encontrar meios de usar ao máximo esta sua capacidade de produzir, como força a ser rentabilizada e preservada. Já o nosso mundo caracteriza-se por um capitalismo da super produção, onde o dilema é consumir o que se produz em excesso face à necessidade. Desde então, o corpo entra no mercado como capacidade de consumir e ser consumido (Vaz, 2006).

Assim, e de acordo com Blackman (2008) o corpo singular e pretensamente natural tem vindo a ser substituído por novos corpos – alguns considerados mundanos, outros tornados práticas generalizadas de um estilo de vida. Aqui estão incluídas as práticas das modificações corporais alvo da presente investigação, bem como outras

práticas de metamorfose intencional e voluntária do corpo, tais como a cirurgia estética, de mudança de género e o recurso a próteses e implantes, pois sendo o corpo, e de acordo com Le Breton (1992) um signo do indivíduo, a sua capacidade de significação é particularmente valorizada na cultura ocidental, onde, através do cultivo da aparência deixa espaço para a diversidade e magnifica a originalidade.

A contemporaneidade apresenta-se assim como um tempo de transformações. Na passagem da modernidade para a pós-modernidade estas transformações reflectem a tendência da separação entre o saber e o poder, que na modernidade estavam interligados (Foucault, 1994). O objectivo agora é a autonomia nos mais variados campos e diferentes graus – estético, social, político (Rosário, 2006).

Na mesma linha, Ribeiro (2003) conectando o corpo às práticas de poder que são nele fundamentadas, refere que é possível analisar o discurso pós-moderno sobre aquele, tendo em conta duas linhas orientadoras: primeiramente as gratificações psicossociais assumem muito maior relevância que os determinantes religiosos, morais e até biológicos na justificação dos comportamentos, e em segundo lugar, as regras são dotadas de flexibilidade suficiente para facilitar a cada sujeito um leque interessante de escolhas possíveis. Encontramos aqui espaço para citar Cruz (2002), quando refere que:

“A análise das dimensões de exercício do biopoder não implica apenas, assim, tomar em consideração os dispositivos de vigilância, disciplina e dominação que o integram. Importa também, cada vez mais, fazer sair da clandestinidade os dispositivos através dos quais os corpos subvertem a ordem que pretende programá-los (p. 163)”.

E para o autor Ferreira (2006, 2007), se a incorporação facilitou um conhecimento em profundidade sobre o uso do corpo pelos processos de docilização e reprodução social, o conceito de excorporação proporciona uma outra visão sobre as dinâmicas contemporâneas que envolvem e se expressam no corpo.

Esta noção de excorporação encontra-se ligada às múltiplas práticas de visibilidade e de ostentação pública do corpo, evidenciando escolhas e decisões dos indivíduos conscientemente tomadas acerca dos usos possíveis desse mesmo corpo. Reflecte uma dimensão intencional, voluntária e reflexiva, configurando-se como actos de vontade individual socialmente contextualizados (Ferreira, 2007).

O conceito de excorporação assenta numa dimensão expressiva (Crossley, 1995) e implica ligações a constructos como os de performatividade e de agência, e até de dissidência como acontece com Ferreira (2007) quando aplica esta noção às funções da tatuagem e do *piercing*:

“O corpo extensivamente tatuado e perfurado é tomado, neste artigo, como um caso exemplar de excorporação, ou seja, de expressão de um regime corporal reflexivamente projectado pelos respectivos portadores, resultante de uma cadeia de actos de vontade, onde se denota uma intenção de subversão face à corporeidade modal” (p. 294), entendendo-se esta última como o conjunto de traços corporais valorizados numa dada formação social (Berthelot, 1983).

Assim, e de acordo com Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 30):

“os indivíduos deixam de ser regidos por padrões a serem seguidos, assumindo cada um as suas escolhas e identidades. Contudo, esta espécie de autonomia corporal funcionará apenas como uma tendência, já que, na prática, apesar da variabilidade dos adereços e estilos, estes não parecem estar desvinculados de uma cadeia de produção e da identificação com um determinado grupo de referência”.

Temos pois como principal característica do corpo pós-moderno a plasticidade: a pele deixou de ser mero invólucro, e a própria anatomia já não é um destino, mas uma matéria-prima moldável que se pode submeter a um *design*. De acordo com Le Breton (1999) *a body-art* ilustra o estatuto inédito de um corpo transformado em objecto. Para Ribeiro (2003) as marcas corporais, hoje em processo de banalização, apresentam-se afastadas dos sinais de marginalidade para se configurarem como mais-valia do corpo, leia-se, do próprio “Eu”. Ao contrário do modernismo, não está em questão um corpo natural que se embeleza para melhor representar o indivíduo. Tal como refere o autor, “transformado pela tecnologia, o corpo vai-se tornando ele próprio um artefacto. Até já há quem diga que o corpo pós moderno é um corpo pós-orgânico e até quem, mais cruamente, lhe chame um tecnocorpo e mesmo um corpo tecnomutante” (2003, p.225).

Assumindo relevância e sobressaliência no espaço público, o corpo, e a sua dimensão social, tornaram-se espaço não só de classificação e de discriminação, mas também como lugar de expressão e recreação identitária, constituindo-se como um recurso altamente expressivo usado por novos movimentos activistas que reconhecem o

seu poder de subversão “através da produção cultural de possibilidades e representações alternativas, criadoras de um mundo de diversidades que vem desmistificar e estilhaçar tais construções” (Ferreira, 2007, p. 321).

As construções referidas por Ferreira (2007) são as noções de género, raça, sexualidade, idade, entre outras comumente usadas para caracterizar a humanidade.

Todavia, os anos 90 viram surgir pelas palavras de Donna Haraway um documento emblemático – O Manifesto Cyborgue – que, pelo seu teor justificava a diluição de três limites que permitiram o surgimento do seu híbrido, o mito do ciborgue. Foram eles o esbatimento dos limites entre humano e animal, animal-homem (organismos) e máquinas, e entre físico e não-físico. Neste documento assume particular relevância a evolução que esbateu as linhas entre o humano e o animal, o papel das máquinas do século XX que tornaram ambíguas as linhas entre o que é natural e artificial, e finalmente a microelectrónica e a invisibilidade política dos ciborgues que têm confundido as linhas do que consta do domínio do físico (Haraway, 1991).

O termo *cyborg* (ciborgue) foi patenteado por Manfred E. Clynes e Nathan S. Kline, em 1960, para designar um organismo cibernético (Sebastião, 2010), e na terminologia actual esta nova entidade resulta de uma síntese entre humanos e máquinas. “Assim sendo, basta ter um dispositivo tecnológico acoplado ao nosso corpo (um pacemaker, uma prótese, uma cirurgia estética) para sermos um ciborgue” (Sebastião, 2010, p. 65). No seu texto original, Haraway postula que face à nossa dependência da tecnologia, somos todos ciborgues, ou seja, “*the cyborg is a kind of disassembled and reassembled, postmodern collective and personal self*” (1991, p. 163).

Em contraposição aos definidores tradicionais da humanidade (género, raça...) Haraway define o ciborgue como um organismo cibernético, um híbrido entre máquina e organismo, uma entidade da realidade social e uma criatura de ficção (1991).

“O ciborgue caracteriza-se, ainda, como uma criatura do mundo ‘pós-género’, sem problemas relacionados com os referentes psicanalíticos (Édipo ou Narciso) nem inquietações femininas ou masculinas. Uma vez que o ciborgue não existe como natureza ou cultura, mas antes como um híbrido de ambos e algo mais, acaba por não ser limitado pelos tradicionais binómios ou paradigmas duais” (Sebastião, 2010, p. 66).

Para Haraway (1991), o ciborgue é simultaneamente uma metáfora pós-moderna da identidade e do jogo político, e uma realidade vivida das novas tecnologias, assumindo-se como uma imagem condensada da imaginação e da realidade material

Nesta evolução a que temos assistido, José Gil refere-se ao corpo, como tendo-se tornado “um significante despótico capaz de resolver todos os problemas, da decadência da sociedade ocidental até aos mínimos conflitos internos dos indivíduos” (1995, p. 201). E considera todo este processo perigoso na medida em que ergue o corpo à qualidade de significante supremo, preenchedor do vazio que restou depois da fragmentação daquelas que denomina culturas arcaicas, substituindo, dizemos nós, paradoxalmente, “tudo aquilo de que foram privados os nossos corpos” (ibidem). No mesmo sentido, Turner (1994) assume que a hipervalorização do corpo é ao mesmo tempo causa e efeito parcial de uma tendência que denomina de reducionista, para rejeitar construções teóricas e abstractas totalizantes que não fossem directamente perceptíveis, conscientes e que viabilizassem a participação dos indivíduos. Almeida (2004, p. 61) continua na mesma senda quando defende que “o corpo preencheu o vácuo criado pela evacuação do conteúdo social, cultural e político da teorização humana na era moderna/pós moderna (ou, como prefiro, tardo-moderna, segundo Giddens)”.

É reconhecida a associação dos trabalhos da artista francesa ORLAN ao movimento ciborgue, na medida em que foi pioneira no uso da cirurgia como meio artístico e de performance. Referimo-nos aos trabalhos<sup>6</sup> “*Opération Réussie*” e “*Opération Ópera*” de 1991 e “*9ème opération chirurgical-performance*” no ano de 1993, nos quais “a artista altera a sua forma natural transformando o seu corpo em objecto e associando as operações a experiências futuristas” (Dias, 2014, p. 20).

Inserirmo-nos no universo de ORLAN, pressupõe compreender a sua leitura da realidade. Deste modo, transcrevemos parte do Manifesto da Arte Carnal da sua autoria:

*“Carnal Art is self-portraiture in the classical sense, but realised through the possibility of technology. It swings between defiguration and refiguration. Its inscription in the flesh is a function of our age. The body has become a “modified ready-made”, no longer seen as the ideal it once represented; the body is not anymore this ideal ready-made it was satisfying to sign.”*<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> <http://www.orlan.eu/works/photo-2/>

<sup>7</sup> <http://www.orlan.eu/texts/>

Os seus trabalhos centram-se no questionamento do *status* corporal (particularmente o feminino) a nível religioso, político e cultural e incide nas marcas corporais sofridas nestes mesmos domínios. Para o questionamento do corpo recorre aos avanços da ciência, da tecnologia e da medicina (Horassius, 2005).

ORLAN “cria um discurso contra a tirania do espelho” (Dias, 2014, p.19) ao reinventar a sua imagem através da cirurgia plástica, “desconstrói o corpo trazendo à tona questões referentes ao seguimento dos padrões de beleza vigentes” (Silva, 2009, p.42), reconfigura-se ao mesmo tempo que se apresenta e representa numa sala de operações que é um contexto artístico, o seu estúdio. Através dos seus revolucionários trabalhos manifesta a sua defesa pelos híbridos, a tolerância e os direitos humanos, os mutantes e a alteração de identidades.

Por sua vez, o artista performativo australiano Stelarc, procura desde os anos 70 ampliar o corpo humano através de próteses e extensões (Silva, 2006). Neste sentido, os seus trabalhos centram-se no futurismo e na extensão das capacidades do corpo, por si considerado obsoleto. “Com o avanço tecnológico e informacional, o corpo tornou-se arcaico, obsoleto, de forma que necessita ser aprimorado, repaginado através de próteses e extensões do corpo, criando o ‘pós-humano’” (Silva, 2009, p. 43).

Através das suas obras explora os limites físicos e psicológicos do corpo no sentido do desenvolvimento de estratégias que permitam a extensão destas capacidades (Abbasi, 2013; Horassius, 2005), culminando na criação do pós humano, simbiótico entre homem e máquina, orgânico e inorgânico. Para ilustrar o descrito, referimos um dos seus trabalhos mais inovadores, “o implante de uma terceira mão robótica que, activada por impulsos eléctricos provenientes da sua musculatura abdominal, após 3 meses de treino, permitiu a utilização das suas 3 mãos para assinar o próprio nome” (Gaya, 2005, p.5).

“Artistas como Orlan e Stelarc ganham destaque através de seus questionamentos sobre os limites da aparência física, a exibição do corpo e o corpo cibernético e remodelado pela tecnologia” (Dias, 2014, p. 49). Nesta linha parece-nos adequado transcrever Almeida (2004) quando afirma:

“Por fim, a questão do corpo constitui um desafio no sentido de nos engajarmos no momento histórico em que vivemos, momento esse

que apela a uma “política da vida”, como diria Anthony Giddens (1992) em que o corpo é um terreno privilegiado das disputas em torno quer das nossas identidades pessoais, quer de preservação de identidades históricas, da assunção de híbridos culturais ou da recontextualização das tendências globais” (p.5).

Paralelamente à grande atenção de que tem sido alvo o corpo, a apresentação bem como a representação do “Eu”, numa aproximação ao conceito de fachada defendido por Goffman (2010) tem reflectido idêntica relevância associada aos novos estilos de vida, de tal forma que o saber e as práticas produzidos por diversos especialistas tais como médicos, publicitários, estilistas, entre muitos outros, têm vindo a criar, a definir e a legitimar, novos códigos éticos e estéticos dos usos sociais possíveis deste corpo (Barreiro, 2004). Ainda de acordo com esta autora, o corpo, tal como o “Eu”, passa a ser um espaço de interacção, apropriação e reapropriação. O corpo vivido não se circunscreve a uma estrutura mecânica, mas surge como um território de sensações e sedução que se explora e expõe como espaço de trocas sociais

Terminamos este ponto com uma citação de Vergílio Ferreira<sup>8</sup> (1994, p. 256) “a realidade última do meu ser é o corpo que eu sou, ou seja, o ‘eu’ que ele é” na medida em que tacitamente faz a ponte entre corpo e identidade, conceito este que será alvo de desenvolvimento no ponto que se segue.

## **1.2. Ressignificação do conceito de identidade**

“Nos dias que correm, trazer ao debate alguma coisa indicada como ‘problemática da identidade’, é provocar unânimes manifestações face à importância actual do tema, e muito provavelmente, um debate como se fosse na Torre de Babel. A alusão bíblica não tem o sentido de sugerir que os interlocutores se possam entender, mas indicar a polissemia conceitual e discursiva do assunto”(Araujo, Nader & Jesus, 2008, p. 1824).

Para Stuart Hall, autor dedicado aos estudos culturais contemporâneos (1980, 1992) existem três dimensões principais da identidade, que historicamente se justapõem: a compreensão iluminista do sujeito, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno (Hall, 1992). Se na primeira, o indivíduo se configura como completamente

---

<sup>8</sup> (1994)- *Contra-Corrente* - nova série IV (1992). Lisboa: Bertrand.

centrado e unificado, organizado em torno de capacidades como a razão, a acção e a consciência (reflectindo os contributos de Locke e de Descartes), na segunda, a que corresponde a visão do sujeito sociológico, encontramos a complexificação do mundo moderno e a percepção de que o indivíduo não é auto-suficiente, nem autónomo “pois existe na medida em que coexiste com o outro, numa interacção simbólica constante” (Sebastião, 2010, p.59), decorrendo desta conceptualização a percepção da ligação entre um “interior” e um “exterior”, entre o mundo privado/pessoal e o mundo público/social<sup>9</sup> (Hall, 1992, p. 276). O sujeito pós-moderno nasce do questionamento das estruturas modernas que reflectem a ausência de uma identidade fixa, essencial ou permanente, uma vez que aquela se transforma continuamente e à medida que as representações do sistema cultural que o rodeia vão variando. Desta forma, a identidade assume uma dimensão histórica e não biologicamente definida, pois se o sistema cultural é flexível no tempo e no espaço, e movimentando-se o sujeito entre vários sistemas e espaços, é natural que também a sua identidade se adapte ao sistema onde se encontra momentaneamente inserido (Hall, 1992).

Estas três versões da identidade postuladas por Hall estão de certa forma subjacentes à organização dos três pontos que se seguem e que denominamos Individualidades, Multiplicidades e Transformações, em que pretendemos aprofundar alguns dos processos que permitiram a evolução do conceito de Identidade, ligando-o às ocorrências no mundo das modificações corporais. Esta ligação não se pretende exhaustiva, porque será retomada com profundidade no ponto 5 “Discursos sobre corpos modificados”.

### 1.2.1. Individualidades

Tal como referem Araujo, Nader e Jesus (2008) a formação das identidades no mundo pré-moderno, fossem no âmbito individual, fossem referentes a laços sociais, tinham como fundamento uma dimensão transcendental, normalmente denominada como fé, e conseqüentemente assumida enquanto dogma. As identidades individuais e

---

<sup>9</sup> Sobressaem como autores de inspiração desta forma de pensar o sujeito Karl Marx e seus seguidores (nomeadamente Althusser), que punham as relações sociais no centro da formação da identidade; Freud e o conceito chave do inconsciente na formação da identidade; Saussure e a importância da linguagem na criação do significado social; Foucault e a sua percepção do panopticismo; e por fim, as correntes feministas que questionaram as dimensões do público e do privado, da vida social, da sexualidade e da diferença de géneros (Sebastião, 2010).

relacionais construía-se de acordo com os valores específicos e associados aos princípios de transcendência num processo identitário vertical. A prática comum enquanto base construtora do valor e da sua partilha não se constituía como factor de construção identitária. Os que se identificavam entre si faziam-no como decorrência da identificação primordial com os valores ditados pela religião ou pelo mito, de tal forma que a ligação de pertença horizontal entre os homens era decorrente do laço vertical essencial com o plano transcendente.

Em termos históricos, e à semelhança do que atrás fomos descrevendo acerca do corpo, o conceito de identidade enquanto unidade de análise individual, parece ter nascido previamente ao Iluminismo, emergindo o vocábulo *Self* em língua inglesa no ano de 1300 (Danzinger, 1997). Este surgimento na Idade Média Tardia foi imbuído de um carácter predominantemente negativo que justapunha a noção de identidade à de Anti-Cristo e a de individualidade como equivalente ao pecado, significados que se foram mantendo em parte durante o Iluminismo, até que os séculos XIX e XX se tornam palco de uma concepção de identidade mais valorizada.

Esta valorização decorre do advento da época moderna, que, em contraposição ao anterior período histórico, reflecte mudanças de diversas ordens e associadas a distintos momentos: culturais (o Renascimento), filosóficas (o Iluminismo), político-económicas (a emergência das relações capitalistas de produção), político-tecnológicas (a Revolução Industrial), político-sociais (a Revolução Francesa, a formação de identidades nacionais), religiosas (a Reforma), geográficas (grandes navegações e a ocupação europeia dos “novos mundos”) e gnosiológicas (a Revolução Científica), de ordem social (liberalismo burguês), científica (antropologia criminal de Lombroso, desenvolvimento da ciência médica, e da psicanálise) e até burocrática (e.g. invenção do bilhete de identidade) (Araujo, Nader & Jesus, 2008; Gonçalves, 2003).

Temos pois uma visão de mundo que institui, norteia e estrutura a modernidade essencialmente laica. O fundamento filosófico que a especifica é definido por Hegel como "princípio da subjectividade", entendido enquanto liberdade da subjectividade (Habermas, 1990). Mas, na medida em que deixa de haver o fundamento transcendental, leia-se religioso, a agregar a cultura, também o campo identitário se fractura em domínios autónomos entre si, o que não significa a inexistência de uma articulação operada pela razão.

Voltando-nos para o domínio da Psicologia, entendida como Ciência do “Eu”, é nos séculos XVII e XVIII que veem surgir os trabalhos de Christian Wolf e de Rousseau ligados à Filosofia, e já em finais do último, a técnica do diário íntimo e a ciência do sentido íntimo com a obra de Maine de Biran conectando o Eu a uma dimensão metafísica (Souza & Gomes, 2005). Já os séculos XIX e XX tornam-se o palco de desenvolvimento de uma psicologia com pretensões científicas, em que linhas centradas na personalidade e no *Self* se associam a nomes como William James (1842-1910) que distingue *Self* material, *Self* social e *Self* espiritual, Mary Calkins (1860-1930) discípula do anterior autor, e James Mark Baldwin (1861-1934) que introduz a dimensão social e a acopla ao *Self*. Após o apagamento destas discussões centradas no *Self* originado e mantido enquanto durou a primazia do comportamentalismo, a temática foi reavivada por Gordon Allport (1897-1967) e retomada através da noção de Personalidade (Souza & Gomes, 2005).

Para Hilgard (1987), também a psicanálise criou condições para o ressurgimento do conceito com os contributos de Horney (1950), Adler (1927), Erikson (1950) e Sullivan (1953) entre outros, assumindo-se assim como um vector fundamental no investimento do estudo sobre o *Self* na contemporaneidade (Gergen, 1984).

Miguel Gonçalves e Óscar Gonçalves (1995, 1999) encetaram nos anos 90, uma reflexão extensa e profunda que trouxe para território nacional inquietações e questionamentos, que para nós fazem sentido serem detalhados nesta dissertação. Um dos temas merecedores da nossa particular atenção foi a contraposição da compreensão monádica dos seres humanos (que exploraremos no presente ponto 1.2.1) com os modelos de entendimento dialógico e narrativo (que apresentaremos no ponto 1.2.2.).

A primeira, sustentada na invisibilidade dos contextos, assegura também a invisibilidade das interacções. Os seres humanos são vistos como autónomos e independentes, e como tal, únicos a responsabilizar pela sua própria “disfunção” cuja origem é interna, localizada na estrutura da mente, ou nas profundezas da sua identidade (Gonçalves, 2003).

Gonçalves e Gonçalves (1995) sintetizam os principais vectores que caracterizam este modelo monádico do *Self* essencialmente metaforizado de forma mecanicista: constituído por mecanismos psicológicos internos, regidos por padrões universais de funcionamento, dissociados dos contextos e da cultura, passíveis de

avaliação e modificação, e conseqüentemente de funcionamento inapropriado. Estas condições gerais dotam a identidade de três características centrais que passamos a citar:

- a) Privacidade e alienação das relações – sustentada na privacidade e na individualidade, a existência psicológica localiza-se no interior dos sujeitos, assumindo o isolamento e a unicidade uma dimensão positiva e investindo-se na autonomia e na independência como objectivos primordiais da educação e do desenvolvimento.
- b) Reificação e alienação da subjectividade – o conceito de reificação pressupõe o reconhecimento da identidade como uma realidade de facto, objectivada, em nossas palavras “coisificada”, de forma que corpo, relações e cultura são condições independentes desta formalização da psique como um objecto. A identidade mecanizada é compreensível através de uma lógica objectiva, atenta à causalidade eficiente e material.
- c) Unicidade e alienação da multiplicidade – a contemporaneidade tem reconhecido ainda que de forma vaga, a multiplicidade da identidade, mas o reforço é colocado na integração, na articulação do que é diverso, na ordenação do que é distinto, pois a multiplicidade é sinónimo de caos e de desordem, bem patentes na sequenciação dos processos de evolução até à idade adulta, em que desenvolvimento e maturação são sinónimos de organização, integração, e unicidade (Gonçalves & Gonçalves, 1995).

Temos pois, neste conjunto de pressupostos que constituem um modelo de concepção da identidade como monádica, a valorização do que é íntimo, esquematizado, funcional, uno e estável, do que é organizado e conseqüentemente organizador. Essencialmente encontramos valorizado o que é interno, recôndito, e se possível indissolúvel. O corpo não releva de importância.

Nesta estabilidade, as relações e os contextos que as determinam não são considerados, mas sim definidas pelas condições internas que estruturam um indivíduo, que assim deteria as configurações para manter a ordem pessoal, e conseqüentemente social, pois o poder residiria em si.

Em suma, e tal como refere Pereira (2004), o indivíduo moderno coloca-se a si próprio em foco, em detrimento da visão teocêntrica que foi rejeitada à medida que Deus era deslocado do centro do universo e se afastava da humanidade. O sujeito cartesiano apresenta-se racional, pensante e consciente, no âmago do conhecimento. Mas o dualismo cartesiano não é compatível com o descentramento, na medida em que realça uma identidade que está alojada na consciência de si mesmo.

A pós-modernidade, período caracterizado por um processo de fragmentação e deslocalização do sujeito será o contexto primordial de desenvolvimento no ponto que se segue.

### 1.2.2. Multiplicidades

“O pós-modernismo<sup>10</sup> equivale à crise da identidade – a ideia essencial da “multiplicidade” ou de “diferença” é o melhor sinal disso mesmo, pois multiplicar a identidade é reconhecê-la pela última vez” (Bragança de Miranda, 2002, p. 268).

O “Eu” moderno unificado está em rápida “descentralização”, tal como as identidades colectivas que enquadraram o referencial do Homem moderno se vão fragmentando (Sebastião, 2010).

Pensar a identidade na contemporaneidade é pensar em termos de mudança (Bergano, 2012). A crise de identidade patente no discurso de Cochiarale (2006) quando refere que no mundo contemporâneo não é mais possível estabelecer e fixar identidades, pode ser integrada num processo mais amplo de deslocamento e mesmo de fragmentação do sujeito do tempo moderno. O enquadramento que conferia a sensação de pertença a um universo organizado desvanece-se. Ocorrendo no período tardio do século XX (Hall, 2003), reflecte um afastamento das estruturas das culturas anteriores que forneciam aos sujeitos indubitáveis e sólidas localizações sociais. Questionar a identidade permite um processo de assimilação e de compreensão e assume-se como uma característica do homem pós-moderno.

---

<sup>10</sup> A noção de pós-modernidade não é uma noção paradigmática, associada a uma época da mesma natureza que a de modernidade. Isto por dois aspectos cruciais: no plano dos processos de acumulação, das relações sociais, permanecem vigentes as relações capitalistas, ainda que em modalidades transformadas e em mutação; em termos da fundamentação filosófica, permanece válido o princípio da subjectividade, todavia radicalmente exacerbado (Araújo, Nader & Jesus, 2008).

Para Pereira (2004), este deslocamento do sujeito, também ele marca do período pós-moderno, assume uma dimensão positiva pois desestrutura as identidades estáveis do passado, quando questiona tais estabilidades e proporciona a emergência do jogo de novas identidades, ou como refere Hall:

“Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.” (2003, p. 21).

Também Tucherman (2004) sublinha esta mudança:

“de uma identidade firme, estável, centrada, totalizável e constante proposta do homem moderno, para uma nova relação conosco mesmos, com o mundo e com os outros, que se manifesta numa identidade frágil, instável, descentrada, mutante, processual e inconstante à qual corresponde um corpo fragmentado” (p. 30-31).

A metáfora da plataforma de embarque define, para Turner a fragilidade da vida moderna, com as suas incertezas, mobilidades, enfados e ansiedades, sustentando este autor que a única continuidade definida é a continuidade do *embodiment*, mas que até esta, está vulnerabilizada face ao que chama de des-tradicionalização da sociedade (Turner, 2000; 2001). As instâncias que tradicionalmente se apresentaram como fundamentais na constituição da identidade, a família, a religião, a política e o trabalho, foram alvo de um processo de desinstitucionalização, essencialmente não perdendo a sua força normativa, mas sendo privatizadas, passando a ser objecto de interpretação de cada um, sem que seja obrigatório um consenso partilhado (Vieira, 2008).

Giddens (1991) através da noção de “*Body Project*” apresenta uma posição próxima da anterior: a dissolução da tradição na modernidade tardia faz-se acompanhar por aquilo que denomina de insegurança ontológica e de uma preocupação reflexiva com a identidade e com o corpo. Perante uma realidade social marcada pela instabilidade e mudança, o corpo surge como suporte de manifestação de existência individual e como superfície permanente e inalienável de realização e expressão pessoal (Ferreira, 2007).

Também para Featherstone (2000) a reflexividade aumentada, a individualização, o *design* pessoal e a possibilidade de escolha estariam, para vários autores, no centro do processo de modernização (leia-se contemporaneidade).

Na mesma linha, e referindo-se às consequências do pós-modernismo, Bragança de Miranda (2002) defende que são compreensíveis as críticas à identidade, à estabilidade e às essências evidentes, na medida em que “enquanto conceitos operantes resultam de uma fixação de ‘corpos’ e ‘imagens’, de ‘sujeitos’ e ‘objectos’, pondo-os à disposição dos poderes instituídos” (pág. 266), um pouco à semelhança do que referem Araujo, Nader e Jesus (2008, p, 1829-1830) quando defendem:

“Ou seja, a miríade de arranjos identitários possíveis reduz-se na prática àqueles que permitem o exercício agonístico de papéis sociais de ordens diversas. Mas há um outro fator especialmente crucial para a compreensão da problemática das identidades na pós-modernidade. A análise dos discursos contemporâneos, assim como das contendas sociais e políticas, mostra uma crescente preponderância dos valores de ordem estética sobre os valores culturais de outra natureza. Isto, que alguns autores classificam como ‘estetização da vida’, permite dizer o mundo pós-moderno como aquele dominado, ou pelo menos tendendo à dominação, pelos juízos de gosto”.

Não podemos pensar os indivíduos fora do tempo e espaço que lhe são próprios (Gonzaga, 2011) e por isso, a própria questão da auto-identidade é um problema moderno, mais, especificamente da modernidade líquida segundo Bauman (2001), da pós-modernidade segundo Featherstone (2003), ou da modernidade tardia segundo Giddens (2003)<sup>11</sup>.

À concepção tradicional de identidade cultural, sólida, estanque, sustentada por uma história colectiva (Giddens, 1992) opõem-se as características dinâmicas de construção identitária na actualidade. As identidades são porosas e mutáveis e os vínculos sociais têm um carácter fluído e instável (Campos, 2010). Idêntica ideia é apresentada por Alcoff (2008, cit in Bergano, 2012), ao afirmar que no presente pós-moderno, os indivíduos desenvolvem a capacidade de viver numa certa ambiguidade e contradição, em função da fragmentação das influências culturais que vivenciam, o que trará para as suas vidas uma nova forma de afirmação da autodeterminação identitária.

---

<sup>11</sup> No texto subsequente, e para evitar equívocos, as noções de modernidade líquida (Bauman, 2001), pós-modernidade (Featherstone, 2003) e de modernidade tardia (Giddens, 2003) serão correspondentes aos tempos mais recentes da contemporaneidade.

Esta nova autodeterminação propõe que a identidade não se baseia na afirmação da existência do *Self*, mas antes no direito do grupo à construção de um *Self* comprometido num processo de hibridização, em que o próprio grupo pode e deve escolher as imagens e linguagem que dominam o seu espaço cultural. “Não somos mais induzidos a adoptar um papel, devendo antes procurar o nosso herói interior” (McDonald, 1999, p. 216).

Como já referimos, se antes a identidade era suportada por instituições sociais, religiosas e políticas, hoje a sua influência dissolveu-se e estas mesmas entidades de referência encontram-se destruturadas (Gonzaga, 2011). Num mundo volátil de impermanências, inconsistências e incertezas, os sujeitos modificados fizeram do seu corpo “um universo em miniatura, uma verdade sobre si, um sentimento de realidade que a sociedade não lhe consegue fornecer” (Ortega, 2004, p. 255), e procuram estabilidade nas marcas corporais, que se assemelham a âncoras identitárias. As MC são percebidas como componentes da identidade (Sweetman, 1999) do sujeito, fazem parte dele e proporcionam-lhe um sentido de integridade. Através do corpo o sujeito ganha poder, auto-controlo, auto-governo, auto-realização, e este é lugar de somatização da subjectividade, de expressão da liberdade pessoal e matriz de identidade (Ortega, 2004).

Se antigamente o corpo encarnava o destino da pessoa (Le Breton, 2004) hoje é veículo de uma viagem de auto-descoberta e é através do corpo que o sujeito des(contrói-se) a si e ao mundo num movimento de contra-corrente ao sentimento de incerteza que domina a contemporaneidade (Abonizio, 2010). Através da permanência e invasividade das MC, resiste à fragmentação identitária da crise da modernidade e é pela longevidade das marcas corporais que alimenta a consistência e coerência identitária que procura e precisa (McDonald, 1999) para que a identidade se dilua no seu corpo.

“Segundo algumas tendências contemporâneas, o corpo é visto como peças esmigalhadas, como rascunho pouco durável e como imperfeito” (Abonizio, 2010, p.3). O corpo surge na actualidade como espaço de autonomia e reivindicação, como tela expressiva individual (Campos, 2010), a cargo do sujeito. O “Eu” escolhido, idealizado vai emergindo a par com o investimento individual na construção do seu projecto corporal, que é edificado por diferenciação dos outros e investido de significado pelas narrativas pessoais, no formato de marcas inéditas e sucessivas na pele, que dão sentido à existência destes “anjos barrocos de carne, sangue, tinta e metal” (Abonizio, 2010 p.8).

### 1.2.2.1. Identidade narrativa e dialógica

Em contraposição às correntes mais tradicionais, os modelos de inspiração narrativa consideram a identidade "como uma construção em equilíbrio precário, uma actividade que permite construir significado para si próprio e para o mundo" (Gonçalves, 2003). Esta dimensão produtiva patente no substantivo actividade e no verbo construir é incompatível com a dimensão estática e estável típica dos modelos seus antecessores, e assume um carácter organizador da realidade, provisório, fortemente ligado aos dispositivos linguísticos e à existência dos outros. Assumindo-se como modelo alternativo ao modo paradigmático (lógico proposicional), na medida em que este modo de leitura parece ser "particularmente limitado na compreensão das acções humanas" (Gonçalves, 2003, p. 39), tem sido aplicado na reconceptualização da psicopatologia (Gonçalves, 2000), da psicoterapia, dos processos emocionais em geral e, na compreensão do *Self* e de personalidade, organizando-se em duas linhas teóricas complementares: o construcionismo social e o construtivismo (Neimeyer, 2000).

Enquanto estes últimos configuram o *Self* como resultante da conjugação de diferentes narrativas da identidade numa narrativa de vida relativamente coerente, assumindo a identidade uma função integradora de múltiplas histórias, variavelmente articuladas entre si, os construcionistas sociais sublinham o poder constitutivo da realidade particularmente desempenhado pela linguagem - ao narrar, o indivíduo pretende construir para si e para os outros uma posição no mundo (Gonçalves, 2003).

Uma decorrência destas posições é a constacção que os indivíduos se posicionam no mundo de acordo com a significação atribuída às múltiplas histórias que vão constituindo a sua vida, facilitando a coerência entre os vários modos de construir a identidade. A este pressuposto cola-se o da relevância da interacção com os outros enquanto co-construtores de significados. Está pois delineada a dimensão dialógica da identidade. Particularmente enraizada nos trabalhos de Hermans (1996, 2001) e dos seus colaboradores, esta perspectiva de leitura da identidade corresponderia a um conjunto de vozes ou histórias em diálogo, cada uma delas visando uma posição de preponderância. Desta coexistência, surge inexoravelmente uma multiplicidade de possibilidades.

### 1.2.3. Transformações

“Algo de decisivo está em causa quando surgem defesas do pós-humano, do cyborg ou dos mutantes; quando o real se transforma numa imagem virtual, quando as máquinas se biologizam e a biologia se tecnologiza” (Bragança de Miranda, 2002, p.266).

Diferentes reflexos das tecnologias se fazem espelhar nos humanos de hoje. Aplicadas à medicina abrem horizontes em todas as direcções: concepção humana, prolongamento da vida, potencialização da saúde, domínio da dor, modificação do corpo... Analisadas no domínio da comunicação, hoje, é tamanha a mediação tecnológica das relações dos homens com o mundo, dos homens entre si, e de cada um consigo mesmo, que tornou-se concebível pensar que nunca houve experiência imediata; ao contrário, existem apenas diferentes experiências da presença segundo as diferentes mediações tecnológicas viáveis em cada momento histórico (Vaz, 2006). As tecnologias da comunicação medeiam a experiência sensorial (a substituição do oral pelo escrito torna o outro presente, ainda que possa não o estar), a noção de tempo (o aqui e o agora), o conceito de interacção (não é necessário que estejam em presença, para que duas pessoas comuniquem), a percepção de espaço (o distante pode estar próximo em segundos) e até a distinção entre real e imaginário, entre real e virtual. Deste modo, transforma-se o que é o mundo, e consequentemente o que é ser-se humano neste mundo transformado.

### 1.3. Uma natural convergência

*“So if we want to connect to anything that is Self, if we want to feel the reality of it, it will show up in bodily experience. It will be co-held and perceived there. And, if the body is left out, Self experience lacks a sense of reality, power, and authenticity. To talk about self-states, and to think of them as merely psychological, or intra-psychic, also supports a quality of mysteriousness and the ensuing search for its locus. If we add the bodily dimension to what is called being-states and/or the Self-state we will see contours of postures, breathing styles, and muscular tonus, configurations of flexibility or inhibition, and also, (somewhat mechanistically termed), energetic aspects, which are in fact qualities and degrees of vitality” (Morlock & Weiss, 2006, p. 51).*

Barreiro (2004) refere a propósito da contemporaneidade que:

“O corpo como o eu, passa a ser um lugar de interacção, apropriação e reapropriação. Se ao princípio se acreditou que era o lugar da alma, e mais tarde, o centro de necessidades escuras e perversas, o corpo é agora plenamente passível de ser trabalhado pelas influências modernas” (p. 14).

Ao mesmo tempo deparamo-nos com a necessidade de uma abordagem do *Self* que supere a tensão individuo-meio e reformule a questão da relação entre o *Self* e o seu ambiente em termos de uma fusão entre os dois extremos, ou mais especificamente de uma inserção do *Self* num corpo (Sousa & Gomes, 2005).

Almeida (2004) a respeito da ligação corpo-*self* como área de investigação a manter no futuro, defende que ao questionarmos a natureza do corpo, questionamos a natureza do *Self*, sustentando-se em autores como Shilling (1993) e Synnot (1993) para quem o *Self* na sociedade moderna é o projecto do corpo, e em Giddens (1991), quando a propósito do *Self* reflexivo, salienta que o corpo pode ser moldado na sociedade moderna de forma a expressar narrativas auto-reflexivas

O deslocamento do foco do auto-conceito para a dimensão social e para a noção de agência (capacidade do ser humano de interferir no mundo recorrendo às suas escolhas e decisões) deslocamento este apontado por Gergen já em 1984 transparece nos últimos anos num discurso direccionado para a narratividade do *Self* (leia-se como a capacidade do ser humano de elaborar narrativas sobre si de forma a compreender-se e a significar-se no tempo e no espaço) para a sua dimensão corpórea e para a dimensão interactiva com o mundo onde se posiciona (Sousa & Gomes, 2005).

A dimensão narrativa e dialógica que abordamos está patente na obra de Pérez quando dá relevo ao processo final da execução da tatuagem, referindo-se-lhe da seguinte forma:

“Nessa situação, a pessoa se vê obrigada a construir um conjunto de associações – uma história – para tentar explicar e/ou justificar o sentido da imagem escolhida. Ela sabe que gosta de sua tatuagem, que a acha bonita, mas isso não é suficiente, pois também necessita inseri-la em seu universo de significação, por ela própria e pelos demais que lhe pedem uma explicação. A tatuagem não passa despercebida, está em seu corpo, é olhada, é objecto de especulação. É preciso traduzi-la, criar uma metáfora em torno dela, simples ou complexa, mas que tenha algum valor comunicativo. E é então que se produz uma forma

de revelação ao sujeito: a de encontro de sentido, de vínculos que vêm à superfície, de associações que permitem identificar facetas de si mesmo, da relevância e do lugar que tal experiência tem em sua vida” (Pérez, 2006, p. 199).

Foi a esta dimensão que pretendemos aceder quando optámos pela metodologia qualitativa de análise de discursos, que sustenta o estudo empírico desta dissertação.

Como tal, faz todo o sentido apresentar e aprofundar um dos conceitos básicos desta dissertação neste espaço de convergência, e esse conceito é o de modificações corporais (MC).

Tal como já foi mencionado antes, Giddens (1991) chama a atenção para o facto da modernidade tardia ter dissolvido os sistemas tradicionais de ordem social e significado, o que resultou num clima de insegurança ontológica para o qual se encontrou resposta na permanente reordenação identitária centrada no corpo. No corpo, os sujeitos procuram confirmações e verdades sobre si mesmos, que a sociedade não oferece (Menezes, 2007). Deste modo, o corpo surge como espaço para a concretização do projecto individual, é veículo de prazer, de auto-expressão e de auto-realização, “parece que o grito visual basta, eu digo tudo com a minha imagem” (Menezes, 2007, p. 2). A sua priorização não é mais percebida como uma opção mas como algo socialmente esperado, a negligência do corpo é condenável na actual cultura de consumo em que o estilo e a aparência são dimensão de expressão individual e são fonte de identidade (Featherstone, 1991). A questão que se coloca é quem sou eu, para mim e para os outros, se não cuidar de mim, se não investir no meu invólucro, no meu corpo...?

Neste contexto, o termo *Body Modification*<sup>12</sup> refere-se a uma longa lista de práticas de MC que permitem a concretização de cada um destes projectos individuais. É usual encontrar-se tanto na literatura académica como na empírica, a diferenciação entre modificações *mainstream* e não *mainstream*.

---

<sup>12</sup> A descrição detalhada das práticas de MC encontra-se no ponto 4 da presente dissertação, “Uniformização dos discursos sobre Modificações Corporais”, e a sua compreensão pode ser facilitada pela consulta do anexo D (glossário das MC).

As primeiras dizem respeito às práticas que visam tornar os corpos semelhantes a partir de um padrão de beleza estabelecido, geralmente os padrões de beleza da estética ocidental e que, entre outros factores são influenciadas pela moda. Incluem a cirurgia plástica e estética, e a lista pode estender-se até às práticas de ginásio, *bodybuilding* e jejum. Já as MC não *mainstream* dizem respeito às práticas que visam a transformação da silhueta no sentido da unicidade, surgindo cada sujeito como um corpo especial e único, irrepetível, onde são também inseridos os *cyborgues* ou híbridos homem-máquina. Os corpos são reconstruídos e remodelados de diversas formas por motivos estéticos, funcionais, sexuais, entre outros. Dentro das modificações não *mainstream* é possível destacar as práticas consideradas *extreme* ou *hard*, que incluem os *piercings* em locais menos comuns como os genitais, o *stretching*, as escarificações, os implantes subcutâneos e os rituais de suspensão (Klesse, 1999). Contudo, esta divisão entre práticas *mainstream* e não *mainstream* proposta pelo autor, não atinge um consenso geral, pois as categorizações variam entre investigadores, profissionais e praticantes desta área.

Um exemplo do acima mencionado é a lógica de classificação ou organização das MC proposta por Menezes (2007) que embora não diferindo da anterior, afasta-se no que respeita à sua conceptualização. Assim, as práticas anteriormente classificadas por Klesse (1999) como *mainstream*, são agora definidas pelo presente autor como tendo um carácter *in*, ao se inserirem nos padrões estéticos socialmente desejáveis representados pelos corpos belos, magros e bronzeados. Por sua vez, as MC não *mainstream* extremas, são aquelas que se insurgem contra os padrões de beleza vigentes, e são por isso designadas como tendo um carácter *out* (*piercings*, tatuagens, alargadores, escarificações, *brandings*, implantes subcutâneos, amputações, *body play*, *blood play* e suspensões corporais).

Ao modificarem os contornos dos seus corpos através das marcas corporais, acrescentando-lhes elementos sob a pele, ou transformando a sua silhueta, os sujeitos criam novas referências estéticas, o corpo deixa de ser uma entidade estável e pré-definida para se transformar numa “assinatura de si” (Pires, 2005). “Não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação. As utopias corporais substituem as utopias sociais” (Ortega, 2004, p. 252). Tal como referia Featherstone (1991), os cuidados com o corpo são hoje em dia procedimentos obrigatórios para a construção da identidade, é através do corpo que o sujeito se

“autocontrola, autovigia e autogoverna”, este atingiu o estatuto de “bem supremo” na nossa sociedade (Menezes, 2007).

Mas também podemos compreender um projecto de marcação corporal como um “arquivo de si” (Le Breton, 2004), pois o sistema simbólico que domina este tipo de construção individual é suportado pela biografia pessoal do seu portador. As marcas corporais são reflexos narcísicos do seu percurso identitário e da trajectória de vida dos sujeitos que as carregam (Ferreira, 2006). “As modificações corporais são também alegria de brincar com o seu corpo, de se decorar à sua maneira, de inventar para si identidades versáteis” (Le Breton, 2004, p. 14).

Aqui a estética passa para segundo plano, a tónica reside na experiência de metamorfose interior provocada pelas MC, o que mudou na relação consigo próprio e na forma como se vêem. Os resultados físicos são apenas consequências do processo de desenvolvimento, trata-se de viver uma mudança no corpo e através do corpo (Le Breton, 2004).

Teixeira (2006) faz referência a dois tipos distintos de intervenções no corpo: as práticas mais convencionais e as práticas mais radicais, e enquadra este sobre investimento no corpo como uma forma de afirmação da subjectividade. Numa época de profundas transformações nos pilares sociais (referimo-nos às dimensões social, política e económica), o sentimento de incoerência e insegurança são as únicas constantes. Este contexto sócio-histórico trouxe transformações definitivas na produção da subjectividade, porque se durante muito tempo o pensamento predominante era que quanto mais iguais fossemos uns aos outros menos ameaças sentiríamos (Villaça & Goés, 1998), actualmente é necessária uma constante mutação para marcar a própria existência. Perante o actual panorama social é preciso criar e inventar novos modelos de relação consigo próprios e com os outros. A resposta está no corpo como instrumento para a constituição da subjectividade e modo de singularização (Teixeira, 2006).

Neste sentido e retomando as definições supracitadas, as intervenções no corpo mais convencionais dizem respeito às MC aceites socialmente, porque procuram adequar-se aos ideais de beleza da sociedade ocidental, tais como o uso de maquiagem, de saltos altos, de unhas compridas, de implantes de cabelo, a prática do exercício físico e do *body building*, que pode também incluir o consumo de esteroides e por fim, as cirurgias plásticas (Teixeira, 2006).

As práticas mais radicais distinguem-se das anteriores ao se afastarem dos padrões socialmente esperados e aceites. São práticas com um carácter mais invasivo e implicam muitas das vezes uma transformação mais drástica e permanente da imagem dos sujeitos. Deste tipo de intervenções no corpo faz parte a tatuagem, o *piercing*, o *branding*, a escarificação, a bifurcação da língua, a suspensão corporal, o *cutting*, o *skindeeper*, o *pocketing*, entre outras (Teixeira, 2006).

As MC são alterações conscientes e voluntárias da aparência, da forma ou funcionamento do corpo humano, umas de carácter mais invasivo como a perfuração, a tatuagem, o corte e a inserção de implantes, e outras menos invasivas mas também muito mais lentas no que respeita à obtenção de resultados, como a ginástica ou a musculação, entre outras. Dentro das MC estão inseridas também as alterações corporais associadas às próteses e sistemas tecnológicos (Featherstone, 2000). Há “uma certa lógica da desconstrução e reconstrução subjectiva por meio do corpo que não pode ser negligenciada, especialmente se a afirmação de si tem o poder de apagar as marcas do que era sem ser, em favor de uma participação activa na experiência de si mesmo, graças à qual o indivíduo pode-se tornar outro” (Neto, 2005, p. 49)

Neste sentido, Neto (2005) vai concretizar uma definição muito similar à anteriormente descrita da autoria de Featherstone (2000), trazendo como novidade os (três) critérios que considerou para a organização das MC: ausência ou participação de terceiros; o tempo necessário para a realização da modificação e a possibilidade de reversão da mesma. Assim, as MC que exigem um esforço apenas individual, geralmente de duração longa e de carácter reversível são as MC ligadas aos cuidados com a imagem pessoal, como os regimes alimentares e o exercício físico, bem como o uso de substâncias lícitas ou ilícitas para acelerar o processo. Neste grupo estão incluídas actividades como a prática de ginástica, musculação, fisioculturismo, dietas, inclusive a perturbação alimentar, anorexia nervosa.

De acordo com os critérios supracitados, dentro das MC que necessitam da intervenção de terceiros, que são pontuais e passíveis de repetição, e normalmente irreversíveis, encontram-se as MC associadas à decoração do corpo, como as tatuagens, os *piercings*, os implantes e o *branding*. Incluem-se neste grupo também as práticas que alteram a forma ou o funcionamento do corpo, como a recorrência ao botox, à cirurgia estética, amputações, *splitting* lingual e esculturas dentárias. Por fim, resta ainda espaço

para as MC que incidem na exploração das faculdades sensoriais ou elásticas do corpo, como é o caso da escarificação, alargamento de orifícios e suspensão corporal.

Com Neto (2005) verificámos o efeito visível de reforço subjectivo das MC na relação do sujeito consigo próprio, enquanto Liotard (2003) focou-se nas reacções que ambos os tipos de MC descritos provocam no plano social. O autor considera que as MC que foram definidas por Neto (2005) como exigindo apenas um esforço individual, são práticas que perpetuam a ordem social na medida em que contribuem para a melhoria da *performance* corporal, e mesmo quando adquirem contornos mais radicais, geralmente são bem aceites porque respeitam os critérios de beleza e outras formas de conformidade à norma que garantem benefícios sociais ou simbólicos. A opção por esta via é a proximidade com o cânone da aparência. Por sua vez, as MC que necessitam da intervenção de terceiros são compreendidas por Liotard (2003) como práticas de invenção e questionamento da ordem corporal vigente. A sua condenação social baseia-se no facto de serem percebidas como práticas inúteis e movidas pelo prazer e satisfação pessoal, ao se afastarem do determinismo social.

Perante a multiplicidade de escolhas, as decisões tomadas e as apropriações simbólicas expressam a identidade, definem quem eu sou no mundo. Oliveira (2007, p.77) faz uma análise diferente de Liotard (2003) ao compreender nestes “jogos de aparência” acções e reconhecimentos ligados ao corpo. Principalmente entre os mais jovens, a moda e o corpo surgem como peças fundamentais na construção identitária, a reinvenção corporal é a reinvenção de si mesmo. A adopção de um estilo particular é o principal caminho para a afirmação da identidade (Featherstone, 1995). Tal como vem sendo referido, num contexto sócio-histórico em que praticamente tudo é passageiro e descartável, a adopção de estilos de vida que explorem diferenças de sensibilidade e pertencimento é a resposta (Simmel, 1972).

Beatriz Ferreira Pires (2005) ainda neste domínio faz referência a grandes grupos que contemporaneamente actuam sobre o sujeito de forma simultânea, e são esses grupos que incluem as MC, e dizem respeito a três categorias de uso simbólico dos corpos associados a determinados estilos de vida e pertencimentos.

Um dos grupos remete directamente para o uso de adereços externos ao corpo que permitem ou restringem certos movimentos, bem como conduzem à associação a

determinados valores estéticos, sociais ou culturais. Referimo-nos às roupas, sapatos, chapéus e jóias, que de certo modo são ligados a um estilo de vida particular.

Por exemplo, são encontrados no segundo grupo, elementos como o comprimento e coloração dos cabelos, o *styling* de unhas, o bronzamento artificial, entre muitos outros que dizem respeito ao uso de elementos naturais, inatos, que permitem alterações provocadas pelo próprio organismo, mas também podem ser elementos adquiridos, e neste último caso procura-se que não sejam identificados pelos outros como artificiais.

Por fim, as *bodymods* estão incluídas num terceiro grupo, cuja característica distintiva em relação aos anteriores é o carácter definitivo. Englobam o uso de técnicas que permitem ao indivíduo moldar o corpo afastando-se do corpo natural, como por exemplo: *piercings*, tatuagens, escarificações, implantes.

Contudo, Pires (2005) apresenta outra delimitação para as MC que embora não seja divergente da anterior, contribui com uma classificação que divide os adeptos das MC. Neste sentido, verificam-se dois grupos distintos, um que procura aceder aos padrões de beleza da sua sociedade e época, e para o efeito recorre a diferentes práticas para moldar o corpo como as dietas, musculação e cirurgia plástica. Por sua vez, o outro grupo não se preocupa em reforçar as características originais do corpo humano. A este grupo estão associadas as práticas que possibilitam o afastamento da norma, como é o caso do *piercing*, dos implantes, da escarificação e da tatuagem. Dentro deste último grupo ocorre ainda uma divisão, há os sujeitos seguidores da moda, que olham para MC numa vertente estética que lhes facilita a inserção no contexto urbano actual e depois, há um grupo distinto de indivíduos que compartilham ideias e ideais em relação às MC e incluem estas práticas nas suas vidas de forma crescente e contínua.

Para os autores Scott e Drago (2010) as MC constituem um largo espectro de alterações no corpo que tanto podem contribuir para a sua melhoria como podem desfigurá-lo. O seu carácter pode ser permanente ou semi-permanente e não são justificadas por razões médicas, pois os motivos que levam os sujeitos a modificar-se serão espirituais, sociais ou estéticos.

Dentro das MC que melhoram o corpo humano encontram-se as intervenções médicas simples como a circuncisão masculina, a cirurgia estética, como é por exemplo o caso da rinoplastia, o uso de MC para adorno do corpo através de tatuagens e as

mais extremas como o uso de próteses. Na sua compreensão das MC o seu nível de extremismo varia em função do grau de alteração corporal necessário e da aceitação social do mesmo (Scott & Dragoo, 2010).

Quanto às MC consideradas extremas, verificam-se outras importantes perspectivas que precisam ser esclarecidas. Paul Sweetman (1999) na sua investigação empírica com adeptos e praticantes concluiu que o *piercing* genital devido à sua localização era considerado uma MC extrema, bem como os alargadores dos lóbulos das orelhas, devido ao grau de comprometimento e dedicação que esta modificação exige. Contudo, a tatuagem também pode ser considerada uma prática extrema desde que concretizada em larga escala e de preferência conjugada com outras MC. Práticas extremas seriam então, as práticas de “subversão”, cujo ideal é criar uma estética alternativa, afirmar a diferença e chocar pela aparência. Segundo o autor, neste domínio incluem-se também os implantes subcutâneos, a escarificação, as amputações e a bifurcação lingual e peniana.

A evolução tecnológica permitiu aos seres humanos conduzir a singularização dos corpos a um patamar nunca antes visto. Através da manipulação intencional do corpo, este funciona como veículo de manifestação política e artística, como meio de diferenciação ou alienação dos outros. As congruências com os padrões de beleza dominantes acarretam benefícios sociais, *status* e influência entre pares. Assim, a procura pela igualdade na aparência reduz a ameaça mas também anula a subjectividade, a expressão da individualidade. A dissidência traz muitas vezes o preço da hostilidade social mas garante a autenticidade. É neste sentido, que as MC testam os limites da aceitação social e obrigam desde cedo a que seja feita uma escolha mais conformista ou mais inconformista de realização e expressão pessoal. “As próprias buscas pessoais – diferenciação, identidade, satisfação, etc. – que fazem deste tipo de arte uma opção corporal e de vida” (Pérez, 2006, p. 202).

As marcas corporais surgem assim como resposta à questão “Quem sou eu?”. O sujeito sem as marcas corporais é como um *puzzle*, sente-se incompleto pois “a construção de si próprio é uma actividade que nunca conhece descanso” (Le Breton, 2004, p. 22) e é através da junção das várias peças, as MC, que o sujeito se vai construindo e solidificando a sua estrutura. “É uma espécie de assinatura de si pela qual o indivíduo se afirma numa identidade escolhida” (Le Breton, 2004, p.22) dando sentido

à sua existência. Mas, porque é que as marcas corporais surgem como resposta a esta questão? Porque permitem ancorar momentos que foram decisivos na construção de si (Le Breton, 2004) na sua narrativa pessoal. “Marcar extensivamente o corpo configura, assim, uma tomada de posse sobre a construção da sua identidade e biografia pessoal, celebrando de forma simbólica, perante si e os outros, o poder de (auto) determinação (Ferreira, 2007, p. 304)”.

“A *body modification* nada mais é do que todo o tipo de modificação feita no corpo (irreversível ou não) por uma razão não médica, geralmente é realizada por motivos culturais, espirituais ou estéticos” (Silva, 2007, p.1). Aparentemente esta definição de MC é muito similar à supracitada (Scott & Drago, 2010) contudo afasta-se na totalidade quanto ao contexto que para a autora caracteriza a base da sua concretização. Referimo-nos ao primitivismo contemporâneo.

Segundo Silva (2007), a prática de MC remete para os primórdios da civilização em que rituais de passagem eram assinalados no corpo através de marcas corporais. No seu entendimento o mesmo se verifica na actualidade, na medida em que as marcas no corpo surgem como rituais de passagem, de auto-afirmação e de sentido de posse do próprio corpo num registo de primitivismo contemporâneo. O homem modifica o mundo em que vive, o mundo modificado por sua vez altera o homem e neste ciclo vicioso há uma necessidade constante de reorganização e reinvenção que só pode ser suportada pelo corpo, enquanto fonte inesgotável de metamorfoses. Para alguns, o mundo actual é considerado demasiado individualista, rápido, tecnológico e agressivo. Sentindo-se assoberbados perante esta realidade é através das MC que conseguem encontrar-se e construir a sua identidade, ligarem-se aos pares e registar na pele momentos de vida importantes. “O corpo é a morada do nosso espírito nesta vida, o nosso corpo é a nossa casa (...) para realmente se sentirem donos dos seus próprios corpos as pessoas modificam-nos” (Silva, 2007, p. 12) em função das suas vontades, desejos ou necessidades.

Nesta perspectiva, embora as MC tenham sofrido alterações com os avanços da tecnologia, os motivos para a sua realização seriam os mesmos das sociedades pré-letradas. Sejam entendidas como resquícios do passado, linguagem de movimentos presentes que antecipam o futuro, ou assumindo qualquer outro dos múltiplos significados que temos vindo a elencar, as MC assumem-se na contemporaneidade

como um terreno vasto de procura de significações e de entendimentos individuais, mas igualmente sociais e culturais, o que nos remete para a citação “*Always remember that you are absolutely unique. Just like everyone else*” Margaret Mead (1928)<sup>13</sup>.

Gostaríamos de finalizar este ponto referente ao espaço de convergências entre corpo e identidade que pode ser assumido pelas MC citando Ortega (2004, p. 250), quando assume que “Na nossa cultura somática, a aparência virou essência” a supervalorização da imagem e o sobre investimento simbólico na construção de si pelo e no corpo conduziu à formação de bioidentidades – identidades somáticas.

O corpo é onde começa e acaba o indivíduo, é a nossa forma de ser e estar no mundo e ao agir intencionalmente sobre sua a forma ou formato “natural” está-se a alterar a relação com o mundo (Vilar, 2012). Sem corpo não há interação, somos seres sociais, é na relação com os outros, através do corpo personalizado com as marcas corporais, que o sujeito expressa a sua identidade e autenticidade numa sociedade de aparências (Ortega, 2004) como é a sociedade contemporânea. As MC permitem uma outra forma de olhar, pensar e construir o corpo que desconstrói padrões de estética, beleza e dor, ao mesmo tempo que elevam o indivíduo ao papel de protagonista da sua passagem pelo mundo através da narrativa pessoal que penetra a sua pele (Vilar, 2012).

Gostaríamos de terminar este primeiro ponto reforçando que apesar de termos feito uma abordagem diferencial de conceitos não há *Self* sem corpo, nem corpo sem *Self*.

## **2. Histórias contadas por corpos marcados**

Desde tempos ancestrais que o Homem tem tentado modificar a sua aparência física no sentido da conformidade com os ideais culturais de beleza vigentes. Muitas características de aparência humana são compreendidas também, como adaptações evolutivas para a sobrevivência da espécie (Love, 2006). Recorrer ao corpo para afirmar um posicionamento pessoal, como forma de expressão da individualidade ou como meio de comunicação, são práticas que nos remetem para a ancestralidade (Cury, Cherfen, Tarlé & Resinentti, 2005). Contudo, resistiram até aos dias de hoje, na medida

---

<sup>13</sup> Margaret Mead (1928), *Coming of age in Samoa*, Foreword by Franz Boas.

em que muitas das transformações físicas mantiveram a sua essência mais primitiva mas, acomodaram-se à contemporaneidade através da rentabilização das novas tecnologias.

Quanto à sua essência mais primitiva, as posições divergem, sendo possível olhar para estas práticas na sociedade actual como desprovidas da mesma história ou significado que possuíam nas sociedades de origem (Gorender, 2008). No passado remoto as marcas eram sobretudo fenómenos de identidade tanto individual como grupal, na actualidade são igualmente exemplos de identidade pessoal e cultural mas, também podem traduzir simples elementos estéticos ou manifestações artísticas (Cury, Cherfen, Tarlé & Resinentti, 2005). A verdade é que a cada transformação corporal está acoplada um ou mais significados, sejam eles mais primitivos ou mais modernos, num registo sempre subjectivo e como parte integrante das narrativas individuais e consequentemente sociais. O uso de marcas corporais continua a suscitar controvérsia. O corpo arranhado, rasgado, perfurado, queimado, cortado, penetrado, distendido, deformado ou amputado, vem desde a ancestralidade a ser remodelado, reconstruído e reconfigurado de forma que as dimensões sociais e culturais se inscrevam na pele e se gravem sobre o biológico (Ferreira, 2007).

Neste ponto iremos ilustrar alguns dos resquícios dessas marcas ancestrais, e dos significados que lhes eram atribuídos, patentes em descrições recolhidas praticamente por todo o mundo. Mudar o corpo biológico é algo sustentado por uma variedade de razões que se atravessam culturalmente, incluindo “propriedade, sacralidade, beleza, *status*” (Turner, 1980, p.112). Nas sociedades primitivas, as marcas corporais permanentes tinham um cariz colectivo não opcional na maioria das vezes, e possuíam significados inequívocos e colectivos, facto que não se verifica nas sociedades modernas (Turner, 1999). Mas, se nas sociedades mediterrânicas as marcas corporais ilustravam sobretudo motivos religiosos, protecção contra demónios e amuletos para a saúde, o mesmo não se verificava no resto do mundo (Turner, 2000).

Reconhecemos que transformar o corpo é uma prática que desde sempre esteve presente na história das sociedades, e que acompanha a evolução. Os exemplos que se seguem ilustram algumas destas origens, e espelham a multiplicidade de significados que envolviam sujeitos e comunidades na realização destes rituais.

## 2.1. Tatuagem

A tatuagem “nasceu” ou foi inventada por diversas vezes, em diferentes momentos e partes do mundo, percorreu todos os continentes com uma variedade notável de propósitos, técnicas e resultados (Green, 2003).

Embora na literatura os dados apontem para que a primeira descoberta de um homem em bom estado de conservação, e com marcas permanentes em todo o corpo pertença a 5300 a.C. (Marques, 2009), as referências mais antigas da prática de tatuagem datam de 2500 a.C. e pertencem ao “homem de gelo”<sup>14</sup>. A descoberta do cadáver ocorreu em Outubro de 1991 nos Alpes Italianos. No “homem de gelo” observavam-se tatuagens lineares nas costas e atrás dos joelhos, desconhecendo-se o seu significado (Heuze, 2000). Contudo, há referências de que as marcas corporais teriam sido aplicadas com um significado terapêutico, isto durante a Idade do Bronze (Gilbert, 2000).

Na arte pré-histórica também se encontram vestígios da existência de povos que cobriam o corpo com desenhos. Exemplares de arte rupestre, tais como desenhos e estatuetas de formas humanas com desenhos corporais, alimentam a possibilidade da sua existência já nesta época (Cains e Byard, 2008; Green, 2003; Rodrigues, 2011).

Um registo importante remonta a 2160 A.C. e diz respeito a tatuagens em forma de pontos e linhas encontradas em múmias egípcias do sexo feminino (Teixeira, 2006), como é o caso da múmia da princesa Amunet da XI Dinastia (2160 – 199 A.C.), cujo corpo tem em si inscrito diversos desenhos associados à temática da fertilidade: linhas paralelas nos braços e coxas, bem como um padrão elíptico a envolver o umbigo (Gilbert, 2000; Marques, 2009; Tassie, 2003). Estatuetas com marcas corporais similares às encontradas na princesa Amunet foram descobertas em vários túmulos egípcios. As estatuetas eram enterradas conjuntamente com as múmias, por se acreditar que despoletariam o instinto sexual do morto e assegurariam a ressurreição, sendo conhecidas como “as noivas da morte” (Gilbert, 2000).

---

<sup>14</sup> O nome provém do facto deste no regresso a casa depois de ter ido caçar, ter sido apanhado de surpresa por uma tempestade de neve que resultou na sua morte.

Os dados apontam para a presença de tatuagens com padrões abstractos até 400 A.C.. As múmias de Núbia foram as primeiras a ser encontradas com marcas corporais de carácter mais realista e concreto, referimo-nos à figura religiosa do Deus Bes. Este Deus era o senhor do prazer e da alegria e é uma figura pouco vulgar na arte egípcia, pois nunca aparece de perfil (Gilbert, 2000).

Heródoto, geógrafo e historiador grego, nas suas crónicas fez referência a um povo muito antigo do Norte da Europa, os Pictos (700 AC – 845 DC) que tinham como costume fazer desenhos definitivos na pele, o que resultou na sua fama e denominação. Tatuavam-se não por motivos estéticos ou vaidade mas por acreditarem que as tatuagens lhes davam força e poder, que os desenhos ficariam impressos na alma e assim poderiam ser identificados após a sua morte pelos seus antepassados. Os guerreiros recebiam tatuagens como prémio de bravura e as complexas linhas entrelaçadas feitas nos seus corpos serviam para distrair os inimigos, além de representarem a conexão com todos os elementos sobre a terra (Rodrigues, 2011).

No Japão, há evidência de tatuagens faciais e escarificações do ano de 600 A.C., que estariam associadas ao *status* social dos indivíduos. A tatuagem japonesa é mundialmente reconhecida como uma das tradições mais sofisticadas no que respeita à técnica, estilo e imagem, bem como umas das mais antigas tradições, remontando a 10000 AC – 300 AC (De Mello, 2007). No Japão tal como já se fazia na China, e antes mesmo na Grécia e em Roma, as marcas corporais serviam para sinalizar os infractores da lei, sendo usadas como forma de punição (Klemperer, 2006).

Com uma história tão longa, compreende-se que sejam múltiplos os lugares onde encontramos narrativas que associam marcas, corpos e significados. Começando no topo do mundo, encontramos entre os povos do ártico a prática da tatuagem explicada do seguinte modo: “tornou-se parte da pele, o corpo tornou-se parte da cultura” (Gilbert, 2000, p. 185). Os esquimós possuíam a crença de que as doenças eram fruto da perda da alma, e quando alguma parte do corpo adoecia seria porque o pedaço de alma correspondente a essa zona teria abandonado o corpo. Assim, é fácil compreender o uso de marcas corporais como signos protectores, como por exemplo as tatuagens “*nafluq*” ou tatuagens funerárias, cuja função era a protecção contra ataques espirituais ou a possessão. A morte era percebida como um momento perigoso, no qual os corpos estavam mais sensíveis a serem possuídos pelos espíritos malignos do falecido e, por esta razão tatuavam-se pequenos pontos nos ombros, cotovelos, ancas, pulsos, joelhos,

tornozelos, pescoço e cintura, para auto protecção (Gilbert, 2000; Weyer, 1932). Algumas tatuagens serviam também como canais de comunicação com níveis superiores ou seja, entidades espirituais ou presenças ancestrais. Nos rituais xamânicos, as modificações corporais facilitavam o contacto e a entrada dos espíritos (Gilbert, 2000). Não menos importante ou forte, era a conexão entre a prática de tatuagens e funções medicinais de prevenção e de cura. As doenças e outros infortúnios para os quais não possuíam conhecimentos suficientes que permitissem a sua explicação ou compreensão atribuíam às forças naturais. Estas apenas controladas ou combatidas pelas marcas definitivas no corpo - as tatuagens medicinais muitas vezes realizadas pelos xamãs das tribos. Pequenas linhas ou marcas sob as áreas do corpo atingidas, eram a cura para os males, por exemplo para os problemas de coração tatuava-se o esterno, para os problemas de visão tatuavam-se as pálpebras e assim as marcas serviam de cura ou de remédio (Gilbert, 2000).

Ainda hoje, a tribo Roro (Indonésia) é visualmente reconhecida devido aos seus elementos amplamente tatuados, que descrevem os indivíduos sem tatuagens como estando “crus”, comparando-os à carne ainda por cozinhar (Hall, 2000) como se lhes faltasse praticamente o essencial. Também os habitantes do arquipélago Mentawai, no extremo oeste da Indonésia, adornam o corpo com tatuagens porque acreditam que a sua alma se sente desconfortável num corpo pouco atraente, como é o corpo sem marcas. Assim, dedicam muito tempo ao embelezamento corporal actualizando as suas tatuagens em intervalos regulares e completando-as com marcas permanentes de cores brilhantes e decorações de flores e folhas (Hall, 2000).

As Ilhas Marquesas na Polinésia Francesa no Oceano Pacífico distinguem-se como as mais sofisticadas das culturas da Polinésia pelo seu povo extensivamente tatuado da cabeça aos pés, incluindo as faces (Gilbert, 2000). A Melanésia e a Polinésia possuem uma incrível tradição de arte corporal associada às fases de transição do ciclo de vida (Huss-Ashmore, 2000; Turner, 1999). Neste arquipélago, a arte da tatuagem é percebida como um presente dos deuses e as classes superiores procuram somente os mestres mais respeitados para decorarem os seus corpos. Cada tatuador adopta um estilo muito específico na sequência de padrões e figuras intrincadas que faz, tornando fácil o reconhecimento do trabalho como sendo especificamente da sua autoria e remetendo a tatuagem para um lugar de prestígio, devido ao elevado valor cobrado pelos artistas (Hall, 2000). É a forma de arte, vista como mais intrincada, complexa e artificiosa da

ancestralidade e foi-se desenvolvendo e aprimorando durante centenas de anos. As tatuagens polinésias já possuíam “vida” muito anteriormente à chegada dos Europeus ao Pacífico Sul. Segundo os exploradores europeus, os nativos da polinésia não viviam num ambiente hostil que os colocasse em constante perigo de vida, nem precisavam de grandes esforços para satisfazer as suas necessidades básicas. Este clima pacifista proporcionou o tempo, o temperamento e a técnica necessários para concretizar as marcas corporais mais refinadas que se podem encontrar no formato de detalhadas tatuagens (Gilbert, 2000). Às mulheres destinavam-se os padrões mais delicados com motivos florais geometricamente harmonizados que cobriam as mãos e a parte superior dos corpos e, aos homens, os fortes padrões geométricos e áreas sólidas de cor negra (Gilbert, 2000). A tatuagem peniana é prática excepcionalmente comum nas Ilhas Marquesas e pertence a desenhos de maior dimensão que cobrem quase a totalidade do corpo dos nativos. “Pe’a” é a tradicional designação samoana para a tatuagem que ilustra o tronco desde a zona do umbigo até aos joelhos, incluindo o pénis. A cara, o pescoço e joelhos são zonas cuja tatuagem é reservada às posições de chefia (De Mello, 2007; Vale & Juno, 1989).

Na Nova Zelândia, a tribo Maori, no período anterior à colonização, recorria à tatuagem ou “Ta Moko” – processo de inscrição na pele com um pigmento colorido através da perfuração e cicatrização da mesma com algum volume, especialmente na face – como meio de identificação da classe social, situação conjugal ou parental, tipo de actividade exercida e tipo de poder que Deus teria dotado o indivíduo (Cains & Byard, 2008). A tatuagem ilustrava com fidelidade o modo de funcionamento social, estando todos os membros da tribo tatuados à excepção dos escravos, que eram tidos como seres inferiores (Heuze, 2000). O processo de inserção de tinta na carne por meio de pedaços de osso ou metal anteriormente mergulhados em tinta era extraordinariamente doloroso. Porém, os guerreiros deviam suportá-lo sem queixas, eram intoleráveis manifestações de dor e isso sim, era motivo de glória (Gilbert, 2000). Para os guerreiros Maori, os rostos tatuados eram sinal de orgulho (Caruchet, 1995) por transmitirem ferocidade, ao mesmo tempo que se tornavam atractivos para o sexo oposto. As mulheres também se tatuavam mas não de forma tão elaborada quanto os homens, preenchiam os lábios como sinal de beleza, tatuavam o queixo e por vezes linhas ou espirais poderiam decorar as bochechas ou a testa. Era raro encontrarem-se mulheres com a face totalmente tatuada mas não havia regras que o impedissem,

inclusive algumas mulheres tatuavam também os seios, ancas e pernas (Gilbert, 2000). Os guerreiros Maori eram famosos pela sua coragem e por defenderem com amor e afincadamente as suas terras contra os militares britânicos, que lhes reconheciam respeito e os consideravam como um forte oponente. Contudo a força britânica conquistou o território disputado e com a derrota dos Maori, desvaneceu o seu orgulho guerreiro e o interesse pela tatuagem. Nos registos fotográficos dos finais do século XIX, encontram-se homens Maori com barba por fazer, tatuagens faciais inacabadas e completamente vestidos (Gilbert, 2000), tudo produto da ocidentalização. No século XXI, “Ta Moko” continua a ser uma manifestação de orgulho, celebração e identidade Maori.

Já na Austrália, as pinturas corporais eram uma prática comum e, consideradas actividade sagrada, na medida em que as tintas tradicionais eram feitas a partir da terra e as religiões aborígenes sedimentavam-se em torno do culto à terra (Vale & Juno, 1989). Veiculavam indicadores sociais, serviam funções comunicacionais e quando inseridas em danças tradicionais, contavam uma história. A tatuagem só chegou mais tarde no século XIX, com a extradição dos criminosos ingleses para a Austrália (De Mello, 2007).

Na Índia, os povos indígenas tribais recorriam à tatuagem como marcador de identidade grupal, individual, prontidão para o casamento e práticas inerentes a rituais. As jovens antes do casamento procuravam tatuar-se como forma de se tornarem mais belas e atraírem a boa sorte. As tatuagens começaram com padrões abstractos embora posteriormente tenham vindo a predominar os padrões simétricos com pássaros e outros animais que serviam funções exclusivamente decorativas. Originalmente as tatuagens foram criadas por mulheres e feitas em mulheres, por meio de três agulhas enroladas e mergulhadas em tinta. Os homens também usavam tatuagens, mas numa escala significativamente inferior à que se verifica na actualidade (De Mello, 2007). Porém, o significado das marcas não era partilhado entre os povos. Os Hindu viam a tatuagem como uma forma de penitência na terra que assegurava a entrada no reino dos céus, já os Bhils percebiam a tatuagem como uma celebração das suas boas ações na terra, o que posteriormente lhes facilitaria a entrada no outro mundo e por fim, as mulheres de Gujarat, como já vimos noutras tribos pelo mundo, concebiam as tatuagens como marcadores de identidade que permitiriam a sua identificação quando chegassem ao céu (De Mello, 2007).

Os nativos da América do Norte tatuavam-se frequentemente em associação a cerimónias religiosas ou rituais mágicos. As marcas no corpo simbolizavam a passagem à puberdade e serviam como escudo protector na viagem depois da morte. Particularmente, os Índios Sioux acreditavam que depois de mortos fariam uma viagem pelo outro mundo, montados num cavalo fantasma, durante a qual acabariam por se cruzar com uma senhora de idade que lhes exigiria ver o corpo marcado, caso estes não possuíssem nenhuma tatuagem, seriam condenados a voltar ao mundo dos vivos como fantasmas solitários (Gilbert, 2000; Rodrigues, 2011). As tatuagens também honravam os guerreiros que se distinguiam por bravura nas frentes de combate. As pernas, mãos, peito e cara, eram cobertos com vários motivos e desenhos, como animais (águias, serpentes e dragões) e monstros, a par com zonas integralmente preenchidas por cor negra. A tatuagem com finalidades terapêuticas expressava-se nas testas e bochechas tatuadas daqueles que sofriam de dores de cabeça ou de dentes, provocadas por espíritos malignos e exorcizadas em rituais de tatuagem, cânticos e danças (Gilbert, 2000).

Na mesma linha, mas no Norte de África, as mulheres Berberes recorrem à escarificação com o intuito de promover a fertilidade e proteger o feto contra espíritos indesejáveis. Elas acreditam que o mau-olhado invade as pessoas pelos seus orifícios e que para se protegerem de tal mal, precisam tatuar no rosto pequenas figuras “*evil eye*” sob a boca, ao lado dos olhos e no nariz (Hall, 2000).

Do Oriente para o Ocidente a tatuagem percorreu um longo caminho cuja origem se explica através do contacto dos nativos com os marinheiros europeus. É ao Capitão James Cook a quem se deve a (re)descoberta da tatuagem e a sua disseminação através dos mares quando em 1769 viaja pelo Taiti no navio da marinha real britânica *Endeavour*. Com a ajuda dos seus tripulantes, introduziu a prática e a expressão “*tattoo*” no continente europeu e noutras civilizações (Marques, 2009; Sander & Vail, 2009). Segundo o diário de bordo do Capitão Cook, ou seja, no texto original escrito em inglês, encontra-se a palavra “*tattaw*” (Le Breton, 2004), assim, a designação “*tattoo*” seria a tradução inglesa da onomatopeia do som “*tatau*” que acompanha a realização da tatuagem (Leitão, 2004).

A tripulação de Cook adoptou convictamente este costume nativo, de tal modo que muitos dos tatuadores ocidentais dos séculos XIX e XX eram ex-marinheiros que aprenderam a técnica de tatuar com os nativos ameríndios e que exibindo os seus corpos

ilustrados com tinta, construíram o caminho de popularidade da tatuagem do Pacífico à Europa (Gilbert, 2000). Nos vários portos onde atracavam os navios, partilhavam entre si os nomes e moradas dos tatuadores mais conceituados que haviam conhecido, “a tatuagem participava da cultura contrabandista das cidades portuárias com os seus bordéis, as suas casas de jogo, o seu mundo nocturno” (Le Breton, 2004, p.42). Acontece que a tripulação de Cook não se limitou a importar a técnica da tatuagem, mas também alguns ameríndios como *souvenirs* ou como espécimes da história natural, tal era o seu encantamento com esta prática exótica (Barbosa, 2006).

Os marinheiros católicos tatuavam crucifixos nos seus braços com a esperança de virem a ter uma sepultura cristã caso sofressem algum infortúnio. Por sua vez, os marinheiros que não seguiam este caminho espiritual, também se faziam marcar com crucifixos mas por motivos diferentes, com base em superstições. Segundo Mellville (1992, p.158 cit in Le Breton, 2004, p. 44) tinham a crença de que se as suas pernas e braços estivessem marcados pelo sinal da cruz “podem cair ao mar no meio de setecentos e setenta e cinco mil tubarões brancos esfaimados: nem um só se aproximará da extremidade do vosso dedo mindinho”.

É importante dizer que a tatuagem não era um fenómeno totalmente inexistente quando os marinheiros a trouxeram do Pacífico. Sempre se verificou uma forte tradição europeia da tatuagem religiosa. O que os marinheiros fizeram foi retirar a tatuagem deste universo cristão e disseminá-la literalmente por todo o lado, o que se designa por Renascimento da Tatuagem no Ocidente (Barbosa, 2006). Uma das consequências deste renascimento na Europa foi o uso do corpo tatuado como meio de entretenimento. É o caso de John Rutherford, de origem inglesa, que se consagrou como o primeiro artista circense tatuado e que iniciou carreira em 1828. Este contava a história de como tinha sido capturado por Maoris da Nova Zelândia, feito prisioneiro durante 10 anos e tatuado de forma tortuosa (Gilbert, 2000). A história é totalmente falsa, mas alimentou a imaginação e fantasia de muitos europeus.

Assim, até meados do século XX, os sujeitos extensivamente tatuados podiam integrar com sucesso *freak-shows*, circos e feiras itinerantes, partilhando o estrelato com anões, gigantes, gémeos siameses, mulheres barbadas e também alguns animais exóticos. Vendiam os seus serviços como artistas, o que se constituía numa actividade bastante rentável na época, mas ainda insuficiente para retirar a tatuagem dos meandros da

marginalidade (Ferreira, 2007). De resto, potenciou ainda mais a sua marginalização, ao fazer da tatuagem um espetáculo dando-lhe visibilidade pelos motivos da sua estranheza e espanto provocado. Porém nos anos 50, este tipo de performance de exibição de corpos extensivamente tatuados sofre um declínio acentuado no respeito à sua rentabilidade, provocado pela banalização da prática e consequente perda do efeito de espanto e admiração (Le Breton, 2004).

Retomando a já referida tradição europeia da tatuagem religiosa, é importante acrescentar que se verificou desde muito cedo e que está ligada à peregrinação a locais sagrados como Loreto em Itália, Santiago de Compostela em Espanha e Jerusalém (Barbosa, 2006). Encontram-se na história descrições dos primeiros Cristãos com o sinal da cruz tatuado nas suas faces e ombros (Gilbert, 2000), registando no corpo as crenças religiosas através dos sinais da cruz ou do monograma de Cristo. Os Cruzados também marcavam os corpos com o sinal da cruz, para no caso de falecerem em combate poderem ser identificados como Cristãos e desta forma beneficiar de um ritual fúnebre católico (Le Breton, 2004).

O Imperador Constantino também conhecido como “O Grande”, em 313 D.C. proibiu a tatuagem facial, o que mais tarde no Concílio das Igrejas realizado em Calcutá em 787 D.C. se estendeu a todos os tipos de tatuagem (Le Breton, 2004). Como já referimos no ponto inicial relativo ao Corpo, Identidade e Transformações no entender da Igreja as marcas corporais eram uma injúria à Criação e como tal, a tatuagem foi severamente condenada e segregada (Heuze, 2000). O respeito e fidelidade à criação e aos desígnios de Deus olhava a integridade corporal como algo intocável, não existindo nada que devesse ser retirado ou acrescentado ao corpo, caso contrário ocorreria aquilo que se designa por “insulto à obra divina” (Atkinson, 2004). No entanto, e se no parágrafo anterior foi mencionado que os primeiros cristãos e os cruzados assinalavam na carne a sua fé, verificou-se posteriormente que a Igreja passou a defender que as marcas corporais pertenciam a rituais de índole pagã porém, se for possível reverter a situação para próprio benefício, as regras podem mudar, e assim tatuar-se para Deus seria completamente lícito (Le Breton, 2004).

Como já referimos anteriormente a Idade Média (período entre os séculos V e XV) tentou banir a tatuagem da Europa alegando serem “práticas do demónio”. Qualquer cicatriz ou desenho na pele era mal visto e conduzia à perseguição a mando

dos senhores feudais e até ao castigo de morte na fogueira pela inquisição (Rodrigues, 2011). Contudo, durante os períodos medieval e renascentista, as marcas corporais permaneceram discretamente vivas no seio de algumas “subculturas pagãs” envoltas num conteúdo místico. Disseminavam-se entre druidas, mágicos, médicos, astrónomos e físicos que heterodoxos quanto às práticas cristãs “abraçavam” as ditas “artes ou ciências ocultas” como a astrologia ou a feitiçaria (Rosecrans, 2000). As marcas corporais eram investidas de significados mágicos e protectores, servindo de amuletos sagrados. Encontram-se marcos de maior visibilidade e tradição da tatuagem em países de origem pagã e esotérica como os Celtas e Vikings da cultura *Wiccan*, em comparação com os países da velha Europa Católica, como é o caso de Portugal (Le Breton, 2002).

Entre os séculos XVIII e XX a tatuagem dissemina-se, passando pela nobreza europeia. Mifflin (1997) designa este marco como o Segundo Renascimento da Tatuagem no Ocidente ou Contracultura. Apesar das suas manifestações no século XVIII, só no final do século XX é que a tatuagem foi verdadeiramente adoptada pela classe média. Foi a nobreza britânica ávida por tatuagens japonesas que ressignificou a tatuagem como sinal de bom gosto e de elegância, transformando-as em lembranças dos países orientais imitadas por parte da realeza europeia (Gilbert, 2000).

A arte da tatuagem caiu em descrédito no Ocidente devido ao seu uso para marcar marginais, criminosos e escravos, para se tornar de novo moda no final de 1800 quando as senhoras da alta sociedade se apaixonam pela arte na pele (Hall, 2000). A tatuagem migrou dos pobres para os ricos e dos ricos para os jovens, sofrendo constantes resignificações, pois se nos ricos era uma marca de elegância, bom gosto e também excentricidade, nos jovens já se aliava mais à desviância e à marginalidade (Barbosa, 2006).

É também durante o século XX que a ciência se debruça sobre esta matéria e se desenvolvem vários estudos científicos antropométricos em torno da tatuagem. A associação entre marcas corporais, nomeadamente a tatuagem e a marginalidade acaba por se institucionalizar no discurso médico e jurídico na viragem do século. A abordagem à prática pelo viés da marginalidade ou da degenerescência concedeu-lhe um forte carácter desviante, fenómeno maioritariamente da responsabilidade do criminologista italiano Césare Lombroso (Le Breton, 2002; Leitão, 2004). Na lista que concebeu como sendo as características anatómicas dos criminosos, Lombroso fez

referência à tatuagem como característica integrante das particularidades destes sujeitos, reveladora da sua insensibilidade à dor, e alimentou este facto na escola de pensamento que criou (Heuze, 2000).

As marcas corporais foram utilizadas demasiadas vezes ao longo da história como sinal de classificação e estigmatização. Neste domínio destaca-se um fenómeno marcante: os números tatuados nos corpos dos judeus confinados aos campos de concentração na Alemanha Nazista (Cury, Cherfen, Tarlé & Resinentti, 2005; Le Breton, 2004).

Mesmo anteriormente, em França no século XIV, com um ferro em brasa inscreviam a letra M na testa dos mendigos, destituindo-os para a vida dos seus direitos (Le Breton, 2004). Os criminosos e ladrões eram “queimados” com letras específicas que identificavam os seus crimes ou marcados nos ombros com uma flor-de-lis, sinal de que eram infractores (Turner, 2000). As prostitutas eram também marcadas com este sinal de infâmia. Em 1852 um decreto de lei aboliu para sempre este tipo de práticas de inscrição penal (Le Breton, 2004).

Os ingleses recorriam ao *branding* para marcar diferentes partes do corpo dos transgressores em função do tipo de crime. Por sua vez, diferentes letras marcadas na pele distinguiam e condenavam ladrões, prostitutas, rebeldes e adúlteros (Le Breton, 2004). Aos ladrões restava-lhes uma vida de servidão à qual não podiam escapar devido ao “s” de “*slaver*” (escravo) exposto nos seus corpos. Os escravos eram marcados como animais, como se marca o gado, com o nome ou iniciais do seu proprietário (Hall, 2000). Em Inglaterra estes costumes só foram abolidos em 1892 (Le Breton, 2004).

Este sentido judiciário, punitivo e proprietário das marcas, acaba por sofrer uma inversão notória, quando a prática passa a ser adoptada voluntariamente pelas suas tradicionais vítimas (escravos, criminosos, minorias étnicas e sexuais). Ao tornar-se voluntária passa a ser disruptiva, o seu valor estigmatizante é subvertido e adquire bastante popularidade (Goffman, 2010).

Nos anos 60 a tatuagem ainda se encontrava fortemente associada à marginalidade e possuía um carácter estigmatizante. Contudo neste período a opção pela tatuagem é totalmente voluntária e expressava fidelidade a determinados grupos, como por exemplo: os *Teddy Boys*, uma subcultura britânica com pesada associação ao *rock and roll* americano; os *Bikers*, grupos de motociclistas caracterizados pelos cabelos

compridos e pelo uso de tatuagens e, os *Hell's Angel*, que representam uma percentagem do universo do motociclismo por tradicionalmente só conduzirem *Harley-Davidson*. Os indivíduos inseridos nestes grupos distinguiam-se da restante sociedade e fidelizavam-se aos seus companheiros através das marcas corporais (Le Breton, 2004).

Ainda nos anos 60, também os *hippies* integravam o movimento da Contracultura e contribuíram para o aumento da receptividade em relação às marcas corporais, usando a pintura corporal como forma de celebrar a sua alegria de viver, mimetizando formas de sedução e como um meio de reivindicação de prazer e liberdade. Mais do que por motivos estéticos, os *hippies* usavam os corpos como forma de manifesto (Le Breton, 2004; Schiffmacher, 1996).

Nos anos 70 a tatuagem permanece nos interstícios da sociedade, nas subculturas Punks (que se distinguem pelo uso de alfinetes e tachas, *jeans* pretos justos e rasgados, jaquetas de couro e corte de cabelo à moicano) e *Skinheads* (que se identificam pelas cabeças rapadas, *jeans* e botas *Doc Martens*), que usavam *piercings* e tatuagens como forma de se “afastar” e diferenciar da sociedade (Pierrat 2000; Le Breton, 2002), marcar uma posição e afirmar as suas ideologias filosóficas, políticas e artísticas. Por outro lado, foram estas subculturas que contribuíram para que os demais se familiarizassem com a presença de tinta e furos nos corpos (Le Breton, 2004).

A popularização definitiva da tatuagem resultou da criação da primeira máquina de tatuar eléctrica, que tornava o processo mais rápido, muito menos doloroso e mais perfeito quanto à execução técnica (Pierrat, 2000). O processo de inserção de tinta na pele evoluiu ao longo da história. Originalmente a tinta entrava na carne através de lascas de osso, espinhas de peixe, dentes de animais e mais tarde por meio de pregos, lâminas, agulhas, pontas de facas, entre outros instrumentos e materiais, o que tornava a prática de tatuagem numa experiência bastante demorada e dolorosa (Le Breton, 2004). É apenas em 1891 que a invenção da máquina de tatuar eléctrica é registada por um tatuador americano, Samuel O'Reilley e usada pela primeira vez pelo seu primo Tom Riley, tatuador britânico com quem partilhou a sua invenção (Gilbert, 2000; Sander & Vail, 2009). Este acontecimento revolucionou o exercício deste ofício e contribuí de forma decisiva para a massificação de corpos tatuados que integraram a história das seguintes décadas.

É na década de 80 e nos anos 90, que se começa a fazer notar uma preocupação mais genuína com o corpo e com a gestão individual da aparência. A tatuagem surge como uma resposta à procura da singularidade e de afirmação de identidade e como uma mais-valia para o corpo, e é neste clima de receptividade que a tatuagem ganha uma difusão social ímpar, de tal modo que os corpos tatuados surgem nos jovens modelos de passerelle, daquele que é conhecido como *l'enfant terrible* da moda, Jean Paul Gaultier (Le Breton, 2004).

A chegada dos anos 90 revolucionou e individualizou o mundo da moda: “elementos de raízes históricas étnicas e estéticas diferentes são combinados de maneira diferente, e o importante é que o conjunto manifeste a personalidade do usuário” (Pollini, 2009, p. 80). O corpo passou a ser elemento fundamental de transformação estética, as artes corporais popularizaram-se tanto que *piercings* e tatuagens ilustram de forma fiel o contexto identitário juvenil desta época (Rocha, 2011). Não só a tatuagem e o *piercing*, como a escarificação, o *branding*, o *cutting*, o *stretching* e os implantes subcutâneos integram a cultura e a moda, vendo o seu estatuto radicalmente alterado quando usados pelas gerações mais jovens como meio de afirmação da sua singularidade (Le Breton, 2004).

E porque no domínio das tatuagens a pele deixou de ser o limite, retomamos a temática do *eyeball tattooing*, a tatuagem no globo ocular que pela invulgaridade pode parecer algo inédito até à actualidade. Contudo as primeiras referências apontam para há 2000 anos atrás quando os médicos romanos tratavam manchas brancas sobre a íris aplicando um corante numa tentativa de manchar a córnea. Após a era romana este procedimento foi evitado e a tatuagem na córnea veio mais tarde a ser recuperada pela medicina, no século IX, para corrigir deformidades e opacidades. O actual método de injeção foi inventado por Shannon Larrat e realizado pela primeira vez em Junho de 2007 por Howie, o criador da técnica, mais conhecido no meio das *bodymods* pelo nome de Luna Cobra. O norte-americano Josh, foi o primeiro sujeito do mundo a ter os dois globos oculares tatuados de azul. Hoje calcula-se que centenas de pessoas pelo mundo tenham os olhos tatuados de várias cores (Frrrkguys, 2014).

## 2.2. Perfuração

O *piercing* pode parecer uma invenção mais recente mas já servia de adorno “exótico” há tanto tempo quanto a tatuagem. A perfuração das orelhas, nariz e lábio remonta à ancestralidade e é encontrada nas sepulturas antigas dos Impérios Inca e Moche do Perú, e civilizações Astecas e Maias no Antigo México, bem como em túmulos na Ásia Central, Europa e povos do Mediterrâneo (Schildkrout, 2001).

Brincos e *piercings* têm sido encontrados ao longo da história por todos os continentes, desde as civilizações mais antigas. A perfuração do lóbulo da orelha para adorno é provavelmente a modificação corporal mais antiga e mais comum do mundo, encontrada nos antigos Hebreus, Egípcios, Romanos e Chineses (De Mello, 2007). O uso de brincos ao longo da história tem sido símbolo de *status* social, de riqueza, amuletos religiosos e mágicos e serviram também como moeda de troca. Particularmente nos últimos 2000 anos distinguiram-se como uma forma de adorno tremendamente bem recebida (Waugh, 2007).

O acto da perfuração integra muitas vezes rituais de mudança de *status* social, nos quais o sangramento que ocorre pela perfuração é encarado como uma oferenda aos deuses, espíritos ou ancestrais e os ornamentos utilizados, em função da sua preciosidade, podem sinalizar fortuna e privilégio (Schildkrout, 2001). No caso dos Maias, o sangramento provocado pela perfuração tinha o formato de sacrifício religioso, no qual as orelhas, bochechas, língua ou genitais eram furados por motivos específicos (Vale & Juno, 1989). Por exemplo, a perfuração dos genitais era um sacrifício religioso associado a rituais de fertilidade. Por sua vez, os *piercings* na língua, actualmente feitos predominantemente por motivos estéticos ou de prazer sexual, estiveram sempre associados a rituais de sangramento e sacrifícios humanos para os deuses na Mesoamérica, Povo Maia, Noroeste da Índia e Médio Oriente (De Mello, 2007).

Quase todas as esculturas bem preservadas originárias da Índia e do Sudeste Asiático possuem figuras antigas e divinas com as orelhas adornadas. Na Pérsia, no antigo Palácio de Persepolis, as paredes estão esculpidas com imagens de soldados com as orelhas furadas e adornadas, referências que datam de 500 AC. Alusões anteriores

remetem para a arte rupestre e para imagens ou figuras religiosas como os artefactos do Médio Oriente de 3500 a.C. (Waugh, 2007).

As múltiplas perfurações dos lóbulos das orelhas eram muito comuns na antiga Mesopotâmia, Mesoamérica pré-colombiana e civilização Greco-Romana. Na Costa Noroeste, os índios tinham tantos furos nos lóbulos das orelhas quanto mais elevado fosse o seu *status* social, pois a realização de *piercings* era um procedimento relativamente dispendioso e não acessível para todos. Evidências arqueológicas mostram que na Mesoamérica ancestral se furavam tanto as orelhas como o nariz e o lábio inferior, práticas que se mantêm entre os indígenas até à actualidade (De Mello, 2007). No período histórico no México pré-hispânico são igualmente comuns as práticas de modificação corporal relativas à tatuagem, escarificação e uso de alargadores nos lóbulos, lábios e nariz (Vergara, 2007). A perfuração dos lábios e o uso de *labrets* (inserção de discos de madeira ou argila) estava apenas destinada aos elementos do sexo masculino e de castas elevadas (De Mello, 2007).

Os *piercings*, e as escarificações também podem ser observados em sociedades como os povos Maori da Polinésia e algumas tribos Africanas, tendo múltiplos significados: a identificação da posição do indivíduo na sociedade, a pertença social, a sinalização de rituais de passagem ou simplesmente como ornamento (Gorender, 2008).

O Povo Mursi, da região do rio Omo, Sudoeste da Etiópia, é famoso pela modificação corporal que executa nos elementos femininos da sua tribo. A perfuração do lábio para a inserção de discos de madeira ou argila, marca o início da puberdade por volta dos 9, 10 anos. O processo de cicatrização deste procedimento tem a duração de 6 a 8 semanas e no período seguinte procura-se alargar progressivamente o furo, introduzindo pratos labiais cada vez maiores, que após muitos anos podem atingir os 20 a 22 mm de diâmetro. Para o efeito, é necessário que os quatro dentes incisivos inferiores sejam removidos, favorecendo o encaixe do prato, o que causa problemas na fala, distorção da linguagem e comprometimento da função mastigatória, bem como de outras actividades fisiológicas relacionadas. É o “preço” que as mulheres do Povo Mursi “pagam” para conquistar um posto elevado na hierarquia tribal e terem uma figura atraente para o sexo oposto. Uma explicação possível para a origem desta prática, seria ter como função salvar as mulheres dos mercadores de escravos, uma vez fisicamente deformadas perderiam o seu valor (Volpi, 2009).

Na tribo Canela no Brasil, os indígenas adornam os seus corpos para exprimir valores culturais, como marcas de identidade social e como forma de embelezamento corporal. Os adornos variam entre os sexos, o que ilustra as diferenças sociais percebidas entre os mesmos. Aos rapazes são feitos furos nas orelhas pelos homens mais velhos da tribo (ou chefes) para registar o facto de se terem tornado socialmente responsáveis. A perfuração dos lóbulos ocorre entre os 10 e os 15 anos e sempre numa data antecedente ao ritual Pepyê, que é um festival que pretende alimentar a elevada coesão social da tribo (De Mello, 2007). Pepyê consiste numa série de cerimónias que promovem sentimentos e crenças profundas sobre o particular modo de vida da tribo e, são também ambientes propícios para os sujeitos experimentarem sentimentos de amor e alegria (Crocker, 1990).

Em algumas zonas da Índia a perfuração das orelhas dos bebés integra um ritual religioso, já no Sudeste Asiático a perfuração marca o crescimento dos rapazes servindo como ritual de passagem (Sowell, 2009). Mas, na Índia, o *piercing* mais evidente ao longo dos tempos, é o *piercing* no nariz, desde o século XVI pelo menos. É um marcador de beleza e de posição *social* para as raparigas, sendo que é mais usual furarem o lado esquerdo por estar associado aos órgãos reprodutivos femininos. Embora a sua origem não seja nativa, sendo que este tipo de perfuração foi trazido pelos invasores muçulmanos no século XVI, esta prática mantém-se popular até à data, na Índia, Paquistão e Bangladesh (De Mello, 2007).

Algumas tribos africanas como os Berberes e os Beja, usavam *piercings* no nariz como sinal de beleza, riqueza e orgulho, enquanto que os antigos Hebreus o faziam para fins estéticos e como sinal de escravidão (De Mello, 2007). No Camboja, em Angkor, os *piercings* no septo nasal eram também um sinal de escravidão (Waugh, 2007) porém, na Austrália e Papua Nova Guiné, o *piercing* no septo nasal adornado com ossos, servia para dar aos sujeitos um ar de maior ferocidade, tal como faziam os nativos americanos (De Mello, 2007).

Nas culturas mais primitivas acreditava-se que os brincos gozavam de poderes mágicos, tinham uma função curativa e protectora, evitavam que os espíritos malignos entrassem pelas orelhas dos seus usuários. Também se acreditava que o uso de peças de ouro nas orelhas seria benéfico para as dores de cabeça e que os brincos de ouro com esmeraldas tinham efeitos positivos para a visão, crença partilhada com os marinheiros

da época dos descobrimentos (Sowell, 2009). Os marinheiros tradicionalmente usavam brincos ou argolas na orelha esquerda, não por se sentirem mais viris ou atraentes, mas por acreditarem que os metais preciosos de que eram feitos os ornamentos, ouro e prata, melhoravam a sua visão (Waugh, 2007).

Na Idade Média, o uso de brincos sofreu um declínio que veio a ser ultrapassado pelas elites durante o Renascimento (De Mello, 2007). Bruma (2001) refere que através da iconografia medieval é possível perceber que os brincos eram usados como sinal de distinção no sentido em que estavam reservados às personagens moralmente perturbadas. Inclusive, várias obras fazem referências de índole negativa a este tipo de ornamento associando-o à infâmia. Este fenómeno pode ser explicado pelo facto dos cristãos durante a Idade Média Ocidental temerem os povos que usavam brincos, sendo que apenas no século XV se desmaterializa este carácter desviante dos ornamentos para as orelhas.

Na Era Vitoriana, século XIX, encontram-se as primeiras referências sobre *piercings* nos mamilos documentadas em revistas da época, contudo as primeiras referências à prática são anteriores e remontam a 1500 D.C. (Angel, 2000). Acrescenta-se que já os Romanos usavam *piercings* nos mamilos como sinal de coragem e virilidade (Hall, 2000) e os gladiadores furavam o pénis para poderem amará-lo para trás de forma a se protegerem durante as lutas. No Bornéu, alguns homens furavam o pénis para poderem adorná-lo, tal como hoje também predominam os motivos estéticos para este tipo de *piercing* a par com os motivos de índole sexual (De Mello, 2007).

Até 1970, altura em que as pistolas de perfuração foram concebidas, os *piercings* eram conseguidos de forma muito rudimentar, através de uma agulha esterilizada ou aquecida (De Mello, 2007). Com a posterior abertura de várias lojas pela Europa, tanto as práticas de perfuração como o *design* de joias para o corpo adquiriram um formato estandardizado e industrial, abrangendo uma clientela mais diversificada e vasta, mas que originalmente se circunscrevia à comunidade gay e de BDSM (Le Breton, 2004).

Quem contribuiu de forma decisiva para a expansão e banalização das superfícies corporais perfuradas, foi o movimento *Punk*. Usavam alfinetes de bebe enfiados na cara, nos lábios ou nas mãos, tatuagens, queimaduras de cigarro, *brandings*, escarificações (Le Breton, 2004) e no final dos anos 70/80 adoptaram perfurações

consideradas na altura incomuns e outras até desconhecidas, tais como: perfuração das orelhas fora dos lóbulos, das sobrancelhas, do septo nasal, dos lábios e da língua, que pelo seu uso massificado transformaram-nas em ícones de moda (Waugh, 2007).

Para além dos *Punks*, os grandes fãs do *piercing* tal como já foi mencionado, encontravam-se sobretudo nos adeptos do sadomasoquismo e nas comunidades homossexuais e talvez por isso até aos anos 90 muitos acreditavam que os homens como uma orelha furada seriam homossexuais. Porém, durante os anos 80 a integração e banalização social dos *piercings* já se fazia notar e rapidamente foram completamente absorvidos pelas comunidades urbanas (Le Breton, 2004).

### 2.3. Escarificação

Na Papua Nova Guiné, a tribo Kaningara detém uma das tradições mais antigas e primitivas do mundo. Nos corpos dos adolescentes são feitos pequenos e múltiplos cortes de forma ágil e rápida, sem anestesia, num ritual que dura aproximadamente duas horas. É o marco da transição para a vida adulta (Guynup, 2004). Os rituais são uma imposição silenciosa aos participantes, obedecem a uma lógica, têm uma estrutura, finalidade e causa, e pela repetição e rigidez na sua execução constituem-se como fenómenos sócio culturais. É pela repetição que estabelecem harmonia e coerência dentro da sua cultura (Dias, 2009). Por meio deste ritual particular de modificação corporal acreditam transformar-se em homens-crocodilo, animal que veneram como Deus único e criador do mundo. Assim, os cortes que circundam o mamilo, representam os olhos do animal, as narinas são desenhadas próximo ao abdómen e as pernas e cauda, nas costas dos sujeitos. Os corpos são moldados pelos elementos da tribo mais experientes, sendo esta a única forma dos adolescentes serem verdadeiramente reconhecidos como membros da tribo. Após o ritual, adquirem respeito e a força do animal, já podendo então casar e proteger o seu território (De Mello, 2007; Silva, 2013).

A escarificação é uma prática actualmente em extinção na África, sendo mais facilmente encontrada nos membros anciãos (Coleman, 2002); mesmo assim e apesar de ter sido proibida pela maioria dos governos, as marcas corporais continuam a ser um ritual de passagem a persistir (Hall, 2000).

Na África subsariana, Angola, África do Sul, Costa do Marfim, Ghana, Guiné, Madagáscar, Malawi, Moçambique, Nigéria, Quênia, Senegal, Tanzânia, Zaire e Zimbábwe, verifica-se um sentido religioso ou de identidade social para as marcas corporais como anéis, pinturas e escarificações que preenchem os corpos nus (Costa, 2003). As texturas na pele, resultado das várias experiências de modificação corporal sobre o corpo eram amplamente preferidas à pele lisa, nua, sem nenhuma história para contar, são uma forma de embelezamento corporal e aumentam a atractividade dos seus portadores (De Mello, 2007).

A escarificação facial é uma actividade cultural amplamente difundida por toda a África. Em muitas das suas sociedades, as diferentes etapas do percurso de vida têm sido tradicionalmente gravadas e actualizadas num padrão complexo de cicatrizes sobre os corpos. Nos rapazes é corporalmente marcado o início da puberdade e a primeira morte que efectuam numa caçada ou luta. Nas meninas sinalizam-se as conquistas de vida mais relevantes como a primeira menstruação e o nascimento do primeiro filho (De Mello, 2007; Hall, 2000).

Na tribo nigeriana *Ga'anda*, o padrão complexo de cicatrizes no corpo tem início por volta dos cinco anos de idade, começa no estômago, seguindo-se a testa, antebraços, zona posterior do pescoço, cintura, nádegas e quadris. Quando completo, denomina-se por “*hleeta*” e comunitariamente transmite que a rapariga está pronta para casar. Esta prática é partilhada com as mulheres *Kutch* da Costa Ocidental do Norte da Índia (Hall, 2000). As escarificações faciais das mulheres da tribo nigeriana Ioruba expressam beleza, marcam etapas de vida e sobretudo identificam as famílias, linhagens ou subgrupos étnicos. As marcas faciais estão divididas em duas categorias: *ila-idile*, as marcas de linhagem e *ila-ara*, as marcas decorativas. Ambas resultam da incisão na pele de instrumentos afiados como facas, vidros, pedras e casca de coco, com o objetivo de traçar um desenho. Para se obter um relevo permanente, cicatrização do tipo queiloide, aplica-se um líquido vegetal acústico sobre a “ferida” e, para dar maior notoriedade à marca também podem recorrer ao uso de fuligem, pólvora ou outros pigmentos escuros que esfregam na pele. Os padrões mais complexos são encontrados no Congo, África do Sul, na tribo *Akan*. Segundo a tradição desta tribo, é Ogum, Deus do ferro, o responsável pelas artes cirúrgicas como a circuncisão, a escarificação facial e as tatuagens (Coleman, 2002).

Os *Shilluk* são um povo do Sudão que demonstra e exhibe a sua adesão à tribo através da escarificação de uma fileira de pérolas na testa. As cicatrizes são feitas durante a infância e o procedimento consiste em puxar para cima a pele, usando um gancho de anzol e depois cortar o excedente com uma faca afiada. Este tipo de marcas corporais pode ser igualmente encontrado nas Repúblicas do Chade e Zaire, apenas nos membros das tribos do sexo masculino (Hall, 2000). As raparigas de *Nuba*, do Sul do Sudão, escarificam o seu corpo do peito até ao umbigo em vários momentos ao longo da vida, como forma de assinalar eventos importantes. Quando esta zona do corpo se encontra totalmente preenchida, são escarificadas as costas das jovens, pernas, braços e por fim, o pescoço (De Mello, 2007).

Na Etiópia, um dos países mais antigos do mundo e a segunda nação mais populosa de África, verifica-se uma grande variedade de práticas de adorno e embelezamento corporal. A tribo Nyangatom do Sul, pratica a escarificação corporal no feminino, como forma de embelezamento e marcador de sensualidade e os desenhos configuram-se em pontos, curvas e linhas retas, nas bochechas, braços, abdómen, costas e pescoço. As mulheres também furam os lábios e usam jóias nos orifícios, cumprindo a função de adornos. Os homens, em sinal de bravura e glorificando o seu desempenho corajoso nas batalhas, escarificam os braços, ombros, costas e o peito. Por fim, toda a tribo usa alargadores no lábio inferior e grandes colares de contas que exprimem o seu *status* e riqueza (De Mello, 2007).

Já os habitantes da República Africana dos Camarões acreditam que é pelas suas marcas tribais, cicatrizes resultantes da escarificação corporal, que se distinguem dos animais com que coabitam e desta forma exaltam o seu *status*. Sem as marcas corporais sentem-se similares a chimpanzés ou a porcos. Um sentimento próximo ao anteriormente descrito e vivido pelas mulheres Maori (Nova Zelândia), que acreditam ser sinal de feiura ter a boca de cor vermelha com dentes brancos, sentindo-se parecidas com cães, e que por este motivo tatuam os lábios de preto (Hall, 2000).

Nas comunidades aborígenes australianas, o espectro de práticas de modificação corporal abrangia as pinturas corporais, a escarificação, o *piercing*, a circuncisão e a subincisão (De Mello, 2007). A Escarificação que já foi uma prática amplamente difundida na Austrália, mas que actualmente é pouco frequente tinha início na adolescência por volta dos 16 ou 17 anos e as cicatrizes simbolizavam o *status* social

dos sujeitos, a sua identidade individual, cumpriam funções de embelezamento e significavam resistência, força e coragem. Com uma pedra afiada, nas mulheres eram escarificadas linhas entre os seios e nos homens, o mesmo era feito sobre os ombros, peito e abdómen. As marcas corporais eram um requisito obrigatório que dava acesso à vida social, permitindo usufruir desde as relações comerciais até às de cariz romântico. Já os indivíduos de pele lisa, sem marcas de escarificação no corpo, eram marginalizados e impedidos de participar em qualquer actividade de natureza social (De Mello, 2007).

As pinturas corporais eram uma prática comum e consideradas actividade sagrada, na medida em que as tintas tradicionais eram feitas a partir da terra e as religiões aborígenes sedimentavam-se em torno do culto à terra (Vale & Juno, 1989). Veiculavam indicadores sociais, serviam funções comunicacionais e quando inseridas em danças tradicionais, contavam uma história. A tatuagem só chegou mais tarde no século XIX, com a extradição dos criminosos ingleses para a Austrália (De Mello, 2007).

A história da escarificação e da tatuagem são muito similares, encontram-se por diversas vezes ao longo do tempo. No passado ambas serviram para marcar escravos e marginais e em diferentes partes do mundo também serviram diferentes propósitos, mas sempre funcionaram como um meio de expressão (Guynup, 2004).

Toda a arte corporal no seu vasto espectro de manifestações assume significados específicos em diferentes culturas. Pode servir como elo de ligação aos deuses ou espíritos além de mediar a relação do sujeito com o meio sobrenatural, usando o corpo como escudo para as forças malignas e como amuleto para a boa sorte. Pode ter um efeito terapêutico, curativo e até mágico. As marcas podem simplesmente servir de adorno, como forma de embelezamento para o sexo oposto ou carregar o forte significado da mudança dum estágio de vida ou de um evento importante ou até, funcionarem como garantia para a entrada no outro mundo, permitindo ao sujeito ser reconhecido pelos seus semelhantes (Schildkrout, 2001).

Todavia, num mundo cada vez mais globalizado, as figuras, os motivos e as técnicas de modificação corporal têm ultrapassado as fronteiras culturais e pelo caminho, perdido os seus significados originais (Schildkrout, 2001) e ganhando uma mescla de novos sentidos.

## 2.4. Práticas de suspensão corporal

Historicamente, as suspensões corporais têm sido praticadas como ritual religioso em várias sociedades e normalmente envolvem danças, entoação de cânticos, meditação, prática de jejum e uso de substâncias alucinogénias, tudo com objectivo último de potenciar estados alterados de consciência como experiência de transe e viagens espirituais (De Mello, 2007).

Registam-se três tribos de referência na origem das suspensões corporais: a tribo Mandan que habitava o vale do Rio Missouri, a tribo Sioux das regiões de Dako do Norte e do Sul e os indianos Sadhus (Lírio, 2007).

O povo Mandan tinha como um dos seus principais rituais o “O-Kee-Pa” que trata de uma forma de suspensão nativo americana, que pressupõe a perfuração temporária do peito e costas dos jovens, como meio para acederem a um estado de transe ou êxtase e assim, possam comunicar com entidades espirituais (De Mello, 2007).

A Dança do Sol é uma cerimónia largamente reconhecida aos nativos da América do Norte, particularmente aos índios Sioux. Neste ritual que serve como rito de passagem ao testar a força, coragem e resistência dos mais novos, os sujeitos ligam-se a um poste vertical através de cordas presas a estruturas de osso ou espetos de madeira que lhes perfuram o peito, enquanto os mais velhos dançam ao ritmo dos tambores, cânticos e rezas entoados (De Mello, 2007).

Por fim, os Sadhus são geralmente comparados a monges embora não vivam em mosteiros mas geralmente em cavernas nas montanhas ou cabanas nas florestas, renunciaram aos bens materiais e cobrem o essencial do corpo com panos. Dedicam-se ao ioga, meditação, práticas religiosas e espirituais e na Índia são figuras extremamente respeitáveis e foram os responsáveis pela introdução tanto das práticas de contorcionismo como de suspensão corporal na Índia (Abreu, 2013).

Kavadi é um ritual hindu realizado no festival Thaipusan, durante o qual os sujeitos se penitenciam fisicamente e realizam oferendas ao Deus Muruga. A performance passa por carregar nos ombros e quadris fortes estruturas de metal que perfuram a pele nas costas e peito, entre outras formas de celebração, que incluem a

perfuração da língua e das bochechas por meio de lanças e a suspensão corporal (De Mello, 2007).

Como vimos a prática das suspensões corporais integra as técnicas de manipulação corporal desde as sociedades mais antigas, e nos anos 60 estes rituais foram resgatadas para a sociedade ocidental por influência de Fakir Musafar pai dos Primitivos Modernos e Doug Malloy um milionário entusiasta na pesquisa e divulgação das modificações corporais e dos jogos com o corpo<sup>15</sup> (Abreu, 2013; Pires, 2005). Inclusive em 1985 Fakir recria e regista os rituais da Dança do Sol<sup>16</sup> da tribo Sioux e “O-Kee-Pa” da tribo Mandan (Abreu, 2013; De Mello, 2007; Pires, 2005; Vale & Juno, 1989).

As suspensões corporais são um exemplo de apropriação dos costumes rituais de culturas tradicionais. Estas possuíam um sentido e um significado colectivo mas foram de certa forma ocidentalizadas, no sentido em que agora a prática é realizada de forma muito similar com condições adequadas à evolução da ciência, mas o significado é de índole totalmente subjectiva, é o significado o que o sujeito que lhe quiser atribuir.

Segundo Lório (2010, p.51-52) na actualidade existem vários motivos para se realizar uma suspensão corporal, como descobrir um sentido mais profundo de si, explorar o desconhecido e sentir-se livre. Neste sentido, Muller (2012) afirma que várias pessoas que vivenciaram esta prática partilham relatos de experiências de transcendência, meditativas e espirituais, promotoras de auto conhecimento e de desenvolvimento pessoal.

Desafiar um sistema de crenças, atingir iluminação espiritual e transcendência são motivações mencionadas também por Lório (2010) e explicadas por Latini (2005) como um movimento de procura de conexão com o divino não pela transcendência da experiência corporal mas através dela, usando-a como veículo.

A dor física inerente às práticas de modificação corporal, em situações mais extremas como é o caso da suspensão corporal, provoca descargas biológicas de adrenalina que geram sentimentos de euforia e experiências de êxtase, similares ou

---

<sup>15</sup> Explicado com detalhe no ponto 3.1.1. *Modern Primitives*

<sup>16</sup> *Dances Sacred and Profane: Fakir Musafar documentary (1985) - Part 5/6:*  
<https://www.youtube.com/watch?v=3OEmkgW2wTM>

iguais às referidas nas experiências de transcendência espiritual que se traduz igualmente numa motivação contemporânea (Latini, 2005; Lírio, 2007).

O autor (Lírio, 2007) remete também para o domínio das motivações a necessidade de controlar e dominar o medo, controlar o corpo, provar que se é capaz a si e aos outros bem como, obter prazer com as sensações estéticas e estésicas e transcender o corpo. As experiências de modificação corporal podem ser percebidas como uma forma de transcendência, de superação dos limites físicos e concomitantemente de enriquecimento espiritual e solidificação do carácter pessoal (Pires, 2001). Alguns sujeitos têm a capacidade de ultrapassar a dor física, dissociando-se do seu próprio corpo e durante estas experiências relatam visões e a sensação de profunda ligação com o cosmos e com os que os rodeiam (Latini, 2005), referem um sentimento de maior encontro consigo mesmos e com a natureza, bem como sensação de paz e harmonia, durante e após as experiências de modificação corporal (Muller, 2008).

Lírio (2007) acrescenta ainda três dimensões motivacionais, uma conhecida desde a ancestralidade, talvez a mais antiga, a suspensão como um ritual de passagem. Acontece que na contemporaneidade a iniciativa é pessoal e não social, o sujeito decide quando está preparado, não é sociedade que lhe impõe o ritual (Pires, 2001). Alargar a rede social, conhecer pessoas novas que partilhem os mesmos gostos e as mesmas experiências pode também funcionar como um impulsionador para a prática e por fim, a expressão de artes performativas, portanto motivações artísticas.

Esta prática caracterizada pelas dicotomias agressividade e cuidado, dor e prazer, assume variadas posições e possibilidades que produzem não apenas diferentes sensações mas que se constituem numa área de experimentação pessoal em que é possível recorrer à criatividade para expressar subjectividade (Lírio, 2008).

Há quem prefira suspender-se e “voar” num ritual mais íntimo e privado apenas rodeado pelos profissionais necessários para o efeito, mas o mais o comum é a prática que se tem vindo a disseminar em Portugal que são as suspensões no formato de festivais<sup>17</sup> ou de piqueniques<sup>18</sup>; neste último caso para quem prefere estar em contacto

---

<sup>17</sup> <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152436912916987&set=a.452185961986.241578.668711986&type=1&theater>

directo com a natureza. Em ambas as hipóteses acima referidas existe plateia e mais do que uma pessoa pode ser suspensa em simultâneo. Não há dados que já tenho ocorrido em Portugal, contudo em 2013 a suspensão corporal foi adoptada como desporto radical<sup>19</sup> por uma equipa russa, o efeito é o mesmo do *bungee jumping* mas os ganchos estão agarrados directamente ao corpo, neste caso ao de Stanislav Aksenov o impulsionador da prática. Esta é a mais recente inovação no domínio da suspensão corporal.

### 3. Da *Body Art* à *Body Modification*....

Ao reflectir sobre a relação entre *Body Modification* e *Body Art*, é necessário compreender que a primeira é uma espécie de expressão de vanguarda artística no campo da segunda (Souza, 2009). Na *Body Art*, o foco está no corpo e nas suas manifestações orgânicas (tais como fluídos corporais, sangue, vômito, excrementos, entre outros), o corpo deixa de funcionar como elo entre a arte e a vida e passa a ser ele próprio, objecto de arte. O objectivo é sensibilizar o público em relação aos seus próprios corpos, libertar o corpo dos valores culturais, sociais e estéticos vigentes e suscitar sentimentos e sensações opostas (Teixeira, 2006).

Na *Body Art* o artista usa o seu próprio corpo como instrumento. Relaciona-se de perto com a arte conceptual e a arte da performance, e floresceu ao mesmo tempo que estas duas formas da expressão atingiam os seus picos de reconhecimento e visibilidade nos anos 60 e 70 (tendo surgido algum revivalismo nos anos 90). Os trabalhos de *Body art* tanto são realizados em privado e transmitidos ao público através de meios audiovisuais, como a sua execução é directamente pública. O desempenho pode ser pré-coreografado ou extemporâneo e a participação dos espectadores normalmente não é solicitada. A *Body art* tem como base um espírito de entretenimento, contudo algumas questões têm surgido quanto à sua natureza, devido à dor auto-

---

<sup>18</sup> <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152306017641987&set=a.10151662185361987.1073741827.668711986&type=1&theater>

<sup>19</sup> <http://vimeo.com/sinnerteam>

infligida e aos actos ritualísticos de resistência presentes em algumas performances (Chilvers, 2003).

Este movimento foi concebido na sequência do estilo *Action Painting* de Pollock dos anos 50, também denominado por Abstração Gestual. Em comparação à cuidadosa e reflectida aplicação sobre a tela, trata dum estilo de pintura no qual a tinta é dispersa de forma totalmente livre enfatizando o lado físico da acção e corporalizando os gestos, a acção de pintar, como a principal preocupação dos artistas. Assim, na década seguinte surge a *Body Art* sustentada por várias correntes que procuram sensibilizar e aumentar a consciência corporal. Os artistas começam a utilizar o próprio corpo para provocar sentimentos. O corpo surge como agente emissor e receptor de sensações e prazer, alienado de eventuais restrições sociais ou dimensões pecaminosas de outras épocas (Pires, 2001). Gestos e marcas transformam-se numa nova gramática, na qual o corpo físico constitui-se como o principal elemento de comunicação e linguagem.

Após décadas de negligência e repressão do corpo a nível artístico e social, na década 60 este é resgatado através do surgimento de novas formas de exploração do corpo enquanto instrumento vivo, o que só foi possível no período pós-guerra II GM. Neste contexto, a *Body Art* “refere-se à utilização do corpo como um dispositivo político activado pela contextualização da arte performática” (Nascimento & Peres, 2012, p. 3), pretendia-se chocar a assistência eliminando qualquer estado de indiferença e passividade e despertar as consciências quanto à arte e quanto à vida (Silva, 2006).

Günther Brus, Hermann Nitsch, Chris Burden, Otto Mühl e Gina Page, são alguns dos artistas que acrescentaram à arte uma dimensão totalmente inovadora e marcante ao suscitarem sentimentos de aversão na audiência, conseguindo-o pela incorporação de sangue e excrementos nas suas apresentações e, pela exibição dos seus órgãos sexuais; provocando igualmente sensações de perigo e marcada agressividade recorrendo ao corpo físico ou outros elementos da condição humana, (Fleck, 1996). Este movimento denominado “*Viennese Actionism*” serviu como um protesto criativo, um grito de liberdade dos jovens artistas contra o pano social de fundo “pós-fascista” da Áustria em 1950/60, o que em parte explica a natureza extremista e violenta deste movimento artístico (Horassius, 2005). Se na actualidade as hipóteses de representação, apresentação e construção corporal parecem ilimitadas, em parte se deve ao legado

deixado por artistas pioneiros como os acima mencionados que durante décadas quebraram tabus e privilegiaram o corpo como forma de expressão (Silva, 2006)

Concluiu-se que na segunda metade do século XIX, a arte se desvincula do histórico e do sagrado e encontra-se com o corpo. Tendência que é acentuada com o Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo que transformam o corpo em motivo de “escárnio”, até Picasso lhe distorcer completamente contornos e limites. Progressivamente a tela é posta de lado e começa a transbordar para as paredes e para o tridimensionalismo, até ao corpo como tela, ao corpo como arte. A expressão artística é escrita sobre, através, e no corpo (Horassius, 2005).

A *Body art* contemporânea surge como um importante espaço para a compreensão das expressões de individualidade através das construções corporais, “o artista coloca-se como obra viva, usando o corpo como instrumento, destacando a sua ligação com o público e a relação tempo-espaço” (Pires, 2005, p.69).

A *Body Modification* afasta-se da *Body Art* ao traduzir-se como um novo olhar sobre o “mesmo” corpo. Na *Body Modification* “não há distinção entre o artista e a obra, entre o sujeito criador e o objeto” (Pires, 2003. p.136), a duração da exposição é o tempo de vida do sujeito e os locais por onde ele passa. A *Body Modification* vem retirar os limites de duração e de espaço das performances, o que não significa o seu fim mas, um constante compromisso, a vida dos sujeitos é a performance, e esta tem uma infinidade de hipóteses para se revelar (Silva, 2009).

Se na *Body Art* se pretendia desfeticizar o corpo humano e daí o seu lado performativo mais orgânico e visceral, na *Body Modification* tanto o fetiche como a exploração sensorial são marcas incontestáveis (Souza, 2009).

Todavia, as modificações corporais apresentam-se também como construções estéticas que se afastam dos usos correntes dos saberes da *Body art*, na medida em que gradualmente se têm afastado da concepção de performances públicas, deste modo, verificam-se duas vertentes através das quais a adesão pode ocorrer. Numa primeira vertente a relação com o uso do corpo é particular, sendo privilegiado o significado subjectivo das marcas, passível de ser apreendido através das narrativas pessoais. Numa segunda vertente, a relação com as modificações corporais é partilhada com o grupo, contribuindo para um significado colectivo das práticas, tal como acontece nos

movimentos: *Modern Primitives*, CoBM - *Curch of Body Modification* e *Body Hactivism* (Souza, 2009).

### 3.1. Movimentos predominantes na actualidade

#### 3.1.1. *Modern Primitives*

Os *Modern Primitives* representam um movimento que surge em meados dos anos 60, no qual os jogos corporais ou *Body Play* surgem como práticas ritualizadas fruto de instintos universais (Teixeira, 2006). *Fakir Musafar* é o Pai dos *Modern Primitives* e um ícone da *body modification*, reconhecido como pioneiro da popularização das modificações corporais enquanto forma de expressão e, director da única escola de *body art* do mundo situada na Califórnia (Silva, 2007).

Na sua revista "*Body Play and Modern Primitives Quarterly*" (BP & MPQ 1(1):3), definiu os jogos com o corpo como: "a modificação deliberada e ritualizada do corpo humano com raízes profundas e caracteriza-a como um instinto universal que parece transcender o tempo e as barreiras culturais" (Klesse, 1999 cit. in Feartherstone, 2000), tendo-os organizado em sete categorias principais:

1. **Jogos por Contorção - Distensão:** ginástica; contorcionismo; exercícios de *Yoga* e práticas *Hindu* de *Sadhus*<sup>20</sup>; "*Scavenger's Daughter*"<sup>21</sup>; alargamento de *piercings (stretching)*; "*cupping*"<sup>22</sup>; sapatos de salto alto; "*foot-binding*"<sup>23</sup> e alongamento de partes do corpo, entre outras.
2. **Jogos por Constricção - Compressão:** *bondage*; cintos apertados; roupa justa (ex.: borracha); corpetes/espartilhos; cordas e prensas no corpo, entre outras.

---

<sup>20</sup> Nas quais, frutas são costuradas à pele permanecendo assim até secarem, embora nos jogos com o corpo sejam substituídas por pesos de chumbo e a duração da experiência seja mais curta.

<sup>21</sup> Instrumento de tortura do reinado de Henrique VIII de Inglaterra, que consiste numa estrutura de metal em forma de A - a cabeça dos sujeitos é amarrado ao ponto alto do A, as mãos no ponto médio e as pernas nas extremidades inferiores, balançando a cabeça para baixo e forçando os joelhos para cima - os indivíduos estão sentados de modo que o corpo seja comprimido e a forçar o sangue a partir do nariz e ouvidos.

<sup>22</sup> Medicina alternativa chinesa de sucção da pele através de ventosas.

<sup>23</sup> Enfaixamento dos pés.

3. **Jogos por Privação - “Shut-Off” e “Frozen”**: jejum; privação de sono; restrição de movimentos; isolamento em caixas, gaiolas ou através de capacetes/ capuz; fatos corporais completos ou sacos corporais, etc.
4. **Jogos de Impedimento - Vestir/Usar Ferro**: pulseiras e tornozeleiras, ornamentos para o pescoço, calçado, algemas e correntes, etc.
5. **Jogos de Fogo - “Burn-Out”**: bronzamento excessivo; corrente eléctrica contínua ou por choque; banhos e caixas de vapor/calor; “branding”, entre outras.
6. **Jogos por Penetração - Invasão**: flagelação; perfuração; tatuagem; cama de pregos ou espadas e objectos/ substâncias irritantes como roupas e alguns agentes químicos, etc.
7. **Jogos por Suspensão - “Hung-Up”**: suspensão numa cruz; suspensão pelos pulsos, ancas, peito e tornozelos, através de “ganchos” inseridos na carne, bem como suspensão por constrição ou múltiplos *piercings*, etc. (Dias, 2014; Pires, 2005; Vale & Juno, 1989).

A designação tribal *Modern Primitives* fundamenta o modo de vida daqueles que mesmo sendo membros da sociedade actual baseada na racionalidade e na lógica, se guiam pela intuição e colocam o corpo no centro das suas experiências (Dias, 2014; Pires, 2005). As práticas de modificação corporal inseridas neste movimento podem ser compreendidas como um meio de “produção dum corpo tribal contemporâneo e os seus adeptos, como membros de uma tribo urbana” (Teixeira, 2006, p.69) que respondem a impulsos primitivos e recorrem ao conhecimento obtido pelas sociedades ancestrais que há milhares de anos já praticavam rituais de modificação corporal (Pires, 2001).

Fakir Musafar introduziu um fortíssimo carácter ritualístico às práticas de modificação corporal (Silva, 2009) como ele as denomina, jogos com o corpo, às quais associa uma forte componente lúdica em que o divertimento e o prazer são centrais e motores para a acção (Pires, 2005; Vale & Juno, 1989).

Para os primitivos modernos, a dor não é percebida como algo positivo nem negativo mas, como algo essencial. As sensações físicas vividas pelo indivíduo fazem-no perceber que seu corpo é transitório e mortal. O valor da dor, a sua conotação e relevância, está naquilo que é possível alcançar através dela, surgindo como meio para alcançar estados alterados de consciência que irão permitir aos sujeitos vivenciar as

experiências de transcendência e de cunho espiritual que almejam (Dias, 2014; Nyberg, 2006). Segundo Fakir, a dor e os limites a que o corpo é exposto nas modificações corporais permitem a transcendência espiritual e o resgate de uma espécie de “essência tribal” que os primitivos modernos defendem existir no Homem contemporâneo (Souza, 2009).

Na opinião de Le Breton (2003), os significados originais dos rituais de modificação corporal de certa forma perderam-se, ao serem simplificados a favor da sua dimensão estética e desempenho físico. Este autor vai mais longe, ao considerar que o “primitivismo moderno é uma colagem de práticas e de rituais fora de contexto (...) longe do seu significado original, muitas vezes ignorado por aqueles que o empregam transformando-o em performances físicas (p.38)”. Há como que um empréstimo das práticas rentabilizadas por significado mais modernos ou mais actualizados.

Uma das principais diferenças entre as sociedades tribais e a sociedade contemporânea é relação com o tempo. Nas tribos primitivas, as marcas corporais tinham a função de assinalar determinada etapa do curso de vida e servir como rituais de passagem, comprovando no corpo o amadurecimento físico, emocional e espiritual dos sujeitos. O momento da inscrição corporal estava designado à partida pelos costumes da comunidade e pelo seu líder espiritual. Hoje, a iniciativa é pessoal e não social e o tempo é determinado pelo próprio sujeito (Pires, 2001, 2005).

A visão crítica de Le Breton é próxima à de um fenómeno de aculturação, destacado por Braz (2006, p. 5) quando menciona: “a referência a um primitivismo idealizado romanticamente lhes servia – e continua servindo a muitos adeptos da *Body Modification* – de substrato para dar sentido e legitimidade às suas práticas”.

### **3.1.2. *Church of Body Modification***

Outro movimento encontrado dentro da perspectiva da significação colectiva das práticas é a CoBM ou *Church of Body Modification*. Esta comunidade constitui-se numa fundação sem fins lucrativos, acompanhando os seus seguidores sem esperar qualquer pagamento ou donativo. Foi criada em 1999 e tem aproximadamente 3.500 membros nos EUA. Envolve rituais de modificação corporal tanto ancestrais como modernos (*piercing*, escarificação, tatuagem e suspensão corporal) defendendo que

esses rituais são fundamentais para o desenvolvimento da sua espiritualidade. A prática de modificações corporais surge deste modo, como um meio para reforçar os vínculos entre mente, corpo e espírito. Os seus seguidores defendem fazer parte de uma comunidade dinâmica em constante mutação, no sentido literal do termo, mantendo o objectivo de promover a segurança, a educação e a partilha de experiências relativamente às suas práticas (Gold, 2011).

A *Church of Body Modification* mantém um *site*<sup>24</sup> no qual define os seus princípios e linhas orientadoras principais. Defendem a exploração do mundo tanto físico como sobrenatural, através da modificação corporal espiritual e acreditam que este é o caminho para a auto-descoberta e desenvolvimento pessoal. As práticas religiosas como rezar, meditar, disciplinar corpo e mente e rituais de passagem, têm como finalidade conduzir os indivíduos a estados de consciência excepcionais, como experiências directas com o divino e de união cósmica, que podem ser experiências difíceis e dramaticamente transformativas.

Na declaração de visão que apresentam, entre outros aspectos partilham o objectivo de cultivar as suas crenças religiosas sinceras sem restrições e concebem uma altura em que a prática dos seus rituais e de modificação corporal não será alvo de preconceito ou discriminação. A nível social isto traduz-se na exibição sem qualquer constrangimento das suas marcas corporais devido ao seu carácter religioso e é nesta dimensão que têm recebido algumas críticas como forma de subterfúgio ao uso de modificações corporais nas escolas e contexto profissional (Barry, 2007; Gold, 2011).

### **3.1.3. *Body Hactivism***

Por fim, o *Body Hactivism* é um movimento de modificações corporais extremas que pode ser encontrado na Europa, EUA e América do Sul, criado no ano de 2000 por Lukas Zpira e impulsionado por Ryoichi Moeda e que nasce da necessidade de se definir um movimento artístico de investigadores interessados nas mutações e no uso do corpo como meio de transformação (Duarte, 2013, 2014). Este movimento opõe-se aos primitivos modernos na medida em que usufruem exclusivamente de uma perspectiva vanguardista relativamente às modificações corporais, como a influência da

---

<sup>24</sup> <http://uscobm.com/>

cultura *mangá*, dos *comics*, filmes de ficção científica e literatura moderna (Souza, 2009).

Os objectivos teóricos e práticos deste movimento consistem em criar hipóteses de modificar o corpo através da tecnologia, compreender o funcionamento do corpo e através de experiências tecnológicas melhorar o potencial do corpo humano (Pitts, 2003). Neste sentido “*body hacking*” refere-se a indivíduos que voluntariamente alteram o seu corpo ligando-se a componentes artificiais, aparelhos tecnológicos que possam ser aplicados ao corpo. A ideia é transformar o comportamento natural, desenvolver novos sentidos e novas experiências corporais (Duarte, 2013, 2014).

Lukas Zapira é modificador corporal e um artista conceptual que procura ultrapassar os limites corporais reais e aceder a um nível de auto expressão apenas limitado pela capacidade imaginativa de cada um. Em 2004 em Osaka no Japão, apresenta o “*Body Hactivism Manifesto*”, sem dúvida um marco para este movimento, pois trata-se de uma afirmação artística e política que declara a beleza da biodiversidade corporal e justapõe-se aos *standards* homogeneizados por Hollywood, o mesmo que dizer, aos critérios de beleza ocidentais de perfeição e simetria. *Body Hactivism* mais do que um grupo é uma forma de estar, é uma filosofia de vida que se baseia na necessidade de agir e tomar rédeas do próprio destino, a par com uma vontade infinita de auto reinvenção.

No manifesto, o responsável por este movimento chama a atenção para o facto da humanidade ter sofrido mudanças legítimas com o avanço do conhecimento científico nas áreas da biomédica, inteligência artificial e cibernética que vieram potenciar o desenvolvimento humano. Para Zpira o corpo “natural” tornou-se obsoleto quando é possível realizar mudanças pertinentes para a evolução humana através da ciência, tecnologia e biotecnologia. Os produtos e aparelhos que desenvolve envolvem uma concepção futurista de coexistência híbrida, humano-máquina e é neste sentido que se pretende libertar a sociedade da “ordem natural” sem medo da punição divina e criar uma fusão entre homem e máquina que contribua para a evolução da raça.

Com o objetivo de transcender os limites do corpo, criou em 2008 a C.Y.BORGanization, a primeira organização a trabalhar na noção de *body hactivism*, constituindo-se por um grupo informal com vários membros independentes que disponibiliza a instalação subcutânea de *chips* RFID (identificação por rádio

frequência), permitindo ao seu utilizador programar uma série de aplicações diferentes, como é possível constatar no próprio *site*<sup>25</sup> “*Hacking the future*” (Duarte, 2013, 2014).

No mesmo ano de 2008, para além dos RFID surgem os M.A.T.S.I - os primeiros implantes artísticos tecnológicos, que é o acrónimo para *Multi-Application Titanium Skin Interface*, ou seja, interface de aplicações múltiplas de titânio com a pele. A ideia que sustenta estes implantes está na alteração da interface entre o corpo e o ambiente através de modificação de grandes porções de pele com um implante de base tecnológica, como um *Ipod* ou um *MP3 player* (Duarte, 2013, 2014).

Neste sentido, o *Body Hactivism* é também uma forma de questionamento sobre a liberdade de escolha perante um número crescente de opções de transformação do corpo e consequentemente da humanidade, o que obriga a uma reavaliação dos interesses colectivos e individuais e de quais devem ser priorizados, uma discussão e uma reflexão que vão sempre acompanhar a evolução deste movimento futurista.

#### 4. Uniformização dos discursos sobre Modificações Corporais

Num domínio ainda algo obscuro e desconhecido para muitos, torna-se fundamental clarificar as diferentes práticas de MC. Pretende-se atingir uma determinada uniformização dos discursos, que possibilite uma compreensão mais alargada deste universo, que ressurgiu nos últimos trinta anos como área de interesse no Ocidente (Featherstone, 2001).

Reconhecendo a amplitude e diversidade das formas de modificação corporal, apresentamos uma hipótese de classificação geral, conscientes da impossibilidade de abranger a totalidade deste fenómeno. Para o efeito recorreremos a fontes académicas (Le Breton, 2004 e Teixeira, 2006), bem como a fontes empíricas, nomeadamente o site BME ou *Body Modification Ezine*. Este *site*<sup>26</sup> apresenta-se como a página virtual com maior visibilidade neste meio, contendo uma vasta gama de informações textuais e

---

<sup>25</sup> <http://www.hackingthefuture.org/main.htm>

<sup>26</sup> <http://www.bmezine.com/> fundado em 1994 por Shanon Larrat. ([http://wiki.bme.com/index.php?title=Shannon\\_Larratt](http://wiki.bme.com/index.php?title=Shannon_Larratt)) um ícone no universo das MC pelo seu enorme contributo no que respeita ao desenvolvimento e disseminação de informação neste domínio.

visuais, que dão voz às experiências pessoais de milhares de modificadores corporais de todo o mundo. Inclusive, disponibiliza uma *wikipédia* própria, destinada apenas à definição e clarificação das variantes da modificação corporal.

Perante a ausência de consenso entre especialistas académicos e empíricos, a classificação apresentada posteriormente tem como base a organização proposta no *site* BME. Assim, primeiro serão apresentadas as modificações corporais não *mainstream* e por último, as práticas consideradas não *mainstream extreme* ou *hard*. É possível pensar as modificações não *mainstream*, como as que apresentam maior impacto pela sua “estranheza”, elevado grau de complexidade nas intervenções e risco agravado para a integridade física do indivíduo, bem como pelo carácter de maior permanência e irreversibilidade (consultar Anexo C).

#### **4.1. Modificações Corporais Não *Mainstream***

Ao considerarmos as MC não *mainstream*, a Tatuagem é provavelmente a mais popular e banalizada. Trata-se de um processo no qual um pigmento é permanentemente implantado sob a pele, perfurando a epiderme e depositando-se na derme, embora actualmente o seu carácter definitivo tenha vindo a ser ultrapassado através do desenvolvimento de técnicas e procedimentos cirúrgicos, como a remoção a laser.

A Escarificação consiste na criação intencional de cicatrizes no corpo, de uma forma controlada e com aspecto tridimensional. Distancia-se da auto-mutilação na medida em que preenche única e exclusivamente motivações estéticas e não é utilizada como estratégia de *coping* para lidar com *stress* ou ansiedade. Este tipo de MC engloba ainda oito subtipos, que se distinguem pelo processo e no resultado final:

- O *Branding*, no qual a cicatriz é criada através da aplicação de um material aquecido, geralmente de metal ou através de laser. O resultado final, um *Branding* cicatrizado apresenta-se como um padrão de linhas grossas salientes e ligeiramente mais suaves que a cor da pele natural do sujeito. Contudo, para se obterem padrões mais complexos e detalhados pode ser utilizado um aparelho eléctrico de bisturi.

- O *Cutting* consiste no desenho de um projecto pré-definido na pele através da utilização de uma lâmina ou bisturi cirúrgico. Geralmente não ultrapassa os três milímetros de profundidade, tendo como finalidade o corte uniforme e consistente e, não a remoção de pele. Os cuidados após a intervenção serão cruciais para obtenção do efeito final idealizado.
- A Escarificação Química como a designação indica, é o processo de escarificação através do uso de produtos químicos e, pode ser conseguida de duas formas: *cutting* com adição de um químico que aumente a resposta de irritação da pele, ou uso directo de um químico na pele para obter o padrão de desenho pretendido.
- A Escarificação Abrasiva traduz-se pelo desgaste contínuo da pele, com a ponta abrasiva de ferramentas rotativas como uma dremel<sup>27</sup>. É uma técnica sangrenta, ainda que ofereça um grande controlo da linha de contorno. Permite obter quase todos os tipos e texturas de cicatriz, embora seja preferencialmente utilizada para a criação de cicatrizes mais subtis.
- A Escarificação por Injeção é uma técnica rara, que consiste na obtenção de resultados através de uma injeção única de álcool ou outros fluidos nocivos que vão originar uma bolha. Os resultados não são susceptíveis de ser controlados e como tal, acarreta maior potencial de risco.
- A Escarificação com Máquina de Tatuagem traduz-se pela sobre-tatuação de uma determinada área, sem utilizar tinta. O resultado são cicatrizes visivelmente subtis mas bem detalhadas.
- O *Peeling*, também conhecido por “*Skin removal*” ou “*Skinning*”, é uma forma de escarificação na qual a remoção da pele é feita através de uma lâmina ou bisturi cirúrgico. Numa fase inicial é similar ao *cutting* mas de menor profundidade. Numa fase posterior, com o auxílio de uma pinça, o tecido a ser retirado é puxado para trás enquanto se realizam cortes de forma continuada até à sua remoção total, o que vai configurar um desenho pré-definido.
- O *Ash Rubbing* consiste na fricção de cinzas nas cicatrizes resultantes de *cutting*. A opção por esta técnica potencia a resposta inflamatória da pele e consequentemente o tamanho da cicatriz. Acontece que as cinzas resultam da

---

<sup>27</sup> Dremel é uma marca de ferramentas, cujos instrumentos com maior visibilidade apresentam elevada velocidade de rotação para perfurar, cortar, lixar e polir.

combustão incompleta de madeira, são essencialmente carbono com uma camada de monóxido sideral, o que as torna potencialmente cancerígenas.

- O *Ink Rubbing* é uma variação da modificação anterior e consiste na fricção de tinta nas cicatrizes resultantes. Embora pouca tinta permaneça e o resultado não seja muito visível, alguns sujeitos optam por usar tinta vermelha de modo a intensificar o resultado final.

O *Piercing* refere-se à perfuração de uma parte do corpo, geralmente com o propósito de colocar um objecto como uma jóia de aço cirúrgico, titânio ou teflon. Existem cerca de 137 tipos diferentes de *piercings*, que podem ser enquadrados em sete categorias principais: *piercings* nas orelhas; *piercings* extremos (que incluem três subtipos: *fistula transplante piercing*, *flesh coil piercing* e *piercings esculpidos*); *piercings* faciais; *piercings* orais; *piercings* genitais; *piercings* de superfície e incomuns. É de realçar ainda, que dentro destes sete subtipos é possível encontrar diferentes vertentes quanto à localização da peça no corpo.

Para o *Play Piercing*, utilizam-se agulhas hipodérmicas e raramente se inserem jóias. O objectivo é simplesmente experienciar a sensação de ser “furado” (*pierced*) múltiplas vezes e simultaneamente em diferentes partes do corpo. Quando são colocadas fitas entrelaçadas nas agulhas que proporcionam um efeito tipo espartilho, a prática designa-se por *Corset piercing*.

Dentro desta área da MC inclui-se uma vertente específica – o *Stretching* – que se traduz na prática pelo alargamento do furo realizado pelo *piercing* com o intuito de colocar uma peça de maior dimensão. Este procedimento pode ser concretizado em diferentes partes do corpo como o nariz, as orelhas, o queixo, entre outros menos comuns como os tornozelos.

Encerramos o domínio dos *piercings* com o *Pocketing* também descrito como “Anti-*piercing*”, no qual as extremidades da joalheria situam-se debaixo da pele, enquanto o meio fica exposto para o exterior. A peça inserida consiste numa barra personalizada com determinada curvatura, e extremidades arredondadas.

Os Implantes Subcutâneos ou Subdermais são dispositivos artificiais inseridos cirurgicamente no corpo. Os materiais implantados devem ser biocompatíveis, existindo um número significativo de opções como o implante de aço grau, titânio ou alumínio, ligas de nióbio, bem como polímeros de teflon e silicone. Na prática, consiste numa

única incisão através da qual uma espátula é inserida sob a pele criando espaço para que o objecto seja implantado, terminando com a sutura da incisão e evidenciando um aspecto em três dimensões.

Os Implantes Transdérmicos recaem algures entre o orifício único e o implante, na medida em que uma parte do *piercing* permanece debaixo da pele e a restante estrutura de metal fica visível. Assim, o efeito visual é de uma peça que parece estar “aparafusada” directamente ao corpo. Embora o efeito final não seja muito distante do de um *piercing*, o processo é radicalmente mais complexo, executar o procedimento de implante requer ferramentas avançadas, técnica e uma mão experiente.

A Suspensão Corporal<sup>28</sup> refere-se a uma condição na qual corpo é suspenso no ar, auxiliado por ganchos similares a anzóis (*piercings* temporários), que atravessam a pele e que presos a cordas e roldanas possibilitam a elevação e suspensão do indivíduo em diversas posições (Figura 1).

Algumas variações podem ser encontradas no contexto das Suspensões Corporais:

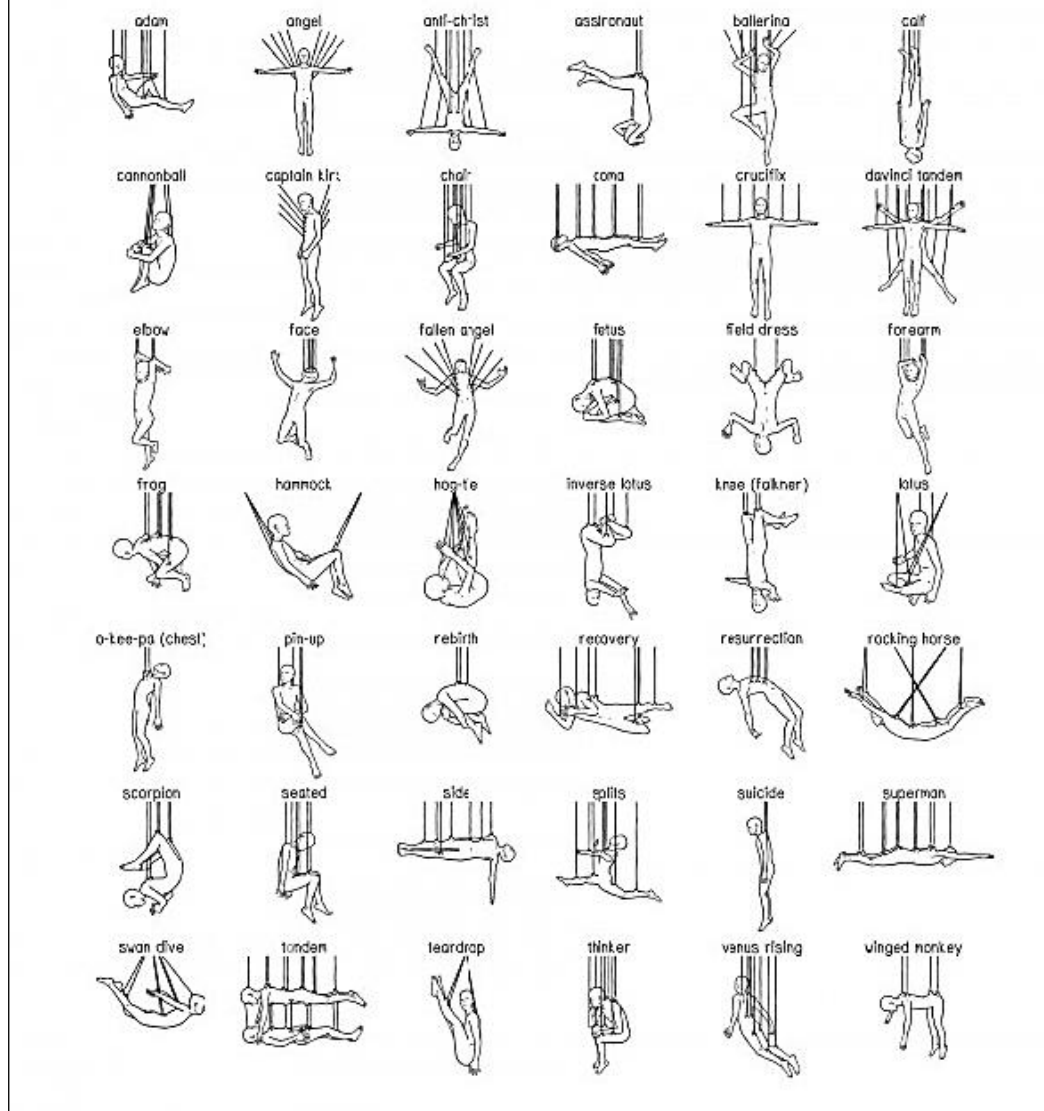
- *Spinning Beams* é uma prática que pressupõe a utilização de uma estrutura giratória constituída por vigas de quatro a dez metros de comprimento que se encontram penduradas nesse mesmo suporte e permite que várias pessoas sejam suspensas em simultâneo, uma em cada extremidade da estrutura e consoante o contexto podem influenciar os seus movimentos através do toque em paredes, por autonomia;
- No *Pulling*, os participantes utilizam a sua própria força e peso, duas ou mais pessoas com “ganchos” nas costas e unidas por uma corda movimentam-se em sentidos inversos, o que pode incluir por exemplo até seis pessoas em formato de estrela, entre outras possibilidades, como “puxar” um carro, etc.
- *Tandem* é o tipo de suspensão corporal na qual um dos sujeitos é suspenso por “ganchos” através de outro que vez já se encontra em suspensão, proporcionando assim uma figura vertical de ambos os corpos.

---

<sup>28</sup> Nota dos autores: apesar da exuberância da prática de suspensão corporal, esta pode ser questionada quanto à designação de modificação corporal, visto não ser uma transformação física permanente e se aproximar mais de uma experiência com o corpo do que de uma modificação do mesmo.

Figura 1

Posições de suspensão corporal (fonte: suspension.org.)



## 4.2. Modificações Corporais Extremas ou Não *Mainstream Hard*

### 4.2.1. Modificações Extremas Orais

A Bifurcação da Língua traduz-se pela divisão da língua em duas partes iguais, modificação esta que pode ser conseguida por meio de diferentes intervenções, como a cirurgia oral ou o procedimento a laser, que leva uma a duas semanas para a cicatrização primária e um mês para a recuperação total. O método *Tie-Off* consiste num

procedimento gradual de divisão da língua permitindo um tempo de ajuste, mas que pode significar semanas de extremo desconforto. Existe também o método *Scalpelling*, no qual a divisão é conseguida através de uma lâmina, o que o torna num método muito sangrento, pelo que muitos profissionais optam pela cauterização eléctrica ou por ferramentas tradicionais de *branding* e outros recorrem a químicos para controlar a hemorragia. Por sua vez, o método de Cauterização é próximo do *Scalpelling* mas difere deste último na medida em que é utilizada uma lâmina aquecida, eliminando quase na totalidade o sangramento. Pode ainda recorrer-se ao método de Sutura que permite uma aparência mais "natural" e arredondada.

A Frenectomia da Língua é a prática de remoção do freio da língua, ou seja é o corte do tecido conjuntivo que se situa por baixo da língua com o objectivo de a alongar para esta “aparecer” mais quando está fora da boca, o que por vezes facilita a colocação de *piercings*.

#### **4.2.2. Implantes considerados “Hard”**

O Implante Ocular consiste na colocação de um implante na esclerótica do olho (implante superficial da conjuntiva interpalpebral), e pode apresentar vários formatos em função dos gostos pessoais (coração, estrela, euro, trevo, nota de música, entre outros).

Os Implantes Magnéticos permitem ao utilizador anexar itens magnéticos à superfície da sua pele, bem como sentir campos electromagnéticos. Estes implantes são constituídos por injeções de silicone que formam uma cobertura total sobre o íman diminuindo os problemas de rejeição provocados pelos implantes magnéticos de primeira geração, em que ocorreram rupturas do silicone e posterior remoção do implante (devido à rejeição corporal do mesmo).

#### **4.2.3 Modificações Extremas Genitais**

A Penectomia consiste na remoção do escroto e dos testículos seguindo-se da remoção total ou parcial do pénis, sendo o resultado um estado sem género, embora seja possível a manutenção duma vida sexualmente activa. Não confundir com Castração, que designa a remoção ou destruição de um ou ambos os testículos. Por sua vez, a

Frenectomia genital, é a modificação cirúrgica que permite a remoção do freio da glande, já a Glanssectomia é a remoção da própria glande.

Os *Piercings* Transcrotais são *piercings* que “viajam” para o interior do corpo através do escroto e depois saem novamente atravessando o mesmo. Se ocorrer um processo infeccioso, este ultrapassa a primeira linha do corpo e rapidamente pode transformar-se numa situação bastante perigosa para os sujeitos.

As Injeções de Silicone podem ser administradas em várias zonas do corpo, embora neste contexto ocorram na genitália masculina, aumentando a circunferência do pénis até 300 %. Não é um procedimento reversível sem cirurgia invasiva extensiva e potencialmente danosa.

A Bisseção Genital é a designação para o processo de divisão total ou parcial, geralmente dos genitais masculinos. A divisão parcial pode ser feita em comprimento ou no eixo, existindo outras variações que incluem a inversão do pénis, ficando a glande intacta. É uma modificação rara e um procedimento extremamente invasivo e perigoso.

A Circuncisão Feminina significa a remoção total ou parcial do capuz clitoriano, embora também possa significar a divisão do mesmo. O termo encobre por vezes, em função das fontes de informação, a remoção dos pequenos lábios.

#### **4.2.4. Modificações Extremas nas Orelhas**

O *Ear Pointing*, na prática consiste na modificação das orelhas com intuito de atingir a aparência das orelhas de um duende e passa pela remoção duma pequena porção de tecido na ponta da orelha para que as duas extremidades sejam então suturadas juntas.

O *Ear Cropping* trata da remoção de parte da cartilagem desta zona do corpo, não estando visualmente muito distante do efeito provocado pelo recorte das orelhas em cães como os de raça boxer. Por fim, o *Ear Shapping* inclui uma série de métodos pseudo cirúrgicos que envolvem as duas práticas anteriormente descritas, às quais se acrescenta a remoção do lóbulo da orelha.

#### 4.2.5. Outros tipos de Modificações Corporais Extremas

Seleccionámos apenas alguns exemplos, devido à impossibilidade de apresentar todo o espectro de variações das MC extremas e optámos pelas que se afastavam mais das anteriormente descritas no sentido de permitir aos leitores o acesso à maior diversidade possível de metamorfoses corporais intencionais.

A Nulificação é a prática de remoção voluntária de partes do corpo que abrange a amputação dos dedos das mãos e dos pés, e em casos extremos inclui a remoção de membros completos, bem como a eliminação dos mamilos ou dentes. Embora surja como uma categoria individual e distinta no *site* BME, a Amputação traduz-se pela remoção voluntária de membros ou dígitos.

A já referida remoção ou eliminação do mamilo, trata da sua amputação total ou parcial, encontrando-se ainda outra variante que é a Bissecção do mamilo. São actividades maioritariamente masculinas, pois no sexo feminino podem conduzir a mastite. O mesmo procedimento de remoção tem sido realizado no umbigo, ficando a zona abdominal com um aspecto totalmente liso, o que é uma prática bastante recente.

Como foi clarificado na definição do processo de *stretching*, este pode ser realizado em diferentes partes do corpo. Deste modo, o *Stretching* anal consiste num processo de alargamento que é muito similar ao *stretching* feito num furo de orelha, permitindo chegar aos 38 centímetros de circunferência rectal, 12 centímetros de diâmetro ou até mais, sendo que após três a seis horas o ânus volta ao seu tamanho natural sem qualquer comprometimento funcional. Neste domínio é possível ainda acrescentar uma prática bastante recente, referimo-nos ao “*Anal Bleaching*”, o processo de branqueamento anal por meio da tatuagem (Donohoe, 2006).

O “Arquivamento” dos dentes é uma prática ancestral recuperada para a actualidade através de meios modernizados e consiste na reformulação do aspecto dos dentes, pela remoção duma parte específica que vai proporcionar um aspecto visivelmente afiado, muito similar aos caninos de um vampiro. A inversão desta modificação corporal é extremamente dispendiosa.

Embora ainda não seja feita referência a esta prática no *site* BME, o *Bumpy* trata de uma modificação temporária que alcança cada vez mais adeptos, sendo o Japão um

dos países com maior visibilidade neste domínio. Quanto ao procedimento, é escolhido um local do corpo e com o auxílio de um cateter é injetada sob a pele uma solução salina (soro fisiológico) com a intenção de aumentar o volume dessa mesma zona. Após a inflamação é possível criar pequenas depressões no seu formato apenas pressionando-o com os dedos por alguns segundos. Posteriormente, a solução salina é absorvida e expelida pelo próprio organismo. Ao contrário daquilo que se possa pensar, esta não é uma técnica recente. No livro *ModCon* de Shannon Larratt (2002, p.21) verifica-se a descrição deste mesmo procedimento na década de 90.

## **5. Discursos sobre os corpos modificados**

Porquê permanecer infeliz com algo que não se gosta ou não se tem, se é possível mudar isso? Diariamente dá-se resposta a esta pergunta, quando alteramos a nossa cor natural de cabelo, adicionamos lentes de contacto coloridas ou pintamos as paredes do nosso quarto cuja cor de origem nos desagradava ou simplesmente não nos preenchia. Talvez de forma demasiado simplista podemos pensar que o mesmo pode ser feito com a nossa pele... se não nos agrada ou não nos totaliza, podemos alterá-la com tinta, marcá-la com cicatrizes ou perfurá-la, desde que nos torne esteticamente mais felizes e mais próximo daquilo que desejamos ser no que toca à aparência (Muller, 2012). Esta dimensão circunscrita à utilização da pele como um invólucro manipulável é apenas uma das muitas significações que encontramos na produção de conhecimento sobre as modificações corporais.

“Os campos de estudo que envolvem as modificações corporais são vastos assim como os indícios de que elas estiveram presentes no quotidiano de inúmeras sociedades tribais. Após conhecer parte dessa história e definir as especificidades de cada prática e adornos corporais na antiguidade até os dias actuais, é necessário buscar compreender os motivos que ainda levam indivíduos que vivem em sociedades modernas em meio a tecnologias e corpos cada vez mais dispensáveis a retomar esses hábitos modificando seus corpos e alterando sua aparência física de maneira praticamente irreversível” (Dias, 2014, p. 52).

A revisão bibliográfica sobre as motivações, significados e configurações pessoais subjacentes a este tipo de práticas, obrigou-nos a uma organização de conteúdos tendo em linha de conta as produções de vários autores sobre a temática das modificações corporais. Assim, os pontos que se seguem reflectem a agregação dos conteúdos encontrados, por meio de seis principais linhas de compreensão do corpo: como objecto estético, artístico e de consumo; autobiográfico, relacional e memorial; distinto, distinguível, dissidente e liberto; o corpo que se supera; do corpo modificado ao compromisso identitário e por fim, os corpos (com) sentidos.

### **5.1. O corpo como objecto estético, artístico e de consumo**

As MC envolvem sempre a alteração da aparência física do sujeito materializando-se em adições ao corpo extremamente apelativas, como a tatuagem, escarificação, *piercing*, *cutting*, *branding*, entre outros procedimentos realizados principalmente por razões estética (Myers, 1992).

No documentário “*Modify*”, Steve Haworth, pai das MC em três dimensões, responsável pela invenção e popularização dos implantes corporais subdermais e transdermais e considerado desde 1999 pelo *Guinness World Records* como o artista mais avançado em MC, partilha aquelas que considera serem as principais razões para a prática de MC: primeiro por estética, segundo para potenciar o desempenho sexual, terceiro para chocar e em quarto, por espiritualidade (Souza, 2009).

Uma das principais funções relatadas para a MC, é deixar o corpo mais bonito, ter um visual atraente, sedutor, com estilo, revelando sobretudo uma preocupação estética. Na generalidade, para grande parte das pessoas, o corpo está directamente ligado à noção de beleza e alterando-o, sentem-se mais bonitas. Alguns indivíduos através das MC conseguem aceitar melhor o seu corpo e aumentar a sua autoestima, não porque esteja na moda mas por considerarem o corpo modificado realmente belo. A diferença reside no conceito de beleza, se para a maioria da população ocidental ficar mais bonito pressupõe seguir os padrões de beleza em voga, disseminados pelos media; para os sujeitos com MC, o conceito de beleza é diferente, pois muitas vezes ser diferente dos demais é só por si, sinal de beleza (Loeck, 2010).

E se há ligação de longa data, é a da beleza à arte. O corpo como um meio de arte é também uma forma de maior conexão ao corpo (Muller, 2012). Na bibliografia da área encontram-se várias referências ao corpo como tela, como “avenida” para a auto expressão, aliando assim os conceitos de arte e MC (Adams, 2007).

Ao contrário dos museus, nos quais as peças permanecem imóveis e a maior das vezes intocáveis, na vitrine que é o corpo, as peças de arte acompanham o indivíduo para todo o lado, para o resto da vida. O corpo assume-se enquanto “suporte da arte” (Pires, 2005) no qual se pode tocar, mexer, brincar e sentir a textura. As MC não são mais que manifestações artísticas num suporte da arte que é o corpo humano (Silva, 2007). Da mesma forma que não decoramos a nossa casa ao acaso e escolhemos peças de arte e decoração que ilustrem os nossos gostos, sentimentos e emoções, o mesmo acontece quando o corpo é escolhido como veículo de arte, sendo a tatuagem, a escarificação e o *branding*, as *bodymods* que melhor expressam os conteúdos subjectivos que ilustram (Loeck, 2010).

Há um sentimento de orgulho justificado pelo facto de ser proprietário único de uma obra-prima permanente e itinerante, que pode ser marcada na pele e jamais poderá ser vendida, roubada ou trocada (Ferreira, 2009). Mas a vivência da modernidade tardia, da experiência da globalização e da banalização da aparência, torna o que hoje é único, em algo potencialmente universal no amanhã. Neste sentido, temos as práticas de MC ligadas a estéticas e desejos de experimentação corporal particulares, que poderão seguir uma estética amplamente difundida ou optar pelo seu distanciamento, projectando-se numa construção antiestética, quase antagónica aos arquétipos corporais (Souza, 2009). Por exemplo, a adopção de uma estética divergente por tatuadores e *body piercers* serve como facilitador de cumplicidades estéticas e éticas, bem como cartão de visita da sua actividade profissional (Ferreira, 2008).

Os *piercings* são frequentemente associados a acessórios de moda e Le Breton (2002) refere inclusive, que para as mulheres a função da tatuagem é por vezes puramente estética como se tratasse de um tipo de joalheria moderna. Porém, um número crescente de indivíduos reconhece e faz referência às suas tatuagens, não como suplementos de moda mas como peças de arte exclusivas (Siebers, 2000; Stirn, 2001). Independentemente da MC em causa seja considerada obra de arte por uns ou mero acessório de moda por outros, vários autores concordam que o embelezamento é a força

motriz, combinando assim estética, moda e arte, numa mesma dimensão decorativa do corpo (Wohlrab, Stahl & Kappeler, 2007).

Deste modo, faz sentido referir Turner (2001) quando o autor aborda as práticas de MC como algo meramente narcisista, resultado de uma economia de mercado baseada no consumo. Sweetman (1999) fala até de um “supermercado de estilo” quando caracteriza as sociedades contemporâneas, nas quais *piercings* e tatuagens desprovidos de significado são consumidos como qualquer outro produto de adorno.

Um paradigma eficiente na compreensão da prática de MC na sociedade de consumo contemporânea é a noção de “*body project*” (Giddens, 1991), de projecto corporal (Shilling, 2003), onde o corpo é um contínuo foco de trabalho no sentido da transformação e do melhoramento. Como se de uma empresa se tratasse, perante o mercado de opções, também para o corpo se efectua o exercício de consumidor nas escolhas que melhor satisfazem o projecto em mente.

Os média são responsáveis por disseminar constantemente imagens, anúncios e programas de celebridades que apresentam MC, mais comumente o *piercing* ou a tatuagem, o que de certa forma mediatiza as marcas corporais e legitima o desejo de consumo das mesmas por parte de todas as classes sociais (Kosut, 2006). Mas será esta vontade de mimetizar os famosos, apenas um reflexo da moda actual?

Quanto ao consumo de MC ser resultado de um fenómeno aparente de moda, a reflexão deverá ser mais profunda e partir da incompatibilidade entre moda e MC, na medida em que a moda reflecte popularidade, tendências inconstantes e carácter efémero, enquanto as MC pressupõem à partida um carácter permanente ou eterno, ou seja, *anti-fashion*. Inclusive, o acto impulsivo da compra associado ao consumismo afasta-se das MC na ênfase da sua permanência, que pressupõe ponderação e por vezes, alguma demora na decisão e certeza em adquirir as marcas permanentes no corpo (Teixeira, 2006).

## **5.2. O corpo autobiográfico, relacional e memorial**

O corpo marcado transforma-se num livro ilustrado que se desfolha desvendado as histórias por trás de cada marca ou MC, que sintetizam uma autobiografia.

Quando as marcas corporais deixaram de estar subjugadas a determinados grupos ou classes sociais e a significados pré estabelecidos e reconhecidos pela maioria, os significados que lhes são atribuídos, apesar do carácter relativamente permanente dos trabalhos no corpo, começam a variar com o “*flow*” da vida (Turtiainen & Oksanen, 2005). Hoje, as marcas são muitas vezes adoptadas como narrativas pessoais, “são vestígios que expõe o território da subjectividade, pregada na carne, numa ausência de subtilidade” (Garcia, 2006, p. 19).

Numa época de liquidificação social e identitária (Ferreira, 2011) marcada pelo risco, incerteza, instabilidade, insegurança e precaridade (ou modernidade líquida segundo Bauman, 2001), os trabalhos autobiográficos “à flor da pele” que os sujeitos infligem e carregam no corpo, funcionam como diários permanentes que ninguém pode levar ou roubar. Estes mapas da história de vida funcionam como pontos de referência que proporcionam aos sujeitos um sentido de integridade pessoal como autores da sua própria crónica de vida, bem como um sentimento de segurança subjectiva perante o caos oferecido pela modernidade tardia (Turtiainen & Oksanen, 2005).

O valor emocional e biográfico atribuído a determinado momento identificado pelos sujeitos, é celebrado nas suas tatuagens (Ferreira, 2009), dadas as suas características invasivas e permanentes operam como um obstáculo ao esquecimento materializando-se como um sistema mnemónico muito pessoal, investido de um forte poder evocativo e muitas vezes de uma poderosa carga emocional referente a marcos biográficos ou pontos de viragem (Brettell, 2002). A associação entre a marca, a figura e o sentimento, a emoção que invocou, é um fenómeno estritamente pessoal e particular, logo o real significados das MC só é percebido na sua totalidade e profundidade pelos seus próprios portadores (Pires, 2005).

A leitura iconográfica do corpo ilustrado só é verdadeiramente possível e próxima da realidade se for guiada pelo seu detentor, caso contrário por mais tentativas e confabulações que partam do exterior, o significado das marcas é privado, é propriedade individual muitas das vezes sob a forma de segredo “aos olhos de todos”. A marca expressa muito mais do que confessa (Ferreira, 2006).

“Nenhum lugar do mundo é para mim tão significativo como o lugar do meu corpo, que por mais ninguém pode ser ocupado. O meu ponto de vista é, por isso mesmo, estritamente pessoal; ou seja, ninguém

pode ver ou viver o mundo como eu o vejo e vivo. Em rigor seria para isso necessário meter-se na minha pele” (Ribeiro, 2003, p. 21-22).

É através da corporalização das marcas que o interior é exteriorizado por meio de códigos semióticos, formas, símbolos e imagens que permitem a articulação da narrativa do “Eu”. Esta elaboração simbólica na superfície do corpo tem o duplo papel de exteriorização do interior e de interiorização do exterior (Samper, 2007) num dinâmico arquivo de si e dos outros.

Nesta dinâmica que envolve também os outros, as marcas corporais incorporam a criação de laços, a tinta na pele “metaforiza” laços de sangue, oferecendo sentimentos sinceros de pertença e ligação aos outros (Le Breton, 2002). Os projectos corporais construídos pelos mais jovens, muitas vezes celebram pequenas afiliações, lealdade grupal ou solidariedade territorial, académica, de amizade, de amor, ou de escolhas que desejam perpetuar (Ferreira, 2009).

Tal como as opções de moda não são feitas ocasionalmente, a escolha do corte de cabelo, da maquiagem e da roupa não são fenómenos deixados ao acaso, a prática de MC, especialmente nos formatos mais extremos ou menos comuns, reflecte escolhas conscientes de não seguir o que está em voga, de não afiliação à sociedade comum mas, de aproximação a um grupo específico de pessoas. As marcas aproximam pessoas com interesses e crenças similares e afastam os que não se identificam (Myers, 1992).

Desde há muitos anos que o desejo de pertencer a um determinado grupo social ou em sinal de amor e amizade, são motivos apontados para a prática de MC. Nestes casos, as marcas funcionam como um sinal explícito de compromisso permanente e de afiliação (Pitts, 2003). Assim, muitos casais consideram a realização de um *piercing*, *branding* ou tatuagem, como um símbolo duradouro de amor e um teste de confiança e lealdade para com a sua pessoa significativa. Enquanto a irreversibilidade das MC é encarada como um factor negativo e assustador por uns, para outros é exactamente aí, no seu carácter invasivo e permanente que reside toda a sua atractividade (Myers, 1992).

Já nas sociedades tribais, tal como acontece hoje em dia no Movimento dos Primitivos Modernos, a MC ou decoração da pele serve para criar um vínculo exclusivo e permanente a outras pessoas. Algumas marcas são feitas como intuito de sinalizar a iniciação ou admissão num determinada irmandade como é o caso dos gangues e de certas fraternidades universitárias americanas, nas quais os sujeitos são geralmente

marcados na pele com uma das letras gregas que representam a sua fraternidade. Acaba por ser um meio de consolidação da identidade pessoal, na medida em que pelo menos visualmente se afastam dum grupo alargado de pessoas para se ligarem a um grupo específico com marcas corporais similares, criando-se na pele um vínculo para a vida (Hall, 2000).

A mesma perspectiva é partilhada por Shannon Bell (1999), que refere que os sujeitos tatuam e perfuram os seus corpos como meio de se distanciarem de um cultura de massas e para se identificarem como membro de uma determinada subcultura ou grupo. Como exemplo, na sua pesquisa “*Tattooed: A participant observer’s exploration of meaning*” conclui que entre outros motivos, os indivíduos se tatuavam para exibir a sua afiliação ao meio militar. O desejo de afiliação ao Exército, à Marina, aos *Hell’s Angels*, a gangues juvenis ou a qualquer outro grupo específico é proclamado pelas marcas corporais que carregam e proporcionam um sentimento de camaradagem intragrupal (Myers, 1992).

Simultaneamente as marcas corporais são representações tangíveis de momentos efémeros, são o formato mais pessoal para recordar e celebrar pessoas, eventos, momentos chave ou marcos de aprendizagem. Ao contrário dos habituais tipos de celebração ou homenagem que acabam por se desvanecer e desaparecer ou ser destruídos e perdidos, as marcas corporais devido ao seu carácter permanente possuem um nível de comprometimento muito maior por parte do sujeito, bem como um elevado grau de reconhecimento atribuído ao evento ou pessoa (Adams, 2007).

As tatuagens realizadas para honrar a família e outros significativos que faleceram, são designadas de (tatuagens) memoriais e possuem uma forte conotação afectiva e emocional, funcionando como uma tentativa de estabelecer uma ligação mais firme com aqueles que já partiram através da materialização de imagens e recordações que devem servir como âncora à memória e simultaneamente podem acompanhar os indivíduos em todos os momentos da sua vida para sempre (Turtiainen & Oksanen, 2005).

Na verdade, cada sujeito confere um sentido muito singular às suas experiências de MC, apenas passível de ser decodificado pela sua narrativa. Neste sentido, no trabalho desenvolvido por Souza (2009), alguns dos participantes mencionaram que as suas práticas de experimentação corporal estavam ligadas à procura de estabilidade

emocional. Há situações de vida que deixam marcas profundas na história dos sujeitos e que podem justificar a realização de uma marca corporal que as recorde, assinalando na pele o redireccionamento das experiências dolorosas do passado para as surpresas da vida futura, a aposta na mudança e um sinal de resistência a fragilidades (Ferreira, 2006).

Os processos de MC e respectivas marcas, formam como que um mapa biográfico, estruturante e organizador das experiências pessoais. Assim, estas podem ser investidas de significados que possibilitam um processo catártico aos sujeitos, reivindicando novas histórias que substituam as velhas memórias (Turtiainen & Oksanen, 2005). As experiências negativas são então resignificadas, ou seja, investidas de um novo sentido e integradas na biografia dos sujeitos, amenizando os efeitos danosos ou as memórias negativas que acarretavam anteriormente (Ferreira, 2011). As MC surgem como uma operação de *catharsis* (Rivière, 1992) na medida em que permitem a expressão de tensões e têm um efeito apaziguador e tranquilizante e, funcionam como prova simbólica de superação (Ferreira, 2006).

### **5.3. O corpo distinto, distinguível, dissidente e liberto**

Myers (1992) na sua pesquisa incidente nas MC menos vulgares como é o caso dos *piercings* genitais, do *branding*, *burning* e *cutting*, identificou um conjunto de razões que os sujeitos indicaram como tendo influenciado a sua escolha de marcar o corpo: melhor desempenho sexual, dor, afiliação, estética, lealdade, espiritual e choque de valores. Sendo que a última, é referida por Steve Haworth como a terceira principal razão que leva os sujeitos a modificarem os seus corpos (Souza, 2009).

Embora o choque de valores espelhado nos comportamentos e olhares “horrorizados” de muitos perante os corpos extensivamente marcados não se configure geralmente como um motivo primário para o envolvimento no universo das MC, praticamente todos os sujeitos modificados têm histórias a contar sobre o impacto das suas MC nos outros (Myers, 1992).

Ao optarem por estéticas dissidentes, os sujeitos pretendem com maior ou menor consciência fazer-se sobressair entre os demais, causar impressão, impacto visual, abandonar a hipótese de não serem vistos por representarem mais um igual a tantos

outros (Ferreira, 2006). Abraçam a diversidade estética para poderem existir demais e serem reconhecidos à primeira vista pela sua singularidade.

Ambicionam sobretudo poder distinguir-se entre os transeuntes incógnitos visualmente, destacando-se pela sua imagem saturada na cor, no conteúdo ou na forma (Ferreira, 2006). Estes “excessos” imagéticos servem o propósito de realizar na íntegra uma subjectividade que se assume e se pretende reconhecida na sua distintividade, face aos banais e comuns visuais dominantes. Há uma tentativa marcada de diferir da via de saturação das zonas de gosto homogeneizadas, massificadas e já consolidadas, através da opção por uma zona de gosto colateral, uma estética divergente (Ferreira, 2009). Trata-se de ser único, incomum, original e uma edição limitada e exclusiva de si próprio.

As estéticas singulares que aqui se debatem configuram-se como hipóteses de experimentação corporal que se afastam de outras práticas amplamente difundidas e interiorizadas de forma massiva, como a prática de ginásio e as idas ao cabeleireiro ou à manicura. A busca de novas estéticas afasta-se gradativamente do corpo modelo ou do corpo da moda (Souza, 2009). As pessoas desejam ser diferentes, ser especiais e receiam ser “engolidas” pela globalização. Aqui, as MC surgem como resposta ao potenciarem metamorfoses físicas com capacidade para a auto reinvenção e permitirem a construção e o reconhecimento social de uma distintividade, no sentido da autenticação pessoal (Silva, 2007; Ferreira, 2011).

As presenças iconográficas de originalidade dos projectos corporais que se destacam por entre os transeuntes anónimos, dão colorido à ordem quotidiana e reflectem um meio privilegiado para a demarcação simbólica da diferenciação, afastamento e afirmação de uma individualidade que se pretende irredutível (Ferreira, 2011). Este esforço no sentido do reconhecimento social fora da matriz da sociedade ocidental moderna (Samper, 2007) exige forte disciplina, dedicação e comprometimento por parte dos sujeitos na procura da originalidade e de marcas corporais exclusivas.

Entre sujeitos modificados vive um reconhecimento recíproco dum sentido distinto de existência. O encontro de identidades ocorre pelo reconhecimento mútuo da diferença. Nas palavras de autora Gabriela Silva (2007, p.1) “acredito este ser um dos motivos que leva as pessoas a modificarem-se, pois com os seus corpos diferentes dos demais, fica mais fácil encontrar o seu semelhante”. Em comum partilham um sentimento idêntico de existência distinta (Ferreira, 2009).

Os modelos de corpo e os padrões de beleza disseminados pelos média são postos de lado em detrimento das marcas corporais, que dificilmente se apagam da epiderme e transmitem uma afirmação *anti-fashion* devido ao seu carácter permanente e como tal, não seguidor das *fashion trends* mas, coerente com a integridade do seu portador. Estes sujeitos modificados, demonstram uma concepção corporal diferente da sociedade comum (Loeck, 2010) na medida em que, parece que o alvo do mundo moderno é apagar as diferenças e, as MC respondem como que transmitindo uma “fetichização” da própria diferença, assegurando a expressão da liberdade contra o sufoco homogeneizante dos corpos ocidentalizados fabricados em massa (Nolasco, 2006).

Os sujeitos que assumem preferências estéticas mais marginalizadas compartilham entre si a singularidade, a diferença, o hedonismo, a liberdade e um estilo de vida configurados num sistema de valores com o qual se comprometeram a longo prazo (Ferreira, 2009). Assim, mais do que um sinal de pertença, um projecto corporal divergente funciona como meio de distinção individual, como expressão de individualidade e como estratégia para honrar o compromisso de ser fiel a si mesmo. Para Sweetman (1999), há uma heterogenia significativa entre os adeptos de MC e como tal, não é determinante que partilhem ideologias específicas, o que estaria em jogo acima de tudo, seria a expressão do “Eu” de cada um.

O compromisso de divergência corporal, é um compromisso com uma estética e ética de vida que se pressupõe coerente e estável, ao mesmo tempo que dissidente a nível social, resulta das escolhas feitas pelos sujeitos num compromisso que acarreta um grande investimento sobretudo pessoal e que é percebido pelos próprios como algo de extrema importância e geralmente entendido por terceiros como limitativo para o futuro (Ferreira, 2008).

O corpo surge como um espaço praticamente ilimitado de reinvenção e experimentação e o indivíduo contemporâneo que valoriza extremamente a sua individualidade quer se construir socialmente sem abdicar da sua liberdade e do seu direito à diferença. Porém numa época de identidades fragmentárias e limites frouxos, torna-se complicado encontrar o seu próprio espaço. Como já tivemos oportunidade de salientar anteriormente, a sociedade ocidental está muito presa e conformada com os clones de beleza, a replicação e multiplicação daquilo que é disseminado pelos média.

Está muito agarrada à construção racial dos ‘outros’ e, é neste clima que surge a necessidade de criar um ‘outro’ passível de ser governado e de se autogovernar através da diferenciação dos ‘outros’ (Teixeira, 2006).

Os projectos de MC são por si só, como que um protesto silencioso contra a normatividade, a homogeneização e a ocidentalização da beleza. Eles possuem logo à partida uma natureza potencialmente mais transgressiva se comparada com aqueles orientados para a obtenção de resultados normativos (Adams, 2007). Contudo, não se trata de uma luta contra o estado ou sistema político mas da defesa da liberdade de expressão e de interesses sociais e culturais. Pode-se pensar sim, numa visão mais heterodoxa do poder, na qual as práticas de MC se podem enquadrar como formas de resistência aos mecanismos coercitivos de poder, no sentido da criação de referências e valores que correspondam às expectativas e necessidades dos sujeitos e não os obriguem a obedecer a normas com as quais não concordam (Teixeira, 2006).

O projecto de MC espelhado na carga imagética que transporta consigo para todo o lado, funciona como uma “armadura” contra a volatilidade e insegurança das sociedades modernas, bem como uma tentativa de resistência contra a fragmentação da sua consistência e coerência identitária. É certo que o corpo é terreno privilegiado de expressão e intervenção pública, aos corpos extensivamente marcados alia-se um protesto silencioso mas visualmente gritante, numa luta simbólica contra as formas de poder social que alimentam a homogeneização das condutas e simultaneamente a descaracterização da subjectividade. Um corpo divergente pode ser uma vitória metafórica e simbólica, na batalha entre sociedade e sujeito, a favor deste último (Ferreira, 2006).

O corpo físico é um corpo social, é a interface directa com a sociedade e as marcas corporais permitem a leitura do texto subjectivamente investido pelos seus portadores, seja ele de carácter psíquico, cultural ou político. As marcas corporais têm sido caracterizadas como actos de resistência contra à subordinação, de exposição de identidade e indicadores sociais, já o seu formato pode ser mais ou menos explícito. Para quem as souber ler, as marcas no corpo podem trazer consigo afirmações políticas, ideológicas e visões pessoais do mundo, o mais importante é saber juntar todas as peças para que se faça uma leitura justa e fiel (Adams, 2007).

Desta forma, o corpo é uma ferramenta metafórica de protesto que tanto pode funcionar como sinal de liberdade ou como sinal de opressão (Cummings, 2001). É um dos locais onde ocorre o jogo dinâmico entre poder e acção, os corpos tatuados e queimados dos escravos e dos prisioneiros dos campos de concentração eram um sinal claro de opressão, por justaposição os projectos corporais cada vez mais vanguardistas são sinal evidente de liberdade de expressão e acção.

Modificar voluntária e intencionalmente o corpo satisfaz assim, o desejo e direito de propriedade corporal num exercício de autonomia sobre o património individual e perante os constrangimentos e pluralidade de forças normativas da sociedade actual. Os sujeitos com projectos corporais dissidentes são movidos pela vontade de desafiar qualquer fixação e pressão social para o conformismo corporal, pretendem romper com o normal, banal, convencional e igual (Ferreira, 2006).

Por sua vez, a indústria de *design* corporal tem vindo a alimentar este tipo de fenómeno, ao publicitar e comercializar sentimentos de soberania e liberdade, numa estratégia de *marketing* em que as MC são apresentadas como actos de vontade própria a favor de uma escolha personalizada da imagem pessoal e aparentemente fugidia a qualquer tipo de predeterminação social (Ferreira, 2006). Isto só é passível de ter efeito porque a sociedade contemporânea atribui um papel extremamente centralizante ao corpo e uma importância desmesurada à aparência. Neste contexto, a indústria de *design* corporal, de forma inteligente e competitiva tem acompanhado esta crescente preocupação social com um desenvolvimento tecnológico igualitário. Tratar e cuidar do corpo são comportamentos que foram investidos de um significado e importância distintos de outras épocas. Perante a ausência de referenciais identitários fortes e num clima de incerteza social crónico, as identidades ganharam livre curso e o corpo surge como uma resposta sólida e palpável para a sua expressão (Vieira, 2008).

De forma mais ou menos evidente, mais ou menos consciente, os sujeitos fortemente modificados ou marcados, exalam mensagens sobre liberdade corporal. As *bodymods* mostram aos outros, como “eles” foram capazes de perseguir e ser fieis exclusivamente à sua própria vontade, numa sociedade em que o escrutínio do corpo é demasiado rigoroso, inflexível e fonte de discriminação. Ao resistirem às pressões padronizadas da sociedade para os figurinos, sentem um maior poder sobre o próprio corpo e conseqüentemente sentem-se mais livres (Loeck, 2010).

Por outro lado, a sociedade actual caracteriza-se também pelo predomínio da anestesia sensorial, os sujeitos tornaram-se pouco ou nada tolerantes a qualquer tipo de dor. Neste âmbito, as MC por oposição, são experiências de hipervalorização sensorial às quais está inerente um sentimento de coragem e de algum heroísmo, pela escolha de práticas que à partida implicam riscos físicos e às quais os sujeitos se submetem por livre e espontânea vontade. São experiências íntimas de manifestação de um *Self* livre e soberano, que expressa nos corpos toda a sua especificidade (Ferreira, 2006). Modificar o corpo é inquestionavelmente uma opção de extrema subjectividade, encontram-se inúmeros motivos, razões e interesses para o efeito, contudo parece que um dos principais objectivos para modificar de forma significativa o corpo, é construir uma identidade por oposição à homogeneidade dos demais, evidenciando corporalmente um manifesto de liberdade (Loeck, 2010).

#### **5.4. O corpo que se supera**

A pele delimita o corpo humano, ao actuar sobre ela inserindo-lhe cor, marcas ou ao perfurá-la, está-se a incidir sobre o órgão limite do corpo, aquele nos separa de tudo o que é externo, mas que ao mesmo tempo responde aos estímulos do exterior, elimina toxinas e regula a temperatura corporal. O acto de marcar o corpo definitivamente é um acto de ultrapassagem dos limites físicos (Pires, 2005), de construção e desconstrução das barreiras corporais. Por outro lado, as experiências de MC estão muitas vezes associadas à procura de novas sensações, atingidas quando o corpo é levado ao limite (Souza, 2009).

As MC podem então ser perfeitamente compreendidas como rituais de passagem, na medida em que implicam um teste de resistência através da inevitável presença de dor física, deixam uma marca no corpo que testemunha a experiência de vida ou a transição de estágio e podem ou não ter presença de público, em função da escolha dos sujeitos (Latini, 2005). No entanto, testar os limites pessoais de resistência à dor pode ser igualmente compreendido como uma tendência autoagressiva, ou como um comportamento tenaz e corajoso de superação dos limites pessoais (Stirn, 2004).

Quanto mais extrema é a modificação, maior é o desafio a que o sujeito se propõe, pelo que a superação dos limites corporais é também uma forma de experienciar

um maior controlo ou poder sobre o próprio corpo (Loeck, 2010) leia-se, em primeira mão, sobre a dor. A dor que surge, não despropositadamente, mas por uma razão: torna os seres humanos mais fortes, fortalece-os na medida em que cada vez que se “puxa até ao limite” ocorre uma experiência pessoal de aprendizagem (*site* BME). Adicionalmente, na experiência limite de dor física são libertadas endorfinas pelo corpo, que geram emoções positivas e têm um efeito anestésico (Stirn, 2004; Winchel & Stanley, 1991) o que dá um carácter menos “masoquista” ao gosto por testar limites corporais efectivamente dolorosos.

Por fim, a prova física derivada da dor das manipulações do corpo funciona para alguns indivíduos como prova de sobrevivência a momentos críticos ou experiências de vida negativas, ocorrendo a operação de catarse pela mobilização de sentimentos negativos relacionados com momentos de crise, conflito, caos, ameaça, entre outros e promovendo um estado de *empowerment* perante o próprio corpo (Ferreira, 2011; Latini, 2005).

### **5.5. Do corpo modificado ao compromisso identitário**

Se nas sociedades tradicionais a identidade emergia da posição social dos sujeitos e o corpo era percebido com uma relativa flexibilidade estética e sobretudo como algo dado e uniforme, hoje somos responsáveis pelo desenho e configuração do nosso corpo que é um lugar de mérito para a expressão da identidade pessoal ao permitir a constante reorganização de narrativas identitárias (Teixeira, 2006).

O corpo funciona como uma plataforma de expressão e como um veículo de construção de identidade. Identidades são corporalizadas numa tentativa de fidelidade a si mesmos, os sujeitos marcam o corpo como forma de se encontrarem consigo próprios e modificar-se surge mais como uma necessidade do que propriamente um desejo. A diferença é activamente produzida nos corpos, as próprias MC são símbolos da diferença. Modificar o corpo é construir identidade de forma diferenciada, individualizada e à medida de cada um (Loeck, 2010).

O progressivo aumento da consciência física e da presença corporal no mundo resulta do crescimento e dos movimentos sociais numa modernidade tardia caracterizada pela falta de espaço para a singularidade. Aqui, o corpo surge como

resposta ao ser percebido como um meio de reclamação de espaço na sociedade e cultura, espaço esse, tanto físico como psíquico (Latini, 2005). Consequentemente, o culto do corpo ganhou um sentido auto identitário e transformou-se num eixo estruturante dos actuais estilos de vida (Ferreira, 2004). Hoje, o corpo é uma prioridade, é objecto de constante atenção, contemplação e desejo e, comporta sistemáticas investidas quotidianas sob a forma de saúde, sedução, beleza, força, resistência, entre outras (Ferreira, 2004).

As pessoas manipulam e esculpem os seus corpos com o intuito de fazer coincidir a visão interior que possuem de si com o seu verdadeiro “Eu” físico, num movimento de distanciamento das características identitárias promovidas pelas massas (Nolasco, 2006). Ao mesmo tempo, marcar o corpo implica estabelecer um compromisso de vida com o “Eu”, permitindo que a leitura do corpo traduza declarações autobiográficas irredutíveis (Ferreira, 2009). As marcações corporais possuem tanto de veículo de preservação da identidade pessoal e social como de anúncio de permanência e compromisso com determinadas crença e valores (Pires, 2005).

Numa sociedade do efémero como é a actual, as MC transmitem uma experiência de continuidade na estruturação e determinação do “Eu”. As marcas reivindicam uma solidez identitária pelo seu carácter permanente e invasivo, surgem como um meio de posse de si mesmo. Através das incisões na pele, o sujeito sente maior poder sobre o corpo e sente-se assertivo na posse de si mesmo, experiência que fortalece sentimentos de continuidade identitária e unicidade numa sociedade em que predomina a massificação e homogeneização de corpos pré-fabricados (Nolasco, 2006). O controlo do próprio corpo e aspecto reflecte a criação de identidade e o desejo de ser especial (McKinley, 1999).

Ao modificar-se o sujeito sente-se assertivo na posse de si mesmo, como um acto de reivindicação do sentimento de permanência esbatido pelas sociedades modernas do efémero. Há uma sensação percebida de controlo através das experiências de MC, na medida em que as experiências subjectivas se tornam controláveis quando executadas na superfície da pele (Turtiainen & Oksanen, 2005). As *bodymods* surgem assim como um recurso de contrabalanço, ao oferecer um certo equilíbrio identitário aos seus portadores (Nolasco, 2006). Surge uma oportunidade de securização subjectiva e

reclamação corpórea, quando a carne e a pele “falam” através do mapa narrativo que é o corpo largamente marcado (Turtiainen & Oksanen, 2005). Este corpo é um “universo em miniatura” (Le Breton, 2004) que incontestavelmente define e caracteriza o sujeito, numa “assinatura de si” (Vieira, 2008).

Assim, um dos motivos pelos quais as pessoas modificam os seus corpos é pela vontade de se conectarem consigo próprias, de se sentirem a si mesmas, de se descobrirem e de encontrarem respostas sobre si, que sustentem a sua identidade e confirmem sentimentos de auto confiança e sustentabilidade subjectiva (Silva, 2007). O corpo tornou-se um “objecto de projecto” num mundo em que se vive num impasse constante quanto ao presente e ao futuro e, no qual os indivíduos procuram onde se apoiar para construir a sua identidade, sem que esta sofra desgaste e corrosões das inconsistências da sociedade moderna. O corpo surge então como resposta, ao servir de projecto identitário (Domingues & Silva, 2008).

Neste sentido, os avanços da tecnologia têm permitido que o corpo se transforme num objecto capaz de responder aos desejos de silhueta específicos de cada um (Domingues & Silva, 2008). A actual e sofisticada indústria de *design* corporal ampliou a consciência social quanto ao valor do aspecto físico e acentuou a responsabilidade pela construção de projectos identitários expressos na carne, ao conseguir dar resposta às necessidades dos seus clientes através da oferta duma plêiade de técnicas e produtos em constante evolução no âmbito da MC. Esta indústria transformou o corpo numa realidade passível de opções de escolha (Ferreira, 2008).

Ao desejo de provar a posse do próprio corpo, alia-se o prazer da sensação de controlo e a experiência de que se foi capaz, pois embora haja situações perante as quais o sujeito não possui qualquer tipo de domínio, o corpo foge a esta impotência, quando o sujeito manda nele e faz dele o que quiser e bem entender. Não estão apenas no corpo, eles são o corpo!

## **5.6. Os corpos (com) sentidos**

Ao marcar-se, o sujeito ajusta-se à imagem que tem de si mesmo. Trata-se de um meio iconográfico investido subjectivamente de elos entre passado, presente e futuro, que confere um sentido de coerência identitária prolongado no tempo e no

espaço (Ferreira, 2011). As marcas despoletam experiências sensoriais e memoriais que são valoradas subjectivamente pelos sujeitos ao incluí-las em si. Momentos, experiências de vida, pessoas, sentimentos associam-se às MC a que se submetem, resultando numa experiência de continuidade que dá resposta às hesitações ou indeterminações do “Eu”, conferindo coerência à experiência de si mesmo (Nolasco, 2006).

As marcas podem também suportar precisamente o oposto à experiência de continuidade de identidade e funcionarem como marcas disruptivas. Neste âmbito são sobretudo as marcas inaugurais, as potenciais portadoras deste efeito. Marcar o corpo pode resultar da vontade de expressar uma descontinuidade pessoal, ser outro “Eu” diferente daquele que eram anteriormente, não significa querer ser diferente dos demais mas antes, querer ser “Eu próprio”. As marcas sinalizariam a reconversão identitária e um compromisso de coerência com o “novo Eu” (Ferreira, 2011; Nolasco, 2006).

Esta exteriorização da subjectividade resulta em imagens surpreendentes nos corpos extensivamente marcados, conseqüente à exorporação de características de personalidade na superfície da pele (Ferreira, 2006). Traduz-se num meio para conduzir à superfície aspectos ou formas mais subtis de personalidade que se pretendem evidenciar (Adams, 2007).

Os sujeitos “produzem-se” e “editam-se” no espaço social através do corpo, metamorfoseiam-se pelos mais diversos motivos, aliás, tantos quanto eles mesmos, porém a bibliografia aponta que um deles será conectarem-se consigo mesmos (Silva, 2007). Ao envolverem dor e superação de limites, as MC transformam a percepção e consciência que o sujeito tem de si. As sensações e os sentimentos que as marcas despoletam conduzem o sujeito para um plano anterior de memórias agora expressas simbolicamente e de algum modo materializadas, ou levam-no para um plano desconhecido, para um novo mundo no qual o corpo surge como lugar de experimentação de diferentes possibilidades de encontro consigo mesmo. Ao envolverem afectos, consciência e corpo, e uma participação activa por parte dos sujeitos, favorecem a autodescoberta e o desenvolvimento de novas dimensões de si (Nolasco, 2006).

Marcar a pele expande a superfície de contacto do sujeito consigo próprio, enquanto sente e imagina como será a experiência e acaba por realizar esta escolha,

insere-se numa viagem pessoal de autoconhecimento e descoberta (Nolasco, 2006). O momento da MC, seja ela qual for, é um momento íntimo, de reflexão e de encontro – é tempo de sentir, de experimentar, de se descobrir e encontrar. Deste modo, favorece o amadurecimento mental ao alimentar a auto confiança dos sujeitos e ao fincar corporalmente a auto afirmação (Silva, 2007).

As marcas surgem como âncoras do “Eu” proporcionando mais equilíbrio e estabilidade ao seu portador. Mais do que somar ao corpo, as MC passam a fazer parte dele, a integrá-lo na sua totalidade e a constituir parte da sua identidade (Teixeira, 2006). Contudo, embora se ambicione que as marcas físicas voluntárias e conscientes expressem quem são os sujeitos e comuniquem exteriormente a sua personalidade e identidade (Ferreira, 2009) a hermenêutica dos corpos é incontável, na medida em que o seu texto ideográfico será livremente compreendido pelos demais. O sujeito marcado é apenas responsável pelos significados que escolheu veicular no seu corpo e não por aquilo que os outros possam deprender da leitura autónoma que fizerem!

## **6. Marcas que marcam... num território por demarcar**

A crescente conquista de espaço nos corpos pelas suas modificações ocorre num território por demarcar. Uma revisão cronológica detalhada das orientações que regulam ou legislam o território das MC em Portugal mostra-nos uma realidade incerta, frágil, desestruturada e que não protege profissionais nem consumidores de marcas corporais.

Em 2003, a Comissão Europeia demonstra a sua preocupação com a segurança associada à prática das actividades de tatuagem e de *piercing*, e com a necessidade de adopção de propostas legislativas neste domínio. Para o efeito, foram publicados três documentos de trabalho<sup>29</sup>, realizados no âmbito de acção do Centro Comum de Investigação e do Instituto de Protecção à Saúde e aos Consumidores, sobre os riscos para a saúde associados à tatuagem, *piercing* e práticas relacionadas, reflectindo a situação regulamentar a nível europeu e internacional.

---

<sup>29</sup> “Risks and health effects from tattoos, body piercing and related practices”, “Regulatory review on the safety of tattoos, body piercing and of related practices” e “Workshop on Technical/scientific and regulatory issues on the safety of tattoos, body piercing and of related practices”.

No mesmo ano, devemos assinalar a Resolução ResAP (2003), adoptada pelo Comité de Ministros do Conselho da Europa, na sua composição restrita aos representantes da Alemanha, Áustria, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Noruega, Portugal, Eslovénia, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido, os Estados membros do Acordo Parcial no Domínio Social e da Saúde Pública, em 19 de Junho de 2003, respeitante às tatuagens e maquilhagem permanente.

Consciente da necessidade de aprovar legislação específica sobre a composição dos produtos utilizados para tatuagens e maquilhagem permanente e assegurar uma gestão higiénica para ambas as práticas, o Comité considerou que cada Estado-Membro iria encontrar benefícios numa regulamentação harmonizada a nível europeu. Neste sentido, foi recomendado aos governos dos Estados membros do Acordo parcial no campo Social e Saúde Pública, ter em conta nas suas leis e regulamentos nacionais sobre tatuagens e maquilhagem permanente os princípios estabelecidos posteriormente no Anexo<sup>30</sup> desta resolução, sendo que cada governo permanece livre de impor regras mais severas.

Especificamente em Portugal, a primeira acção legislativa no domínio das MC pouco diz respeito às próprias práticas ou critérios de segurança neste domínio, contudo foi um primeiro passo. Assim, desde 2005 que o Decreto Lei n.º 156/2005, de 15 de Setembro publicado no Diário da República n.º 178, I-Série A., contempla os estabelecimentos de tatuagem e de colocação de *piercings* na lista de entidades obrigadas à disponibilização do livro de reclamações.

Por outro lado, conseqüente às restrições estabelecidas pela Directiva 76/769/CEE 11, de 27 de Julho, relativa à aproximação das disposições legislativas, regulamentares e administrativas dos Estados-Membros respeitante à limitação da colocação no mercado e da utilização de algumas substâncias e preparações perigosas, deve ser considerado o Decreto Lei n.º 142/2005 de 24 de Agosto, que estabelece o regime jurídico dos produtos cosméticos e de higiene corporal, transpondo diversas Directivas comunitárias, alterado pelo Decreto Lei n.º 84/2006 de 11 de Maio.

Neste sentido, o Decreto Lei n.º 264/98 e Decreto Lei n.º 222/2005 de 27 de Dezembro vem alterar a legislação de 1998 sobre a limitação da colocação no mercado

---

<sup>30</sup> <https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?id=45869>

e da utilização de níquel (substância que produz alergia mais frequente no corpo humano, utilizada nos conjuntos de *piercing*). O presente decreto lei refere que o níquel não pode constar da composição de todos os conjuntos de hastes inseridas em orelhas furadas e noutras partes perfuradas do corpo humano, a menos que a taxa de libertação de níquel desses conjuntos seja inferior ao limite de migração deste metal para o corpo humano (0,2 microgramas por centímetro quadrado por semana).

Em 2006 surgem outras preocupações. O Decreto Lei n.º 178/2006, de 5 de Setembro, define como Resíduo Hospitalar (RH) o resíduo resultante de actividades médicas desenvolvidas em unidades de prestação de cuidados de saúde (UPCS), em actividades de prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e investigação, relacionada com seres humanos ou animais, em farmácias, em actividades médico-legais, de ensino e em quaisquer outras que envolvam procedimentos invasivos, tais como acupunctura, *piercings* e tatuagens. Esta alteração passa a incluir como produtores de RH aqueles profissionais que desenvolvam actividades englobadas nos denominados "procedimentos invasivos" – isto é, aqueles actos que envolvam perfuração percutânea com contacto com cavidades do corpo, tecido subcutâneo ou mucosas do paciente ou cliente, incluindo-se deste modo, os profissionais de modificação corporal.

Com a publicação do presente decreto, todos os produtores de RH passam a estar obrigados ao cumprimento integral do Despacho n.º 242/96 do Ministério da Saúde, de 13 de Agosto, incluindo o registo actualizado dos resíduos produzidos e envio do mesmo à Direcção-Geral da Saúde, através do Sistema Integrado de Registo Electrónico de Resíduos (SIRER)<sup>31</sup>, até 31 de Março do ano imediato àquele a que se reportem os respectivos dados.

Em 2007 entra em vigor o Programa de Simplificação Administrativa e Legislativa (SIMPLEX 2006) através do Decreto Lei n.º 259/2007 de 17 de Julho, que aprova o regime de declaração prévia a que estão sujeitos os estabelecimentos de comércio de produtos alimentares e alguns estabelecimentos de comércio não alimentar e de prestação de serviços que podem envolver riscos para a saúde e segurança das pessoas. A Portaria n.º 791/2007 de 23 de Julho, identifica os tipos de estabelecimentos abrangidos pelo regime de declaração prévia, sendo que o Anexo a esta Portaria define

---

<sup>31</sup> O SIRER é um sistema que procura disponibilizar, por via electrónica, um mecanismo de registo e acesso a dados sobre resíduos, substituindo, deste modo, os antigos mapas de registo de resíduos (Portaria n.º 1408/2006, de 18 de Dezembro).

concretamente os estabelecimentos de colocação de *piercings* e tatuagens dentro desse procedimento.

Finalmente em 2008, regista-se um esforço mais organizado e sólido no sentido de se criar um quadro de referência de qualidade, factor de protecção dos consumidores e de informação dos profissionais, proporcionador de mais segurança. Da responsabilidade do Grupo Parlamentar do PS surge este esforço, ao apresentar à Assembleia da República o “Projecto de Lei n.º 483/X/3<sup>a32</sup> – Estabelece o regime a que estão sujeitos a instalação e o funcionamento dos estabelecimentos de colocação de *piercings* e tatuagens”, nos termos do artigo 167.º da Constituição da República Portuguesa (CRP) e do artigo 118.º do Regimento da Assembleia da República (RAR).

O referido Projecto de Lei visava estabelecer um regime para a instalação e o funcionamento dos estabelecimentos de colocação de *piercings* e tatuagens, assim como, regulamentar o exercício destas práticas. A pesquisa efectuada não revelou outras iniciativas pendentes sobre a mesma matéria, na presente data.

De acordo com o projecto, os estabelecimentos de aplicação de *piercings* e tatuagens prestam os serviços das práticas referidas aos consumidores, não se prevendo nem se admitindo o exercício destas actividades fora dos contextos já assinalados (exceptuando-se a perfuração do lóbulo da orelha e a maquilhagem permanente, que poderão ser efectuadas, respectivamente, em ourivesarias e joalharias e institutos de estética ou estabelecimentos análogos).

No que respeita aos *piercings*, passa a ser obrigatório que estes adornos sejam hipoalergénicos, e que as pistolas de perfuração da orelha e da asa do nariz sejam higienizadas e equipadas com dispositivos descartáveis.

Quanto às tatuagens, o documento define que as tintas utilizadas devem ser “estéreis” e as embalagens têm de ser devidamente rotuladas. No processo de tatuagem e de maquilhagem as agulhas têm de ser estéreis, de uso único e descartáveis.

Ainda neste domínio, propõe-se a proibição da aplicação de *piercings*, tatuagens e maquilhagem definitiva a menores de 18 anos e a não emancipados, bem como a aplicação em qualquer idade, de *piercings* na língua, no pavimento oral, na proximidade

---

<sup>32</sup> A 19 de Março de 2008, a presente iniciativa mereceu o despacho de Sua Excelência o Presidente da Assembleia da República, admitindo-a e ordenando a sua baixa à 10.ª Comissão, sendo publicada no Diário da Assembleia da República II Série A n.º 71/X/3.ª, de 20 de Março de 2008.

de vasos sanguíneos, de nervos e de músculos, e sobre qualquer lesão cutânea prévia. É proibida ainda, a aplicação de *piercings* de prata ou revestidos a ouro.

A iniciativa em causa obriga ainda, à informação<sup>33</sup> por escrito, por parte dos profissionais ao consumidor, sobre todos os procedimentos, produtos e possíveis consequências da intervenção, bem como, ao preenchimento por parte do consumidor de uma declaração de consentimento. Os estabelecimentos onde sejam praticadas estas actividades terão de criar e manter actualizada uma base de dados com ficha individual por consumidor.

A obrigatoriedade da formação específica para os profissionais que prestem serviço nos estabelecimentos de aplicação de *piercings* e tatuagens também é contemplada. As matérias mínimas obrigatórias que integram o plano do curso de formação, bem como a identificação das entidades que podem ministrar este curso, são definidas pelo Governo, por portaria conjunta dos Ministros da Economia e da Inovação, da Saúde e do Trabalho e da Solidariedade Social.

Finalmente, prevêem-se as contraordenações, a fiscalização e instrução dos respectivos processos, as sanções acessórias, visando dissuadir e sancionar o incumprimento, uma norma transitória para os actuais estabelecimentos e recomenda-se a sujeição a vigilância médica dos profissionais envolvidos. Compete à Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) fiscalizar e instruir os processos de contraordenação (Decreto Lei nº 371 - 2007 de 6 de Novembro).

Agora partilhamos o parecer político do relator, o Deputado André Almeida, que vê neste projecto uma oportunidade para reforçar a qualidade e a segurança na prestação destas práticas, salvaguardando assim a saúde dos utentes/consumidores. Contudo, salienta “uma postura proibicionista e exagerada, nos artigos que proíbem a aplicação de *piercings* em várias zonas do corpo (...) e a menores de 18 anos. Estas medidas põem em causa, a liberdade individual e levantam a questão da legitimidade do estado em proibir práticas da esfera privada. (...) Creio que o estado não pode legislar o que é da esfera privada e íntima dos cidadãos”.

---

<sup>33</sup> O projecto de lei prevê ainda a obrigatoriedade do pessoal técnico informar o consumidor previamente por escrito, sobre os procedimentos, tintas a utilizar e possíveis consequências de uma tatuagem ou *piercing*. As multas para os estúdios que não seguirem a lei podem ir dos 1.500 euros aos 45 mil euros.

Neste sentido, a Juventude Socialista propõe uma nova abordagem no que respeita à idade necessária para consentir na realização de tatuagens ou de maquilhagem permanente e na colocação de *piercings*, fixando nos 16 anos o mínimo etário para o efeito. E, por entender que uma proibição total de colocação de *piercings* em determinadas partes do corpo se pode revelar excessiva, propôs também a eliminação da norma proibitiva constante do projecto e a sua transformação num especial dever de informação dos responsáveis pela colocação dos *piercings*; que assegure ao consumidor o conhecimento dos riscos associados à sua opção e que lhe permita escolher livremente pela colocação do adorno, salvaguardando o equilíbrio entre a tutela da segurança e higiene da actividade e a esfera de liberdade individual de cada pessoa.

Mas, na realidade nada mudou. Em 2011, a DECO (Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor) alerta para a falta de legislação sobre tatuagens e *piercings*. Portugal continua sem legislação neste domínio, cabendo ao bom senso dos profissionais falar sobre os riscos, os cuidados e as contraindicações para a saúde. A DECO sublinha que “é o bom senso dos profissionais que determina a informação a fornecer aos clientes” e defende que “é preciso definir padrões de qualidade para todos”, exigindo, por isso, legislação e fiscalização que salvaguarde os direitos dos consumidores.

Em 2014, a DECO reafirma publicamente o vazio legislativo, salientado que a associação vai insistir com a revisão de uma proposta de boas práticas. Jorge Rozeira, dermatologista, acrescenta: “É preciso avisar as pessoas de todos os perigos, de que pode haver alergias, de que pode haver infeções, acerca dos produtos que são usados e o tatuador deve ser certificado”.

No presente ano de 2015, no nosso país, as profissões de *body piercer* e de tatuador ainda não constam do Catálogo Nacional de Qualificações (CNQ) ou da Classificação Nacional de Profissões (CNP), o que em parte sustenta o vazio legislativo descrito até agora e a insegurança vivida por profissionais e usuários do universo da modificação corporal.

## 7. Reflexão do enquadramento teórico

Deste percurso pelas marcas que modificam os corpos pudemos ficar com uma perspectiva, ainda que ténue, dos significados que as modificações corporais contemporâneas trouxeram para a discussão. As modificações corporais podem afirmar uma singularidade radical ou reflectir uma identificação estética, associam os significados de desvio e de dissidência aos de moda e do corpo como objecto de consumo. Originam alternativas para os estereótipos sociais e homogenizam os géneros; reflectem movimentos de autonomização e assumem-se como passes de integração em sub-culturas. Em suma, são sinais intensos de mudança, mudança esta que transparece nas palavras de Espejo e Pheby (2000, cit. in. Eisenbergh, 2001) da seguinte forma:

*“The human subject should be construed as a multiplicity rather than a discrete identity. “It” is always open to “otherness” in its constitution. This proximal encounter with alterity takes place in a domain of pure potentiality... human selves are provisonal blocks of becoming” (p.2).*

Acreditando na última expressão citada que refere os seres humanos como concentrados de devir, pensamos ter aberto espaço para o estudo empírico que configura a parte prática desta dissertação, em que pretendemos dar voz a um grupo de participantes com modificações corporais, vozes estas que escutamos atentamente e desconstruímos com o respeito de quem investiga descobrindo, ou seja, colocando a descoberto particularidades, diversidades, comunnalidades, desejos, fantasias, memórias, identidades...



## **CAPÍTULO II**

### **Parte Prática**



### **Debaixo da roupa estamos todos nus (Parte 2)**

Eu conheço muito bem a interpretação geral dos *piercings* (drogado/homossexual) e das tatuagens (drogado/presidiário). À minha frente, já se referiram aos meus *piercings* dezenas de vezes como «os brinquinhos». Já fui tratado com desprezo por dermatologistas que acharam que eu não tinha o direito de estar no seu consultório, por estas palavras. Já fui analisado por inúmeras mulheres, senhoras, que, como se estivessem a aproximar-se de uma ferida, perguntaram: isso dói?

Eu compreendo essas pessoas, tanto os putanheiros que negociam Mercedes, como as senhoras que comem palmiers na confeitaria. Compreendo, até, os dermatologistas. À sua maneira cada um deles se sente rejeitado pelas minhas tatuagens e pelos meus *piercings*. Acreditam que eu não quero ser como eles, não quero ser eles. Têm de responder de alguma maneira a essa rejeição. É-lhes fácil encontrar falta de sentido em furar o corpo com uma agulha e colocar um pendente metálico ou em preencher uma parte da pele com cicatrizes cheias de tinta. Uma pergunta que também me fazem, visivelmente baralhados, é: porquê?

Em *Abrço (3ª edição)* de José Luís Peixoto (2011), página 334



### **Vozes de corpos marcados: significados emergentes**

Terminada a incursão nos domínios mais teóricos que sustentam as reflexões sobre o corpo, as marcas corporais, e sobre os jogos de articulação entre estes conceitos e os de identidade, contemporaneidade e diversidade, temas estes que dão forma à Parte I desta dissertação, pensamos ter definido o pano de fundo onde o desenho da investigação empírica poderá ganhar os seus contornos. Já referimos previamente que a nossa escolha foi dirigida para a dimensão mais qualitativa da investigação, uma vez que para nós sempre foi certo que lidaríamos com discursos, que nos debruçaríamos sobre vozes cujos conteúdos seriam a trama de base para a construção de um conhecimento que pretendíamos aprofundado e sério. A primeira tentativa de aceder a estas vozes foi gorada, uma vez que os múltiplos contactos personalizados em estúdios e convenções de modificações corporais, apesar de terem tido uma resposta positiva no encontro face a face, ficaram sem retorno aquando do agendamento dos encontros para recolha das entrevistas. A constatação desta dificuldade obrigou-nos a repensar toda a metodologia de recrutamento de participantes e de recolha de discursos.

Num tempo de versatilidade e mudança, onde a identidade também é construída em plataformas até há pouco implausíveis, e estamos a falar das múltiplas vias virtuais, decidimos apostar numa investigação sustentada nestas “novas” condições, contextos, e consequentemente “novos” desafios para a produção de conhecimento sobre as incontáveis dimensões da humanidade.

Reconhecemos pois como inegável o impacto da *internet* na actualidade, nomeadamente das redes sociais como o *Facebook*. O modo como as pessoas se conhecem, comunicam e se relacionam sofreu modificações graças ao espaço virtual. Este impacto faz-se notar positivamente no nosso quotidiano, ao mesmo tempo que veio revolucionar outros campos, como o da investigação em ciências sociais (Hammersley, 2006), permitindo aceder a fenómenos desencadeados pela sua presença e, a outros apenas acessíveis por este meio de comunicação como hipótese de investigação científica. A comunidade virtual como contexto cultural permite investigar as interações e experiências humanas através de uma perspectiva vanguardista e muito próxima aos interlocutores, possibilitando o acesso às vozes dos sujeitos e aos

contributos partilhados na primeira pessoa em sincronia com um investigador fisicamente ausente. Neste sentido, e tal como já foi mencionado, o objectivo da presente investigação é aceder às vivências daqueles que escolheram as modificações corporais como um modo de ser e estar na vida, é dar voz aos discursos contemporâneos sobre metamorfoses corporais extremas.

Contudo, dado o carácter ainda incipiente da investigação sustentada em métodos de recolha *online*, pareceu-nos adequado balizar teoricamente os procedimentos que sustentaram a presente investigação. Fundamentamo-nos nas obras “*Online Interviewing*” de Nalita James e Hugh Busher (2009) e “*Internet Inquiry*” de Annete N. Markham e Nancy K. Bayan (2008) para detalharmos o método de investigação por nós privilegiado, no sentido de abraçar a diversidade inerente aos discursos electrónicos em sintonia com os discursos dos corpos marcados.

De acordo com Cohen et al. (2000, pág. 49) qualquer investigação científica pressupõe dilemas éticos, aos quais pretendemos dar respostas. A natureza do projeto trata de uma investigação académica de índole qualitativa sobre modificações corporais (MC) extremas pela óptica dos profissionais e utilizadores de MC.

O contexto da investigação é o ciberespaço, nas suas vertentes comunicacionais *offline* e *online* através das quais se procedeu à administração de um questionário e de uma entrevista semi-estruturada aplicada de forma semi-directiva. Por sua vez, o procedimento que será descrito com maior detalhe posteriormente, baseou-se na construção de um perfil no *Facebook*<sup>34</sup> que permite o acesso aos participantes bem como a recolha de informação.

Os participantes são indivíduos adultos de ambos os sexos, usuários ou profissionais de MC convidados a integrar voluntariamente a amostra em estudo e a contribuir com sua experiência pessoal, com base no único critério de inclusão adoptado, que consiste na presença visível e significativa<sup>35</sup> de MC (primeiro acedidas pelas fotos de perfil dos sujeitos e, posteriormente descritas pelos próprios detalhadamente no

---

<sup>34</sup> No perfil do investigador era possível encontrar duas fotos que o identificavam e alguns dados pessoais como o nome, localidade, data de nascimento, habilitações académicas e profissão. <https://www.Facebook.com/marta.rodrigues.714655>.

<sup>35</sup> Quanto à “presença visível e significativa” de MC, considerámos como critério mínimo para a inclusão a presença de seis modificações, privilegiando os sujeitos com membros integralmente tatuados e/ou com MC extremas.

questionário). Os dados recolhidos visam a caracterização sócio-demográfica dos sujeitos, a exploração da sua experiência pessoal e da sua opinião quanto ao domínio das MC, bem como de áreas associadas consideradas relevantes para a compreensão de ambas as perspectivas (usuários e profissionais). O método de análise é a *Grounded Analysis* (Strauss & Corbin, 1990), para a elaboração de uma teoria fundamentada nos dados obtidos, com o objectivo de expor e explorar conceptualmente os temas associados à adopção e defesa das práticas de MC.

O questionário administrado em formato *offline*, tal como a designação antevê não ocorreu em tempo real no *chat* do *Facebook*, o que permitia aos participantes a leitura e releitura tanto das questões colocadas como das respostas por si enunciadas. A entrevista *online*, ao pressupor sincronia entre investigador e participante apresentou outro tipo de dinâmica caracterizada pelo imediatismo das respostas. São estas características que potenciam nas comunicações *online*, discussões com um carácter de oralidade marcado pela emotividade, espontaneidade e fluidez do discurso (Stewart & William, 2005). Salienta-se que todos os dados recolhidos se encontram desde a sua partilha pelo entrevistado disponíveis no histórico do *Facebook*, bastando um “*scroll*” com o rato para se ter acesso a tudo o que foi escrito por ambas as partes, não deixando grande margem para erros de compreensão ou mal entendidos.

Na comunicação *online* e na ausência de qualquer registo audiovisual, a palavra escrita, o texto, é a maior fonte de expressividade a que o investigador tem acesso, pois todas as outras pistas inerentes às interações cara a cara, como a postura corporal, o tom de voz e o olhar, aqui, encontram-se ausentes. Neste sentido, é necessário dar especial atenção não só aos conteúdos transmitidos pelos sujeitos, mas também à forma como o fazem (Bryman, 2004). A sua interpretação permite a construção de conhecimento através das representações feitas textualmente.

O ciberespaço é sobretudo um espaço comunicacional, os sujeitos passam directamente os seus pensamentos para o ecrã do computador para serem lidos num formato de discurso electrónico híbrido, no sentido em que tanto se aproxima de um texto como de um discurso com características da oralidade (Davis & Brewer, 1997). A linguagem usada no espaço virtual e em particular as conversações nos *chats*, têm características muito singulares conhecidas e respeitadas por todos para que haja uma universalidade nos discursos, como tal o investigador não foi excepção. Referimo-nos à

proximidade da escrita com a palavra falada, ao uso maioritário de letras minúsculas para todas as ocasiões à excepção de quando se pretende reforçar alguma ideia ou transmitir maior agressividade no discurso, neste caso todas as letras deverão ser escritas em maiúsculas, bem como o uso de interjeições ou a repetição intencional de letras na mesma palavra para conferir à escrita maior expressividade ou ainda, o uso de abreviações que contribuem para a fluidez e rapidez da conversação (Kibby, 2005). Por sua vez, os *emoticons*, ou ícones que expressam emoções, a par com o uso exagerado de pontuação, servem como forma alternativa de expressar emoções na ausência de pistas de contacto (Hall et al., 2004). Escrever com erros também faz parte deste tipo de linguagem, não é uma prática condenável neste universo. As anomalias ortográficas são percebidas como economia de tempo e de esforço (Mann & Stewart, 2000). Estes são alguns dos principais traços que definem as conversações no ciberespaço e o investigador deve estar consciente destas particularidades quando lê as palavras dos sujeitos e quando escreve para eles, acrescentando que na transcrição das suas expressões nada deve ser alterado ou corrigido, para salvaguardar as representações textuais dos entrevistados (Markham, 2004). Assim, a forma como se escreve também é linguagem e também necessita de ser descodificada com cientificidade.

Investigações deste carácter pressupõem uma certa informalidade na comunicação (Bowker & Tuffin, 2004). Na ausência de quaisquer pistas visuais é a linguagem do entrevistador que convida os sujeitos à participação, é o modo como escreve que aproxima as partes envolvidas deixando um sentimento de maior proximidade e permitindo discursos mais íntimos e mais profundos. Por outras palavras, trata-se de um conversa semiestruturada inserida num contexto particular como é o ciberespaço e, conduzida em função daquilo que é trazido pelos sujeitos ao mesmo tempo que regulada pelo investigador, não permitindo desvios aos temas de interesse.

Por outro lado, a ausência da presença corporal e de expressividade facial de ambas as partes envolvidas na investigação foi encarada como uma mais-valia na medida em que, alguns indivíduos sentem-se mais à vontade para comunicar livremente na ausência destas pistas. Conseguem ser mais expansivos na construção de si e da sua realidade (Mann & Stewart, 2000), contribuindo de forma mais eficaz para a investigação em curso e para uma maior imparcialidade por parte do entrevistador (que não tem acesso a quaisquer pistas visuais, verbais ou espaciais que lhe permitam tirar ilações).

O anonimato do sujeito investigado confere-lhe um estatuto especial, privando-o de quaisquer consequências ou do julgamento social. Estas características únicas da conversação *online* transcendem barreiras sociais e culturais, ao mesmo tempo que encorajam os sujeitos a partilhar mais sobre si (Orgad, 2006).

## 1. Método

### 1.1. Amostra

Com o intuito de estudar o fenómeno das MC e os discursos contemporâneos sobre metamorfoses, procurámos construir uma amostra estratégica e intencional de sujeitos com MC em larga escala, cuja experiência pessoal se espelha nos resultados obtidos.

Não pretendemos representar o universo das MC com a presente amostra de 40 participantes, mas aceder a perspectivas de compreensão e vivência das marcas corporais, partilhadas entre os seus adeptos. Neste sentido, “ao estudar-se um caso, o objectivo não é representar o mundo; basta a representação do caso. Aliás, um caso pode não representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se reflectir” (Pais, 2001, p. 109).

Considerámos que a nossa tarefa estaria tanto mais próxima da sua realização quanto maior fosse a nossa capacidade de “mergulhar” neste fenómeno. Por isso e, para aceder aos dois lados que compõem esta realidade, apresentamos os contributos de 20 usuários de MC e de 20 profissionais neste domínio, que se constituem nos nossos grupos de trabalho. A presente amostra é maioritariamente masculina, composta na totalidade por 24 indivíduos do sexo masculino e 16 do sexo feminino, sendo que a prevalência de homens se verifica em ambos os grupos em investigação, respectivamente 11 para o grupo dos usuários [tabela 1 a)] e 13 para o grupo dos profissionais [tabela 1 b)]. O mesmo fenómeno se verifica para o estado civil, em ambos os grupos a maior parte dos sujeitos é solteira (32 casos, no total).

Tabela 1 a):

Caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários em função do género, idade, estado civil e escolaridade.

<b>Usuários</b>	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Escolaridade</b>
Sujeito 7	Feminino	21	Solteira	12º ano
Sujeito 9	Feminino	21	Solteira	Frequência universitária
Sujeito 14	Masculino	26	Solteiro	12º ano
Sujeito 17	Masculino	21	Solteiro	12º ano
Sujeito 18	Masculino	21	Solteiro	Frequência universitária
Sujeito 19	Masculino	23	Solteiro	12º ano
Sujeito 20	Masculino	25	Solteiro	12º ano
Sujeito 21	Masculino	33	Solteiro	12º ano
Sujeito 23	Masculino	28	Solteiro	Licenciatura
Sujeito 24	Masculino	27	Solteiro	Licenciatura
Sujeito 25	Feminino	36	Divorciada	10º ano
Sujeito 26	Masculino	29	Solteiro	Curso profissional
Sujeito 27	Feminino	24	Solteira	Licenciatura
Sujeito 28	Feminino	21	Solteira	Licenciatura
Sujeito 30	Feminino	37	Divorciada	12º ano
Sujeito 32	Feminino	23	Casado	Ensino secundário
Sujeito 33	Masculino	28	Solteiro	9º ano
Sujeito 34	Feminino	36	Solteira	Curso profissional
Sujeito 35	Masculino	27	Solteiro	Licenciatura
Sujeito 38	Feminino	21	Solteira	12º ano

Tabela 1 b):

Caracterização sociodemográfica do grupo de Profissionais em função do género, idade, estado civil e escolaridade.

<b>Profissionais</b>	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Escolaridade</b>
Sujeito 1	Feminino	25	Solteira	12º ano
Sujeito 2	Masculino	28	Solteiro	12º ano
Sujeito 3	Masculino	30	Solteiro	9º ano
Sujeito 4	Feminino	19	Solteira	Frequência universitária
Sujeito 5	Masculino	23	Solteiro	9º ano
Sujeito 6	Masculino	31	Solteiro	Mestrado
Sujeito 8	Feminino	21	Solteira	12º ano
Sujeito 10	Feminino	28	Solteira	Licenciatura
Sujeito 11	Masculino	32	Solteiro	11º ano
Sujeito 12	Masculino	32	Divorciado	10º ano
Sujeito 13	Masculino	31	Solteiro	12º ano
Sujeito 15	Masculino	32	Solteiro	11º ano
Sujeito 16	Feminino	35	Casada	12º ano
Sujeito 22	Feminino	21	Solteira	12º ano
Sujeito 29	Masculino	29	Solteiro	12º ano
Sujeito 31	Masculino	31	Solteiro	9º ano
Sujeito 36	Masculino	24	União de facto	12º ano
Sujeito 37	Feminino	32	Casada	Frequência universitária
Sujeito 39	Masculino	32	Divorciado	12ª ano
Sujeito 40	Masculino	25	Solteiro	9º ano

As tabelas 1 a) e 1 b) previamente apresentadas expõem respectivamente, a caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários e do grupo de Profissionais em função do género, idade, estado civil e escolaridade.

Todos os participantes são adultos, sendo que os usuários se distribuem num intervalo entre os 21 e os 37 anos de idade (média 26,4 e a moda de 21 anos) e os profissionais pertencem a uma faixa etária similar, entre os 19 e os 35 anos de idade (média 28,05 e a moda de 32 anos). Quanto à sua instrução académica, os grupos repartem-se do seguinte modo: 3º ciclo (cinco casos); ensino secundário (22 casos), ensino superior (11 casos) e frequência de curso profissional (dois casos).

## **1.2. Instrumentos:**

Numa investigação sustentada pelo contexto comunicacional do ciberespaço foi importante consciencializar os sujeitos da amostra quanto à responsabilidade pela autenticidade dos seus discursos. As opiniões por si partilhadas contribuem para a credibilidade da investigação e para a compreensão profunda do fenómeno em estudo. O investigador tem então como função, encorajar os participantes a expressarem-se livremente assegurando o seu anonimato e privacidade, recordando-lhes do papel que possuem como representantes dos elementos do universo das MC e o poder das suas palavras na exploração e compreensão deste domínio pelos outros, sujeitos não modificados (James & Busher, 2007).

Para a obtenção dos dados pretendidos e satisfação dos objectivos a que nos propusemos, foram elaborados quatro instrumentos distintos:

- Convite de participação no projecto de investigação *online* (Anexo F)
- Consentimento informado (Anexo G)
- Questionário de caracterização pessoal (Anexo H)
- Entrevista semi-estruturada (Versão para utilizadores e Versão para profissionais) (Anexo I)

### 1.2.1. Convite de participação

O convite serviu como cartão de apresentação do investigador e da investigação, pois traduzia-se no primeiro contacto direccionado aos potenciais participantes. Este instrumento teve como principal função solicitar a participação dos sujeitos na investigação no papel de entrevistados e para tal, os objectivos do estudo e da sua contribuição eram especificados no mesmo documento.

### 1.2.2. Consentimento informado

O consentimento informado assegurava a finalidade académica da investigação, repetindo os objectivos da mesma e informando os sujeitos acerca dos dois momentos de recolha de dados (questionário de caracterização pessoal e entrevista *online*). Solicitava igualmente a contribuição dos sujeitos para o estudo em destaque, assegurando a sua confidencialidade e anonimato, e salvaguardando a possibilidade de desistência em qualquer momento do processo.

### 1.2.3. Questionário de caracterização pessoal

Com este questionário realizado *online* ou *offline*<sup>36</sup>, fez-se o levantamento dos dados socio-demográficos (género, idade, estado civil, escolaridade, profissão, situação profissional, nacionalidade, zona de residência, escolaridade e profissão dos pais<sup>37</sup>) dos sujeitos da amostra e, dos dados relativos à prática de MC, organizados cronologicamente e com especificação do tipo de modificação e zona da marca corporal (dados disponíveis nos Anexo A e B). Encontram-se também contempladas três questões relativas às MC dos participantes, mais especificamente o uso de anestesia e tipo da mesma, se já removeram/ alteraram alguma MC ou se estava nos seus planos fazê-lo, bem como a razão para esta escolha e, se pretendiam acrescentar outras marcas corporais apontando os seus motivos. Por fim, considerámos as questões relativas à

---

<sup>36</sup> A selecção por um dos formatos apresentados, acontecia em função da disponibilidade dos sujeitos entrevistados.

<sup>37</sup> Considerámos pertinente a recolha dos dados relativos à “profissão dos pais”, no sentido de expor a diversidade do *background* dos elementos da amostra e, por acreditarmos que dados sobre o núcleo familiar contribuem para uma compreensão mais holística dos sujeitos entrevistados.

presença de marcas nos corpos dos seus amigos e familiares, ou seja se os elementos significativos que os rodeiam também possuíam MC.

#### 1.2.4. Entrevista *online* semi-estruturada (Guião)

Este instrumento visou explorar dez dimensões que se articulavam entre si: a) as condições de contacto e ingresso no universo das MC; b) os motivos, razões e significado desta escolha (ter realizado MC); c) o impacto das MC nas diferentes dimensões de vida dos participantes (pessoal, profissional e social); d) as características exclusivas e diferenciadores dos sujeitos modificados em relação aos demais; e) os elementos promotores da aproximação e união entre sujeitos modificados; f) a vivência da condição da dor por cada indivíduo; g) as metamorfoses pessoais inerentes à experiência de modificação corporal e o seu efeito na relação do sujeito consigo próprio; h) a percepção dos outros sobre o sujeito modificado; i) as preocupações e precauções inerentes à prática de marcas no corpo e em específico, a prática de suspensões corporais que mais do que uma transformação física permanente, se trata de uma experiência singular.

As quinze questões que dão voz às dimensões acima identificadas são comuns a todos os participantes, contudo para os profissionais de MC foi adicionado um bloco de oito questões por considerarmos que para além da sua experiência pessoal, o seu contributo como profissionais do meio poderia ser uma mais-valia pela sua experiência acumulada, uma suposição que rapidamente viemos a confirmar. Neste bloco exclusivo a profissionais encontram-se questões relativas às condições de contacto e ingresso como profissionais neste meio, a caracterização do desenvolvimento da sua formação e a descrição das suas opiniões quanto às ofertas formativas neste domínio, bem como a sua opinião no que respeita à legislação em vigor para as MC em Portugal. Duas questões fazem ainda referência ao contacto destes sujeitos com os clientes, na medida em que averiguam de que modo os preparam para lidar com a condição da dor e interrogam os profissionais sobre os motivos que levam os seus clientes a fazer esta escolha de marcar corpo. Por fim, integram o presente bloco mais duas questões que visavam respectivamente, a distinção entre um bom e um mau cliente, e entre um bom e um mau profissional, no domínio das MC.

### 1.3. Procedimentos:

#### 1.3.1. Constituição da amostra e recolha da informação

Com o intuito de iniciar o envio dos convites aos potenciais participantes na investigação, o primeiro passo consistiu na criação de uma conta de *e-mail* que permitisse dar origem a um perfil no *Facebook*. Nesta plataforma comunicacional que é o *Facebook* existem dois modos de apresentação, os perfis, de carácter pessoal e as páginas, destinadas a empresas, produtos, negócios e publicidade. Como explicámos, geralmente os perfis do *Facebook* são páginas pessoais, contudo o nosso assumiu um cariz estritamente profissional e serviu exclusivamente para entrar em contacto com os sujeitos da amostra e recolher informação. Optámos precisamente por um perfil em detrimento a uma página, para que os sujeitos sentissem maior proximidade com o investigador como “amigo virtual”<sup>38</sup>, e não como “produto” ou “negócio”, isto com o objectivo de tornar mais fácil e natural a comunicação entre ambas as partes. No perfil do investigador era possível encontrar duas fotos que o identificavam e alguns dados pessoais como o nome, localidade, data de nascimento, habilitações académicas e profissão, tal como já foi referido anteriormente em nota.

A presença *online* do investigador foi vivida intencionalmente de um modo particular, com o objectivo de garantir o anonimato e confidencialidade dos participantes bem como assegurar que se cumpriam aos objectivos de investigação a que nos propusemos. Deste modo, o investigador adoptou um papel não participante na vida social *online* ou no ciberespaço (a menos que contactado publicamente quanto à investigação em causa e direccionando a conversa para o formato *inbox*, ou seja em mensagem privada), conhecendo os potenciais sujeitos da amostra através da visita de perfis e do envio de pedidos de amizade quando através das fotos de perfil ou de outras disponíveis nos álbuns dos sujeitos era possível reconhecer visualmente que preenchiam os critérios de modificação corporal que permitiriam a sua inclusão num dos dois grupos de investigação (profissionais e usuários de MC). Segundo Rutter e Smith (2005), o papel adoptado pelo investigador define-se como “presença e ausência” na

---

<sup>38</sup> Os “amigos virtuais” são as pessoas que intencionalmente seleccionámos ou aceitámos para fazerem parte da nossa rede de contactos. Entre amigos o acesso aos dados pessoais e às publicações efectuadas deve ser completamente livre.

medida em que não se esconde, faz-se notar mas participa e interage de forma limitada e controlada para não influenciar os sujeitos da amostra.

Os sujeitos que acediam à solicitação do investigador para participar no presente estudo, eram acompanhados por este através dos seus perfis, publicações e interações com outros indivíduos ou páginas virtuais, acções às quais se tem acesso através do mural do *Facebook* (espaço público comum a todos os intervenientes). Assim, o investigador comportou-se como um membro inactivo na comunidade *online*, na medida em que não partilhava conteúdos, opiniões ou comentários no seu perfil nem no dos seus amigos, embora estivesse sempre presente como observador, tentando aceder às experiências de cada um dos sujeitos seleccionados através das suas manifestações, relações e interações na comunidade virtual.

Contudo, devido à sua presença no espaço virtual se limitar praticamente aos contactos em privado no *chat* do *Facebook* com os sujeitos da amostra, com o intuito de não passar a impressão de se tratar de uma entidade virtual pouco credível ou fictícia, o que seria prejudicial para a investigação, tornou-se necessário realizar algumas movimentações públicas, como por exemplo “dar *likes*”<sup>39</sup> em páginas de modificação corporal e temas/ eventos relacionados. Estas acções permitiram a partilha dos gostos e interesses do investigador com a restante comunidade virtual, sem colocar em causa a confidencialidade e anonimato dos participantes.

Quando, devido às fotos de perfil e pela presença de MC os sujeitos se revelavam potenciais elementos para a nossa investigação, era-lhes enviado um “*friend request*” e, simultaneamente ou após terem acedido ao pedido de amizade (conforme as configurações de cada perfil), era enviada uma mensagem privada identificando o investigador e explicando o propósito da presente investigação. Nessa mesma mensagem convidava-se igualmente os sujeitos a partilhar os seus conhecimentos e experiências no terreno das MC, no papel de participantes deste estudo. Em baixo apresentamos o texto que servia este propósito e que funcionou como o primeiro contacto com todos os participantes da amostra:

“Bom dia. O meu nome é Marta Rodrigues e estou a frequentar o 3º ano do Doutoramento em Ciências Sociais, na Universidade Fernando Pessoa (Porto), na Especialidade de Psicologia. A minha tese de doutoramento intitula-se provisoriamente: “Modificações Corporais, Discursos

---

<sup>39</sup> A expressão “dar *likes*” tem como tradução manifestar apreciação.

---

Contemporâneos sobre Metamorfoses” e prende-se com o objectivo de olhar para o fenómeno das modificações corporais na óptica dos seus profissionais e usuários, para aceder aos temas associados à adopção e defesa destas práticas tão diversificadas e ricas. Assim, venho por este meio solicitar a sua participação nesta investigação através da realização de uma entrevista online, no chat desta mesma página do Facebook (com data e hora a marcar em função da sua disponibilidade). Encontro-me disponível para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Agradeço desde já a sua atenção. Com os melhores cumprimentos,

Marta Rodrigues.”

Parece-nos importante referir que antes deste se tornar o formato exclusivo de constituição da nossa amostra foram encetados outro tipo de diligências para a recolha de potenciais elementos que integrassem a investigação, nomeadamente a frequência de eventos (por parte da autora da presente dissertação) que congregavam usuários e profissionais de MC<sup>40</sup>. Nestes contextos, e embora o *feedback* no terreno tenha sido positivo, não se verificaram contactos posteriores com o investigador pelo que se configurou a necessidade de adoptar uma postura mais proactiva, não se limitando a aguardar pelas respostas dos sujeitos contactados mas, iniciando condutas e contactos alternativos no sentido de estabelecer outras ligações e, agendando logo que possível a recolha de dados. Salienta-se ainda a este respeito, que desde 2009 se verificou um importante esforço e preocupação por parte do investigador em compreender os dois lados do universo da MC, a perspectiva de usuários e de profissionais da área, por meio da investigação em campo. Neste sentido, foram frequentados três estúdios de tatuagem e *body piercing* na zona de Aveiro, o que permitiu o contacto e convívio com gerentes de loja, profissionais de MC, clientes e algumas personalidades do universo da MC. Foram partilhadas vivências em contexto profissional, o que facilitou o acesso a várias dimensões pessoais e dos domínios da metamorfose corporal voluntária, essenciais a uma compreensão profunda deste fenómeno e dos seus adeptos.

Retomando os procedimentos de constituição da amostra e da recolha de dados, é necessário acrescentar que após a solicitação de amizade e envio do convite de participação, aquando da resposta dos sujeitos era iniciado um diálogo (*online* ou *offline* em função da situação de ambos no momento da recepção da resposta), direccionado para o esclarecimento de dúvidas e para o agendamento da entrevista. Antecedendo a

---

<sup>40</sup> Exemplo: “Tattoo and Rock Festival, 2011”, 7-9 de Outubro, Pavilhão Atlântico, Lisboa. Actualmente designado por MEO arena.

concretização da entrevista estava o envio em anexo pelo *chat* do *Facebook*, do consentimento informado (Anexo G), no qual vêm especificados os dois momentos de recolha de dados: o questionário realizado *online* ou enviado em anexo pelo *chat* do *Facebook*, ficando a entrevista pendente até à sua devolução e, a entrevista *online*, que só poderia suceder neste formato com contacto sincronizado entre ambas as partes.

Preferencialmente, os dois momentos de recolha de dados, questionário e entrevista, foram realizados consecutivamente. Contudo, quando solicitado pelos sujeitos puderam acontecer em momento diferentes, sendo que a mesma situação se verificava para as questões da entrevista.

A duração do processo da entrevista semi-estruturada no grupo dos usuários oscilou entre uma a quatro horas e, no grupo de profissionais prolongou-se entre duas a cinco horas. Salienta-se que as respostas do questionário e da entrevista ficavam automaticamente gravadas no histórico do *chat* do *Facebook*, o que garantia que todos os sujeitos ficassem com uma cópia dos seus depoimentos.

A constituição da amostra com 20 usuários e 20 profissionais de MC, bem como a recolha de dados inerente aos questionários e entrevistas, ocorreu entre Outubro de 2011 e Janeiro de 2012. Este período da investigação teve a duração de aproximadamente quatro meses, durante os quais se constituíram 282 amigos do perfil do investigador, todos sujeitos com MC visíveis nas suas fotos de apresentação. Deste grupo de amigos virtuais, foram contactados 141 sujeitos no sentido de integrarem a presente investigação e, destes contactos, resultaram 40 respostas afirmativas que se constituíram como sujeitos da nossa amostra. No término das entrevistas para além de se agradecer a disponibilidade e partilha realizada pelos entrevistados, era reforçado que o canal comunicacional criado entre ambas as partes poderia continuar em aberto para futuras questões ou para o acompanhamento do desenrolar da investigação.

### **1.3.2. Metodologia de análise da informação recolhida**

#### **1.3.2.1. Justificação da escolha do método qualitativo**

O objectivo da investigação é, segundo vários investigadores, por exemplo Graue e Walsh (1998), conhecer cada vez mais o mundo de modo a transformá-lo num lugar melhor e tal como nos diz Polkinghorne (1988, p.159), é também procurar “um conhecimento que aprofunda e alarga a compreensão da existência humana”.

Segundo Strauss e Corbin, “os métodos qualitativos devem ser utilizados para descobrir e compreender o que está por trás de cada fenómeno sobre o qual pouco ou nada se sabe (...) e permitem conhecer pormenores complexos do fenómeno, difíceis de descobrir com os métodos quantitativos” (1990, p.19). Contudo, a investigação qualitativa não deve ser entendida como superior à quantitativa, mas sim como uma alternativa de que os investigadores podem dispor, permitindo estas duas metodologias dar oportunidade de responder a diferentes questões de investigação, tendo consciência que a escolha de métodos diferentes dá origem a formas de conhecimento diferentes (Fernandes & Maia, 2001). E, sendo o objecto de estudo da Psicologia o comportamento humano, e este tomado nas suas dimensões mais discretas ou interactivas e históricas, não pode o investigador nesta área deixar de dar importância aos dados qualitativos que se relacionam com a experiência, o discurso ou a história, mais com palavras do que com dígitos (Fernandes & Maia, 2001).

“A investigação qualitativa deve dar voz aos participantes, assim as suas vozes não serão silenciadas nem marginalizadas, também as vozes alternativas ou diversificadas têm de ser ouvidas” (Creswell, 1994, p.56), na tentativa de obter uma compreensão mais profunda do fenómeno em estudo, o investigador deve escutar a opinião dos participantes, ou seja, procurar a validação por parte das pessoas envolvidas. Desta forma, as investigações de índole qualitativa favorecem uma maior aproximação entre o pesquisador e as pessoas, que no terreno desenvolvem o trabalho que é objecto da investigação (Lessard-Hebbert, Goyette & Boutin, 1994), geram resultados e teorias empiricamente credíveis tanto para as pessoas que estão a ser estudadas como para as outras (Maxwell, 1996).

Neste sentido, o método qualitativo é utilizado em estudos que contextualizam o conhecimento, tomando o próprio processo de construção de conhecimento como uma dimensão importante a considerar. Este posicionamento suporta-se na crença de que não existe produção de conhecimento independente do sujeito conhecedor, assumindo-se que o investigador deve incorporar e assumir a sua própria subjectividade na produção científica (Fernandes & Maia, 2001). A investigação não é vista como neutra ou objectiva, reconhecesse-se a existência de momentos de descoberta e redescoberta, estuda-se os fenómenos no seu meio natural, logo a investigação deve ser compreendida como um processo interactivo (Fernandes & Maia, 2001).

As perspectivas pós-modernas sugerem que a objectividade de determinada realidade nunca pode ser alcançada, tal como as várias leituras de um mesmo texto podem resultar em diferentes interpretações e conseqüentes conclusões, sem que nenhuma versão se assuma como privilegiada. Nos actuais paradigmas salienta-se a ideia de que a investigação pode ser reveladora de múltiplas dimensões que compõe a realidade em análise (Seale, 2000). Ainda que a objectividade não possa ser atingida, o investigador deve ser rigoroso nos processos de análise e resultados a que chegar. Neste sentido, Strauss & Corbin (1990) explicam os três componentes fundamentais de qualquer investigação de índole qualitativa: os dados (no caso da presente investigação, provenientes dos questionários de caracterização pessoal e das entrevistas semi-estruturadas); os processos de análise ou interpretação dos dados, denominados de codificação (referimo-nos à construção, estruturação e hierarquização de categorias) que se traduzem nas técnicas para conceptualizar os dados e conduzem a comentários interpretativos de natureza teórica ou não e por fim, os relatórios de investigação (discurso de grupos e apresentação e discussão de resultados).

Acresce-nos ainda referir que a construção de conhecimento está associada ao desenvolvimento de estratégias que procuram aferir a sua adequação ao fenómeno em estudo. A utilização dos métodos qualitativos levantou algumas questões pertinentes quanto à aplicabilidade dos padrões pelos quais os estudos quantitativos são julgados e a sua adequação na avaliação dos estudos de índole qualitativa. Alguns autores (Agar 1986, Guba 1981; Kirk & Miller, 1986) chamaram a atenção para o facto de estes padrões necessitarem de ser modificados para se poderem adequar à investigação qualitativa. Neste sentido Guba e Lincoln (1989) sugerem que a noção de validade seja substituída pela noção de autenticidade, a par com a substituição da noção de generalização pela de transferabilidade. Strauss e Corbin (1990) estão de acordo com o mencionado, defendem que os cânones usuais de “boa ciência” devem ser preservados, requerem é uma definição complacente com a realidade da investigação qualitativa. O importante é a “capacidade preditiva” da teoria construída e não, a generalização dos resultados, ou seja, os leitores devem ter informações detalhadas sobre o fenómeno em estudo para o caso de se encontrar um contexto com condições semelhantes, ser possível a aplicação de uma compreensão teórica equivalente (Fernandes & Maia, 2001). É o rigor dos procedimentos de análise e a sua descrição exhaustiva, ou seja, a apresentação detalhada das estratégias de recolha, codificação, análise e apresentação da

teoria, a par com a explicação da interacção entre investigador e participantes e descrição do contexto da realização de entrevistas, regras de transcrição e notas de interpretação, que vão permitir a outro investigador compreender e avaliar a teoria construída que será “válida” e “fidedigna” se transparecer coerência e consistência ao longo de todo o processo (Fernandes & Maia, 2001).

No âmbito da investigação qualitativa, podemos encontrar uma panóplia de estratégias metodológicas, como é o caso dos estudos ideográficos, da etnografia, da etnometodologia, da análise de discurso, da análise da conversação, da análise narrativa e da por nós privilegiada, *Grounded Theory*, conscientes que cada uma destas metodologias olha para os dados qualitativos com quadros de referência distintos, dando por isso origem a formas de conhecimento também elas, diferentes (Fernandes & Maia, 2001).

#### 1.3.2.2. *Grounded Theory*

A *Grounded Theory* – ou teoria fundamentada nos dados – surge na fase modernista dos anos 60/70, idade de ouro da análise qualitativa rigorosa e foi criada “para proporcionar uma fundamentação lógica para a teoria empiricamente construída” (Fielding & Lee, 1998, p.28). Veio também contribuir para dar resposta às necessidades de investigação mais coerentes com os paradigmas pós-modernos da Psicologia, ao se centrar na dimensão humana da sociedade, nos significados que os indivíduos atribuem às suas vidas e nos aspectos subjectivos da vida social (Layder, 1993). Constitui-se deste modo, numa ferramenta fundamental para o trabalho no domínio da significação da experiência humana (Fernandes, 2001), e como uma metodologia geral sustentada essencialmente em dados qualitativos. A literatura é usada em função das necessidades, ou seja, fica assegurada uma das premissas básicas da *Grounded Theory*: a teoria deve emergir dos dados encontrados e não de teorias pré-existentes (Glaser, 2004). Desta forma, dispensam-se grelhas pré-concebidas pelos investigadores, com núcleos ou temas a serem encontrados nos discursos dos sujeitos.

“Teorizar é um acto de construção” (Strauss & Corbin, 1990, p.25). Na *Grounded Theory* “não se começa por uma teoria que depois de verifica, começa-se com uma área de estudo, e o que for relevante para essa área há-de emergir” (Strauss & Corbin, 1990 p.23), “sendo por isso atractiva para quem prefere mergulhar nos dados,

antes de se lançar para a teoria” (Rennie, 1998, p.10). O acto de construir uma teoria é diferente de uma descrição de dados.

A teoria constrói-se com base num conjunto de procedimentos de conceptualização e no estabelecimento de relações plausíveis entre conceitos e conjuntos de conceitos. A teoria emerge porque oriunda dos dados, visa explicar o que acontece numa determinada situação de investigação, tendo em conta um conjunto de categorias e propriedades de natureza conceptual (Glaser & Strauss, 1967, 1999). É uma metodologia baseada no estudo próximo dos dados de investigação, que se apresentam inicialmente mal estruturados (Rennie, Philip & Quartaro, 1988). O investigador é orientado para a descoberta, formula questões que lhe permitem definir o âmbito e o foco da investigação, mas que permanecem susceptíveis de reformulação e refinamento à medida que a própria pesquisa vai evoluindo (Machado, 2000). Esta é uma grande vantagem dos métodos qualitativos, a flexibilidade, permitindo ao investigador desenvolver os temas de pesquisa à medida que estes surgem e deste modo, orientar o curso da investigação no sentido que lhe parecer mais pertinente, sem as amarras de uma fórmula prévia (Moreira, 1994) inerente à alternativa abordagem hipotético-dedutiva.

Recolha de dados, análise e teoria estão reciprocamente relacionados entre si, pelo que, quando o investigador se compromete com um estudo desta índole metodológica, compromete-se com um percurso de análise sujeito à novidade que o vaivém entre os dados e a análise pode trazer, e que pode inclusivamente exigir a reformulação das análises anteriormente efectuadas (Fernandes & Maia, 2001). “As teorias são sempre traçáveis aos dados que lhes dão origem, dentro do contexto interactivo da colecta e análise de dados, em que o investigador também é um interactuante significativo. As teorias compreendem a possibilidade de exploração de cada nova situação para ver se se adequam, como se podem adequar ou não, exigindo uma abertura do investigador para o carácter provisório de qualquer teoria” (Fernandes & Maia, 2001, p. 54). “O método de comparação constante é o princípio central da *Grounded Theory* e consiste num movimento contínuo entre a construção do investigador e o retorno aos dados, até o processo ficar saturado” (Fernandes & Maia, 2001, p. 55) isto é, quando os novos dados analisados acrescentam muito pouco aos já existentes (Glaser & Strauss, 1967, 1999) e o processo de codificação termina. Este

método traduz a constante preocupação com o rigor e precisão de validação das construções conceptuais.

As técnicas e os procedimentos de análise permitem ao investigador “formular interpretações teóricas dos dados, fundamentadas na realidade, o que é um poderoso meio para conhecer o mundo exterior” (Strauss & Corbin, 1990, p.9). A elaboração teórica é possível tendo em conta que à medida que a codificação se processa, o investigador vai tomando nota em *memos* (Glaser & Strauss 1967, 1999) certo tipo de ideias, ou hipóteses teóricas (Dick, 2005), que traduzem as relações existentes entre as categorias e as propriedades emergentes. Desta forma, os *memos* serão o esqueleto da teoria (Dick, 2005). “Os investigadores não procuram criar uma teoria sobre os actores individuais, mas sobre os padrões de acção e interacção entre vários tipos de unidades sociais, sobre processos decorrentes das mudanças nas condições quer internas, quer externas ao fenómeno em estudo” (Fernandes & Maia, 2001, p. 54).

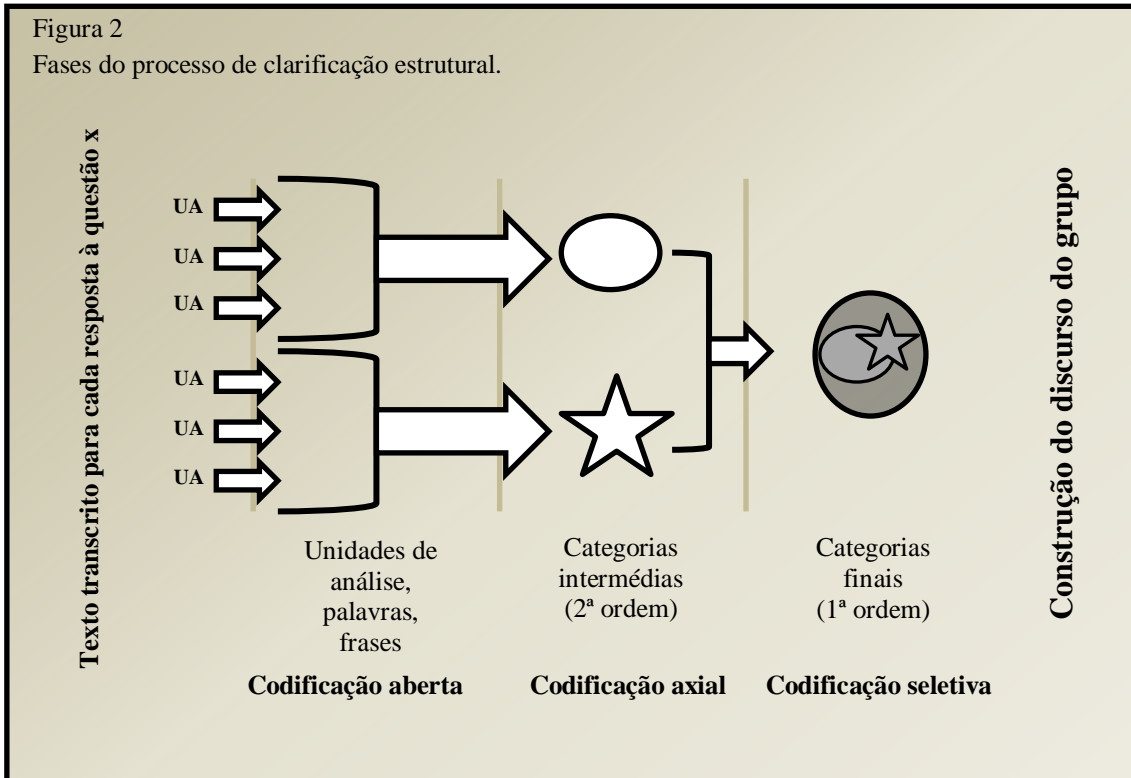
Como já foi referido, a análise dos discursos transcritos foi feita sequencialmente, através do método da *Grounded Analysis* (Strauss & Corbin, 1990), de forma a se conseguir construir um discurso que pudesse a agregar as principais categorias produzidas pelo grupo, em cada questão da entrevista. O processo de investigação subjacente à *Grounded Analysis* cumpre os seguintes passos, detalhados por Fonte (2005):

- 1) Selecção do material relevante para análise – após a leitura de cada uma das entrevistas, procede-se à elaboração de um resumo dos principais temas abordados que cada entrevista sugere. Estas sínteses permitem ter de um modo geral, uma ideia daquilo que é dito por cada entrevistado.
- 2) Categorização descritiva – categorização das unidades de análise com base na terminologia usada pelos entrevistados. Como unidade de análise sugere-se a frase ou ideia, salienta-se ainda que “cada unidade de análise é atribuída a tantas categorias quanto possível” (Rennie, Philips e Quartaro, 1988). Etapa também designada por Codificação aberta segundo Strauss e Corbin (1994).
- 3) Elaboração de memorandos – ao longo do processo de construção de categorias, poderão surgir ideias e hipóteses sobre o significado de cada uma, das relações entre estas, entre outros aspectos. Deste modo, deverão ser construídos

---

memorandos referentes a cada categoria, nos quais se registem estas ideias (Rennie, Philips e Quartaro, 1988).

- 4) Categorização conceptual – nesta fase, cada categoria descritiva será inserida em várias categorias conceptuais. Estas categorias conceptuais consistem em categorias de nível mais abstracto e compreendem diferentes categorias descritivas. Etapa também designada por Codificação axial segundo Strauss e Corbin (1994).
- 5) Categorização central – as categorias centrais são categorias mais gerais, incluem diversas categorias conceptuais e são comuns às categorias conceptuais das diferentes entrevistas. Etapa também designada por Codificação selectiva segundo Strauss e Corbin (1994).
- 6) Hierarquização de categorias – a construção das hierarquias de categorias será viabilizada pela categorização cumulativa e pela emergência de interrelações entre as diversas categorias conceptuais e as categorias centrais, em cada domínio.
- 7) Clarificação estrutural – esta fase consiste na clarificação da estrutura hierárquica do discurso emergente, através da fusão ou suspensão provisória das categorias idiossincráticas (Rennie, Philips e Quartaro, 1988). Ou seja, se o objectivo for caracterizar o discurso do grupo e não de sujeitos individuais, poder-se-á optar por integrar as categorias que só tenham sido expressas por um entrevistado noutras categorias mais frequentemente referidas pelos sujeitos com um significado idêntico. Quando tal facto não é possível, estas deverão ser mantidas, temporariamente à parte da estrutura hierárquica construída, até no final da codificação se verificar se haveria mais sujeitos que a elas se referissem.
- 8) Construção do discurso do grupo – finalizada a codificação, procede-se à primeira síntese descritiva do discurso do grupo. As etapas descritas sucedem-se de forma integrativa.



Contudo, se por um lado os procedimentos da *Grounded Theory* são definidos no sentido da construção rigorosa de uma teoria, por outro lado permitem e alimentam a criatividade necessária à ocorrência de um dos princípios básicos da construção de uma teoria: a interpretação e conceptualização dos dados. A criatividade suporta a sensibilidade teórica, ou seja, a capacidade para dar sentido e significado aos dados e criar abertura para desafiar os próprios pressupostos, aprofundar a experiência e olhar para além da literatura (Fernandes & Maia, 2001).

O investigador assume a sua própria subjectividade na *Grounded Theory*, assume a responsabilidade do seu papel interpretativo e de partilha das vozes estudadas (Fernandes & Maia, 2001).

O objectivo é criar uma relação mais estreita entre a teoria e a realidade estudada, é desenvolver uma teoria compatível à realidade estudada, ou seja, uma explicação teórica global acerca do fenómeno estudado (Fernandes & Maia, 2001; Strauss & Corbin, 1990). É também gerar teoria construída com base na recolha e análise sistemática dos dados através de um processo indutivo de produção de conhecimento (Haig, 1995).

### 1.3.2.3 Vantagens da recolha de dados no plano virtual

Foi nossa intenção compatibilizar um *design* clássico de investigação (a recolha de dados através de questionário e entrevista semiestruturada, bem como a sua análise através do método *Grounded Analysis* com vista à elaboração de uma teoria fundamentada nos dados) com um método de recolha de dados menos convencional, referimo-nos ao facto de termos optado pelo *site Facebook* como o único meio de contacto com os sujeitos da amostra e como a nossa base de recolha de dados. E, se até agora temos vindo a justificar a escolha por este *design* de investigação, concluímos esta etapa com as principais vantagens que encontramos na opção de realizar a recolha de dados exclusivamente através do *chat* do *Facebook*.

O facto da presente pesquisa ter sido concretizada por meio da plataforma comunicacional que é o *Facebook*, permitiu-nos chegar a zonas e a pessoas, às quais de outro modo não teríamos tido acesso e, o mesmo se aplica ao conhecimento partilhado pelos sujeitos entrevistados (Dominguez et al., 2007). A recolha de dados pela *internet* permite aceder em profundidade a experiências de vida, sentimentos e conteúdos pessoais através de simples conversações, que possibilitam a leitura, reconhecimento e partilha destes conteúdos, que de outro modo poderiam nunca chegar a ser conhecidos (Wyn & Katz, 1997; Mann & Stewart, 2000).

Por outro lado, é possível afirmar que a opção por este método de recolha de dados foi financeiramente mais eficaz e menos dispendiosa que a realização de entrevistas cara a cara, tendo permitido aceder geograficamente a participantes residentes no continente, ilhas e noutros países, sem qualquer custo (Illingworth, 2006). Acrescentando-se também o tempo e dinheiro poupado no processo automático de gravação das entrevistas através do histórico do *Facebook*, que permite a sua consulta contínua sem necessidade de transcrição manual das mesmas (Illingworth, 2006).

No papel de investigador, para melhor compreender aquilo que era transmitido e construir significados em conjunto com os sujeitos da amostra, tornou-se essencial conhecer os contextos de acção e o meio circundante. Deste modo, esforçámo-nos por perceber a sua realidade no terreno, através da presença em vários eventos de MC e estúdios de tatuagem e *body piercing* mas também, se conduziu um esforço no sentido de captar a realidade subjectiva dos elementos entrevistados e a sua transposição para o

plano virtual (Sanders, 2005). Ou seja, para além das horas partilhadas em contacto “*online*” através do *chat* do Facebook, uma vantagem é encontrada em todo o trabalho que é possível realizar “*offline*”: a análise dos perfis de cada sujeito, da sua rede de contactos, das páginas de interesse por si eleitas, dos eventos a que aderiam e dos comentários e publicações que partilhavam no mural, o que permitiu conhecer com maior detalhe cada personalidade que integrou a investigação e compreender com maior profundidade aquilo que nos era transmitido (Teli et. al, 2007).

Acrescentamos apenas que a referência ao anonimato dos participantes poderá conduzir a questões relativas à veracidade dos dados de identificação pessoal que apresentam no *Facebook*. Com isto, queremos dizer que em algumas plataformas de comunicação virtual existentes não há garantias de que o sujeito entrevistado seja quem realmente afirma ser e, de que os conteúdos por si partilhados sejam verdadeiro (Jacobson, 1999). Contudo, acreditamos que o acesso às acções e interacções públicas dos sujeitos no mural do *Facebook*, através da consulta dos seus perfis, permite reconstituir as suas ligações interpessoais, ao identificar as pessoas significativas com quem mais comunicam, e que o acesso a parte da sua história pessoal partilhada por meio das publicações e comentários realizados, confere um certo grau de confiança nos dados de identificação recolhidos e nos depoimentos prestados pelos sujeitos entrevistados (Lee, 2006; Hine, 2000).

## 2. Apresentação e análise dos resultados

### 2.1 Resultados do questionário de caracterização pessoal

#### 2.1.1. Dados sócio-demográficos

As tabelas 2 a) e 2 b) apresentam respectivamente, a caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários e do grupo de Profissionais em função da profissão e situação profissional.

No que respeita à situação profissional dos sujeitos da nossa amostra, é possível afirmar que no grupo dos usuários, 11 sujeitos estão no activo, dois trabalham como *free-lancer*, outros dois em *part-time* e três estão desempregados.

Tabela 2 a):

Caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários em função da profissão e situação profissional.

<b>Usuários</b>	<b>Profissão</b>	<b>Situação profissional</b>
Sujeito 7	Estudante	–
Sujeito 9	Cabeleireira	<i>Part-time</i>
Sujeito 14	Lojista	No activo
Sujeito 17	Fotógrafo	Desempregado
Sujeito 18	<i>Designer</i>	<i>Freelancer</i>
Sujeito 19	Telefonista	No activo
Sujeito 20	Agente de artistas	No activo
Sujeito 21	Gerente de loja	No activo
Sujeito 23	Recepcionista	No activo
Sujeito 24	Técnico de prótese dentária	Desempregado
Sujeito 25	Modista	No activo
Sujeito 26	Técnico de <i>design</i> gráfico	Desempregado
Sujeito 27	Lojista	No activo
Sujeito 28	Estudante	–
Sujeito 30	Ajudante de acção directa	No activo
Sujeito 32	Cabeleireira/ maquiadora	No activo
Sujeito 33	Músico	No activo
Sujeito 34	Animadora circense	No activo
Sujeito 35	Engenheiro de som	<i>Freelancer</i>
Sujeito 38	Hotelaria	<i>Part-time</i>

Agora, e com maior detalhe porque nos interessa especialmente o grupo dos profissionais, como podemos confirmar na tabela 2 b), este é constituído por 15 tatuadores, dos quais cinco acumulam a função de gerente de loja e um trabalha igualmente como *piercer*<sup>41</sup>. O grupo encerra com cinco profissionais de *piercing* corporal, sendo que a par com esta actividade dois sujeitos exercem a função de gerente de loja. À excepção de um sujeito, todos os profissionais do grupo estão no activo embora um dos tatuadores ainda esteja à experiência. Estes 17 elementos encontram-se a trabalhar em estúdios de MC, o mesmo não acontece para os três indivíduos que trabalham em regime de *free-lancer*.

<sup>41</sup> *Piercer* ou profissional de *body piercing*.

Tabela 2 b):

Caracterização sociodemográfica do grupo de Profissionais em função da profissão e situação profissional.

<b>Profissionais</b>	<b>Profissão</b>	<b>Situação profissional</b>
Sujeito 1	Tatuadora/ gerente	No activo
Sujeito 2	Tatuador	No activo
Sujeito 3	Tatuador	No activo
Sujeito 4	<i>Piercer</i>	<i>Freelancer</i>
Sujeito 5	<i>Piercer</i>	Não está no activo
Sujeito 6	Tatuador	Activo
Sujeito 8	Tatuadora	<i>Freelancer</i>
Sujeito 10	<i>Piercer/</i> gerente	No activo
Sujeito 11	Tatuador	No activo
Sujeito 12	Tatuador/ gerente	No activo
Sujeito 13	Tatuador	À experiência
Sujeito 15	Tatuador/ gerente	No activo
Sujeito 16	<i>Piercer/</i> gerente	No activo
Sujeito 22	<i>Piercer</i>	<i>Freelancer</i>
Sujeito 29	Tatuador	No activo
Sujeito 31	Tatuador	No activo
Sujeito 36	Tatuador/ <i>piercer</i>	No activo
Sujeito 37	Tatuadora/ gerente	No activo
Sujeito 39	Tatuador/ gerente	No activo
Sujeito 40	Tatuador	No activo

As tabelas 3 a) e 3 b), apresentam respectivamente, a caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários e do grupo de Profissionais em função da nacionalidade, zona de residência e com quem vive.

Foi intencional o facto da nossa amostra ser constituída quase na totalidade (34 casos) por indivíduos de nacionalidade portuguesa, mesmo que actualmente se encontrem a residir no estrangeiro (um caso no Reino Unido e um caso em França), visto que pretendíamos explorar com detalhe a realidade da MC vivida na primeira pessoa, no nosso país.

A situação inversa também é propositada, os seis entrevistados de outras nacionalidades que constituem a presente amostra encontram-se a morar em Portugal e falam a língua portuguesa.

Tabela 3 a):

Caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários em função da nacionalidade, zona de residência e com quem vive.

<b>Usuários</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Zona de residência</b>	<b>Com quem vive</b>
Sujeito 7	Portuguesa	Lisboa	Mãe e padrasto
Sujeito 9	Portuguesa	Porto	Pais e irmão
Sujeito 14	Portuguesa	Porto	Mãe e irmã
Sujeito 17	Portuguesa	Coimbra	Pais e irmã
Sujeito 18	Portuguesa	Porto	Pais
Sujeito 19	Portuguesa	Lisboa	Mãe
Sujeito 20	Portuguesa	Lisboa	Pai
Sujeito 21	Portuguesa	Lisboa	Sozinho
Sujeito 23	Portuguesa	Setúbal	Pais
Sujeito 24	Portuguesa	Porto	Sozinho
Sujeito 25	Portuguesa	Lisboa	Sozinha
Sujeito 26	Portuguesa	Porto	Sozinho
Sujeito 27	Portuguesa	Lisboa	Amigo
Sujeito 28	Portuguesa	Porto	Pais
Sujeito 30	Portuguesa	Lisboa	Filha e amiga
Sujeito 32	Brasileira	Lisboa	Marido e 4 colegas
Sujeito 33	Portuguesa	Lisboa	Companheira e colega
Sujeito 34	Portuguesa	França	(S/r)
Sujeito 35	Portuguesa	Londres	Namorada e amigo
Sujeito 38	Portuguesa	Porto	Irmão

Tabela 3 b):

Caracterização sociodemográfica do grupo de Profissionais em função da nacionalidade, zona de residência e com quem vive.

<b>Profissionais</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Zona de residência</b>	<b>Com quem vive</b>
Sujeito 1	Portuguesa	Aveiro	Sozinha
Sujeito 2	Portuguesa	Funchal	Sozinho
Sujeito 3	Portuguesa	Sintra	Pais
Sujeito 4	Portuguesa	Almada	Avó
Sujeito 5	Portuguesa	Lisboa	Mãe e irmão
Sujeito 6	Portuguesa	Porto	Colega
Sujeito 8	Portuguesa	Lisboa	Companheiro
Sujeito 10	Portuguesa	Aveiro	Namorado
Sujeito 11	Luso-brasileira	Aveiro	Namorada
Sujeito 12	Portuguesa	Loures	Sozinha
Sujeito 13	Portuguesa	Porto	Sozinho
Sujeito 15	Portuguesa	Odivelas	Sozinho
Sujeito 16	Portuguesa	Loulé	Marido e filha
Sujeito 22	Luso-suíça	Lisboa	Sozinha
Sujeito 29	Brasileira	Viseu	Sozinho
Sujeito 31	Portuguesa	Funchal	Sozinho
Sujeito 36	Brasileira	Lisboa	Companheira
Sujeito 37	Brasileira	Coimbra	Marido
Sujeito 39	Portuguesa	Lisboa	Namorada
Sujeito 40	Portuguesa	Guimarães	Pais

No que respeita à sua distribuição territorial, 36 sujeitos residem no continente dividindo-se principalmente entre Lisboa (18 casos) e Porto (nove casos), aos quais se juntam dois participantes do Funchal. Já sabemos qual a sua proveniência e onde se encontram, acrescentamos ainda com quem moram e, o mais comum mostrou ser o viver sozinho (12 casos) ou com os pais (12 casos), seguindo-se a hipótese de morar com uma pessoa afectivamente significativa (10 casos).

As tabelas 4 a) e 4 b) apresentam respectivamente, a caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários e do grupo de Profissionais em função da escolaridade dos pais e profissão dos pais.

Tabela 4 a):

Caracterização sociodemográfica do grupo de Usuários em função da escolaridade dos pais e profissão dos pais.

<b>Usuários</b>	<b>Escolaridade Pai</b>	<b>Escolaridade Mãe</b>	<b>Profissão Pai</b>	<b>Profissão Mãe</b>
Sujeito 7	12º ano	Bacharelato	Músico	Músico
Sujeito 9	Doutorando	12º ano	Psicólogo	Profissional de seguros
Sujeito 14	12º ano	12º ano	Bancário	Desempregada
Sujeito 17	9º ano	9º ano	Encarregado de armazém	Empregada de balcão
Sujeito 18	Licenciatura	Licenciatura	Economista	Educadora de Infância
Sujeito 19	12º ano	4ª classe	Reformado	Doméstica
Sujeito 20	Licenciatura	(S/r)	Reformado	(S/r)
Sujeito 21	4ª classe	6º ano	Reformado	Reformada
Sujeito 23	Licenciatura	Licenciatura	Advogado	Advogada
Sujeito 24	Licenciatura	12º ano	Professor universitário	Reformada
Sujeito 25	(S/r)	(S/r)	Vendedor	Doméstica
Sujeito 26	(S/r)	12º ano	(S/r)	Auxiliar de ação médica
Sujeito 27	9º ano	Freq. universitária	(S/r)	Produtora
Sujeito 28	Licenciatura	12º ano	Técnico oficial de contas	Secretária
Sujeito 30	4ª classe	6º ano	(S/r)	Cozinheira
Sujeito 32	Ensino secundário	Ensino secundário	Motorista de autocarro	Empresária
Sujeito 33	9º ano	9º ano	(S/r)	Auxiliar de educação
Sujeito 34	(S/r)	(S/r)	(S/r)	(S/r)
Sujeito 35	Curso profissional	Ensino secundário	Reformado	Florista
Sujeito 38	Freq. Universitária	9º ano	Inspetor STCP	Comercial

“Trazemos sempre outros connosco” (McNamee, 2001) e por esta mesma razão consideramos que a caracterização sociodemográfica da nossa amostra não estaria completa sem alguns dados do seu núcleo familiar. Neste sentido, averiguamos a escolaridade e profissão dos pais dos participantes. Referimo-nos a uma população de 80 pessoas, das quais 25 não tivemos acesso à sua formação académica mas, na qual se integram outros 34 pais e mães que se distribuem principalmente entre o ensino secundário (19 casos) e o ensino superior (15 casos). Profissionalmente, as respostas revelam que a sua actividade profissional é tão diversificada quanto a riqueza da presente amostra em estudo.

Tabela 4 b)

Caracterização sociodemográfica do grupo de Profissionais em função da escolaridade dos pais e profissão dos pais.

<b>Profissionais</b>	<b>Escolaridade Pai</b>	<b>Escolaridade Mãe</b>	<b>Profissão Pai</b>	<b>Profissão Mãe</b>
Sujeito 1	6º ano	6º ano	Reformado	Costureira
Sujeito 2	(S/r)	12º ano	(S/r)	Empresária
Sujeito 3	(S/r)	(S/r)	Técnico de som	Cozinheira
Sujeito 4	12º ano	Licenciatura	Militar	Enfermeira
Sujeito 5	(S/r)	6º ano	Mecânico	Auxiliar de educação
Sujeito 6	12º ano	Licenciatura	Monitor	Professora primária
Sujeito 8	4º ano	Licenciatura	Militar	Educadora de Infância
Sujeito 10	(S/r)	(S/r)	(S/r)	(S/r)
Sujeito 11	(S/r)	(S/r)	Artesão	Artesã
Sujeito 12	6º ano	9º ano	Serralheiro	Auxiliar de adm. Educ.
Sujeito 13	(S/r)	(S/r)	(S/r)	(S/r)
Sujeito 15	12º ano	Ensino superior	Reformado	Reformada
Sujeito 16	(S/r)	(S/r)	Eng. civil	Doméstica
Sujeito 22	7º ano	5º ano	Plaquista	Desempregada
Sujeito 29	(S/r)	(S/r)	(S/r)	Estética
Sujeito 31	(S/r)	4ª classe	(S/r)	Doméstica
Sujeito 36	12º ano	12º ano	Empresário	Cabeleireira
Sujeito 37	12º ano	11º ano	Reformado	Reformada
Sujeito 39	(S/r)	(S/r)	Reformado	Reformada
Sujeito 40	(S/r)	(S/r)	Reformado	Reformada

### 2.1.2 Dados relativos às MC:

Como já foi referido previamente o nosso objecto de estudo são os sujeitos extensivamente marcados<sup>42</sup>, aqueles que a maior parte das vezes, de forma mais ou

<sup>42</sup> “Sujeitos extensivamente marcados” é uma designação atribuída aos sujeitos com grande número de MC, amplamente utilizada pelo autor Vitor Sérgio Ferreira no artigo “*Ofícios de Marcar o Corpo. A*

menos consciente, vão desenvolvendo um projecto corporal alicerçado em diferentes MC. Não pretendíamos explorar o universo da MC e os discursos contemporâneos sobre metamorfoses em sujeitos com um ou outro apontamento no corpo, o nosso objectivo era aceder às vivências daqueles que escolheram a MC como um modo de ser e de estar na vida.

Tabela 2.1 a)

Dados relativos à prática das MC – grupo de Profissionais.

<b>Profissionais (género)</b>	<b>Idade</b>	<b>Tipo de MC</b>	<b>Nº referências</b>
Sujeito 1 (Masculino)	[13-25]	Alargador	2
		<i>Corset piercing</i>	1
		<i>Piercing</i>	5
		Tatuagem	8
Sujeito 2 (Masculino)	[14-28]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	5
		Tatuagem	10
Sujeito 3 (Masculino)	[16-30]	Alargador	2
		<i>Branding</i>	1
		Escarificação	1
		Microdermal	4
		<i>Piercing</i>	30
		<i>Skin removal</i>	1
Sujeito 4 (Feminino)	[15-19]	Tatuagem	11
		Alargador	1
		<i>Piercing</i>	3
		<i>Surface piercing</i>	1
Sujeito 5 (Masculino)	[17-23]	Tatuagem	8
		Alargador	4
		<i>Corset piercing</i>	1
		<i>Piercing</i>	17
		<i>Surface piercing</i>	1
Sujeito 6 (Masculino)	[19-28]	Tatuagem	8
		<i>Piercing</i>	3
Sujeito 8 (Feminino)	[12-20]	Tatuagem	5
		Alargador	2
		<i>Piercing</i>	5
Sujeito 10 (Feminino)	[20-28]	Tatuagem	8
		Alargador	2
		Microdermal	3
		<i>Piercing</i>	9
Sujeito 11 (Masculino)	[18-32]	Tatuagem	9
		Alargador	2
		Microdermal	2
		<i>Piercing</i>	4
		<i>Piercing Transversal</i>	2
Sujeito 12 (Masculino)	[15-30]	Tatuagens	6
		Alargador	2
		<i>Piercing</i>	5
		Tatuagem	14

realização profissional de uma projecto identitário” (2008) e na sua obra “*Marcas que Demarcam. Tatuagem, Body Piercing e Culturas Juvenis*” (2009).

As tabelas 2.1 a) e 2.1 b) resumem os dados disponíveis em anexo e que ilustram o colorido e as diversas marcas que preenchem os corpos dos sujeitos entrevistados.

Tabela 2.1 a) – cont.

Dados relativos à prática das MC – grupo de Profissionais.

<b>Profissionais (género)</b>	<b>Idade</b>	<b>Tipo de MC</b>	<b>Nº referências</b>
Sujeito 13 (Masculino)	[16-30]	<i>Piercing</i>	3
		Tatuagem	6
Sujeito 15 (Masculino)	[18-32]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	5
		Tatuagem	7
Sujeito 16 (Feminino)	[16-35]	<i>Piercing</i>	5
		Tatuagem	9
Sujeito 22 (Feminino)	[12-21]	Alargador	2
		Escarificação	1
		Microdermal	1
		<i>Piercing</i>	10
		<i>Surface piercing</i>	1
		Tatuagem	5
Sujeito 29 (Masculino)	[18-24]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	2
		Tatuagem	4
Sujeito 31 (Masculino)	[18-31]	Microdermal	(S/r)
		<i>Piercing</i>	(S/r)
		Tatuagem	3
Sujeito 36 (Masculino)	[12-23]	Alargador	2
		Microdermal	4
		<i>Piercing</i>	7
		<i>Pocketing</i>	1
		<i>Surface piercing</i>	1
		Tatuagem	9
Sujeito 37 (Feminino)	[20-32]	Microdermal	3
		<i>Piercing</i>	11
		Tatuagem	11
Sujeito 39 (Masculino)	[...-32]	<i>Piercing</i>	3
		Tatuagem	7
Sujeito 40 (Masculino)	[18-25]	<i>Piercing</i>	1
		Tatuagem	5

Os sujeitos que integram tanto o grupo dos usuários como o grupo dos profissionais, dificilmente passariam despercebidos numa rua repleta de transeuntes e muito menos numa praia ou noutro contexto que exija que os corpos se revelem mais do que o quotidiano pressupõe. A forma como construímos a presente amostra, através da cuidadosa selecção dos participantes e os dados recolhidos expostos nas tabelas 2.1 a) e 2.1 b), asseguram a correspondência com os critérios de inclusão já referidos, e permitem a exploração do fenómeno das MC com conhecimento de causa através das vozes dos participantes nesta investigação.

Assim, as tabelas que contêm os dados detalhados relativos à prática de MC encontram-se disponíveis em anexo porque tratam da idade, tipo de MC e zona corporal de cada um dos 40 sujeitos da amostra (cf. Anexo A e Anexo B).

Tabela 2.1 b)

Dados relativos à prática das MC – grupo de usuários.

<b>Usuários (género)</b>	<b>Idade</b>	<b>Tipo de MC</b>	<b>Nº referências</b>
Sujeito 7 (Feminino)	[15-20]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	3
		<i>Surface piercing</i>	5
		Tatuagem	4
Sujeito 9 (Feminino)	[15-21]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	8
		Tatuagem	4
Sujeito 14 (Masculino)	[15-26]	<i>Piercing</i>	11
		Tatuagem	9
Sujeito 17 (Masculino)	[17-21]	<i>Piercing</i>	2
		Tatuagem	11
Sujeito 18 (Masculino)	[16-21]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	2
		Tatuagem	4
Sujeito 19 (Masculino)	[17-23]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	12
		Tatuagem	2
Sujeito 20 (Masculino)	[17-24]	<i>Piercing</i>	3
		Tatuagem	5
Sujeito 21 (Masculino)	[18-33]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	9
		Tatuagem	4
Sujeito 23 (Masculino)	[19-27]	Tatuagem	6
Sujeito 24 (Masculino)	[18-23]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	7
		Tatuagem	4
Sujeito 25 (Feminino)	[17-36]	<i>Piercing</i>	3
		Tatuagem	7
Sujeito 26 (Masculino)	[16-29]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	5
		Tatuagem	8
Sujeito 27 (Feminino)	[16-24]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	3
		Tatuagem	7
Sujeito 28 (Feminino)	[15-20]	Alargador	1
		<i>Piercing</i>	4
		Tatuagem	5
Sujeito 30 (Feminino)	[21-37]	Alargador	1
		<i>Piercing</i>	2
		Tatuagem	7
Sujeito 32 (Feminino)	[18-23]	Alargador	2
		<i>Piercing</i>	4
		Tatuagem	2
Sujeito 33 (Masculino)	[17-28]	<i>Piercing</i>	6
		Tatuagem	10
Sujeito 34 (Feminino)	[12-36]	Escarificação	1
		<i>Piercing</i>	6
		Tatuagem	9
Sujeito 35 (Masculino)	[16-27]	<i>Piercing</i>	3
		Tatuagem	9
Sujeito 38 (Feminino)	[15-21]	Escarificação	1
		<i>Piercing</i>	1
		Tatuagem	6

Caracterizando de forma breve os sujeitos participantes e numa perspectiva mais genérica do que particular, na descrição das suas MC encontramos 153 referências no grupo de profissionais à presença de tatuagens e 123 referências no grupo de usuários; quanto ao uso de *piercings* corporais, foram feitas 143 referências no primeiro grupo e 99 no segundo. Em menor escala estão as referências ao uso de alargadores, totalizando 27 referências no grupo dos profissionais e 20 no grupo dos usuários, bem como a presença de escarificações, abrangendo um total de quatro referências no primeiro grupo e de duas referências no segundo grupo. Os implantes microdermais têm presença exclusiva no grupo dos profissionais e constituem no total 18 referências.

Com o intuito de oferecer uma visão mais próxima e realista dos corpos dos sujeitos entrevistados, passamos a descrever para cada um dos grupos de trabalho aqueles sujeitos cujas referências às suas MC em termos de quantidade e diversidade nos permitem avaliá-los como os mais e menos modificados. Assim, considerámos o profissional número três, o portador de maior número de MC dentro do seu grupo de pares, com dois alargadores, quatro implantes microdermais, 30 *piercings*, 11 tatuagens, um *branding*, uma escarificação e um *skin removal*; no extremo oposto e em comparação, entra o sujeito 40 com apenas um *piercing* e cinco tatuagens. No grupo dos usuários, o sujeito sete apresenta maior diversidade de modificações com o corpo ocupado por dois alargadores, três *piercings*, cinco *surface piercings* e quatro tatuagens e, o sujeito 14 com maior número de MC: 11 *piercings* e nove tatuagens, fazendo parte deste grupo o sujeito 23 com apenas seis tatuagens e a representar o menor número de MC por sujeito no grupo de usuários. No intervalo entre estes exemplos de extremos, podemos situar todos os profissionais e usuários de MC que se constituem como elementos da presente amostra.

Através da informação recolhida e ainda respeitante à pergunta dois do questionário, podemos afirmar que na primeira experiência de MC é mais usual tanto para profissionais como para usuários, a realização de um *piercing* em primeiro lugar (25 casos), seguido pela escolha de uma tatuagem como primeira marca corporal (12 casos) ou, o uso de alargadores (3 casos) (cf. Anexo A) para a sua estreia no universo das MC.

Tal como já mencionámos, seleccionámos intencionalmente os participantes porque pretendíamos aceder às vozes de sujeitos extensivamente marcados ou com marcas corporais cuja dimensão ou exuberância fossem significativas ao ponto de serem facilmente identificadas. Deste modo, reconhecemos que a amostra em estudo é bastante diversificada e condensada no conjunto de MC que a ilustram. Para além dos três tipos de MC já mencionados como mais comuns para a introdução neste meio, acrescentam-se a prática de suspensões corporais, algumas variações do *piercing* como o *surface piercing*, o *corset piercing*, o *pocketing* e o *piercing transversal*, a esscarificação (*branding* e *skin removal*) e em exclusivo para o grupo de profissionais os implantes microdermais (presentes em sete sujeitos atingindo um máximo de quatro por pessoa) (cf. Anexo C [Classificação das MC segundo o *site* BME] e Anexo D [Glossário de MC]).

Quanto às zonas corporais, tanto no que respeita a *piercings* como a tatuagens, que se traduzem nas MC dentro dos seus vários formatos com maior frequência na nossa amostra, concluímos que existem mais semelhanças do que diferenças entre os grupos e que em ambos, o corpo inteiro se revela uma opção para perfurar ou para tatuar, desde as zonas corporais mais clássicas ou mais vulgares às escolhas mais arrojadas (cf. Anexo E).

A terceira questão informa quanto ao uso de anestésicos antes ou durante a realização das MC dos participantes. Neste domínio foram obtidas oito respostas afirmativas e 12 negativas, em ambos os grupos. Concluímos assim, que embora não haja grande discrepância (no total 16 respostas afirmativas e 24 negativas), não usar anestésicos é prevacente. Contudo, quanto às oito respostas afirmativas respeitantes ao grupo dos usuários, todos os indivíduos assinalaram o uso de anestésicos aquando da realização de *piercings*, especificando compostos como a Xilocaína (disponível em *spray*, gel, creme e injetável) e Cloreto de etilo ou *spray* gelado, ambos anestésicos tópicos. Verificou-se também uma referência ao creme “EMLA” que contém lidocaína e prilocaína (anestésicos locais e antipruriginosos) cuja aplicação antecede a realização de tatuagens.

No grupo dos profissionais o número de respostas afirmativas para o uso de anestésicos repete-se e, sete sujeitos referiam a Xilocaína e o *Spray* gelado como os métodos utilizados pelos profissionais responsáveis. Quanto às tatuagens, verificam-se

duas referências ao uso de “Bactine”, um líquido antisséptico e anestésico tópico que contém cloreto de benzalcónio (antisséptico) e lidocaína (anestésico local).

A questão seguinte (número quatro no questionário) incide sobre a hipótese ou acto de remoção/alteração das MC e, qual a razão desta escolha. No grupo dos usuários, 17 sujeitos assumiram já ter removido/alterado algumas das suas MC. No grupo dos profissionais, a mesma situação verificou-se em 14 elementos do grupo. Deste modo, concluímos que apenas nove sujeitos não actuaram sobre as modificações que já haviam realizado e que os restantes 31, por vários motivos, como os que passaremos a apresentar, escolheram eliminar ou modificar algumas das suas marcas corporais.

Mas, antes de acedermos aos motivos, vamos expor quais os tipos de modificação corporal que são mais susceptíveis à hipótese de alteração ou de eliminação. No grupo dos usuários 13 sujeitos assinalaram os *piercings* corporais e, como razões para a sua remoção definitiva ou temporária apresentaram motivos estéticos, questões profissionais, a rejeição corporal/ infecção e desconforto.

Três usuários fizeram *cover-up* nas suas tatuagens (taparam-nas com outros desenhos) e um, faz intenções de as remover definitivamente. Como razões desta escolha, justificam-na pela insatisfação com a qualidade do trabalho e com o resultado final.

Verificam-se ainda neste grupo duas referências para os *piercings surface*, removidos por motivo de infecção/ rejeição e incómodo causado, bem como duas referências para alargadores/túneis, sobre os quais um sujeito mencionou ter reduzido o tamanho por estar a deformar a orelha e outro, justificou a sua remoção por questões profissionais.

Dos 14 profissionais que assumiram já ter removido alguma das suas marcas corporais ou pretender fazê-lo futuramente, nove referiam-se a tatuagens e seis deles reforçam esta vontade com base na insatisfação com a qualidade do trabalho obtido. Os restantes dizem estar arrependidos do significado das marcas e daí a vontade de as ocultar. Um elemento justifica esta escolha com base na necessidade de ter espaço para fazer novas tatuagens.

Por fim, sete sujeitos partilham a remoção de alguns dos seus *piercings* por diferentes razões como a estética, a rejeição corporal, os motivos profissionais, a

necessidade de os retirar para determinados exames médicos e principalmente, o facto de se terem fartado ou considerarem os *piercings* pouco práticos devido à sua localização (lábio, língua e mamilo).

Quando questionámos os sujeitos sobre eventuais planos de realizar mais MC, obtivemos 40 respostas afirmativas, o mesmo que dizer que nenhum dos elementos da amostra pretende ficar por aqui no respeito às marcas corporais. Com excepção de dois elementos, todos os sujeitos do grupo de usuários demonstraram vontade de fazer outras tatuagens. Quanto aos motivos, repartem-se maioritariamente entre o significado das marcas, o gosto pelas tatuagens, a questão da estética e o intuito de terminar projectos/peças.

Nos planos para o futuro, três sujeitos incluem a escarificação por gostarem e considerarem uma arte e, também três sujeitos pensam fazer *piercings* por motivos estéticos e gosto pessoal, que são os mesmos motivos que levam dois elementos a ponderar fazer implantes microdermais no seu corpo. As suspensões corporais integram também este domínio, com um usuário a referir querer experimentar por curiosidade e, outro com vontade de repetir a experiência. Encontra-se ainda uma referência aos alargadores por motivos estéticos e uma referência à prática de limar os dentes caninos pela sensualidade do resultado final.

No grupo dos profissionais o panorama é muito similar no que respeita às tatuagens, com 19 sujeitos a incluir esta prática nos seus projectos, sendo que os motivos consistem na necessidade de equilibrar o preenchimento corporal ou terminar outras tatuagens mas, principalmente pelo significado que pretendem dar às marcas e pelo prazer/ gosto de as ter. A diferenciação e os *cover-ups* também foram razões referidas.

Por motivos puramente estéticos, acedeu-se a uma referência para cada uma das seguintes MC: microdermais, escarificação, *branding* e bifurcação da língua. Pela experiência em si, dois sujeitos assinalaram a sua vontade de realizar suspensões corporais e um, de fazer implantes subdermais. Por fim, três profissionais pretendem fazer mais *piercings* pelo gosto particular nesta prática.

O questionário termina com a questão seis, relativa às pessoas significativas que rodeiam o sujeitos entrevistado e mais especificamente, se estes indivíduos possuem MC. Começamos por salientar que todos os sujeitos da amostra, usuários e profissionais

(40 elementos) possuem amigos com marcas corporais e ainda, que 12 usuários têm familiares modificados corporalmente e 14 profissionais igualmente.

## 2.2. Resultados das entrevistas semi-estruturadas

Tal como já foi esclarecido no ponto referente ao método da *Grounded Analysis* (Strauss & Corbin, 1990), o processo utilizado para aceder ao significado atribuído às múltiplas experiências que decorrem da escolha de modificar o corpo de uma forma permanente, configurou-se-nos como beneficiando claramente de uma abordagem de índole qualitativa. Estas expectativas foram confirmadas quando nos confrontámos com a riqueza dos discursos encontrados. Riqueza esta, transparente na diversidade e na profusão de unidades de significado<sup>43</sup> que emergiram.

Com este pano de fundo, e decorrente da exploração e da análise detalhada das entrevistas realizadas, procedemos à categorização descritiva das mesmas, ou seja, à categorização das unidades de análise com base na expressão escrita usada pelos entrevistados.

A partir dos dados já reduzidos por este procedimento, passamos para uma análise mais sistemática que resultou nas categorias conceptuais ou de segunda ordem, categorias que englobam as categorias descritivas, e que se assumem de carácter mais abstracto (Strauss & Corbin, 1990).

Numa segunda fase de categorização cumulativa e a par com um constante processo de questionamento entre categorias descritivas e conceptuais, acedemos às categorias de primeira ordem ou categorias centrais. Subjacente a este processo de hierarquização está o processo de clarificação estrutural, que pressupõe que se desconsiderem as categorias que são singulares, ou seja, as mais raras e como tal menos frequentes (Strauss & Corbin, 1990).

Deste processo de hierarquização resulta uma estrutura de análise e leitura dos significados emergentes nas respostas a cada uma das questões, que nos permite aceder ao que de acordo com Strauss e Corbin (1990), foi denominado como discurso do grupo.

---

<sup>43</sup> Expressão equivalente ao excerto escolhido para ser categorizado, também designado por unidade de análise ou unidade discursiva de conteúdo.

A este propósito, dois pontos pareceram-nos carecer de salvaguarda. O primeiro prende-se com o facto de dispormos de dois grupos que se diferenciam entre si, não pela opção pelas MC, mas pela condição de serem constituídos por usuários em *strito senso*, à qual se contrapôs a de serem profissionais no domínio das MC (para além de serem eles próprios utilizadores destas mesmas modificações). Esta circunstância levou a que considerássemos a apresentação separada dos resultados, embora a maior parte das questões fosse comum.

O segundo ponto a salvaguardar está ligado à profusão de categorias que foram emergindo do discurso dos sujeitos, que no processo de análise e hierarquização resultaram num número elevado, e conseqüentemente numa riqueza de conteúdos que considerámos relevante partilhar. Neste sentido, a nível gráfico e para a apresentação dos resultados, optámos por colocar tabelas que congregam parte da totalidade das unidades de significado que serviram como ponto de partida, bem como as categorias de primeira e de segunda ordem, decorrentes do processo de análise, complementadas com exemplos retirados do discurso dos vários sujeitos.

A estes exemplos, e no final da análise de cada questão, procedemos a uma representação gráfica da organização das principais categorias que foram emergindo, obtendo desta forma uma sumarização do discurso de grupo construído com as participações discursivas dos dois grupos, assinalando sempre que possível os pontos de convergência e de divergência entre eles.

Assim sendo, passamos à apresentação dos resultados obtidos para a primeira questão junto dos dois grupos, que se encontram detalhados nas tabelas 5 a) e 5 b).

### **2.2.1. Questão 1- “Como foi o primeiro contacto com o meio das MC?”**

#### 2.2.1.1. Análise das respostas dos Usuários

Numa sociedade de imagem(ns), na qual o corpo adquiriu uma importância ímpar e funciona a maior parte do tempo como vitrine pessoal e social perante os olhares atentos e minuciosos dos demais, a primeira questão colocada centrou-se na exploração das condições de contacto e ingresso neste universo específico das MC.

Tabela 5 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 1 com o grupo de usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2º ordem	Categorias de 1ª ordem
“desde novo que tenho alguma atracção” (18) “penso que é um gosto que tenho desde miúdo” (14) “com as tatuagens desde sempre, pois o meu pai tinha o corpo tatuado por ele” (26)	Entre a infância e a adolescência, sem especificação (n=6; 6 ref.)	<b>Na infância/ adolescência</b>  (n=14; 16 ref.)
“quando tinha cerca de 8 anos” (38) “devia ter uns 9/10 anos” (24)	Durante a infância (n=3; 3 ref)	
“foi no dia que fiz 17 anos” (17) “quando me comecei a apaixonar tinha uns 16” (28)	Durante a adolescência (n=5; 7 ref.)	
“algo que vi e gostei na televisão, bonecos (...) dos Motoratos de Marte... que tinham uns brincos” (14) “foi através de imagens... em filmes” (25)	Pela televisão (n=5; 5 ref.)	
“revistas e afins” (25) “revistas americanas de motas do meu pai” (33)	Através de revistas (n=2; 4 ref.)	<b>Através dos média</b>  (n=12; 15 ref.)
“(...) a partir de vários estilos, <i>punk</i> , <i>grunge</i> (...)” (9) “influência musical” (34)	Através do meio musical (n=3; 3 ref.)	
“quando conheci o <i>site suicide girls</i> ” (32) “um <i>site de altporn</i> , nu alternativo” (32)	Através de um <i>site</i> (n=2; 3 ref.)	
“com uma pessoa ao vivo” (24) “conhecer pessoalmente, pessoas com MC” (25)	Através do contacto com pessoas com MC (n=5; 5 ref.)	<b>Através do contacto com os outros</b>
“foi acompanhar um amigo a furar os mamilos” (7) “em conjunto com uma amiga” (30)	Com amigo(s) (n=5; 6 ref.)	(n=10; 11 ref.)
“lembro-me que (...) queria fazer tatuagens (...)” (14) “há imenso tempo que queria uma tatuagem” (17)	Realização de um desejo (n=2; 2 ref.)	
“uma experiência agradável” (14) “fiz a primeira, e senti-me mesmo orgulhoso” (17)	Experiência pessoal positiva (n=3; 3 ref.)	<b>Experiência positiva</b>  (n=8; 8 ref.)
“pensamento (...) é, quando vou fazer a próxima” (14) “acabei por me familiarizar tanto, que acabei por fazer mais” (23)	Com vontade de repetir (n=3; 3 ref.)	
“falei da ideia à minha mãe e ela rejeitou (...)” (7) “discussões mais acesas com os pais” (21)	Contra a vontade dos Pais (n=4; 5 ref.)	<b>Escolha não pacífica</b>
“talvez por rebeldia” (26) “afirmação” (26)	Por rebeldia (n=2; 2 ref.)	(n=6; 8 ref.)
“acho que um corpo tatuado é bonito e sensual” (30) “apenas admirava” (33)	Por beleza/ admiração (n=5; 5 ref.)	<b>Beleza/ admiração</b>  (n=5; 5 ref.)
“fiz um <i>piercing</i> na cartilagem” (21) “era moda ter um <i>piercing</i> ” (21)	Através do <i>piercing</i> (n=4; 5 ref.)	<b>Através do <i>piercing</i></b>  (n=4; 5 ref.)
“um pouco nervoso” (14)	Nervoso (n=2; 2 ref.)	<b>Estado ansioso</b>
“foi por curiosidade” (30)	Marcado pela curiosidade (n=2; 2 ref.)	(n=4; 4 ref.)

As respostas obtidas permitiram encontrar um total de oito núcleos de significado correspondentes às categorias de 1ª ordem ‘Na infância/adolescência’ (n=14 sujeitos; 16 referências), ‘Através dos média’ (n=12; 15 ref.), ‘Através do contacto com os outros’ (n=10; 11 ref.), ‘Experiência positiva’ (n=8; 8 ref.), ‘Escolha não pacífica’ (n=6; 8 ref.), ‘Por beleza/admiração’ (n=5; 5 ref.), ‘Através do *piercing*’ (n=4; 5 ref.), ‘Num estado ansioso’ (n=4; 4 ref.).

Como se pode constatar na tabela 5 a)<sup>44</sup>, o tempo em que decorre este contacto, entendido como fase ou momento, transpõe na categoria registada a partir do discurso de 14 dos 20 sujeitos, apontando as fases da infância e da adolescência como privilegiadas para esta ocorrência. Esta categoria central, que resulta da conjugação de três categorias de 2ª ordem: **‘Entre a infância e a adolescência, sem especificação’** (n=6; 6 ref.); **‘Durante a infância’** (n=3; 3 ref.); e **‘Durante a adolescência’** (n=5; 7 ref.), define o período mais comum para o primeiro contacto com o meio das MC a par com a categoria central **‘Através do *piercing*’** (n=4; 5 ref.) que sinaliza a MC priorizada para a estreia neste universo, tal como ilustra o seguinte excerto:

“Desde novo que tinha alguma atracção pelas MC. Assim que tive oportunidade, fiz o meu primeiro *piercing* e mais tarde acabei por dilatar os lóbulos e iniciar-me no mundo das tatuagens.” (Usuário 18)

Os principais impulsionadores deste primeiro contacto revelam-se nas categorias centrais **‘Através dos média’** (n=12; 15 ref.) e **‘Através do contacto com os outros’** (n=10; 11 ref.). Da categoria central **‘Através dos média’** fazem parte quatro categorias de 2ª ordem e respectivas unidades de análise. A primeira, **‘Pela televisão’** (n=5; 5 ref.) está patente nos excertos que passamos a transcrever:

“Muito provavelmente algo que vi e gostei na televisão, bonecos (...) acredito que seja por algo que tenha visto... tipo os bonecos dos Motoratos de Marte que tinham uns brincos.” (Usuário 14)

“Comecei a interessar-me pelas MC bastante cedo, comecei por apreciar mais quando via *videoclips* na televisão. Aos 17 anos decidi fazer o meu primeiro *piercing*, o do lábio.” (Usuário 19)

<sup>44</sup> As tabelas que irão ser apresentadas ao longo da desta parte estão sumarizadas e contêm apenas alguns exemplos. As tabelas completas constam no Anexo J.

A segunda, '**Através de revistas**' (n=2; 4 ref.) é explicitada nos seguintes excertos:

“Bem... o meu primeiro contacto foi através de imagens em revistas (...) passo seguinte sermos nós o “quadro a ser pintado” e modificado (...) revistas de música da época de 80, eu não tinha dinheiro para as comprar... mas as amigas reservavam as páginas que me iam interessar.” (Usuário 25)

“Revistas americanas de motas do meu pai... Jesus... só mauzões... apenas admirava... não me lembro de pensar muito naquilo para mim... não sei.” (Usuário 33)

A terceira, a categoria '**Através do meio musical**' (n=3; 3 ref.) surge associada a tipos específicos de produção musical, e eventualmente às sub-culturas que em torno deles gravitam:

“O meu primeiro contacto foi a partir de vários estilos, *punk*, *grunge*, “*emo/scene*” (...) sempre me identifiquei com aquilo, adorava a diferença, a irreverência e originalidade!” (Usuário 9)

“O meu contacto com as tatuagens e *piercings* vieram através da música, do género musical em que estava/estou inserido e com que me identifico.” (Usuário 20)

Finalmente, '**Através de um site**' (n=2; 3 ref.) espelha o impacto da globalização da informação na divulgação de modelos e formas de estar no corpo, com o corpo e pelo corpo.

“Foi quando conheci o *site suicide girls*, um *site altporn*, nu alternativo e achei aquilo lindo e comecei a pesquisar mais sobre o assunto e a conhecer pessoas do meio.” (Usuário 32)

Continuando na análise da hierarquização produzida, surge a categoria de 1ª ordem '**Através do contacto com os outros**', enquanto núcleo hierarquizado de significado, permitindo que nos apercebamos de que estes “outros” funcionam como uma “ponte” ou elo de ligação para com este meio. Esta conexão transparece nas duas categorias de 2ª ordem que lhe dão consistência. A primeira, faz uma associação directa aos outros que são portadores de MC – '**Através do contacto com pessoas com MC**' (n=5; 5 ref.) - enquanto exemplos desta prática:

“O meu primeiro contacto foi quando saí de uma escola católica em que estudava e entrei para uma pública em que havia várias pessoas com modificações (*piercings*) o que me levou a procurar mais sobre a arte.” (Usuário 7)

“Penso que o primeiro contacto que tive com MC devia ter uns 9/10 anos, não te sei precisar. Isto com uma pessoa ao vivo, porque através da televisão já sabia que existiam. Foi por volta

também dessa idade que aprendi a gostar da ideia, mas como era menor e tudo teria que passar pelos meus pais, só mais tarde se concretizou.” (Usuário 28)

A segunda, **‘Com amigo(s)’** (n=5; 6 ref.) considera uma dimensão de maior proximidade aos outros portadores de MC, como se pode confirmar nas expressões:

“Fui acompanhar um amigo a furar os mamilos (...) quando acompanhei esse meu colega, apesar de ter ficado com algum receio por ser tudo uma novidade, fiquei logo com uma vontade enorme de experimentar. Assim sendo, falei da ideia à minha mãe...” (Usuário 7)

“Foi por curiosidade...em conjunto com uma amiga... é uma amiga com quem tenho feito as tatuagens... é costume acompanharmo-nos uma à outra há 18 anos.” (Usuário 30)

Nas descrições subjectivas do que caracteriza o primeiro contacto com o mundo das MC encontramos a categoria central **‘Experiência positiva’** (n=8, 8 ref.) que contempla três categorias de 2ª ordem, **‘Realização de um desejo’** (n=2; 2 ref.), **‘Experiência pessoal positiva’** (n=3; 3 ref.) e **‘Com vontade de repetir’** (n=3; 3 ref.). Os excertos que se seguem, retirados dos discursos do grupo dos usuários, exemplificam estas três condições.

“Lembro-me de ser miúdo (por volta dos seis anos) e dizer aos meus pais que quando fosse grande queria fazer tatuagens e *piercings* e foi um gosto que nunca mudei.” (Usuário 14)

“Eu já desde os seis, sete anos me cobria de tatuagens (...) mas aos 17 anos acendeu-se uma luz, e eu pensei que poderia tê-las a sério agora! E desde aí, fiz a primeira e senti-me mesmo orgulhoso de mim mesmo. Para todos, o (...) tinha feito uma *tattoo*, mas na minha ideia, eu tinha começado a minha transformação, era muito mais que uma *tattoo*.” (Usuário 17)

Mas, se os outros são uma fonte de inspiração, e se a experiência assume contornos positivos, como pudemos constatar na descrição das duas últimas categorias centrais, também é verdade que nem todas as relações interpessoais são promotoras ou facilitadoras deste primeiro contacto com o meio e podem tornar esta escolha numa **‘Escolha não pacífica’** (n=6; 8 ref.), categoria central constituída por duas categorias de 2ª ordem: **‘Contra a vontade dos Pais’** que comporta referências como as que se seguem -

“Falei da ideia à minha mãe e ela rejeitou e até me recorde de ter dito várias vezes que não me deixava entrar em casa se o fizesse (...) a minha mãe não me meteu fora de casa nem nada do género mas ameaçou-me vezes sem conta que ia processar a loja que mo tinha feito porque na altura eu era menor.” (Usuário 7)

- e **‘Por rebeldia’** (n=2; 3 ref.) que expressa uma atitude mais desafiadora, tal como é explícito nas suas próprias expressões:

“Talvez aquele misto rebeldia/ irreverência (...) hoje em dia é visto pela sociedade como “eu sou ganda maluco” tenho uma tatuagem.” (Usuário 26)

“Em acto de rebeldia, fui furar a narina a uma loja de *punks* na rua Augusta se não estou em erro.” (Usuário 7)

Em contrapartida, a riqueza dos conteúdos recolhidos permite-nos aceder a uma outra dimensão, patente no núcleo de significado **‘Por beleza/admiração’** (n=5; 5 ref.), que surge em alguns discursos como impulso suficiente para o primeiro contacto com o meio das MC:

“Quando me comecei a apaixonar pela tatuagem tinha uns 16, por volta disso e fascinava-me aqueles corpos tatuados, e se doía ou não, comecei a pesquisar a cultura japonesa, em termos de tatuagens e gostei dos trabalhos que eles faziam, principalmente aqueles mais antigos, que envolviam mitos, histórias, tal como a minha carpa. ” (Usuário 28)

“Acho que um corpo tatuado é bonito e sensual... desde que sejam trabalhos bonitos e bem feitos... queria o meu corpo com arte.” (Usuário 30)

Consideramos ainda na descrição das principais categorias hierarquizadas, aquela que denota a experiência como **‘Estado ansioso’** (n=4; 4 ref.) conforme transparece nas partilhas que escolhemos como exemplo:

“Um pouco nervoso e curioso... mas uma experiência agradável. ” (Usuário 14)

“Algum nervosismo típico de quem não sabe como vai ser mas depois foi uma cena natural que gostei do resultado final e acabei por me familiarizar tanto que acabei por fazer mais.” (Usuário 23)

#### 2.2.1.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 1<sup>45</sup>)

A análise detalhada das unidades discursivas obtidas nas entrevistas ao grupo dos **Profissionais** permitiu aceder a seis categorias centrais [tabela 5 b]): ‘Ver nos outros’ (n=18 sujeitos; 21 referências); ‘Na infância/adolescência’ (n=9; 10 ref.); ‘Através de amigos e familiares’ (n=7; 7 ref.); ‘Através do *piercing*’ (n=6; 10 ref.); ‘Experiência comum/banal’ (n=6; 6 ref.) e ‘Experiência ansiosa mas com sucesso’ (n=4; 4 ref.).

<sup>45</sup> Questão 1- “Como foi o primeiro contacto com o meio das MC?”

Para os profissionais que integraram o grupo entrevistado, o contacto com as MC aconteceu a **‘Ver nos Outros’** (n=18), que surge como a categoria central com maior número de sujeitos e de referências, revelando uma dimensão de acesso às M.C. principalmente mediada pela observação do corpo de múltiplos “outros”. Esses “outros” dispersam-se em seis categorias de 2ª ordem constituintes desta categoria central: as duas primeiras, **‘Ver nos outros, em geral’** (n=6; 7 ref.) e **‘Ver nos outros, em revistas’** (n=3; 3 ref.), reflectem uma apreciação global de marcas/ MC que surgem atractivas, tanto ao vivo, como impressas, focalizando a atenção do observador:

“Foi numa aula, tinha eu 15 anos, uma professora minha tinha uma *tattoo* no pé (...) lembro-me de na altura achar liiiinnndooo fiquei fascinada e cheguei a comentar em casa.” (Profissional 37)

“Recordo-me de com oito, sete anos, ver umas revistas que o meu tio tinha da *PHOTO* e da *Penthouse* de 70’s com algumas pessoas tatuadas.” (Profissional 12).

Mas também os “outros” mais próximos portadores de MC são tidos como alvo de atenção. Desta forma, **‘Ver nos amigos’** (n=2; 2 ref.) e **‘Ver nos familiares’** (n = 2; 2 ref.) são categorias de significado que surgem com idêntico peso. Transparecem em expressões como as que se seguem:

“Lembro-me que tinha uma amiga minha que tinha uma tatuagem, e é isso que me começou a puxar a curiosidade. Eu gostava, mas como não me deixavam fazer, ia-me conformando. ” (Profissional 4)

“Quando vi o meu primo com várias *tattoos* no braço, ele era *punk*, e eu fiquei impressionado e pedi que me fizesse uma, ele fez uma mulher pelada com caneta *nankin*, fiquei mesmo maluco, fiquei duas semanas sem lavar o braço.” (Profissional 36)

Às figuras desconhecidas e aos familiares e amigos, acrescem-se figuras tidas como significativas e ao mesmo tempo portadoras de MC, como mostram as duas últimas categorias de 2ª ordem que integram a categoria central ‘Ver nos Outros’. Assim, **‘Ver em figuras de referência de vários universos’** (n=3, 3 ref.) e **‘Ver nos músicos/bandas’** (n=2; 4 ref.) surgem da recolha de unidades discursivas como as que passamos a transcrever:

“Sempre curti *tattoos*, tipo via um filme aparecia um ‘gajo’ todo tatuado e pensava para mim, quando crescer curtia ser assim (...) lembro quando via os filmes e via o pessoal tatuado pensava que queria aquilo, só não sabia se era correcto, mas queria.” (Profissional 3)

“Acho que foi a ver o homem lagarto na net (...) um dia fui ao *Google* e pus *piercing* para ver mais coisas sobre isso e vi um homem verde, eu assim para mim mesmo, que ‘porra’ é aquela, e fui ver e li sobre ele.” (Profissional 5)

Tabela 5 b):

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 1 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“não sei se foi por ver noutra pessoa” (10) “uma professora minha tinha uma <i>tattoo</i> no pé” (37)	Ver nos outros, em geral (n=6; 7 ref.)	
“costumava comprar revistas de <i>tattoo</i> ” (13) “ver umas revistas que o meu tio tinha da <i>PHOTO</i> e da <i>Penthouse</i> de 70’s” (12)	Ver nos outros, em revistas (n=3; 3 ref.)	
“tinha uma amiga que tinha uma tatuagem” (4) “ver a tatuagem de um amigo” (6)	Ver nos Amigos (n=2; 2 ref.)	<b>Ver nos outros</b>
“quando vi o meu primo com várias <i>tattoos</i> fiquei impressionado” (36) “o meu pai tinha uma tatuagem dos fuzileiros” (12)	Ver nos Familiares (n=2; 2 ref.)	(n=18; 21 ref.)
“quando nasci já havia montes de celebridades com tatuagens” (8) “acho que foi a ver o homem lagarto na net” (5)	Ver em figuras de referência de vários universos (n=3; 3 ref.)	
“quando comecei a ouvir bandas pesadas” (12) “ter os músicos como ídolos, que tinham tatuagens” (12)	Ver nos músicos/bandas (n=2; 4 ref.)	
“com 8/7 anos” (12) “tinha 10 anos” (39)	Infância (n=3; 4 ref.)	<b>Na infância / adolescência</b>
“tinha 14, 15 anos” (2) “em meados de 95 [com 16 anos]” (36)	Adolescência (n= 6; 6 ref.)	(n=9; 10 ref.)
“vi uns amigos ... a fazer tatuagens caseiras com 3 agulhas” (39) “conheci um amigo que me ensinou a fazer uma máquina caseira” (29)	Experiência caseira (n=3; 3 ref.)	
“até que um dia um amigo me convidou para trabalhar na loja dele (estúdio) como atendente” (36) “a falar com a malta do meio” (5)	Contacto com amigos profissionais (n=2; 2 ref.)	<b>Através de amigos e familiares</b>
“pedi que me fizesse uma, ele [primo] fez uma mulher pelada com uma caneta <i>nankin</i> , fiquei mesmo maluco, fiquei duas semanas sem lavar o braço” (36)	Contacto com familiares profissionais (n=2; 2 ref.)	(n=7; 7 ref.)
“comecei-me a furar à toa sem conhecimento” (3) “a primeira coisa que adorei logo, foi o <i>piercing</i> ” (5)	Através do <i>piercing</i> (n=6; 10 ref.)	<b>Através do <i>piercing</i></b> (n=6; 10 ref.)
“como lá se encontra pessoal tatuado em todo o lado (Canárias)” (2) “qualquer pessoa no Brasil faz uma <i>tattoo</i> , independentemente de raça, género, idade ou classe social” (11)	Prática banalizada (n=2; 2 ref.)	<b>Experiência comum/banal</b>
“há estúdios a cada esquina” (2) “fui frequentando estúdios” (36)	Através dum Estúdio (n=4; 4 ref.)	(n=6; 6 ref.)
“muito nervoso mas correu bem” (15) “suava por tudo o que era sítio” (22)	Marcado pela ansiedade (n=2; 2 ref.)	<b>Experiência ansiosa mas com sucesso</b>
“lá fiz na boa” (15) “nem me doeu nada” (22)	Indolor (n=2; 2 ref.)	(n=4; 4 ref.)

Como acabámos de verificar, **‘Ver nos outros’** pode ser algo determinante no primeiro contacto com as MC, constituindo-se como modelos particularmente importantes em fases como a infância e a adolescência, período assinalado por nove dos profissionais entrevistados (**‘Na infância/ adolescência’** (n=9; 10 ref.)). Mas, quando estes “outros” fazem parte da esfera de relações próximas ou significativas do sujeito e de certo modo estão ligados às MC numa vertente mais prática, de exercício profissional, o seu impacto como determinantes no primeiro contacto com este meio faz-se igualmente notar, não apenas pela observação mas no acompanhar da experiência. A categoria central que espelha o acabado de referir, **‘Através de amigos e familiares’** (n=7; 7 ref.) congrega três categorias de 2ª ordem. A primeira, **‘Experiência caseira’** (n=3; 3 ref.) é ilustrada por descrições como as que passamos a apresentar:

“Estava em casa de amigos, havia lá uma máquina e acabaram por me fazer uma pequenina.”  
(Profissional 4)

“Vi uns amigos mais velhos do meu bairro, a fazer tatuagens caseiras com 3 agulhas.”  
(Profissional 39)

A segunda, **‘Através do contacto com amigos profissionais’** (n=2; 2 ref.) foi construída com base nas unidades discursivas de conteúdo abaixo transcritas:

“A falar com a malta do meio e depois foi aí que vi aquela loja em Santa Cruz (...) eu fui lá conheci o dono, passava todos os dias pela loja (...) depois já deixava de ir à praia só para estar na loja a falar com o dono e outro tatuador, depois já abria a loja com ele e fechava.”  
(Profissional 5)

“Fui frequentando estúdios e até que um dia um amigo me convidou para trabalhar na loja dele como atendente.” (Profissional 36)

Complementando-se com a terceira e última categoria de 2ª ordem **‘Através do contacto com familiares profissionais’** (n=2; 2 ref.), em que está patente a proximidade do próprio contexto da prática associado a outros significativos, fenómeno que transparece em expressões como:

“Pedi que ele [primo]<sup>46</sup> me fizesse uma [tatuagem], ele fez uma mulher pelada com uma caneta *nankin*, fiquei mesmo maluco, fiquei duas semanas sem lavar o braço.” (Profissional 36)

“Foi através do meu irmão que é tatuador há 10 anos.” (Profissional 40)

<sup>46</sup> A informação inserida nos [ ] foi acrescentada por nós para facilitar a compreensão do conteúdo exposto.

E se a infância/adolescência é o período que surge no discurso dos profissionais como significativo para o primeiro contacto com as MC, na prática, a forma que este contacto assume para seis destes elementos é **‘Através do piercing’** (n=6; 10 ref.) seguindo diferentes formatos e com finalidades divergentes. Desde o querer ter algo menos *mainstream* e clássico, passando pelo *piercing* como oportunidade de negócio, até às experiências de cariz mais exploratório.

“Optei por fazer um *piercing*, depois outro e outro, depois quis fazer uma tatuagem, sempre gostei das coisas que eram um bocadinho diferentes e que tinham mesmo a ver com MC.”  
(Profissional 1)

“Interessei-me por *piercing*, brincos nas orelhas, e quando ia ao centro da cidade comprava piercings e vendia na escola.” (Profissional 36)

Continuando a caracterização do primeiro contacto com o meio das MC, alguns dos participantes definiram-no como uma **‘Experiência comum/banal’** (n=6; 6 ref.), categoria central que inclui as categorias de 2ª ordem **‘Prática banalizada’** (n=2; 2 ref.) ilustrada pelos trechos de discurso a seguir transcritos -

“Foi numa viagem de finalistas (...) fomos às Canárias, lá é tudo um pouco mais à frente (...) como lá se encontra pessoal tatuado em todo lado.” (Profissional 2)

“No Brasil as MC existem e realizam-se de um modo abrangente na sociedade em geral há mais tempo do que na Europa, ou pelo menos em Portugal. Qualquer pessoa no Brasil faz uma *tattoo*, independentemente de raça, género, idade ou classe social, acredito que existam mais pessoas com MC por m<sup>2</sup> do que em Portugal.” (Profissional 11)

- e a categoria **‘Através de um estúdio’** (n=4; 4 ref.), em que a disponibilidade de práticas e a oferta de serviços no domínio das MC surgem como elementos facilitadores do ingresso neste meio:

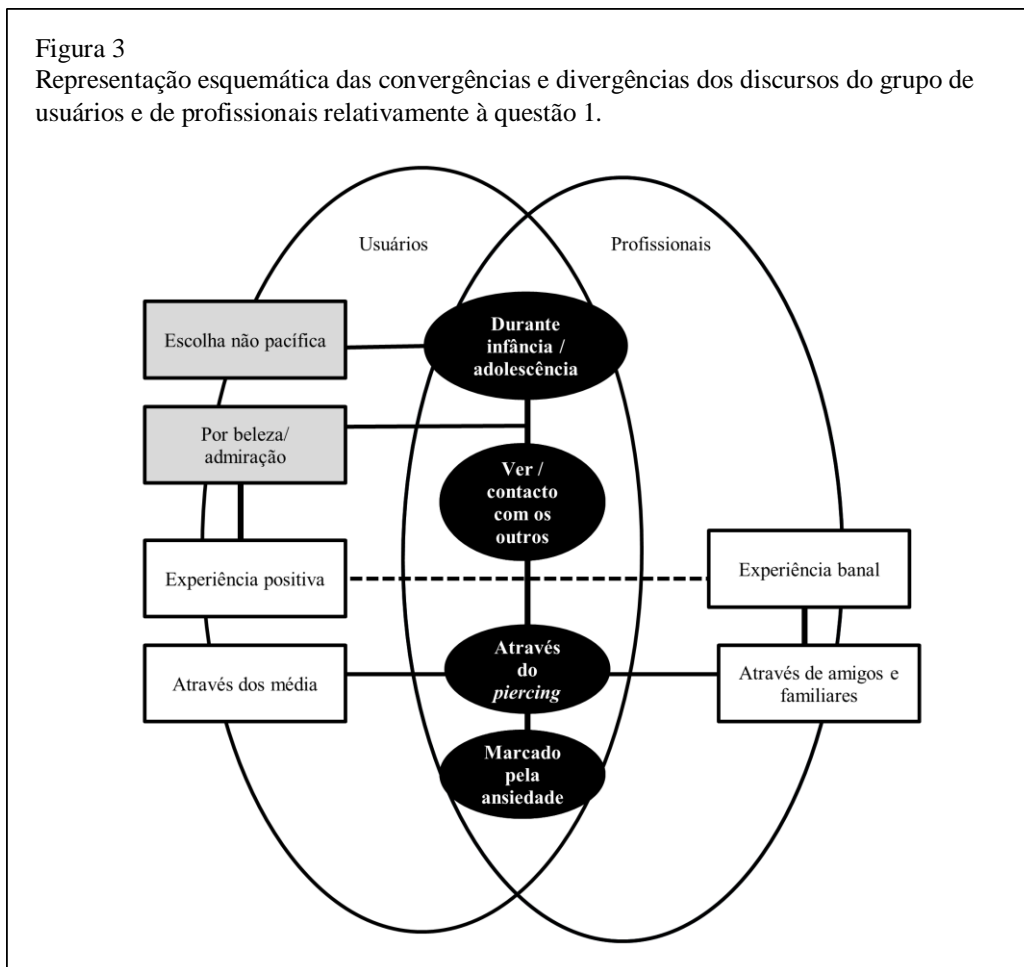
“Aos 16 anos estava de férias em Santa Cruz, Torres Vedras, onde tinha aberto uma loja de *tattoo* e *piercing*, eu fui lá.” (Profissional 5)

“Aos 14 anos entrei na (...) para perguntar o preço de uma tatuagem, fui corrido a perguntarem-me pelo meu BI.” (Profissional 12)

Em contrapartida a esta perspectiva banalizadora, encontramos um grupo de participantes que apresenta uma outra dimensão, que definimos como **‘Experiência ansiosa de sucesso’** (n=4; 4 ref.) enquanto categoria central que integra as categorias hierarquizadas **‘Mercado pela ansiedade’** (n=2; 2 ref.) e **‘Indolor’** (n=2; 2 ref.), ambas explícitas nas palavras de um dos profissionais entrevistados:

“Suava por tudo quanto era sítio quando fiz o meu primeiro *piercing* (...) é sempre bom levarmos a ideia de grande dor, para nos prepararmos psicologicamente, porque final de contas, nem me doeu nada.” (Profissional 22)

Terminada a apresentação diferencial das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, e de alguns excertos exemplificativos, quer das respostas dos usuários, quer dos profissionais, gostaríamos de reforçar alguns pontos de convergência e de divergência encontrados nas vozes dos constituintes destes dois grupos, que tentamos sintetizar na **figura 3**.



Um dos pontos de convergência mais nítida é o tempo em que se dá este primeiro contacto. Dos discursos espontâneos extraídos por meio das entrevistas realizadas, surge a infância e a adolescência como as fases da vida em que este envolvimento é iniciado.

O papel dos Outros é igualmente valorizado nos dois grupos, destacando-se no grupo dos profissionais a importância da visualização das MC, assim como sobressai a

referência ao *piercing* em elementos de ambos os grupos e, a dimensão ansiosa que pode revestir a primeira experiência de MC.

Como pontos de divergência surgem, nos usuários, o peso dos média, e a consideração dos aspectos estéticos, não referidos por quaisquer profissionais. Nestes últimos, destaca-se a prática no domínio das MC evidenciada por amigos e familiares, que enquanto profissionais, surgem como elementos facilitadores do primeiro contacto com o meio.

## **2.2.2. Questão 2- “O que determinou (esteve na base, levou...) a sua escolha de fazer uma MC?”**

### 2.2.2.1. Análise das respostas dos Usuários

Esta é provavelmente a primeira questão que nos colocamos quando contactamos com alguém que fez uma escolha diferente ou mais invulgar para o seu corpo. De forma mais ou menos directa, a curiosidade sustenta interrogações sobre os “porquês” de alterar de forma permanente o corpo. Num nível diferente, de acesso aos significados subjacentes, a segunda questão colocada aos dois grupos de participantes centrou-se na exploração dos motivos e razões que fundamentaram a sua escolha de MC. Alguns exemplos dos resultados da análise hierarquizada dos conteúdos surgidos encontram-se na tabela 6 a).

Quando se trata de analisar a subjectividade não há respostas certas nem erradas, toda a informação é válida e, neste caso, permitiu aceder a sete núcleos de significado: ‘Por gosto/ estilo’ (n=19 sujeitos; 20 referências); ‘Marcas com significado pessoal’ (n=8; 11 ref.); ‘Marcar uma posição’ (n=8; 10 ref.); ‘Influência do contexto’ (n=5; 7 ref.); ‘Por associação à música’ (n=5; 5 ref.); ‘Tatuagem como arte’ (n=4; 6 ref.) e ‘Identificação com um estilo de vida’ (n=4; 4 ref.).

Tabela 6 a):

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 2 com o grupo de Usuários.

Unidades de Análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“achava esteticamente interessante” (18) “hoje em dia vejo mais como gosto e beleza a nível estético” (19)	Estética (n=2; 2 ref.)	
“embelezamento corporal” (26) “sempre fui fã (...) de ver a beleza expressa num bom trabalho tatuado” (24)	Embelezamento (n=3; 3 ref.)	
“gostava da ideia de poder acrescentar algo ao meu corpo” (18) “por gosto, adorno” (27)	Adorno (n=3; 3 ref.)	<b>Por gosto/estilo</b> (n=19; 20 ref.)
“porque estava na moda” (20) “estava na moda, o meu ego na altura estava <i>enoorme</i> ” (21)	Moda (n=3; 3 ref.)	
“um gosto pessoal cultivado” (25) “tinha panca de fazer” (21) “somente o meu gosto pessoal” (38)	Por gosto pessoal (n=8; 9 ref.)	
“a base é sempre sentimentos” (14) “porque se passou algo na minha vida, que escolhi ‘eternizar’ em mim” (28)	Tem um significado emocional (n=4; 6 ref.)	
“a própria religião, uma vez que as minhas <i>tattoos</i> têm todas uma vertente religiosa” (17) “procurei associar coisas que têm importância para mim, desde carácter religioso” (23)	Tem um significado religioso (n=2; 2 ref.)	<b>Marcas com significado pessoal</b> (n=8; 11 ref.)
“olhar-me ao espelho e sentir-me ‘EU’” (25) “sempre achei que era uma coisa que gostava de fazer e que tinha a ver comigo” (23)	Objecto de identificação (n=2; 3 ref.)	
“marcar a diferença” (34) “mostrar que não sou apenas aquilo que os outros querem que eu seja, que a sociedade quer” (9)	Afirmar a diferença (n=5; 7 ref.)	<b>Marcar uma posição</b> (n=8; 10 ref.)
“querer ser mais ‘rebelde’” (19) “olha acho que o não poder fazer por não quererem que eu fizesse (...)” (21)	Rebeldia (n=3; 3 Ref.)	
“ter mudado de escola e ter entrado em contacto com outros meios e outras pessoas” (7) “inserção social” (20) “somos seres influenciáveis” (24)	Influência do contexto social (n=3; 4 ref.)	<b>Influência do contexto</b> (n=5; 7 ref.)
“quanto aos <i>piercings</i> (...) foi sendo sem dúvida motivado quando trabalhei numa loja de <i>tattoos</i> ” (24) “estar envolvida nesse meio de trabalho[cabeleireira/maquiadora]” (32)	Influência do contexto profissional (n=2; 3 ref.)	
“já estava a começar a mudar o meu género musical e a abranger mais para o <i>rock</i> e para o <i>punk</i> ” (7) “desde que me recordo de ser eu e começar-me a vestir e a ter personalidade musical e afins (...)” (25)	Estilo de música (n=3; 3 ref.)	<b>Por associação à música</b> (n=5; 5 ref.)
“desde sempre que em minha casa se ouvia boa música alternativa... as roupas... tatuagens... <i>piercings</i> ” (25) “fui influenciado pelo <i>look</i> das bandas que ouvia na altura” (35)	<i>Look</i> dos membros das bandas (n=2; 2 ref.)	
“queria o meu corpo com arte” (30) “gosto pela arte da tatuagem” (27) “da arte em si” (33)	Tatuagem como arte (n=4; 6 ref.)	<b>Tatuagem como arte</b> (n=4; 6 ref.)
“não me imagino a ser alguém que não tivesse optado por este ‘estilo de vida’” (7) “(…) daí associar ao <i>lifestyle</i> ” (23)	Identificação com um estilo de vida (n=4; 4 ref.)	<b>Identificação com um estilo de vida</b> (n=4; 4 ref.)

Como é possível verificar na tabela 6 a), o núcleo de significado **‘Por gosto/ estilo’** (n=19; 20 ref.) agrega o maior número de sujeitos e de referências. Segundo Gore Vidal (s/d), autor e dramaturgo americano “o estilo é saber quem é você, saber a mensagem que quer passar e não dar a mínima para o resto”<sup>47</sup> e neste sentido, as MC surgem como uma afirmação de estilo intemporal devido ao seu carácter permanente e muito pessoal, na medida em que derivam do gosto e sentido estético de cada um. Feita esta ressalva, fazem parte desta categoria central cinco categorias de 2ª ordem: **‘Estética’** (n=2; 2 ref.); **‘Adorno’** (n=3; 3 ref.); **‘Embelezamento’** (n=3; 3 ref.); **‘Moda’** (n=3; 3 ref.), **‘Por gosto pessoal’** (n=8; 9 ref.). As afirmações seguintes espelham estas cinco componentes, a que o grupo de usuários deu forma, em expressões como as que se seguem:

“Achava esteticamente interessante e gostava da ideia de poder acrescentar algo ao meu corpo.”

(Usuário 18)

“Apenas me liguei a esse mundo porque sempre fui fã de desenho e de ver a beleza expressa num bom trabalho tatuado.” (Usuário 24)

“Os meus pais não deixavam e na altura tinha uma namorada e ela também não gostava, quando a relação terminou, tinha eu 18 anos acho que foi a primeira coisa que fiz (...) nessa altura era moda ter um *piercing* (...) estava na moda, o meu ego na altura estava enoornme.” (Usuário 21)

Se a categoria **‘Por gosto/ estilo’** se encontra na linha da frente como o que determinou a escolha de fazer uma MC, segue-se-lhe a categoria central **‘Marcas com significado pessoal’** (n=8; 11 ref.) que reflecte a vontade dos sujeitos em preservar corporalmente momentos e experiências de cariz emocional e religioso a par com, a concepção que fazem das marcas como um reflexo de identidade. Deste núcleo de significado fazem parte três categorias de 2ª ordem e respectivas unidades de análise. A primeira, **‘Tem um significado emocional’** (n=4; 6 ref.) é ilustrada nas seguintes unidades de discurso:

“A base é sempre sentimentos ou coisas importantes ou momentos no caso das tatuagens.”

(Usuário 14)

“Porque se passou algo na minha vida, que escolhi ‘eternizar’ em mim, mesmo não estando aqui essa pessoa, está sempre em mim.” (Usuário 28)

“Gosto da sensação de saber que vou ter em mim algo que eu quero e escolhi e que gosto... e que também tem significado para mim... o meu significado.” (Usuário 30)

<sup>47</sup> Citação retirada do site “ Frases de Moda. O que os *experts* dizem sobre moda e estilo.”, no qual se podem encontrar referências de várias personalidades de diferentes áreas como Donna Karan, Oscar Wilde, Pierre Cardin, Andy Warhol, Coco Chanel e Marilyn Monroe, entre muitas outras.

A segunda, **‘Tem um significado religioso’** (n=2; 2 ref.) mostra a corporalização das crenças através das MC:

“A própria religião, uma vez que as minhas *tattoos* têm todas uma vertente religiosa e isso fascina-me de forma suficientemente forte para eu querer transparecer essa imagem.” (Usuário 17)

“Procurei associar coisas que têm importância para mim, desde carácter religioso a coisas com importância na minha vida (por exemplo a minha banda).” (Usuário 23)

A terceira e última, **‘Objecto de identificação’** (n=2; 3 ref.) comporta as seguintes referências:

“Acima de tudo olhar-me ao espelho e sentir-me ‘EU’.” (Usuário 25)

“Sempre achei que era uma coisa que gostava de fazer e que tinha a ver comigo (...) portanto o que me motivou não foi algo concreto mas sim foi algo espontâneo que decidi fazer por me identificar com o processo.” (Usuário 23)

Se a anterior categoria de 1ª ordem revela o que as MC têm agregado a si em termos de significado mais abstracto para os sujeitos, centramo-nos agora naquilo que através delas é possível fazer, e expressar. **‘Marcar uma posição’** (n=8; 10 ref.) é uma categoria central que se divide entre duas categorias de 2ª ordem, **‘Afirmar a diferença’** (n=5; 7 ref.) patente por exemplo nas expressões que seguem -

“Sempre me considerei muito diferente das outras pessoas... sou muito ‘contos de fadas’ (...) e esta minha opção em relação às MC demonstra o meu outro lado... irreverente, diferente, mostrar que não sou apenas aquilo que os outros querem que eu seja, que a sociedade quer!” (Usuário 9)

“Marcar a diferença, acompanhado com uma forma de vestir assim também diferente dos colegas.” (Usuário 34)

- e, **‘Rebeldia’** (n=3; 3 ref.) patente nos excertos a seguir transcritos:

“Na altura penso que seria por querer ser mais ‘rebelde’.” (Usuário 19)

“Olha acho que o não poder fazer por não quererem que eu fizesse, lá no fundo me dava mais vontade de fazer.” (Usuário 21)

Na exploração dos determinantes desta escolha acedemos igualmente à categoria central **‘Influência do contexto’** (n=5; 7 ref.) constituída por duas categorias de segunda ordem, a **‘Influência do contexto social’** (n=3; 4 ref.), que espelha a importância do contacto com outros indivíduos com MC e da troca de experiências, como determinantes nesta escolha -

“Obviamente que tudo tem uma razão de ser, talvez possa ter sido pelo facto de ter mudado de escola e ter entrado em contacto com outros meios e outras pessoas (...) também pode ter sido

através de alguma influência do género ‘Ele tem, eu também quero ter’ faz parte da idade, deixar-me influenciar um bocado pelo exterior.” (Usuário 7)

- e a segunda categoria de 2ª ordem pertencente a este mesmo núcleo de significado, **‘Influência do contexto de trabalho’** (n=2; 3 ref.) na qual dois participantes explicam como o seu ambiente profissional é permissivo ou promotor da escolha de fazer MC:

“Quanto aos *piercings* foi algo que foi crescendo comigo com o passar dos anos, algo que foi sendo sem dúvida motivado quando trabalhei numa loja de *tattoos*.” (Usuário 24)

“O meu meio de trabalho [cabeleireira/ maquiadora], e por eu estar envolvida nesse meio de trabalho alternativo, moda e tudo mais e o facto de eu gostar muito.” (Usuário 32)

Por outro lado, para alguns, o **‘Estilo de música’** (n=3; 3 ref.) e o **‘Look dos membros das bandas’** (n=2; 2 ref.) traduzem aquilo que levou à sua escolha de fazer uma MC, duas categorias de 2ª ordem que se organizam no núcleo de significado **‘Por associação à música’** (n=5; 5 ref.) explícito nas partilhas seleccionadas como exemplo:

“Já estava a começar a mudar o meu género musical e a abranger mais para o *rock* e para o *punk* (...) até porque associo um bocado à adrenalina que a música me faz sentir por vezes e talvez provenha daí até agora não fiz nenhuma modificação sem estar ao som de alguma coisa.” (Usuário 7)

“Desde que me recordo de ser eu e começar-me a vestir e a ter personalidade musical e afins, que me recordo de gostar de tudo o que tinha a ver com o assunto... desde sempre que em minha casa se ouvia boa música alternativa... e por sua vez vem associado os cabelos arrojados... as roupas... tatuagens... *piercings*.” (Usuário 25)

O gosto e o estilo associado às MC, mencionado logo de início, deixa o plano pessoal e ganha um novo formato ao se superar para o plano artístico com a categoria central **‘Tatuagem como arte’** (n=4; 6 ref.), construída com base em unidades discursivas como as abaixo transcritas:

“Quería o meu corpo com arte... e de forma a que eu também gostasse de ver... e também posso dizer para que as outras pessoas também pudessem ver arte.” (Usuário 30)

“Eu vejo a tatuagem como uma forma de arte não como MC (...) gosto pela arte da tatuagem.” (Usuário 27)

Por fim, para alguns usuários a escolha de fazer uma MC reflecte a sua **‘Identificação com um estilo de vida’** (n=4; 4 ref.) que reconhecem como seu e, que transparece nos seguintes discursos:

“Claro que não é só na adolescência que essas escolhas são feitas mas a maior parte são e talvez as mais decisivas, decisivas não, definitivas e no meu caso, foi algo que escolhi e que não pode

ser mais definitivo, no caso das tatuagens por exemplo, e até agora não me arrependo de todo e não me imagino a ser alguém que não tivesse optado por este ‘estilo de vida’.” (Usuário 7)

“Sinceramente acho que é mais tipo um *lifestyle*, tal como as roupas tu acabas por gostar identificaste e queres fazer, acho que é tão simples como isso (...) acho que inicialmente quando alguém escolhe tatuar, inevitavelmente acaba por ser por ter visto e ter gostado, daí associar ao *lifestyle*, para mim, foi um pouco por aí.” (Usuário 23)

### 2.2.2.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 2<sup>48</sup>)

Do processo intuitivo de codificação para aceder às categorias de 1<sup>a</sup> ordem, resultaram seis núcleos de significado, ‘MC como forma de expressão’ (n=9 sujeitos; 14 referências), ‘Gostar’ (n=8; 8 ref.), ‘Motivos estéticos/ artísticos’ (n=8; 8 ref.), ‘Destaque pela diferença’ (n=7; 11 ref.), ‘Marcar momentos/ experiências’ (n=5; 7 ref.) e ‘Motivação reconhecida’ (n=4; 6 ref.), condensados na tabela 6 b).

Para o grupo de profissionais entrevistados, o determinante de primeira ordem para a sua escolha de fazer uma MC traduz-se pela utilização das ‘**MC como forma de expressão**’ (n=9; 14 ref.); o corpo surge como tela e como canal comunicacional e gráfico da subjectividade pessoal. Esta percepção sobre as MC percebe-se melhor por meio das três vias de interpretação que lhe dão significado, as categorias de 2<sup>a</sup> ordem e unidades discursivas inerentes. A primeira, ‘**Afirmção/Contestação**’ (n=3; 4 ref.) está exposta nos seguintes excertos:

“Não acho que seja bem uma escolha quer dizer, no fundo acaba por ser uma opção estética e um modo de afirmação, de certa maneira, embora haja o ‘estigma’ social eu faço porque gosto.” (Profissional 4)

“É assim, conscientemente eu penso que foram só os motivos estéticos, mas se calhar inconscientemente pode ser alguma forma de revolta, não não é de revolta, mas de querer... como é que se diz?... de querer destacar ou mostrar alguma ousadia ou até às vezes de chocar as pessoas.” (Profissional 1)

A segunda, ‘**Expressão pessoal**’ (n=3; 5 ref.), é claramente expressa nos testemunhos dos profissionais, que passamos a transcrever:

“Não faço uma tatuagem porque gosto apenas... tem desde já, a ver comigo, com a minha personalidade ou com a memória ou celebração de algo.” (Profissional 22)

“Eu ser um moderno primitivo, gostar da representação gráfica do que me vai no interior, sou expressivo, gosto de quem me olha, que se me ler, que me leia bem.” (Profissional 12)

<sup>48</sup> Questão 2 – “O que determinou (esteve na base, levou...) a sua escolha de fazer uma MC?”

Tabela 6 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 2 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“desafio” (22) “um modo de afirmação, de certa maneira” (4) “querer (...) às vezes de chocar as pessoas” (1)	Afirmação/ contestação (n=3; 4 ref.)	
“maneira de pensar e de expressão” (31) “sou expressivo” (12)	Expressão pessoal (n=3; 5 ref.)	<b>MC como forma de expressão</b> (n=9; 14 ref.)
“sempre defendi aquele cliché de que “ o corpo é uma tela...”” (6) “o corpo vai virar pó... isso é certeza. Prefiro usá-lo como tela, do que simplesmente carregá-lo” (36)	Usar o corpo como tela (n=3; 5 ref.)	
“apenas gostei visualmente” (15) “gosto de ver o corpo pintado com (...) recordações, sentimentos, etc.” (13)	Gostar de ver (n=4; 4 ref.)	<b>Gostar</b> (n=8; 8 ref.)
“eu faço porque gosto” (4) “agradaram-me” (15) “foi uma paixão”(5)	Gostar, sem especificação (n=4; 4 ref.)	
“ <i>piercing</i> para mim é meramente estético” (13) “acaba por ser uma opção estética” (4)	Estética (n=5; 5 ref.)	<b>Motivos estéticos/ artísticos</b> (n=8; 8 ref.)
“gosto de ver o corpo pintado com arte” (13) “já estar ligado à arte” [tatuador e artista plástico] (40)	Arte (n=3; 3 ref.)	
“fascinava-me ser diferente” (10) “quando nascemos somos iguais, mas as nossas escolhas vão-nos diferenciando um dos outros” (8)	Por ser diferente (n=5; 8 ref.)	<b>Destaque pela diferença</b> (n=7; 11 ref.)
“sempre gostei de dar nas vistas” (1) “foi mesmo me destacar na sociedade” (5)	Procura de destaque (n=2; 3 ref.)	
“marcar um novo caminho” (2) “marcar momentos da minha vida” (29) “minhas <i>tattoos</i> , minha história” (29) “memória ou celebração de algo” (22)	Marcar momentos/ experiências (n=5; 7 ref.)	<b>Marcar momentos/ experiências</b> (n=5; 7 ref.)
“(...) já sentia uma “necessidade” de me “sujar” (13) “sempre as vi como complementos ao meu ser” (39)	Necessidade (n=2; 2 ref.)	
“quando via os filmes e via o pessoal tatuado pensava que queria aquilo” (3) “(vi uns amigos mais velhos do meu bairro a fazer tatuagens caseiras...) na altura percebi que era aquilo que queria ter quando fosse mais velho” (39)	Vontade (n=2; 4 ref.)	<b>Motivação reconhecida</b> (n=4; 6 ref.)

A terceira e última, ‘Usar o corpo como tela’ (n=3; 5 ref.) é ilustrada pelas referências que se seguem:

“Sempre me fascinou estar na tua pele, não há suporte paralelo, que eu conheça é o único suporte onde desenhos que está vivo.” (Profissional 31)

“Sempre defendi aquele cliché de que ‘o corpo é uma tela...’.” (Profissional 6)

“Para mim é como se decorar (...) eu me sinto bem decorando o meu corpo, e isso reflecte na minha mente (...) o corpo vai virar pó... isso é certeza. Prefiro usá-lo como tela, do que simplesmente carregá-lo.” (Profissional 36)

Por sua vez, as categorias centrais ‘**Motivos estéticos/ artísticos**’ (n=8; 8 ref.) e ‘**Gostar**’ (n=8; 8 ref.) apresentam a mesma força como determinantes da escolha de fazer uma MC. Do refinamento da rede de relações de cada um destes núcleos de significado resultaram duas categorias de 2ª ordem. Assim, ‘**Motivos estéticos/ artísticos**’ engloba as categorias fruto da hierarquização ‘**Estética**’ (n=5; 5 ref.) e ‘**Arte**’ (n=3; 3 ref.), ilustradas pelas vozes dos profissionais nos seguintes excertos:

“Faço tatuagens por estética, porque gosto de como ficam na pele, faço-as por mim e não para os outros embora nesta fase já seja quase impossível de as esconder, os *piercings* por estética.”

(Profissional 10)

“Gosto de ver o corpo pintado com arte, recordações, sentimentos, etc. o *piercing* para mim é meramente estético.” (Profissional 13).

“A beleza da arte que acho que fica na pele.” (Profissional 10)

Já o núcleo de significado ‘**Gostar**’, incorpora em si as categorias de 2ª ordem ‘**Gostar de ver**’ (n=4; 4 ref.) e ‘**Gostar, sem especificação**’ (n=4; 4 ref.) como transmitem os exemplos abaixo citados:

“Eu faço porque gosto, gosto de ver tanto em mim como nas outras pessoas.” (Profissional 4)

“Apenas por gostar de ver. Nenhum motivo em particular.” (Profissional 6)

“No caso da primeira modificação, que foi esse *piercing* foi porque estava na moda na altura (...) hoje já penso de maneira diferente, faço o que quero porque gosto.” (Profissional 22).

Até agora o grupo dos profissionais justificou a sua escolha de fazer uma MC com base no gosto pessoal e pela vertente estética e artística das mesmas mas, igualmente pela possibilidade de se expressarem através do próprio corpo. Por outro lado, se há algo que a opção pelas MC assegura, é o afastamento do comum, do banal, do “normal”. Deste modo, alguns participantes definiram a sua escolha ao perceberem que as MC permitiriam o ‘**Destaque pela diferença**’ (n=7; 11 ref.), categoria central que se desdobra nas categorias de segunda ordem ‘**Por ser diferente**’ (n=5; 8 ref.) e ‘**Procura de destaque**’ (n=2; 3 ref.) expostas nas unidades de discurso por nós seleccionadas a título de exemplo:

“Para andar diferentes dos outros (...) a sociedade é muito igual, aqui [Portugal] então ui, depois é sempre o mesmo *piercing* no lábio ou no lado direito ou esquerdo (...) a sociedade é muito igual vai por modas não por si mesmo.” (Profissional 5)

“Admirava mais do que queria eu acho, ficava fascinada por tudo o que fosse saudavelmente alternativo (...) e na altura fascinava-me ser diferente, fui *vegan*, gostava de ser nómada, viajar,

conviver com animais, natureza e associava de algum modo as *tattoos* a esse estilo de vida.”  
(Profissional 10)

“Nós somos todos humanos e quando nascemos somos iguais mas as nossas escolhas vão-nos diferenciando uns dos outros e as tatuagens é uma forma visual clara e rápida de nos distinguir.”  
(Profissional 8)

“Querer destacar ou mostrar algumas ousadia (...) eu sempre gostei de dar nas vistas e ser diferente.” (Profissional 1)

Muitas vezes o que está na base duma escolha deste cariz é a necessidade ou vontade de **‘Marcar momentos/ experiências’** (n=5; 7 ref.) como novos caminhos e novas fases, momentos e experiências de vida, histórias e celebrações, tal como transparece nas descrições que se seguem:

“Foi saber que posso com um pouco de tinta e agulhas marcar momentos da minha vida, meu corpo hoje em dia é um diário e minhas *tattoos*, minha história.” (Profissional 29)

“A minha primeira *tattoo* eu já tatuava e senti que devia experimentar a dor para perceber e ter mais consciência do que andava a fazer aos outros e marquei assim uma nova fase da minha vida.” (Profissional 37)

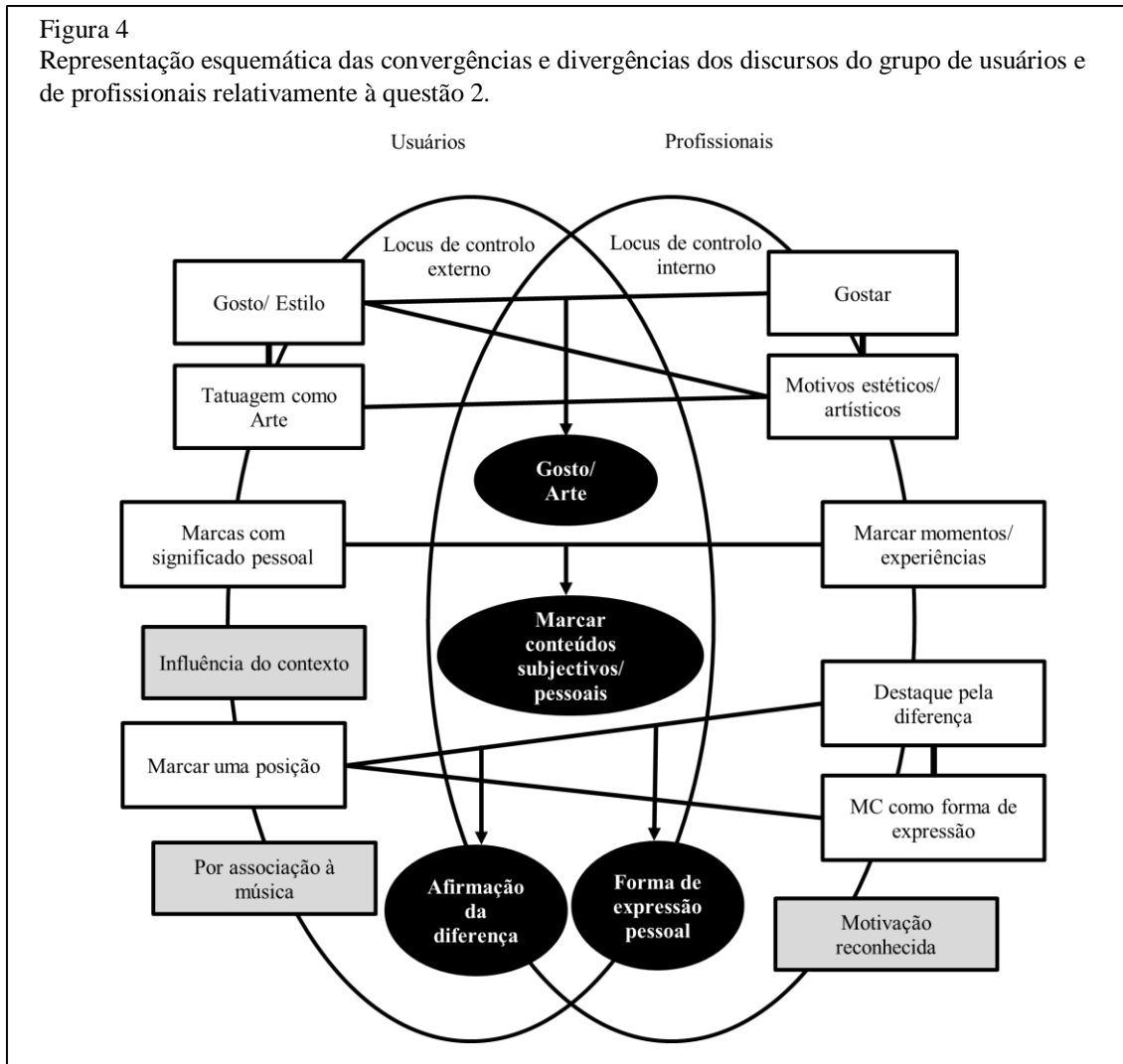
Consideramos ainda na descrição das categorias hierarquizadas, aquela que explica esta tomada de decisão como algo subjectivo e fruto do *locus* de controlo interno dos sujeitos, a categoria central **‘Motivação reconhecida’** (n=4; 6 ref.) construída com base nos testemunhos pertencentes às categorias de 2ª ordem **‘Necessidade’** (n=2; 2 ref.) -

“Nessa altura já sentia uma ‘necessidade’ de me ‘sujar’, gosto de ver o corpo pintado com arte, recordações, sentimentos, etc..” (Profissional 13)

- e **‘Vontade’** (n=2; 4 ref.) relatada nos seguintes exemplos:

“Quando via os filmes e via o pessoal tatuado pensava que queria aquilo, só não sabia se era correcto, mas queria. Não sei bem, não me lembro muito bem, mas acho que foi por querer ter e ser bués caro que comecei a ser eu a fazer tudo.” (Profissional 3)

Finalizada a exposição das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, bem como das respectivas unidades discursivas que as ilustram, tanto para o grupo dos usuários como para o grupo dos profissionais, passamos a salientar alguns pontos comuns e de diferenciação encontrados nos discursos dos dois grupos entrevistados, graficamente sistematizados na figura 4.



A apreciação das MC como determinante da escolha de incorporá-las em si, é um ponto comum entre os dois grupos, tal como o uso das MC como forma de preservar corporalmente ou de registar na pele conteúdos subjectivos significativos.

Deste modo, os dois grupos convergem na prática das MC como meio de exteriorização de conteúdos internos, recorrendo ao corpo como canal de comunicação e de expressão pessoal variada, salientando-se a celebração e afirmação da diferença no corpo e através do corpo. É também comum a usuários e profissionais a percepção de uma vertente artística na prática de MC.

Afastam-se quando o grupo dos profissionais reforça a prevalência do *locus* de controlo interno nesta tomada de decisão e o grupo dos usuários partilha a influência

sofrida pelos contextos: social, profissional e inclusive musical, na sua escolha de modificar o corpo.

Por fim, os usuários assumem a adopção de MC como parte integrante de um estilo de vida com o qual se identificam, enquanto no grupo dos profissionais estas referências são desconhecidas. Olhamos com curiosidade para este facto uma vez que estes últimos, devido à sua actividade profissional, são provavelmente aqueles que mais enraizados estão neste meio particular, que constituí o seu quotidiano, seja na própria pele, seja enquanto cumprem o seu horário de trabalho.

### **2.2.3. Questão 3- “O que se lembra de mais significativo nas suas experiências de MC?”**

#### **2.2.3.1. Análise das respostas dos Usuários**

Por meio da análise e exploração das respostas obtidas quanto ao significado das experiências de MC, foi possível compreender alguns dos motivos que tornam este tipo de experiência tão importante para cada um dos sujeitos entrevistados, bem como aquilo que lhes fica mais vivo na memória quando o seu corpo é voluntariamente modificado consoante os seus desejos, como é possível constatar na tabela 7 a).

Assim, no grupo de usuários acedemos a um total de três núcleos de significado correspondentes às categorias de 1ª ordem: ‘Sentimento de satisfação/ realização’ (n=9 sujeitos; 14 referências); ‘Associação a conteúdos subjectivos e emocionais’ (n=9; 11 ref.) e ‘Sofrimento físico’ (n=8; 9 ref.).

O ‘**Sentimento de satisfação/ realização**’ (n=9; 14 ref.) é recordado por vários usuários como sendo o mais significativo nas suas experiências de MC e, através das suas vozes percebemos que a compreensão e vivência deste sentimento é variável entre os indivíduos, como desvendam as quatro categorias de 2ª ordem e respectivas unidades de análise que integram esta categoria central.

Tabela 7 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 3 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“sensação de liberdade” (18) “é quando tomo estas decisões, não o faço a pensar no que terceiros poderão pensar ou como vão reagir” (19)	Exercício de expressão pessoal (n=2; 3 ref.)	
“concretizar o meu objectivo” (9) “era o realizar de um sonho” (21) “entusiasmo que senti depois” (7) “ver o resultado que tanto se aprecia” (25) “parecia um parvo a ver tudo ganhar forma” (33)	Forma de realização (n=2; 2 ref.) Satisfação com o resultado (n=4; 7 ref.)	<b>Sentimento de satisfação/ realização</b> (n=9; 14 ref.)
“a sensação que algo novo nasceu em nós” (18) “um novo ‘eu’” (18)	Mudança pessoal associada às MC (n=1; 2 ref.)	
“as tatuagens representam momentos” (27) “que o meu primeiro <i>piercing</i> , eu fiz para o meu casamento” (32)	Associação a momentos/ eventos importantes (n=2; 2 ref.)	<b>Associação a conteúdos subjectivos e emocionais</b>
“como não as faço por fazer, tem grande peso pessoal e íntimo” (28) “se falar de <i>tattoos</i> é claro que todas elas têm significado, uma história, uma razão, uma pessoa, uma cultura” (34) “tenho uma [tatuagem] (...) em memória a um conhecido que faleceu” (7) “a tatuagem do retrato da minha mãe na coxa” (20)	Motivos pessoais (n=5; 7 ref.) Memoriais (n=2; 2 ref.)	(n=9; 11 ref.)
“a dor quando foi no peito (...) é uma dor muito intensa, tanto que ainda tenho que acabar” (23) “ter suportado alguma dor e ter aquela recompensa” (25) “chega a um ponto que já dá um desconforto grande” (23) “todas as experiências foram agradáveis... excepto uma tatuagem que fiz depois de 14 anos sem ser tatuada” (30)	Dor (n=6; 7 ref.) Desconforto (n=2; 2 Ref.)	<b>Sofrimento físico</b> (n=8; 9 ref.)

A primeira, **‘Exercício de expressão pessoal’** (n=2; 3 ref.) é ilustrada por expressões como:

“O que é mais significativo para mim é quando tomo estas decisões, não o faço a pensar no que terceiros poderão pensar ou como vão reagir. Hoje em dia as pessoas reagem bastante mal a tudo o que é diferente. Especialmente MC (*piercing*, tatuagem...) (...) Há pessoas que deixam de o fazer pois pensam apenas em como determinada pessoa vai reagir se o fizer. Eu não sou dessa opinião. Se gosto, faço sem ligar ao que os outros pensam.” (Usuário 19)

A segunda, **‘Forma de realização’** (n=2; 2 ref.) está patente em unidades de discurso como:

“Principalmente quando fiz a minha primeira *tattoo*... digo que é como ter o primeiro filho (apesar de não saber o que é), foi mesmo aquela espera do dia e depois concretizar o meu objectivo! É fácil explicar porque todos sabemos o que é isso!” (Usuário 9)

“Não sei se te responde à pergunta mas para mim era o realizar de um sonho. Comecei a adorar o mundo da *tattoo* e *piercing*, fiz amizades com pessoas do meio, ir a concertos com eles, passar horas na loja deles e cada vez que ia à loja acabava sempre por fazer algo.” (Usuário 21)

A terceira, a categoria **‘Satisfação com o resultado’** (n=4; 7 ref.) é perceptível nas seguintes palavras:

“Talvez a parte da cicatrização... ver o resultado que tanto se aprecia... o ter suportado alguma dor e ter aquela recompensa!! É como ir ao médico... custa uma beca, mas é melhor!!” (Usuário 25)

“Ver arte e tudo a ganhar forma e cor, sempre dava por mim a rir... porque aquilo fascinava-me, isto acontecia mais quando os tatuadores faziam as *tattoos* em *freehand* ou seja sem *stencil*, directamente na pele. Ao início claro... pensei...oi... calminha... mas depois parecia um parvo a ver tudo a ganhar forma.” (Usuário 33)

Finalmente, a categoria **‘Mudança pessoal associada às MC’** (n=1; 2 ref.) encontra-se reflectida na seguinte afirmação:

“A cada modificação temos a sensação que algo novo nasceu em nós, um novo ‘eu’. E claro, existe uma grande sensação de liberdade.”(Usuário 18)

Um significado de particular relevância na experiência de MC pode residir nos **‘Motivos pessoais’** (n=5; 7 ref.) que lhe deram origem, na sua **‘Associação a momentos/ eventos importantes’** (n=2; 2 ref.) registados na pele ou, como forma de prestar homenagem a entes queridos através de tatuagens **‘Memoriais’** (n=2; 2 ref.), que se constituem como as categorias hierarquizadas que validam o núcleo de significado **‘Associação a conteúdos subjectivos e emocionais’** (n=9; 11 ref.), ilustrado pelos testemunhos dos usuários, como os que se seguem:

“É algo que já tenho consciência de que vou ‘sofrer’, mas lembro-me sempre que é por uma boa causa, até porque é um investimento para a vida, e como não as faço por fazer, tem grande peso pessoal e íntimo.” (Usuário 28)

“A do gémeo é pelas razões que já mencionei [é em memória da avó paterna] e tenho uma [tatuagem] muito pequena na anca em memória a um conhecido que faleceu (...) as memoriais são mais significativas por serem memoriais.” (Usuário 7)

Contudo, nas experiências de MC a dor não é uma utopia, é uma realidade sentida e exibida na categoria central **‘Sofrimento físico’** (n=8; 9 ref.) que engloba como categorias de 2ª ordem e respectivas unidades de análise: **‘Dor’** (n=6; 7 ref.) vivida e partilhada em testemunhos como os a seguir seleccionados –

“O que mais me recorde e por uma razão óbvia é dos [*piercings*] superficiais devido à dor que tive ao fazê-los (...) pela mesma razão as tatuagens do peito são bastante significativas.” (Usuário 7)

“Em relação a algo que me tenha marcado, em relação às MC, sem dúvida também furar o mamilo que até guinchei, conheci um novo significado para a palavra dor.” (Usuário 26)

- e **‘Desconforto’** (n=2; 2 ref.), outra dimensão do sofrimento físico patente no discurso dos sujeitos:

“O peito é uma dor muito intensa tanto que ainda tenho que acabar mas nada insuportável, simplesmente chega a um ponto que já dá um desconforto grande.” (Usuário 23)

“Todas as experiências foram agradáveis... excepto uma tatuagem que fiz depois de 14 anos sem ser tatuada... ao início custou-me um pouco até me habituar à agulha.” (Usuário 30)

### 2.2.3.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 3<sup>49</sup>)

A análise detalhada das unidades discursivas obtidas nas entrevistas ao grupo dos Profissionais permitiu aceder a cinco categorias centrais: ‘O resultado definitivo’ (n=7; 8 ref.); ‘Terem um significado pessoal’ (n=7; 7 ref.); ‘Dor’ (n=6; 6 ref.); ‘Expressão/ construção de identidade’ (n=5; 8 ref.) e ‘O Contexto’ (n=5; 6 ref.). Os dados encontram-se expressos na tabela 7 b).

Compreendemos assim que o que é lembrado como mais significativo desta experiência particular, não é nem o período que a antecede nem a própria experiência em si, mas o momento posterior, o momento em que a marca desejada à partida é obtida, e que se configura no núcleo de significado **‘O resultado definitivo’** (n=7; 8 ref.). Ao produto final, são associados pelos profissionais, o **‘Sentimento de orgulho’** (n=2; 3 ref.), por terem vivido e ultrapassado esta experiência com êxito, a **‘Satisfação com o trabalho’** (n=3; 3 ref.) executado no seu corpo, e a importância do seu carácter permanente, o facto de **‘Ser “para sempre”**’ (n=2; 2 ref.). As três últimas dimensões descritas permitem clarificar a conotação positiva dada pelos sujeitos à concretização das suas experiências de MC, bem como à recordação das mesmas e podem ser melhor percebidas através dos trechos de discurso seleccionados:

“Do orgulho que senti depois de finalizada. As minhas tatuagens são relativamente grandes estou em média 6-8 horas a tatuar, tenho peças grandes então depois de tantas horas sinto orgulho de

<sup>49</sup> Questão 3 – “O que se lembra de mais significativo nas suas experiências de MC?”

ter aguentado e ter uma peça de arte em mim e de poder apreciá-la sempre que quiser!”

(Profissional 10)

“Nunca tinha pensado nisso talvez a agressividade para o corpo, o facto de ser para sempre.”

(Profissional 13)

Tabela 7 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 3 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“do orgulho que senti depois de finalizada” (10) “orgulho de ter aguentado” (10) “a sensação de ter conseguido” (37)	Sentimento de orgulho (n=2; 3 ref.)	<b>O resultado definitivo</b>  (n=7; 8 ref.)
“gosto do resultado final” (11) “da satisfação no final” (37) “continuam a ser magníficas” (16)	Satisfação com o trabalho (n=3; 3 ref.)	
“ter uma peça de arte em mim e de poder apreciá-la sempre que quiser”(10) “o facto de ser para sempre” (13)	Ser “para sempre” (n=2; 2 ref.)	
“a sensação de prazer ao sentir que estava a fazer algo que significa muito para mim” (39) “tornarem-se numa espécie de mapa ou diário” (31)	Próprio significado da MC (n=4; 4 ref.)	
“tem a ver com uma tia minha que faleceu” (4) “morrer alguém amigo e marcares logo isso e sentires peso a sair de ti, ou algum familiar” (40)	Serem memoriais (n=3; 3 ref.)	
“a dor” (22) “tive um grande motivo pessoal (...) queria sentir na pele uma dor” (36)	Dor (n=6; 6 ref.)	<b>Dor</b>  (n=6; 6 ref.)
“são parte de mim” (2) “de me sentir mais completa” (37)	Sensação de totalidade (n=2; 4 ref.)	<b>Expressão/ construção de identidade</b>
“o facto de querer mostrar que sou uma pessoa individual e que me orgulho disso” (2) “sentir que sou eu próprio face ao mundo” (12)	Expressão de individualidade (n=3; 4 ref.)	(n=5; 8 ref.)
“acho que os laços que tenho (...) são os mais significativos pelo contexto, não pela pessoa que me fez, fiz numa convenção (...) e fui com o meu namorado” (4) “a única coisa que eu via, era a vista fenomenal e o sol que batia no meu rosto” (36)	O contexto circundante (n=2; 3 ref.)	<b>O Contexto</b>  (n=5; 6 ref.)
“gostei da minha experiência na Holanda (...) foi o tatuador mais cómico e no entanto mais profissional com quem já fiz” (8) “adorei o pessoal do estúdio” (4)	O contexto profissional (n=3; 3 ref.)	

As categorias hierarquizadas que dão voz à categoria central ‘**Terem um significado pessoal**’ (n=7; 7 ref.), evidenciam como as experiências de MC são tão mais significativas quanto o significado pessoal que lhes é atribuído pelos sujeitos, centrando-se no ‘**Próprio significado da MC**’ (n=4; 4 ref.) exemplificada pelos trechos a seguir transcritos –

“Há sempre umas com mais significado que outras... mas todas têm a sua razão de ser.”

(Profissional 2)

“A sensação de prazer ao sentir que estava a fazer algo que significa muito para mim.”

(Profissional 39)

- e no facto de **‘Serem memoriais’** (n=3; 3 ref.), marcas que homenageiam pessoas significativas como espelham as afirmações seguintes:

“O meu braço direito tem uma tatuagem de memória a uma pessoa.” (Profissional 15)

“Tem a ver com uma tia minha que faleceu.” (Profissional 4)

Mas, tal como indica o provérbio africano “Nunca se esquecem as lições aprendidas na dor”<sup>50</sup> e, já como aconteceu no grupo dos usuários, a **‘Dor’** (n=6; 6 ref.) é recordada como o elemento mais significativo das suas experiências de MC, e evidencia-se no discurso dos profissionais:

“Sinceramente quando começo a fazer uma *tattoo* penso ‘Para que fui inventar de fazer uma *tattoo*, já não me lembrava desta dor!’ mas depois aguento e gosto do resultado final.”

(Profissional 11)

“Provavelmente a minha primeira tatuagem que pensei que ia ser muito fácil mas foi uma dor insuportável que não estava nada à espera.” (Profissional 8)

“A dor sem dúvida (...) acredito que, a maior parte das modificações, sejam relaxantes apesar de doerem um pouco.” (Profissional 22)

Em contrapartida à dor sentida, para alguns profissionais a oportunidade de **‘Expressão/ construção de identidade’** (n=5; 8 ref.) através das MC surge como foco de maior significância e como núcleo de significado, fruto da análise dos seus discursos e, cujo processo de codificação intuitivo permitiu descobrir duas categorias de 2ª ordem:

A categoria **‘Sensação de totalidade’** (n=2; 4 ref.) transmitida nas suas palavras que exemplificamos -

“São todas especiais (...) todas têm a sua razão de ser... todas são o eu que me faz... são parte de mim... já nem me imagino sem elas.” (Profissional 2)

“Da satisfação no final... a sensação de ter conseguido e de me sentir mais completa.” (Profissional 37)

- e a categoria **‘Expressão de individualidade’** (n=3; 4 ref.) explicada pelos profissionais do seguinte modo:

<sup>50</sup> Citação retirada do *site* “Pensamentos, frases e provérbios” através da selecção do separador “Sofrimento”.

“Gosto muito da cannabis que tenho no peito, embora mal feita e com pouca cor porque está antiga gosto muito dela (...) fumo ganza desde os nove anos, fez 21 anos de fumo há uma semana, sempre levei porrada e me cortaram as asas por eu fumar mas mesmo assim eu não deixei de fumar porque realmente gosto, isso é a minha marca a dizer que sou assim, não me importo, não escondo e não vou mudar.” (Profissional 3)

“Sentir-me diferente do resto do mundo e sentir que sou eu próprio face ao mundo.” (Profissional 12)

Por fim, nas descrições dos elementos mais significativos das experiências de MC para o grupo dos profissionais, encontramos a categoria central **‘O Contexto’** (n=5; 6 ref.) que incorpora dois tipos distintos de situação como suas categorias de 2ª ordem. O primeiro, **‘O contexto circundante’** (n=2; 3 ref.) é aqui definido pelos espaços que se afastam da loja de tatuagens comum/ estúdio e, pelas pessoas que acompanham o sujeito nesta sua experiência:

“Acho que os laços que tenho no peito são os mais significativos pelo contexto, não pela pessoa que me fez, fiz numa convenção, mas adorei o pessoal do estúdio e fui com o meu namorado na altura.” (Profissional 4)

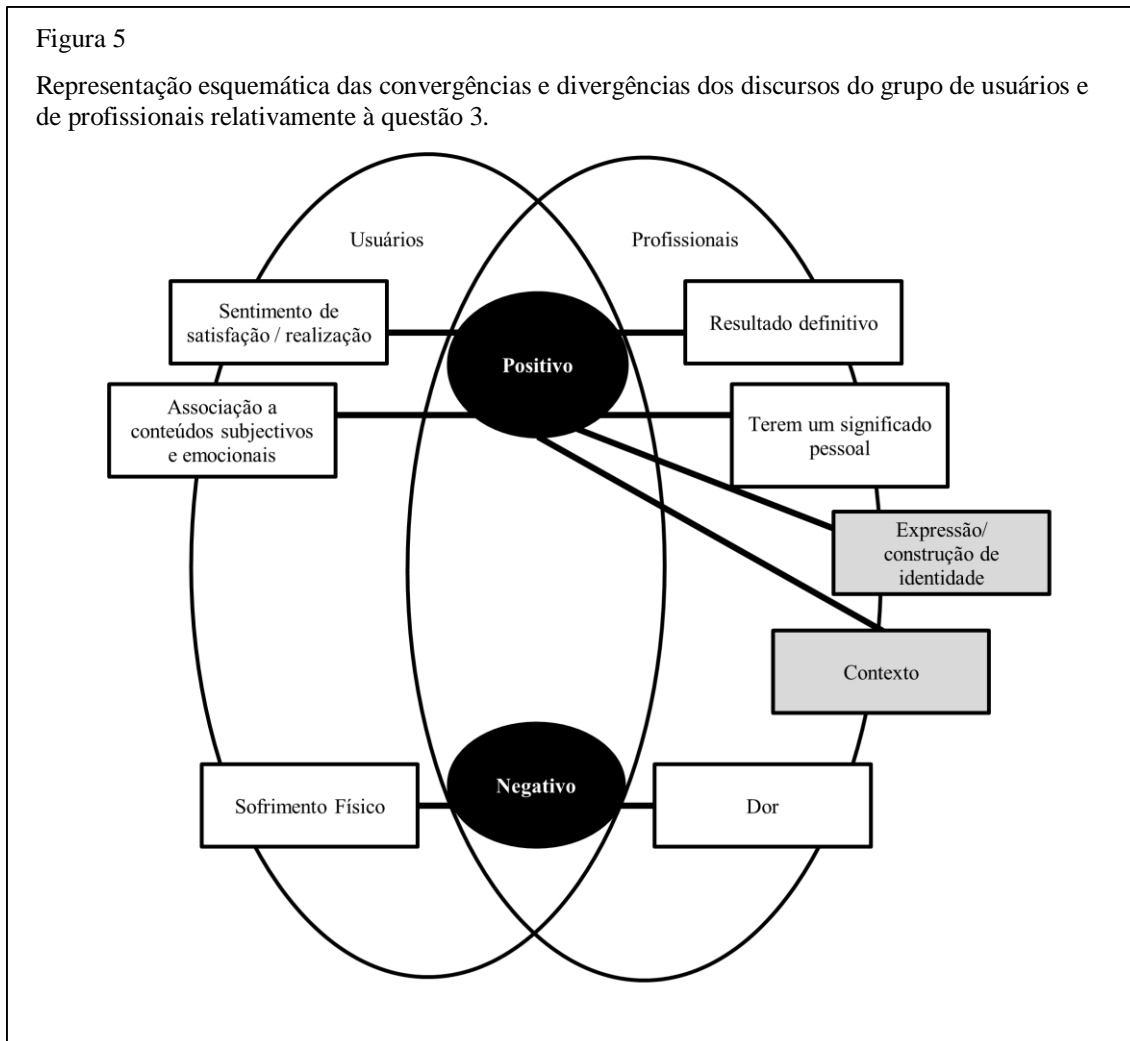
“Acho que a suspensão corporal, apesar de eu não a considerar uma MC e sim um ritual... foi algo muito profundo para mim (...) foi numa tarde de verão que eu, minha namorada e meu amigo (...) e mais umas pessoas fomos a um lugar com muitas árvores e uma vista linda para a baía do Seixal (...) a única coisa que eu via era a vista fenomenal e o sol que batia no meu rosto.” (Profissional 36)

O segundo, **‘O contexto profissional’** (n=3; 3 ref.), que permite perceber a valorização atribuída às relações criadas ou construídas entre clientes e profissionais:

“Como cliente, gostei da minha experiência na Holanda em que fui para lá para ser tatuada por um tatuador dos Estados Unidos e foi o tatuador mais cómico e no entanto mais profissional com quem já fiz... já estava cheia de dores e ele continuava a mandar piadas para me distrair.” (Profissional 8)

“Esqueço-me muitas vezes da rotina diária e aproveito aquele momento (...) refiro-me também ao facto de tomarmos um contacto quase familiar com quem, vá, nos faz a modificação.” (Profissional 22)

Concluída a apresentação dos principais núcleos de significado descobertos, bem como das categorias de 2ª ordem que resultaram do refinamento da rede de relações entre eles e, das respectivas unidades discursivas que os ilustram, chega o momento de reflectirmos quanto a pontos de convergência e de divergência entre os dois grupos analisados, usuários e profissionais, recorrendo à figura de síntese nº 5.



A satisfação com o produto final desta experiência, com a marca corporal recebida, é um elemento de particular significado, constactado nos dois grupos em análise. É igualmente ponto de convergência entre eles, a percepção da experiência de MC, como tanto mais significativa, quanto os conteúdos/significados atribuídos pelos indivíduos às marcas corporais adquiridas. Compreende-se no discurso de ambos os grupos que a relevância das marcas reside muitas vezes na conotação subjectiva e emocional que o sujeito lhes percebe, salientando-se especialmente o caso das MC com função de memoriais.

Tal como já foi referido, a dor é “sentida” da mesma forma entre profissionais e usuários e recordada como um componente significativo da experiência pelos dois

grupos, desdobrando-se em diferentes dimensões: o receio da dor, o sofrimento físico provocado pela MC e o desconforto inerente a uma qualquer experiência dolorosa.

Para terminar, não concluímos nenhuma divergência particular entre os grupos, apenas que não se encontram no significado atribuído pelos profissionais aos contextos de MC e à oportunidade de expressar e construir a própria identidade por meio das marcas corporais, embora concordem nas MC como uma forma de expressão pessoal.

#### **2.2.4. Questão 4- “As MC afectaram de algum modo a sua vida pessoal?”**

##### 2.2.4.1. Análise das respostas dos Usuários

Pretendemos com a presente investigação a exploração dos vários domínios relevantes que envolvem o sujeito e as suas MC. Como tal, interessámo-nos pelo impacto das MC nas diferentes dimensões de vida dos participantes e através da entrevista que lhes propusemos, foi-lhes oferecido um momento para reflectirem sobre si próprios, mais propriamente sobre como é que as suas MC afectaram a sua vida pessoal, profissional e social. A tabela 8 a) congrega os resultados obtidos junto do grupo de usuários na primeira dimensão atrás referida – a vida pessoal.

Assim, a exploração da dimensão pessoal permitiu aceder a cinco núcleos de significado: ‘Afectaram negativamente, a nível familiar’ (n=14 sujeitos; 15 referências); ‘Sim, negativamente’ (n=6; 6 ref.); ‘Sim, positivamente’ (n=5; 5 ref.); ‘Não’ (n=5; 5 ref.); ‘Pouco, sem especificação’ (n=4; 5 ref.).

A rede social de apoio de cada um e as respectivas figuras significativas que dela fazem parte, possuem um papel crucial para o bem-estar individual e facilmente se compreende o impacto extraordinário que têm na vida pessoal dos sujeitos, seja este positivo ou negativo. No contacto com o grupo dos usuários entendemos que as MC podem causar atrito no núcleo familiar dos sujeitos e que este é efectivamente o seu maior impacto na vida pessoal dos portadores, como confirma a categoria central mais forte **‘Afectaram negativamente, a nível familiar’** (n=14; 15 ref.). Tal impacto pode expressar-se e ser vivido em diferentes formatos, como ilustram as três categorias hierarquizadas e inerentes unidades de análise, constituintes deste núcleo de significado.

Tabela 8 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 4 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“há sempre a parte de considerarem na família que já estas a fazer de mais” (23) “a minha mãe não gosta de MC, mas lá está, sou filha dela, ela aceita” (28)	A família não gosta (n=4; 4 ref.)	<b>Afectaram negativamente, a nível familiar</b> (n=14; 15 ref.)
“difícil de aceitar na família” (34) “fui “convidado” muitas vezes a sair de casa” (21)	A família não aceita (n=4; 5 ref.)	
“só mesmo discussões com os meus pais” (14) “apenas o que já referi em relação aos meus pais (conflitos), mas fora disso não” (7)	Discussões/ conflitos (n=6; 6 ref.)	<b>Sim, negativamente</b> (n=6; 6 ref.)
“Portugal não aceita (e muito menos antigamente) pessoas “diferentes”” (38) “alguma discriminação” (25)	Preconceito/ Discriminação (n=3; 3 ref.)	
“sou alvo muitas vezes de maus tratos verbais” (25) “talvez se tivesse uma imagem padrão, talvez levasse com menos abordagens na rua” (26)	Crítica (n=3; 3 ref.)	<b>Sim, positivamente</b> (n=5; 5 ref.)
“ajudaram na auto-estima pois é algo que esteticamente gosto e me identifico” (20) “sim, hoje em dia não vivo sem MC (risos) é como se me sentisse vazio” (19)	Impacto positivo na autoestima (n=3; 3 ref.)	
“novos amigos” (21) “creio que fiz muito mais amigos por causa das modificações” (32)	Difusão da rede de amizades (n=2; 2 ref.)	<b>Não</b> (n=5; 5 ref.)
“de modo nenhum” (18) “continuou normal” (32) “não, em nada” (33)	Não (n=5; 5 ref.)	
“um ou outro cuidado extra” (35) “nada de especial” (35) “na minha vida pessoal não afetou muito” (38)	Pouco, sem especificação (n=4; 5 ref.)	<b>Pouco, sem especificação</b> (n=4; 5 ref.)

A primeira, ‘**A família não gosta**’ (n=4; 4 ref.), é uma condição percebida nos seguintes excertos:

“Os meus pais e família, embora não apreciem muito as MC continuam-me a tratar como me tratavam antes e respeitam a minha liberdade.” (Usuário 18),

“Eu dizia que gostava e eles diziam que eu não sabia o que dizia... hoje em dia continuam a não gostar, mas acho que já aceitam que eu faço por mim e não por eles.” (Usuário 21)

A segunda, ‘**A família não aceita**’ (n=4; 5 ref.), é ilustrada pelas unidades discursivas abaixo exibidas:

“O que me faz mais lembrar é de chocar a minha mãe e o meu irmão (...) como já mencionei antes, difícil de aceitar na família.” (Usuário 34)

“Na vida pessoal não afectou muito tirando a parte familiar (que foi péssima, e ainda não aceitam).” (Usuário 38)

“Os meus pais são de um meio pequeno em que para eles um rapaz ter brincos não é rapaz (...) para eles ir à terrinha com eles e a família ver-me com brincos e depois *tattoos* para eles era um sofrimento... fui ‘convidado’ muitas vezes a sair de casa.” (Usuário 21)

Por fim, a mais forte das categorias de 2ª ordem, a que diz respeito à corporalização e verbalização mais extrema das duas categorias acima descritas, ou seja, o não gostar e o não aceitar das MC por parte dos elementos familiares, o que pode culminar em **‘Discussões/ conflitos’** (n=6; 6 ref.) como os partilhados por alguns elementos da amostra:

“A minha mãe não me meteu fora de casa (...) mas ameaçou-me vezes sem conta que ia processar a loja que mo tinha feito (...) a minha mãe foi-se habituando e quase já não lhe faz diferença quanto ao meu pai não posso dizer o mesmo, custou-lhe bastante mais a aceitar e chegamos a não nos falar durante meses (...) apenas o que já referia em relação aos meus pais (conflitos) mas fora disso não.” (Usuário 7)

“Chamaram-me nomes que não se chama a um filho... para eles eu ter *tattoos* como estavam escondidas não era tão mau mas os brincos era do pior... e o que os outros diziam ou podiam dizer de mim, para eles era a pior coisa do mundo.” (Usuário 21)

“Sim!! Claro... a tatuagem que fiz há dois anos nas costas ditou o fim do meu casamento (que já estava condenado mas acabou mais depressa por isso).” (Usuário 30)

A percepção negativa do impacto das MC na vida pessoal dos sujeitos mantém-se, ao ser expressa pela categoria central **‘Sim, negativamente’** (n=6; 6 ref.), que dá voz ao descontentamento sentido pelos indivíduos quando são alvo de **‘Preconceito/ Discriminação’**, categoria de segunda ordem (n=3; 3 ref.) clara nos relatos que se apresentam de seguida -

“Denoto bastante preconceito ainda mas, não tanto de ter tatuagens, mas sim de ser rapariga com tatuagens.” (Usuário 27)

“Portugal não aceita (e muito menos antigamente) pessoas ‘diferentes’.” (Usuário 38)

- e à qual se junta a categoria **‘Crítica’** (n=3; 3 ref.), percebida pelos usuários deste modo:

“Sou alvo muitas vezes de maus tratos verbais.” (Usuário 25)

“Talvez se tivesse uma imagem padrão, talvez levasse com menos abordagens na rua.” (Usuário 26)

Após a exploração do impacto negativo das MC na vida pessoal dos participantes, analisamos agora o outro lado da questão através das categorias hierarquizadas e respectivas unidades de análise, que evidenciam uma dimensão diametralmente oposta patente em duas categorias de segunda ordem, a do **‘Impacto**

**positivo na autoestima'** (n=3; 3 ref.) ilustrado pelas afirmações que se transcrevem como exemplo -

“Ajudaram na auto-estima pois é algo que esteticamente gosto e me identifico.” (Usuário 20)

“Na altura era moda o estilo *'hard core'* e as raparigas gostavam e então digamos que o meu ego andava bem alto e tinha 'sucesso' no meio das meninas.” (Usuário 21)

- e, a **'Difusão da rede de amizades'** (n=2; 2 ref.) referida por dois usuários do grupo:

“Novos amigos.” (Usuário 21)

“Creio que fiz muito mais amigos por causa das modificações.” (Usuário 32)

A junção destas duas categorias originou a categoria central **'Sim, positivamente'** (n=5; 5 ref.) que nos faz perceber como nem todo o impacto das MC na vida pessoal dos sujeitos, é negativo.

Numa postura algo diferente das anteriores, cinco sujeitos mencionaram não ter sentido que as MC tivessem afectado sua vida pessoal de algum modo. As suas palavras sobre o assunto dão voz ao núcleo de significado **'Não'** (n=5; 5ref.):

“Não afectam a vida pessoal.” (Usuário 27)

“Não ocorreu nada a nível pessoal.” (Usuário 28)

“Continuou normal.” (Usuário 32)

Numa perspectiva similar, alguns usuários de MC referiam que o seu impacto na sua vida pessoal foi mínimo ou, mais precisamente **'Pouco, sem especificação'** (n=4; 5 ref.), categoria central que ganha sentido com as afirmações:

“O impacto pessoal é pouco até porque como já respondi, de uma maneira geral dou-me com pessoas que também têm tatuagens (...) mas a nível pessoal nada relativo.” (Usuário 23)

“Um ou outro cuidado extra mas nada de especial.” (Usuário 35)

#### 2.2.4.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 4<sup>51</sup>)

A análise das respostas à questão quatro, relativa ao impacto das MC na esfera pessoal, originou cinco núcleos de significado que facilitam a compreensão da perspectiva dos profissionais sobre o tema: **'Sim, negativamente pela discriminação'** (n=9; 9 ref.); **'Sim, positivamente'** (n=8; 13 ref.); **'Sim, negativamente a nível familiar'**

<sup>51</sup> Questão 4 – “As MC afectaram de algum modo a sua vida pessoal?”

(n=8; 10 ref.); ‘Sim, negativamente pela avaliação dos outros’ (n=8; 8 ref.); ‘Não afectaram’ (n=7; 7 ref.). Os resultados categorizados encontram-se na tabela 8 b).

Mais uma vez as opiniões dividem-se em três vertentes: o impacto negativo das MC na vida pessoal dos sujeitos, o seu impacto positivo e a ausência de impacto. Assim, no presente grupo, o núcleo de significado mais forte diz respeito à categoria ‘**Sim, negativamente pela discriminação**’ (n=9; 9 ref.) que envolve três categorias de 2ª ordem: ‘**Associação à marginalidade**’ (n=2; 2 ref.); ‘**Evitamento**’ (n=2; 2 ref.) e ‘**Discriminação/ Preconceito**’ (n=5; 5 ref.) ilustradas pelas unidades discursivas seleccionadas por nós:

“Às vezes até pode ser mania da perseguição, ou seja é da tua cabeça, mas outras porém não é assim... a polícia, por me ver tatuado assume que sou delinquente ou toxicodependente.”  
(Profissional 2)

“Há pessoas a mudarem de rua com medo de se cruzarem comigo como se fosse bandido ou assim, tens aqueles que excomungam logo, sem me conhecerem.” (Profissional 3)

“Há algum preconceito e desdém, as pessoas evitam-me nos transportes e tipo olham com desdém e asco.” (Profissional 15)

“Talvez o modo como a sociedade me vê isso sem dúvida, sinto a discriminação ao máximo (...) quem nos conhece de verdade acaba por aceitar melhor as MC porque verifica que a nossa personalidade não muda com as MC, somos iguais.” (Profissional 10)

“Uma vez fui a um restaurante com um amigo e como estávamos com as *tattoos* à mostra, o senhor olhou para nós e negou-se a atender-nos, mandou-nos para fora só por causa da nossa aparência, enfim...” (Profissional 37)

A postura oposta é evidente na categoria central ‘**Sim, positivamente**’ (n=8; 13 ref.), explicada através de quatro categorias de 2ª ordem, nas quais os sujeitos partilham a influência benéfica das MC na sua vida pessoal. A primeira, ‘**Positivamente, sem especificação**’ (n=2; 3 ref.) surge nos seguintes exemplos:

“Sim, acho que todos os dias me afectam um pouco... e quando digo afectam é num bom sentido, lembro-me todos os dias que sou assim, e se não me lembrar alguém lembra de certeza!!!”  
(Profissional 2)

“Quando marcas uma imagem mais definida e as pessoas até pensam olha afinal uma menina bonita e nova e não sei que até pode ficar bem com um estilo diferente... ajuda, acho que é positivo em várias coisas.” (Profissional 1)

Tabela 8 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 4 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“a polícia, por me ver tatuado assume que sou delinquente ou toxicodependente” (2) “como se fosse bandido ou assim” (3)	Associação à marginalidade (n=2; 2 ref.)	<b>Sim, negativamente pela discriminação</b> (n=9; 9 ref.)
“as pessoas evitam-me nos transportes” (15) “há pessoas a mudarem de rua com medo de se cruzarem comigo” (3)	Evitamento (n=2; 2 ref.)	
“sinto a discriminação ao máximo” (10) “negou-se a atender-nos, mandou-nos para fora só por causa da nossa aparência” (37)	Discriminação/ Preconceito (n=5; 5 ref.)	
“acho que todos os dias me afectam um pouco” (2) “quando digo afectam é num bom sentido” (2) “acho que é positivo em várias coisas” (1)	Positivamente, sem especificação (n=2; 3 ref.)	<b>Sim, positivamente</b> (n=8; 13 ref.)
“muito mais forte intelectualmente” (16) “faz-me sentir uma estrela do rock” (15)	Positivamente, a nível pessoal (n=2; 3 ref.)	
“muita gente tem curiosidade na minha pessoa” (22) “(…) pessoas que normalmente acabamos por conhecer, as histórias de vida que ouvimos” (11)	Positivamente, a nível interpessoal (n=2; 4 ref.)	
“porque tenho uma tatuagem que eu própria fiz para combater a preguiça” (8) “(…) cada vez tenho mais coisas que quero representar (…) situações e memórias de vida” (12)	Transmitem uma mensagem ao próprio (n=2; 3 ref.)	
“a família inicialmente não gostavas mas aprendeu a respeitar e a conviver” (10)	Impacto negativo inicial, na família (n=1; 2 ref.)	<b>Sim, negativamente a nível familiar</b> (n=8; 10 ref.)
“na minha família não é nada aceite” (4) “basicamente a família não aceitou tão bem” (31)	Família não aceita (n=3; 4 ref.)	
“só com a família” (4) “sem dúvida, família” (22)	Na família, indefinido (n=2; 2 ref.)	
“os meus pais não gostam muito, porque a família vai falar e tretas do género” (4) “os meus pais também não gostam muito, embora aceitem” (6)	Família não gosta mas aceita (n=2; 2 ref.)	
“o modo como a sociedade me vê” (10) “sim, na forma como algumas pessoas me vêem” (37) “as pessoas associam o aspecto à maneira de ser”(22)	A percepção dos outros sobre o sujeito (n=3; 3 ref.)	
“sou mais mal visto na sociedade jovem do que pelos mais velhos” (5) “é óbvio que vai haver muita coisa contra mim, pessoas, opiniões, atitudes” (1)	Crítica (n=3; 4 ref.)	<b>Sim, negativamente pela avaliação dos outros</b> (n=8; 8 ref.)
“já afectaram em muita coisa” (2) “yah com certeza” (3)	Sim negativamente, sem especificação (n=2; 2 ref.)	<b>Não afectaram</b> (n=7; 7 ref.)
“não” (13) “a mim particularmente, não” (29) “nunca” (39) “não, de modo algum” (40)	Não, sem especificação (n=5; 5 ref.)	
“em nada, pois todos os que me rodeiam, me conhecem como sou como pessoa, e gostam de mim por isso” (36) “não, a minha família gosta de mim e sabe o meu valor independentemente de ser tatuado” (3)	Não, porque reconhecem o indivíduo para além das MC (n=2; 2 ref.)	

A segunda, **‘Positivamente, a nível pessoal’** (n=2; 3 ref.) está ilustrada nas palavras de dois profissionais:

“Certamente que sim, sou hoje em dia uma pessoa muito mais ‘rica’ em todos os aspectos, além de me ter tornado também muito mais forte intelectualmente.” (Profissional 16)

“Ya tipo comprar coisas no hipermercado faz-me sentir uma estrela de *rock*, toda a gente a olhar.” (Profissional 15)

A terceira, **‘Positivamente, a nível interpessoal’** (n=2; 4 ref.) percebe-se nas seguintes unidades discursivas:

“Sinto que muita gente tem curiosidade na minha pessoa ou seja, relativamente à minha personalidade por ter muitas modificações, sinto que há quem goste de ouvir uma história minha ou que me quer conhecer melhor.” (Profissional 22)

“Não por tê-las mas talvez por fazê-las nos outros. Não sinto que tenha prejudicado a minha vida pessoal por ter MC, mas o facto de as fazer em outros aumenta o leque de pessoas que normalmente acabamos por conhecer, as histórias de vida que ouvimos.” (Profissional 11)

Por fim, a categoria de 2ª ordem **‘Transmitem uma mensagem ao próprio’** (n=2; 3 ref.), é explicada pelos próprios sujeitos da acção:

“Pois a nível pessoal, com quem diz ‘de mim para mim’ modificaram um bocado... porque eu tenho uma tatuagem que eu fiz para combater a preguiça... a que fiz critica a sociedade também é um lembrete para não me deixar levar pelas modas sociais que inventam.” (Profissional 8)

“Sim sem dúvida, quando obtive a minha primeira tatuagem pensava que só queria uma e sete anos depois tornei-me tatuador e em vez de pensar que já me chegam cada vez tenho mais coisas que quero representar, representar situações e memórias de vida.” (Profissional 12)

Voltando à perspectiva mais negativa deste fenómeno, as categorias de 2ª ordem: **‘Impacto negativo inicial, na família’** (n=1; 2 ref.); **‘Família não aceita’** (n=3; 4 ref.); **‘Na família, indefinido’** (n=2; 2 ref.) e **‘Família não gosta mas aceita’** (n=2; 2 ref.), demonstram o desagrado dos familiares perante a opção dos participantes de modificarem o seu corpo e, o impacto desta escolha traduz-se na categoria central **‘Sim, negativamente a nível familiar’** (n=8; 10 ref.) patente nos diferentes relatos dos profissionais:

“A família inicialmente não gostava mas aprendeu a respeitar e a conviver e nesta fase até já pondera fazer alguma MC (...) apesar de ter tantas MC não sou louca ou mudei o meu feitio, sou exactamente igual e acho que foi por isso que a família passou a aceitar uma coisa que era mal vista antes. Hoje em dia a minha mãe vem ao estúdio e vê-me a ser tatuada sem preconceito algo que antes nem me passava pela cabeça, preferia esconder dela com medo de

reprovação acho, hoje em dia é a primeira a defender-me se alguém me discrimina pela aparência.” (Profissional 10)

“Na minha família não é nada aceite. Tenho uma família proveniente maioritariamente do norte do país, muito conservadora onde ninguém tem nada, eu sou a única com *piercings* e tatuagens, o máximo que tenho é uma prima com um *piercing* no umbigo, que na altura foi um escândalo, então os meus pais não gostam muito, porque a família vai falar e tretas do género (...) ainda estão aceitar. Eu já não aviso quando vou fazer alguma coisa, limito-me a aparecer com ela feita, mas é sempre um problema.” (Profissional 4)

“Sim, já tive algumas namoradas que achavam exageradas algumas modificações. Os meus pais também não gostam muito, embora aceitem.” (Profissional 6)

Com a mesma força de impacto na vida pessoal dos sujeitos, está a categoria central **‘Sim, negativamente pela avaliação dos outros’** (n=8; 8 ref.) que mostra como as MC afectam a esfera pessoal dos profissionais quando o desagrado pela sua presença ganha corpo nas figuras familiares ou, na figura de “outros” desconhecidos que publicamente demonstram a sua opinião. A situação descrita é exibida pelas três categorias hierarquizadas que fazem parte deste núcleo de significado. A primeira, **‘A percepção dos outros sobre o sujeito’** (n=3; 3 ref.) mencionada por três profissionais:

“Sim, na forma como algumas pessoas me vêem, por exemplo eu dou aulas de pintura na Universidade Sénior aqui (...) e no início os alunos entravam e como não me conheciam ficavam com aquele olhar como se me estivessem a julgar como profissional, entendes?” (Profissional 37)

“Talvez o modo como a sociedade me vê isso sem dúvida, sinto a discriminação ao máximo e quem me vê não diz que sou assim tão alternativa nas relações interpessoais, família e amigos (...) quem nos conhece de verdade acaba por aceitar melhor as MC (...) falo por experiência própria que era muito certinha e apesar de tantas MC não sou louca ou mudei o meu feitio, sou exactamente igual.” (Profissional 10)

“O mundo quer pão e circo, e isso também se impõe à maneira de cada pessoa ser como é, quero dizer com isto que, apesar de não estar de acordo, as pessoas associam o aspecto à maneira de ser.” (Profissional 22)

A segunda, a **‘Crítica’** (n=3; 4 ref.) revelada nos seguintes exemplos:

“Sei que muitos criticam, mas não tenho culpa da falta de cultura e interesse das pessoas, as pessoas fazem a sua fama e você o seu carácter.” (Profissional 29)

“Claro que afecta estamos em Portugal, discriminado, o que fico chocado é muitas vezes por ser malta jovem, eu falo com pessoas de todas as idades mas às vezes sou mais mal visto na sociedade jovem do que pelos mais velhos. Uma vez na disco, que passou por mim uma rapariga da minha idade, e sabes o que ela disse? ‘dass que nojo’ achas normal?” (Profissional 5)

“Afectaram... só acho que afectem se eu deixar que afecte, é óbvio que vai haver muita coisa contra mim, pessoas, opiniões, atitudes, e eu fui sujeita a isso como a maior parte das pessoas.”

(Profissional 1)

E por fim, a categoria **‘Sim negativamente, sem especificação’** (n=2; 2 ref.) resultado das afirmações seguintes:

“Já afectaram em muita coisa... é uma escolha que fazes... infelizmente a sociedade ainda não está bem preparada para todo o tipo de gente... o ser humano tem padrões, estereótipos.”

(Profissional 2)

“Yah com certeza (...) mas tem aqueles que estão próximos de mim porque realmente gostam ou me curtem, é isso no final de contas que interessa!” (Profissional 3)

Resta-nos a já referida posição neutra, associada à ausência de impacto das MC na esfera pessoal dos sujeitos, que é representada na categoria central **‘Não afectaram’** (n=7; 7 ref.) que emerge das categorias de 2ª ordem **‘Não, sem especificação’** (n=5; 5 ref.) e **‘Não, porque reconhecem o indivíduo para além das MC’** (n=2; 2 ref.) comportando referências como as que se seguem:

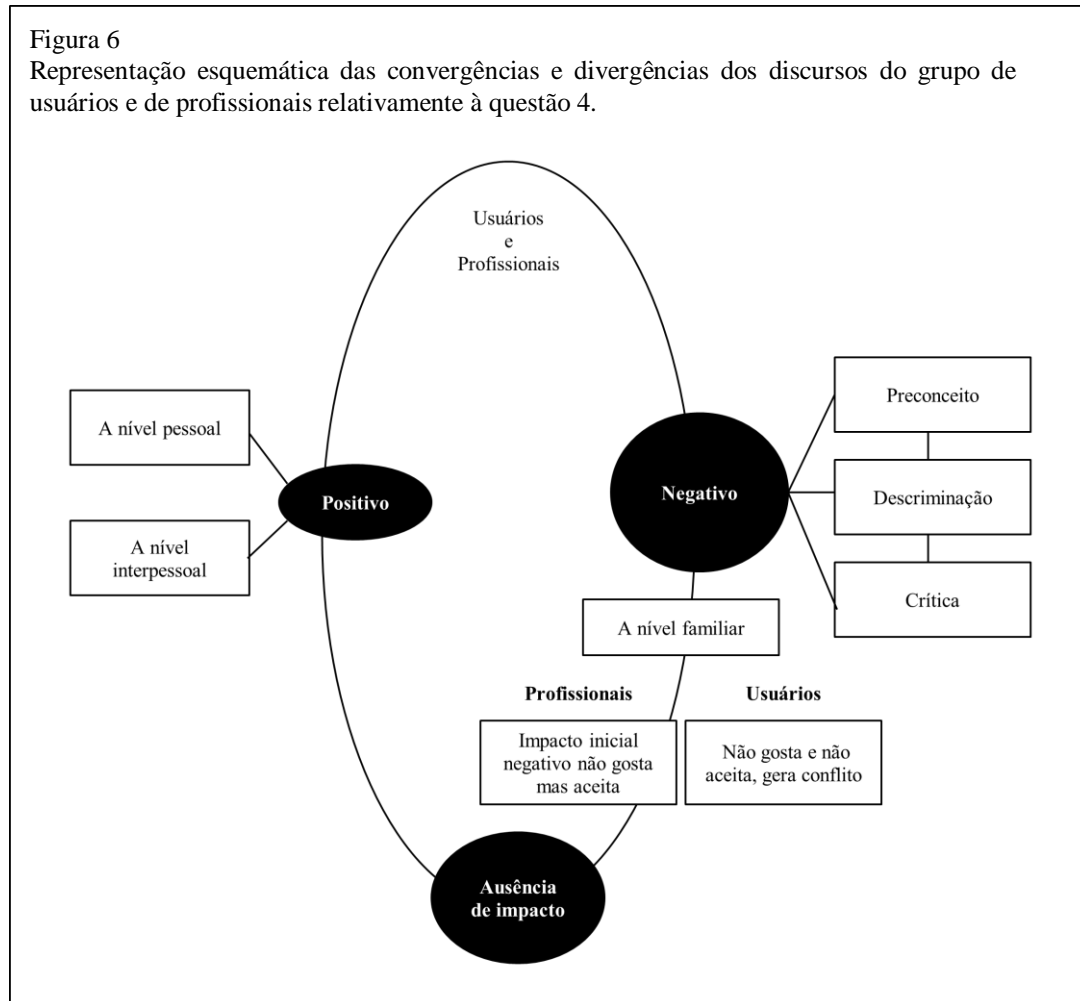
“Não.” (Profissional 13)

“Não, de modo algum.” (Profissional 40)

“Em nada, pois todos os que me rodeiam, me conhecem como sou como pessoa, e gostam de mim por isso.” (Profissional 36)

“Não, a minha família gosta de mim e sabe o meu valor independentemente de ser tatuado.” (Profissional 3)

Finda a apresentação diferencial das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, e de alguns fragmentos de discurso exemplificativos das percepções e posturas de ambos os grupos, gostaríamos de reforçar alguns pontos de convergência e de divergência encontrados nas vozes dos sujeitos da amostra, mais uma vez sumarizados graficamente na figura 6.



Deste modo, facilmente se percebe que os dois grupos convergem mais do que divergem neste ponto e que para ambos se verificam três linhas principais de pensamento: a afectação negativa das MC na sua esfera pessoal, o efeito contrário, a afectação positiva das mesmas e a ausência de impacto.

Usuários e profissionais partilham um impacto positivo inferior à carga das repercussões negativas das MC na sua vida pessoal e encontram nos elementos familiares os principais afectados com a sua escolha, seja por não a aceitarem, por não apreciarem MC ou pelos problemas que posteriormente desencadearam no seio familiar.

Os relatos de discriminação e situações de preconceito de que foram vítimas é igualmente comum no discurso de ambos os grupos.

Nesta vertente interpessoal fora da rede familiar, os usuários percebem um impacto positivo das MC na sua vida pessoal por meio da difusão da sua rede de

amizades e, embora os profissionais partilhem deste impacto positivo nas suas relações com os outros, dão uma importância acrescida à avaliação crítica e negativa por parte dos “outros” desconhecidos, que não se verifica no discurso do grupo dos usuários, sendo esta a principal divergência encontrada.

### 2.2.5. Questão 5- “As MC afectaram de algum modo a sua vida profissional?”

#### 2.2.5.1. Análise das respostas dos Usuários

Na continuidade da exploração iniciada com a questão anterior, sobre os vários domínios de impacto da realização de MC na vida dos sujeitos, pretendeu-se com a presente questão cinco, direccionar a atenção para a vida profissional de ambos os grupos em foco. Os dados obtidos no processo de categorização estão patentes na tabela 9 a).

Consequentemente, a análise pormenorizada das unidades discursivas obtidas junto do grupo de usuários, permitiu aceder a quatro núcleos de significado: ‘Sim, negativamente’ (n=17; 20 ref.); ‘Não’ (n=13; 17 ref.); ‘Sim, a ponto de retirar/ ocultar as MC’ (n=9; 14 ref.); ‘Sim, mas com impacto positivo’ (n=4; 4 ref.).

Concluimos assim, que as perspectivas não são as mais animadoras para quem tem MC e está a trabalhar ou a tentar entrar no mercado de trabalho e, que de forma geral as MC não se revelam benéficas para a vida profissional dos seus usuários. Esta constatação sustenta-se na categoria mais sólida encontrada, a categoria central ‘**Sim, negativamente**’ (n=17; 20 ref.), constituída por quatro categorias hierarquizadas que espelham com clareza a percepção da aceitação das MC nos contextos de trabalho, avaliada como reduzida, por parte dos elementos entrevistados. A primeira, ‘**Redução de oportunidades**’ (n=5, 7 ref.) está patente nas palavras de quatro participantes, cujos discursos seguem como exemplo:

“Em termos profissionais eu próprio tenho noção de onde posso e não posso tentar procurar trabalho. Tenho algumas tatuagens expostas e sei que nem em todos os sítios são tolerantes (...) tenho o braço esquerdo completamente tatuado, à partida sei que não me posso inscrever na (...), no (...), em qualquer hipermercado, lojas mais formais, em que as *tattoos* estejam expostas.” (Usuário 17)

“Situações de entrevista que se vê que o facto de os ter [*piercings*], fazem tomar partido se houver caso de dúvida com alguém que não tenha.” (Usuário 14)

“Em relação à vida profissional sempre foi um meio para ser discriminado e não conseguir a maior parte das vezes o emprego ou o caminho pretendido.” (Usuário 24)

“Infelizmente muito. As pessoas que não me conhecem, nem me dão a hipótese de ver o meu trabalho.” (Usuário 38)

Tabela 9 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 5 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“eu próprio tenho noção de onde posso e não posso tentar procurar trabalho” (17) “não conseguir a maior parte das vezes o emprego ou o caminho pretendido” (24)	Redução de oportunidades (n=5; 7 ref.)	
“ser chamado à atenção pela minha aparência” (26) “(…) quando se aperceberam que eram alargadores disseram que era de mais” (21)	Chamada de atenção pela aparência (n=3; 3 ref.)	<b>Sim, negativamente</b> (n=17; 20 ref.)
“algumas clientes olham-me com superioridade” (9) “é óbvio que olham para ti de outra forma” (23)	Olhares críticos (n=3; 3 ref.)	
“[clientes] falam-me de forma seca e curta como se eu lhes fizesse mal” (9) “ainda existe muito preconceito” (32)	Discriminação/ Preconceito (n=6; 7 ref.)	
“na minha área [ <i>design</i> ] o <i>portfolio</i> conta mais do que a imagem do trabalhador” (18) “negativo nenhum” (33)	Não afectaram (n=6; 7 ref.)	<b>Não</b> (n=13; 17 ref.)
“cada vez mais são aceites as modificações no mundo profissional” (7) “(…) já tive uma experiência de trabalho completamente o oposto (...) aceitaram-me tal como sou” (30)	Experiência de aceitação (n=7; 10 ref.)	
“na (...) tinha que retirar todos os <i>piercings</i> ” (14) “sinto-me mal, porque foi uma opção que fiz em os ter e ter de os tirar, para mim vai-me custar imenso” (28)	Ter de retirar os <i>piercings</i> (n=3; 6 ref.)	<b>Sim, a ponto de retirar/ ocultar as MC</b> (n=9; 14 ref.)
“a <i>full sleeve</i> do braço direito, em alguns trabalhos que tive, tinha de usar camisas de manga comprida” (20) “acredito que como as minhas são escondidas, não haja qualquer tipo de problema” (28)	Ter de esconder as tatuagens (n=6; 8 ref.)	
“quando vivia em Barcelona era mais favorável as MC pois numa cidade como aquela, era mais fácil conseguir um trabalho no centro, pois a cidade procura aquela imagem do <i>Freak</i> jovem” (26) “positivo” (33)	Sim, mas com impacto positivo (n=4; 4 ref.)	<b>Sim, mas com impacto positivo</b> (n=4; 4 ref.)

A segunda, ‘Chamada de atenção pela aparência’ (n=3; 3 ref.), é uma realidade vivida por alguns usuários, e exemplificadas nos seguintes discursos:

“Tive várias experiências mas a que sublinho com mais convicção foi o facto de ser chamado à atenção pela minha aparência por uma pessoa com os dentes completamente podres.” (Usuário 26)

“O primeiro *piercing* já eu trabalhava e disseram-me para eu tirar (...) depois fui subindo de posto e começaram-me a aceitar como estava (...) mas quando se aperceberam que eram alargadores disseram que era de mais (...) até quando me convidaram para ser gerente uma das condições foi essa... tirar... e eu cedi...” (Usuário 21)

A terceira, ‘**Olhares críticos**’ (n=3; 3 ref.) releva mais uma vez a experiência dos próprios, e é aqui partilhada através dos seguintes formatos:

“A nível profissional é óbvio que olham para ti de outra forma, eu pessoalmente tento evitar, infelizmente porque as mentalidades das pessoas em geral são muito fracas, sente-se logo que há o pensamento que és diferente, mas eu sempre procurei não dar muito ênfase a isso.” (Usuário 23)

“Ao início quando encontrei o meu primeiro trabalho já tinha um estilo bastante diferente e com bastantes *piercings*. As pessoas de certa forma olhavam-me um pouco de lado e comentavam (...) Lembro-me de um comentário que ainda hoje ouço bastante ‘como é que uma pessoa tão doce, usa tantos buracos na cara’ e eu próprio digo, é um gosto.” (Usuário 19)

“Algumas clientes olham-me com superioridade, falam-me de forma seca e curta como se eu lhes fizesse mal...” (Usuário 9)

A quarta e última categoria representa um fenómeno já mencionado anteriormente noutras circunstâncias, nomeadamente no impacto das MC na vida pessoal. Referimo-nos à ‘**Discriminação/ Preconceito**’ (n=6; 7 ref.) a mais forte das categorias hierarquizadas:

“Depende do país... e das mentalidades... penso sair de cá! Mas cá em Portugal, sem dúvida alguma! Cá as pessoas não respeitam... uma coisa é não serem a favor, outra é não haver respeito... e isso, na maioria não o há.” (Usuário 9)

“Tive que mostrar que não é uma ou mais tatuagens ou *piercings* (...) que fazem de mim menos ou mais que qualquer outra pessoa... considero-me normalíssima e faço questão de mostrar isso... sou profissional no que faço... seja qual for o trabalho...” (Usuário 30)

“Tirando o facto de que eu não posso trabalhar em qualquer lugar, porque ainda existe muito preconceito, o resto da minha vida continuou normal.” (Usuário 32).

Em contrapartida, a 2ª categoria central mais forte diz respeito à ausência de impacto das MC na vida profissional dos sujeitos do grupo dos usuários, e configura-se no núcleo de significado ‘**Não**’ (n=13; 17 ref.) resultado da aglutinação entre as categorias hierarquizadas ‘**Não afectaram**’ (n=6; 7 ref.) e ‘**Experiência de aceitação**’ (n=7; 10 ref.), abaixo ilustradas:

“Não é algo que me tenha afectado substancialmente.” (Usuário 20)

“Na minha área [*design*] o *portfolio* conta mais do que a imagem do trabalhador.” (Usuário 18)

“Não a mim, não só pelo facto de não me interessar por um trabalho que não pudesse ter um estilo alternativo, isto é, nunca procuraria trabalhar numa padaria ou um escritório, num banco,

etc. etc... Na minha carreira profissional não afetou nada pois trabalho dentro do mundo do espectáculo ou agricultura, artes plásticas, animadora circense e etc... Nessas áreas é mais usual e permitido.” (Usuário 34)

“Felizmente a área em que trabalho [música] dá-me liberdade nesse aspecto.” (Usuário 35)

“Nunca me pediram para tapar, sabem que tenho e não fazem muita crítica.” (Usuário 27)

“Agora que já fiz mais, lidam bem... já se habituaram às minhas ‘maluquices’ (...) também faço serviços de *catering* como extra... e também escondi as minhas tatuagens mas por pouco tempo!!! Aceitaram-me tal como sou... sou empregada de mesa e nem preciso de tirar os meus *piercings* para trabalhar.” (Usuário 30)

“Hoje em dia tenho uma ótima relação com os supervisores no meu trabalho (...) acham alguma piada à minha diferença. Vou a algumas reuniões de trabalho, mas vou como sou. As pessoas têm de começar a habituar-se que o trabalho não depende do aspecto físico, mas sim do seu fruto.” (Usuário 19)

“Estou à espera de ambas as reacções até porque cada vez mais são aceites as modificações no mundo profissional e no entanto vai haver sempre uma grande parte muito conservadora, por isso prefiro estar à espera de ambas as situações.” (Usuário 7)

Para alguns elementos, o impacto negativo das MC na sua vida profissional teve repercussões práticas relacionadas com as próprias modificações, tal como mostra o núcleo de significado **‘Sim, a ponto de retirar/ocultar as MC’** (n=9; 14 ref.) que inclui dois tipos distintos de comportamento, que se configuram nas duas categorias de 2ª ordem e respectivas unidades de análise que o constituem. A categoria **‘Ter de retirar os *piercings*’** (n=3; 6 ref.) comporta referências como -

“Os *piercings* devo ter de tirar, pelo menos o do lábio, e os túneis devo ter de usar uns mais discretos. Sinto-me mal, porque foi uma opção que fiz em os ter e ter de os tirar, para mim vai-me custar imenso, mesmo sendo apenas um ‘acessório’ um mero adereço, é algo que já está de certa forma inerente a mim e à minha personalidade. Vai ser algo a que me vou ter de sujeitar apenas porque a minha sociedade bem como o meu país não permite.” (Usuário 28)

“Na (...) tinha que tirar todos os *piercings*... na (...) tinha que tirar alguns *piercings* e tinha que tapar os braços com mangas.” (Usuário 14)

- e a categoria **‘Ter de esconder as tatuagens’** (n=6; 8 ref.) que se constituiu numa tarefa nem sempre fácil, mas que os sujeitos se veem obrigados a efectuar com eficácia para assegurar o emprego:

“A *full sleeve* do braço direito, em alguns trabalhos que tive, tinha de usar camisas de manga comprida.” (Usuário 20)

“Já trabalhei na (...) como estava sempre de fato e gravata, escondi as minhas *tattoos* durante meses, até que um dia no balneário o meu patrão me apanhou sem camisola e ficou chocado literalmente.” (Usuário 17)

“Quando fiz a entrevista tinha apenas três tatuagens e escondi-as... falei que as tinha apenas depois de ser admitida.” (Usuário 30)

“Já trabalhei com público, na altura não tinha tantas tatuagens e *piercings* mas o que tinha... escondia... que remédio!!! Se não o meu trabalho não era valorizado... ou talvez nem conseguisse emprego.” (Usuário 25)

As unidades discursivas abaixo exibidas, remetem para um tipo de experiência distante da que até agora foi descrita:

“Fui à entrevista e tirei alguns [*piercings*] e eles disseram que podia usar, que faz parte da imagem da loja.” (Usuário 14)

“Não... porque tenho trabalhado na área que gosto [modista] e acaba por ser uma mais valia esta imagem.” (Usuário 25)

“Quando vivia em Barcelona era mais favorável as MC pois numa cidade como aquela, era mais fácil... conseguir um trabalho no centro, pois a cidade procura aquela imagem do *Freak* jovem.” (Usuário 26)

“Positivo [o usuário é músico e modelo em *part-time*]... pessoas curiosas, querem sempre ver, outras ver mais do que dá para ver, elogios aos trabalhos... logo elogios aos tatuadores.” (Usuário 33)

- e fundam o núcleo de significado ‘**Sim, mas com impacto positivo**’ (n=4; 4 ref.).

#### 2.2.5.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 5<sup>52</sup>)

Do contacto com os profissionais, concluímos que as experiências vividas no domínio em análise, o impacto das MC na vida profissional, não divergem muito do relatado pelo grupo dos usuários variando principalmente no peso atribuído às várias dimensões. Deste modo acedemos a quatro núcleos de significado, correspondentes às categorias de 1<sup>a</sup> ordem ‘Sim, negativamente’ (n=15; 20 ref.); ‘Sim positivamente, como mais-valia’ (n=13; 15 ref.); ‘Discriminação/ Preconceito’ (n=12; 15 ref.) e ‘Não afectaram’ (n=9; 11 ref.) todas elas relativamente sólidas no respeito ao número de sujeitos e de referências que as constituem. A tabela 9 b) condensa os resultados obtidos para esta questão.

Os factos repetem-se com a categoria mais forte a ser ‘**Sim, negativamente**’ (n=15; 20) e o seu impacto é melhor percebido através das quatro categorias de 2<sup>a</sup> ordem que a fundamentam e das respectivas unidades discursivas que as ilustram. Os

<sup>52</sup> Questão 5- “As MC afectaram de algum modo a sua vida profissional?”

profissionais explicam como as MC foram motivo de **‘Redução de oportunidades’** (n=6; 8 ref.) de trabalho, fora do contexto profissional de MC:

“Agora quando andei a entregar currículos, em várias lojas (...) não aceitavam mesmo porque diziam logo que eu não ia ser chamada para a entrevista.” (Profissional 4)

“Sim, muito mesmo, muitas portas se fecharam devido ao meu ‘aspecto’, o que fez com que eu enveredasse pelo mundo das tatuagens e *piercings*.” (Profissional 16)

“Fazer *tattoos* no antebraço ou pescoço, eu sempre converso muito sobre isso, é como se rasgasse o curriculum.” (Profissional 36)

A **‘Associação do aspecto/ imagem a menor capacidade profissional’** (n=3; 6 ref.) reflectindo o fenómeno usualmente denominado de *Lookism*<sup>53</sup>, está patente nas vozes de três profissionais, tal como partilham nos excertos transcritos a título de exemplo:

“A minha imagem muitas vezes prejudica as minhas qualidades profissionais se não for a trabalhar num estúdio, se tiver outro trabalho... as pessoas julgam que por ter tatuagens, a tua capacidade profissional é menor... pois acham que as pessoas com grande capacidade profissional não devem ser diferentes ou ter muitas MC, é visto como algo depreciativo.” (Profissional 2)

“As pessoas acham que não somos credíveis, somos ignorantes, como te disse sou licenciada em biologia, não me faltam estudos.” (Profissional 10)

As categorias hierarquizadas **‘Necessidade de ocultação’** (n=3; 3 ref.) e **‘Sim negativamente, sem especificação’** (n=3; 3 ref.) fecham a presente categoria central e são expostas nas palavras de alguns dos profissionais do grupo:

“Por exemplo a entrevista que tenho (...) nem sei se vou precisar de tirar tudo, mas vou tentar esconder ao máximo porque já sei que poderão pegar por aí.” (Profissional 4)

“(...) Não eram vistas, tinha sempre que esconder...tinha que ser, se não nem era seleccionado nas entrevistas, ainda existe muito preconceito quanto a isso.” (Profissional 36)

“Um ou outro problema mas nada que não se resolva, não ligo a isso...” (Profissional 13)

“É sempre uma questão tabu.” (Profissional 2)

<sup>53</sup> O *Lookism* traduz o preconceito baseado na aparência física e na capacidade de atracção, é um problema crescente no âmbito da igualdade de oportunidades profissionais. Apesar da produtividade profissional e da aparência física não terem ligação científica comprovada, os empregadores acreditam que a boa aparência contribui para o sucesso das suas empresas (Tietje & Cresap, 2005).

Tabela 9 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 5 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“a entrevista que tenho (...) nem sei se vou precisar de tirar tudo” (4) “(…) não eram vistas, tinha sempre que esconder...tinha que ser” (36)	Necessidade de ocultação (n=3; 3 ref.)	
“quem não gosta não se atreve” (8) “(…) se não nem era seleccionado nas entrevistas” (36)	Redução de oportunidades (n=6; 8 ref.)	<b>Sim, negativamente</b>
“acham que as pessoas com grande capacidade profissional não devem ser diferentes ou ter muitas MC” (2) “acham que somos ignorantes” (10)	Associação do aspecto/imagem com menor capacidade profissional (n=3; 6 ref.)	(n=15; 20 ref.)
“um problema ou outro mas nada que não se resolva” (13) “é sempre uma questão tabu” (2) “influenciam bastante” (8)	Sim negativamente, sem especificação (n=3; 3 ref.)	
“é uma actividade que me dá bastante prazer” (11) “tenho a certeza que não era feliz a fazer outra coisa” (16) “fantástico” (37)	Satisfação profissional (n=3; 3 ref.)	
“é alto cartão de visita” (15) “até é positivo, as pessoas abordam-me a perguntar cenas” (3)	Atraem clientes (n=6; 8 ref.)	<b>Sim positivamente, como mais-valia</b>
“profissionalmente quase que era anormal se não as tivesse” (31) “na minha profissão é super normal” (36)	“Requisito” profissional (n=2; 2 ref.)	(n=13; 15 ref.)
“muito, virou profissão” (11) “fez com que eu enveredasse pelo mundo das tatuagens e piercings” (16)	Tornaram-se profissão (n=2; 2 ref.)	
“um pouco discriminada” (4) “agora é muito melhor quanto a isso [discriminação] mais ainda há alguma” (31)	Discriminação, sem especificação (n=6; 7 ref.)	<b>Discriminação/Preconceito</b>
“fazem comentários infelizes” (10) “eles riem-se de mim por ser diferente, eu rio-me de vocês por serem todos iguais” (13)	Episódios de discriminação (n=4; 4 ref.)	(n=12; 15 ref.)
“ainda existe muito preconceito” (36) “na maioria da vezes pensam que tenho uma maneira de ser extravagante e que sou meio louco” (2)	Preconceito (n=2; 4 ref.)	
“não chegaram a afectar” (1) “profissionalmente nunca senti” (6)	Não, sem especificação (n=3; 4 ref.)	
“quando eu tive demasiadas MC, já tinha um emprego garantido, que é este” (1) “depois de me ter dedicado só à <i>tattoo</i> , já não faz importância” (3)	Não, devido à actual profissão (n=4; 4 ref.)	<b>Não afectaram</b>
“quem gosta de tatuagens não se importa de trabalhar comigo porque gosta de pessoas criativas ou algo do género” (8) “quanto a chefes e colegas, levaram tudo com a maior tranquilidade” (22)	Não, porque foi aceite (n=2; 3 ref.)	(n=9; 11 ref.)

Uma perspectiva oposta é evidenciada na categoria central ‘**Sim, positivamente, como uma mais-valia**’ (n=13; 15 ref.) da qual fazem parte quatro categorias hierarquizadas, sendo que a categoria ‘**Atraem clientes**’ (n=6; 8 ref.) é a que se

apresenta com maior solidez e pode ser percebida através das unidades discursivas por nós seleccionadas:

“É alto cartão de visita (...) há sempre *people* que vem perguntar se sou tatuador o que é bom para o negócio.” (Profissional 15)

“Às vezes serve de montra, os clientes veem, gostam e decidem fazer uma *tattoo* ou um *piercing*... até quando estou na rua, num café, me perguntam se sou tatuador e tal, aí surge mais trabalhos.” (Profissional 36)

“Como tatuadora é sempre um ponto bastante positivo porque os meus clientes gostam sempre de ver que o seu tatuador também tem bom gosto.” (Profissional 8)

“Desde que me tornei *piercer*, tatuador, que tudo mudou, o que afastava passou a atrair e a ser benéfico para mim.” (Profissional 12)

Os excertos que se seguem exemplificam as restantes três categorias de segunda ordem que integram este núcleo de significado, são elas **“Requisito” profissional** (n=2; 2 ref.), **‘Tornaram-se profissão’** (n=2; 2 ref.) e **‘Satisfação profissional’** (n=3; 3 ref.):

“Profissionalmente quase que era anormal se não as tivesse.” (Profissional 31)

“E muito, virou profissão! Realmente é uma actividade que me dá bastante prazer, e quem não gostaria de ter uma profissão assim, não é verdade?” (Profissional 11)

“Muitas portas se fecharam devido ao meu ‘aspecto’ o que fez com que eu enveredasse pelo mundo das tatuagens e *piercings*, de qualquer forma ainda bem que assim o foi, pois tenho a certeza que não era feliz a fazer outra coisa, como sou neste meio.” (Profissional 16)

A terceira categoria central envolve **‘Episódios de discriminação’** (n=4; 4 ref.), posturas de **‘Discriminação, sem especificação’** (n=6; 7 ref.) e **‘Preconceito’** (n=2, 4 ref.), três categorias de 2ª ordem que resultaram do refinamento da rede de relações das unidades de análise que integram o núcleo de significado **‘Discriminação/ Preconceito’** (n=12; 15 ref.) patente nos testemunhos dos participantes:

“Há clientes que fazem muitas caretas às minhas modificações.” (Profissional 22)

“Eles riem-se de mim por ser diferente, eu rio-me de vocês por serem todos iguais.” (Profissional 13)

“Há pessoas que nos discriminam ou fazem comentários infelizes, por termos *tattoos* acham que somos analfabetos.” (Profissional 10)

“Antes de tatuar era complicado, muita discriminação, agora é muito melhor quanto a isso mas ainda há alguma.” (Profissional 31)

“Antes de me ter dedicado à *tattoo* a 100% afectava-me a nível profissional porque nas entrevistas era logo discriminado, depois de me ter dedicado só à *tattoo* já não faz importância.” (Profissional 3)

“Normalmente quem não me conhece tem uma certa ideia de mim... é aquele primeiro impacto... na maior parte das vezes pensam que tenho uma maneira de ser extravagante e que sou meio maluco...que gosto de fumar umas coisinhas e que não sou muito certinho... Eu sou uma pessoa como outra qualquer, apenas gosto de ter a minha individualidade e não tenho receio de a mostrar.” (Profissional 2)

Concluimos a análise detalhada dos discursos do grupo de profissionais com a categoria central **‘Não afectaram’** (n=9; 11 ref.) porque **‘Não, devido à actual profissão’** (n=4; 4 ref.) categoria de 2ª ordem ilustrada pelas unidades discursivas:

“Não chegaram a afectar porque quando eu tive demasiadas MC, já tinha um emprego garantido, que é este.” (Profissional 1)

“Não, porque trabalho numa loja de tatuagem.” (Profissional 40)

“Não, porque trabalho com isto.” (Profissional 29)

ou, **‘Não, porque foi aceite’** (n=2; 3 ref.), experiência vivida e partilhada por dois membros do grupo:

“Quem gosta de tatuagens não se importa de trabalhar comigo porque gosta de pessoas criativas ou algo do género.” (Profissional 8)

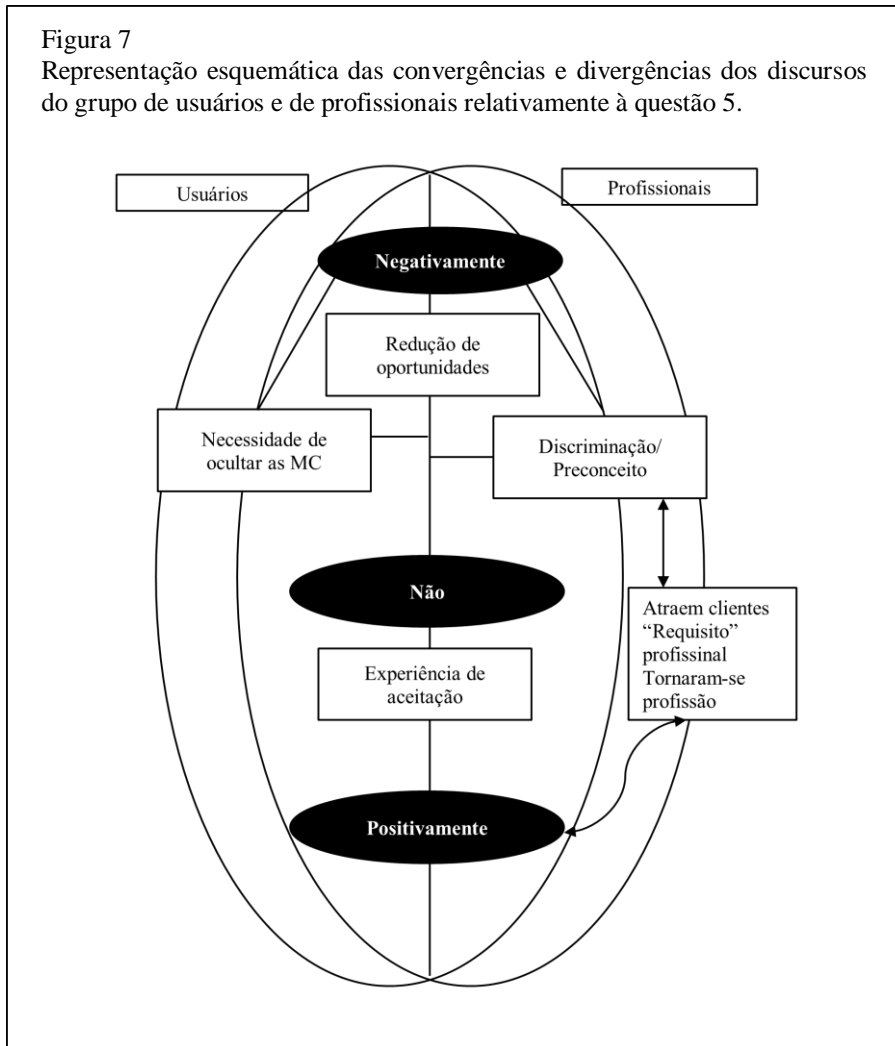
“Quanto a chefes e colegas, levaram tudo com a maior tranquilidade.” (Profissional 22)

- ou simplesmente, **‘Não, sem especificação’** (n=3; 4 ref.), a categoria hierarquizada que encerra a presente rede de relações e de significados.

Chega o momento de nos debruçarmos sobre os pontos de convergência e de divergência entre usuários e profissionais relativamente ao modo como as MC afectaram a sua vida profissional.

Enquanto os sujeitos usuários levam as MC consigo para o contexto de trabalho seja ele tolerante ou não face à diversidade corporal, os profissionais de MC naturalmente são figuras constituintes desse contexto. Contudo, as suas experiências profissionais anteriores assemelham-se às experiências actuais dos usuários quanto à procura de emprego ou dificuldades despoletadas pelo uso de MC no contexto profissional.

Figura 7  
Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 5.



Tal como já foi referido, as dimensões em jogo para esta questão são as mesmas para os dois grupos, variam apenas na força e importância que lhes é atribuída. Por exemplo, ‘Sim, negativamente’ é um núcleo de significado partilhado, que integra em ambos os grupos a dimensão ‘Redução de oportunidades’ e que, no grupo dos usuários abrange igualmente a categoria hierarquizada ‘Discriminação/Preconceito’, que por sua vez, no grupo dos profissionais, ganha maior visibilidade ao surgir como núcleo de significado.

A ‘Necessidade de ocultação’ das MC, para o grupo dos profissionais é uma categoria de 2ª ordem que integra o núcleo de significado já citado ‘Sim, negativamente’, mas que no grupo dos usuários ganha forma e força através da categoria central ‘Sim, a ponto de retirar/ocultar as MC’.

Com o impacto positivo das MC na vida profissional dos sujeitos, acontece o fenómeno oposto, faz-se notar com mais exuberância e solidez no grupo dos profissionais porque as MC atraem clientes, fazem parte da imagem de um profissional da área e até porque para alguns se tornaram aliciantes ao ponto de serem eleitas como profissão e como actividade remunerada prazerosa. Mas, o impacto positivo das MC não está ausente do grupo dos usuários, simplesmente tem muito menos notoriedade e sujeitos que o defendam.

Por fim, partilham a ideia base das categorias centrais ‘Não’ e ‘Não afectaram’, embora os motivos que as fundamentem possam diferir. Alguns usuários mencionaram a ausência de impacto das MC na sua vida profissional sem detalhes explicativos e, outros justificaram-na pela tolerância crescente que dizem notar no mercado profissional quanto à diversidade corporal e que como tal, os leva a acreditar ter beneficiado de uma ‘Experiência de aceitação’. Já os profissionais de MC que não sentiram este impacto justificam-no pela aceitação e pela sua actual profissão.

## **2.2.6. Questão 6- “As MC afectaram de algum modo a sua vida social?”**

### **2.2.6.1. Análise das respostas dos Usuários**

Após a exploração das diversas formas de impacto das MC ao nível pessoal e profissional, compete-nos agora dar voz às opiniões dos sujeitos da amostra no que respeita ao modo como as MC afectaram a sua vida social. As respostas obtidas no grupo dos usuários foram passíveis duma organização em seis núcleos de significado: ‘Olhares críticos’ (n= 13 sujeitos; 15 referências); ‘Facilitam o relacionamento com os outros’ (n=8; 12 ref.); ‘Sim, negativamente’ (n=7; 12 ref.); ‘Não afectaram’ (n=7; 8 ref.); ‘Atribuição de rótulos/ conotações negativas’ (n=7; 7 ref.); ‘Sim, positivamente’ (n=4; 5 ref.), como se pode constatar na tabela 10 a).

Tabela 10 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 6 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“(…) deixa-me completamente constrangida e irritada porque muitas das vezes, olham como se eu não tivesse reparado que eles estão a olhar para mim” (28)	Olhares sem discrição (n=2; 2 ref.)	
“olhares maldosos e de lado” (9) “olhar de lado... uma vez ou outra” (33)	Olhares de lado (n=3; 3 ref.)	
“uma vez, apanhei uma mulher com os seus 40 e tal anos, a olhar fixamente para mim e depois de cima a baixo” (28) “aqueles olhares de cima a baixo” (21)	Olhares de cima para baixo (n=2; 2 ref.)	<b>Olhares críticos</b> (n=13; 15 ref.)
“[olham] como se fossemos marginais” (14) “há olhares desde a curiosidade a aberraçãõ” (27)	Olhares de desprezo/rejeição (n=4; 6 ref.)	
“olhares” (21) “apesar de haver locais que vais (...) em que te olham e notas que reparam” (23)	Olhares, sem especificação (n=2; 2 ref.)	
“ultimamente sinto-me olhada com curiosidade... uma curiosidade boa” (30) “tem os curiosos que sempre perguntam tudo e mais um pouco” (32)	Despertam curiosidade (n=3; 3 ref.)	<b>Facilitam o relacionamento com os outros</b>
“acaba por ser muitas vezes “tema de conversa”” (20) “penso que é normal eu acabar por me relacionar mais com pessoas que partilham dos mesmos gostos que eu” (35)	São um meio de identificação com os outros (n=2; 3 ref.)	(n=8; 12 ref.)
“ colam a olhar, e tu obviamente que sabes porque é” (17) “são grandes e não passam despercebidas...”(30) “ saber que era “diferente” e que olhavam para mim” (21)	São foco de atenção (n=3; 6 ref.)	
“é triste... magoa por esse sentido [discriminação]” (14) “as pessoas sabem que nos ferem” (21)	Emoções negativas (n=2; 2 ref.)	
“é insultos” (9) “uma ida à praia e saber que estão a olhar e ou a comentar, pois há comentários e comentários” (21)	Ser alvo de críticas/desrespeito (n=3; 8 ref.)	<b>Sim, negativamente</b>
“a minha mãe... reagiu um pouco mal com todas estas minhas alterações, mas hoje em dia não me crítica” (19) “a ... pessoa que não aceitou muito bem as modificações foi o meu pai, mas isso quando eu comecei” (32)	Pais não aceitaram inicialmente (n=2; 2 ref.)	(n=7; 12 ref.)
“não me afectou nada neste aspecto” (18) “nada de mais” (23) “nunca tive problemas” (27)	Não, sem especificação (n=3; 3 ref.)	
“não, não o permito” (34) “social não, não deixo que terceiros me afectem” (38)	Não, por responsabilidade do próprio (n=2; 2 ref.)	<b>Não afectaram</b>
“qualquer pessoa faz uma, a sociedade já começa a ficar habituada” (30) “nunca se viu afectada pois a nossa geração já não liga tanto a essa coisa e aceita-a numa melhor forma” (24)	Não, devido à sua banalização (n=2; 3 ref.)	(n=7; 8 ref.)
“(…) dizem que somos uns criminosos ... bandidos” (25) “é como se tivéssemos uma placa na cabeça a dizer que somos delinquentes ou algo relacionado” (28)	Associação à marginalidade/delito (n=4; 4 ref.)	<b>Atribuição de rótulos/conotações negativas</b>
“pessoas que pensam que por ter <i>piercings</i> / tatuagens tenho de ser um toxicod dependente” (19) “[dizem que somos] drogados” (9)	Associação à toxicod dependência (n=3; 3 ref.)	(n=7; 7 ref.)
“não passam despercebidas... mas gosto disso” (30) “gostava disso saber que era “diferente”” (21) “epá sentes-te bem” (17) “para mim é positivo” (26)	Sim, positivamente (n=4; 5 ref.)	<b>Sim, positivamente</b> (n=4; 5 ref.)

O maior impacto social das MC experienciado pelos usuários foi através dos **‘Olhares críticos’** (n=13; 15 ref.) dos outros, e como vamos perceber pelas suas palavras, existe uma panóplia de olhares sentidos e percebidos pelos sujeitos como mensagens de desagrado, desprezo, superioridade e por vezes até de rejeição. Referimo-nos às unidades de discurso constituintes das cinco categorias de 2ª ordem que dão sentido à presente categoria central. A primeira categoria hierarquizada **‘Olhares sem discriminação’** (n=2, 2 ref.) é ilustrada pelos seguintes testemunhos:

“Socialmente mudou tudo, andar de transportes públicos é o mesmo que passar pelo ‘corredor da humilhação’, é insultos, olhares maldosos e de lado... abanos de cabeça e pouco querem saber se são discretos ou não.” (Usuário 9)

“(...) Deixa-me completamente constrangida e irritada porque muitas das vezes, olham como se eu não tivesse reparado que eles estão a olhar para mim, é incrível!” (Usuário 28)

A segunda, **‘Olhares de lado’** (n=3; 3) é percebida pelos sujeitos como uma crítica visual e uma atitude negativa ou de desconforto, perante a sua presença:

“Sim, afectaram imenso, porque quando ando de saia, ou calções, ou mesmo andando com as tatuagens tapadas, sou olhada de lado, por exemplo nos transportes públicos, maior parte por pessoas com mais idade e não só.” (Usuário 28)

“Uma ou outra [pessoa aborda-me na rua] tirar uma foto aqui ou... olhar de lado... uma vez ou outra... mas não ligo a isso nem procuro ver se me estão a olhar assim.” (Usuário 33)

A terceira categoria de 2ª ordem, **‘Olhares de cima para baixo’** (n=2, 2 ref.) que para os sujeitos revela uma postura de descontentamento fruto de uma avaliação rápida e gratuita por parte de quem os observa:

“Uma vez, apanhei uma mulher com os seus 40 e tal anos, a olhar fixamente para mim e depois de cima a baixo, eu olhei para a senhora também fixamente e ela continuou a olhar à mesma para mim, isto é, não quis saber.” (Usuários 28)

“Aqueles olhares de cima abaixo, olhares de desprezo, de superioridade, daí eu dizer que hoje em dia me custa mais do que antigamente, pois tu hoje em dia assimilas muito mais do que quando és um rapazola reguila.” (Usuário 21)

A penúltima, **‘Olhares de desprezo/ rejeição’** (n=4; 6 ref.) que mostra a interpretação que é feita por parte dos usuários aos olhares que lhes são dirigidos pelos desconhecidos com que se cruzam no seu quotidiano, como uma dimensão mais negativa:

“Tipo... ver uma pessoa que podia ser nosso avô, olhar com ar estranho e de rejeição por termos *piercings* ou tatuagens ou como se fôssemos marginais é triste...” (Usuário 14)

“Acho que tatuagens já é normal e rapazes todos tatuados, raparigas *not so much*, há olhares desde a curiosidade à aberração.” (Usuário 27)

Por fim, a categoria **‘Olhares sem especificação’** (n=2, 2 ref.) na qual se inserem aqueles olhares cuja mensagem que transmitem não é decodificada na íntegra mas que continuam a ser percebidos como sendo algo negativo.

Por outro lado, os usuários acreditam que as MC que adoptaram são capazes de figurar como uma componente promotora das relações interpessoais, isto porque **‘São foco de atenção’** (n=3; 6 ref.), **‘Despertam a curiosidade’** (n=3; 3 ref.) e **‘São um meio de identificação com os outros’** (n=2; 3 ref.). Os motivos apresentados constituem-se como categorias de 2ª ordem do núcleo de significado **‘Facilitam o relacionamento com os outros’** (n=8; ref.) que é justificado nos excertos abaixo apresentados:

“Socialmente sou sempre o ponto de atracção de onde quer que esteja, basta-me sair de casa de *t-shirt* e pronto (...) se for num bar, discoteca, uma festa... é diferente e sabe bem de certa forma as pessoas repararem em ti, e colam a olhar, e tu obviamente que sabes porque é que é e epá sentes-te bem, as pessoas se olham é porque lhes chama a atenção e gostam e és tu que tens aquilo que lhes está a chamar à atenção.” (Usuário 17)

“Como disse à pouco, também gostava disso, saber que era ‘diferente’ e que olhavam para mim, hoje em dia vivo muito bem com isso.” (Usuário 21)

“Até agora foram raras as vezes em que senti algum tipo de discriminação por parte de desconhecidos, a maior parte é sempre muito aberta e costumam ser bastante curiosos.” (Usuário 7)

“Tem os curiosos que sempre perguntam tudo e mais um pouco.” (Usuário 32)

“Estas [MC] ajudam a identificar-nos mais com o meio onde nos inserimos e acaba por ser muitas vezes ‘tema de conversa’.” (Usuário 20)

“Embora eu me relacione com todo o tipo de pessoas penso que é normal eu acabar por me relacionar mais com pessoas que partilham dos mesmos gostos que eu, muitas dessas pessoas possuem MC.” (Usuário 35)

Contudo a percepção negativa do impacto das MC a nível social volta a fazer-se notar, através da categoria **‘Emoções negativas’** (n=2; 2 ref.) que são despoletadas por determinadas posturas e atitudes, como nos transmitem os usuários nos seus discursos:

“As pessoas sabem que nos ferem, aqueles olhares de cima abaixo, olhares de desprezo, de superioridade...” (Usuário 21)

“Tipo... ver uma pessoa que podia ser nosso avô, olhar com ar estranho e de rejeição por termos *piercings* ou tatuagens ou como se fôssemos marginais é triste...magoa por esse sentido... pois o que viveram não lhes permite aceitar do mesmo modo e julgam um pouco pelo que veem.” (Usuário 14)

Outra dimensão negativa está patente na categoria **‘(Ser) alvo de críticas/desrespeito’** (n=3; 8 ref.) exclusivamente devido às suas escolhas corporais, como mostram os trechos:

“Andar de transportes públicos é o mesmo que passar pelo ‘corredor da humilhação’, é insultos, olhares maldosos e de lado... abanos de cabeça (...) cá julgam imediatamente, notei grande diferença quando fui à cerca de uma semana a Paris, lá ninguém olhava nem dizia nada... mesmo que pensassem. Aqui, é horrível como digo, o que falta cá é respeito mútuo...e alguns espelhos. Não admito quando me dizem ‘dá um desconto são pessoas de idade’, tenho uma bisavó de 88 anos que não me julga, nunca julgou e é mais velha que a maioria que me insulta e etc.... Além do facto de não serem só pessoas de idade que “maltratam” pessoas de meia idade, jovens... tudo.” (Usuário 9)

“Não posso dizer que não me incomoda uma ida à praia e saber que estão a olhar e ou a comentar, pois há comentários e comentários... e hoje em dia custa-me mais ouvir e ver certas coisas do que antigamente, os comentários de quem apenas quer criticar.” (Usuário 21)

E ainda, a categoria que representa as figuras significativas que expressam o seu desacordo perante a escolha dos usuários, os **‘Pais não aceitaram inicialmente’** (n=2; 2 ref.), situação vivida por dois participantes e partilhada em baixo:

“A minha mãe. Que no início reagiu um pouco mal com todas estas minhas alterações, mas hoje em dia não me critica, pois sabe que sou uma pessoa bastante pacífica, trabalhadora e não é por ser diferente que vou ser uma má pessoa.” (Usuário 19)

“A única pessoa que não aceitou muito bem as modificações foi o meu pai, mas isso quando eu comecei, agora ele já se acostumou.” (Usuário 32)

Assim apresentámos as unidades discursivas que ilustram as três categorias hierarquizadas que fundam o núcleo de significado **‘Sim, negativamente’** (n=7; 12 ref.) no qual sobressaem diferentes formatos de impacto social negativo bem como, a forma como este impacto é vivido e sentido pelos sujeitos.

No palco social, alguns sujeitos foram figurantes quanto ao impacto das MC, considerando que **‘Não afectaram’** (n=7; 8 ref.) a sua vida socialmente, categoria central que resultou da aglutinação dos diferentes motivos que encontraram para este facto: **‘Não por responsabilidade do próprio’** (n=2; 2 ref.); **‘Não, devido à sua banalização’** (n=2; 3 ref.) e **‘Não sem especificação’** (n=3, 3 ref.). São as categorias de 2ª ordem que deram origem ao presente núcleo de significado e que podem ser melhor percebidas através das unidades de análise por nós seleccionadas a título de exemplo:

“Não, não o permito.” (Usuário 34)

“Social não, não deixo que terceiros me afectem.” (Usuário 38)

“Como (infelizmente) as tatuagens têm sido banalizadas e qualquer pessoa faz uma, a sociedade já começa a ficar habituada.” (Usuário 30)

“Nunca tive problemas.” (Usuário 27)

A **‘Atribuição de rótulos/ conotações negativas’** (n=7; 7 ref.) núcleo de significado, revelou-se uma experiência vivida por alguns participantes cujos discursos se distribuíram pelas categorias hierarquizadas **‘Associação à marginalidade/ delito’** (n=4; 4 ref.) patente nas expressões -

“(...) Dizem que somos uns criminosos, mal educados.” (Usuário 9)

“A vida social afectou também... pois torna-se difícil a aceitação no meio do ‘povo comum’ sofro conotações desnecessárias... pessoas de visuais extravagantes têm conotações... bandidos (...). (Usuário 25)

“Esse tipo de situações [de discriminação], que vivo no dia a dia, não tanto como certas pessoas que têm o triplo de MC do que eu, mas tendo menos ou mais, somos olhados da mesma forma. É como se tivéssemos uma placa na cabeça a dizer que somos delinquentes ou algo relacionado.” (Usuário 28)

- e **‘Associação à toxicodependência’** (n=3; 3 ref.), fenómeno evidente nos relatos de três usuários:

“[Dizem que somos] drogados.” (Usuário 9)

“Pessoas de visuais extravagantes têm conotações... bandidos, drogados, mau íntimo e por vezes sexualidade dúbia.” (Usuário 25)

“Pessoas que pensam que por ter *piercings*/ tatuagens tenho de ser um toxicodependente.” (Usuário 19)

Concluimos a análise detalhada dos discursos dos usuários com a categoria central **‘Sim, positivamente’** (n=4; 5 ref.) que comporta referências como:

“A cidade onde nasci e vivo actualmente [Porto] é algo que nunca vi em lado nenhum do mundo no que diz respeito às pessoas, depende do sítio onde vives... mas acho que isso não é só em relação a este caso mas sim a tudo o que seja diferente. Impacto negativo não pelo contrário, para mim é positivo.” (Usuário 26)

“Têm algum impacto sim... até porque são grandes e não passam despercebidas...mas gosto disso... há uns anos atrás sentia-me olhada com algum ‘desprezo’ pois os tatuados eram como marginais... ultimamente sinto-me olhada com curiosidade... uma curiosidade boa...” (Usuário 30)

### 2.2.6.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 6<sup>54</sup>)

Do processo intuitivo de codificação para aceder às categorias de 1ª ordem, resultaram cinco núcleos de significado: ‘Sim negativamente, discriminação/preconceito’ (n=19 sujeitos; 24 referências); ‘Sim positivamente, como factor de interacção/ comunicação’ (n=10; 13 ref.); ‘Sim negativamente, associação ao desvio’ (n=6; 8 ref.); ‘Sim negativamente, sem especificação’ (n=6; 7 ref.); ‘Não afectaram’ (n=6; 7 ref.).

Na linha da frente figuram duas categorias centrais que traduzem o modo como as MC podem afectar socialmente a vida dos participantes tanto positiva como negativamente. Devido à posição em que ambas se encontram e à força que lhes foi atribuída pelos sujeitos, é passível a especulação quanto a um ténue equilíbrio entre ganhos e perdas sociais do uso de MC. Contudo, é relevante reforçar que na presente amostra, o lado negativo da questão fez-se notar mais vezes, pela emergência de outros núcleos de significado referentes a perdas sociais.

Assim, a categoria central que mais se destaca é ‘**Sim negativamente, discriminação/ preconceito**’ (n=19; 24 ref.) resultante da conjugação de quatro categorias de 2ª ordem: ‘**Discriminação**’ (n=6; 6 ref.); ‘**Preconceito**’ (n=4; 4 ref.); ‘**Olhares e comentários críticos**’ (n=8; 12 ref.); ‘**Sentir necessidade de as ocultar**’ (n=1, 2 ref.) e respectivas unidades de análise, cuja apresentação antecede a tabela 10 b).

“Já fui discriminado por vendedores de carros, em ourivesarias e mesmo em supermercados... quando fui comprar o meu carro... o homem queria vender um carrinho pequenino, pois disse que a prestação era baixa e que para mim era muito bom... que sabe ele se quero um carro pequeno ou grande, acabei por comprar um BMW.” (Profissional 2)

“Tipo vejo gajos que até droga fumam lá dentro [na discoteca] e eu por ter *piercings* e *tattoo* não entro, um segurança aqui na disco (...) está sempre a implicar comigo. Eu às vezes não percebo mesmo, não sei se faço mal aspecto à casa, não percebo.” (Profissional 5)

“(...) quero acreditar que as pessoas gostam de mim ou não pela personalidade que tenho, não por ter algo em mim. Claro que há sempre algum preconceito, depende das pessoas com quem lidamos.” (Profissional 11)

<sup>54</sup> Questão 6- “As MC afectaram de algum modo a sua vida social?”

Tabela 10 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 6 com grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem	
“talvez nos discriminem por outros motivos” (11) “eu por ter <i>piercings</i> e <i>tattoo</i> não entro [nas discos]” (5)	Discriminação (n=6; 6 ref.)	<b>Sim negativamente, discriminação/preconceito</b> (n=19; 24 ref.)	
“[as pessoas] criam uma imagem, não aceitam” (1) “preconceito” (11)	Preconceito (n=4; 4 ref.)		
“as pessoas olham para mim” (2) “comentários do género “anda muito linda toda tatuada”” (10) “as pessoas criticam, julgam” (1) “não há um dia em que saia à rua e não ouça comentários” (6)	Olhares e comentários críticos (n=8; 12 ref.)		
“gostava de tatuar as mãos, mas devo confessar que tenho evitado esta vontade, para quando estou toda vestida não perceberem que tenho <i>tattoos</i> ” (37)	Sentir necessidade de as ocultar (n=1; 2 ref.)		
“abriram-me as portas para muitos contactos” (22) “sempre fui bem aceite” (12) “socialmente sinto-me cada vez mais integrado” (12)	Facilitadoras da integração (n=2; 4 ref.)		<b>Sim positivamente, como factor de interação/comunicação</b> (n=10; 13 ref.)
“uns olham e parece que gostam” (36) “olham e acham bonito” (36) “pode despertar algum interesse em muitas pessoas”(1)	Impacto visual positivo (n=2; 3 ref.)		
“é sem dúvida tema de conversa” (1) “sempre que conheço alguém é sempre motivo de conversa e de questões” (2) “há sempre <i>people</i> quem vem perguntar se sou tatuador” (15)	São tema de conversa (n=4; 4 ref.)		
“elogiam sem me conhecer” (10) “dizem que gostam e assim”(4)	Provocam elogios (n=2; 2 ref.)		
“ar de <i>bad boy</i> e <i>wild</i> que tenho” (2) “rótulo de escumalha” (31) “pedem-me mortaldas e se sei onde podem comprar droga” (2)	Associação à marginalidade (n=2; 4 ref.)	<b>Sim negativamente, associação ao desvio</b>	
“pensam que sou mesmo um doidivanas ou que não penso ou não sei avaliar os riscos ou responsabilidades” (3) “os próprios amigos acham que sou um bocado “maluco”” (6)	Associação à “loucura” (n=2; 2 ref.)		
“não estou dentro dos padrões que a sociedade define como normais” (2) “acho graça às pessoas que pensam que sou completamente diferente delas, só porque tenho MC” (3)	Afastamento do conceito de “normalidade” (n=2; 4 ref.)		
“no geral é um impacto negativo” (1) “já tive problemas” (29) “um pouco de tudo” (31) “fico bem vista como mal vista” (8)	Sim negativamente, sem especificação (n=6; 7 ref.)	<b>Sim negativamente, sem especificação</b> (n=6; 7 ref.)	
“nem ligo” (10) “não penso nisso” (13) “quem gosta gosta, quem não gosta azar” (13) “não dou ouvido não” (29) “não” (13)	Não, por desvalorização do próprio (n=3; 4 ref.)	<b>Não afectaram</b> (n=6; 7 ref.)	
“mesmo que não gostem, acho que respeitam” (4) “nunca ninguém me julgou” (22)	Não (n=3; 3 ref.)		

Em oposição ao cenário acima descrito, surgem os seguintes testemunhos –

“Uns olham e parece que gostam. Hoje em dia a *tattoo* ganhou muitos adeptos, e já não é tão chocante como antes, pelo contrário, a maioria tem vontade de fazer, olham e acham bonito.”  
(Profissional 36)

“Há pessoas mais abertas que querem apreciar e elogiam sem me conhecer.” (Profissional 10)

“As modificações abriram-me portas para muitos contactos devido ao meu aspecto, ou vá... ajudaram, não abriram totalmente.” (Profissional 22)

“Pessoas curiosas e interessadas em saber como é que se faz, o porquê, sei lá, pode despertar algum interesse em muitas pessoas... aliás é sem dúvida tema de conversa entre pessoas que têm modificações como em pessoas que não têm.” (Profissional 1)

- unidades discursivas retiradas das quatro categorias hierarquizadas: **‘Impacto visual positivo’** (n=2; 3 ref.); **‘Provocam elogios’** (n=2; 2 ref.); **‘Facilitadoras da integração’** (n=2; 4 ref.) e **‘São tema de conversa’** (n=4; 4 ref.), que fundam o núcleo de significado **‘Sim positivamente, como factor de interacção/ comunicação’** (n=10; 13 ref.).

Mas tal como havíamos mencionado, a visão positiva do impacto social das MC não prevalece, e outros núcleos de significado referentes a perdas sociais vão surgindo da análise detalhada dos discursos dos profissionais, como é o caso da categoria central **‘Sim negativamente, associação ao desvio’** (n=6; 8 ref.) composta por três categorias de 2ª ordem e inerentes unidades de análise. A primeira, **‘Associação à marginalidade’** (n=2; 4 ref.) é percebida nos excertos transcritos:

“As pessoas olham para mim e pedem-me mortalhas e se sei onde podem comprar droga... pois associam o facto de ser tatuado a comportamentos mais marginais.” (Profissional 2)

“Rótulo de escumalha. Havia muito mais a ideia da tatuagem marginal.” (Profissional 31)

A segunda, **‘Associação à loucura’** (n=2; 2 ref.) partilhada por dois sujeitos:

“Pensam que sou mesmo um dodivanas ou que não penso ou não sei avaliar os riscos ou responsabilidades.” (Profissional 3)

“Até os próprios amigos acham que sou um bocado ‘maluco’.” (Profissional 6)

E a terceira e última, **‘Afastamento do conceito de “normalidade”** (n=2; 4 ref.) ilustrada por expressões como:

“Não entendem que posso ser tatuado e ser uma pessoa normal (...) Não estou dentro dos padrões que a sociedade define como normais (...) por as pessoas pensarem que por teres MC, a tua personalidade é diferente das pessoas normais (ou ditas normais).” (Profissional 2)

“Acho graça às pessoas que pensam que sou completamente diferente delas, só porque tenho MC.” (Profissional 3)

Prosseguindo com hierarquização produzida, surge agora a categoria central **‘Sim negativamente, sem especificação’** (n=6; 7 ref.), enquanto núcleo de significado manifesto nos testemunhos seleccionados:

“No geral é um impacto negativo.” (Profissional 1)

“Terras pequenas é complicado.” (Profissional 31)

“Fico bem vista como mal vista.” (Profissional 8)

Tal como se verificou no grupo dos usuários, alguns profissionais não sentiram o impacto das MC na sua vida social, pelo menos de forma significativa e os seus discursos sobre esta ausência de impacto foram conjugados no núcleo de significado ‘**Não afectaram**’ (n=6; 7 ref.). Consequentemente, a categorização cumulativa permitiu aceder a duas categorias de 2ª ordem: ‘**Não por desvalorização do próprio**’ (n=3; 4 ref.) e ‘**Não**’ (n=3; 3 ref.) que comportam referências como:

“Nem ligo.” (Profissional 10)

“Nem penso nisso. Quem gosta gosta, quem não gosta azar.” (Profissional 13)

“Não dou ouvido não.” (Profissional 29)

“Mesmo que não gostem, acho que respeitam.” (Profissional 4)

“Nunca ninguém me julgou.” (Profissional 22)

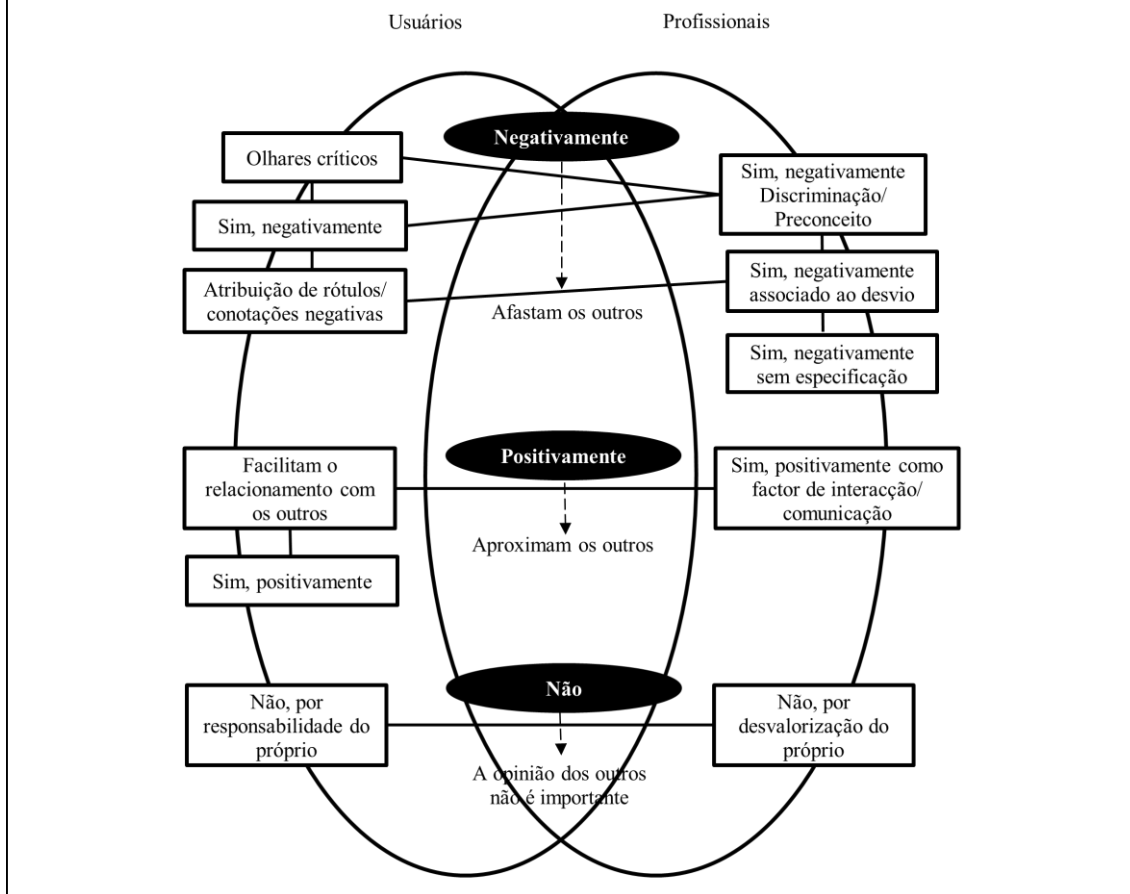
Terminada a apresentação diferencial das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, e de alguns excertos exemplificativos, quer das respostas dos usuários, quer dos profissionais, gostaríamos de reforçar exclusivamente alguns pontos de convergência entre os grupos (figura 8), visto não terem sido encontradas percepções divergentes.

Para profissionais e usuários figuram no topo da hierarquização produzida, núcleos de significado referentes ao impacto social negativo das MC e logo de seguida, apresentam-se categorias centrais que evidenciam o oposto, os ganhos sociais. Contudo, os dois grupos partilham igualmente da superioridade de categorias centrais referentes aos danos sociais provocados pelo uso de MC em comparação aos ganhos ocorridos. Mas, neste aspecto saliente-se que a análise detalhada dos discursos dos usuários permitiu aceder a dois núcleos de significado positivos quanto ao impacto social das MC, facto que teve ocorrência singular no grupo dos profissionais.

Ainda quanto aos ganhos sociais desta escolha de modificar o corpo, os grupos partilharam a situação em formatos diferentes mas convergem na ideia central de que as MC podem funcionar como um promotor do relacionamento interpessoal, na medida em que por serem invulgares, despertam a curiosidade, são foco de atenção e tema de conversa e desta forma, podem ter um papel social facilitador das relações com os outros.

Figura 8

Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 6.



No que respeita às perdas ou ao impacto social negativo das MC, a experiência mais marcante para os profissionais relaciona-se com episódios de discriminação e preconceito, situação vivida pelos usuários no formato de olhares críticos, provenientes dos outros com quem partilham o espaço social. A atribuição de rótulos e conotações negativas associadas ao desvio, é também uma realidade presente para os dois grupos.

Verificamos por fim, que nos dois grupos em análise existem elementos que não sentiram na sua vida social o impacto das MC e que este fenómeno ocorreu em parte, como consequência do papel activo que adoptaram nesse mesmo sentido.

### 2.2.7. Questão 7- “Na sua opinião, para além das modificações físicas há algo que distinga ou diferencie as pessoas com MC das restantes?”

#### 2.2.7.1. Análise das respostas dos Usuários

Do contacto formal e informal com vários profissionais e usuários de MC através da presença em convenções de tatuagem, frequência em diferentes estúdios e conversas na *internet* através do *Facebook* ou de páginas da área da MC, apercebemo-nos o quanto as opiniões divergiam no que dizia respeito à presença de características particulares, exclusivas e caracterizadoras dos membros do universo da MC. Não havia dúvidas quanto a esta dimensão, as posições eram extremas, alguns defendiam que sim, que havia elementos que distinguiam e diferenciavam as pessoas com MC das restantes, enquanto outros negavam inteiramente esta possibilidade. Perante este panorama pareceu-nos que a exploração desta questão com a nossa amostra, seria uma mais-valia para a compreensão dos diferentes pontos de vista que os sujeitos fazem sobre eles próprios e sobre os outros que se posicionam fora do universo da MC.

As respostas obtidas, sintetizadas na tabela 11 a), permitiram encontrar um total de três núcleos de significado correspondentes às categorias de 1ª ordem: ‘Não há diferença’ (n=19 sujeitos; 21 referências.); ‘Sim, maior abertura’ (n=7; 8 ref.); ‘Sim, têm características pessoais e de personalidade diferentes’ (n=6; 9 ref.).

Maioritariamente, a opinião dos usuários é a de que ‘**Não há diferença**’ (n=19; 21 ref.) entre pessoas com e sem MC. Este é o núcleo de significado mais forte e resulta da junção de três categorias hierarquizadas e respectivas unidades discursivas. A primeira, ‘**Não sem especificação**’ (n=8; 8 ref.), inclui expressões como as seleccionadas a título de exemplo:

“No sentido geral não.” (Usuário 14)

“Claro que não.” (Usuários 38, 17, 23, 21)

“Não acho que exista algo que me distinga.” (Usuário 30)

Tabela 11 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 7 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“no sentido geral não” (14) “claro que não” (38) “não acho que haja distinção”(7)	Não, sem especificação (n=8; 8 ref.)	
“tens desde <i>lowlifes</i> que as fazem, a doutores e advogados” (33) “o ser humano é igual” (19) “nada, somos todos humanos” (34)	Não, justificado pela percepção de igualdade (n=7; 9 ref.)	<b>Não há diferença</b> (n=19; 21 ref.)
“é apenas aspecto, não se traça ninguém pelo aspecto que tem” (14) “já conheci boas pessoas e más pessoas com ou sem MC” (7) “como em todos os casos, há boas e más pessoas” (38)	Não, o aspecto não é uma característica diferenciadora (n=4; 4 ref.)	
“podem é ter uma mentalidade mais aberta” (18) “mente mais aberta” (24) “mentalidade mais aberta e receptiva” (28)	Mente/ mentalidade mais aberta (n=4; 4 ref.)	<b>Sim, maior abertura</b> (n=7; 8 ref.)
“nós que temos MC aceitamos todo o tipo de gente, independentemente do seu estilo” (9) “[se o fazes como forma de vida] vai-te abrir mais horizonte no que diz respeito à aceitação de pessoas diferentes” (26)	Maior aceitação dos outros (n=3; 4 ref.)	
“mais sinceras” (19) “são pessoas mais simpáticas e acolhedoras” (38) “[demonstra o] meio em que está inserida, carácter e atitude” (20)	Características pessoais (n=4; 5 ref.)	<b>Sim, têm características pessoais e de personalidade diferentes</b> (n=6; 9 ref.)
“sim, acho que demonstra logo parte da personalidade da pessoa” (20) “têm personalidades fortes e interventivas” (25)	Questões de personalidade (n=2; 4 ref.)	

A segunda, ‘**Não, justificado pela percepção de igualdade**’ (n=7; 9 ref.), posição que defendem nos seus discursos:

“Não, são pessoas normais.” (Usuário 27)

“Cada um é como é, o facto de as teres não te faz menos nem mais que os outros (...) tens desde *lowlifes* que as fazem, a doutores e advogados (...) Claro que não, cada um é o que constrói.” (Usuário 33)

“As pessoas com MC são exactamente iguais às outras.” (Usuário 18)

“Considero-me uma mulher como outra qualquer... igual a outras tantas que são mães, trabalhadoras e donas de casa... por isso não acho que exista algo que me distinga...” (Usuário 30)

“Não porque tem muitas pessoas que não têm modificações e pensam e agem da mesma forma que nós com modificações.” (Usuário 32)

“Nada, somos todos humanos.” (Usuário 34)

A terceira e última categoria de 2ª ordem, ‘**Não, o aspecto não é uma característica diferenciadora**’ (n=4; 4 ref.), está ilustrada nos seguintes exemplos:

“Teres *tattoos* não diz aos outros quem tu és” (Usuário 33),

“É apenas aspecto, não se traça ninguém pelo aspecto que tem.” (Usuário 14)

“Já conheci boas pessoas e más pessoas com ou sem MC por isso não, não acho que haja distinção.” (Usuário 7)

Contudo, acedemos igualmente a duas categorias centrais e respectivos pares de categorias hierarquizadas que defendem a posição oposta, ou seja, a presença de características que distinguem ou diferenciam as pessoas com MC das restantes. Referimo-nos aos núcleos de significado **‘Sim, maior abertura’** (n=7; 8 ref.) e **‘Sim, têm características pessoais e de personalidade diferentes’** (n=6; 9 ref.).

O núcleo **‘Sim, maior abertura’**, incorpora em si testemunhos dos usuários que defendem que os sujeitos modificados possuem uma **‘Mente/ mentalidade mais aberta’** (n=4; 4 ref.) e adoptam uma postura de **‘Maior aceitação dos outros’** (n=3; 4 ref.), como evidenciam os excertos seleccionados a título de exemplo:

“Só posso dizer pela minha experiência que já conheci pessoas com todo o tipo de modificações e a única diferença que vejo é talvez uma mente mais aberta a novas situações.” (Usuário 7)

“As pessoas com MC têm uma mentalidade mais aberta e receptiva.” (Usuário 28)

“Nós que temos MC aceitamos todo o tipo de gente, independentemente do seu estilo, estamos ‘abertos’ a tudo, enquanto no lado contrário, isso não se verifica.” (Usuário 9)

“Cada vez mais pessoas fazem-no [modificar o corpo] por moda mas sem dúvida que se o fazes como forma de vida sim, vai-te abrir mais horizonte no que diz respeito à aceitação de pessoas diferentes.” (Usuário 26)

Por sua vez, a categoria central **‘Sim, têm características pessoais e de personalidade diferentes’**, torna na sua designação óbvias as categorias de 2ª ordem que a constituem, ou seja, as categorias **‘Questão de personalidade’** (n=2; 4 ref.) e **‘Características pessoais’** (n=4; 5 ref.) que comportam referências como:

“Bem... Acho que sim, há muitos anos atrás não era tão comum... nessa altura poder-se-ia dizer que se tratavam de pessoas cheias de coragem e de personalidade (...) poderei considerar que as pessoas com MC são irreverentes, têm personalidades fortes e interventivas.” (Usuário 25)

“Sim, acho que demonstra logo parte da personalidade da pessoa, do meio em que está inserida, carácter e atitude.” (Usuário 20)

“Sim, as pessoas com MC são de uma forma geral mais sinceras e mais humanas.” (Usuário 19)

“Posso dizer que pelo conhecimento pessoal, as pessoas com MC são pessoas mais simpáticas e acolhedoras.” (Usuário 38)

### 2.2.7.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 7<sup>55</sup>)

A exploração de características diferenciadoras entre sujeitos com e sem MC, junto da amostra de profissionais, permitiu aceder novamente a opiniões divergentes dentro do próprio grupo em análise, tal como reflectem as categorias centrais a que os seus discursos permitiram aceder: ‘Não, há diferença’ (n=15; 18 ref.); ‘Sim, na forma de ser e de viver’ (n=14; 19 ref.); ‘Em certo grau, todas as pessoas têm MC’ (n=8; 9 ref.) e ‘Sim, maior abertura’ (n=6; 7 ref.) que se constituem nos quatro núcleos de significado que respondem à actual questão, e que constam da tabela 11 b).

‘**Não há diferença**’ (n=15; 18 ref.) surge repetidamente como núcleo de significado e como a categoria central que envolve mais sujeitos, cujos discursos se organizaram em quatro categorias hierarquizadas ‘**Não, sem especificação**’ (n=4; 4 ref.), ‘**Somos todos iguais**’ (n=5; 6 ref.), ‘**As MC não são critério de distinção**’ (n=4; 5 ref.), ‘**Não permite generalizações**’ (n=2; 3 ref.) e respectivas unidades discursivas que dão voz às opiniões dos profissionais:

“Não, de todo.” (Profissionais 22, 11)

“Somos todos iguais.” (Profissionais 10, 40)

“Há gente boa e má em todo o lado, de todas as cores, baixas ou altas, com ou sem modificações.” (Profissional 22)

“Não é nada linear.” (Profissional 1)

Contudo, há quem acredite que ‘**Coragem**’ (n=3; 4 ref.), ‘**Visão diferente da vida**’ (n=4; 5 ref.), ‘**Ser/ viver como querem**’ (n=2; 3 ref.) e ‘**Pessoas menos conformistas**’ (n=5; 7 ref.) são características e elementos que distinguem as pessoas com MC das restantes e, que neste caso se constituem como as quatro categorias hierarquizadas que sustentam o núcleo de significado ‘**Sim, na forma de ser e de viver**’ (n=14; 19 ref.). Estas percepções são relatadas nos seguintes exemplos:

“Os que estão muito cheios e tal, acho que são corajosos porque assumem o que gostam independentemente do que as outras pessoas pensam.” (Profissional 3)

“Uma pessoa com menos receios, seja pela saúde, seja pelo que as pessoas dizem, seja pelas oportunidades que pode ou não perder.” (Profissional 1)

“Uma forma mais divertida de levar a vida.” (Profissional 36)

“A maior parte das pessoas deste mundo [das MC] pessoas com uma postura perante a vida muito melhor e de um bem estar incrível (...) é encarar a vida com outros olhos (...) acho que

---

<sup>55</sup> Questão 7- “Na sua opinião, para além das modificações físicas há algo que distinga ou diferencie as pessoas com MC das restantes?”

esta minha malta vê o mundo com outros olhos sabes, é poder viver a vida como se quer, é liberdade de se expressar.” (Profissional 5)

“Sim, em certos aspectos saí do colectivo carneiro em que a maioria das pessoas vive, desde muito cedo que me apercebi que estou cá para ser feliz e ser como quero e fazer o que quero.” (Profissional 39)

Tabela 11 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“não, de todo” (22) “nem por isso” (8) “não há grandes diferenças” (6)	Não, sem especificação (n=4; 4 ref.)	<b>Não há diferença</b>  (n=15; 18 ref.)
“somos todos iguais” (10) “somos todos iguais, todos iguais mesmo” (13) “somos todos iguais” (40)	Somos todos iguais (n=5; 6 ref.)	
“há gente boa e má em todo o lado, de todas as cores, baixas ou altas, com ou sem modificações” (22) “não me faz muita diferença, para me aproximar não depende de MC” (8)	As MC não são critério de distinção (n=4; 5 ref.)	
“há malta no meio que também não presta” (5) “não é em todos os casos” (1) “não é nada linear” (1)	Não permite generalizações (n=2; 3 ref.)	
“os que estão muito cheios e tal, acho que são corajosos” (3) “têm sempre coragem de as fazer e exhibir” (2)	Coragem (n=3; 4 ref.)	<b>Sim, na forma de ser e estar na vida</b>  (n=14; 19 ref.)
“uma visão mais alternativa das coisas” (31) “postura perante a vida muito melhor” (5) “são apenas formas diferentes de estar na vida” (37)	Visão diferente da vida (n=4; 5 ref.)	
“estou cá para ser feliz e ser como quero” (39) “é poder viver a vida como se quer” (5)	Ser/ viver como querem (n=2; 3 ref.)	
“pessoa mais solta” (1) “não são pessoas tão presas ao normal” (15) “não são os “carneirinhos” da sociedade” (16)	Pessoas menos conformistas (n=5; 7 ref.)	
“manifestam-se na mesma mas com menos impacto e de forma mais reversível, pintar o cabelo, as unhas, tipos de roupa, maquiagem” (2) “todo o mundo já fez algum tipo de MC, mas não percebe ou não se quer misturar com os outros” (11)	As MC como fenómeno global (n=2; 2 ref.)	<b>Em certo grau, todas as pessoas têm MC</b>  (n=8; 9 ref.)
“só nos enfeitamos mais” (10) “é só mesmo a questão da aparência” (4) “tens um aspecto muito mau” (3)	Só aparência (n=3; 3 ref.)	
“estou a falar de MC significativas e não de umas coisas pequeninas” (2) “isto pessoas com <i>mods</i> extensas e não os que viram o jogador da bola na tv” (15)	Não, mas há diferenças intragrúpis (n=3; 4 ref.)	
“uma mentalidade mais receptiva” (1) “mentalidade mais aberta” (1) “a mente aberta sem preconceitos” (36)	Mente/ mentalidade mais aberta (n=4; 5 ref.)	<b>Sim, maior abertura</b>  (n=6; 7 ref.)
“livre de estereótipos” (36) “as pessoas tatuadas não julgam as outras” (10)	Mais tolerantes (n=2; 2 ref.)	

Na opinião de alguns profissionais ‘**Em certo grau, todas as pessoas têm MC**’ (n=8; 9 ref.) na medida em que ‘**As MC como fenómeno global**’ (n=2; 2 ref.) manifestam-se em vários formatos, apenas com maior evidência nalguns sujeitos que se destacam principalmente pela sua imagem, ‘**Só aparência**’ (n=3; 3 ref.) e mesmo assim, no que respeita ao grupo de indivíduos que possuem uma imagem mais invulgar, não se compreendem como sendo todos iguais ou como uma tribo urbana. Pelo contrário, destacam as diferenças entre si, ‘**Não, mas há diferenças intragrupoais**’ (n=3; 4 ref.). Considerando a respectiva ordem, apresentámos o terceiro núcleo de significado mais forte, as três categorias hierarquizadas que o fundam e algumas unidades discursivas que as constituem:

“Não, de todo. Todo o mundo já fez algum tipo de MC, mas não percebe ou não se quer misturar com os outros, furam as orelhas dos recém nascidos, é uma MC (...) transformações estéticas, sei lá, unhas de gel, pintar o cabelo, acho que também é uma MC, para não falar em cirurgias plásticas.” (Profissional 11)

“Estou a falar de MC significativas e não de umas coisas pequeninas (...) para mim são as modificações significativas... não é um furo numa orelha ou um *piercing* num umbigo.” (Profissional 2)

“Isto pessoas com *mods* extensas e não os que viram o jogador da bola na tv.” (Profissional 15)

“Se for um simples *tattoo* ou um *piercing* no lábio, toda a gente tem, agora os que estão muito cheios e tal acho que são corajosos.” (Profissional 3)

Em total concordância com o grupo dos usuários, a opinião de ambos encontra-se no núcleo de significado ‘**Sim, maior abertura**’ (n=6; 7 ref.) do qual fazem parte as categorias de 2ª ordem ‘**Mente/ mentalidade mais aberta**’ (n=4; 5 ref.) e ‘**Mais tolerantes**’ (n=2; 2 ref.). Eis alguns exemplos das suas unidades discursivas:

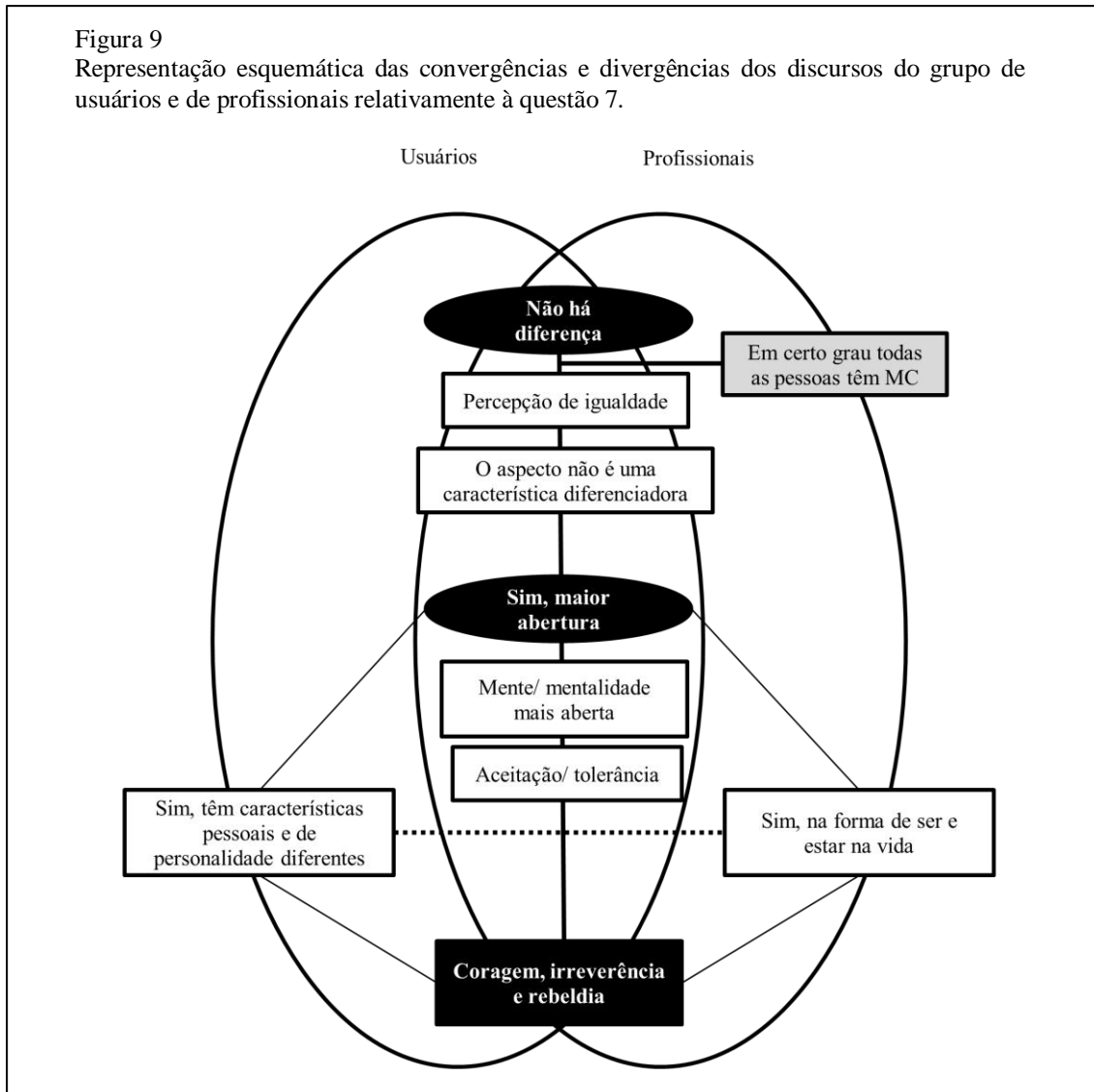
“Porque eu acho que uma pessoa que tem MC para já é uma pessoa com uma mentalidade mais receptiva, mais aberta (...) acho que é uma pessoa mais solta, com uma mentalidade mais aberta.” (Profissional 1)

“Penso que a maioria das pessoas com MC são pessoas com mentalidade e forma de expressão um pouco fora da norma. Penso que são pessoas com uma visão mais alternativa das coisas.” (Profissional 31)

“Sim, a mente aberta sem preconceitos. Livre de estereótipos e uma forma mais divertida de levar a vida.” (Profissional 36)

“Como se costuma dizer a diferença entre pessoas tatuadas e pessoas não tatuadas é que as pessoas tatuadas não julgam as outras.” (Profissional 10)

Expostos os principais núcleos de significado e as categorias de 2ª ordem que resultaram do refinamento da rede de relações entre eles, no grupo dos usuários e no grupo dos profissionais, compete-nos agora concluir que entre ambos se verifica maior convergência de pensamentos e percepções do que ideias opostas.



Salientamos os núcleos igualmente acedidos nos dois grupos em análise: ‘Não há diferença’ justificado em ambos os casos pela percepção de igualdade entre os indivíduos em questão e pelo facto de não considerarem as MC como uma característica diferenciadora ou como um critério de distinção e, o núcleo ‘Sim, maior abertura’ que

espelha a sua concordância quanto à mentalidade mais aberta e a postura mais tolerante e de maior aceitação das pessoas com MC, em comparação aos restantes indivíduos.

A referência dos usuários ao ‘Estilo/ Forma de vida’<sup>56</sup> e dos profissionais a ‘Sim, na forma de ser e estar na vida’ revela que ambos os grupos concordam tendencialmente que as pessoas com modificações encaram a vida de forma diferente. E, pelas palavras dos profissionais, essa diferença reside na coragem demonstrada pela escolha de vida que fizeram ao modificarem-se, que por sua vez se reflecte numa atitude de ser e viver como se quer e como tal, numa postura socialmente menos conformista.

No que respeita aos restantes núcleos de significado acedidos na exploração dos discursos dos participantes, encontramos divergências quando os usuários consideram existir características pessoais e de personalidade que distinguem as pessoas com MC das restantes e os profissionais, numa postura oposta consideram que ‘Em certo grau, todas as pessoas têm MC’, reforçando a igualdade entre sujeitos modificados e não modificados.

Concluimos que nos dois lados em análise, as opiniões se dividem em duas linhas de pensamento principais: não haver diferença entre sujeitos modificados e restantes indivíduos e, a existência de elementos e características que os distinguem, como por exemplo maior abertura, características de personalidade e pessoais e a forma de ser e estar na vida.

## **2.2.8. Questão 8- “Na sua opinião, para além das modificações físicas há algo que una ou aproxime entre si, as pessoas com MC?”**

### **2.2.8.1. Análise das respostas dos Usuários**

Após a exploração dos elementos para além das MC, que de acordo com os discursos dos participantes distanciam e diferenciam os indivíduos modificados corporalmente dos restantes sujeitos que não se inserem neste meio, faz todo o sentido pegarmos no assunto por outro prisma igualmente relevante, ou seja, debruçarmo-nos sobre os potenciais elementos que promovem a aproximação e união entre indivíduos modificados.

---

<sup>56</sup> Categoria residual não incluída na apresentação detalhada dos resultados.

Tabela 12 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 8 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“às vezes a música” (25) “uma cultura musical e artística mais “alternativa”” (25) “música sem dúvida” (35)	Música, sem especificação (n=5; 6 ref.)	<b>Música</b>
“música electrónica” (19) “ <i>drum and bass</i> ” (14) “ <i>punk</i> ” (25)	Estilos musicais específicos (n=3; 10 ref.)	(n=8; 16 ref.)
“diria que não porque as relações que tenho, tenho-as com pessoas com ou sem MC” (7) “há tanto como com as pessoas que não têm” (23) “não, não é nenhum grupo ou <i>gang</i> ” (38)	Não, nem as MC interferem (n=4; 4 ref.)	<b>Não há</b>
“não” (27) “não” (26)	Não, sem especificação (n=2; 2 ref.)	(n=8; 8 ref.)
“(…) com ou sem MC depende da pessoa” (33) “não é possível generalizar” (18)	Não permite generalização (n=2; 2 ref.)	
“tendem a ter uma mente muito mais aberta” (18) “mente aberta” (25)	Mente mais aberta (n=2; 2 ref.)	
“estilo de vida” (17) “ <i>lifestyle</i> ” (23) “sim existe, porque é mesmo um estilo de vida” (32)	Estilo de vida (n=3; 3 ref.)	<b>Forma de ser/ estar na vida</b>
“a maneira de ser da pessoa” (19) “talvez a maneira de pensar e de ver a vida” (18) “postura” (30)	Maneira de ser/ pensar/ ver a vida, sem especificação (n=3; 3 ref.)	(n=8; 8 ref.)
“os mesmos gostos pessoais” (28) “gosto pelas mesmas [MC]” (19)	Partilha de gostos no geral (n=5; 6 ref.)	<b>Partilha de gostos</b>
“adoração pela arte” (17) “o valor pela arte corporal” (24) “a arte” (24)	Partilha do gosto pela Arte (n=2; 3 ref.)	(n=7; 9 ref.)
“o facto de tu poderes discutir um assunto com alguém que saiba e que perceba porque fazes as MC ajuda a união” (21) “ponto em comum de abordagem” (34)	Partilha de experiências (n=3; 3 ref.)	<b>Partilha de referências</b>
“o convívio entre elas vem pelos sítios frequentados, bares mais alternativos” (17) “é normal que os meios sejam mais comuns” (23)	Partilha de contextos (n=3; 3 ref.)	(n=6; 6 ref.)
“existe uma identificação” (30) “você acaba pensando da mesma maneira, tendo ideias muito parecidas” (32)	Identificação (n=2; 2 ref.)	<b>Identificação/ Compreensão</b>
“nos compreendermos mutuamente” (9) “mesmo quando não nos conhecemos (...) existe um contacto... uma aceitação e compreensão” (30)	Compreensão mútua (n=2; 4 ref.)	(n=4; 6 ref.)

Neste sentido, a análise das respostas dos usuários à questão oito, permitiu aceder a seis núcleos de significado, que exceptuando o núcleo ‘Não há’ (n=8 sujeitos; 8 referências) relevam motivos ou razões que justificam, para além das MC, a aproximação e união entre indivíduos modificados: ‘Música’ (n=8; 16 ref.); ‘Forma de

ser/ estar na vida' (n=8; 8 ref.); 'Partilha de gostos' (n=7; 9 ref.); 'Partilha de referências' (n=6; 6 ref.) e 'Identificação/ Compreensão' (n=4; 6 ref.). A categorização das respostas obtidas encontra-se na tabela 12 a).

A categoria central que se apresenta com maior força é o núcleo de significado '**Música**' (n=8; 16 ref.), que para o presente grupo significa o principal elemento de ligação entre sujeitos com MC, e dele fazem parte as categorias hierarquizadas '**Música, sem especificação**' (n=5; 6 ref.) e '**Estilos musicais específicos**' (n=3; 10 ref.) como música electrónica, gótica, *punk*, metal, *reggae* e derivações desses mesmos estilos musicais.

Mas, tal como já foi referido, e apesar de surgirem cinco categorias centrais que espelham motivos que validam a maior aproximação entre os sujeitos modificados, a verdade é que não há um consenso geral, e parte da amostra acredita que '**Não há**' (n=8; 8 ref.) algo em particular que una ou aproxime entre si as pessoas com MC. A presente categoria central conjuga três categorias de 2ª ordem '**Não, sem especificação**' (n=2; 2 ref.), '**Não, nem as MC interferem**' (n=4; 4 ref.), '**Não permite generalização**' (n=2; 2 ref.) e respectivas unidades de análise, abaixo transcritas:

“Diria que não porque as relações que tenho, tenho-as com pessoas com ou sem MC e todas elas são diferentes.” (Usuário 7)

“Acho que o que une as pessoas entre si, é só mesmo o interior de cada uma, e a relação que estabelecem entre si.” (Usuário 14)

“Há tanto como com as pessoas que não têm.” (Usuário 23)

“Não, não é nenhum grupo ou *gang*.” (Usuário 38)

“Pessoalmente não. Para mim não, com ou sem MC depende da pessoa.” (Usuário 33)

“Não é possível generalizar até porque existem também muitas pessoas com MC com quem não me identifico.” (Usuário18)

Contudo, a característica '**Mente mais aberta**' (n=2; 2 ref.) e os elementos '**Estilo de vida**' (n=3; 3 ref.) e '**Maneira de ser/ pensar/ ver a vida, sem especificação**' (n=3; 3 ref.) foram apontados pelos usuários como focos de aproximação entre sujeitos modificados e numa perspectiva mais centralizadora, dizem respeito à '**Forma de ser/ estar na vida**' (n=8; 8 ref.) dos indivíduos com MC, núcleo de significado que abrange estas três condições ilustradas pelos excertos que se seguem:

“Talvez a maneira de pensar e de ver a vida... As pessoas com MC tendem a ter a mente muito mais aberta e a preocuparem-se com o que realmente interessa.” (Usuário 18)

“A única coisa que poderá eventualmente aproximar é o que te disse inicialmente a situação do *lifestyle*, é normal que os meios sejam mais comuns.” (Usuário 23)

“Sim existe, porque é o mesmo estilo de vida (...) é que a gente não liga muito para o que as pessoas pensam realmente da gente... a gente vive tudo o que é possível viver sem pensar no que os outros vão achar daquilo.” (Usuário 32)

“Posso dizer que pela minha postura... que pelos meus gostos e dos que me são próximos que existe algo que nos une...” (Usuário 30)

Da mesma forma, como acontece com quaisquer duas pessoas ou grupo de indivíduos, os pontos que encontrarem em comum serão reforçadores da sua ligação. Assim, as categorias centrais **‘Partilha de gostos’** (n=7; 9 ref.) e **‘Partilha de referências’** (n=6; 6 ref.) legitimam a aproximação entre pessoas com MC e o facto referido de início.

O núcleo de significado **‘Partilha de gostos’** emerge a partir de afirmações como -

“O que pode influenciar nesse sentido será os restantes gostos como a música, pois por exemplo o *drum and bass* é um som onde grande parte das pessoas que gostam tem MC... como o *reggae* tem pessoas com MC e com rastas... e esses factores é que podem influenciar a união dessas pessoas entre si...” (Usuário 14)

“Vamos sempre conhecendo mais e mais pessoas com o gosto em comum ao nosso, posso dar-te um exemplo: trabalhei um ano num centro comercial, em que o rapaz da loja ao lado também tinha uma manga tatuada. Assim que nos apercebemos das *tattoos* um do outro, ficámos grandes amigos logo! Não ficámos bons amigos por conhecê-lo e gostar dele, mas sim por ver que ele tem o mesmo gosto que eu, e a partir daí ficámos logo amigos.” (Usuário 17)

e,

“O valor pela arte corporal (...) penso que é só, acho que a arte é o principal factor de união entre pessoas com MC. (Usuário 24)

- que se inserem respectivamente nas categorias hierarquizadas **‘Partilha de gostos no geral’** (n=5; 6 ref.) e **‘Partilha do gosto pela Arte’** (n=2; 3 ref.).

Já o núcleo de significado **‘Partilha de referências’** (n=6; 6 ref.) resultou da conjugação das unidades discursivas inseridas nas categorias hierarquizadas **‘Partilha de experiências’** (n=3; 3 ref.) e **‘Partilha de contextos’** (n=3; 3 ref.), ilustradas nas palavras dos participantes:

“Partilhar experiências, tatuagens, ideias, etc...” (Usuário 17)

“Sim une, o facto de tu poderes discutir um assunto com alguém que saiba e que perceba porque fazes as MC ajuda a união daí tu inconscientemente te aproximares de pessoas que têm mais a ver contigo e com a tua personalidade.” (Usuário 21)

“Talvez os mesmos gostos pessoais, os mesmos grupos de amigos.” (Usuário 28)

“O convívio entre elas vem pelos sítios frequentados, bares mais alternativos, pessoas que metem conversa comigo para saber onde fiz as *tattoos*.” (Usuário 17)

Por fim, os usuários reconhecem uma experiência de **‘Identificação/Compreensão’** (n=4; 6 ref.) com os outros sujeitos que como eles possuem MC e sinalizam-na como um motivo de aproximação e união entre si. Ao dividirmos a designação da presente categoria central, acedemos às duas categorias de 2ª ordem que dela fazem parte, **‘Identificação’** (n=2; 2 ref.) e **‘Compreensão mútua’** (n=2; 4 ref.) sensações e sentimentos que transparecem nos seus discursos:

“Sim existe, porque é o mesmo estilo de vida, você acaba pensando da mesma maneira, tendo ideias muito parecidas.” (Usuário 32)

“Claro que sim!! Existe uma identificação... um gosto... uma cultura... existe sempre algo que nos aproxima... mesmo quando não nos conhecemos, e me cruzo com alguém tatuado ou com *piercings*, existe um contacto... uma aceitação e compreensão.” (Usuário 30)

“O facto de maioritariamente, só entre nós nos sentirmos à vontade... sem ninguém a julgar, sem ninguém a pedir-te ‘justificações’ por aquilo que és, por nos compreendermos mutuamente, sabermos que não é isso que nos modifica como pessoa.” (Usuário 9)

#### 2.2.8.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 8<sup>57</sup>)

A análise detalhada das unidades discursivas obtidas nas entrevistas dirigidas ao grupo dos Profissionais permitiu aceder a sete núcleos de significado: ‘Música’ (n=14 sujeitos; 16 referências); ‘Gosto pela Arte’ (n=8; 9 ref.); ‘Gostos comuns’ (n=8; 9 ref.); ‘Identificação’ (n=7; 8 ref.); ‘Partilha de experiências’ (n=6; 7 ref.); ‘Forma de ser/pensar’ (n=6; 6 ref.); ‘O mesmo que une as pessoas sem MC’ (n=4; 4 ref.). Com excepção da última categoria referida, as restantes dizem respeito a elementos que os profissionais identificaram como sendo promotores da aproximação ou união entre pessoas com MC (tabela 12 b)).

A categoria central **‘Música’** (n=14; 16 ref.) é reincidente na linha da frente e salienta-se entre as restantes pelo peso que lhe foi atribuído pelos sujeitos da presente amostra. Deste modo, a ‘Música’ é reconhecida pelos profissionais como o motivo mais forte para além das MC, de aproximação e união entre indivíduos modificados. No núcleo de significado em análise, encaixam as categorias hierarquizadas que dão voz às

<sup>57</sup> Questão 8- “Na sua opinião, para além das modificações físicas há algo que una ou aproxime entre si, as pessoas com MC?”

preferências musicais dos nossos sujeitos: **‘Metal’** (n=3; 3 ref.); **‘Rock’** (n=2; 2 ref.); **‘HipHop’** (n=2; 2 ref.); **‘Hillbilly’** (n=1; 2 ref.); **‘Música, sem especificação’** (n=3; 3 ref.) e por fim, a categoria de 2ª ordem mais generalista **‘Gostos musicais’** (n=3; 4 ref.) ilustrada pelas seguintes unidades de análise:

“Eu penso que a maioria das pessoas com muitas tatuagens, que têm mais tatuagens, têm coisas em comum como por exemplo os gostos musicais, tenho-me apercebido disso. Metal, *Rockn’roll*, *Hard core*, tem muito a ver com o estilo *tattoo* (...) normalmente pessoas assim com MC um bocadinho mais excessivas é que têm os mesmo gostos a nível musical.” (Profissional 1)

“Embora não sejam todas iguais, sim, a maioria gosta mais ou menos dos mesmos estilos de música e assim têm mais coisas em comum.” (Profissional 4)

“Geralmente, por experiência própria no meio tendemos a gostar do mesmo género musical, e de outras coisas... o *Rock* ou *Metal* em si é muito comum mas o *Rap* também...” (Profissional 8)

Com igual representatividade no que respeita ao número de sujeitos e de referências, surgem as categorias centrais **‘Gosto pela Arte’** (n=8; 9 ref.) e **‘Gostos comuns’** (n=8; 9 ref.). O primeiro núcleo de significado mencionado encontra-se explícito nos testemunhos abaixo transcritos a título de exemplo:

“Posso dizer aquilo que senti na LTC na convenção de Londres, milhares de pessoas que se juntam por uma arte. Imagina que vais ao Louvre ver arte, quadros, esculturas, etc., numa convenção vais apreciar arte também mas dinâmica podes interagir com essa arte. Hoje em dia posso olhar para uma *tattoo* e dizer-te quem a fez como se de um pintor se tratasse e eu gosto disso a *tattoo* enquanto arte e não enquanto moda.” (Profissional 10),

“Paixão pela arte em si mesmo.” (Profissional 5)

“Acho que sim mas tudo pelo amor à arte e para partilhar gostos e trabalhos de artistas diferentes.” (Profissional 40)

A segunda categoria central, **‘Gostos comuns’** incorpora no seu núcleo de significado três categorias hierarquizadas, que à excepção de **‘Estilo/ moda anos 50/60’** (n=1; 2 ref.) primam pelo seu carácter generalista. Referimo-nos a **‘Gosto(s), sem especificação’** (n=2; 2 ref.) e **‘Gosto(s) comuns(ns)’** (n=5; 5 ref.), como é possível confirmar com a exposição de algumas unidades discursivas que as constituem:

“Estilo Elvis e a onda *Pin Up* que é muito adoptado por pessoas deste meio.” (Profissional 5)

“Aquilo que elas pensam, são, gostos.” (Profissional 1)

“Primeiro provavelmente o gosto geral.” (Profissional 8)

“Aquilo que para nós é bonito ou diferente.” (Profissional 2)

“Maneiras de pensar e gostos em comum.” (Profissional 31)

“Acho que sim, acho que os gostos cruzam-se, ideologias, experiências comuns de vida.”  
(Profissional 12)

Tabela 12 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 8 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“têm os mesmos gostos a nível musical” (1) “a maioria gosta mais ou menos dos mesmos estilos de música e assim” (4)	Gostos musicais (n=3; 4 ref.)	
“música” (16) “música” (5)	Música, sem especificação (n=3; 3 ref.)	
“metal” (1) “quase toda a gente do metal tem <i>tattoos</i> mas já começa a ser geral” (3)	Metal (n=3; 3 ref.)	<b>Música</b> (n=14; 16 ref.)
“rockn`roll” (1) “rock” (8)	Rock (n=2; 2 ref.)	
“rap” (8) “hip hop” (5)	HipHop (n=2; 2 ref.)	
“rockabilly” (5) “psychobilly” (5)	Hillbilly (n=1; 2 ref.)	
“a <i>tattoo</i> enquanto arte e não enquanto moda” (10) “amor à arte” (40)	Gosto pela Arte (n=8; 9 ref.)	<b>Gosto pela Arte</b> (n=8; 9 ref.)
“gostos” (1) “o gosto geral” (8)	Gosto(s), sem especificação (n=2; 2 ref.)	
“gostos em comum” (31) “talvez o gosto por algo em comum” (37) “os gostos cruzam-se” (12)	Gosto(s) comum(ns) (n=5; 5 Ref.)	<b>Gostos comuns</b> (n=8; 9 ref.)
“estilo Elvis” (5) “onda Pin Up” (5)	Estilo/ moda anos 50/60 (n=1; 2 ref.)	
“o facto de não estigmatizarem tanto a cena” (4) “é natural que haja maior empatia entre pessoas mais modificadas, talvez pelo estigma social que existe” (6)	Sentimento de união resultado do estigma social (n=3; 4 ref.)	<b>Identificação</b> (n=7; 8 ref.)
“sentes uma certa afinidade com essas pessoas” (2) “têm mais coisas em comum entre si” (4)	Afinidade (n=4; 4 ref.)	
“experiências comuns de vida” (12) “reconhecimento entre pessoas que passaram pelos mesmos processos pois são dolorosos” (15)	Experiências comuns (n=2; 3 ref.)	<b>Partilha de experiências</b> (n=6; 7 ref.)
“motivo para conversar ou simplesmente olhar” (13) “acabamos por ter um tópico de conversa para iniciar com alguém que não conhecemos” (11)	MC como tópico de conversa (n=4; 4 ref.)	
“aquilo que elas (...) são” (1) “as pessoas com MC foram capazes de serem mais aquilo que gostam de ser” (39)	Forma de ser (n=2; 2 ref.)	<b>Forma de ser/ pensar</b> (n=6; 6 ref.)
“maneiras de pensar” (31) “ideologias” (12)	Forma de pensar (n=4; 4 ref.)	
“penso que é só uma questão de feitios, como o normal” (4) “vai mesmo das pessoas” (36) “tudo o que pode unir o resto das pessoas” (1)	O mesmo que une as pessoas sem MC (n=4; 4 ref.)	<b>O mesmo que une as pessoas sem MC</b> (n=4; 4 ref.)

Além da música, da arte e dos gostos que partilham, o **‘Sentimento de união resultado do estigma social’** (n=3; 4 ref.) e a sensação de **‘Afinidade’** (n=4; 4 ref.) que experimentam quando se encontram, parecem ser motivos suficientes para que os sujeitos com MC se aproximem uns dos outros e vivam uma experiência de união entre si, tal como revelam as suas palavras sobre o assunto:

“Sim, o preconceito faz com que as pessoas procurem dar-se com pessoas da mesma tribo.”  
(Profissional 29)

“É natural que haja maior empatia entre pessoas mais modificadas, talvez pelo estigma social que existe. Sentem-se mais unidas.” (Profissional 6)

“É como fazer parte de um grupo alternativo, gosto muito de ver pessoas tatuadas e com *piercings*... tenho sempre curiosidade de ver o que são os desenhos, ou que tem de diferente... acaba por não funcionar como um grupo, mas sim como um conjunto de pessoas que gostam de alterar o seu aspecto físico para manifestar algo e normalmente sentes uma certa afinidade com essas pessoas.” (Profissional 2)

“Olha, não escolho os meus amigos ou relacionamentos com base em MC, mas claramente sentimos alguma empatia.” (Profissional 11)

“Uma espécie de únicos entre iguais.” (Profissional 12)

As afirmações expostas, respeitantes às duas categorias de 2ª ordem acima mencionadas, reúnem-se com pertinência no núcleo de significado **‘Identificação’** (n=7; 8 ref.).

Outro motivo encontrado pelo grupo dos profissionais que justifica a maior aproximação ou união entre pessoas com MC, é a **‘Partilha de experiências’** (n=6; 7 ref.), que engloba as dimensões **‘Experiências comuns’** (n=2; 3 ref.) e **‘MC como tópico comum de conversa’** (n=4, 4 ref.), categorias de 2ª ordem que comportam referências como:

“Há sempre um reconhecimento entre pessoas que passaram pelos mesmos processos pois são dolorosos... logo há uma partilha de experiências ou um reconhecimento da experiência e por vezes são assunto de conversa.” (Profissional 15)

“Quando temos algo em comum [as MC] é claro que isso nos aproximará e dará possivelmente motivo para conversar ou simplesmente olhar.” (Profissional 13)

“Curiosidade em observar a *tattoo*, saber do sentimento ao fazer determinada MC, sei lá, acabamos por ter um tópico de conversa para iniciar com alguém que não conhecemos.”  
(Profissional 11)

Convergindo com a opinião dos usuários, a **‘Forma de ser/pensar’** (n=6; 6 ref.) enquanto núcleo de significado, parece ser relevante para a maior aproximação entre os sujeitos. A análise pormenorizada da designação da presente categoria central conduz às

duas categorias de 2ª ordem **‘Forma de ser’** (n=2; 2 ref.) e **‘Forma de pensar’** (n=4; 4 ref.) que lhe deram origem e que se compõe pelas afirmações:

“Aquilo que elas pensam, são.” (Profissional 1)

“As pessoas com MC foram capazes de serem mais aquilo que gostam de ser.” (Profissional 39)

“O gosto pela vida, a luta pelos nossos ideais, que neste caso, podem ser MC ou música ou qualquer outra forma de arte.” (Profissional 16)

Por fim, referimos a única categoria central que representa uma linha de pensamento que diverge das anteriores, na medida em que não identifica nenhum motivo ou razão particular que explique a aproximação/ união entre pessoas com MC, a menos que o motivo seja **‘O mesmo que une as pessoas sem MC’** (n=4; 4 ref.). Esta postura foi defendida por quatro profissionais através das seguintes expressões:

“Penso que é só uma questão de feitios, como o normal.” (Profissional 4)

“A pessoa adepta da *body art* não tem só amigos modificados, eu tenho muitos amigos que não têm nem um *piercing*. Vai mesmo das pessoas, posso ter um primeiro contacto com uma pessoa pela *body art*, mas depois nunca mais falar com essa pessoa.” (Profissional 36)

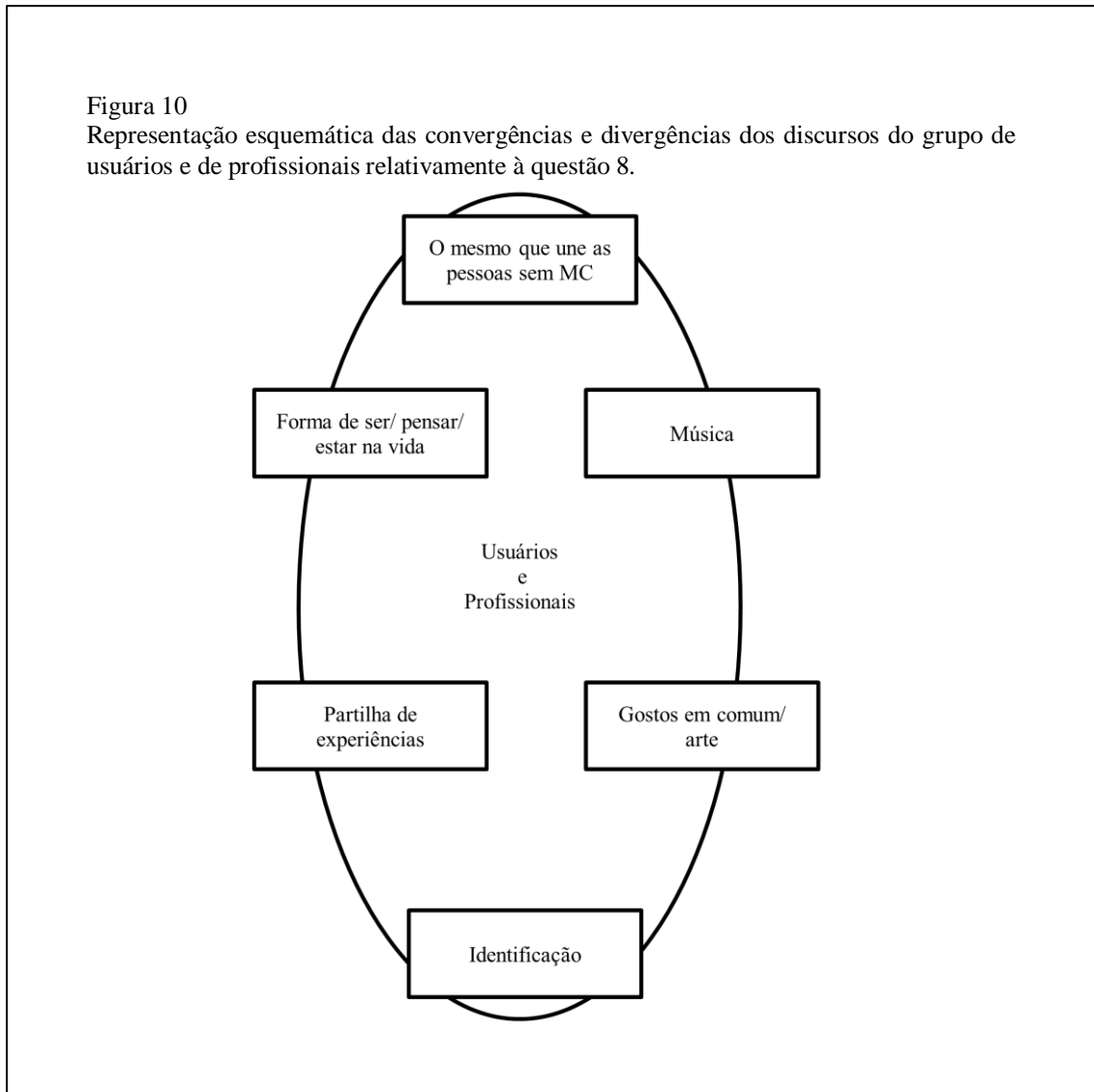
“Tudo o que pode unir o resto das pessoas.” (Profissional 1)

“Penso que o mesmo que une outras pessoas.” (Profissional 31)

Acabada a apresentação diferencial das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, e de alguns fragmentos de discurso ilustrativos quer das respostas dos usuários, quer dos profissionais, gostaríamos agora de salientar exclusivamente alguns pontos de convergência, visto não terem sido encontrados pontos de desacordo entre os grupos (figura 10).

Quando confrontados com uma questão sobre o que poderia unir ou aproximar entre si, as pessoas com MC, profissionais e usuários identificaram a música, a forma de ser/ pensar/ estar na vida, a partilha de gostos no geral e o gosto pela arte em particular, a partilha de referências e de experiências, e o sentimento de identificação resultado da afinidade e compreensão mútua que dividem entre si, como os principais motivos ou razões que dariam resposta a esta questão, e justificariam a união entre os sujeitos modificados.

Figura 10  
Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 8.



Por outro lado, não assumimos como ponto de desacordo mas como ideias base convergentes, as linhas de pensamento defendidas nas categorias centrais ‘O mesmo que une as pessoas sem MC’ e ‘Não há’, núcleos de significado pertencentes a usuários e profissionais respectivamente. Acreditamos que a construção destas categorias reflecte a opinião de que não há nada em particular que justifique uma maior aproximação entre pessoas com MC, a menos que seja o mesmo que aproxima as pessoas na generalidade, e como tal, quando nos referimos a “pessoas”, obviamente incluímos sujeitos modificados e não modificados. Logo, aquilo que une dois sujeitos modificados é o mesmo que aproxima quaisquer outras duas pessoas, não havendo nada em particular que se possa identificar como responsável ou promotor dessa acção entre os indivíduos.

Para terminar, compete-nos dizer que até na cisão de opiniões dentro de cada grupo, usuários e profissionais são concordantes. Parte dos sujeitos identifica elementos, que na sua perspectiva, funcionam como promotores da união e aproximação entre sujeitos modificados e outra parte, em ambas as amostras, ainda que de menor dimensão, acredita que não faz sentido pensar deste modo, porque as MC não são consideradas fonte de interferência nas relações interpessoais ou porque acreditam que o que une as pessoas modificadas é o mesmo que une as outras.

### **2.2.9. Questão 9- “Sendo a dor uma inerência das MC como viveu esta condição?”**

#### 2.2.9.1. Análise das respostas dos Usuários

Se várias interrogações envolvem esta temática tentando a compreensão das razões e motivações para a realização de MC, também é verdade que as questões sobre a dor são frequentemente associadas a estas práticas. De tal forma, que a dor é o motivo que separa muitos indivíduos da concretização de MC, quer seja pela dimensão física experienciada, quer seja pela dimensão emocional/psicológica antecipada, que sustenta o receio e mantém a distância da realização de uma MC.

Quem lida com pessoas com MC já se interrogou, ou já colocou a alguém a questão “Doeu?”, pelo menos uma vez, mesmo sabendo que a experiência da dor é um momento inteiramente subjectivo e variável. Por isso, aqui, partimos do pressuposto que independentemente da sua intensidade, a dor é uma realidade inerente à MC e preocupámo-nos mais em tentar perceber como é que cada sujeito viveu esta condição. Pareceu-nos pertinente seguir por este caminho, e a realidade é que de 40 participantes apenas quatro negaram a presença da dor em algumas destas experiências, o que vai ao encontro da nossa linha de pensamento e assim, pudemos descobrir com a nossa amostra uma panóplia de experiências subjectivas associadas à vivência da dor na MC.

O número de categorias centrais acedidas nos dois grupos em análise espelha a riqueza e diversidade da presente amostra. No grupo dos usuários foi encontrado um total de oito núcleos de significado, que passamos a enumerar: ‘Dependendo da localização’ (n=11 sujeitos; 16 referências); ‘Sem grande esforço’ (n=10; 12 ref.);

‘Como um mal necessário’ (n=9; 12 ref.); ‘De forma positiva’ (n=8; 12 ref.); ‘De forma negativa’ (n=7; 8 ref.); ‘É suportável’ (n=7; 7 ref.); ‘Como parte do processo’ (n=5; 6 ref.) e ‘Sem dor’ (n=4; 6 ref.).

Tabela 13 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 9 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“(…) quando foi para fazer do lado esquerdo [do peito] quase morri de dor” (32) “joelho foi o pior” (27) “na barriga pode ser irritante” (33)	Varia em função da localização no corpo (n=6; 9 ref.)	<b>Dependendo da localização</b> (n=11; 16 ref.)
“quanto às tatuagens é difícil definir o grau de dor, pois este também varia de local para local” (24) “há zonas e zonas” (27) “depende dos sítios” (33)	Varia em função da localização, sem especificação (n=5; 7 ref.)	
“posso perfeitamente aguentar cinco horas seguidas ou mais a ser tatuada” (30) “sou bastante resistente à dor” (19)	Resistente à dor (n=2; 4 ref.)	
“você pensa que vai doer muito mas acaba por não doer como a gente imagina” (32) “acho a dor da tatuagem e <i>piercing</i> , uma dor muito acessível” (26)	Dor pouco relevante (n=6; 6 ref.)	<b>Sem grande esforço</b> (n=10; 12 ref.)
“concentrar na música e tentar abstrair-me” (7) “não faço nada, fico na conversa, escutamos música” (32)	Recorrer à música como distração (n=2; 2 ref.)	
“se queremos realmente fazer um <i>piercing</i> ou uma tatuagem, a dor é mínima comparada com essa vontade” (18) “se de facto gostas, vale a pena sujeitares-te à dor” (17)	Desvalorização da dor face à vontade/gosto (n=3; 4 ref.)	<b>Como um mal necessário</b> (n=9; 12 ref.)
“pode doer mas no final fico tão satisfeito com o resultado que já nem sinto a dor” (18) “é uma dor de resultado positivo... ou seja, não dói à toa” (25)	Dor compensada pelo resultado final (n=6; 8 ref.)	
“como que um vício” (7) “tive dias em que estava mortinho para a sentir, outros que nem por isso” (33) “eu até gosto” (26)	Com vontade de repetir (n=2; 3 ref.)	<b>De forma positiva</b> (n=8; 12 ref.)
“[tatuagem] acaba por ser uma dorzinha gostosa” (32) “a parte da dor é que dá “piada” ao acto” (28) “durante horas é desgastante” (20)	Dor gratificante (n=6; 9 ref.)	
“(…) com o passar das horas por vezes vai-se tornando num pequeno massacre” (24) “tattoos... custa um pouco” (9)	A duração agrava a dor (n=2; 2 ref.)	<b>De forma negativa</b> (n=7; 8 ref.)
“[com] esforço” (20) “queixo-me sempre” (38) “é suportável” (14)	Com desagrado (n=5; 6 ref.)	
“no geral é bastante suportável” (35) “geralmente suporta-se bem” (23)	É suportável (n=7; 7 ref.)	<b>É suportável</b> (n=7; 7 ref.)
“é o que separa o antes e o após a MC... faz parte” (14) “no pain, no gain” (9) “algo que faz parte do processo” (7) “não posso fazer uma MC sem dor, e já me consciencializei disso” (28)	Como parte do processo (n=5; 6 ref.)	Como parte do processo (n=5; 6 ref.)
“das primeiras vezes não sentia se quer” (27) “(…) quando fiz a minha <i>tattoo</i> do peito, fiz do lado direito primeiro, não doeu nada” (32)	Sem dor (n=4; 6 ref.)	<b>Sem dor</b> (n=4; 6 ref.)

Através dos dados recolhidos (tabela 13 a)), concluímos que **‘Dependendo da localização’** (n=11; 16 ref.) da MC e conseqüentemente do local onde a dor é infligida, a experiência é vivida com maior ou menor grau de sofrimento. Alguns participantes foram mais específicos e identificaram as zonas que consideram mais dolorosas, como podemos constatar nas afirmações partilhadas pelos próprios:

“Ao início a dor era uma incógnita para mim mas suportei bem, à medida que fui tatuando outras zonas do corpo, nomeadamente a barriga, descobri outras sensações de dor nada agradáveis mesmo.” (Usuário 17)

“Geralmente não é nada de mais tirando a zona do peito, das que fiz, que é do que posso falar.” (Usuário 23)

“A dor de um *piercing* não é nada comparada com a da *tattoo*, exceptuando o do mamilo que é muito doloroso.” (Usuário 21)

“Quando fiz a minha *tattoo* do peito fiz do lado direito, primeiro não doeu quase dormi fazendo, quando foi para fazer do lado esquerdo quase morri de dor, é uma coisa estranha.” (Usuário 32)

“Depende dos sítios... é demais... na barriga pode ser irritante e dar comichão na perna, na palma da mão intolerável e no braço, calmo.” (Usuário 33)

As presentes unidades discursivas fazem parte da categoria hierarquizada **‘Varia em função da localização no corpo’** (n=6; 9 ref.) referente ao núcleo de significado supracitado.

Cinco usuários partilham desta opinião, que a dor varia ‘dependendo da localização’, mas não especificaram as zonas em que o sofrimento foi vivido com maior ou menor intensidade. Assim, os seus discursos foram reunidos na categoria de 2ª ordem **‘Varia em função da localização, sem especificação’** (n=5; 7 ref.) abaixo ilustrada pelas suas palavras:

“Em relação aos *piercings* a dor vai sempre variando um pouco de local para local então sempre me senti tentado a experimentá-las; quanto às tatuagens é difícil definir o grau de dor, pois este também varia de local para local.” (Usuário 24)

“Posso dizer que por vezes não sinto qualquer dor... excepto em alguns locais sensíveis... e se estiver sozinha com o meu tatuador consigo entrar num estado de quase meditação e quase adormecer.” (Usuário 30)

“Há zonas e zonas mas das primeiras vezes não senti sequer, era uma dor suave, agora há zonas mais dolorosas mas perfeitamente suportáveis.” (Usuário 27)

“Não me incomoda muito para ser honesto, há um ou outro sítio onde dói um pouco ser tatuado, mas no geral é bastante suportável.” (Usuário 35)

Em contrapartida há quem tenha passado por esta experiência com relativa leveza, por se considerar **‘Resistente à dor’** (n=2; 4 ref.), uma característica pessoal defendida por dois participantes -

“Acho que tenho mesmo sorte nisso... o meu tatuador chama-me rija e dura! Posso perfeitamente aguentar cinco horas seguidas ou mais a ser tatuada.” (Usuário 30)

“Sou bastante resistente à dor mas por exemplo suspensões seria algo que não gostaria de experimentar.” (Usuário19)

- outros, por considerarem a **‘Dor pouco relevante’** (n=6; 6 ref.) definindo-a como suave, acessível, rápida ou até menos intensa do que o imaginado -

“Das primeiras vezes não senti sequer, era uma dor suave.” (Usuário 27)

“Acho a dor da tatuagem e *piercing*, uma dor muito acessível.” (Usuário 26)

“Os *piercings* não são nada de mais na minha opinião visto serem apenas uns segundos, dói claro mas é algo rápido.” (Usuário 9)

“Você pensa que vai doer muito mas acaba por não doer como a gente imagina.” (Usuário 32)

- ou ainda, pelo uso de estratégias de abstracção, neste caso **‘Recorrer à música como distração’** (n=2; 2 ref.), prática eleita por dois usuários:

“Eu não faço nada, fico na conversa, escutamos música... nada fora do comum.” (Usuário 32)

“Tenho que me concentrar na música e tentar abstrair-me.” (Usuário7)

As unidades de discurso transcritas dizem respeito às três categorias de 2ª ordem enunciadas, e que se organizam num núcleo de significado cuja designação **‘Sem grande esforço’** (n=10; 12 ref.) espelha as três posturas descritas.

Avançando na análise da hierarquização produzida, acedemos à categoria de 1ª ordem **‘Como um mal necessário’** (n=9; 12 ref.), preenchida por duas categorias de 2ª ordem que revelam os dois motivos que sustentam este tipo de entendimento sobre a experiência em causa. A primeira, **‘Desvalorização da dor face à vontade/gosto’** (n=3; 4 ref.) está patente nos seguintes testemunhos:

“A dor é algo que está sempre presente na nossa vida e de diversas formas. Sem dor/ esforço não se consegue nada e se queremos realmente fazer um *piercing* ou uma tatuagem, a dor é mínima comparada com essa vontade.” (Usuário 18)

“Quem corre por gosto não cansa! É sempre o que eu digo. Se de facto gostas, vale a pena sujeitares-te à dor.” (Usuário 17)

“A beleza como se costuma dizer tem as suas dificuldades. A dor é uma delas. Mas também é uma dor rápida, compensa sempre o resultado final.” (Usuário 19)

A segunda categoria introduzida pela anterior afirmação, diz respeito à **‘Dor compensada pelo resultado final’** (n=6; 8 ref.) e encontra-se explícita nos trechos seleccionados a título de exemplo:

“Pode doer mas no final fico tão satisfeito com o resultado que já nem sinto a dor.” (Usuário 18)

“*Tattoos*... custa um pouco, mas como sabemos o resultado final... aguenta-se... porque como é óbvio não vamos ficar com um risco ao calhas.” (Usuário 9)

“Além de ser uma dor suportável... é uma dor de resultado positivo... ou seja, não dói à toa! É uma dor para conseguir alcançar determinado objectivo. É como uma maratona... com certeza que já tudo dói, o cansaço é muito... mas a meta vale a pena!” (Usuário 25)

“Olha dói-me sempre e acredita que não gosto da dor mas quando acabo de fazer uma *tattoo* esqueço-me completamente o que passei nas duas horas anteriores.” (Usuário 21)

“Eu sou sensível à dor e queixo-me sempre com tudo, mas como gosto mesmo, penso que no final valerá a pena.” (Usuário 38)

“Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar.”<sup>58</sup>

Palavras do escritor, poeta e prosador Carlos Drummond de Andrade, que dão sentido à diversidade de núcleos de significado provenientes da análise detalhada dos discursos dos usuários. Nesta linha de pensamento, apresentamos uma categoria central diferente das já apresentadas e seguramente distinta das que se seguem. Referimo-nos à categoria **‘De forma positiva’** (n=8; 12 ref.) justificada pelos sujeitos que ficaram **‘Com vontade de repetir’** (n=2; 3 ref.) a experiência e, validada por aqueles que caracterizam a dor como **‘Dor gratificante’** (n=6; 9 ref.). São estas as duas categorias hierarquizadas que compõem o núcleo de significado em exposição, ilustrado pelos seguintes trechos:

“No exemplo das tatuagens, quando faço alguma e passo por todo esse processo de sofrimento, sinto coisas que são tudo menos habituais e que no momento se tornam em parte desagradáveis, existe o lado positivo que não sei muito bem explicar mas que é um facto: algum tempo depois de fazer uma tatuagem dolorosa, sinto uma enorme vontade de passar pela mesma situação outra vez, como que um vício, é algo que me permite entrar noutra estado de espírito que até me agrada”. (Usuário 7)

“Tive dias em que estava mortinho para a sentir, outros que nem por isso. É uma dor própria... dor essa que só sentes ali. Dor é uma palavra que até dá algum receio... mas é algo único quando se sente.” (Usuário 33)

“Gosto da dor que sinto... é suportável e às vezes agradável (...) faz-nos sentir vivos (...) torna-se agradável pois a dor significa que está a ser feito ou foi feito aquilo que queríamos.” (Usuário 14)

<sup>58</sup> Silva, P. N. (2009). Dicionário de Citações. Lisboa: Editora Âncora.

“Com prazer sem dúvida embora com o tempo esse prazer se vá desvanecendo um pouco (...) já experienciei quando a dor se torna insuportável num sítio, quando mudas de local correspondendo à mesma secção como é óbvio, torna-se gratificante a agulha passar por este.” (Usuário 24)

“Então no que diz respeito à dor sei lá, eu até gosto depende, às vezes sinto mesmo vontade de me ir tatuar para deitar tudo cá para fora.” (Usuário 26)

“Vivi como isso mesmo, e não posso fazer uma MC sem dor, e já me consciencializei disso, e acho que se não houvesse dor, toda a gente tinha o corpo quase todo tatuado, a parte da dor é que dá ‘piada’ ao acto.” (Usuário 28)

A opinião exactamente contrária, fez-se valer na categoria central **‘De forma negativa’** (n=7; 8 ref.) que aglomera no seu núcleo de significado as categorias hierarquizadas **‘A duração agrava e a dor’** (n=2; 2 ref.) e **‘Com desagrado’** (n=5; 6 ref.), percebidas nas unidades discursivas transcritas:

“Sempre com calma e esforço. A dor momentânea não custa, mas essa mesma dor durante horas é desgastante.” (Usuário 20),

“(...) Com o passar das horas por vezes vai-se tornando num pequeno massacre.” (Usuário 24)

“Olha dói-me sempre e acredita que não gosto da dor.” (Usuário 21)

“O alargador doeu um bocado porque quando alarguei de 9mm para 14mm fiz sozinha em casa, então doeu.” (Usuário 32)

Em concreto, sete sujeitos afirmaram que sendo a dor uma inerência das MC, ela é:

“É suportável.” (Usuário 14)

“Dor suportável.” (Usuário 25)

“É uma dor muito suportável.” (Usuário 32)

“No geral é bastante suportável.” (Usuário 35)

“Suportei bem.” (Usuário 17)

“Tenho a sorte de suportar muito bem a ‘dor’ que sinto.” (Usuário 30)

“Geralmente suporta-se bem.” (Usuário 23)

As unidades de discurso supracitadas dão voz ao núcleo de significado **‘É suportável’** (n=7; 7 Ref).

Numa perspectiva mais conformista, alguns sujeitos vivem a condição da dor **‘Como parte do processo’** (n=5; 6 ref.), núcleo de significado facilmente percebido nas afirmações dos usuários:

“*No pain, no gain.*” (Usuário 9)

“Sendo algo que faz parte do processo das MC, a dor é algo do qual também consigo tirar proveito.” (Usuário 7)

“Essa dor digamos que é diferente pelo facto de que você já está à espera da dor e você pensa que vai doer muito mas acaba por não doer como a gente imagina.” (Usuário 32)

“A dor marcante é o que separa o antes e o após a MC... faz parte (...) a dor significa que está a ser feito ou foi feito aquilo que queríamos.” (Usuário14)

Tal como já foi referido, dos 40 sujeitos entrevistados, apenas quatro ultrapassaram a(s) experiência(s) de MC ‘**Sem dor**’ (n=4; 6 ref.), e são todos eles elementos do grupo dos usuários, como podemos constatar pelas unidades discursivas que dão sentido à presente categoria central:

“A maioria das pessoas dizem que sou doída por ter tatuagens tão grandes e que me deve doer imenso... costume responder que não me dói e acho que tenho sorte nisso.” (Usuário 30)

“A dor varia de pessoa em pessoa, eu não sinto dor nas minhas MC.” (Usuário 34)

“Os meus *piercings* nenhum doeu para colocar (...) a tatuagem a mesma coisa, eu digo que não dói, porque acaba por ser uma dorzinha gostosa.” (Usuário 32)

“Há zonas e zonas, mas as primeiras vezes não sentia sequer, era uma dor suave.” (Usuário 27)

#### 2.2.9.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 9<sup>59</sup>)

Os profissionais devido ao seu trabalho têm uma perspectiva mais alargada sobre esta condição, porque como executantes de MC podem infligir dor nos outros, seus clientes, e aperceber-se das diferentes reacções e níveis de tolerância ao sofrimento físico que estes apresentam. Por outro lado, são também usuários de MC e com frequência “vitrinas ambulantes” do seu trabalho e por isso, sofrem na pele as inerências da MC, tendo também uma forma particular e individual de viver a condição da dor associada a este tipo de práticas. As suas respostas hierarquizadas estão sintetizadas na tabela 13 b).

Assim, a organização da informação recolhida neste domínio junto do grupo dos profissionais de MC, resultou em oito núcleos de significado, que passamos a nomear: ‘Dor vivida com impacto reduzido’ (n=15; 16 ref.); ‘De forma negativa’ (n=14; 15 ref.); ‘Dor como parte do processo’ (n=10; 13 ref.); ‘De forma positiva’ (n=9; 12 ref.); ‘Desvalorização da dor’ (n=8; 9 ref.); ‘Dor ultrapassada pelo resultado final’ (n=7; 9 ref.); ‘Numa tentativa de auto controle’ (n=4; 7 ref.); ‘Desafio’ (n=4; 5 ref.).

<sup>59</sup> Questão 9- “Sendo a dor uma inerência das MC como viveu esta condição?”

Tabela 13 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 9 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“não sinto como dor física insuportável” (10) “2 horas [a tatuar] são completamente suportáveis” (36) “não é uma dor que te mate” (40)	De forma suportável (n=7; 7 ref.)	<b>Dor vivida com impacto reduzido</b> (n=15; 16 ref.)
“a dor não é muita” (3) “a dor é uma coisa mínima” (1)	A dor é mínima (n=4; 5 ref.)	
“aposto que ter um filho deve ser bem pior” (3) “existem dores piores” (29)	Há dores piores (n=4; 4 ref.)	
“ainda tenho algumas zonas para tatuar e penso que a dor seria insuportável” (2) “se chego ao limiar não sei lidar com a dor” (12)	Mal, associado à localização (n=4; 4 ref.)	
“sou muito maria nestas coisas” (4) “sou muito mariquinhas” (8) “até tenho muito baixa tolerância à dor” (15)	Com baixa tolerância à dor (n=3; 3 ref.)	<b>De forma negativa</b> (n=14; 15 ref.)
“odeio dor, de qualquer tipo” (4) “ <i>i hate the pain</i> ” (12)	Com ódio à dor (n=2; 2 ref.)	
“não sou sado maso” (15) “não me agrada” (5)	Com desagrado (n=5; 6 ref.)	
“faz parte e não é uma preocupação” (1) “faz parte do ritual” (39) “[faz parte] do carisma das MC” (31)	Faz parte do processo (n=4; 5 ref.)	<b>Dor como parte do processo</b> (n=10; 13 ref.)
“determinar o quanto realmente queres uma coisa” (15) “conseguir ultrapassar a dor é uma conquista” (12)	Barreira a ultrapassar (n=3; 5 ref.)	
“a dor é só um meio para atingir o nosso objectivo” (16) “ <i>no pain, no gain</i> ” (22)	Como um meio para um fim (n=3; 3 ref.)	
“nas <i>tattoos</i> estou calma, sei o que vou sentir” (10) “tranquilo” (11) “com a maior tranquilidade” (22)	Com calma/ tranquilidade (n=3; 5 ref.)	<b>De forma positiva</b> (n=9; 12 ref.)
“pessoalmente gosto de um pouco de dor” (13) “aprendes só a desfrutá-la antes de temê-la” (9)	Com gosto (n=3; 3 ref.)	
“acaba por ser quase viciante” (11) “é tipo viciante” (3) “admito que me atrai a ideia de sofrer de novo” (12)	Viciante/ com vontade de repetir (n=3; 4 ref.)	
“a dor é mental” (10) “a dor pode ser superada pela mente” (36) “a dor é uma beca psicológica” (3)	A dor como elemento psicológico (n=4; 4 ref.)	<b>Desvalorização da dor</b> (n=8; 9 ref.)
“a vontade supera a dor” (36) “a vontade de ter as minhas marcas é superior à dor” (37)	Vontade supera a dor (n=4; 5 ref.)	
“umas horas de dor, uma vida cheia de estilo” (13) “sei que vai demorar e sei que quero vê-la pronta o mais rápido possível” (10)	Como tempo necessário para obter o resultado final (n=2; 3 ref.)	<b>Dor ultrapassada pelo resultado final</b> (n=7; 9 ref.)
“o que interessa é o resultado final” (16) “o que conta é o trabalho final” (5)	Resultado supera a dor (n=5; 6 ref.)	
“ia ser demorado e não podia ficar com “ais” e “uis”” (10) “aguento sem dizer “ai”, mas fico a roer-me toda...” (4)	Sem manifestações (n=2; 3 ref.)	<b>Numa tentativa de auto controle</b> (n=4; 7 ref.)
“tento só ignorar” (4) “tento não pensar muito nisso” (5)	Tentativa de abstracção (n=2; 4 ref.)	
“adrenalínico” (13) “vivo a dor como adrenalina” (40)	Com adrenalina (n=3; 3 ref.)	<b>Desafio</b> (n=4; 5 ref.)
“gosto de me levar aos limites” (13) “perceber um pouco do que sou realmente capaz” (13)	Meio para testar os limites pessoais (n=1; 2 ref.)	

‘**Dor vivida com impacto reduzido**’ (n=15; 16 ref.) é a categoria que reuniu mais profissionais, resultante da conjugação de três categorias de 2ª ordem e respectivas unidades de análise. A primeira, ‘**De forma suportável**’ (n=7; 7 ref.), reúne várias referências, como:

“Muito sinceramente não sinto como dor física insuportável.” (Profissional 10)

“Por exemplo *tattoos* que tenho que foram sessões de sete horas... passado cinco horas fica complicado mas para *piercings*, micros [microdermais], e suspensão não tem necessidade [de anestesia], como as *tattoos* normais... normais eu digo tipo duas horas são completamente suportáveis.” (Profissional 36)

“Tranquilo, é uma dor suportável, acaba por ser quase viciante, talvez nem tanto a dor, mas todo o processo e o sentimento de orgulho ou alegria com o resultado desse processo.” (Profissional 11)

A segunda, ‘**A dor é mínima**’ (n=4; 5 ref.) reflecte a opinião de quatro dos profissionais da presente amostra:

“Quando damos por nós já nem a temos.” (Profissional 8)

“A dor não é muita.” (Profissional 3)

“A dor é uma coisa mínima.” (Profissional 1)

“Vivo como as outras, tipo não é uma dor que te mate, como queres mesmo marcar aquele momento aguentas na boa como dar sangue ou tomar vacinas.” (Profissional 40)

A terceira e última categoria hierarquizada, ‘**Há dores piores**’ (n=4; 4 ref.), espelha a perspectiva comparativa de alguns sujeitos, como é possível constatar nos seguintes excertos:

“É extremamente suportável... muitas vezes inferior à dor mental que leva a fazer essas MC e quando digo dor, não tem de ser algo mau... se calhar usei a palavra errada, algo forte, a causa que leva a fazer (...) [“sentes a dor de alguém muito querido que partiu, e a dor da tatuagem atenua a dor que sentes e isso faz com que fiques mais feliz contigo próprio, essa pessoa vai ser lembrada por ti, e está sempre contigo...”].” (Profissional 2)

“Encaro como uma terapia entendes, há dores bem piores do que a dor de uma *tattoo* seja ela onde for e enquanto pensar assim não sinto a dor da *tattoo*.” (Profissional 10)

“Há cenas que realmente doem mas aposto que ter um filho deve ser bem pior.” (Profissional 3)

A categoria central ‘**De forma negativa**’ (n=14; 15 ref.) surge no actual grupo, tal como surgiu no grupo dos usuários, só que agora a representar o dobro dos sujeitos e a abranger quatro categorias de 2ª ordem, ‘**Mal, associado à localização**’ (n=4; 4 ref.), ‘**Com baixa tolerância à dor**’ (n=3; 3 ref.), ‘**Com ódio à dor**’ (n=2; 2 ref.) e ‘**Com desagrado**’ (n=5; 6 ref.) respectivamente ilustradas pelas unidades discursivas por nós seleccionadas:

“Ainda tenho algumas zonas para tatuar e penso que a dor seria insuportável... mas acho que

não as vou tatuar, pois também não vejo lógica ou se quer gosto em fazê-lo.” (Profissional 2)

“Os pés enquanto tatuava rogava mil pragas de arrependimento por me estar a sujeitar àquilo.”

(Profissional 4)

“Sou muito mariquinhas se for num sítio mais sensível, parece o fim do mundo.” (Profissional 8)

“Não sou sadomaso aliás hoje em dia até tenho muito baixa tolerância à dor mas se não doer é um desenho e não uma tatuagem.” (Profissional 15)

“Muito mal... odeio dor, de qualquer tipo.” (Profissional 4)

“*I hate the pain* mas admito.” (Profissional 12)

“Claro que não me agrada mas tento não pensar muito nisso.” (Profissional 5)

“Cada vez me dói mais.” (Profissional 12)

Para alguns profissionais a vivência da condição em estudo passa por encarar a **‘Dor como parte do processo’** (n=10; 13 ref.), núcleo de significado, que dá voz a três linhas de pensamento convergentes, ou seja, às três categorias de 2ª ordem que lhe dão sentido. A primeira, **‘Faz parte do processo’** (n=4; 5 ref.) é explícita nas unidades que a constituem:

“Eu não me preocupo com a dor quando realmente quero algo e nem se quer penso no quanto vai doer quando vou fazer uma tatuagem, só penso que quero aquela tatuagem e vou ficar com ela, a dor eu sei que vou sentir, mas quando se quer muito algo... a dor é uma coisa mínima, sim faz parte e não é uma preocupação.” (Profissional 1)

“Aprendes a lidar com ela, faz parte do processo e do carisma das MC.” (Profissional 31)

“Bem, faz parte do ritual, de certa forma é o passar pelo ‘mal’ para atingir algo maior.” (Profissional 39)

A segunda, **‘Barreira a ultrapassar’** (n=3; 5 ref.) é uma perspectiva exposta por três profissionais:

“Há que suportar. Quem corre por gosto não cansa, já diz o ditado.” (Profissional 6)

“Epa... o processo, o final, o complemento de conseguir ultrapassar a dor é uma conquista para mim, sinto-me superior a mim mesmo *tattoo a tattoo* e cada vez me dói mais (...) faz-me respeitar a dor e saber que vou ter de a aguentar!” (Profissional 12)

“É uma condição para determinar o quanto realmente queres uma coisa se não qualquer pessoa tinha uma *tattoo*... e acabava por se tornar ainda mais *mainstream* do que o que está agora.” (Profissional 15)

Por fim, a categoria de 2ª ordem que faz referência à vivência da dor **‘Como um meio para um fim’** (n=3; 3 ref.) convergindo no sentido das anteriores categorias hierarquizadas, encerra este núcleo de significado com as seguintes referências:

“A dor é só um meio para atingir o nosso objectivo.” (Profissional 16)

“Como se costuma dizer *no pain, no gain*.” (Profissional 22)

Porém, há quem viva a condição em análise **‘Com calma/ tranquilidade’** (n=3; 5 ref.), **‘Com gosto’** (n=3; 3 ref.) e até como uma experiência **‘Viciante/ com vontade de repetir’** (n=3; 4 ref.). Estas são as três categorias hierarquizadas de 2ª ordem referentes ao núcleo de significado **‘De forma positiva’** (n=9; 12 ref.) abaixo ilustrado pelas diferentes dimensões já mencionadas e respectivas unidades discursivas:

“Se relaxares, te abstráires da dor física ela atenua ou desaparece, depende das pessoas claro (...) nas *tattoos* estou calma, sei o que vou sentir, sei que vai demorar e sei que quero vê-la pronta o mais rápido possível então estou relaxada.” (Profissional 10)

“Eu pessoalmente gosto de um pouco de dor, não sei exprimir isso... gosto de me levar aos limites para perceber um pouco do que sou realmente capaz, talvez seja isso.” (Profissional 13)

“Já tive dores piores, já tive um acidente em que esmaguei o fígado, fizeram-me cenas no hospital que realmente doíam, acho que isso é uma beca relativo (...) a dor não é muita e acredita que passado algum tempo sem seres tatuado sentes falta daquela dor é tipo viciante (...) que sentes falta sentes até a minha mãe já fala disso”. (Profissional 3)

Segundo os representantes da nossa amostra, há dois formatos para a **‘Desvalorização da dor’** (n=8; 9 ref.) núcleo de significado: encarando **‘A dor como elemento basicamente psicológico’** (n=4; 4 ref.) o que se pode confirmar nos exemplos que integram a presente categoria de 2ª ordem -

“Fui reagindo como se de uma terapia se tratasse e a dor é mental.” (Profissional 10)

“A dor é muito psicológica mas claro não me agrada mas tento não pensar muito nisso.” (Profissional 5)

- ou, porque a **‘Vontade supera a dor’** (n=4; 5 ref.) reduzindo deste modo a importância do sofrimento físico, categoria de 2ª ordem patente nos seguintes discursos:

“A vontade supera a dor e a dor pode ser superada pela mente.” (Profissional 36)

“Esta condição [a dor] faz-me pensar duas vezes mas como a vontade de ter as minhas marcas é superior à dor, esta acaba por passar para algo secundário.” (Profissional 37)

Para alguns sujeitos, o produto final justifica todo o sofrimento físico inerente às MC, e deste modo a **‘Dor ultrapassada pelo resultado final’** (n=7; 9 ref.) apresenta-se como um núcleo de significado abrangido pelas categorias hierarquizadas de 2ª ordem, **‘Resultado supera a dor’** (n=5; 6 ref.) e **‘Como tempo necessário para obter o resultado’** (n=2; 3 ref.), ambas ilustradas pelas seguintes unidades discursivas:

“Quando estamos a fazer basta continuar a pensar no resultado final... há quem berre, outros dormem... etc. (...) sou muito mariquinhas (...) no entanto como já sei que o resultado vai ser bom não desisto.” (Profissional 8)

“Quando queremos muito algo não pensamos na dor e sim no resultado.” (Profissional 36)

“Eu costumo dizer uma coisa na brincadeira aos meus clientes... ‘umas horas de dor, uma vida cheia de estilo’”. (Profissional 13)

“As tatuagens faço depois de muita pesquisa, uma decisão tomada e sei exactamente o que quero e como tem de ficar, então sou bem paciente na hora de executar. Estive oito horas a ser tatuada na LTC por um artista que adoro e com quem tive o prazer de ser tatuada, sabia que ia ser demorado.” (Profissional 10)

Há quem tente ultrapassar as sessões de MC sem deixar transparecer aos outros a real dimensão do seu impacto físico, esforçando-se por viver esta condição **‘Sem manifestações’** (n=2; 3 ref.). É uma postura particular, adoptada neste caso por poucos sujeitos:

“Sabia que ia ser demorado e não podia ficar com ‘ais’ e ‘uis’, ele estava super preocupado se me estava a doer, se aguentava e tal porque os homens que ele tatua durante tanto tempo queixam-se muito, não disse um ‘ai!’” (Profissional 10)

“Eu aguento sem dizer ‘ai’, mas fico a roer-me toda por dentro (...) para quem vê de fora eu pareço tolerar bem, mas por dentro... tento controlar ao máximo porque supostamente estou ali porque quero, não têm nada que aturar as minhas fitas!” (Profissional 4)

Também há quem tente não pensar muito no assunto, num esforço para ignorar a dor, conversando com o profissional de MC ou concentrando-se noutra elemento qualquer, numa **‘Tentativa de abstracção’** (n=2; 4 ref.) do sofrimento físico inerente, práticas transmitidas nos excertos abaixo apresentados:

“Tento só ignorar. Meto conversa com o tatuador ou tento distrair-me com qualquer coisa.” (Profissional 4)

“Tento não pensar muito nisso (...) é concentrar a minha mente noutra tipo de coisas, tipo a música acalma-me muito.” (Profissional 5)

O par de categorias de 2ª ordem supracitado, **‘Sem manifestações’** e **‘Tentativa de abstracção’**, são componentes do núcleo de significado **‘Numa tentativa de auto controle’** (n=4; 7 ref.).

Por fim, alguns sujeitos interpretaram a presença **‘obrigatória’** de dor nas experiências de MC como um **‘Desafio’** (n=4; 5 ref.), categoria de 1ª ordem que incorpora as categorias hierarquizadas de 2ª ordem **‘Com adrenalina’** (n=3; 3 ref.) e **‘Meio para testar os limites pessoais’** (n=1; 2 ref.), patentes nos discursos dos profissionais:

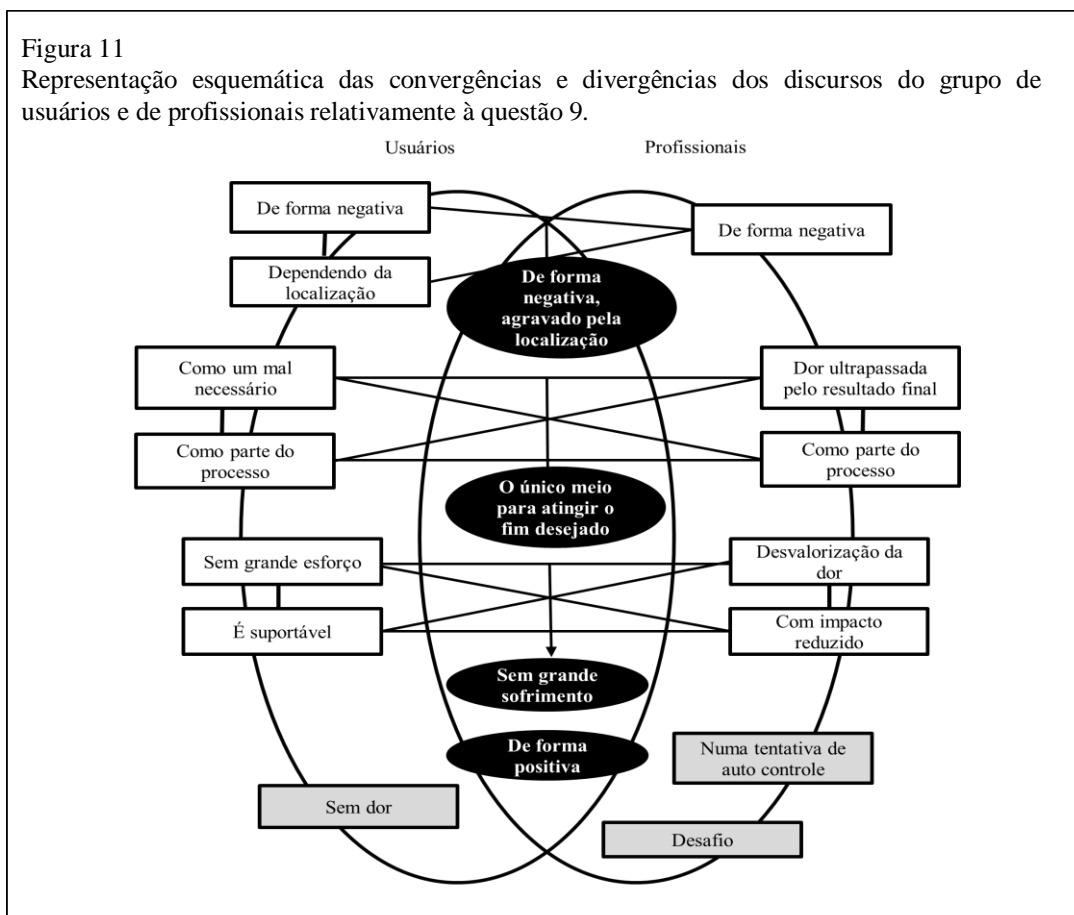
“Vivo a dor como adrenalina.” (Profissional 40)

“Quando faço um *piercing* sinto uma adrenalina tal da picada, que sei que vou sentir que até passo mal.” (Profissional 10)

“Eu pessoalmente gosto de um pouco de dor, não sei exprimir isso... gosto de me levar aos limites para perceber um pouco do que sou realmente capaz, talvez seja isso, não sei, quando andava bastantes vezes à pancada também gostava de levar umas boas sardas é adrenalínico.” (Profissional 13).

Concluída a exposição dos vários núcleos de significado emergentes das entrevistas realizadas com usuários e profissionais, e das categorias de 2ª ordem que resultaram do refinamento da rede de relações entre eles, compete-nos agora salientar alguns pontos de convergência e de divergência encontrados entre os grupos, graficamente sistematizados na figura 11.

Profissionais e usuários concordam que a zona do corpo que é sujeita à MC é um factor de influência na vivência da dor no que respeita à sua intensidade. Compreendem que a dor faz parte do processo, não é questionável e também não é prescindível, assumindo-a como algo que é necessário viver para se chegar ao resultado pretendido, ‘como um mal necessário’.



Em ambos os grupos encontrámos sujeitos que encaram a condição da dor de forma positiva, com calma e tranquilidade, outros até com gosto e com vontade de repetir mas também foram encontrados sujeitos em ambos os grupos, a caracterizar esta experiência de forma negativa, com desagrado e com baixa tolerância à dor.

Enquanto os usuários referiram ter encarado a dor ‘sem grande esforço’ e como algo ‘suportável’, os profissionais por sua vez, fizeram referência à ‘dor vivida com impacto reduzido’, expressando por diferentes palavras uma vivência relativamente tranquila da dor inerente aos processos de MC.

O principal ponto de divergência já foi notificado anteriormente. Referimo-nos ao facto de entre 40 participantes apenas quatro terem partilhado que a sua experiência pessoal de MC não envolveu dor, sendo todos eles elementos do grupo dos usuários.

Outros pontos relevantes, talvez não divergentes mas exclusivos ao grupo dos profissionais, dizem respeito à relevância dada à dimensão psicológica e à vontade para a superação da dor, a interpretação da MC como uma experiência de desafio e de teste aos limites pessoais e por fim, a preocupação em não deixar transparecer sinais que evidenciassem o sofrimento físico experienciado durante as MC.

### **2.2.10. Questão 10- “A noção de MC pressupõe a realização de mudanças no seu corpo... como define ou caracteriza a forma como viveu estas mudanças?”**

#### **2.2.10.1. Análise das respostas dos Usuários**

No momento em que nos cruzámos com as palavras de Raul Seixas, cantor e compositor brasileiro, quando menciona “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”, associámo-las ao caminho de exploração e caracterização das vivências absolutamente subjectivas, das mudanças provocadas no corpo e das metamorfoses pessoais que daí resultaram. As respostas dos usuários que espelham a reflexão sobre as metamorfoses pessoais inerentes às MC encontram-se na tabela 14 a).

A noção de mudanças no corpo, na presente amostra, significa alterações mais permanentes do que transitórias e a acontecer em maior escala do que apontamentos

singulares espalhados pelo corpo. Referimo-nos aos casos de MC com fácil impacto visual para terceiros devido à sua dimensão ou grau de estranheza.

A caracterização e definição da vivência pessoal das mudanças provocadas no corpo pela realização voluntária de MC, junto do grupo de usuário, deu origem a cinco categorias centrais: ‘De forma positiva’ (n=15 sujeitos; 15 referências); ‘Incremento pessoal’ (n=11; 14 ref.); ‘Sem grande impacto’ (n=6; 7 ref.); ‘Como sendo parte do próprio sujeito’ (n=5; 6 ref.) e ‘Expressão/ Registo pessoal’ (n=4; 7 ref.), que se configuram nos principais núcleos de significado que dão voz à sua experiência subjectiva.

Na generalidade, as mudanças no corpo foram vividas **‘De forma positiva’** (n=15; 15 ref.), fenómeno que facilmente transparece nos discursos distribuídos pelas quatro categorias hierarquizadas que dão sentido ao núcleo de significado supracitado. A primeira, **‘Com prazer/ orgulho’** (n=4; 4 ref.) reflecte-se nas suas palavras:

“Estas mudanças foram muito desejadas e feitas com prazer! Vivi e vivo diariamente consciente que as tenho e tenho muito orgulho delas!” (Usuário 30)

“Eu adoro fazer *tattoos* e quando acabo de as fazer gosto de olhar para elas e ver o resultado fico sempre satisfeito com ‘mais uma’ (...) Fui vendo as minhas *tattoos* como troféus, sonhos realizados.” (Usuário 21).

A segunda categoria hierarquizada, **‘Com satisfação’** (n=4; 4 ref.) é uma definição partilhada nos seguintes excertos:

“No meu caso... eu penso muito e pondero os locais onde as vou fazer ou o tipo de desenho a fazer... daí ter-se a certeza do que se quer! Aconselho vivamente! Para depois sentirmo-nos bem com essas modificações.” (Usuário 25)

“Vivi positivamente porque adoro ver-me com *tattoos*.” (Usuário 9)

“Gosto do acto porque é sempre uma experiência nova... fico ansiosa com a dor se vai doer ou não mas acabo por sair sempre satisfeita.” (Usuário 32)

A terceira categoria remete-nos para a repetição da experiência **‘Com vontade de fazer mais’** (n=2; 2 ref.), um desejo comum a dois indivíduos:

“Nunca tive medo de me arrepender de alguma *tattoo* pois não me arrependo só penso em fazer mais.” (Usuário 21)

“Às vezes de choque, creio que contudo é preciso ter um pouco de consciência no que nos estamos a ‘tornar’, senti vontade de fazer mais (...) Vejo-me todo sarapintado e adoro.” (Usuário 33)

Tabela 14 a):

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 10 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“vivi positivamente” (9) “sempre bem” (24) “eu adoro fazer <i>tattoos</i> ” (21)	Positivamente, sem especificação (n=5; 5 ref.)	<b>De forma positiva</b> (n=15; 15 ref.)
“feitas com prazer” (30) “prazer” (20) “tenho muito orgulho delas” (30)	Com prazer/ orgulho (n=4; 4 ref.)	
“adoro ver-me com <i>tattoos</i> ” (9) “acabo por sair sempre satisfeita” (32)	Com satisfação (n=4; 4 ref.)	
“só penso em fazer mais” (21) “senti vontade de fazer mais” (33)	Com vontade de fazer mais (n=2; 2 ref.)	
“gosto mais do meu corpo” (9) “mais confiante” (18)	(como) uma Melhoria (n=3; 4 ref.)	
“uma evolução pessoal” (34) “senti-me uma pessoa nova” (18) “realização pessoal” (14) “é mais um sentimento de “missão cumprida”” (17)	(como) uma Evolução (n=3; 3 ref.) (como) Realização pessoal (n=5; 7 ref.)	
“tal como as mulheres pintarem o cabelo da cor que não é a delas ... ou um homem rapar os pelos” (14) “duma forma muito simples” (23)	Experiência vulgar (n=2; 2 ref.)	
“natural” (23) “foi igual a passar de um corpo sem pelos para um corpo com pelos” (26)	Experiência natural (n=2; 3 ref.)	<b>Sem grande impacto</b> (n=6; 7 ref.)
“agora acho que já me passa ao lado, pois às vezes é que me lembro... que tenho ali uma tatuagem” (28) “com o tempo posso afirmar que já não olho para elas ou, mesmo por vezes, me esqueça que as possuo” (24) “não vejo como modificações mas sim, como parte de quem sou” (27)	Actualmente, com menor importância (n=2; 2 ref.)	<b>Como sendo parte do próprio sujeito</b> (n=5; 6 ref.)
“aprendemos a viver com aquilo sendo uma parte de nós, como se tivesse nascido comigo” (28)	Como sendo parte do próprio sujeito (n=5; 6 ref.)	
“faz parte (...) dos gostos de cada um” (14) “penso que é um gosto pessoal” (38) “tal como pessoas gostam de roupas com brilhantes, eu gosto de “pintar” o meu corpo” (38)	(como) Expressão dum gosto pessoal (n=2; 3 ref.)	<b>Expressão/ Registo pessoal</b> (n=4; 7 ref.)
“são como uma “lembrança”” (7) “fazer um livro de assinaturas” (33)	(como) Registo de memórias (n=2; 4 ref.)	

Para fechar o actual núcleo de significado, surge a categoria de 2ª ordem mais generalista **‘Positivamente, sem especificação’** (n=5; 5 ref.), abaixo ilustrada por unidades de discurso por nós seleccionadas:

“Com esforço e mentalização de mais arte no meu corpo, com gosto e prazer. Refiro-me às tatuagens neste caso. Os *piercings* eu vejo-os como ‘brindes’ para quem gosta.” (Usuário 20)

“Sempre bem, ou seja as MC de certo modo são feitas com o intuito de mostrar aos outros mas sempre levei numa forma mais egoísta, mais virada para mim.” (Usuário 24)

Alguns sujeitos perspectivaram as suas MC **‘(como) uma Melhoria’** (n=3; 4 ref.), enquanto categoria de 2ª ordem, é um ponto de vista comum a três usuários:

“Sinto-me melhor comigo mesma, gosto mais do meu corpo!” (Usuário 9)

“Foi um processo que demorou algum tempo... estive 14 anos sem fazer uma tatuagem... e digo-te gosto muito mais de mim agora... é algo que não consigo expressar por palavras... sinto-o... já não consigo imaginar-me sem a minha arte no meu corpo.” (Usuário 30)

“Como já disse, a cada modificação sinto-me uma pessoa nova, mais confiante e diferente do resto do ‘rebanho’.” (Usuário18).

Outros, entenderam as metamorfoses pessoais resultantes do processo de MC **‘(como) uma Evolução’** (n=3; 3 ref.), o que se constata nas seguintes afirmações:

“É uma metamorfose, ou seja uma evolução.” (Usuário 19)

“Uma evolução pessoal.” (Usuário 34)

Contudo, maior número de sujeitos olhou para as mudanças no seu corpo **‘(como) Realização pessoal’** (n=5; 7 ref.), uma compreensão particular das mudanças ocorridas, explicada nos excertos transcritos:

“Aos pouco tornar-me naquilo que gosto e sempre quis, em parte realização pessoal.” (Usuário 14)

“Eu acho que já vivi todas porque tenho na minha cabeça a imagem do meu corpo tatuado com o que quero e onde quero, o processo de tatuar e ver-me ao espelho depois é mais um sentimento de ‘missão cumprida’ é assim que vejo cada *tattoo* nova, penso sempre, mais um pequeno passo!” (Usuário 17),

“Eu sempre gostei de mudar, continuo a fazê-lo, por vezes faz bem mudar, eu gosto do processo de criação, imaginar e criar.” (Usuário 35)

As três categorias hierarquizadas, acima descritas, representam as várias posturas que conferem às mudanças no corpo o significado de **‘Incremento pessoal’** (n=11; 14 ref.), que na presente rede de relações se configura como a segunda categoria central com maior força e representatividade.

Porém, atribuir uma forte relevância ou uma elevada carga emocional e pessoal a este tipo de experiências não é um fenómeno consensual. Alguns participantes referiram ter passado por estas mudanças **‘Sem grande impacto’** (n=6; 7 ref.), núcleo de significado que engloba três categorias fruto da hierarquização **‘Experiência vulgar’** (n=2; 2 ref.), **‘Experiência natural’** (n=2; 3 ref.), **‘Actualmente, com menor importância’** (n=2; 2 ref.) e respectivas unidades de análise, abaixo ilustradas pelos testemunhos dos participantes:

“Tal como as mulheres pintarem o cabelo da cor que não é a delas... ou pintar as unhas... ou um homem rapar os pêlos.” (Usuário 14)

“Duma forma muito simples e natural (...) Não tenho uma opinião muito aprofundada (...) eu acho que as tatuagens são uma coisa super simples, tal como usar um determinado estilo de roupa ou corte de cabelo, as pessoas acabam por ter é uma ligação diferente.” (Usuário 23)

“Foi igual a passar de um corpo sem pêlos para um corpo com pêlos acabou por ser natural, não conheço outra realidade.” (Usuário 26)

“Agora acho que já me passa ao lado, pois às vezes é que me lembro, por mais estúpido que pareça, que tenho ali uma tatuagem.” (Usuário 28)

“Com o tempo posso afirmar que já não olho para elas ou, mesmo por vezes, me esqueça que as possuo.” (Usuário 24)

Progredindo na análise da hierarquização produzida, surge a categoria de 1ª ordem **‘Como sendo parte do próprio sujeito’** (n=5; 6 ref.) que traduz o modo como alguns indivíduos incorporaram ou “entranharam” as mudanças que provocaram no seu corpo, compreendendo-as como parte integrante do mesmo e de quem são, ou seja, como se estas sempre lhes tivessem pertencido ou lhes fizessem falta. Pontos de vista convergentes e expostos nos discursos dos usuários que passamos a transcrever:

“São todas elas parte de mim.” (Usuário 7)

“Não vejo como modificações mas sim, como parte de quem sou.” (Usuário 27)

“Como se diz, primeiro estranha-se depois entranha-se, e foi mesmo isto, porque no início foi estranho ter algo tatuado, por exemplo, andava toda entusiasmada mostrava aos meus amigos, agora acho que já me passa ao lado (...) aprendemos a viver com aquilo sendo uma parte de nós, como se tivesse nascido comigo.” (Usuário 28)

“Bem, confesso que primeiro estranha-se... mas depois entranha-se.” (Usuário 25)

As mudanças no corpo foram vividas por alguns sujeitos como uma **‘Expressão/Registo pessoal’** (n=4; 7 ref.) na pele. Concluimos assim a análise dos discursos dos usuários com esta categoria central composta por duas categorias de 2ª ordem, que espelham as duas dimensões que a sua designação abrange, a vivência das mudanças **‘(como) Expressão dum gosto pessoal’** (n=2; 3 ref.) e **‘(como) Registo de memórias’** (n=2; 4 ref.), ambas visíveis nas unidades discursivas abaixo assinaladas:

“São tudo alterações contrárias ao que a vida imbuete ao ser humano, são alterações já vindas de centenas de anos atrás, que em certos sítios faz parte da cultura, e em países democráticos faz parte da liberdade e dos gostos de cada um.” (Usuário 14)

“Penso que é um gosto pessoal, tal como pessoas gostam de roupas com brilhantes, eu gosto de ‘pintar’ o meu corpo.” (Usuário 38)

“São como uma ‘lembrança’ ou uma memória física de alguma fase.” (Usuário 7)

“Desde querer memórias sérias a *tattoos* divertidas... a querer o máximo de tudo de todos os tatuadores e fazer um livro de assinaturas.” (Usuário 33)

2.2.10.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 10<sup>60</sup>)

Do processo intuitivo de codificação para aceder às categorias de 1ª ordem, derivaram quatro núcleos de significado: ‘De forma gratificante’ (n=11; 14 ref.); ‘Processo de desenvolvimento’ (n=10; 20 ref.); ‘De forma banalizada’ (n=8; 9 ref.) e ‘Como um compromisso contínuo’ (n=5; 9 ref.), congregados na tabela 14 b).

‘**De forma gratificante**’ (n=11; 14 ref.) surge como a categoria central com maior força e representatividade dentro do grupo dos profissionais, logo seguida pelo núcleo de significado ‘**Processo de desenvolvimento pessoal**’ (n=10; 20 ref.) também ele bastante sólido e forte. Do refinamento da rede de relações de cada uma das categorias de 1ª ordem citadas, resultaram respectivamente três e quatro categorias hierarquizadas. Assim, ‘**De forma gratificante**’ engloba as categorias de 2ª ordem ‘**Gosto pelo corpo modificado**’ (n=5; 6 ref.), ‘**Sentimentos/emoções variadas/felicidade**’ (n=3; 4 ref.) e ‘**Gratificação pessoal**’ (n=4; 4 ref.), com as vozes dos profissionais a fazerem-se “ouvir” nos seguintes excertos:

“Gosto mais! Adoro todas as minhas *tattoos* e gosto de como me ficam.” (Profissional 10)

“Gosto de me ver assim modificada.” (Profissional 8)

“Vivo-as com prazer e orgulho.” (Profissional 31)

“Acho que são coisas que para além de me deixarem realizada, poderão de alguma forma melhorar aquilo que já sou.” (Profissional 4)

Por sua vez, o conceito de ‘**Processo de desenvolvimento pessoal**’ (n=10; 20 ref.) traduz-se no modo como muitos sujeitos caracterizaram a forma como viveram as mudanças no seu corpo, e enquanto núcleo de significado incorpora em si as categorias hierarquizadas ‘**Mudança pessoal**’ (n=3; 7 ref.) e ‘**Melhoria pessoal**’ (n=3; 5 ref.) relatadas nos seguintes exemplos –

“Alterou-me como pessoa, vivo uma modificação como uma mudança de estágio mental da minha vida... epa... sinto que consigo ultrapassar certos bloqueios pessoais mentais, durante o processo de tatuagem a dor leva-me a pensar em tudo para me abstrair, e encontras o que procuras.” (Profissional 12)

“Fui-me formando (...) fui criando um caminho que até me levou depois a nível profissional a algo que tinha a ver com o mesmo, toda eu (...) foi uma definição de pessoa.” (Profissional 1)

<sup>60</sup> Questão 10- “A noção de MC pressupõe a realização de mudanças no seu corpo... como define ou caracteriza a forma como viveu estas mudanças?”

“Acho que fui-me modificando enquanto ser também não só exteriormente, fui-me tornando cada vez mais experiente, definindo melhor os meus gostos, se calhar até pela tal terapia da dor a aguentar outro tipo de dor não tão física fortaleceu-me de algum modo.” (Profissional 10)  
 “*Updates.*” (Profissional 3)

Tabela 14 b):

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 10 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem	
“gosto de como me ficam” (10)	Gosto pelo corpo modificado (n=5; 6 ref.)	<b>De forma gratificante</b> (n=11; 14 ref.)	
“gosto de me ver assim modificada” (8)			
“só estou a embelezar mais o meu corpo” (16)			
“um conjunto de sentimentos ao ver a MC pela primeira vez” (2)	Sentimentos /emoções variadas/felicidade (n=3; 4 ref.)		
“fazem-me sentir feliz” (37)			
“vivo e vivi essas mudanças com felicidade” (39)			
“orgulho” (31)	Gratificação pessoal (n=4; 4 ref.)		
“vivo-as com prazer” (31)			
“para além de me deixarem realizada” (4)			
“fui-me modificando enquanto ser também” (10)	Mudança pessoal (n=3; 7 ref.)		<b>Processo de desenvolvimento pessoal</b> (n=10; 20 ref.)
“fui-me formando” (1)			
“vivo uma modificação como uma mudança de estágio mental da minha vida” (12)			
“fortaleceu-me de algum modo” (10)	Melhoria pessoal (n=3; 5 ref.)		
“tudo o que se faz é com intenção de melhorar” (4)			
“moldar o meu corpo à minha imagem” (6)			
“uma metamorfose normal, só que da forma como eu quero, do meu jeito” (36)	Reinvenção pessoal (n=3; 5 ref.)		
“fui criando uma imagem” (1)			
“fui-me encontrando” (1)			
“toda eu foi uma descoberta” (1)	Descoberta pessoal (n=1; 3 ref.)		
“com naturalidade” (11)			
“foi natural” (15)			
“de uma forma super natural” (22)	Com naturalidade (n=5; 5 ref.)	<b>De forma banalizada</b> (n=8; 9 ref.)	
“normal” (29)			
“sem muito pensamento” (13)			
“não vejo as modificações como modificações realmente, fazem parte integrante do meu corpo agora” (11)	Experiência vulgar (n=2; 2 ref.)		
“não são o meu corpo e as minhas <i>tattoos</i> , mas sim um todo” (11)			
“desde a primeira, que eu tive a certeza que me ia tatuar todo” (15)			
“estou sempre a pensar fazer mais” (8)	Como parte integrante do corpo (n=1; 2 ref.)		<b>Como um compromisso contínuo</b> (n=5; 9 ref.)
“acabas por ter algo maior do que inicialmente querias” (2)			
“é algo que tenho de aceitar para o resto da minha vida” (22)			
“tendo a certeza que as levarei sempre comigo” (37)	Com vontade de continuar (n=3; 6 ref.)		
	Experiência irreversível (n=2; 3 ref.)		

- bem como as categorias de 2ª ordem, ‘**Reinvenção pessoal**’ (n=3; 5 ref.) e ‘**Descoberta pessoal**’ (n=1; 3 ref.) ilustradas pelas referências transcritas:

“Elas foram acontecendo e eu, fui-me encontrando, e fui-me formando e fui percebendo aquilo que eu era e que eu gostava de ser, é porque é algo que vem de dentro, tem a ver um bocado com a tua maneira de ser e pensar e... fui-me encontrando porque fui criando uma imagem, fui criando um estilo (...) toda eu foi uma descoberta.” (Profissional 1)

“É algo que me agrada, moldar o meu corpo à minha imagem. Sentir que tenho esse poder sobre mim.” (Profissional 6)

“A vida muda constantemente, o corpo também desde que nascemos... uma metamorfose normal, só que da forma como eu quero, do meu jeito.” (Profissional 36)

Porém, nem todos os usuários sentiram nas mudanças no corpo e, eventuais metamorfoses pessoais consequentes, um impacto tão forte ou significativo como evidenciaram as referências anteriormente descritas, e definiram a vivência desta experiência particular, como uma **‘Experiência vulgar’** (n=2; 2 ref.), sentida **‘Com naturalidade’** (n=5; 5 ref.) ou vivida **‘Como parte integrante do corpo’** (n=1; 2 ref.). As três categorias hierarquizadas referidas agora, fundamentam o núcleo de significado **‘De forma banalizada’** (n=8; 9 ref.), uma realidade assim caracterizada por alguns usuários e explícita nos trechos abaixo transcritos:

“Normal.” (Profissional 29)

“É uma coisa muito natural... como a sede. Estou a brincar mas é mesmo assim... natural sem muito pensamento.” (Profissional 13)

“Foi natural tipo... ganhando cor, tendo furos, sim fiquei mais gordo também ah ah ah mas a isso chama-se envelhecer, é assim desde a primeira que eu tive a certeza que me ia tatuar todo, já estava muito enraizado no *hardcore* para voltar atrás, tipo todos os ‘ídolos’ que eu tinha estavam fortemente tatuados.” (Profissional 15)

“Com naturalidade, não vejo as modificações como modificações realmente, fazem parte integrante do meu corpo agora, não são o meu corpo e as minhas *tattoos*, mas sim um todo.” (Profissional 11)

Por fim, alguns profissionais assumiram as mudanças que provocaram no seu corpo **‘Como um compromisso contínuo’** (n=5; 9 ref.), núcleo de significado que se desdobra em duas categorias de 2ª ordem que lhe dão sentido. A primeira, **‘Com vontade de continuar’** (n=3; 6 ref.) está patente nos testemunhos dos sujeitos –

“No meu caso já ia quase determinado antes de fazer a primeira *tattoo*, depois de transpor a dita barreira da dor que eu não sabia se o iria conseguir fazer na altura, depois de a transpor tive a certeza que iria ser todo rabiscado.” (Profissional 15)

“Cada vez que vejo um desenho que gosto, quero tatuá-lo! É o meu dia a dia, estou sempre a pensar fazer mais, já que não vivemos para sempre. Eu quando faço uma nem me dá vontade de fazer mais já que sou mariquinhas... mas há com cada peça de arte que vejo que só me

apetece tê-la... fico a pensar que não vivo para sempre e quero agarrar o máximo possível antes de ir.” (Profissional 8)

“Acabas por ter algo maior do que inicialmente querias... tipo, actualmente digo que tenho o braço tatuado... mas na verdade é o conjunto de sete tatuagens... só do braço direito... e vi isso crescer ao longo dos tempos (...) é a construção da tua obra prima! Cada vez tem mais sentido, e sempre achas que ficas melhor e mais bonito!” (Profissional 2)

- e a segunda, **‘Experiência irreversível’** (n=2; 3 ref.), é uma definição partilhada por dois profissionais:

“É algo que tenho de aceitar para o resto da minha vida.” (Profissional 22)

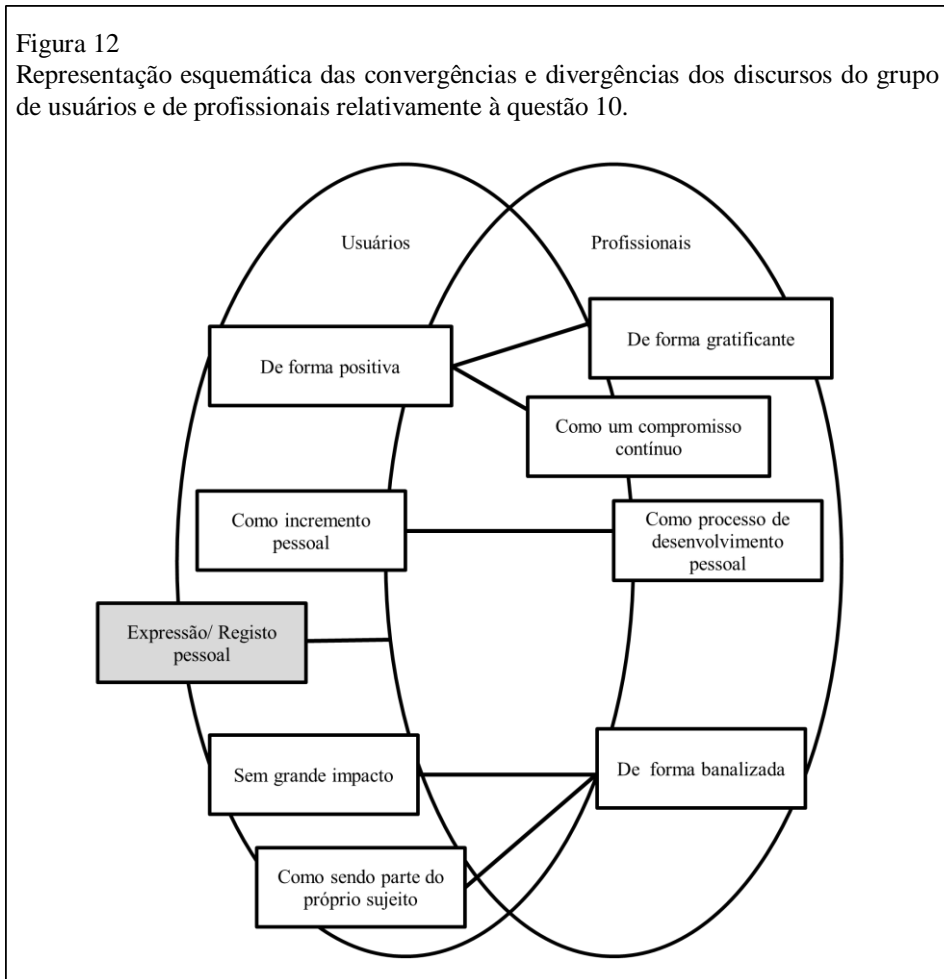
“Fiz por opção e porque me faz sentir feliz trazendo comigo lembranças de algo ou alguém que quero que permaneça em mim mais do que apenas por pensamento, tendo a certeza que as levarei sempre comigo.” (Profissional 37)

Finalizada a exposição das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, bem como das respectivas unidades discursivas que as ilustram tanto para o grupo dos usuários como para o grupo dos profissionais, passamos a salientar alguns pontos comuns e outros de diferenciação, encontrados nos discursos dos dois grupos entrevistados.

O desafio colocado aos participantes através da presente questão consistia na definição ou caracterização da forma como viveram as mudanças no corpo partindo da noção de MC. Em ambos os grupos destacam-se as categorias que expõem estas mudanças com um carácter benéfico, para os usuários vividas ‘De forma positiva’ e para os profissionais experienciadas ‘De forma gratificante’, encontrando-se quando referem sentimentos e emoções variadas, especificadas para os primeiros como prazer, orgulho e satisfação e, para os segundos como felicidade e gratificação pessoal. Mantendo a mesma linha de definição positiva das mudanças, as respostas dos usuários originaram a categoria hierarquizada ‘Com vontade de fazer mais’, que vai ao encontro da também categoria de 2ª ordem ‘Com vontade de continuar’ acedida no grupo dos profissionais, enquanto categoria hierarquizada do núcleo de significado ‘Como um compromisso contínuo’.

Figura 12

Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 10.



Tal como já foi referido, o fenómeno de incorporação das mudanças como sendo suas e como parte da sua identidade, ocorre igualmente nos dois grupos, com maior visibilidade para o grupo dos usuários a surgir como núcleo de significado ‘Como sendo parte do próprio sujeito’ e, como categoria hierarquizada no grupo dos profissionais ‘Como parte integrante do corpo’.

Porém, o impacto pessoal e emocional das metamorfoses derivadas das MC não foi uma experiência exuberante para todos, outro ponto de concordância entre os grupos. Alguns profissionais referem ter vivido estas experiências ‘De forma banalizada’ e alguns usuários ‘Sem grande impacto’, encontrando-se nas definições de experiência vulgar e vivida com naturalidade.

Afastam-se ligeiramente na medida em que os profissionais enquadram as mudanças ocorridas no ‘Processo de desenvolvimento pessoal’ definindo-as para além de alterações físicas como mudanças pessoais, melhoria, reinvenção e descoberta

peçoal e, os usuários olham para elas mais como um ‘Incremento pessoal’ do que desenvolvimento, justificando-se com as dimensões de melhoria, evolução e realização pessoal, decorrentes da concretização das suas MC.

É relevante salientar que os profissionais apontam o carácter de compromisso contínuo e de irreversibilidade das mudanças efectuadas no seu corpo, que é um factor ausente no grupo dos usuários. É exclusiva ao último grupo mencionado a caracterização do modo como viveram estas mudanças ‘(como) Expressão dum gosto pessoal’ e ‘(como) Registo de memórias’.

Concluimos assim, que as perspectivas quanto às metamorfoses pessoais consequentes à MC não são distintas entre profissionais e usuários, são desiguais na sua descrição mas não são opostas no seu entendimento, apresentando inclusive duas categorias de 1ª ordem e quatro categorias hierarquizadas convergentes entre si.

### **2.2.11. Questão 11- “Como caracteriza o efeito destas mudanças na relação consigo próprio, na forma como se vê?”**

#### 2.2.11.1. Análise das respostas dos Usuários

Se na anterior questão dez, o desafio se centrava no questionamento do formato em que as mudanças no corpo foram vividas pelos sujeitos entrevistados, agora apostamos na recolha das experiências que definem o efeito que essas mudanças tiveram na relação dos sujeitos consigo próprios, e que impacto tiveram na forma como estes se vêem.

A análise detalhada das unidades discursivas obtidas junto do grupo de usuários permitiu aceder a dois núcleos de significado efectivamente fortes: ‘Maior satisfação com a imagem’ (n=17; 19 ref.) e ‘Maior satisfação na relação consigo próprio’ (n=11; 13 ref.) (ver tabela 15 a)).

Ao dar múltiplas respostas à questão que lhes foi colocada, os usuários referiram ter notado ‘**Melhoria a nível físico**’ (n=5; 5 ref.) após a realização das suas MC, como nos é transmitido pelos relatos abaixo transcritos:

“Sempre me sinto mais bonita. (Usuário 32)

“Sinto-me melhor comigo mesma, gosto mais do meu corpo assim!” (Usuário 9)

“Gosto mais assim mas não tinha problemas comigo sem tatuagens.” (Usuário 27)

“Talvez me sinta melhor com o meu corpo, mais ansiosa num bom sentido.” (Usuário 7)

“Utilizei para me sentir melhor comigo mesma, não só psicologicamente mas também fisicamente, porque tenho uma obra de arte no meu corpo única e que tem um significado só meu.” (Usuário 28)

Referiram igualmente, como **‘Já não se imagina(m) sem as MC’** (n=2; 2 ref.) e o **‘Impacto na autoestima’** (n=2; 2 ref.) que estas provocaram, seguindo-se a apresentação de alguns exemplos ilustrativos destas duas dimensões:

“Talvez me sentisse mais despido sem elas.” (Usuário 26)

“Quando me olho ao espelho já não me imagino sem as tatuagens, pelo contrário, imagino-me com mais até. A partir do momento em que as fazemos elas já se tornam parte de nós.” (Usuário18)

“Sinto-me realizado cá dentro... é algo que mexe com a tua auto-estima e ego e que te faz feliz...” (Usuário 21)

“A auto-estima mais elevada.” (Usuário 32)

Outra consequência que as mudanças corporais voluntárias e intencionais tiveram na relação dos sujeitos consigo mesmos, traduziu-se no efeito positivo **‘Gostar do que se vê’** (n=8; 10 ref.), resultado comum a oito usuários:

“Amo ter obras de arte no meu corpo por mais simples que sejam tudo tem o seu valor (...) estamos a acrescentar algo... a cobrir com o que consideramos belo, arte. Como disse, gosto mais do meu corpo assim! Adoro ver a minha pele com cor.” (Usuário 9)

“Gosto de me ver... faço uma coisa que gosto.” (Usuário 21)

“Vejo-me todo sarapintado e adoro.” (Usuário 33)

“Acho que é muito importante que as pessoas se sintam bem com elas mesmo, eu gosto de ver tatuagens na minha pele!” (Usuário 35)

“Sinto-me um vaidoso.” (Usuário 17)

“Vejo-as pelo sentido estético, que me agrada sempre.” (Usuário 7)

“Adoro ver-me assim... acho que fico sensual...” (Usuário 30)

Deste modo fomos expondo as quatro categorias hierarquizadas **‘Melhoria a nível físico’**, **‘Já não se imagina(m) sem as MC’**, **‘Impacto na autoestima’**, **‘Gostar do que se vê’** e respectivas unidades discursivas, que se conjugam para dar voz ao núcleo de significado **‘Maior satisfação com a imagem’** (n=17; 19 ref.).

Essencialmente as respostas dividiram-se entre **‘Maior satisfação com a imagem’** e **‘Maior satisfação na relação consigo próprio’** (n=11; 13 ref.). É a segunda categoria central mais forte e resultou da junção de três categorias de 2ª ordem. A

primeira, **‘Processo de construção/ crescimento pessoal’** (n=6; 7 ref.) que comporta referências como:

“Vão definindo quem sou e vão de certa forma completando aquilo que sou (...) tatuagens e *piercings* entram na categoria da realização pessoal e também do definir quem sou.” (Usuário 24)

“Sinto-me... mais... ‘completa’ e a espelhar cada vez mais aquilo que gosto e que sinto.” (Usuário 25)

“Vejo-me a crescer, a mudar a partir das situações e das experiências e pretendo que essas alterações continuem a acontecer sempre que sentir que assim deve ser porque como disse são opções que fizeram parte de mim e fizeram parte de fases e momentos pelos quais passei, escolhas que decidi ‘gravar’.” (Usuário 7)

Tabela 15 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 11 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“sempre me sinto mais bonita” (32) “talvez me sinta melhor com o meu corpo” (7) “utilizei para me sentir melhor comigo mesma, não só psicologicamente mas também fisicamente” (28)	Melhoria a nível físico (n=5; 5 ref.)	<b>Maior satisfação com a imagem</b> (n=17; 19 ref.)
“é algo que mexe com a tua auto-estima e ego” (21) “a auto-estima mais elevada” (32)	Impacto na autoestima (n=2; 2 ref.)	
“talvez me sentisse mais despido sem elas” (26) “quando me olho ao espelho já não me imagino sem as tatuagens” (18)	Já não se imagina sem as MC (n=2; 2 ref.)	
“amo ter obras de arte no meu corpo” (9) “vejo-me todo sarapintado e adoro” (33) “acho que fico sensual” (30) “sinto-me um vaidoso” (17)	Gostar do que se vê (n=8; 10 ref.)	<b>Maior satisfação na relação consigo próprio</b> (n=11; 13 ref.)
“vão de certa forma completando aquilo que sou” (24) “sinto-me... mais... ‘completa’” (25) “sinto-me mais completo” (26) “vejo-me a crescer” (7) “é como se juntasse mais uma peça do <i>puzzle</i> ” (20)	Processo de construção/ crescimento pessoal (n=6; 7 ref.)	
“realização pessoal” (24) “sinto-me realizado cá dentro” (21)	Realização pessoal (n=2; 2 ref.)	
“sinto-me bastante bem como sou, acho que não me sentiria se não tivesse estas MC” (19) “gosto e porque me faz sentir bem comigo mesmo” (18) “[sinto-me] mais confortável comigo mesma” (32)	Sentir-se bem no global (n=3; 4 ref.)	

A segunda, **‘Realização pessoal’** (n=2; 2 ref.) em *stricto sensus*, é referida por dois usuários:

“Realização pessoal.” (Usuário 24)

“Sinto-me realizado cá dentro.” (Usuário 21)

A fechar o presente núcleo de significado, a categoria de 2ª ordem **‘Sentir-se bem no global’** (n=3; 4 ref.) é patente nos seguintes testemunhos:

“Sinto-me bastante bem como sou, acho que não me sentiria se não tivesse estas MC e gostasse delas.” (Usuário 19)

“As MC tiveram um efeito positivo na relação comigo próprio e na forma como me vejo, sem dúvida se faço uma tatuagem ou um *piercing* é porque eu gosto e porque me faz sentir bem comigo mesmo.” (Usuário 18)

“[Sinto-me] mais confortável comigo mesma.” (Usuário 32)

#### 2.2.11.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 11<sup>61</sup>)

A exploração da actual questão junto do grupo de profissionais permitiu aceder a sete núcleos de significado correspondentes às categorias de 1ª ordem ‘Reforço da identidade’ (n=11; 13 ref.), ‘Imagem de si melhorada’ (n=10; 11 ref.), ‘Satisfação/Realização pessoal’ (n=10; 10 ref.), ‘Sensação de exclusividade’ (n=4; 7 ref.), ‘Gosto em olhar para si próprio’ (n=4; 6 ref.), ‘Desenvolvimento pessoal’ (n=4; 5 ref.) e ‘Ver Arte no corpo’ (n=4; 4 ref.), expostas na tabela 15 b).

Os núcleos de significado **‘Reforço da identidade’** (n=11; 13 ref.) e **‘Imagem de si melhorada’** (n=10; 11 ref.) surgem na linha da frente como as categorias centrais com maior representatividade no grupo dos profissionais. Do refinamento da rede de relações de cada um destes núcleos de significado resultaram duas categorias de 2ª ordem. Deste modo, **‘Reforço da identidade’** abrange as categorias hierarquizadas **‘Mais completo(a)’** (n=6; 7 ref.) exposta nas unidades discursivas por nós seleccionadas a título de exemplo –

“Sinto-me mais incompleta [sem as MC]... Assim não te sei explicar, sinto-me diferente, sinto-me mais completa.” (Profissional 1)

“Já não me gosto de ver sem *piercings*, sinto-me estranho, falta-me cenas (...) o meu pai tem uma foto minha que editou no *Photoshop* e tirou os *piercings*, odeio aquilo.” (Profissional 3)

“Já não me imagino sem as modificações.” (Profissional 6)

“Fazem-me sentir mais completa.” (Profissional 37)

<sup>61</sup> Questão 11 – “Como caracteriza o efeito destas mudanças na relação consigo próprio, na forma como se vê?”

- e **‘Definição de si próprio’** (n=5; 6 ref.) explicada na primeira pessoa através dos excertos transcritos:

“Sinto-me mais Eu, sinto que o meu interior está mais cá fora.” (Profissional 1)

“Eu sou com tudo o que tenho, sem elas [MC] não curto. Faz-me mais impressão estar sem *piercing*s do que estar nu.” (Profissional 3)

“Mais do que orgulhosa sinto que finalmente, sou eu mesma. Fui durante muito tempo, privada de muita coisa, e umas delas era as modificações mais extremas.” (Profissional 22)

Tabela 15 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 11 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“sinto-me mais completa” (1) “falta-me cenas [sem as MC]” (3) “já não me imagino sem as modificações” (6)	Mais completo(a) (n=6; 7 ref.)	<b>Reforço da identidade</b> (n=11; 13 ref.)
“sinto-me mais Eu”(1) “senti o gosto amargo do preconceito e o doce sabor de eu ser eu” (16)	Definição de si próprio (n=5; 6 ref.)	
“sou uma pessoa muito mais bonita para mim” (15) “[achas que ficas] mais bonito” (2) “acho mesmo lindo” (36)	(sinto-me) Mais bonito (n=3; 3 ref.)	<b>Imagem de si melhorada</b> (n=10; 11 ref.)
“crescimento da tua auto-estima” (2) “vou ficando mais fixe” (3) “sinto-me uma pessoa melhorada” (12)	(sinto-me) Melhor (n=7; 8 ref.)	
“cada vez me sinto mais realizado” (5) “foi sempre aquilo que eu procurei” (1) “mais do que orgulhosa” (22) “me sinto satisfeito comigo mesmo” (11)	Maior realização pessoal (n=4; 4 ref.) Satisfação pessoal (n=4; 4 Ref.)	<b>Satisfação/ Realização pessoal</b> (n=10; 10 ref.)
“posso dizer que me adoro” (22) “sinto amor por mim” (37)	Amor-próprio (n=2; 2 ref.)	
“tu explicas, mas há sempre mais que só tu sabes” (2) “o facto de ter uma peça em mim que mais ninguém no mundo há de ter, é formidável” (8)	Marcas exclusivas (n=3; 4 ref.)	<b>Sensação de exclusividade</b> (n=4; 7 ref.)
“não me sentir normal, banal” (1) “sou especial” (1)	Diferente dos outros (n=1; 3 ref.)	
“gosto de olhar ao espelho e ver-me tatuada” (10) “há dias que fico inspirado só de olhar para elas” (2)	Gosto em ver (n=2; 3 ref.)	<b>Gosto em olhar para si próprio</b> (n=4; 6 ref.)
“algo que gosto” (11) “aprecio” (11) “gosto muchooooo” (8)	Gosto, sem especificação (n=2; 3 ref.)	
“era super tímida e insegura com os outros, hoje em dia falo com toda gente sem preconceito e sem medo” (10) “faz parte do meu crescimento a nível pessoal e espiritual” (37)	Crescimento (n=2; 3 ref.)	<b>Desenvolvimento pessoal</b> (n=4; 5 ref.)
“vejo-me como uma pessoa que se foi libertando dos traumas com a MC” (12) “livre” (29)	Experiência libertadora (n=2; 2 ref.)	
“é a construção da tua obra prima” (2) “fiz do meu corpo uma tela, emprestando o meu corpo para a arte” (16)	Ver Arte no corpo (n=4; 4 ref.)	<b>Ver Arte no corpo</b> (n=4; 4 ref.)

Por sua vez, a categoria central **‘Imagem melhorada de si’** (n=10; 11 ref.) incorpora no seu núcleo de significado as categorias hierarquizadas **‘(sinto-me) Mais bonito’** (n=3; 3 ref.) e **‘(sinto-me) Melhor’** (n=7; 8 ref.), que são duas condições transmitidas pelas unidades discursivas que as fundamentam:

“Sou uma pessoa muito mais bonita para mim.” (Profissional 15)

“Achas que ficas melhor e mais bonito.” (Profissional 2)

“A cada modificação me sinto melhor comigo mesmo, pois acho mesmo lindo. Mulheres tatuadas e com *piercings* então, muito mais belas do que malhadas e peitos enormes, esses padrões de beleza que a mídia impõe.” (Profissional 36)

“Eu quando faço uma *tattoo* que queria muito, a verdade é que me sinto melhor comigo não sei porquê. Existem pessoas que têm complexos com o próprio corpo e atiram-se para as MC mas não é o meu caso.” (Profissional 13)

“Vou ficando mais fixe, pelo menos mais a meu gosto.” (Profissional 3)

“Só me fazem sentir bem portanto, acho que até melhora!” (Profissional 4)

A reunir o mesmo número de sujeitos que a anterior categoria de 1ª ordem ‘Imagem de si melhorada’, surge o núcleo de significado igualmente sólido **‘Satisfação/ Realização pessoal’** (n=10; 10 ref.), que se desdobra em três categorias hierarquizadas e respectivas unidades discursivas que lhe conferem sentido. A primeira, **‘Maior realização pessoal’** (n=4; 4 ref.) é exemplificada nos seguintes discursos:

“Cada vez me sinto mais realizado.” (Profissional 5)

“Cada vez tem mais sentido.” (Profissional 2)

“Vejo-me uma pessoa diferente, foi sempre aquilo que eu procurei (...) para mim sou diferente e sou especial.” (Profissional 1)

A segunda categoria hierarquizada remete-nos para a **‘Satisfação pessoal’** (n=4; 4 ref.) como efeito das mudanças ocorridas, tal como exprimem os profissionais do grupo em análise:

“Fico feliz por ser assim... há dias que fico inspirado só de olhar para elas [MC]...” (Profissional 2)

“É algo que gosto, que aprecio, que escolhi fazer por isso me sinto satisfeito comigo mesmo e espero que todos aqueles que fazem MC sintam o mesmo.” (Profissional 11)

Por fim, a categoria de 2ª ordem **‘Amor-próprio’** (n=2; 2 ref.), passível de ser compreendida como o sentimento que resulta da experiência conjunta de satisfação e realização pessoal, é mencionada por dois indivíduos:

“Posso dizer que me adoro.” (Profissional 22)

“Fazem-me sentir mais completa no sentido mais amplo da palavra. Sinto amor por mim, pelo que faço, daí não sentir arrependimento de alguma forma.” (Profissional 37)

Até ao momento, percebemos que para os profissionais o efeito das mudanças na relação consigo próprios incidiu sobretudo num ‘Reforço (da sua) identidade’ através de experiências de maior completude e de definição de si. Concluímos também que viram a sua relação intrapessoal sofrer melhorias no que respeita às dimensões satisfação e realização pessoal, como resultado da prática de MC. Quanto ao efeito dessas mesmas mudanças na forma como se veem, assinalam um fenómeno de *upgrade* explicado através de uma ‘Imagem de si melhorada’.

Continuando na análise da hierarquização produzida, surge o efeito ‘**Sensação de exclusividade**’ (n=4; 7 ref.) enquanto categoria central, que expõe as experiências de unicidade e singularidade partilhadas pelos profissionais e, decorrentes ao uso de MC. As categorias hierarquizadas que compõe o núcleo supracitado, ‘**Marcas exclusivas**’ (n=3; 4 ref.) e ‘**Diferente dos outros**’ (n=1; 3 ref.) dão voz a esta sensação de exclusividade, vivida por alguns dos sujeitos da amostra e partilhada através dos seus discursos:

“Para ti e apenas para ti faz sentido, ficas com marcas que só tu entendes e as pessoas veem e perguntam... tu explicas, mas há sempre mais que só tu sabes!” (Profissional 2)

“O facto de ter uma peça [tatuagem] em mim que mais ninguém no mundo há de ter, é formidável já que às vezes andamos pela rua e vemos uma camisola ou uns sapatos iguais aos nossos (...) é uma coisa que não gosto nada.” (Profissional 8)

“Não me sentir normal, banal, sei lá, sentir diferente... se calhar até sou uma anormal para muitas pessoas mas para mim sou diferente e sou especial.” (Profissional 1)

Para além do efeito positivo na forma como se veem, anteriormente exposto pelo núcleo de significado ‘Imagem de si melhorada’, há um ‘**Gosto em olhar para si próprio**’ (n=4; 6 ref.), há um prazer evidente na observação das suas marcas corporais e é um tipo de deleite explícito nas palavras dos sujeitos abaixo representados:

“Em relação aos *piercings* nem dou grande importância sinceramente tenho gosto de ver mas passaria bem sem eles, as *tattoos* realmente gosto (...) no final gosto de olhar ao espelho e ver-me tatuada.” (Profissional 10)

“Há dias que fico inspirado só de olhar para elas.” (Profissional 2)

“É algo que gosto, que aprecio, que escolhi fazer por isso me sinto satisfeito.” (Profissional 11)

“Gosto muchooooo.” (Profissional 8)

As unidades de discurso acima expostas dizem respeito às categorias hierarquizadas **‘Gosto em ver’** (n=2; 3 ref.) e **‘Gosto, sem especificação’** (n=2; 3 ref.), que integram o núcleo de significado apresentado **‘Gosto em olhar para si próprio’**.

Numa perspectiva menos estética e visual, surgem as categorias de 2ª ordem **‘Crescimento’** (n=2; 3 ref.) e **‘Experiência libertadora’** (n=2; 2 ref.) como efeito das mudanças na relação consigo próprios e, enquanto categorias hierarquizadas que confirmam o núcleo de significado **‘Desenvolvimento pessoal’** (n=4; 5 ref.), abaixo ilustrados pelos testemunhos dos participantes:

“Acho que me fortaleceu, era super tímida e insegura com os outros, hoje em dia falo com toda gente sem preconceito e sem medo.” (Profissional 10)

“Faz parte do meu crescimento a nível pessoal e espiritual.” (Profissional 37)

“Vejo-me como uma pessoa que se foi libertando dos traumas com a MC. Sinto-me uma pessoa melhorada.” (Profissional 12)

“Livre.” (Profissional 29)

Consideramos ainda na descrição das categorias hierarquizadas, aquela que ilustra uma forma muito particular de olhar para si – **‘Ver Arte no corpo’** (n=4; 4 ref.), enquanto núcleo de significado que traduz um modo único de se observar e compreender as suas MC:

“É a construção da tua obra prima!” (Profissional 2)

“Eu gosto mesmo do lado artístico da coisa, da arte no corpo.” (Profissional 13)

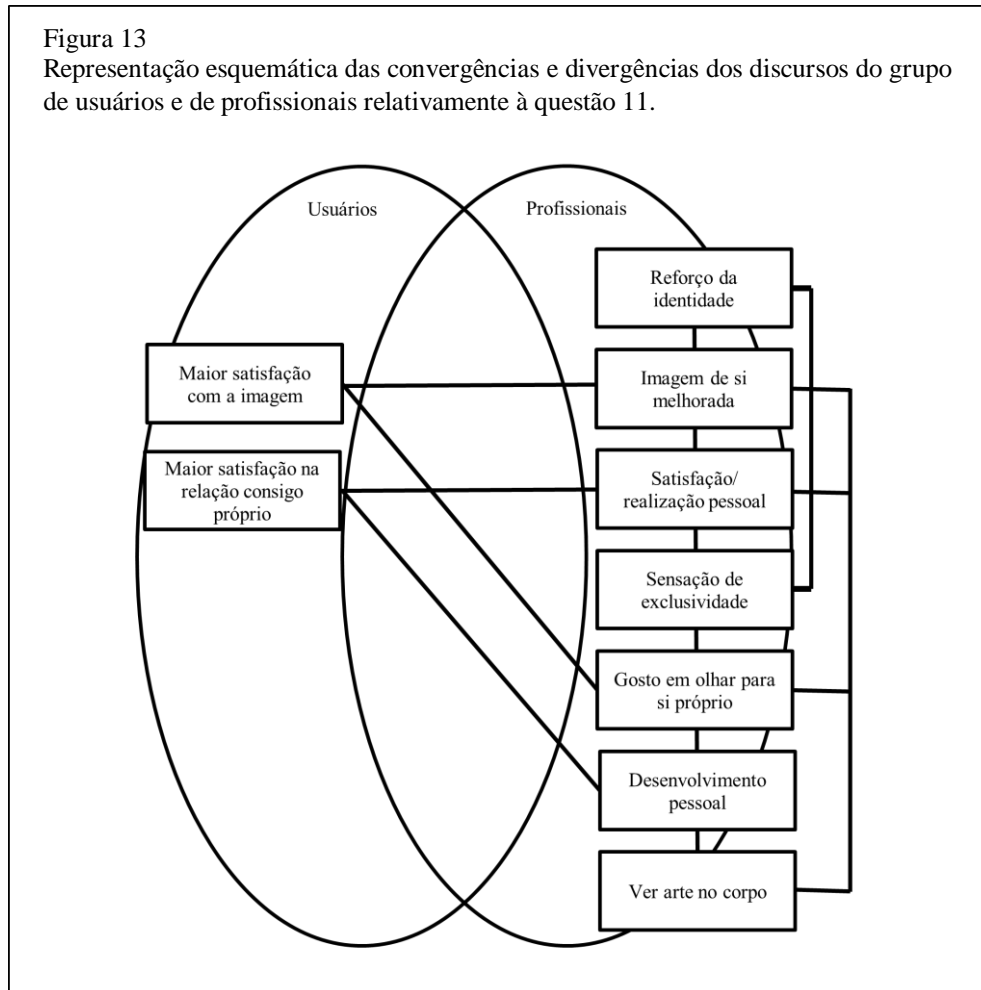
“Fiz do meu corpo uma tela, emprestando o meu corpo para a arte.” (Profissional 16)

“Dá cor à tua pele e à tua vida e como digo adoro a arte e não vou descansar enquanto não marcar tudo o que quero.” (Profissional 40).

Concluída a exposição das categorias de 1ª ordem e das categorias hierarquizadas que resultaram do refinamento da rede de relações entre estas, competenos agora reflectir quanto às dimensões convergentes e divergentes encontradas nos discursos dos grupos em análise, referimo-nos aos usuários e profissionais de MC.

Os grupos convergem no sentido da caracterização do efeito das mudanças na relação consigo próprios e na forma como se veem, numa experiência de maior satisfação com a sua imagem. Partilham do prazer em observar o corpo modificado, as suas MC e a si próprios. Encontram-se também, na medida em que perspectivam hipóteses de crescimento, desenvolvimento e realização pessoal, decorrentes das mudanças provocadas em si, pela prática de MC.

Figura 13  
Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 11.



O sentimento de satisfação pessoal generalizado e específico quanto ao relacionamento intrapessoal, também surge como ponto comum nos discursos de ambos os grupos.

Divergem na medida em que os profissionais conceberam alguns efeitos para as mudanças ocorridas, que nos discursos dos usuários são tidos como dados inexistentes, nomeadamente os efeitos de maior completude e de definição de si conjugados numa experiência de reforço da identidade, a sensação de exclusividade proporcionada pelas marcas corporais que lhes conferem singularidade e unicidade como personagens distintas na sociedade, a par com o modo particular como observam o seu corpo, no formato de uma obra-prima ou como uma tela na qual se faz Arte.

**2.2.12. Questão 12 - Num meio em que as MC ainda são uma excepção, como é que acha que os outros se sentem em relação às suas MC?**

2.2.12.1. Análise das respostas dos Usuários

Até ao momento, as questões colocadas aos entrevistados incidiram na percepção dos sujeitos, usuários e profissionais de MC sobre si próprios, nas várias dimensões por nós propostas. O objectivo prendia-se essencialmente com a exploração das suas vivências e experiências pessoais a par do acesso à dimensão subjectiva subjacente aos fenómenos em causa. Com a presente questão pretende-se redireccionar o foco, da percepção de si, para a sua percepção sobre os outros, e as respostas obtidas, bem como a sua categorização encontram-se na tabela 16 a).

Com esta abordagem pretendemos chegar a um entendimento mais profundo da compreensão que fazem do seu impacto, enquanto sujeitos modificados, nos outros que se situam fora do universo da MC. Parece-nos de extrema relevância captar junto dos dois grupos em análise, o modo como acreditam que as suas MC são sentidas pelos outros, que entendimento fazem das suas reacções e, como lidam com o *feedback* não solicitado dos sujeitos com os quais se cruzam no seu quotidiano.

Através das suas vozes, concluímos que em ambos os grupos as opiniões dividem-se preferencialmente em dois polos opostos quanto ao entendimento que fazem do modo com as suas MC são sentidas pelos outros, facto que se constata através dos nove núcleos de significado a que as respostas obtidas juntos do grupo de usuários permitiram aceder: ‘Mais receptivos’ (n=10; 11 ref.); ‘De forma positiva e apreciativa’ (n=9; 10 ref.); ‘Interessados’ (n=8; 8 ref.); ‘De forma crítica e ofensiva’ (n=7; 8 ref.); ‘Com impacto negativo nessas pessoas’ (n=7; 7 ref.); ‘Dimensão sem relevância’ (n=6; 6 ref.); ‘De forma crítica e condenatória’ (n=5; 6 ref.); ‘De forma avaliativa e negativa’ (n=5; 5 ref.) e ‘Com inveja/ ciúme’ (n=4; 4 ref.).

Tabela 16 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 12 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“sinto que as pessoas já estão mais habituadas” (18)	Mais habituados	<b>Mais receptivos</b> (n=10; 11 ref.)
“população jovem ... está mais do que habituada” (35)	(n=2; 2 ref.)	
“acho que já faz parte da sociedade e da banalidade” (14)	Mais tolerantes	
“ainda há algum preconceito, mas já não tanto” (20)	(n=3; 3 ref.)	
“já há alguma aceitação verdadeira” (26)	Maior aceitação	
“hoje ... muito mais aceite que há alguns anos” (32)	(n=3; 4 ref.)	
“sei que gostam de mim por eu ser como sou e por ter coragem de ser assim visualmente” (9)	Os OS <sup>62</sup> aceitam totalmente	
“verdadeiros amigos nos aceitam por o que somos” (34)	(n=2; 2 ref.)	
“existem pessoas que adoram” (19)	Apreciam	<b>De forma positiva e apreciativa</b> (n=9; 10 ref.)
“[os mais novos] deslumbrados de certa forma” (24)	(n=4; 4 ref.)	
“algumas dizem que gostam de ver mas que não seriam capazes de fazer” (30)	Gostam de ver nos outros	
“[população jovem] até é algo que gostam de ver” (35)	(n=3; 4 ref.)	
“muita gente me admira por isso” (9)	Admiram	<b>Interessados</b> (n=8; 8 ref.)
“alguma admiração (positiva) na camada jovem” (26)	(n=2; 2 ref.)	
“pessoas que reagem com alguma curiosidade” (18)	Curiosos	
“penso que todos têm é curiosidade” (38)	(n=6; 6 ref.)	
“fazem algumas perguntas, por vezes” (18)	Fazem perguntas	
“outras perguntam-me como tenho coragem e se não me arrependerei um dia” (30)	(n=2; 2 ref.)	
“os mais velhos, não todos como é óbvio, com aquele olhar discriminatório” (24)	Olham de forma crítica	<b>De forma crítica e ofensiva</b> (n=7; 8 ref.)
“já me chamaram nomes ... ofensivos” (7)	(n=4; 4 ref.)	
“chamam-me maluco” (33)	Comentam/ insultam	
“muitos, [sentem-se] mal” (25)	(n=3; 4 ref.)	
“existem pessoas que não gostam” (19)	Desaprovam	<b>Com impacto negativo nessas pessoas</b> (n=7; 7 ref.)
“algumas pessoas ainda ficam chocadas” (30)	(n=5; 5 ref.)	
“alguns idosos ficam chocados” (35)	Chocados	
“não é nada que me tire o sono” (17)	(n=2; 2 ref.)	
“isso nunca foi um problema para mim (...) pouco me interessa o que os outros pensam ou rotulam” (34)	A opinião dos outros não é relevante	<b>Dimensão sem relevância</b> (n=6; 6 ref.)
“em relação às pessoas da mesma faixa etária (...) muitas vezes nem se lembram que lá estão” (24)	(n=3; 3 ref.)	
“muitos, indiferentes” (25)	Indiferentes às MC	
“outras dizem que acham um horror” (30)	(n=3; 3 ref.)	
“penso que se sentem bem por não as terem... porque seria um enorme desgosto” (28)	Acham condenável	<b>De forma crítica e condenatória</b> (n=5; 6 ref.)
“pensam que temos algum problema” (28)	(n=3; 3 ref.)	
“às vezes só falta benzerem-se” (28)	Consideram como um pecado/ problema	
“algumas acham que é pecado” (32)	(n=2; 3 ref.)	
“também há aqueles casos sociais que falei [discriminação]” (9)	Discriminação/ Preconceito	<b>De forma avaliativa e negativa</b> (n=5; 5 ref.)
“ainda existem pessoas preconceituosas” (32)	(n=3; 3 ref.)	
“velhotas desconfiadas” (17)	Desconfiados	
“as crianças ficam intrigadas” (35)	(n=2; 2 ref.)	
“homens invejosos” (17)	Com inveja/ ciúme	<b>Com inveja/ ciúme</b> (n=4; 4 ref.)
“não diria inveja porque é uma palavra forte, talvez por quererem e não poderem ou não terem coragem” (26)	(n=4; 4 ref.)	

<sup>62</sup> OS é o acrónimo para Outros Significativos.

Na linha da frente encontramos categorias centrais que espelham percepções de aceitação, tolerância, interesse e apreço. Referimo-nos aos núcleos de significado, **‘Mais receptivos’**, **‘De forma positiva e apreciativa’** e **‘Interessados’**, o que nos conduz à conclusão de que maioritariamente os usuários acreditam que os outros se sentem bem em relação às suas MC.

**‘Mais receptivos’** (n=10; 11 ref.) enquanto núcleo de significado incorpora quatro tipos de posturas dos outros para com os usuários, que revelam a sua receptividade em relação às MC e, que ganham forma nas quatro categorias hierarquizadas a que os discursos dos participantes deram origem. A primeira e segunda, categorias hierarquizadas, **‘Mais habitados’** (n=2; 2 ref.) e **‘Mais tolerantes’** (n=3; 3 ref.) são explicadas pelos usuários nos seguintes excertos:

“Neste momento já não acho isso, acho que já faz parte da sociedade e da banalidade... em tempos sim era uma exceção... a televisão teve muita influência na aceitação das MC.” (Usuário 14)

“Hoje em dia (...) sinceramente sinto que as pessoas já estão mais habituadas porque cada vez mais há pessoas com MC.” (Usuário 18)

“População jovem em geral está mais do que habituada e até é algo que gosta de ver.” (Usuário 35)

“Ainda há algum preconceito, mas já não tanto.” (Usuário 20)

“Na maioria as pessoas já estão mais à vontade quando se deparam com modificações pelo menos eu já reparei bastante nisso.” (Usuário 7)

A completar o presente núcleo de significado, está a categoria de 2ª ordem, **‘Maior aceitação’** (n=3; 4 ref.) e a categoria hierarquizada que faz referência exclusiva aos outros significativos inseridos na rede social dos sujeitos - **‘Os OS aceitam totalmente’** (n=2; 2 ref.), ambas ilustradas pelas unidades discursivas que as fundamentam:

“Acho que isso é muito relativo depende da pessoa em si, acho que de uma maneira geral existe uma maior aceitação na sociedade do que havia há alguns anos.” (Usuário 23)

“Já há alguma aceitação verdadeira.” (Usuário 26),

“Hoje em dia as MC está sendo muito mais aceite que há alguns anos atrás... e as modificações leves digamos assim virou moda e a sociedade aceita com muita facilidade (...) *piercing* no nariz, umbigo, pintar o cabelo.” (Usuário 32),

“Sei que gostam de mim por eu ser como sou e por ter coragem de ser assim visualmente.” (Usuário 9)

“Os verdadeiros amigos nos aceitam por o que somos e não por o que vemos.” (Usuário 34)

Numa perspectiva que ultrapassa a simples aceitação ou a mera tolerância das MC, surge o núcleo de significado **‘De forma positiva e apreciativa’** (n=9; 10 ref.), construído com base nos testemunhos pertencentes às categorias de 2ª ordem, **‘Apreciam’** (n=4; 4 ref.), **‘Gostam de ver nos outros’** (n=3; 4 ref.) e **‘Admiram’** (n=2; 2 ref.), abaixo ilustradas pelas palavras dos usuários:

“Existem pessoas que adoram e também há pessoas que não gostam mas respeitam.” (Usuário 19)

“[Os mais novos] deslumbrados de certa forma.” (Usuário 24)

“Existem pessoas de todas as idades que me param para me dizer que acham bonito.” (Usuário 32)

“Algumas dizem que gostam de ver mas que não seriam capazes de fazer.” (Usuário 30)

“Outros ficam de boca aberta pois gostam do que vêem.” (Usuário 21)

“Muitos não o fariam, mas gostam de ver nos outros.” (Usuário 35)

“Muita gente me admira por isso e alguns até tentam ser meus amigos apenas por isso... porque é fixe ter uma amiga assim (...) na minha faculdade sou a única assim, sou muito falada.” (Usuário 9)

“Alguma admiração (positiva) na camada jovem.” (Usuário 26)

Na mesma linha de aceitação positiva, encontramos nos “outros”, sujeitos **‘Curiosos’** (n=6; 6 ref.) que **‘Fazem perguntas’** (n=2; 2 ref.) mostrando-se **‘Interessados’** (n=8; 8 ref.) quanto às MC dos usuários, e que deste modo validam a sua crença de que os outros se sentem bem em relação às suas MC. **‘Interessados’** surge assim como categoria central, que abrange as duas dimensões anteriormente citadas e que se encontram patentes nos excertos que passamos a transcrever:

“Existem pessoas que reagem com alguma curiosidade e fazem algumas perguntas, por vezes.” (Usuário 18)

“Hoje em dia as pessoas vêem e olham para as tatuagens com curiosidade.” (Usuário 20)

“Os mais novos sempre curiosos.” (Usuário 24)

“Penso que todos têm é curiosidade.” (Usuário 38)

“Outras perguntam-me como tenho coragem e se não me arrependerei um dia.” (Usuário 30)

Tal como já foi mencionado, as opiniões divergem dentro dos grupos analisados e através dos discursos dos usuários, acedemos a duas categorias de 1ª ordem que traduzem a percepção, desta vez negativa, que os sujeitos constroem acerca do modo como os outros se sentem em relação às suas MC. Uma destas categorias centrais, espelha o modo como os “outros” se comportam em relação aos usuários - **‘Olham de forma crítica’** (n=4; 4 ref.) e **‘Comentam/ insultam’** (n=3; 4 ref.), que se constituem

como as categorias hierarquizadas que dão sentido à categoria central **‘De forma crítica e ofensiva’** (n=7; 8 ref.) abaixo ilustrada pelos testemunhos dos participantes -

“Os mais velhos, não todos como é óbvio, com aquele olhar discriminatório.” (Usuário 24)

“As pessoas olham mais de lado e não aceitam.” (Usuário 38)

“Uns olham com desprezo pois não gostam.” (Usuário 21)

“No início fazia-me um pouco de confusão as pessoas olharem e comentarem umas com as outras, hoje em dia já não ligo a isso.” (Usuário 18)

“Chegam até a fazer comentários insultuosos como se fosse poluição visual ou algo do género (...) já me chamaram nomes que poderia considerar ofensivos.” (Usuário 7)

“Chamam-me maluco.” (Usuário 33)

- e, a categoria central **‘Com impacto negativo nessas pessoas’** (n=7; 7 ref.) fundamentada por duas categorias hierarquizadas, que reflectem o que a presença dos sujeitos com os seus corpos modificados, provoca nesses “outros”, que se sentem **‘Chocados’** (n=2; 2 ref.) e **‘Desaprovam’** (n=5; 5 ref.) as MC, tal como ilustram os excertos retirados dos discursos dos usuários:

“Sinto que por vezes algumas pessoas ainda ficam chocadas.” (Usuário 30)

“Alguns idosos ficam chocados.” (Usuário 35)

“Há muita gente que não aprova de todo.” (Usuário 7)

“Existem pessoas que não gostam.” (Usuário 19)

“Vários se sentem incomodados.” (Usuário 28)

“Muitos, [sentem-se] mal.” (Usuário 25)

Contudo, para alguns elementos da amostra **‘A opinião dos outros não é relevante’** (n=3; 3 ref.), tal como podemos constatar nos seus discursos:

“O que as outras pessoas sentem em relação às minhas *tattoos*, também não é nada que me tire o sono.” (Usuário 17)

“A minha tranquilidade relativamente a esse assunto faz com que isso não tenha quase importância para mim.” (Usuário 23)

“Isso nunca foi um problema para mim visto que com a idade e experiência de vida pouco me interessa o que os outros pensam ou rotulam, eu vivo a minha vida tento não julgar ninguém.” (Usuário 34)

O mesmo sucede, mas no sentido inverso, na medida em que os usuários acreditam que muitos “outros” se sentem **‘Indiferentes às MC’** (n=3; 3 ref.) que ilustram os corpos dos sujeitos modificados, como se confirma nas seguintes afirmações:

“Muitos, indiferentes.” (Usuário 25)

“Claro que apanho de tudo, miúdas histéricas (...) pessoas indiferentes.” (Usuário 17)

“Em relação às pessoas da mesma faixa etária sem dúvida que como eu me sinto em relação a elas, muitas vezes nem se lembram que lá estão.” (Usuário 24)

Identificamos deste modo, as categorias hierarquizadas que dão consistência ao núcleo de significado **‘Dimensão sem relevância’** (n=6; 6 ref.) que abrange as duas posições acima descritas.

Surgem novamente categorias de 1ª ordem que de acordo com a opinião dos usuários, revelam posturas menos tolerantes e receptivas em relação às suas MC. Referimo-nos aos núcleos de significado que mostram como os “outros” se comportam **‘De forma crítica e condenatória’** (n=5; 6 ref.) e **‘De forma avaliativa e negativa’** (n=5; 5 ref.) perante os sujeitos modificados. Do refinamento da rede de relações de cada um destes núcleos de significado, resultaram respectivamente duas categorias de 2ª ordem. Assim, **‘De forma crítica e condenatória’** é validado pelas categorias hierarquizadas **‘Acham condenável’** (n=3; 3 ref.) e **‘Consideram como um pecado/problema’** (n=2; 3 ref.), com as vozes dos usuários a transparecer nos seguintes excertos:

“Todos me acham um exagero.” (Usuário 21)

“Outras dizem que acham um horror.” (Usuário 30)

“Penso que se sentem bem com eles próprios por não as terem, ou pelos filhos e filhas não as terem, porque seria um enorme desgosto. Vários se sentem incomodados e pensam que temos algum problema, às vezes só falta benzerem-se.” (Usuário 28)

“Algumas acham que é pecado.” (Usuário 32)

Por sua vez, a categoria central **‘De forma avaliativa e negativa’** (n=5; 5 ref.) engloba as categorias fruto da hierarquização **‘Discriminação/ Preconceito’** (n=3; 3 ref.) e **‘Desconfiados’** (n=2; 2 ref.), construídas com base nas unidades discursivas de conteúdo abaixo transcritas:

“Também há aqueles casos sociais que falei [discriminação].” (Usuário 9)

“Ainda existem pessoas preconceituosas.” (Usuário 32)

“Velhotas desconfiadas.” (Usuário 17)

“As crianças ficam intrigadas.” (Usuário 35)

Encerramos a apresentação detalhada dos discursos dos usuários com uma perspectiva díspar e como tal, bem diferente de todas as já mencionadas. **‘Com inveja/ciúme’** (n=4; 4 ref.) é a percepção que quatro usuários partilham, quanto ao modo como os outros se sentem em relação às suas MC. Este núcleo de significado pode ser facilmente percebido, através das afirmações dos sujeitos a seguir transcritas:

“Claro que apanho de tudo (...) homens invejosos.” (Usuário17)

“Também alguma não diria inveja porque é uma palavra forte, talvez por quererem e não poderem ou não terem coragem física ou social.” (Usuário 26)

“Há os outros que olham com desprezo para não dar parte fraca mas no fundo eles adoravam ter *tattoos* mas os pais ou o emprego não permite.” (Usuário 21)

“Simplesmente é ciúmes por não conseguirem ser na verdade aquilo que desejavam, porque vivem muito das críticas de terceiros.” (Usuário 38)

### 2.2.12.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 12<sup>63</sup>)

Como foi referido de início, também dentro do próprio grupo dos profissionais as opiniões divergem quanto à percepção dos sentimentos dos outros em relação às suas MC. Esta divergência é-nos transmitida através dos sete núcleos de significado, a que a análise dos seus discursos deu origem: ‘Não toleram’ (n=14; 16 ref.); ‘Demonstram interesse’ (n=8; 9 ref.); ‘Toleram bem’ (n=8; 8 ref.); ‘Revelam apreço’ (n=7, 7 ref.); ‘De forma negativa e ameaçadora’ (n=7; 7 ref.); ‘Não é relevante, para o sujeito’ (n=7; 7 ref.) e ‘Não compreendem’ (n=5; 6 ref.) (tabela 16 b)).

Ao contrário do sucedido no grupo dos usuários, no qual se destacava com solidez a categoria central ‘Mais receptivos’ (n=10; 11 ref.), no presente grupo dos profissionais o núcleo de significado mais forte diz respeito à categoria de 1ª ordem ‘**Não toleram**’ (n=13; 15 ref.), que embora se faça seguir por três núcleos de significado com percepções positivas quanto ao modo como os outros se sentem em relação às MC, não diminui a clara perspectiva negativa partilhada pelos profissionais quanto a esta dimensão.

Este modo próprio de compreender a forma como os outros se sentem em relação às suas MC, é melhor percebido através das quatro categorias hierarquizadas ‘**Condenam**’ (n=4; 5 ref.), ‘**Rejeitam**’ (n=2; 2 ref.), ‘**Discriminam**’ (n=4; 4 ref.), ‘**Têm ideias pré-concebidas**’ (n=3; 4 ref.) e respectivas unidades de análise, cuja junção resultou no núcleo de significado em exposição. Eis alguns exemplos que compõe as categorias de 2ª ordem ‘**Condenam**’ e ‘**Rejeitam**’ –

<sup>63</sup> Questão 12 – “Num meio em que as MC ainda são uma excepção, como é que acha que os outros se sentem em relação às suas MC?”

“Acham que é uma tortura e não conseguem perceber o que leva uma pessoa a massacrar assim o corpo.” (Profissional 2)

“Veem como (...) sem sentido. A maioria como não tem coragem de sair da zona de conforto têm tendência de olhar como algo de bizarro.” (Profissional 39)

“As tatuagens mesmo sendo mais visíveis não é tão mau como um pedaço de metal na pele [*piercing*]... porque uma tatuagem é um desenho e as pessoas conseguem identificar, os *piercings* ou alargadores ou *scarification* já é diferente... as pessoas não entendem o significado e então rejeitam.” (Profissional 8)

Tabela 16 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 12 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem	
“sem sentido” (39)	Condenam (n=4; 5 ref.)	<b>Não toleram</b> (n=13; 15 ref.)	
“acham que é uma tortura” (2)			
“escandalizadas” (1)			
“rejeitam” (8)	Rejeitam (n=2; 2 ref.)		
“outras têm o dito “nojo”” (5)	Discriminam (n=4; 4 ref.)		
“outras pessoas discriminam” (10)			
“deviam respeitar-me a mim por ter MC, tal como eu os respeito a eles por não terem” (16)			
“têm a ideia errada sobre a minha pessoa, o rude, bandido, etc.” (5)	Têm ideias pré-concebidas (n=3; 4 ref.)		
“ainda me veem como “maluco”” (39)	Acham interessante (n=2; 2 ref.)		<b>Demonstram interesse</b> (n=8; 9 ref.)
“interessante” (2)			
“outros se interessam” (36)			
“têm curiosidade” (2)	Curiosos (n=3; 4 ref.)		
“penso que é mais curiosidade agora” (31)	Olham (n=3; 3 ref.)		
“muitos olham” (36)			
“têm tendência a olhar” (39)			
“umas pessoas respeitam” (10)	Respeitam (n=4; 4 ref.)	<b>Toleram bem</b> (n=8; 8 ref.)	
“a maioria respeita” (36)			
“aceitam” (10)	Aceitam (n=4; 4 ref.)		
“nunca tive problemas com as minhas <i>modys</i> <sup>64</sup> ” (36)	Apreciam (n=3; 3 ref.)	<b>Revelam apreço</b> (n=7; 7 ref.)	
“acham giro” (1)			
“acham cativante” (2)			
“alguma admiração muitas vezes” (10)	Admiram (n=5; 5 ref.)		
“alguns admiram até pela coragem” (36)	Com receio (n=4; 4 ref.)	<b>De forma negativa e ameaçadora</b> (n=7; 7 ref.)	
“às vezes quando alguns clientes veem com as mães e elas se assustam com as minhas orelhas” (36)			
“ficam com receio de se aproximar” (2)			
“faz-lhes impressão” (2)	Incomodados (n=3; 3 ref.)		
“um pouco desconfortáveis” (4)	Não é relevante, para o sujeito (n=7; 7 ref.)		<b>Não é relevante, para o sujeito</b> (n=7; 7 ref.)
“não me importa o que os outros pensam” (13)			
“nunca me preocupou o que os outros pensam” (29)			
“opah não faço a mínima” (40)	Não compreendem (n=5; 6 ref.)	<b>Não compreendem</b> (n=5; 6 ref.)	
“faz-lhes confusão à cabeça” (2)			
“as pessoas temem o que não compreendem” (15)			
“as pessoas não entendem o significado” (8)			
“a maior parte das pessoas não compreende nem tenta perceber” (6)			

<sup>64</sup> Modys é um diminutivo utilizado para *body modifications* ou seja, modificações corporais (MC).

- às quais se juntam as unidades discursivas inseridas nas categorias hierarquizadas **‘Discriminam’** e **‘Têm ideias pré-concebidas’**:

“Tipo apontar e dizerem olha aquele gajo, fazem bués mas eu não ligo e até me rio quando estou bem disposto, quando estou mal disposto às vezes sou mal educado depende do dia.”  
(Profissional 3)

“A única coisa que deveria ser pensada é que deviam respeitar-me a mim por ter MC, tal como eu os respeito a eles por não terem.” (Profissional 16)

“Acho que enquanto for uma minoria haverá sempre um complexo de diferença, de preconceito.”  
(Profissional 11)

Na defesa de uma perspectiva bem diferente, surgem as afirmações que fundam o núcleo de significado **‘Demostram interesse’** (n=8; 9 ref.), que segundo os usuários ocorre quando os outros **‘Acham interessante’** (n=2; 2 ref.) as suas MC, **‘Olham’** (n=3; 3 ref.) para elas e se mostram **‘Curiosos’** (n=3; 4 ref.) perante as diferenças estéticas evidentes dos corpos marcados. As três dimensões referidas constituem-se como as categorias hierarquizadas que dão voz à presente categoria central, abaixo ilustrada:

“Há pessoas que admiram e até gostam, acham cativante e interessante... têm curiosidade e fazem imensas perguntas.” (Profissional 2)

“Alguns admiram, até pela coragem, outros se interessam, muitos olham, e a maioria respeita.”  
(Profissional 36)

“Ainda há aquelas que ficam surpreendidas pela positiva e acham giro.” (Profissional 1)

“Já apanhei de tudo... mas penso que é mais curiosidade agora.” (Profissional 31)

**‘Toleram bem’** (n=8; 8 ref.) figura como a terceira categoria central mais forte no que respeita à sua representatividade dentro do grupo em destaque e foi construída com base nos discursos pertencentes a duas categorias hierarquizadas que traduzem uma percepção perfeitamente oposta à transmitida pelo núcleo de significado que reuniu mais profissionais (**‘Não toleram’**), tornando mais uma vez evidente a cisão de opiniões entre os elementos da amostra, quando alguns profissionais acreditam que os “outros” **‘Respeitam’** (n=4 ref.) as suas MC e têm respeito pelos sujeitos modificados, como traduzem os seguintes excertos –

“Têm respeito por mim.” (Profissional 5)

“A maioria respeita.” (Profissional 36)

“Sinto algum receio de aproximação por parte de alguns, respeito e admiração por outros.”  
(Profissional 11)

- e quando sentem que os “outros” **‘Aceitam’** (n=4; 4 ref.) as suas escolhas, que é a postura defendida por quatro profissionais:

“Quem tem MC reage bem e não se importa, quem não tem depende, mas as pessoas respeitam e aceitam, a minha mãe por exemplo, alguns médicos a que vamos, amigos, pessoas completamente desconhecidas.” (Profissional 10)

“Nunca tive problemas com as minhas *modys*.” (Profissional 36)

“Bem, depende de muitos factores principalmente sócio-culturais mas acho que lidam muito bem com isso.” (Profissional 22)

“Quem me conhece diz que combina comigo e já faz parte de mim.” (Profissional 40)

Avançando na análise da hierarquização produzida, deparamo-nos agora com três categorias centrais de idêntico peso mas, distintas no seu conteúdo. Uma destas categorias traduz sentimentos positivos dos outros em relação às MC dos profissionais, outra representa o seu oposto, sentimentos negativos e a terceira diz respeito à indiferença dos sujeitos quanto à opinião dos outros. Referimo-nos exactamente pela mesma ordem, às categorias centrais **‘Revelam apreço’** (n=7; 7 ref.), **‘De forma negativa e ameaçadora’** (n=7; 7 ref.) e **‘Não é relevante, para o sujeito’** (n=7; 7 ref.).

Assim, **‘Apreciam’** (n=3; 3 ref.) e **‘Admiram’** (n=5; 5 ref.) são as duas categorias hierarquizadas que se organizam no núcleo de significado **‘Revelam apreço’** (n=7; 7 ref.) explícito nas partilhas seleccionadas a título de exemplo:

“Há os que gostam.” (Profissional 4)

“Veem de várias formas... uns com grande admiração.” (Profissional 2)

“Vou salientar os aspectos positivos por isso o respeito que sentem por nós e alguma admiração muitas vezes por termos [MC].” (Profissional 10)

Já a categoria que traduz sentimentos negativos para com as MC, ganha forma no núcleo de significado **‘De forma negativa e ameaçadora’** (n=7; 7 ref.) que traduz o modo como os profissionais acreditam que os outros se sentem em relação às suas MC, mais especificamente, **‘Com receio’** (n=4; 4 ref.) e **‘Incomodados’** (n=3; 3 ref.). O exposto transparece nos seguintes excertos:

“Às vezes quando alguns clientes veem com as mães e elas se assustam com as minhas orelhas.” (Profissional 36)

“Acho que sentem receio. Como em tudo o que é novidade. A maior parte das pessoas não compreende nem tenta perceber.” (Profissional 6)

“As pessoas no geral sentem-se incomodadas e escandalizadas.” (Profissional 1)

A fechar o presente trio encontra-se a categoria central **‘Não é relevante, para o sujeito’** (n=7; 7 ref.), que trata de uma postura igualmente acedida no grupo dos

usuários, embora no formato de categoria hierarquizada. Abaixo, são expostas algumas das unidades discursivas que deram origem ao núcleo de significado em destaque:

“Não me importa o que os outros pensam.” (Profissional 13)

“Sinceramente não me importo se gostam ou não.” (Profissional 8)

“Eu não penso muito nos outros.” (Profissional 15)

“Nunca me preocupou o que os outros pensam (...) quem preocupa com a vida do próximo não tem tempo para cuidar da sua própria vida.” (Profissional 29)

“Que remédio, ninguém tem de agradar a ninguém.” (Profissional 22)

Encerramos a análise detalhada dos discursos dos profissionais com uma categoria de 1ª ordem distinta das anteriores e exclusiva a este grupo. Referimo-nos ao núcleo de significado ‘**Não compreendem**’ (n=5; 6 ref.), com as vozes dos profissionais a manifestarem-se nos seguintes exemplos:

“Veem de várias formas (...) outros faz-lhes confusão à cabeça (...) ficam com receio de se aproximar, faz-lhes impressão... acham que é uma tortura e não conseguem perceber.” (Profissional 2)

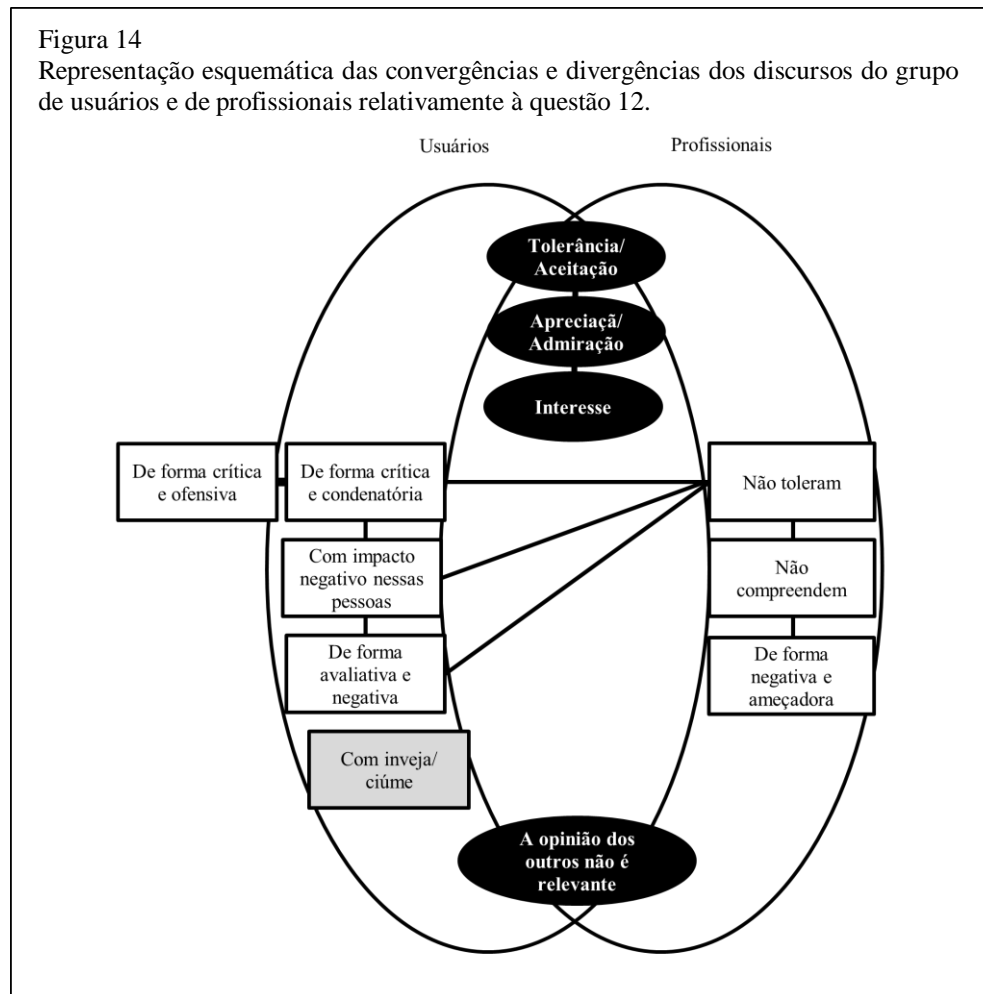
“*Piercings* ou alargadores ou *scarification* já é diferente... as pessoas não entendem o significado e então rejeitam.” (Profissional 8)

“Sou uma pessoa normal mas que tem tanto amor à arte que até a leva no corpo e há pessoas que não veem isso.” (Profissional 5)

“Estou fixado em duas teias de aranha pequeninas atrás dos olhos mas não sei se consigo dar esse passo, é muita pressão de toda a gente que me rodeia (...) a cara é o teu *interface* directo com as outras pessoas e sabes que as pessoas temem o que não compreendem.” (Profissional 15)

Após a exposição das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, bem como das respectivas unidades discursivas que as compõem e ilustram os diferentes pontos de vista dos usuários e profissionais entrevistados, passamos a salientar alguns pontos comuns e outros de discordância, encontrados nos discursos dos dois grupos analisados.

Em primeiro lugar, é relevante apontar que usuários e profissionais se encontram na discordância que partilham dentro dos seus próprio grupos, pois as suas respostas repartem-se preferencialmente em três vertentes distintas: opiniões positivas, opiniões negativas ou, pela adopção de uma postura de desvalorização em relação ao que os outros sentem.



Feita esta ressalva, e caminhando ao encontro do já exposto, profissionais e usuários divergiram profundamente nas categorias centrais de primeira linha, a que diversidade dos seus discursos deu origem. Não só divergiram, como praticamente se pode afirmar que as categorias encontradas são opostas, respectivamente ‘Não toleram’ e ‘Mais receptivos’.

Contudo, apresentam como ponto comum o facto de em ambos os grupos se encontrarem em maior número os núcleos de significado referentes a sentimentos e posições negativas direccionadas às MC, em comparação com os núcleos de significado que veiculam posturas de aceitação e apreço pelas mesmas.

No respeito aos sentimentos positivos, ambos os grupos concordam que os outros demonstram interesse pelas suas MC, revelando-se curiosos e colocando questões. Sentem também que, de algum modo, os outros mostram apreço pelas suas MC quando não se sentem incomodados pela sua presença e as observam com gosto e admiração. E, embora em proporções diferentes, usuários e profissionais, acreditam que

os sujeitos não modificados estão mais receptivos às suas MC e respeitam-nas melhor, quando exibem comportamentos de aceitação e tolerância.

Quanto aos sentimentos negativos, usuários e profissionais encontram-se nas dimensões que dizem respeito às posturas de condenação das MC, discriminação e preconceito para com os sujeitos modificados. Igualmente concordam, que a opinião dos outros não é relevante e como tal, não deve ser tida em conta.

Por fim, acedemos a duas categorias centrais peculiares e deste modo, diferentes de todas as outras. No grupo dos usuários, surgiu o núcleo de significado ‘Com inveja/ciúme’, que é uma explicação encontrada por estes quanto ao modo como os sujeitos não modificados se sentem em relação às MC e corpos modificados. Contudo, no grupo dos profissionais surge uma perspectiva bem diferente. Estes acreditam que não se trata tanto dos outros desejarem para si as MC mas antes, ‘Não compreenderem’ este fenómeno ou as suas inerências. Acreditamos que ambas as categorias mencionadas são passíveis de explicar muitos dos sentimentos negativos e posturas pouco tolerantes experienciadas pelos entrevistados, e inerentes aos núcleos de significado já descritos.

### **2.2.13. Questão 13 - Para si, qual é o significado desta escolha (ter realizado MC)?**

#### **2.2.13.1. Análise das respostas dos Usuários**

No início da entrevista, logo na segunda questão colocada, solicitámos aos sujeitos entrevistados que reflectissem sobre os determinantes da sua escolha de fazer uma MC e, através das suas vozes pudemos compreender o que esteve na base desta sua opção particular. Agora, com doze questões já analisadas, desenvolveu-se um espaço mais alargado para a reflexão pessoal quanto a esta decisão, a maior parte das vezes irreversível. Pensamos que ao longo da entrevista, foi criada em ambos os grupos uma oportunidade para reflectirem sobre si mesmos, as suas marcas corporais, o modo como viveram as metamorfoses do seu corpo, o seu impacto nas diferentes áreas de vida e nos outros, bem como aquilo que recordam como sendo o mais significativo destas experiências. Assim, após esta exploração subjectiva profunda, estão criadas as

condições para colocarmos uma questão chave – Para si, qual é o significado desta escolha? – cujas respostas e respectivas hierarquias estão patentes na tabela 17 a).

As respostas partilhadas pelos usuários foram passíveis de uma organização em três categorias centrais: ‘Auto satisfação/realização’ (n=11; 12 ref.); ‘Expressão de identidade’ (n=11; 11 ref.) e ‘Assumir a escolha com as respectivas consequências’ (n=6; 8 ref.), que figuram como os principais núcleos de significado desta escolha.

Os significados fundamentais da escolha de ter realizado MC, são ditados pelos usuários nas categorias centrais, **‘Auto satisfação/realização’** (n=11; 12 ref.) e **‘Expressão de identidade’** (n=11; 11 ref.). A sua satisfação e realização com esta escolha prende-se com o facto de **‘Sentirem-se bem’** (n=3; 3 ref.) e **‘Sentirem-se mais completos’** (n=2; 2 ref.) com as suas MC, como é visível nos seus relatos –

“Sentir-me bem comigo mesma.” (Usuário 25)

“Eu gosto muito, pretendo fazer mais, acho muito bonito, me sinto bem com elas.” (Usuário 32)

“Foi sem dúvida uma boa escolha, daquelas que cada vez que te olhas ao espelho te rouba sempre um sorriso e te faz pensar quando é a próxima (...) sentires-te completo contigo mesmo.” (Usuário 24)

“Tem a ver com alterações que me fazem sentir por um lado mais completa e mais dentro de mim mesma.” (Usuário 7)

- e, relaciona-se com associação que fazem desta escolha, a um **‘Exercício da liberdade pessoal’** (n=3; 4 ref.) e a uma afirmação subjectiva de **‘Beleza’** (n=3; 3 ref.), o que é transmitido nas afirmações abaixo expostas:

“Sim é uma escolha porque ninguém nos obrigou a fazer esta ou aquela modificação, fomos nós, donos do nosso próprio corpo.” (Usuário 28)

“Escolhi viver e fazer tudo aquilo que me dá prazer, *you only live once.*” (Usuário 35)

“É a minha escolha... a minha liberdade de fazer no meu corpo, o que eu quero e gosto... é ter no meu corpo algo que tem significado para mim... é ter arte em mim.” (Usuário 30)

“Gostarmos do nosso corpo é bom, a beleza é vista pelos olhos de cada um.” (Usuário 26)

Deste modo apresentámos as unidades discursivas referentes às quatro categorias hierarquizadas reunidas no núcleo de significado em exposição e que para os usuários transmitem as diferentes dimensões das suas experiências de **‘Auto satisfação/realização’** derivadas da sua escolha de modificar o corpo.

Tabela 17 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 13 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“sentir-me bem comigo mesma” (25) “me sinto bem com elas” (32)	Sentirem-se bem (n=3; 3 ref.)	<b>Auto satisfação / realização</b> (n=11; 12 ref.)
“tem a ver com alterações que me fazem sentir por um lado mais completa e mais dentro de mim mesma” (7) “sentires-te completo contigo mesmo” (24)	Sentirem-se mais completos (n=2; 2 ref.)	
“beleza” (19) “acho muito bonito” (32)	Beleza (n=3; 3 ref.)	
“a minha liberdade de fazer no meu corpo, o que eu quero e gosto” (30) “donos do nosso próprio corpo” (28)	Exercício da liberdade pessoal (n=3; 4 ref.)	
“que tenho “tomates” para assumir quem sou sem rodeios” (9) “ter seguido o meu instinto... o meu coração... o meu EU” (25)	Aceitação de quem sou (n=3; 3 ref.)	<b>Expressão de identidade</b> (n=11; 11 ref.)
“é ser igual a outro sem MC mas sendo diferente ao mesmo tempo” (30) “uma forma de me diferenciar dos outros” (34)	Ser diferente (n=3; 3 ref.)	
“os meus ideais, gostos pessoais” (17) “cada modificação acaba por ter uma história, é o que as torna especial” (32)	Marcas com significado pessoal (n=3; 3 ref.)	
“misto de rebeldia/irreverência versus amor próprio” (26) “rebeldia” (34)	Rebeldia (n=2; 2 ref.)	
“é assumi-lo e ter de levar com a “ignorância” dos outros” (9) “foi uma opção consciente, do que ter tatuagens, é na sociedade” (23) “significa que temos que viver com a nossa escolha a vida toda (...) consciencializados para o que há de vir, coisas menos boas, olhares menos bons” (28) “estou ciente que esta escolha não tem volta” (32)	Escolha com consequências (n=4; 6 ref.)  Escolha definitiva (n=2; 2 ref.)	<b>Assumir a escolha com as respectivas consequências</b> (n=6; 8 ref.)

Com idêntica força à anterior categoria central, surge o núcleo de significado que revela nas MC uma oportunidade de **‘Expressão de identidade’** (n=11; 11 ref.), composto por quatro categorias de 2ª ordem e unidades discursivas inerentes, que traduzem os vários formatos através dos quais as metamorfoses no corpo permitiram aos sujeitos uma afirmação de si. A primeira, **‘Aceitação de quem sou’** (n=3; 3 ref.) é expressa nos testemunhos dos usuários que passamos a transcrever:

“Aceitar aquilo que sou independentemente do que os outros possam pensar.” (Usuário 14)

“Que tenho ‘tomates’ para assumir quem sou sem rodeios.” (Usuário 9)

“Ter seguido o meu instinto... o meu coração... o meu EU.” (Usuário 25)

A segunda categoria hierarquizada, **‘Ser diferente’** (n=3; 3 ref.) é resultado das seguintes afirmações:

“É ser igual a outro sem MC mas sendo diferente ao mesmo tempo.” (Usuário 30)

“É um estilo de vida alternativo, faz-me sentir que não sou mais um dos que vivem do outro lado, e que faço parte dos que vivem do outro lado... da sociedade.” (Usuário 20)

“Eu diria uma tendência rebelde, uma forma de me diferenciar dos outros, talvez uma forma para chamar a atenção.” (Usuário 34)

A terceira categoria, mostra como as marcas no corpo podem veicular conteúdos subjectivos e serem percebidas pelos portadores como **‘Marcas com um significado pessoal’** (n=3; 3 ref.), o que deste modo, lhes permite funcionar com um meio de **‘Expressão de identidade’**. Esta visão sobre as MC transparece nos seguintes excertos:

“É ter no meu corpo algo que tem significado para mim.” (Usuário 30)

“Os meus ideais, gostos pessoais, adoração por desenho, *tattoo*, *grafitti*, arte urbana, culturas latinas, etc., uma mistura de tudo isso talvez.” (Usuário 17)

“Cada modificação acaba por ter uma história, é o que as torna especial.” (Usuário 32)

**‘Rebeldia’** (n=2; 2 ref.) é o significado dado por dois usuários à sua escolha e consiste na categoria de 2ª ordem que encerra a presente rede de relações e de significados.

Alguns sujeitos perceberam esta escolha (ter realizado MC), como sendo uma **‘Escolha com consequências’** (n=4; 6 ref.), uma perspectiva detalhada nos seus discursos –

“É uma coisa que eu também sei e que o meu pai me disse, é a partir do momento que escolho seguir este ‘estilo’ também tenho de assumi-lo e esperar por tudo o que vem de acréscimo. É assumi-lo e ter de levar com a ‘ignorância’ dos outros. Saber que a minha vida nunca vai ser tão normal nem sossegada como as pessoas que ‘encaixam’ na sociedade.” (Usuário 9)

“Foi uma escolha sim, mas em termos de significado não é nada de relativo, sem dúvida foi uma opção consciente, do que ter tatuagens, é na sociedade. Mas isso para cada um tem um efeito diferente e eu encaro como já referi várias vezes, tudo com muita naturalidade.” (Usuário 23)

“Posso afirmar que foi uma das boas, mesmo parecendo que por vezes tudo se complicou à conta delas, mas as portas que se podem abrir para os que aí veem, o significado de ter uma peça de arte que te acompanha sempre e com um sentido intemporal, é algo que infelizmente poucos se podem orgulhar de ter.” (Usuário 24)

- outros encararam-na como uma **‘Escolha definitiva’** (n=2; 2 ref.), o que nos é claramente transmitido por dois participantes:

“Significa que temos que viver com a nossa escolha a vida toda, e que temos de estar consciencializados para o que há de vir, coisas menos boas, olhares menos bons.” (Usuário 28)

“Estou ciente que esta escolha não tem volta (...) as tatuagens que faço são para sempre (...) mas digo que não tem volta porque tem muitas pessoas que tatuam qualquer porcaria ou o nome do namorado depois arrependem-se ou no caso do namorado termina o namoro... o que

não é o meu caso, eu tatuo sempre consciente e escolho muito bem aquilo que quero porque é para sempre.” (Usuário 32)

Com a apresentação destas duas categorias hierarquizadas e respectivas unidades discursivas que autenticam o núcleo de significado **‘Assumir a escolha com as respectivas consequências’** (n=6; 8 ref.), encerramos a análise detalhada dos discursos respeitantes ao grupo dos usuários.

### 2.2.13.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 13<sup>65</sup>)

Os principais significados da escolha de ter realizado MC, são ditados pelo grupo dos profissionais, através dos seis núcleos de significado a que análise dos seus discursos e consequente processo de hierarquização e clarificação estrutural deu origem, referimo-nos às categorias de 1ª ordem: ‘Questão de identidade’ (n=12; 16 ref.); ‘Estilo de vida’ (n=7; 9 ref.); ‘Ter apreço pelas MC’ (n=5; 5 ref.); ‘Exercício da liberdade pessoal’ (n=4; 6 ref.); ‘Expressões pessoais (n=4; 5 ref.) e ‘Ser diferente’ (n=4; 5 ref.), que constam da tabela 17 b).

Uma **‘Questão da identidade’** (n=12; 16 ref.) é o significado atribuído pela maioria dos profissionais da presente amostra à sua escolha de modificar o corpo, e alicerça-se em três categoria hierarquizadas que o tornam no núcleo de significado com maior solidez obtido junto deste grupo. A primeira, **‘Fidelidade a si próprio’** (n=3; 3 ref.) encontra-se reflectida nas afirmações seguintes:

“Para mim o ‘significado’ disto tudo é ser fiel a mim, ser como eu quero e ser o que quero. Não faço nada para agradar ninguém.” (Profissional 3)

“Ser fiel a mim própria, uma forma de respeitares aquilo em que acreditas, em que gostas e o que és.” (Profissional 4)

“Não é uma escolha... é um dever pessoal simplesmente, sem elas, não estaria completa faltava algo em mim.” (Profissional 22)

A segunda, **‘Faz parte da identidade’** (n=6; 8 ref.) é perceptível através das vozes de alguns profissionais:

“Foi um rumo que escolhi, de identidade.” (Profissional 31)

“Sentir-me mais ‘eu’.” (Profissional 6)

“Ser eu própria.” (Profissional 37)

“Eu me assumir como sou perante a sociedade.” (Profissional 12)

<sup>65</sup> Questão 13 – “Para si, qual é o significado desta escolha (ter realizado MC)?”

“É a definição e manifestação do que sou... orgulho-me de ser assim (...) na vida temos todos de fazer escolhas e seguir vários caminhos... este foi o que decidi seguir... e estou e penso que serei sempre feliz com a minha escolha que começou há vários anos atrás e que ainda hoje me fascina.” (Profissional 2)

Tabela 17 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 13 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“ser fiel a mim própria” (4) “é um dever pessoal simplesmente” (22)	Fidelidade a si próprio (n=3; 3 ref.)	<b>Questão de identidade</b> (n=12; 16 ref.)
“definição e manifestação do que sou” (2) “identidade” (31) “sentir-me mais ‘eu’” (6)	Faz parte da identidade (n=6; 8 ref.)	
“um complemento ao ser interior e físico” (39) “é algo que faz parte de mim” (2) “faz parte de ser mulher, de ser feminina” (22)	Sentido de integridade (n=3; 5 ref.)	
“estilo de vida” (10) “maneira de estar” (31) “escolha irreversível” (1)	Forma de estar na vida (n=3; 3 ref.)	
“todos os objectivos que eu tenho podem ser concretizados com a escolha que eu fiz” (1) “fazem parte da minha ‘tribo’” (13) “a minoria” (10)	Escolha de vida (n=1; 2 ref.) Pertença a um grupo (n=3; 4 ref.)	<b>Estilo de vida</b> (n=7; 9 ref.)
“alguns estéticos” (36) “sinto-me atraído por elas, pelo aspecto rude” (13) “gosto do resultado estético das MC” (11)	Gostar do resultado estético (n=3; 3 ref.)	<b>Ter apreço pelas MC</b> (n=5; 5 ref.)
“gostei e fiz” (15) “se gosto, faço” (4)	Gostar, sem especificação (n=2; 2 ref.)	
“não faço nada para agradar ninguém” (3) “não gosto de me condicionar por causa dos outros” (4)	Recusa de condicionamentos (n=2; 2 ref.)	<b>Exercício da liberdade pessoal</b> (n=4; 6 ref.)
“seres como tu queres” (3) “é viver a vida sem barreiras, sem limites” (5) “é questão de ‘história’” (29) “alguns pessoais” (36) “significado de marcar a minha vida na minha pele” (40)	Liberdade (n=2; 4 ref.) Marcas com significado pessoal (n=3; 3 ref.)	<b>Expressões pessoais</b> (n=4; 5 ref.)
“[maneira de] pensar” (31) “[maneira de] expressar” (31)	Formas de expressão/pensamento (n=1; 2 ref.)	
“está muito ligado a tudo o que é diferente” (1) “nascermos todos iguais e morrermos diferentes” (8) “em geral gosto pelo simples facto de poder mudar o meu corpo” (36)	Ser diferente (n=4; 5 ref.)	<b>Ser diferente</b> (n=4; 5 ref.)

A terceira, ‘**Sentido de integridade**’ (n=3; 5 ref.) é ilustrada por expressões como:

“Simplesmente, sem elas, não estaria completa faltava algo em mim. É como uma mulher e um batom... faz parte de ser mulher, de ser feminina.” (Profissional 22)

“Não vejo como uma escolha vejo como um complemento ao ser interior e físico.” (Profissional 39)

“É algo que faz parte de mim, e em certa forma não queria que a minha vida e as MC que fiz fossem de forma alguma diferentes... nem me consigo imaginar sem elas... são mesmo parte de mim e da minha vida.” (Profissional 2).

Já o **‘Estilo de vida’** surge como o segundo significado mais partilhado entre os profissionais para a sua escolha de ter realizado MC e é explicado através de três posturas relacionadas com as *modys*, expostas através das três categorias hierarquizadas que dão voz à presente categoria central. Referimo-nos às categorias de 2ª ordem, **‘Forma de estar na vida’** (n=3; 3 ref.) e **‘Escolha de vida’** (n=1; 2 ref.) ambas patentes nas unidades discursivas de conteúdo abaixo transcritas -

“Maneira de estar.” (Profissional 31)

“Estilo de vida diferente à maioria, acho que sempre fui a favor disso.” (Profissional 10)

“Início de uma vida bem diferente das vidas ‘cinzentas’ do quotidiano.” (Profissional 16)

“Comecei a tatuar-me bué e a ter bué tatuagens e aí eu percebo ‘não, tu agora já não podes estar no meio termo, tu já estás deste lado e esta é uma escolha’, eu fiz uma escolha irreversível (...) todos os objectivos que eu tenho podem ser concretizados com a escolha que eu fiz.” (Profissional 1)

- bem como à categoria hierarquizada que traduz a celebração de um **‘Estilo de vida’** particular, caracterizando-o pela **‘Pertença a um grupo’** (n=3; 4 ref.), que é uma condição percebida nos seus relatos:

“A minoria.” (Profissional 10)

“As *tattoos* e os *piercings* quer queiram quer não fazem parte da cultura de inúmeras ‘tribos’, também fazem parte da minha ‘tribo’ e como é óbvio sinto-me atraído por elas, pelo aspecto rude, como estou ligado a sonoridades pesadas na música e a culturas de rua igualmente pesadas é normal e frequente marcarmo-nos como se marcam os animais para que se distinga a *crew*, a zona, etc.” (Profissional 13)

“Foi uma escolha do tipo que agora já estou deste lado, já não pertença àquele, entre aspas (...) o outro lado talvez seja um lado mais simples que me possa dar outras oportunidades que agora já não posso ter, que possa ser vista de outra maneira, isso é uma coisa que não me faz diferença nenhuma porque eu não tenho objectivos desse lado, só tenho deste.” (Profissional 1)

**‘Ter apreço pelas MC’** (n=5; 5) é a terceira categoria central produzida pelo processo de hierarquização, tendo resultado da aglutinação das categorias de 2ª ordem, **‘Gostar do resultado estético’** (n=3; 3 ref.) e **‘Gostar, sem especificação’** (n=2; 2 ref.) que comportam referências como:

“Vários, alguns pessoais, alguns estéticos. Mas em geral gosto pelo simples facto de poder mudar o meu corpo.” (Profissional 36)

“Gosto do resultado estético das MC e isso chega!” (Profissional 11)

“Eu não gosto de me condicionar por causa dos outros, se gosto, faço, e não penso muito se vou ficar prejudicada ou não.” (Profissional 4)

“Não te sei responder foi uma coisa natural, eu sou muito tábua rasa não tenho significados escondidos ou agendas obscuras, gostei e fiz.” (Profissional 15)

Tendo surgido como categoria de 2ª ordem inerente ao núcleo de significado ‘Auto satisfação/ realização’ no grupo dos usuários, agora ‘**Exercício de liberdade pessoal**’ (n=4; 6 ref.) ganha maior representatividade como categoria de 1ª ordem fundamentada pelas duas categorias hierarquizadas ‘**Recusa de condicionamentos**’ (n=2; 2 ref.) e ‘**Liberdade**’ (n=2; 4 ref.), ambas ilustradas nos seguintes exemplos:

“Não gosto de me condicionar por causa dos outros.” (Profissional 4)

“Não faço nada para agradar ninguém, quase ninguém pode dizer o mesmo. Muita gente às vezes gostava de fazer uma *tattoo* mas não faz porque não ia ser aceite no trabalho, ou porque a mãe não ia gostar, ou pelo que iriam pensar dela, isso a mim não me abrange (...) liberdade, ser livre, faz tudo parte, seres livre e seres como tu queres.” (Profissional 3)

“É viver a vida sem barreiras, sem limites. É óptimo, andas como queres, tens a mente aberta, a mente livre.” (Profissional 5)

Alguns profissionais apontaram como significado desta escolha, as MC como ‘**Formas de expressão/ pensamento**’ (n=1; 2 ref.) e as marcas no corpo como ‘**Marcas com significado pessoal**’ (n=3; 3 ref.), enquanto categorias hierarquizadas que integram ‘**Expressões pessoais**’ (n=4, 5 ref.) como núcleo de significado desta escolha de modificar o corpo. Eis alguns exemplos das dimensões referidas:

“Maneira de estar, pensar e de expressar.” (Profissional 31)

“Alguns [significados] pessoais.” (Profissional 36)

“Significado de marcar a minha vida na minha pele.” (Profissional 40)

Terminamos a descrição da hierarquização produzida, com a categoria central ‘**Ser diferente**’ (n=4; 5 ref.), já referida no grupo dos usuários embora com menor representatividade no formato de categoria hierarquizada respectiva ao núcleo de significado ‘Expressão de identidade’. Para os profissionais, ‘Ser diferente’ como significado desta escolha (ter realizado MC), é explicado do seguinte modo:

“Nascermos todos iguais e morrermos diferentes... termos o poder de nos distinguirmos e tatuagens é uma maneira directa para isso.” (Profissional 8)

“Em geral gosto pelo simples facto de poder mudar o meu corpo.” (Profissional 36)

“Está muito ligado a tudo o que é diferente, rastas, *piercings*, tatuagens...” (Profissional 1)

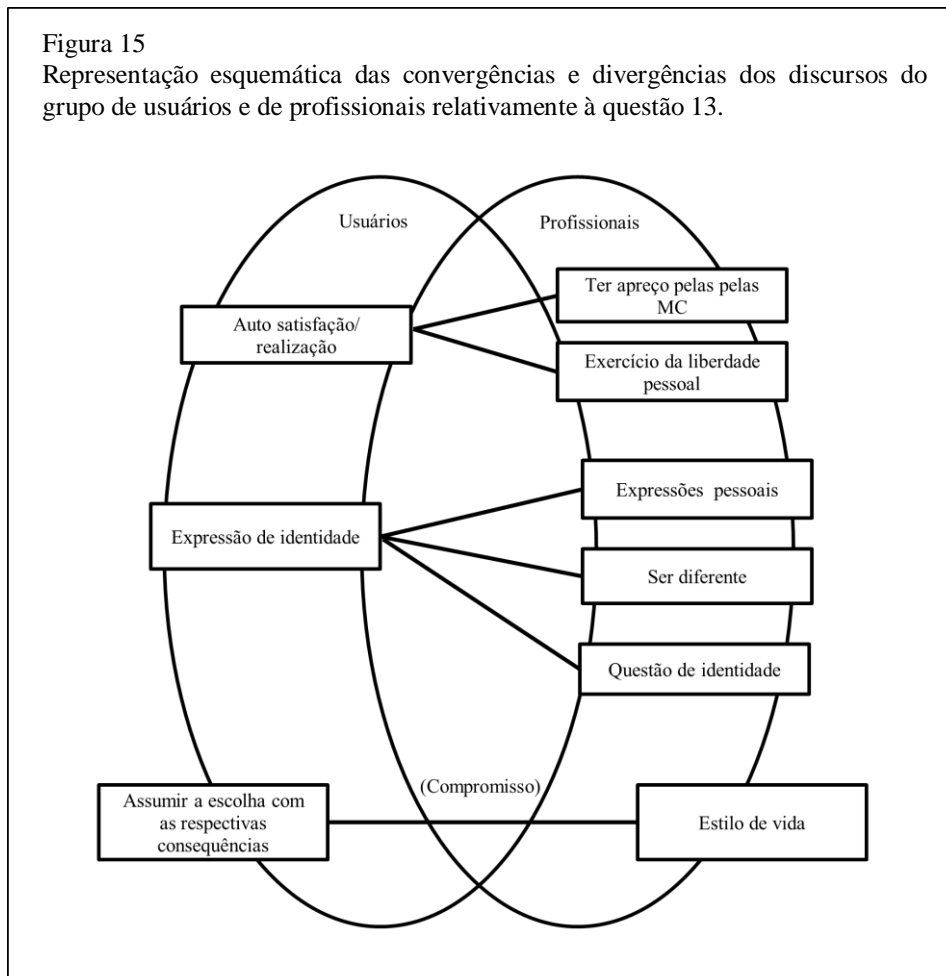
“Escolhi ser diferente.” (Profissional 10)

Do processo intuitivo de codificação para aceder às categorias de 1ª ordem, resultaram três núcleos de significado para o grupo dos usuários e seis categorias centrais para o grupo dos profissionais. Feita a sua apresentação e de alguns excertos exemplificativos das respostas de ambos os grupos, gostaríamos de reforçar alguns pontos de convergência e de afastamento, encontrados nas vozes dos usuários e profissionais da presente amostra.

Tal como já foi referido, as dimensões ‘Exercício da liberdade pessoal’ e ‘Ser diferente’ são comuns aos dois grupos entrevistados. Contudo, surgem no grupo dos usuários como categorias hierarquizadas e inseridas em diferentes núcleos de significado e no grupo dos profissionais já se apresentam com maior solidez no formato de categorias centrais. Por sua vez, a dimensão ‘Marcas com significado pessoal’ também é comum enquanto categoria de 2ª ordem nos discursos de usuários e profissionais, embora surja inserida em núcleos de significado diferentes: ‘Expressão de identidade’ no grupo dos usuários e ‘Expressões pessoais’ no grupo dos profissionais.

Figura 15

Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 13.



Os grupos convergem em certa medida, quando os usuários encaram as MC como um meio de ‘Expressão de identidade’ e quando os profissionais explicam o significado da sua escolha de metamorfose física por uma ‘Questão de identidade’.

Não se encontram na relevância atribuída pelos usuários ao carácter definitivo desta escolha e suas consequências ou, na associação que fazem da escolha de ter MC com experiências de auto satisfação/ realização.

Considerámos ainda interessante e curioso o facto das categorias mais raras ou menos frequentes, ou seja as categorias residuais, que por este mesmo motivo optámos por não incluir na apresentação detalhada dos resultados, serem idênticas em ambos os grupos. Referimo-nos aos núcleos de significado ‘(Ter) Arte’ e ‘Não tem significado’ acedidos no grupo dos usuários e, às categorias ‘Arte’ e ‘Nenhum em especial’, correspondentes aos discursos dos profissionais.

#### **2.2.14. Questão 14- “Preparou-se de alguma forma (ex. investigou previamente vários profissionais/ estúdios, informação sobre os riscos de saúde, etc.) para a realização das suas MC?”**

##### 2.2.14.1. Análise das respostas dos Usuários.

Partimos da premissa que nenhuma intervenção feita no corpo está totalmente isenta de risco e assim fundamentámos a necessidade de explorar junto dos usuários e profissionais as suas preocupações neste domínio e as precauções por eles tomadas.

Da análise detalhada dos discursos dos usuários recolhemos cinco núcleos de significado, ‘Investigação das questões de saúde e higiene’ (n=14; 15 ref.), ‘Proximidade com profissionais/ pessoas do meio’ (n=9; 9 ref.), ‘Procura de boas referências’ (n=6; 6 ref.), ‘Procura de qualidade’ (n=6; 6 ref.) e ‘Sim, sem especificação’ (n=4; 4 ref.), que figuram como as categorias centrais que dão resposta à presente questão, e são apresentadas na tabela 18 a).

A principal estratégia de preparação para a realização de MC adoptada pelos usuários centrou-se na ‘**Investigação das questões de saúde e higiene**’ (n=14; 15 ref.) inerentes a este tipo de intervenções no corpo. As suas preocupações incidiram na ‘**Pesquisa dos riscos para a saúde**’ (n=4; 4 ref.) e na ‘**Investigação dos estúdios**’

(n=5; 6 ref.) onde pretendiam realizar as MC, o que é explicado nas seguintes afirmações:

“Com certeza, toda a tinta que tenho no corpo é de origem vegetal, não possui ao que sei, riscos para a saúde.” (Usuário 24)

“Sim, fui sempre a estúdios de confiança e informei-me de todos os possíveis riscos para a saúde.” (Usuário 18)

“Investigo sempre os malefícios do local (quer a nível de estúdio, quer a nível do local corporal) onde vou fazer. E sempre que vou a um estúdio diferente, gosto de ver primeiro as suas condições.” (Usuário 19)

Salienta-se que a **‘Preocupação com as questões de higiene’** (n=5; 5 ref.) foi identificada pelos usuários como um dos principais motivos das pesquisas acima referidas. O exposto pode ser confirmado através das palavras dos próprios sujeitos:

“Sim claro... principalmente questões de higiene... garanto sempre que abrem o material à minha frente.” (Usuário 14)

“Procurei sempre saber as maneiras correctas de o fazer em termos de higiene, segurança, o que fazer depois, sempre tive a sorte de ter contacto com excelentes profissionais.” (Usuário 9)

“Sempre tatuei e fiz MC com profissionais e com as melhores condições de higiene possíveis.” (Usuário 20)

Deste modo introduzimos as três categorias hierarquizadas que se encontram na base do núcleo de significado apresentado, **‘Investigação das questões de saúde e higiene’**.

O **‘Contacto com profissionais’** (n=3; 3 ref.) e a **‘Relação de amizade com profissionais’** (n=3; 3 ref.), foram igualmente condições evidentes nas palavras dos usuários –

“Quando comecei mais a entrar em contacto tive bastante receio dos problemas e das consequências possíveis no caso de alguma coisa não correr tão bem e fui adquirindo conhecimentos através de artistas, tatuadores e etc. que me foram dando várias indicações sobre os procedimentos que se devem seguir.” (Usuário 7)

“Com o passar dos anos descobri um novo tatuador que nos tornamos amigos pessoais, e é ele que está encarregue de me pintar, não vou a nenhum estúdio apenas tenho um tatuador mesmo, e se por acaso visitar outro estúdio será apenas com referência do meu tatuador.” (Usuário 17)

“(...) Alguns desses profissionais são amigos... conheço o trabalho de perto.” (Usuário 25)

- a par, com as experiências de **‘Contacto com pessoas do meio’** (n=3; 3 ref.), testemunhadas nas seguintes afirmações -

“Sim procurei informar-me sempre mas sempre com pessoas ligadas directamente ao ramo pois nem sempre a posição médica é correcta.” (Usuário 26)

“Já conhecia há vários anos algumas pessoas e dentro disso escolhi depois o que considerei melhor. Acerca dos riscos aplica-se a mesma coisa, como já conhecia o meio, sabia tudo.” (Usuário 23)

Tabela 18 a)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 14 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“com certeza, toda a tinta que tenho no corpo é de origem vegetal, não possui ao que sei, riscos para a saúde” (24) “indaguei riscos para a saúde” (25)	Pesquisa dos riscos para a saúde (n=4; 4 ref.)	<b>Investigação das questões de saúde e higiene</b> (n=14; 15 ref.)
“sim claro... principalmente questões de higiene” (14) “[sempre] com as melhores condições de higiene possíveis” (20) “cumpriam todos os critérios de higiene” (35)	Preocupação com as questões de higiene (n=5; 5 ref.)	
“investigo sempre os malefícios do local (quer a nível de estúdio...)” (19) “sim, fiz pesquisa primeiro pelas condições” (27) “fui sempre a estúdios de confiança” (18)	Investigação dos estúdios (n=5; 6 ref.)	
“sempre tive a sorte de ter contacto com excelentes profissionais” (9) “sempre tive bons tatuadores em meu redor e estes claro com as boas condições” (33)	Contacto com profissionais (n=3; 3 ref.)	<b>Proximidade com profissionais/ pessoas do meio</b> (n=9; 9 ref.)
“(…) alguns desses profissionais são amigos... conheço o trabalho de perto” (25) “normalmente viro amiga do tatuador antes de fazer a <i>tattoo</i> ” (32)	Relação de amizade com profissionais (n=3; 3 ref.)	
“já conhecia há vários anos algumas pessoas e dentro disso escolhi depois o que considerei melhor (...) como já conhecia o meio, sabia tudo” (23) “sempre com pessoas ligadas directamente ao ramo” (26)	Contacto com pessoas do meio (n=3; 3 ref.)	<b>Procura de boas referências</b> (n=6; 6 ref.)
“(…) ganhou várias convenções internacionais, sabia que à partida estava em boas mãos” (17) “procurei quem eu achava ser bom profissional” (25) “procuro sempre os melhores profissionais” (32)	Procura de profissionais reconhecidos (n=3; 3 ref.)	
“funciona muito de boca-a-boca” (30) “segui-me um pouco pelo nome do estúdio e do seu nome na praça” (21)	Estúdios com boas referências (n=3; 3 ref.)	
“não me deixo levar por preços “baratos”, se é caro, é porque estás a pagar alguma coisa, como material esterilizado, local limpo e etc.” (9) “em relação a preços, não me importo de pagar um pouco mais pelo trabalho desde que seja bem feito” (32)	Relação preço – qualidade (n=2; 2 ref.)	<b>Procura de qualidade</b> (n=6; 6 ref.)
“quanto a investigações, faço mas para ver os trabalhos que fazem... a ver se tem o estilo que gosto” (14) “[fiz pesquisa] pela arte específica” (27) “a qualidade do trabalho hehehe tem de ser sempre top” (24)	Investigação da componente artística/ qualidade do trabalho (n=4; 4 ref.)	
“sim, procurei me informar sempre” (26) “sim, sempre tive cuidado” (35) “claro que sim (...) tal como comprar um carro, devemos informar-nos sempre antes, de tudo” (38)	Sim, sem especificação (n=4; 4 ref.)	<b>Sim, sem especificação</b> (n=4; 4 ref.)

Estes contactos e relacionamentos parecem de algum modo reduzir a preocupação com a realização de MC junto do grupo dos usuários e, de certa forma prepará-los para este tipo de intervenção. As três dimensões de **‘Proximidade com profissionais/pessoas do meio’** (n=9; 9 ref.) configuram-se como categorias hierarquizadas que dão voz ao actual núcleo de significado.

Avançando na hierarquização produzida, acedemos a duas categorias centrais de idêntica força quanto à sua representatividade intragrupal e que reflectem duas importantes preocupações consideradas pelos usuários na preparação para a realização das suas MC. A primeira, espelha o modo como a fama precede um bom trabalho e, diz respeito à **‘Procura de boas referências’** (n=6; 6 ref.) enquanto núcleo de significado sedimentado nas categorias hierarquizadas **‘Procura de profissionais reconhecidos’** (n=3; 3 ref.) e **‘Estúdios com boas referências’** (n=3; 3 ref.), ambas abaixo ilustradas pelas unidades discursivas seleccionadas a título de exemplo:

“Procurei quem eu achava ser bom profissional (...) alguns desses profissionais são amigos... conheço o trabalho de perto.” (Usuário 25)

“O meu primeiro tatuador ganhou várias convenções internacionais, sabia que à partida estava em boas mãos.” (Usuário 17)

“Procuro sempre os melhores profissionais, e acabo por visitar mais de uma vez o estúdio antes de fazer a *tattoo*.” (Usuário 32)

“Sim! Pesquisei estúdios (...) sabes que também funciona muito de boca-a-boca.” (Usuário 30)

“Sempre fui a sítios recomendados.” (Usuário 35)

“Segui-me um pouco pelo nome do estúdio e do seu ‘nome na praça’.” (Usuário 21)

A segunda categoria central à qual fizemos referência anteriormente, constitui-se na **‘Procura de qualidade’** (n=6; 6 ref.) avaliada através da **‘Relação preço-qualidade’** (n=2; 2 ref.) e apoiada na **‘Investigação da componente artística/qualidade do trabalho’** (n=4; 4 ref.), que são duas vias de preparação privilegiadas no grupo dos usuários, como podemos perceber através dos seus discursos:

“Em relação a preços, não me importo de pagar um pouco mais pelo trabalho desde que seja bem feito.” (Usuário 32)

“Não me deixo levar por preços ‘baratos’, se é caro, é porque estás a pagar alguma coisa, como material esterilizado, local limpo e etc.” (Usuário 9)

“Quanto a investigações, faço mas para ver os trabalhos que fazem... a ver se tem o estilo que gosto.” (Usuário 14)

“[Fiz pesquisa] pela arte específica.” (Usuário 27)

“A qualidade do trabalho hehehe tem de ser sempre top.” (Usuário 24)

Fechamos a análise detalhada dos discursos do grupo dos usuários, com uma categoria bastante genérica, **‘Sim, sem especificação’** (n=4; 4 ref.) que comporta referências que evidenciam a importância de uma preparação e investigação prévia à realização de MC, embora não especifiquem quais as melhores atitudes a adoptar:

“Claro que sim, e todos nós antes de fazermos o que quer que seja, tal como comprar um carro, devemos informar-nos sempre antes, de tudo.” (Usuário 38)

#### 2.2.14.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 14<sup>66</sup>)

Neste domínio, as principais preocupações para o grupo dos profissionais são evidenciadas nas categorias de 1ª ordem, ‘Preocupação com as questões de saúde e higiene’ (n=14; 17 ref.) e ‘Preocupação com o(s) estúdio(s)’ (n=11; 12 ref.). Já os principais modos de preparação para a realização de MC, reúnem-se nos núcleos de significado ‘Avaliação da qualidade do profissional’ (n=8; 8 ref.), ‘Proximidade com profissionais de MC’ (n=6; 7 ref.), ‘Sim, sem especificação’ (n=5; 5 ref.) e ‘Não’ (n=4; 5 ref.), o que perfaz um total de seis categorias centrais, cujas hierarquias de primeira e segunda ordem estão descritas na tabela 18 b).

Tal como ocorreu junto do grupo dos usuários, a **‘Preocupação com as questões de saúde e higiene’** (n=14; 17 ref.) surge como o núcleo de significado mais forte, resultante da aglutinação de cinco categorias hierarquizadas que lhe conferem maior solidez. A primeira, **‘Preocupação com a falta de higiene/ auto preservação’** (n=4; 5 ref.) comporta referências como as transcritas de seguida:

“Nesse campo, preocupa-me (...) a falta de condições de higiene.” (Profissional 2)

“É saber que há estúdios sem a mínima higiene e que há gente que só faz isto para ganhar ‘guito’ e não vê as pessoas.” (Profissional 5)

“Sim, em primeiro lugar é a minha saúde e dos que me rodeiam, depois a arte.” (Profissional 29)

“Tenho o cuidado de todos os anos fazer análises para garantir que está tudo bem comigo (...) nada é mais importante do que a vida.” (Profissional 37)

<sup>66</sup> Questão 14 – “Preparou-se de alguma forma (ex. investigou previamente vários profissionais/ estúdios, informação sobre os riscos de saúde, etc.) para a realização das suas MC?”

Tabela 18 b)

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 14 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“ambiente estéril” (10)	(investigam)	
“ <i>hiper</i> controlado que eu sou uma “beca” paranóico com patogénios sanguíneos” (15)	Características de higiene e esterilização	
“a biossegurança e o controle de infecção é uma grande preocupação minha” (36)	(n=4; 6 ref.)	
“agulhas descartáveis” (10)	Agulhas descartáveis	
“tinham que ser agulhas novas” (1)	(n=2; 2 ref.)	
“a falta de condições de higiene” (2)	Preocupação com a falta de	<b>Preocupação com questões de saúde e higiene</b> (n=14; 17 ref.)
“há estúdios sem a mínima higiene” (5)	higiene/auto	
“sim, em primeiro lugar é a minha saúde (...) depois a arte” (29)	preservação	
“nada é mais importante do que a vida” (37)	(n=4; 5 ref.)	
“cumpre com as normas” (10)	Atenção ao respeito pelas normas	
“convém teres a certeza que é tudo (...) e dentro das leis da MC” (40)	(n=2; 3 ref.)	
“procurei no meio dos profissionais, sempre algo que completasse essas vertentes, bom profissional e condições de higiene e segurança” (12)	Atenção a vários domínios	
“ver (...) o estúdio” (10)	(investigam)	
“percorri vários estúdios” (16)	Estúdios	
“avaliei vários [estúdios]” (39)	(n=3; 3 ref.)	
“são feitas no nosso estúdio com as condições fundamentais” (10)	Usam o próprio estúdio (n=2; 3 ref.)	<b>Preocupação com o(s) estúdio(s)</b> (n=11; 12 ref.)
“só faço em estúdios ou que já conheço” (4)	Contacto prévio com os estúdios	
“sim eu só faço e só fiz em sítios onde confiava plenamente” (37)	(n=4; 4 ref.)	
“[locais] que tenho muito bom <i>feedback</i> de várias pessoas” (2)	Estúdios com boas referências	
“[estúdios] que tenho algumas referências” (4)	(n=2; 2 ref.)	
“tentei sempre encontrar os melhores profissionais” (16)	Preocupação com as competências do profissional	<b>Avaliação da qualidade do profissional</b> (n=8; 8 ref.)
“estou sempre a ver os melhores profissionais que temos” (5)	(n=5; 5 ref.)	
“avaliei vários [profissionais]” (39)	(investigam)	
“o <i>portfolio</i> do tatuador” (10)	<i>Portfolio</i>	
“verifico sempre o <i>portfolio</i> do tatuador” (8)	(n=3; 3 ref.)	
“vou ver <i>portfolios</i> ” (4)		
“feitas com pessoas que conhecia o trabalho e condições de segurança e higiene” (2)	Conhecimento prévio dos profissionais	<b>Proximidade com profissionais de MC</b> (n=6; 7 ref.)
“claro, como estou no ramo há 7 anos, já sei quais são os bons e os maus profissionais” (36)	(n=3; 4 ref.)	
“falando com pessoal, vais aprendendo qualquer coisa”	Contacto com profissionais	
“sim foi tudo com ajuda do meu <i>bro</i> [tatuador], ele mostrou-me tudo” (40)	(n=3; 3 ref.)	
“de uma forma muito exaustiva” (2)	Sim, sem especificação	<b>Sim, sem especificação</b> (n=5; 5 ref.)
“sempre” (4)	(n=5; 5 ref.)	
“sim, claro” (6)		
“não, nunca tive receio” (1)	Não, sem especificação	<b>Não</b> (n=4; 5 ref.)
“nunca me preocupei com isso” (1)	(n=2; 3 ref.)	
“não, bem <i>trash</i> ” (15)	Inicialmente não	
“a primeira foi numa loja de roupa” (15)	(n=2; 2 ref.)	
“ao princípio não, foi mesmo à doido” (3)		

A segunda, referente ao presente núcleo de significado, especifica uma dimensão a ter em conta aquando da preparação para a realização de MC. Referimo-nos à categoria **‘Atenção ao respeito pelas normas’** (n=2; 3 ref.), que é ilustrada pelas unidades discursivas abaixo exibidas:

“A nível de higiene se cumpre com as normas, agulhas descartáveis, tintas homologadas, troca de luvas constante, ambiente estéril, etc..” (Profissional 10)

“Vi em estúdios e na net todo o seu conteúdo e informação, convém teres a certeza que é tudo higiénico e dentro das leis da MC.” (Profissional 40)

A terceira categoria de 2ª ordem, **‘Atenção a vários domínios’** (n=2; 2 ref.), vai ao encontro da anterior categoria exposta, embora com um carácter mais holístico. Eis alguns exemplos:

“Sim, o máximo de cuidado em todas (estúdio, profissionais e higiene).” (Profissional 31)

“Sim... sempre fui cuidadoso com isso procurei no meio dos profissionais, sempre algo que completasse essas vertentes, bom profissional e condições de higiene e segurança.” (Profissional 12)

A quarta, **‘(investigam) Características de higiene e esterilização’** (n=4; 6 ref.) que faz parte das preocupações específicas de alguns dos profissionais entrevistados:

“No acto verifico se está tudo esterilizado ou novo.” (Profissional 8)

“Hiper controlado que eu sou uma ‘beca’ paranóico com patogénios sanguíneos.” (Profissional 15)

“A biossegurança e o controle de infecção é uma grande preocupação minha, algo que deveria ser de todos os profissionais da área.” (Profissional 36)

Por fim, a quinta e última categoria hierarquizada da presente rede de relações, que diz respeito a uma dimensão básica, obrigatória na realização segura de MC, o uso de **‘Agulhas descartáveis’** (n=2; 2 ref.), que é uma condição patente nas seguintes afirmações:

“Nunca tive receio, tirando o facto de saber que tinham que ser agulhas novas.” (Profissional 1).

“A nível de higiene se cumpre com as normas, agulhas descartáveis.” (Profissional 10)

A **‘Preocupação com o(s) estúdio(s)’** (n=11; 12 ref.) é uma condição mais evidente no grupo dos profissionais, enquanto núcleo de significado composto por quatro categorias hierarquizadas e respectivas unidades discursivas que as fundamentam. A primeira **‘(investigam) Estúdios’** (n=3; 3 ref.) e a segunda, **‘Contacto prévio com os estúdios’** (n=4; 4 ref.) categorias hierarquizadas, demonstram a necessidade de ter

acesso a vários estúdios antes de tomar uma decisão e revelam a sua preferência por locais que já conhecem. O exposto é confirmado nos seguintes exemplos:

“As duas primeiras perguntas devem ser, posso ver o material e o estúdio?” (Profissional 10)

“Percorri vários estúdios até que encontrei o que mais se adequava.” (Profissional 16)

“Sim, avaliei vários [estúdios].” (Profissional 39)

“Sim eu só faço e só fiz em sítios onde confiava plenamente.” (Profissional 37)

“Claro, claro, estou sempre a ver os melhores profissionais que temos no nosso Portugal, temos ótimos estúdios em todos os termos, até em higiene eles têm todo o cuidado.” (Profissional 5)

Quando não conhecem bem os locais, os profissionais optam então por procurar os **‘Estúdios com boas referências’** (n=2; 2 ref.) que, enquanto categoria hierarquizada, é uma dimensão comum ao grupo dos usuários e pode ser facilmente percebida nas palavras de dois participantes:

“Só faço em locais que conheço bem, ou que tenho muito bom feedback de várias pessoas.” (Profissional 2)

“Só faço em estúdios ou que já conheço ou que tenho algumas referências.” (Profissional 4)

**‘Usam o próprio estúdio’** (n=2; 3 ref.) é a categoria de 2ª ordem que fecha o actual núcleo de significado e revela-se como outra estratégia a que os profissionais recorrem para salvaguardar as suas preocupações relativas às condições de realização das suas MC. Eis alguns exemplos desta postura particular:

“São feitas no nosso estúdio com as condições fundamentais, fazemos em nós tal e qual fazemos nos outros.” (Profissional 10)

“Hoje em dia é sempre na minha loja, com o meu material ou seja hiper controlado (...) mando vir os artistas aqui [próprio estúdio].” (Profissional 15)

Esta preocupação acrescida com os estúdios, demonstrada pelos profissionais, poderá estar relacionada com o facto de muitos deles possuírem estúdios seus ou trabalharem por conta de outrem e desta forma se sentirem mais capazes para julgar adequadamente as condições oferecidas pelas diferentes instalações com que contactam tanto no papel de profissionais de MC, como de usuários.

Na preparação para a realização das suas MC, os profissionais **‘(investigam) Portfolio’** (n=3; 3 ref.) dos seus pares, que é uma atitude assente na fidedigna **‘Preocupação com as competências do profissional’** (n=5; 5 ref.) quer a nível artístico, quer a nível do cumprimento das condições de higiene e segurança associadas às intervenções no corpo, no formato de MC. As duas dimensões supracitadas, configuram-se nas categorias de 2ª ordem que dão voz ao núcleo de significado

**‘Avaliação da qualidade do profissional’** (n=8; 8 ref.), que é ilustrado por descrições como as que passamos a apresentar:

“Vou ver *portfolios* e assim, para ver quem se sente mais à vontade a tatuar o estilo que quero.”

(Profissional 4)

“Como cliente verifico sempre o *portfolio* do tatuador preciso de saber se é exactamente o que quero... e o que procuro.” (Profissional 8)

“Saber o que está a fazer, no (...) confiei a 100% pelo que vi do trabalho dele sabia que é um artista (...) o *portfolio* do tatuador e depois se vê preços.” (Profissional 10)

“Preocupa-me o profissional não ser bom e fazer um mau trabalho que vai ficar para a vida.” (Profissional 2)

“Sim quando comecei tanto nos *piercings* como nas tatuagens tentei sempre encontrar os melhores profissionais.” (Profissional 16)

Por outro lado, o **‘Conhecimento prévio dos profissionais’** (n=3; 4 ref.) e o **‘Contacto com profissionais’** (n=3; 3 ref.) parecem ter para os sujeitos da amostra um papel importante na sua preparação para a realização das MC e na tranquilização das preocupações associadas a práticas deste cariz. São duas vertentes similares que convergem no núcleo de significado **‘Proximidade com profissionais de MC’** (n=6; 7 ref.) que enquanto categoria de 1ª ordem reúne várias referências como as seguir transcritas:

“Em relação à preparação para a realização de uma MC eu já conheço as pessoas que podem mexer no meu corpo.” (Profissional 13)

“Claro, como estou no ramo há 7 anos, já sei quais são os bons e os maus profissionais e nunca vou dar o meu corpo nas mãos de uma pessoa despreparada.” (Profissional 36)

“Foram bem pensadas e feitas com pessoas que conhecia o trabalho e condições de segurança e higiene.” (Profissional 2)

“Sim, claro até porque tenho amigos que o fazem também, portanto trocamos informações.” (Profissional 22)

“Vais falando com pessoal, vais aprendendo qualquer coisa.” (Profissional 3)

“Sim foi tudo com ajuda do meu bro [tatuador], ele mostrou-me tudo.” (Profissional 40)

Por fim, nas duas últimas categorias centrais acedidas pelo processo de hierarquização e clarificação estrutural, as opiniões dividiram-se com cinco profissionais a afirmar que **‘Sim, sem especificação’** (n=5; 5 ref.) se preparam para a realização das suas MC e quatro profissionais a partilharem da postura literalmente oposta, **‘Não’** (n=4; 5 ref.).

“A única que não fiz com o meu namorado foi a *tattoo* na LTC e o primeiro *piercing* aos 18 anos e sim, pesquisei.” (Profissional 10)

“Sim, claro. E é algo que aconselho a qualquer pessoa que queira fazer qualquer tipo de modificação.” (Profissional 6)

As unidades discursivas acima apresentadas compõem a categoria central mais generalista, resultante da análise detalhada dos discursos do grupo dos profissionais e já referido núcleo de significado ‘**Sim, sem especificação**’.

Agora, expomos a categoria central que contraria todas as posturas veiculadas pelos cinco núcleos de significado expostos até ao momento. Referimo-nos à categoria de 1ª ordem ‘**Não**’ (n=4; 5 ref.), que se desdobra em duas categorias de 2ª ordem, respectivamente ‘**Inicialmente não**’ (n=2; 2 ref.) e ‘**Não, sem especificação**’ (n=2; 3 ref.), explícitas nas seguintes unidades de análise:

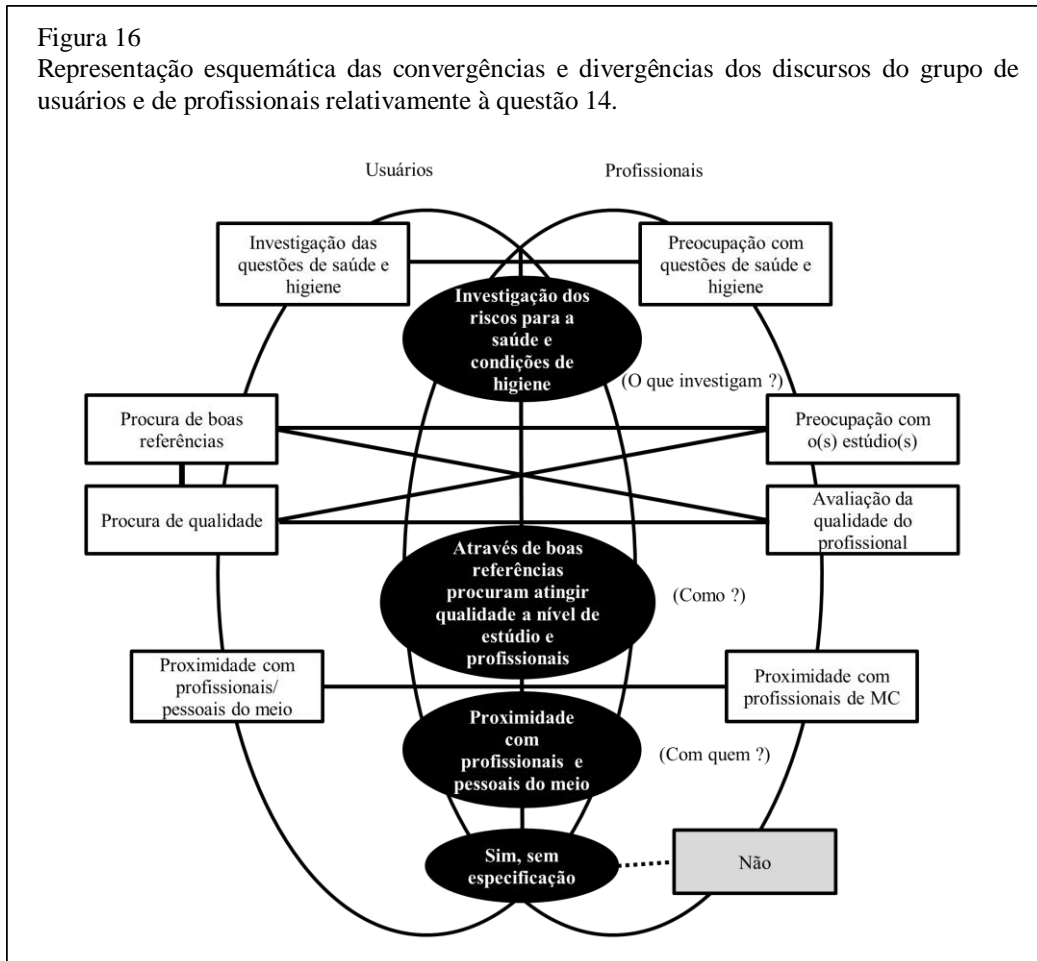
“Não, bem trash hehehe a primeira foi numa loja de roupa.” (Profissional 15)

“Ao princípio não, foi mesmo à doido depois com o tempo vem a evolução.” (Profissional 3)

“Não, nunca tive receio tirando o facto de saber que tinha que ser agulhas novas mas assim à partida quando vais a um estúdio confias nisso, mas nunca me preocupei com isso. [1ª tatuagem] Sim, a gaja era esteticista, mas não me preocupei nada, zero, sou assim (...) nem se quer vi o *portfolio*, aliás vi mas não liguei nenhuma.” (Profissional 1)

Concluída a exposição diferencial das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, e de alguns trechos de discurso ilustrativos quer das respostas dos usuários, quer dos profissionais, focamo-nos agora exclusivamente na apresentação de alguns pontos de convergência entre os grupos entrevistados, visto não terem sido descobertos pontos de desacordo nos seus discursos.

Deste modo, é possível afirmar que tanto para os usuários como para os profissionais, a maior preocupação e a primeira atitude a adoptar na preparação para a realização das suas MC diz respeito às questões de saúde e higiene, que incluem a pesquisa dos riscos para a saúde, a investigação das características de higiene e esterilização dos espaços que prestam estes serviços bem como, atenção ao cumprimento das normas e a outros domínios igualmente relevantes, como por exemplo, as condições de segurança oferecidas pelos estúdios e o uso de materiais descartáveis, entre outros.



Relativamente aos estúdios de MC, a informação recolhida permite-nos acrescentar que a ‘Preocupação com o(s) estúdio(s)’ é uma dimensão com maior representatividade no grupo dos profissionais, a surgir como categoria central. Isto comparativamente à sua presença como categoria hierarquizada ‘Investigação dos estúdios’ e inerente ao grande núcleo de significado ‘Investigação das questões de saúde e higiene’ no grupo dos usuários. Contudo, ambos os grupos e fruto da hierarquização produzida, apresentam ‘Estúdios com boas referências’ como categoria de 2ª ordem, no grupo dos usuários respectiva ao núcleo de significado ‘Procura de boas referências’ e, no grupo dos profissionais associada à categoria central já referida, ‘Preocupação com o(s) estúdio(s)’.

Convergem na defesa da ‘Proximidade com profissionais de MC’ como estratégia adoptada na preparação para a realização das suas MC, e mais

especificamente, acreditam que o ‘Contacto com os profissionais’ os ajuda a ultrapassar o processo de MC de forma saudável e informada.

Ambos os grupos procuram nos serviços disponíveis neste domínio, o melhor que estes podem oferecer, como vimos nos usuários através da sua ‘Procura de boas referências’ tanto relativamente aos artistas de MC, como para os estúdios, a par com a ‘Procura de qualidade’ a todos os níveis, preocupações estas que se encontram, de certo modo, na categoria central acedida junto do grupo dos profissionais ‘Avaliação da qualidade do profissional’.

Por fim, e tal como já foi apontado na descrição das categoria hierarquizadas a que a análise detalhada dos discursos de ambos os grupos deu origem, verificamos que o núcleo de significado ‘Sim, sem especificação’ se repete nos discursos de usuários e profissionais. Por sua vez, a categoria oposta, ‘Não’, também é comum aos dois grupos, embora nos usuários seja uma categoria residual e no grupo dos profissionais surja com o dobro dos sujeitos que são apenas quatro.

### **2.2.15. Questão 15- “Independentemente de já ter realizado ou não suspensões, por favor descreva a sua opinião sobre esta prática/ experiência.”**

#### 2.2.15.1. Análise das respostas dos Usuários

A suspensão corporal<sup>67</sup> não envolve uma transformação física permanente. Pode realmente deixar marcas na pele mas não é com esse intuito que é praticada. Trata-se de uma experiência mental e sensorial de duração variável, em função da disponibilidade e capacidade dos sujeitos e, é despoletada pela suspensão dos corpos através de ganchos inseridos na carne.

É uma prática milenar enraizada no actual universo da MC com diferentes formatos e vertentes no que respeita à sua realização, bem como à sua compreensão. Sabe-se que, tanto fora como dentro do universo da MC, as opiniões neste domínio são

---

<sup>67</sup> Refere-se a uma condição na qual corpo é suspenso no ar, auxiliado por *piercings* temporários (ganchos similares a anzóis) que atravessam a pele, e que presas a cordas e roldanas possibilitam a elevação e suspensão do indivíduo em diversas posições.

muito variadas, em parte devido às diferentes reacções que as notícias<sup>68</sup>, as páginas na *internet*<sup>69</sup> e os eventos<sup>70</sup> sobre suspensão corporal recebem por parte do público.

Este conhecimento aliado ao facto de se tratar mais de uma experiência do que de uma transformação física permanente, e perante a acessibilidade a usuários e profissionais de MC, permitiu-nos deste modo, explorar o que os sujeitos pensam, experienciam e vivem, relativamente à prática suspensões corporais e simultaneamente ampliar o nosso espectro de entendimento sobre as mesmas.

Ressaltamos que todos os sujeitos participantes tinham conhecimento do que são as suspensões corporais. A maioria já tinha assistido a este tipo de experiência ou possuía amigos próximos que eram praticantes e encontramos ainda na nossa amostra, três elementos que já tinham sido suspensos corporalmente (usuário 38 e os profissionais 6 e 36).

Consequentemente, as respostas obtidas junto do grupo dos usuários foram passíveis de uma organização em cinco núcleos de significado, que passamos a enumerar: ‘Rejeição da prática’ (n=16; 21 ref.); ‘Respeito pela actividade e pelos praticantes’ (n=13; 13 ref.); ‘Não tem intenção de experimentar’ (n=9; 9 ref.); ‘Atingimento de outro nível mental e sensorial’ (n=6; 9 ref.); ‘Expectativas favoráveis’ (n=6; 8 ref.), congregados na tabela 19 a).

Como vimos, as opiniões dividem-se, mas a maioria concentra-se na ‘**Rejeição da prática**’ (n=16; 21 ref.) enquanto núcleo de significado composto por quatro vias de interpretação deste tipo particular de experiência com o corpo, que sustentam esta postura dos sujeitos perante a suspensão corporal. A primeira, ‘**Prática extremista**’ (n=3; 3 ref.) é a avaliação da prática concretizada por três dos usuários entrevistados:

“Nunca pratiquei suspensões e considero esta prática um pouco extremista.” (Usuário 30)

“Na minha opinião é uma prática um pouco extrema.” (Usuário 20)

---

<sup>68</sup> <http://expresso.sapo.pt/reportagem-body-art-o-corpo-e-uma-tela-em-branco=f585317>

<sup>69</sup> <http://www.frrrkguys.com.br/?s=SUSPENSION;> <http://xtangelx.wordpress.com/2013/11/14/a-suspensao-corporal-na-arte-contemporanea-joinvil/>  
<https://www.Facebook.com/BlissfulPainSuspension?fref=ts>

<sup>70</sup> <https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=10152272636521987&set=a.452185961986.241578.668711986&type=1&theater>

“Não é algo que faria acho que é demasiada alteração corporal. Relativamente a suspensões, implantes, *scarification* não faria. Eu vejo a tatuagem como uma forma de arte e não como MC.” (Usuário 27).

Tabela 19 a)

Categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 15 com o grupo de Usuários.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem	
“considero esta prática um pouco extremista” (30) “é um prática um pouco extrema” (20) “acho que é demasiada alteração corporal” (27)	Prática extremista (n=3; 3 ref.)	<b>Rejeição da prática</b> (n=16; 21 ref.)	
“não acho que estejamos preparados para ser suspensos pela nossa pele” (27) “já vai um bocado além da minha compreensão” (23)	Ultrapassa os limites do próprio sujeito (n=4; 7 ref.)		
“assusta-me um bocado” (28) “credoooo, esses mambos metem bué impressão” (17)	Assustadora (n=3; 3 ref.)		
“penso que seria um pouco doloroso” (19) “não me atraí o sentimento de dor” (21)	Dolorosa (n=6; 8 ref.)		
“eu defendo a liberdade” (26) “sou liberal nesse assunto” (14)	Postura liberal (n=3; 3 ref.)		
“cada um sabe de si” (28) “ora, quem gosta tem todo o direito” (33)	Escolha/ responsabilidade individual (n=2; 2 ref.)		<b>Respeito pela actividade e pelos praticantes</b> (n=13; 13 ref.)
“não julgar quem da mesma tira prazer” (20) “a minha posição sobre isso é o mais aberta e compreensível possível” (26)	Atitude de não julgamento (n=4; 4 ref.)		
“respeito quem pratica esta actividade” (19) “respeito quem o faz” (35) “respeito pois há gostos para tudo” (21)	Respeito pelos sujeitos praticantes (n=4; 4 ref.)		
“por enquanto não tenho intenções de experimentar” (18) “é algo que não devo de experimentar” (21)	Para já não é viável (n=2; 2 ref.)		<b>Não têm intenção de experimentar</b> (n=9; 9 ref.)
“não faz parte dos meus planos” (14) “não me vejo a fazer isso” (33) “não penso ir alguma vez tentar” (35)	Não pretendem experimentar (n=4; 4 Ref.)		
“era impensável eu fazer” (28) “acho que é das poucas coisas que nunca faria” (9) “nunca faria” (17)	Peremptórios em não experimentar (n=3; 3 ref.)		
“onde a tua capacidade mental passa muito para além das físicas” (26) “no qual vem a boa sensação” (38)	Experiência de outras sensações (n=3; 4 ref.)	<b>Atingimento de outro nível mental e sensorial</b> (n=6; 9 ref.)	
“suspensão é desapegarmos da nossa posição social perante o corpo humano e levá-lo mais além” (26) “nos leva a outro patamar de concentração” (38)	Atingimento de outro nível mental (n=3; 5 ref.)		
“dizem-me que (...) após os minutos iniciais a experiência passa a ser gratificante e de um prazer enorme” (24) “não sei, mas a sensação (...) deve ser ótima” (32)	Expectativas de uma experiência gratificante (n=3; 4 ref.)	<b>Expectativas favoráveis</b> (n=6; 8 ref.)	
“nunca fiz mas gostaria de praticar. O meu motivo, tem a ver com o controle da mente com o corpo” (34) “cativou-me bastante todo o processo” (7)	Curiosidade/ interesse (n=3; 4 ref.)		

Outros, admitem que as experiências de suspensão corporal vão para além daquilo que acreditam serem capazes de concretizar fisicamente, e como tal, é uma prática que **‘Ultrapassa os limites do próprio sujeito’** (n=4; 7 ref.), uma condição que explicam exemplificando:

“Não acho que estejamos preparados para ser suspensos pela nossa pele.” (Usuário 27)

“É uma prática que era impensável eu fazer, pois acho que é preciso ter mais coragem e acaba por ser uma prática que danifica um bocado o próprio corpo (...) já passa os limites do meu gosto pessoal.” (Usuário 28)

“Isso para mim é mutilações, nunca faria isso. Porque para mim, por mais que essas pessoas façam isso porque gostam, ou acham fixe, sei lá, eu acho que isso é uma parvoíce de todo o tamanho mesmo e não consigo ver nenhum ponto atractivo nisso, sequer.” (Usuário 17)

“Já vai um bocado além da minha compreensão.” (Usuário 23)

A **‘Rejeição da prática’** é também explicada pela sua caracterização como **‘Assustadora’** (n=3; 3 ref.), patente nos testemunhos abaixo transcritos -

“Parece-me assustador.” (Usuário 23)

“Apesar de não ter muita informação sobre a mesma, assusta-me um bocado.” (Usuário 28)

“Credoouo, esses mambos metem bué impressão!” (Usuário 17)

- e, pela sua definição como **‘Dolorosa’** (n=6; 8 ref.), que é uma percepção facilmente captada nos discursos dos usuários:

“Se for realizada com pessoas que nem conhecemos ou não temos tanta ligação, pode ser uma experiência muito dolorosa.” (Usuário 18)

“Apesar de eu suportar muito bem a «dor» de uma tatuagem, acho que não aguentaria a suspensão.” (Usuário 30)

“Acho um pouco ‘pesado’ pois envolve dor e não sou muito fã disso.” (Usuário 25)

Ao olharem para a prática da suspensão corporal pelo prisma de uma **‘Escolha/responsabilidade individual’** (n=2; 2 ref.) podem optar por uma **“Atitude de não julgamento”** (n=4; 4 ref.) para com os participantes -

“Cada um sabe de si.” (Usuário 28)

“Ora, quem gosta tem todo o direito... o que eles sentem só eles podem dizer... não me vejo a fazer isso, somente isso.” (Usuário 33)

“Tento pensar que são gostos e não se discutem... como a prática de muitas outras coisas consideradas ‘bizarras’.” (Usuário 25)

“Tento ser espírito aberto e não julgar quem da mesma tira prazer.” (Usuário 20)

“Já vai um bocado além da minha compreensão mas quem sou eu para censurar.” (Usuário 23)

“A minha posição sobre isso é o mais aberta e compreensível possível, pois para mim a suspensão é a maior viagem mental que já vi, se assim poderei chamar.” (Profissional 26)

- que se pode reflectir num comportamento de **‘Respeito pelos sujeitos praticantes’** (n=4; 4 ref.), assente numa **“Postura liberal”** (n=3; 3 ref.), como reflectem os trechos de discurso abaixo transcritos.

“Respeito muito quem o faz porque é preciso ter muita coragem, não é qualquer um que o faz.”  
(Usuário 18)

“Nunca pratiquei suspensões, não é algo que desperte curiosidade em mim, como tal também não tenho propriamente uma opinião formada sobre a prática. Respeito quem o faz mas não penso alguma vez tentar.” (Usuário 35)

“Eu defendo a liberdade.” (Usuário 26)

“Sou liberal nesse assunto... valorizo essas pessoas pois conseguem abstrair-se da dor.” (Usuário 14)

As vozes dos usuários que ilustraram as dimensões expostas dão consistência ao núcleo de significado **‘Respeito pela actividade e pelos seus praticantes’** (n=13; 13 ref.), que incorpora em si as quatro categorias de 2ª ordem acima apresentadas.

Nove sujeitos **‘Não têm intenção de experimentar’** (n=9; 9 ref.) porque consideram que **‘Para já não é viável’** (n=2; 2 ref.), uma posição defendida por dois elementos da amostra:

“Por enquanto não tenho intenções de experimentar suspensões.” (Usuário 18)

“É algo que não devo de experimentar, não me atrai o sentimento de dor.” (Usuário 21)

Outros, apenas referiram que **‘Não pretendem experimentar’** (n=4; 4 ref.) e alguns, ainda se mostraram perfeitamente convictos desta decisão, ao se revelarem **‘Peremptórios em não experimentar’** (n=3; 3 ref.), tal como podemos confirmar através dos trechos de discurso seleccionados a título de exemplo:

“Não faz parte dos meus planos.” (Usuário 14)

“Não é algo que faria.” (Usuário 27)

“Não me vejo a fazer isso.” (Usuário 33)

“Acho que é das poucas coisas que nunca faria (...) não vejo qualquer interesse tanto esteticamente, como as sensações que dizem ter.” (Usuário 9)

Assim, apresentámos as três categorias hierarquizadas e respectivas unidades discursivas que conferem sentido ao terceiro núcleo de significado mais forte, **‘Não têm intenção de experimentar’**.

No que respeita à caracterização da experiência de suspensão corporal, alguns usuários fizeram referência ao **‘Atingimento de outro nível mental e sensorial’** (n=6; 9 ref.) como resultado desta prática menos vulgar. Este núcleo de significado abrange os

discursos de superação física, mental e de transcendência, inerentes a este tipo de experiência e que se encontram nas duas categorias hierarquizadas cuja junção deu origem à actual categoria central em exposição. A primeira categoria de 2ª ordem, **‘Experiência de outras sensações’** (n=3; 4 ref.) comporta referências como:

“Onde a tua capacidade mental passa muito para além das físicas.” (Usuário 26),

“É algo que só fazendo se consegue explicar, mas é algo muito espiritual, no qual nos leva a outro patamar de concentração e no qual vem a boa sensação.” (Usuário 38)

“Já li e vi vídeos sobre essa prática e sei que muitas pessoas o fazem devido à sensação de liberdade que provoca.” (Usuário 18)

A segunda, **‘Atingimento de outro nível mental’** (n=3; 5 ref.) surgiu da recolha de unidades discursivas retiradas de expressões como as que passamos a transcrever:

“Isso é um teste a eles mesmos da capacidade mental e já conseguem atingir um outro nível de tolerância e consciente.” (Usuário 14),

“Para mim suspensão é maior viagem mental que já vi se assim poderei chamar (...) penso também que a suspensão é desapegarmos da nossa posição social perante o corpo humano e levá-lo mais além, não sei talvez esta questão teria base para horas de conversa.” (Usuário 26)

Considerámos ainda, na descrição das categorias hierarquizadas, aquela que encara esta experiência de modo positivo. Referimo-nos à categoria central que inclui **‘Expectativas favoráveis’** (n=6; 8 ref.) quanto à prática em análise e que foi construída com base nos testemunhos pertencentes às categorias de 2ª ordem, **‘Expectativas de uma experiência gratificante’** (n=3; 4 ref.) -

“Se for feita com pessoas em quem confiamos e temos alguma ligação de amizade, é uma experiência única.” (Usuário 18)

“Dizem-me que no princípio é um pouco doloroso mas que após os minutos iniciais a experiência passa a ser gratificante e de um prazer enorme. Acho que pelas descrições de pessoas que o fizeram, seria uma experiência gratificante.” (Usuário 24)

“Tenho vontade. A questão é que para fazer suspensão temos que ter amigos que façam é como se fosse uma comunidade é difícil de entrar. Para ser sincera eu não sei, mas a sensação de estar pendurada deve ser óptima porque não penso na dor dos furos.” (Usuário 32)

- aos quais se acrescenta a temática da **‘Curiosidade/interesse’** (n=3; 4 ref.)

relatada nos seguintes exemplos:

“No documentário [Modify] foi a primeira vez que vi em vídeo mesmo e cativou-me bastante todo o processo, mas mais que tudo fiquei bastante curiosa em relação às sensações que poderia sentir ao fazê-lo e em relação ao estado de espírito em que poderia entrar quando o fizesse.” (Usuário 7)

“Cada pessoa terá o seu motivo dessa prática, eu nunca fiz mas gostaria de praticar. O meu motivo, tem a ver com o controle da mente com o corpo pois desde muito cedo pratico as artes de faquir.” (Usuário 34)

“A primeira fase de preparação para uma suspensão é estares presente e veres como é (...) na segunda e terceira tive a dar apoio as pessoas suspensas, acompanhando todo o processo (...) logo a minha posição sobre isso é o mais aberta e compreensível possível (...) a mim desde sempre me chamou muito a atenção.” (Usuário 26)

### 2.2.15.2. Análise das respostas dos Profissionais (questão 15<sup>71</sup>)

A descrição da opinião dos profissionais sobre a prática/ experiência de suspensão corporal, independentemente de já a terem realizado ou não, permitiu uma organização das respostas em cinco núcleos de significado: ‘Opinião desfavorável’ (n=14; 20 ref.), ‘Experiência desenvolvimental’ (n=11; 17 ref.), ‘Demonstram interesse’ (n=10; 11 ref.), ‘Experiência dolorosa’ (n=8; 12 ref.) e ‘Relativização da experiência’ (n=8; 8 ref.), subjacentes ao processo de hierarquização e clarificação estrutural, produzido perante a análise detalhada dos seus discursos.

Apreendemos, deste modo, que a maioria dos profissionais partilha de uma ‘**Opinião desfavorável**’ (n=14; 20 ref.) quanto ao referido tipo de práticas corporais. Esta percepção sobre a suspensão corporal percebe-se melhor por meio das quatro vias de interpretação que lhe dão significado, as categorias de 2<sup>a</sup> ordem e unidades discursivas inerentes, elencadas na tabela 19 b).

A primeira, ‘**Prática hardcore**’ (n=4; 5 ref.), é claramente expressa nos seus testemunhos:

“É uma cena hardcore.” (Profissional 37)

“Não é por ser uma coisa extrema que eu acho que é arte.” (Profissional 15)

“Não condeno quem faz ou goste mas acho exagerado, tem a ver com dor/ sofrimento (...) acho a suspensão um acto muito violento.” (Profissional 10)

“Acho que já é mais um pouco *hardcore*.” (Profissional 2)

<sup>71</sup> Questão 15 – “Independentemente de já ter realizado ou não suspensões, por favor descreva a sua opinião sobre esta prática/ experiência?”

Tabela 19 b)

Categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 15 com o grupo de Profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“acho que já é mais um pouco <i>hardcore</i> ” (2) “é uma cena <i>hardcore</i> ” (37)	Prática <i>hardcore</i> (n=4; 5 ref.)	
“tem a ver com dor/ sofrimento, não tanto com arte” (10) “acho que as pessoas pendurarem-se em ganchos nada tem a ver com arte” (15)	Afasta-se da arte (n=2; 4 ref.)	<b>Opinião desfavorável</b>
“para mim escarificação, suspensão, fogem um bocado do meu sentido de belo” (10) “sinceramente não me seduz a ideia da prática” (12)	Desagrado (n=4; 6 ref.)	(n=14; 20 ref.)
“julgo que é uma forma de masoquismo” (37) “não tem qualquer significado para mim” (8)	Condenável (n=4; 5 ref.)	
“ver o pessoal a fazer, ser um teste de resistência da “carola”” (3) “me deixou em paz comigo mesmo” (36)	Experiência mental (n=2; 3 ref.)	
“uma forma de libertação” (39) “parece-me extremamente libertadora, tanto mentalmente como fisicamente” (31)	Experiência libertadora (n=3; 3 ref.)	<b>Experiência desenvolvimental</b>
“é uma sensação quase de euforia” (36) “auto satisfação suspendendo o corpo” (37)	Experiência positiva (n=2; 5 ref.)	(n=11; 17 ref.)
“basicamente tem a ver com limites e dor” (6) “auto desafio” (22) “[uma forma de] me tornar mais forte” (36)	Superação de limites (n=4; 6 ref.)	
“acredito que seja uma sensação única” (1) “parece-me uma experiência única” (31)	Expectativas positivas (n=2; 2 ref.)	
“nunca fiz mas costumo assistir a algumas” (13) “já as vi e falei com pessoas que já o fizeram” (31)	Tiveram contacto próximo (n=2; 2 ref.)	<b>Demonstram interesse</b>
“tenho curiosidade” (1) “agora já tenho curiosidade” (3) “nunca fiz mas tenho curiosidade” (40)	Curiosidade (n=3; 3 ref.)	(n=10; 11 ref.)
“quero fazer mas acho muito ao extremo para fazer agora” (5) “gostava de experimentar, mas morro de medo” (4)	Opinião ambivalente (n=3; 4 ref.)	
“tenho algum receio dos riscos de infecção ou a pele rasgar ou ficar com uma grande cicatriz” (1) “a dor pressuponho que seja algo muito forte, forte demais para não ter depois uma consequência definitiva como a <i>tattoo</i> ” (10)	Expectativas negativas associadas à dor/ danos corporais (n=2; 5 ref.)	<b>Experiência dolorosa</b>
“tem a ver com dor/sofrimento, não tanto com arte” (10) “não desejo suportar uma dor enorme só porque sim” (8) “já é muita dor para mim” (4)	Referência(s) à dor (n=6; 7 ref.)	(n=8; 12 ref.)
“cada uma pendura-se no que quiser” (15) “acho que tal como a religião ou política devemos seguir os nossos métodos para atingir o nosso objectivo seja ele físico ou espiritual” (12) “não tenho nada contra” (29) “nada contra” (37)	Escolha/ responsabilidade individual (n=3; 3 ref.) Nada contra (n=3; 3 ref.)	<b>Relativização da experiência de suspensão</b>
“não, nunca pensei [fazer]” (2) “eu particularmente não fazia” (29)	Não revelam intenção de experimentar (n=2; 2 ref.)	(n=8; 8 ref.)

A segunda, **‘Afasta-se da arte’** (n=2; 4 ref.) é uma via de interpretação partilhada por dois dos profissionais da presente amostra:

“Sinceramente para mim escarificação, suspensão, fogem um bocado do meu sentido de belo (...) tem a ver com dor/ sofrimento, não tanto com arte (...) além de não apreciar, não ver beleza nem arte nessa MC.” (Profissional 10)

“Eu sou a favor da MC... acho que as pessoas pendurarem-se em ganchos nada tem a ver com arte... não gosto... simples (...) tipo assim ir no parque infantil também é arte só que tem menos sangue... não é por ser uma coisa extrema que eu acho que é arte... a arte envolve talento para algo... ou seja enfiarem-te ganchos não revela talento para nada... tipo assim ia ao talho e era a mesma coisa... que técnica aquilo tem?” (Profissional 15)

A terceira categoria hierarquizada, **‘Desagrado’** (n=4; 6 ref.) é uma ‘Opinião desfavorável’ visível nos excertos de discurso abaixo transcritos:

“Não me vejo a tirar prazer, ou algo que me faça querer voltar a fazer... não me chama a atenção de modo algum!” (Profissional 2)

“Sinceramente não me seduz a ideia da prática, não vejo qual o propósito mental ou físico para a prática.” (Profissional 12)

A quarta e última, **‘Condenável’** (n=4; 5 ref.) reúne afirmações como as seguir apresentadas:

“Julgo que é uma forma de masoquismo.” (Profissional 37)

“Antes não achava piada nenhuma, até achava uma estupidez, agora já tenho curiosidade e quero experimentar.” (Profissional 3)

“Não tem qualquer significado para mim, e não desejo suportar uma dor enorme só porque sim.” (Profissional 8)

“Não entendo a mutilação do corpo como um meio para me transcender.” (Profissional 12)

Contudo, no mesmo grupo há quem consiga conceptualizar a prática de suspensões corporais como uma **‘Experiência mental’** (n=2; 3 ref.), uma **‘Experiência libertadora’** (n=3; 3 ref.), ou uma **‘Experiência positiva’** (n=2; 5 ref.), percepções um tanto divergentes das anteriormente descritas como podemos constatar em baixo:

“A suspensão foi para mim um ritual de conhecimento e superação mental (...) foi uma forma de me ligar mais à mente e desligar do corpo, de despertar (...) foi uma experiência agradável e reconfortante, algo que me tornou melhor, me deixou em paz comigo mesmo.” (Profissional 36)

“Ver o pessoal a fazer, ser um teste de resistência da ‘carola’, acho que se vai começando a ganhar gosto com a convivência não sei explicar bem.” (Profissional 3)

“Uma forma de libertação com fundo ritualístico.” (Profissional 39)

“Já as vi e falei com pessoas que já fizeram. Parece-me extremamente libertadora, tanto mentalmente como fisicamente.” (Profissional 31)

“Uma cultura onde as pessoas procuram a auto satisfação suspendendo o corpo.” (Profissional 37)

Na mesma linha de entendimento das suspensões corporais como uma ‘Experiência desenvolvimental’, acedemos à interpretação deste fenómeno como práticas de ‘**Superação de limites**’ (n=4; 6 ref.), o que transparece nas descrições que se seguem:

“Basicamente tem a ver com limites e dor porque a dor inicial é muito grande e se conseguires ultrapassar essa barreira de dor inicial, passas para o outro lado em que já não sentes.” (Profissional 6)

“Só me começaram a chamar a atenção depois de estar no meio da tatuagem e todo o tipo de MC... não pela sensação é mesmo para ver o quanto suportas a dor e o teu poder de controlo sobre ela.” (Profissional 40)

“É apenas uma forma, tal como a escarificação, de levar a dor mais além ou seja, de auto-desafio até que ponto poderei aguentar a dor, o que me leva a sentir mais forte.” (Profissional 22)

“Uma forma de sentir na pele uma dor que sentia na alma (...) de me tornar mais forte e superar algo que me atormentava.” (Profissional 36).

Deste modo, ‘**Experiência desenvolvimental**’ (n=11; 17 ref.) surge como o núcleo de significado originário das quatro dimensões anteriormente descritas, que como categorias de 2ª ordem resultantes do processo de hierarquização também lhe conferem o estatuto de segundo núcleo de significado com maior representatividade no grupo dos profissionais.

Mantendo uma postura de relativa aceitação e receptividade, parte dos profissionais ‘**Demonstram interesse**’ (n=10; 11 ref.) na prática de suspensões corporais, uma atitude que se baseia nas ‘**Expectativas positivas**’ (n=2; 2 ref.) e ‘**Curiosidade**’ (n=3; 3 ref.) que possuem -

“Claro que tenho curiosidade e acredito que seja uma sensação única.” (Profissional 1)

“Parece-me uma experiência única e libertadora (...) algo que realmente só experimentando...” (Profissional 31)

“Agora já tenho curiosidade e quero experimentar.” (Profissional 3)

“Nunca fiz mas tenho curiosidade.” (Profissional 40)

- bem como, nas experiências em que ‘**Tiveram um contacto próximo**’ (n=2; 2 ref.) com as suspensões corporais realizadas por amigos ou conhecidos:

“Nunca fiz mas costumo assistir a algumas.” (Profissional 13)

“Já as vi e falei com pessoas que já o fizeram.” (Profissional 31)

Alternativamente, encontramos uma outra linha de significação, como acontece com a partilha feita por alguns dos profissionais, que apesar de demonstrarem interesse nestas práticas, têm uma **‘Opinião ambivalente’** (n=3; 4 ref.) quanto à concretização das mesmas, como explicam nos seus discursos:

“Quero fazer mas acho que ainda não está na altura de tal coisa, quero fazer mas acho muito ao extremo para fazer agora, acho que ainda não estou preparado psicologicamente.” (Profissional 5)

“Nunca fiz, mas pretendo fazer, mas à medida que o tempo passa o medo vai sendo cada vez maior (...) e nem se quer sei se vou gostar daquela sensação (...) se calhar não me fascina assim tanto para chegar ao ponto de passar pela dor para o fazer.” (Profissional 1)

“Gostava de experimentar, mas morro de medo, já é muita dor para mim.” (Profissional 4)

Estas quatro posturas receptivas sobre a prática de suspensão corporal configuram-se nas categorias de 2ª ordem que dão significado à categoria central supracitada, **‘Demonstram interesse’**.

Avançando na hierarquização produzida, expomos neste momento uma dimensão comum entre os grupos, embora aqui, no grupo dos profissionais, apresente maior peso e visibilidade enquanto categoria central fundamentada por duas categorias hierarquizadas e respectivas unidades discursivas. Referimo-nos à categoria de 1ª ordem **‘Experiência dolorosa’** (n=8; 12 ref.) que abrange as categorias de 2ª ordem, **‘Expectativas negativas associadas à dor/ danos corporais’** (n=2; 5 ref.) ilustrada pelas unidades de análise seleccionadas por nós a título de exemplo -

“A dor pressuponho que seja algo muito forte, forte demais para não ter depois uma consequência definitiva como a *tattoo*.” (Profissional 10)

“Imagino que deva ser uma dor maior do que fazer um *piercing* ou uma tatuagem e claro que também tenho algum receio dos riscos de infecção ou a pele rasgar ou ficar com uma grande cicatriz (...) eu penso que não vale esse risco (...) não é bem o risco, é a predisposição para estar ali a sofrer entendes? Quando é um *piercing*, sim eu sei é um *piercing* e vou ficar ali com uma coisa bonita e não sei quê, e a tatuagens a mesma coisa, pois aquilo é só para estar pendurada não sei quantos minutos e depois ficar com feridas nas costas e acabou.” (Profissional 1)

- e ainda pela categoria **‘Referência(s) à dor’** (n=6; 7 ref.), que inclui afirmações dos profissionais, como as que se encontram abaixo transcritas:

“Tem a ver com dor/sofrimento, não tanto com arte.” (Profissional 10)

“Não desejo suportar uma dor enorme só porque sim.” (Profissional 8)

“Já é muita dor para mim.” (Profissional 4)

“(…) Basicamente, dói bastante. (Profissional 6)

“Uma forma de sentir na pele uma dor que sentia na alma.” (Profissional 36)

“Se calhar não me fascina assim tanto para chegar ao ponto de passar pela dor para o fazer.”  
(Profissional 1)

Concluimos a análise detalhada dos dados obtidos junto do grupo dos profissionais com a exposição do núcleo de significado que reúne os discursos pertencentes às categorias hierarquizadas **‘Não revelam intenção de experimentar’** (n=2; 2 ref.), **‘Nada contra’** (n=3; 3 ref.) e **‘Escolha/ responsabilidade individual’** (n=3; 3 ref.). Acreditamos que estas três posturas se completam numa atitude de **‘Relativização da experiência de suspensão’** (n=8; 8 ref.), tal como é captada nos discursos dos profissionais entrevistados:

“Eu particularmente não fazia, mas não tenho nada contra.” (Profissional 29)

“Não, nunca pensei [fazer], isso acho que já é um pouco hardcore.” (Profissional 2)

“Não condeno quem faz ou goste.” (Profissional 10)

“Cada um faz aquilo que acha que o vai fazer sentir bem.” (Profissional 13)

“Cada uma pendura-se no que quiser.” (Profissional 15)

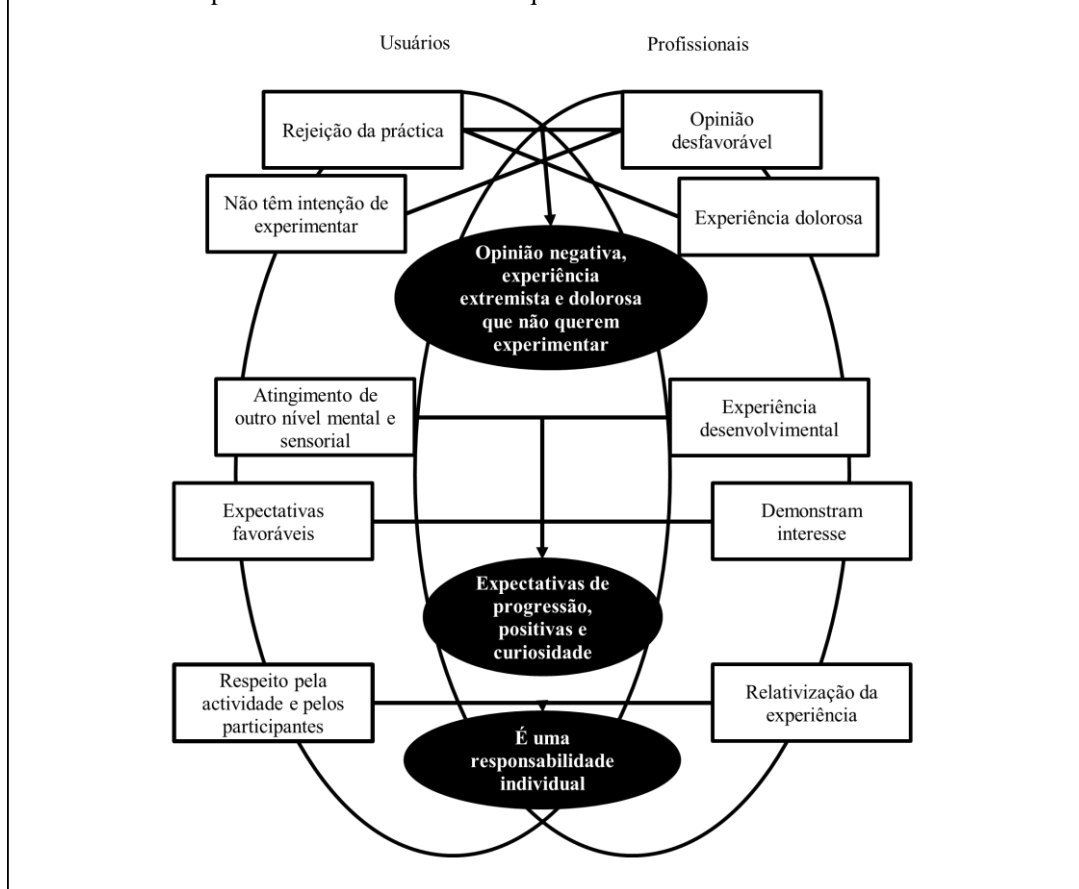
“Respeito a prática e respeito quem a faz e os motivos acho que tal como a religião ou política devemos seguir os nossos métodos para atingir o nosso objectivo seja ele físico ou espiritual.”  
(Profissional 12)

Expostos os principais núcleos de significado e as categorias de 2ª ordem que resultaram do refinamento da rede de relações entre eles, no grupo dos usuários e no grupo dos profissionais, compete-nos agora apontar as dimensões convergentes e divergentes no que respeita às suas opiniões sobre a prática de suspensão corporal.

Na realidade, ambas as categorias de 1ª ordem que figuram na linha da frente dos resultados obtidos após o processo de hierarquização e clarificação estrutural são categorias que veiculam uma opinião pouco favorável ou pouco receptiva à prática de suspensões corporais. Referimo-nos aos núcleos de significado **‘Rejeição da prática’** originário do grupo dos usuários e **‘Opinião desfavorável’** respeitante ao grupo dos profissionais. Nesta percepção pouco positiva das experiências de suspensão corporal, partilham ainda da opinião que é uma prática inconveniente devido ao seu carácter extremista ou *hardcore*.

Figura 17

Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão 15.



Convergem também na referência à dor como componente praticamente obrigatória deste tipo de práticas, como se pode constatar nos discursos dos usuários através da categoria hierarquizada ‘Dolorosa’ inerente ao núcleo de significado acima exposto ‘Rejeição da prática’. No grupo dos profissionais a dor surge com maior impacto no papel de categoria central ‘Experiência dolorosa’, que inclui tanto as expectativas face à dor, como as referências à mesma encontradas nos discursos dos profissionais.

Com base na exposição feita até agora, não é difícil aceitar que em ambos os grupos se encontrem sujeitos que não revelam intenções de experimentar a prática de suspensão corporal. Contudo, no grupo dos usuários esta posição revela-se bem mais forte e é inclusive o terceiro núcleo de significado com maior solidez.

Mas, tal como foi mencionado logo de início, não há um consenso nas opiniões sobre a suspensão corporal dentro do universo da MC nem fora dele e, na nossa amostra o exposto não foi excepção. Alguns sujeitos de ambos os grupos revelaram posturas de maior receptividade comparativamente às até agora descritas. Referimo-nos à categoria central ‘Expectativas favoráveis’ acedida no grupo dos usuários e à categoria hierarquizada ‘Expectativas positivas’ encontrada no grupo dos profissionais. Em ambos os grupos a curiosidade sobre a prática em análise é uma dimensão passível de ser encontrada nos seus discursos.

De certo modo, as suas formas de pensar não são iguais mas também não colidem, quando os usuários encaram esta experiência como uma prática que possibilita o ‘Atingimento de outro nível mental e sensorial’ e, os profissionais por sua vez, definem-na mais como ‘Experiência desenvolvimental’ de carácter positivo, libertador e como meio de superação de limites.

Por fim, é exclusiva ao grupo dos usuários, a categoria central que defende o ‘Respeito pela actividade e pelos praticantes’, apresentando-se como o segundo núcleo de significado com maior representatividade obtido pela análise detalhada dos seus discursos.

### **2.3. Bloco exclusivo ao grupo de Profissionais**

Na entrevista semi-estruturada que sustentou a presente investigação qualitativa foi reservado desde a sua construção um espaço exclusivo aos profissionais realizadores de MC, tal deveu-se ao facto de surgirem inequivocamente como detentores de um *know-how* e de uma experiência que achamos merecedora de abordagem e destaque particulares. Deste modo, o texto que se segue consiste na apresentação dos resultados obtidos a partir de um conjunto de questões especificamente formuladas para este grupo de participantes.

### 2.3.1. Questão 1- “Como caracteriza a sua entrada para as MC na vertente profissional?”

As respostas obtidas para a primeira questão inerente ao bloco exclusivo para os profissionais de MC, foram passíveis de uma organização em oito núcleos de significado que estão condensados na tabela 20.

Estes oito núcleos de significado são, respectivamente, ‘Através da prática incipiente’ (n=16; 19 ref.); ‘Realização pessoal e profissional’ (n=12; 16 ref.); ‘Influência dos outros significativos’ (n=7; 8 ref.); ‘Como um processo difícil’ (n=6; 9 ref.); ‘Através da ligação às artes/ actividades relacionadas’ (n=6; 6 ref.); ‘Resultado do contacto natural com o meio’ (n=6; 6 ref.); ‘Entrada propositada’ (n=5; 6 ref.) e ‘Relacionada com a dificuldade em encontrar emprego’ (n=5; 5 ref.).

Através dos dados recolhidos, é-nos possível concluir que a maioria dos profissionais caracteriza a sua incursão no universo profissional das MC ‘**Através da prática incipiente**’ (n=16; 19 ref.), que deste modo, se apresenta como o núcleo de significado com maior solidez, ao abranger as quatro vias que descrevem a prática principiante dos profissionais em análise. Referimo-nos às quatro categorias de 2ª ordem. A primeira, ‘**Através da prática em amigos**’ (n=4; 4 ref.) surge como o modo de incursão no meio, identificado por quatro participantes:

“Um amigo meu disse que queria que o tatuasse assim sem mais nem menos e assim foi... ficou muito boa para primeira tatuagem... e a partir daí nunca mais parei... tatuei uma data de amigos apenas para praticar e depois foi sempre a subir!” (Profissional 2)

“Comecei a fazer a amigos, eles foram dizendo aos amigos deles e de vez em quando lá tenho alguém a querer fazer qualquer coisita.” (Profissional 4)

“Furava os meus amigos todos os dias, fiz belos trabalhos até um corpete [*corset piercing*] na minha ex namorada.” (Profissional 5)

“Foi graças aos meus amigos também que se disponibilizaram para serem cobaias.” (Profissional 22)

Tabela 20

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 1, exclusiva para os profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“furava os meus amigos todos os dias” (5) “foi graças aos meus amigos também que se disponibilizaram para serem cobaias” (22)	Através da prática em amigos (n=4; 4 ref.)	
“fazia as minhas coisinhas em casa(...)” (2) “comecei em casa sem saber nada” (15) “fiz um mini estúdio em casa” (5)	Através da prática em casa (n=3; 3 ref.)	<b>Através da prática incipiente</b>
“fui para lá aprender <i>piercing</i> ” (5) “procurei uma loja para aprender mais, corri 70, três me deram a mão” (12)	Experiência como aprendiz (n=6; 8 ref.)	(n=16; 19 ref.)
“nem recebia nada” (2) “eles tinham muitas pessoas a pedir mas eu fui a única que não estava interessada em dinheiro” (8)	Como actividade não remunerada (n=3; 4 ref.)	
“encontrei aquilo que sempre quis fazer e com o qual me sinto mesmo feliz” (13) “uma das melhores coisas da minha vida” (29)	Satisfação/ realização profissional (n=5; 7 ref.)	<b>Realização pessoal e profissional</b>
“sempre tive interesse e me entusiasmei” (4) “a paixão foi crescendo depois de fazer a primeira” (40) “curtia mesmo daquilo” (8)	Por gosto/ identificação (n=7; 9 ref.)	(n=12; 16 ref.)
“fui um pouco levada pela actividade profissional do meu namorado” (10)	Influência do namorado (n=1; 2 ref.)	<b>Influência dos outros significativos</b>
“filho de pais artesãos e <i>hippies</i> , não esperava ter uma profissão banal” (11) “o movimento na loja do meu irmão crescia” (40)	Influência de familiares (n=2; 2 ref.)	(n=7; 8 ref.)
“primeiro como adepto, depois interesse pela profissão e amigos” (36)	Influência de amigos (n=4; 4 ref.)	
“não se vendia o material também tão livremente” (15) “tive dificuldades em relação ao material” (22)	Difícil, para adquirir o material (n=2; 3 ref.)	<b>Como um processo difícil</b>
“fiz de tudo um pouco para ganhar dinheiro e montar o meu estúdio” (37)	Como um desafio (n=4; 6 ref.)	(n=6; 9 ref.)
“olha eu fazia <i>body-paint</i> em eventos culturais (...) e senti necessidade de eternizar o meu trabalho, e foi tudo a partir daí” (37)	Através de uma actividade relacionada (n=2; 2 ref.)	<b>Através da ligação às artes/ actividade relacionada</b>
“sempre estive ligado às artes, as MC são mais uma vertente de arte” (11) “já estava ligado à arte” (40)	Através da ligação à(s) Arte(s) (n=4; 4 ref.)	(n=6; 6 ref.)
“as tatuagens fazem tanto por mim e me ajudam tanto que queria transmitir isso a outras pessoas” (2) “furava-me todos os dias” (5)	Através da experiência vivida (n=3; 3 ref.)	<b>Resultado do contacto natural com o meio</b>
“surgiu com naturalidade” (11) “foi natural” (6)	Natural (n=3; 3 ref.)	(n=6; 6 ref.)
“despedi-me e com a guita do despedimento fui tirar o curso e não fiz mais nada a não ser <i>tattoo</i> ” (3) “desisti do curso que estava a tirar” (2)	Mudança intencional (n=2; 3 ref.)	<b>Entrada propositada</b>
“acabei por decidir tirar o curso de <i>body piercing</i> ” (4) “fui tirar o curso” (3)	Através dum curso (n=3; 3 ref.)	(n=5; 6 ref.)
“queria um trabalho mas não consegui arranjar um” (8) “encontrei-me numa situação tipo desempregada” (1)	Consequente à situação de desemprego (n=3; 3 ref.)	<b>Relacionada com a dificuldade em encontrar emprego</b>
“comecei por procurar algo para fazer, até que me aceitaram no estúdio” (8) “acabei por perguntar a um amigo meu se podia ir para a loja dar uma ajuda” (2)	Enquanto procuravam emprego (n=2; 2 ref.)	(n=5; 5 ref.)

O treino da execução de MC em amigos surge várias vezes conjugado com a situação **‘Através da prática em casa’** (n=3; 3 ref.), ilustrada pelas unidades discursivas que compõe a presente categoria de 2ª ordem:

“Tosca, comecei em casa sem saber nada só um anos depois é que fui aprender para uma loja, na altura quase não havia informação e as lojas não aceitavam pessoas tão facilmente.” (Profissional 15)

“Fazia as minhas coisinhas em casa, nada de especial... estava a tirar um curso e tinha muito tempo livre.” (Profissional 2)

“Fiz um mini estúdio em casa onde furava os meus amigos.” (Profissional 5)

Outra das vertentes da prática incipiente é a **‘Experiência como aprendiz’** (n=6; 8 ref.), que se traduz numa oportunidade de difícil acesso, mas que uma vez conseguida permite uma aprendizagem holística da prática de MC, tal como é possível confirmar nos relatos dos profissionais abaixo transcritos:

“Tive oportunidade de encontrar uma loja em que estavam a precisar de aprendiz, de me ensinarem e de poder ser tatuadora (...) comecei a trabalhar com pessoas que tatuavam e que me ensinaram.” (Profissional 1)

“Procurei uma loja para aprender mais, corri 70, três me deram a mão e acabei por começar na (...) já com três anos de tatuagem autodidacta.” (Profissional 12)

“Fui para lá aprender *piercing* tive lá um ano e tal (...) fiquei tipo a aprender não ganhava lá nada (...) fazia tudo o que havia para fazer, limpar, arrumar, tudo.” (Profissional 5)

“Foi o facto de ter acabado o 12º ano e querer fazer alguma coisa relacionada com artes... vi um estúdio e decidi entrar e perguntar se precisavam de algum aprendiz, assim que comecei os comentários foram sempre positivos por isso agarrei a oportunidade (...) fiquei como aprendiz, aprendi a mexer nas coisas, esterilização e a prática de tatuar.” (Profissional 8)

A fechar o presente núcleo de significado está uma característica comum à **‘Experiência como aprendiz’**. Referimo-nos à aceitação dos sujeitos em estúdios e à prática principiante de MC **‘Como actividade não remunerada’** (n=3; 4 ref.). Eis alguns exemplos:

“Tornei-me aprendiz e nem recebia nada... desisti do curso que estava a tirar e continuei a aprender sempre sem receber nada.” (Profissional 2)

“Não estava a receber, ia para lá todos os dias às dez da manhã só porque curti mesmo daquilo (...) eles tinham muitas pessoas a pedir mas eu fui a única que não estava interessada em dinheiro.” (Profissional 8)

“Não ganhava lá nada nem pagava nada, fazia tudo o que havia para fazer.” (Profissional 5)

Porém, outros profissionais dão menor relevância aos aspectos práticos agregados à sua entrada para as MC na vertente profissional e centram-se mais nos sentimentos despoletados pela possibilidade de acesso a este meio. Por exemplo, a categoria hierarquizada **‘Satisfação/ realização profissional’** (n=5; 7 ref.) espelha as emoções sentidas como resultado da incursão neste particular universo de trabalho -

“Encontrei aquilo que sempre quis fazer e com o qual me sinto mesmo feliz.” (Profissional 13)

“Foi o que sempre sonhei e como tal lutei por isso, hoje em dia sinto-me realizada profissionalmente, mas com bastantes coisas por aprender, porque nestas profissões a aprendizagem é contínua.” (Profissional 16)

“Uma das melhores coisas da minha vida, trabalhar com o que se gosta não tem preço.” (Profissional 29)

“Um objectivo alcançado.” (Profissional 39)

“Foi algo que sempre quis muito.” (Profissional 22)

Se na anterior categoria de 2ª ordem exposta tivemos acesso aos sentimentos despoletados pela entrada dos sujeitos entrevistados na vertente profissional das MC, agora, com a categoria hierarquizada **‘Por gosto/ identificação’** (n=7; 9 ref.), percebemos o que moveu alguns destes indivíduos, para a sua integração neste meio profissional –

“Sempre foi uma paixão e um gosto pessoal... sempre vi como algo que gostava muito de fazer.” (Profissional 2)

“A paixão foi crescendo depois de fazer a primeira, como já estava ligado à arte e o movimento na loja do meu irmão crescia foi só dedicar-me mais à *tattoo*.” (Profissional 40)

“Vejo como um culminar de gostar ao efectuar.” (Profissional 12)

“Sempre tive interesse e me entusiasmei, por isso acabei por tirar o curso de *body piercing*.” (Profissional 4)

“Aquilo mexia comigo. Havia algo nesse mundo que tinha tudo a ver comigo.” (Profissional 5)

Deste modo, a categoria **‘Satisfação/ realização profissional’** aliada à categoria **‘Por gosto/ identificação’**, dão origem à categoria de 1ª ordem **‘Realização pessoal e profissional’** (n=12; 16 ref.) que se configura como o segundo núcleo de significado com maior representatividade na caracterização da incursão dos sujeitos no meio profissional em análise.

Segundo consta nos discursos dos profissionais que compõe a amostra em estudo, a **‘Influência dos outros significativos’** (n=7; 8 ref.) adquire um papel relevante na tomada de decisão associada ao ingresso neste percurso profissional. E, no

papel dos outros significativos encontramos, a **‘Influência do namorado’** descrita por uma das profissionais entrevistadas -

“Fui um pouco levada pela actividade profissional do meu namorado, na verdade nunca pensei trabalhar esta área, o objectivo primário era ser bióloga, mas surgiram outras prioridades na minha vida, e percebi que podia ser outra coisa qualquer que me poderia dar prazer e realizar também e terminei a licenciatura já depois de ter o estúdio (...) portanto por colagem ao (...) [namorado].” (Profissional 10)

- a **‘Influência de familiares’** (n=2; 2 ref.), como se pode ver nas seguintes expressões:

“Uma entrada que surgiu com naturalidade, sendo filho de pais artesãos e hippies, não esperava ter uma profissão banal. Sempre estive ligado às artes, as MC são mais uma vertente de arte.” (Profissional 11)

“O movimento na loja do meu irmão crescia foi só dedicar-me mais à *tattoo* e iniciar um curso intensivo com o meu irmão.” (Profissional 40)

Às duas últimas condições acresce-se a **‘Influência de amigos’** (n=4; 4 ref.), conforme transparece nas partilhas escolhidas como exemplo:

“Foi natural, primeiro como adepto, depois interesse pela profissão e amizades... depois foi só aperfeiçoar.” (Profissional 36)

“Foi natural. Já conhecia o pessoal da loja todo, dava-me bem com eles e como estava num curso de artes, adaptei-me bem.” (Profissional 6)

“Quem me ensinou é *body piercer*, um dos melhores de Portugal e já era meu amigo então a coisa proporcionou-se.” (Profissional 4)

“Fui trabalhar para o estúdio de um amigo quando saí da escola, ele estava a precisar de alguém que o ajudasse... e uma coisa levou à outra, já tinha tatuagens e já me interessava muito as MC.” (Profissional 31)

Assim, a influência do namorado, de familiares e de amigos, dizem respeito às três categorias de 2ª ordem e respectivas unidades de análise, que conferem sentido à categoria central supracitada, **‘Influência de outros significativos’**.

As afirmações que se seguem, espelham um lado diferente da incursão no universo profissional da MC:

“Foi uma luta, mas consegui.” (Profissional 22)

“Trabalhei em vários sítios como lavar a loiça em restaurantes, trabalhei em discotecas no bar (...) enfim fiz de tudo um pouco para ganhar dinheiro e montar o meu estúdio, mas o objectivo sempre foi o meu estúdio até que consegui e é por toda essa luta que o que tenho tem mais valor.” (Profissional 37)

“Como um passo enorme... é um mundo difícil de se entrar e se manter... custa imenso começar.”

(Profissional 2)

“Na altura quase não havia informação e as lojas não aceitavam pessoas tão facilmente e não se vendia o material também tão livremente.” (Profissional 15)

“Tive dificuldades em relação ao material mas quem corre por gosto não cansa (...) o material era demasiado caro e eu não tinha muitas hipóteses, foi aos poucos que consegui o que tenho.”

(Profissional 22)

Estes trechos retirados dos discursos dos profissionais sustentam as categorias hierarquizadas **‘Como um desafio’** (n=4; 6 ref.) e **‘Difícil, para adquirir o material’** (n=2; 3 ref.), que se encontram na base do núcleo de significado que caracteriza esta entrada **‘Como um processo difícil’** (n=6; 9 ref.), tal como pudemos perceber através das vozes dos sujeitos.

Contudo, parece que existem algumas áreas de interesse ou domínios da prática, que de certa forma facilitam o acesso à profissionalização neste meio, como ilustram as categorias de 2ª ordem e respectivas unidades discursivas, **‘Através duma actividade relacionada’** (n=2; 2 ref.), que comporta referências como -

“Inicialmente fiz *tattoos* de *henna*, como *hobbie*, depois profissionalmente e rapidamente evolui para as *tattoos* definitivas e *piercings*.” (Profissional 11)

“Olha eu fazia *body-paint* em eventos culturais, desfiles de moda, aniversários, festas temáticas e senti necessidade de eternizar o meu trabalho, e foi tudo a partir daí.” (Profissional 37)

- e, complementarmente, a categoria hierarquizada **‘Através da ligação à(s) arte(s)’** (n=4; 4 ref.) formada pelas unidades de análise abaixo apresentadas:

“Já estava ligado à arte.” (Profissional 40)

“Sempre estive ligado às artes, as MC são mais uma vertente de arte.” (Profissional 11)

“Tinha que fazer uma coisa que gostava e tinha que aprender a fazer e pensei artes, sempre foi aquilo que me motivava mais, só que depois não tive oportunidade de ir para a universidade tirar artes então pensei em tatuagens que é da mesma forma ligado às artes e não é preciso um curso universitário.” (Profissional 1)

“Como estava num curso de artes, adaptei-me bem.” (Profissional 6)

Estas duas dimensões dão voz ao núcleo de significado que caracteriza a entrada para as MC na vertente profissional **‘Através da ligação às artes/ actividade relacionada’** (n=6; 6 ref.).

Alguns profissionais não só associaram a sua entrada neste meio profissional a outras vertentes práticas ou actividades relacionadas, como enquadraram o seu ingresso nesta área como **‘Resultado do contacto natural com o meio’** (n=6; 6 ref.), que

enquanto núcleo de significado resultado da hierarquização produzida, incorpora em si as categorias de 2ª ordem de idêntica força, **‘Natural’** (n=3; 3 ref.) e **‘Através da experiência vivida’** (n=3; 3 ref.), que surgiram da recolha de unidades discursivas de conteúdo, como as que passamos a expor:

“Foi natural.” (Profissionais 6 e 36)

“Uma entrada que surgiu com naturalidade.” (Profissional 11)

“Quando tinha o mini estúdio era fixe furava-me todos os dias tinha vinte e tal *piercings* em mim.” (Profissional 5)

“Já tinha tatuagens e já me interessava muito as MC... um feliz acaso.” (Profissional 31)

“Senti que as tatuagens fazem tanto por mim e me ajudam tanto que queria transmitir isso a outras pessoas... queria marcar a vida das pessoas para sempre.” (Profissional 2)

**‘Entrada propositada’** (n=5; 6 ref.) foi o modo como parte dos elementos do grupo dos profissionais caracterizaram o seu acesso a este domínio profissional, definindo-a como uma **‘Mudança intencional’** (n=2; 3 ref.), e configurando-a como uma escolha consciente e reflectida, para alguns concretizada primeiramente **‘Através dum curso’** (n=3; 3 ref.). As duas vertentes que traduzem esta **‘Entrada propositada’** para o universo das MC como actividade profissional, encontram-se ilustradas abaixo pelas vozes dos participantes:

“Tornei-me aprendiz e nem recebia nada... desisti do curso que estava a tirar e continuei a aprender.” (Profissional 2)

“Foi quando realmente percebi que podia ter futuro nisto, há gajos nisto há mais tempo com lojas abertas e que não têm metade do jeito (...) despedi-me e com a guita do despedimento fui tirar o curso e não fiz mais nada a não ser *tattoo*.” (Profissional 3)

“Sempre tive interesse e me entusiasmei, por isso acabei por decidir tirar o curso de *body piercing*.” (Profissional 4)

“Foi só dedicar-me mais à *tattoo* e iniciar um curso intensivo com o meu irmão.” (Profissional 40)

Consideramos ainda na descrição das categorias hierarquizadas, aquela que compreende a incursão neste meio profissional como estando **‘Relacionada com a dificuldade em encontrar emprego’** (n=5; 5 ref.), uma dimensão que surge nos discursos dos profissionais enquanto núcleo de significado, sedimentado nas categorias hierarquizadas **‘Consequente à situação de desemprego’** (n=3; 3 ref.), condição ilustrada nas seguintes afirmações –

“Encontrei-me numa situação tipo desempregada, por opção porque já tinha andado em vários trabalhos e não me sentia realizada em nada.” (Profissional 1)

“Quando tava sem nada para fazer nas férias escolares queria um trabalho mas não consegui arranjar um, entretanto à vinda da escola para casa passava sempre por um estúdio e lembrei-me de ir lá perguntar se precisavam de alguém para fazer o que fosse.” (Profissional 8)

“Como ninguém dá trabalho a um doente oncológico em desespero de causa peguei no pouco dinheiro que tinha e comprei material de *tattoo*... já não tinha nada a perder. Hoje em dia estou curado e com saúde para dar e vender e acho que encontrei aquilo que sempre quis fazer e com que me sinto mesmo feliz.” (Profissional 13)

- e, ‘**Enquanto procuravam emprego**’ (n=2; 2 ref.), que é uma situação relatada nos exemplos abaixo apresentados:

“Comecei por procurar algo para fazer, até que me aceitaram no estúdio a partir daí foi treinar e desenhar muito.” (Profissional 8)

“Acabei por perguntar a um amigo meu se podia ir para a loja dar uma ajuda... ele disse que sim... comecei a entrar cada vez mais no processo de tudo.” (Profissional 2)

Terminada a apresentação diferencial das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, e de alguns excertos exemplificativos das respostas dos profissionais, fechamos a análise detalhada dos seus discursos com uma síntese geral das principais dimensões que, na opinião dos entrevistados, caracterizam o seu ingresso na vertente profissional das MC.

Percebemos que a entrada neste meio não é fácil, exigindo dedicação, persistência e luta por parte de quem quer singrar como profissional de MC e principalmente, muito treino. A prática pode ser supervisionada através da experiência como aprendiz e de forma não remunerada ou assumir contornos autodidactas através do treino em casa, ou em amigos que se disponibilizam para o efeito como “cobaias”.

O processo de formação é informal, mas tem um carácter contínuo que abrange todos os domínios da prática e que grande parte das vezes numa fase inicial, responsabiliza os aprendizes por tarefas de apoio ao profissional e manutenção do estúdio, como limpeza, arrumação e cuidar dos materiais, aliadas à hipótese de observar os seus mestres enquanto estes trabalham.

Se para alguns se tratou de uma escolha intencional fruto da sua identificação com as MC e suas inerências, da sua ligação a actividades relacionadas ou ainda, do seu contacto habitual com este meio, para outros, em menor número, foi uma consequência da situação de desemprego em que viviam.

Contudo, para a maioria dos sujeitos, trabalhar neste meio é fruto de uma paixão, é a concretização de um sonho e um objectivo alcançado, tal como espelham as palavras de satisfação e realização profissional encontradas nos seus discursos.

Para a tomada de decisões importantes, o apoio dos outros significativos é sempre uma mais-valia e, no presente caso as figuras de amigos, familiares e namorados, concretizaram esta função, influenciando alguns dos profissionais para a sua entrada neste meio profissional.

### 2.3.2. Questão 2 - “Como se foi desenvolvendo a sua formação profissional (locais, duração)?”

A exploração da formação profissional dos elementos que dão voz à presente amostra, originou oito núcleos de significado, o correspondente a idêntico número de categorias de primeira ordem congregadas na tabela 21.

As categorias de 1ª ordem encontradas são ‘Por contacto directo com a prática’ (n=16; 19 ref.), ‘Por contacto indirecto com a prática’ (n=12; 12 ref.), ‘Formação com duração de 8 horas a 2 anos’ (n=11; 12 ref.), ‘Auto didacta/ Sem formação’ (n=10; 11 ref.), ‘Treino/ Prática’ (n=10; 10 ref.), ‘Relacionamento com outros profissionais’ (n=9; 10 ref.), ‘Frequência em curso’ (n=8; 10 ref.) e ‘A trabalhar’ (n=6; 6 ref.), a maioria bastante sólidas no que respeita ao número de sujeitos e de referências que as constituem, o que revela elevada concordância nas informações cedidas pelos vários profissionais entrevistados.

As respostas obtidas permitem-nos traçar duas principais linhas de desenvolvimento da formação profissional, aquela que ocorre **‘Por contacto directo com a prática’** (n=16; 19 ref.) e, a que resulta da aprendizagem **‘Por contacto indirecto com a prática’** (n=12; 12 ref.), que por sua vez se afiguram como as categorias centrais mais fortes resultantes da análise detalhada dos discursos dos profissionais neste domínio.

Tabela 21

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 2, exclusiva para os profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“aprendi tudo lá [estúdio]” (8) “estive num estúdio mais ou menos um ano e meio, onde também aprendi algumas coisas” (5)	A aprender num estúdio (n=3; 3 ref.)	<b>Por contacto directo com a prática</b> (n=16; 19 ref.)
“comecei a trabalhar com pessoas que tatuavam e que me ensinaram” (1) “sempre tive bons orientadores” (22)	Sob supervisão de outros profissionais (n=8; 10 ref.)	
“fiquei como aprendiz em um estúdio de um amigo” (36)	Como aprendiz (n=5; 6 ref.)	
“só o que lia e leio” (15) “auxílio a livros” (39)	Consultando livros (n=6; 6 ref.)	<b>Por contacto indirecto com a prática</b> (n=12; 12 ref.)
“fóruns de <i>internet</i> ” (12) “sempre estudando na <i>net</i> ” (36)	Através da <i>internet</i> (n=3; 3 ref.)	
“vídeos” (1) “dvds de tatuadores profissionais” (39)	Através de DVDS e vídeos (n=3; 3 ref.)	
“os outros (...) foi de 1 dia só” (36) “tirei um curso de <i>piercing</i> , 3 dias” (12)	De 8h a 3 dias (n=4; 5 ref.)	<b>Formação com duração de 8 horas a 2 anos</b> (n=11; 12 ref.)
“tive conhecimento de uma formação no Porto durante uma semana” (37)	Uma semana a um mês (n=2; 2 ref.)	
“esta aprendizagem [supervisionada] durou mais ou menos 10 meses” (39) “estive num estúdio como aprendiz durante um ano” (16)	De 10 meses a aproximadamente 1 ano e meio (n=3; 3 ref.)	
“dois anos de formação” (40) “fiquei 2 anos como aprendiz” (36)	Dois anos (n=2; 2 ref.)	<b>Auto didacta/ Sem formação</b> (n=10; 11 ref.)
“aprendi tudo sozinha, de início” (22) “auto didacta” (31)	Auto didacta (n=8; 9 ref.)	
“não tenho curso” (22) “formação para tatuar, não tive <i>per se</i> ” (6)	Sem formação específica (n=2; 2 ref.)	
“treinava em couratos” (8) “tatuava peles de porco” (12)	Treinar em “cobaia”/ pele de porco (n=4; 4 ref.)	<b>Treino/ Prática</b> (n=10; 10 ref.)
“desde muito novo que já desenhava” (13) “prática no desenho para a <i>tattoo</i> ” (40)	Através da prática do desenho (n=4; 4 ref.)	
“tatuando em amigos, família” (11) “comecei por tatuar em amigos corajosos” (6)	Tatuar amigos/ família (n=2; 2 ref.)	
“troca de informações com colegas” (15) “agora vou trocando conhecimentos com outros artistas que fui conhecendo” (37)	Troca de informação com outros profissionais (n=6; 6 ref.)	<b>Relacionamento com outros profissionais</b> (n=9; 10 ref.)
“aprendi vendo os outros” (11) “vendo outros profissionais a trabalhar” (12)	Observando outros profissionais (n=3; 4 ref.)	
“perguntei (...) se o curso era bom, ele disse que foi um desperdício de dinheiro” (8) “fiz curso de segurança e controle de infecção” (36) “tirei lá [Porto] o primeiro curso” (37)	Desvalorização dos cursos disponíveis (n=2; 2 ref.) Frequência em curso/ formação (n=3; 5 ref.)	<b>Frequência em curso</b> (n=8; 10 ref.)
“fiz cursos de <i>body piercing</i> avançado com um dos melhores <i>piercer</i> do Brasil” (36) “tirei um curso de <i>piercing</i> ” (12)	Frequência em curso de <i>body piercing</i> (n=3; 3 ref.)	
“tatuei num estúdio de outra pessoa” (11) “arranjei trabalho num estúdio (...) e por lá fiquei um ano e 3 meses” (39)	(a trabalhar) Por conta de outrem (n=3; 3 ref.)	<b>A trabalhar</b> (n=6; 6 ref.)
“abri o meu estúdio” (16) “tive um estúdio próprio” (29)	(a trabalhar) Por conta própria (n=3; 3 ref.)	

O primeiro núcleo de significado já referido traduz a formação **‘Por contacto directo com a prática’** a concretizar-se por meio de três vertentes que se constituem nas categorias de 2ª ordem que lhe conferem sentido. A primeira, **‘A aprender num estúdio’** (n=3; 3 ref.) é-nos apresentada por três profissionais:

“Estive num estúdio mais ou menos um ano e meio, onde também aprendi algumas coisas só não tenho diploma por motivos financeiros.” (Profissional 5)

“Estive apenas num estúdio, onde desenvolvi imenso a minha prática.” (Profissional 22)

“À vinda da escola passava sempre por um estúdio e lembrei-me de ir lá perguntar se precisavam de alguém (...) fiquei como aprendiz, aprendi a mexer nas coisas, esterilização e a prática de tatuar (...) eles emprestaram-me o material, foram impecáveis, aprendi tudo lá.” (Profissional 8)

A segunda, e a mais forte das categorias hierarquizadas **‘Sob supervisão de outros profissionais’** (n=8; 10 ref.), resultou da recolha de unidades discursivas como as que passamos a transcrever:

“Comecei a trabalhar com pessoas que tatuavam e que me ensinaram.” (Profissional 1)

“Fui para (...) onde aprendi muito com (...) excelentes profissionais.” (Profissional 29)

“E até hoje aprendo com um amigo da área.” (Profissional 36)

“Fui trabalhar para o estúdio de um amigo quando saí da escola (...) aprendi as bases técnicas com ele.” (Profissional 31)

“Tive formação por parte do (...) [namorado, tatuador] tanto para os *piercings* como para as *tattoos*.” (Profissional 10)

“Rapidamente percebi que era necessário algo mais e arranjar um profissional que me orientasse (...) estabeleci contacto com o (...), o qual se ofereceu para me ensinar pois achava que valia a pena e que tinha capacidade para me tornar num profissional. Esta aprendizagem durou mais ou menos dez meses.” (Profissional 39)

Por fim, a terceira categoria hierarquizada, traduz a experiência de alguns profissionais, **‘Como aprendiz’** (n=5; 6 ref.) que se encontra exemplificada nos seguintes testemunhos:

“Fui perguntando a amigos meus em lojas se sabiam de alguém [que precisasse de um aprendiz] até que achei e lá fui eu e a evolução foi enorme.” (Profissional 15)

“Fiquei como aprendiz em um estúdio de um amigo.” (Profissional 36)

“Estive num estúdio como aprendiz durante um ano.” (Profissional 16)

Tal como foi referido de início, **‘Por contacto indirecto’** (n=12; 12 ref.) é o segundo formato privilegiado pelos profissionais da presente amostra, no que respeita ao desenvolvimento da sua formação profissional. A aquisição de conhecimentos

acontece **‘Consultando livros’** (n=6; 6 ref.), que se apresenta como uma das três categorias hierarquizadas que sustentam este forte núcleo de significado e, que se encontra ilustrada pelas seguintes unidades de análise -

“Iniciei o processo sozinho com auxílio a livros.” (Profissional 39)

“A teoria estudava apenas, aprendia, lia, revia.” (Profissional 22)

“Livros, leio muitos livros de medicina e anatomia.” (Profissional 36)

- e, ocorre também **‘Através da internet’** (n=3; 3 ref.) e **‘Através de DVDs e vídeos’** (n=3; 3 ref.), tal como é possível confirmar pelas vozes dos participantes:

“A minha formação inicial começou com manuais e fóruns de internet (...) fui aprendendo cada vez mais técnicas vendo outros profissionais a trabalhar, workshops em dvd.” (Profissional 12)

“Sempre estudando na net.” (Profissional 36)

“A ver... bons trabalhos, internet, vídeos, livros.” (Profissional 1)

“Dvds de tatuadores profissionais.” (Profissional 39)

Quanto ao tempo de formação profissional, as várias respostas obtidas junto do grupo de profissionais entrevistados foram passíveis de uma organização num intervalo de **‘(Formação com) Duração de 8 horas a 2 anos’** (n=11; 12 ref.), que enquanto núcleo de significado abrange quatro períodos específicos de desenvolvimento da aquisição de conhecimentos, as categorias hierarquizadas **‘De 8h a 3 dias’** (n=4; 5 ref.), **‘Uma semana a um mês’** (n=2; 2 ref.), **‘De 10 meses a aproximadamente 1 ano e meio’** (n=3; 3 ref.) e **‘Dois anos’** (n=2; 2 ref.), respectivamente ilustradas pelas unidades discursivas abaixo exibidas:

“Fiz cursos, primeiro de body piercing avançado com um dos melhores *piercer* do Brasil, fiz curso de biosegurança e controlo de infecção, curso de primeiros socorros, noções de enfermagem e acupuntura (...) o curso de *piercing* foi de um mês, biosegurança de oito horas, os outros não me lembro mas foi de um dia só.” (Profissional 36)

“Tive conhecimento de uma formação no Porto durante uma semana e tirei lá o primeiro curso (3000 euros) depois uns três anos mais tarde tirei outra formação de dois dias com um amigo que me levou 900 euros.” (Profissional 37)

“A minha dentista explicou-me os processos de esterilização básica, desinfecções, fui testando tatuando depois tirei um curso de *piercing*, 3 dias... mas na realidade aprendi a furar como deve ser apenas após ver um profissional fazê-lo durante muitas horas.” (Profissional 12)

“Estive num estúdio como aprendiz durante um ano, trabalhei mais dois nesse mesmo estúdio em em seguida abri o meu estúdio.” (Profissional 16)

“Foram dois anos de formação, prática no desenho para *tattoo*, na limpeza de materiais e no atendimento ao cliente.” (Profissional 40)

Para além do contacto directo e indirecto com a prática terem surgido como estratégias de desenvolvimento da formação profissional, a vertente ‘**Auto didacta/ Sem formação**’ (n=8; 9 ref.) também se fez valer na presente amostra, como núcleo de significado que se desdobra nas duas categorias de 2ª ordem cuja sua designação antecipa. Referimo-nos às categorias ‘**Auto didacta**’ (n=8; 9 ref.) e ‘**Sem formação específica**’ (n=2; 2 ref.), compostas por unidades de análise como as seleccionadas abaixo a título de exemplo:

“Quando era puto comecei-me a picar com agulhas e tinta da china tipo aos 16 anos depois lá para os 20 comprei a primeira máquina para tapar as porcarias que tinha feito (...) essencialmente auto didacta.” (Profissional 3)

“Honestamente sempre fui auto didacta, aprendi vendo os outros e tatuando em amigos, família, até me profissionalizar.” (Profissional 11)

“A maior parte do tempo aprendi sozinha (...) mesmo que tenhas ajuda, vais ter que te dedicar bastante e só vai depender de ti.” (Profissional 1)

“É... tive que aprender sozinho e fazer-me à vida. Acho que tive sorte. Muitas pessoas já curtiam o meu trabalho do graffiti por isso foi relativamente fácil conseguir uma boa lista de clientes.” (Profissional 13)

“Não tenho curso, aprendi tudo sozinha de início.” (Profissional 22)

“Formação para tatuar, não tive per se.” (Profissional 6)

Independentemente do formato privilegiado para a aquisição de conhecimentos, o ‘**Treino/ Prática**’ (n=10; 10 ref.) parece ter sido uma constante e, como tal, surge na análise detalhada dos discursos dos profissionais como uma categoria central que é suportada por três categorias de 2ª ordem e respectivas unidades de análise. A primeira, ‘**Treinar em “cobaiais”/ pele de porco**’ (n=4; 4 ref.), está patente nos excertos que passamos a transcrever:

“O que precisava mais no início era saber a técnica da agulha na pele e treinava em couratos, fui ao talho e deram-me à borla.” (Profissional 8)

“[*Piercings*] Ensinaaram-me também, foi a ver e depois fiz uma cobaia para experimentar e siga. Cobaia é um amigo que vem e não paga, para experimentar, se correr mal, olha!” (Profissional 1)

A segunda, ‘**Através da prática do desenho**’ (n=4; 4 ref.), é ilustrada pelas seguintes afirmações:

“Tinha de desenhar bastante... porque não basta só saber usar a agulha na pele, uma tatuagem engloba um bom uso na máquina e um bom desenho e quando estamos a tatuar estamos a desenhar ao mesmo tempo.” (Profissional 8)

“Desde muito novo que já desenhava mas frequentei o curso tecnológico de arte e design e fiz um curso de desenho e pintura.” (Profissional 13)

A terceira, **‘Tatuar amigos/ família’** (n=2; 2 ref.) é uma experiência relatada por dois dos profissionais da amostra:

“Comecei por tatuar em amigos corajosos.” (Profissional 6)

“Aprendi vendo os outros e tatuando em amigos, família.” (Profissional 11)

Por outro lado, a relevância do **‘Relacionamento com outros profissionais’** (n=9; 10 ref.) como contributo para o desenvolvimento da formação profissional dos sujeitos entrevistados é por eles explicada através das duas categorias hierarquizadas que fundamentam o presente núcleo de significado. A categoria de 2ª ordem **‘Troca de informação com outros profissionais’** (n=6; 6 ref.), é exemplificada por testemunhos como os abaixo transcritos -

“Ver trabalhos de grandes tatuadores na internet (Nikko Hurtado, realismo) e trocar ideias com outras pessoas.” (Profissional 1)

“Troca de informações com colegas,” (Profissional 15)

“A falar com grandes artistas nesse meio.” (Profissional 5)

“Contacto com outros profissionais.” (Profissional 22)

“Falar com profissionais e pesquisar.” (Profissional 31)

“Agora vou trocando conhecimentos com outros artistas que fui conhecendo ao longo do meu percurso.” (Profissional 37)

- e, complementada pela categoria hierarquizada **‘Observando outros profissionais’** (n=3; 4 ref.), ilustrada pelos seguintes trechos de discurso:

“Comecei a trabalhar com pessoas que tatuavam e que me ensinaram (...) foi a ver.” (Profissional 1)

“Sempre fui autodidacta, aprendi vendo os outros.” (Profissional 11)

“Fui aprendendo cada vez mais técnicas vendo outros profissionais a trabalhar.” (Profissional 12)

A **‘Frequência em curso’** (n=8; 10 ref.) é uma opção válida para alguns dos profissionais entrevistados, que já concluíram **‘Frequência em curso/ formação’** (n=3; 5 ref.) ou **‘Frequência em curso de body piercing’** (n=3; 3 ref.), tal como podemos confirmar através das suas palavras –

“Fiz cursos, primeiro de body *piercing* avançado com um dos melhores *piercer* do Brasil, fiz curso de biosegurança e controlo de infecção, curso de primeiros socorros, noções de enfermagem e acupuntura.” (Profissional 36)

“Tive conhecimento de uma formação no Porto durante uma semana e tirei lá o primeiro curso (...) depois uns três anos mais tarde tirei outra formação de dois dias com um amigo.” (Profissional 37)

“Tirei um curso de *piercing*, 3 dias...”(Profissional 12)

“No curso [body piercing] aprende-se de tudo, o meu foi um bocado a engonhar porque já nos conhecíamos perdíamos muito tempo na conversa mas aprende-se desde anatomia até à esterilização tudo antes de começar a furar. Tecnicamente dura o tempo necessário para se aprender tudo (...) depende muito do ritmo de cada um.” (Profissional 4)

- mas, não tão válida para aqueles cuja opinião é de **‘Desvalorização dos cursos disponíveis’** (n=2; 2 ref.), uma perspectiva aqui partilhada por dois elementos da amostra:

“Perguntei ao meu mentor (...) se o curso era bom, ele disse que foi um desperdício de dinheiro.” (Profissional 8)

“[Curso] Só serve para aprender as cenas de higiene praticamente (...) tipo no curso só aprendes higiene e explicam-te técnicas, mas tatuar não dá para aprender em três dias é a mesma coisa que eu agarrar num pincel e fazer uns riscos numa tela, depois dizer-te é assim que se faz (...) depois vens e tens de aplicar essas técnicas nas pessoas, coisa que lá não fazes.” (Profissional 3)

Assim, **‘Frequência em curso/ formação’**, **‘Frequência em curso de *body piercing*’** e **‘Desvalorização dos cursos disponíveis’**, constituem-se nas três categorias de 2ª ordem que fecham o actual núcleo de significado em exposição, **‘Frequência em curso’** (n=8; 10 ref.).

Encerramos a análise detalhada dos discursos dos profissionais com as palavras daqueles que desenvolveram a sua formação profissional já no activo, ou seja, **‘A trabalhar’** (n=6; 6 ref.), que enquanto núcleo de significado abrange as categorias de 2ª ordem que ilustram as duas vertentes desta condição. Referimo-nos às categorias de idêntica força **‘(a trabalhar) Por conta de outrem’** (n=3; 3 ref.) e **‘(a trabalhar) Por conta própria’** (n=3; 3 ref.), ambas ilustradas pelas unidades discursivas que lhes conferem sentido:

“Tatuei num estúdio de outra pessoa em Portugal durante uns meses e depois sempre sozinho.” (Profissional 11)

“Quando regresssei a Lisboa arranjei trabalho num estúdio (...) e por lá fiquei um ano e 3 meses e depois abri o meu próprio estúdio.” (Profissional 39)

“Tive um estúdio próprio depois fui para (...) onde aprendi muito com (...) excelentes profissionais.” (Profissional 29)

Expostos os principais núcleos de significado e as categorias de 2ª ordem que resultaram do refinamento da rede de relações entre eles, no grupo dos profissionais e relativamente à informação obtida quanto ao desenvolvimento da sua formação profissional, compete-nos agora, sem acrescentar novos dados, salientar as principais ideias retiradas dos contributos cedidos por todos os participantes neste domínio.

Assim, e tal como já foi mencionado, verificam-se duas principais linhas para o desenvolvimento da formação profissional neste meio: a que ocorre por contacto directo com a prática, em estúdios, sob supervisão de outros profissionais (os mestres), que é uma experiência na qual os entrevistados adoptam o papel de aprendizes desta arte; ou por contacto indirecto com a prática, recorrendo a diferentes meios para o efeito, seja pelos mais tradicionais como a consulta de livros e manuais, ou adoptando estratégias mais modernas e frequentes na actualidade como a *internet*, os DVDs e vídeos que veiculam informação relevante nesta área.

Contudo, há sempre trabalho que pode ser feito em casa para desenvolver a sua formação profissional e, muita da aquisição de conhecimentos também pode ter um contorno mais solitário num formato autodidacta de tentativa e erro, que pode ser exclusivo ou conjugado com as duas vertentes anteriormente expostas.

Tal como ocorre em qualquer outro domínio de actividade profissional, a prática é essencial ao bom desempenho e mostrou-se uma dimensão bastante valorizada na presente amostra. Os sujeitos entrevistados revelaram-se conscientes desta necessidade e partilharam o seu treino em couratos, “cobaias” e amigos ou familiares mais corajosos que cedem a sua pele para o aprimoramento da prática destes profissionais em formação.

Encontramos também uma opção mais formal, a frequência em cursos diversificados que de algum modo contribuem para o seu desenvolvimento profissional, como cursos de segurança e controlo de infecção, curso de primeiros socorros e curso *de body piercing*, entre outros não especificados.

A observação e a troca de informação entre pares, surge igualmente como uma importante estratégia de aquisição de conhecimentos adoptada pelos profissionais entrevistados e que se coaduna com qualquer uma das vertentes de desenvolvimento da formação profissional até agora descritas.

No que respeita à duração dos períodos de formação, as respostas são diversificadas e variam em função da condição escolhida pelos profissionais, ou seja, no caso dos cursos de formação, os períodos de aquisição de conhecimentos são mais curtos quando comparados às experiências como aprendiz, cujo percurso de formação é mais extenso e pode atingir os dois anos ou mais.

Alguns dos profissionais entrevistados iniciaram a sua carreira a trabalhar por conta de outrem e mais tarde tornaram-se proprietários de estúdios de MC, já outros que desde início trabalham por conta própria embora, a primeira situação descrita seja a mais comum, o trabalho supervisionado a anteceder a realização autónoma desta actividade profissional.

### **2.2.3. Questão 3- “Qual é a sua opinião quanto à situação do nosso país, no que respeita a ofertas de formação para os profissionais de MC?”**

A questão três está vocacionada para a dimensão da formação e do treino profissional, disponível em termos nacionais para os interessados na prática das MC. Os resultados dos elementos entrevistados estão condensados na tabela 22.

Do processo intuitivo de codificação para a construção das categorias de 1ª ordem, resultaram nove núcleos de significado: ‘Má qualidade da formação’ (n=12; 13 ref.); ‘Oferta limitada ou nula’ (n=10; 14 ref.); ‘Avaliação negativa dos profissionais/formadores’ (n=10; 11 ref.); ‘De duração insuficiente’ (n=8; 9 ref.); ‘Procura crescente’ (n=6; 6 ref.); ‘Privilegiar o método tradicional’ (n=5; 6 ref.); ‘Acesso dificultado’ (n=5; 5 ref.); ‘Ponderação da necessidade de uniformização’ (n=5; 5 ref.) e ‘Positiva’ (n=4; 4 ref.), que reúnem a opinião dos profissionais de MC no que respeita à oferta de formação profissional no nosso país.

Tabela 22

Categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 3, exclusiva para os profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“péssimo” (1) “péssima” (36)	Péssima (n=3; 3 ref.)	<b>Má qualidade da formação</b>
“a formação é uma bosta” (3) “muito fraco” (12)	Qualidade reduzida (n=9; 10 ref.)	(n=12; 13 ref.)
“oferta não há muita” (8) “não há quase nada” (4)	Oferta reduzida (n=6; 9 ref.)	<b>Oferta limitada ou nula</b>
“zero” (11) “não existe formação no nosso país” (6)	Inexistente (n=4; 5 ref.)	(n=10; 14 ref.)
“há pessoal que tira uma formação dessas [3 dias] e acham-se os maiores, mas isso reflecte-se no trabalho que as pessoas carregam na pele” (13)	Promovem maus profissionais (n=2; 2 ref.)	
“querem fazer dinheiro rápido” (15) “propagandam cursos para ganhar o que não ganham com trabalho” (12)	Predominam os interesses monetários (n=4; 4 ref.)	<b>Avaliação negativa dos profissionais/formadores</b>
“são pessoas sem preparação nenhuma” (36) “são essas esteticistas e centros de estética (...) dão cursos mal dados” (1)	Consideram os formadores inaptos (n=4; 5 ref.)	(n=10; 11 ref.)
“não acredito que 3 dias seja o suficiente” (10) “a formação de um tatuador é bastante complexa para ser dada em 3 dias” (39)	3 dias de formação, é insuficiente (n=5; 6 ref.)	<b>De duração insuficiente</b>
“o Estado (...) deveria proibir e eu digo mesmo PROIBIR cursos de tatuagem com menos de 6 meses” (15)	Duração inadequada (n=3; 3 ref.)	(n=8; 9 ref.)
“se começa a aparecer cursos os miúdos todos vão para lá... e isto não é para todos” (2) “agora está na moda, toda a gente quer ser tatuador” (8) “cada vez há mais gente a tirar o curso, e gente a aprender sozinha, está a começar a ser uma moda” (3)	Associação entre maior oferta e banalização da actividade (n=3; 3 ref.)	<b>Procura crescente</b>
“interessados há bastantes” (4) “há cada vez mais procura” (16)	A procura é elevada (n=3; 3 ref.)	(n=6; 6 ref.)
“a melhor formação (...) se possível sempre ao lado de pessoas com conhecimento na área” (13) “tens de aprender com quem sabe, tornar-te aprendiz de alguém bom” (2)	Preferência pelo método tradicional (n=3; 4 ref.)	<b>Privilegiar o método tradicional</b>
“a única forma (...) é estar com alguém que faça, que tatue bem, e estar a ver, e estar a trocar ideias” (1) “a única forma de aprender é através de um processo moroso, com outros profissionais, dispostos a perder tempo connosco” (6)	O método tradicional, como a única forma de aprendizagem (n=2; 2 ref.)	(n=5; 6 ref.)
“cada estúdio só quer um aprendiz” (8) “mundo das MC ainda está muito fechado” (5)	De difícil acesso (n=3; 3 ref.)	<b>Acesso dificultado</b>
“acho um roubo” (22) “[cursos de esterilização] caríssimos” (4)	De custo elevado (n=2; 2 ref.)	(n=5; 5 ref.)
“a formação vai depender de cada estúdio” (8) “seria interessante ... uma faculdade de tatuagens” (11) “acho que devia haver centros de formação <i>piercing</i> e <i>tattoo</i> ” (5)	Ponderação da necessidade de uniformização (n=5; 5 ref.)	<b>Ponderação da necessidade de uniformização</b>
“existe alguma formação mais desenvolvida a nível de <i>piercing</i> ” (1) “está melhor” (31)	Verifica-se alguma evolução (n=2; 2 ref.)	<b>Positiva</b>
“acho que está bem como está” (2) “temos bons formadores” (5)	Favorável (n=2; 2 ref.)	(n=4; 4 ref.)

A opinião dos profissionais entrevistados converge principalmente no sentido da **‘Má qualidade da formação’** (n=12; 13 ref.) disponível em Portugal para a área das MC, que como categoria central mais forte acedida através análise detalhada dos seus discursos, congrega no seu núcleo de significado as categorias hierarquizadas **‘Péssima’** (n=3; 3 ref.), **‘Qualidade reduzida’** (n=9; 10 ref.) e respectivas unidades discursivas que sustentam esta avaliação desfavorável –

“Péssimo, não há, não há nada bem feito ou muito pouco, é assim curso de tatuagem não existe pffff e os que existem é uma banhada.” (Profissional 1)

“Ixxxx o calcanhar de Aquiles (...) tens cursos de *tattoos* de três dias e de uma semana... mercenários sem escrúpulos querem fazer dinheiro rápido sem se preocupar com a saúde ou qualidade de trabalho.” (Profissional 15),

“Há uns ‘cursos’ mas não têm qualidade/ tempo suficiente para formar pessoas nesta área.” (Profissional 6)

“Muito fraco, a maior parte feito por tatuadores e *piercers* que não são bons profissionais.” (Profissional 12)

“Está muito atrasado ainda o nosso país em relação à formação nas MC.” (Profissional 40)

Para além de concordarem que a formação disponível neste domínio não apresenta a qualidade desejada, um grupo considerável de participantes defende que a **‘Oferta limitada ou nula’** (n=10; 14 ref.) também não contribui para colmatar esta falha. O exposto é facilmente percebido através das categorias hierarquizadas que sustentam o actual núcleo de significado em exposição. Referimo-nos à categoria que descreve uma situação de **‘Oferta reduzida’** (n=6; 9 ref.) ilustrada pelas afirmações abaixo transcritas -

“Oferta não há muita, cada estúdio só quer um aprendiz e seria para aí 20 pessoas por estúdio a querer formação.” (Profissional 8)

“Parece-me um pouco parco.” (Profissional 31)

“Não há quase nada (...) há meia dúzia de cursos de esterilização que nem são direccionados a este tipo de profissionais e que normalmente são caríssimos e pouco mais.” (Profissional 4)

“Daquilo que estou informado é só no (...) não sei se (...) ainda tem ou não e acho que também há formação em centros de estética (...) o mundo das MC ainda está muito fechado.” (Profissional 5)

“Vão havendo algumas formações em Portugal, até porque este meio está cada vez maior e há cada vez mais procura.” (Profissional 16)

- e à categoria que apresenta um cenário **‘Inexistente’** (n=4; 5 ref.) quanto à presença de ofertas formativas em Portugal, como é possível confirmar nas palavras dos profissionais:

“Zero.” (Profissional 11)

“Nenhumas.” (Profissional 2)

“Não existe formação no nosso país.” (Profissional 6)

A insatisfação encontrada nos discursos de vários dos elementos da presente amostra estende-se a outros domínios, como por exemplo, a qualificação dos formadores, na medida em que **‘Consideram os formadores inaptos’** (n=4; 5 ref.), bem como a constatação de que no exercício das suas funções **‘Predominam os interesses monetários’** (n=4; 4 ref.), como está espelhado nos excertos abaixo apresentados:

“Péssima, na minha opinião só tem um profissional habilitado a ensinar (...) de resto é tudo treta para ganhar dinheiro, com cursos de umas horinhas não se aprende merda nenhuma, e são pessoas sem preparação nenhuma. Por isso tem a chuva de maus profissionais que só querem usar a nossa profissão para ter um emprego fixe e ganhar dinheiro.” (Profissional 36)

“São essas esteticistas e centros de estética que acham que não sei porquê tem de estar tudo ligado e não têm nada a ver, porque é arte e não tem nada a ver com o resto que elas fazem, dão cursos mal dados, não aprendes nada, e pagas, são só pessoas a aproveitarem-se de dinheiro.” (Profissional 1)

“Esses formadores aproveitam-se das pessoas que querem aprender a tatuar, julgam talvez que é uma forma fácil de fazer dinheiro... mas tatuar não é pintar o corpo dos outros fazendo riscos. O mundo das *tattoos* é muito complexo, existe muita falta de consciência a todos os níveis.” (Profissional 37)

Como resultado destas duas condições, acreditam que os cursos disponíveis **‘Promovem maus profissionais’** (n=2; 2 ref.) e é o que sucede no panorama actual segundo dois dos participantes entrevistados:

“Maior parte é feito por tatuadores e *piercers* que não são bons profissionais e propagandam cursos para ganhar o que não ganham com o trabalho, promovendo maus profissionais.” (Profissional 12)

“Existem locais onde podes tirar um ‘curso’ de *tattoo* mas as MC são complexas para as aprendermos em três dias de formação... eu tatuo há uns três anos e ainda me sinto um aprendiz e há pessoal que tira uma formação dessas e acham-se os maiores, mas isso reflecte-se no trabalho que as pessoas carregam na pele. A *tattoo* é uma coisa que demora anos a aprender.” (Profissional 13).

Deste modo, apresentámos as três dimensões de opinião desfavorável que, enquanto categorias hierarquizadas, se juntam para dar voz ao núcleo de significado **‘Avaliação negativa dos profissionais/ formadores’** (n=10; 11 ref.).

Contudo, a avaliação negativa realizada pelos entrevistados não se limita à oferta e qualidade dos cursos existentes, ou à prestação dos profissionais envolvidos. Inclui também o período em que decorrem estas formações, pois na sua opinião as ofertas disponíveis são **‘De duração insuficiente’** (n=8; 9 ref.) para a aquisição e consolidação de conhecimentos. A postura crítica que o presente núcleo de significado expõe, encontra-se validada por duas categorias de 2ª ordem e respectivas unidades de análises que lhe conferem sentido. A primeira, **‘3 dias de formação, é insuficiente’** (n=5; 6 ref.) comporta referências como:

“Não sou apologista de cursos de três dias, seja do que for.” (Profissional 11)

“Sinceramente acho muito pobre, não acredito que três dias seja o suficiente para alguém aprender a tatuar.” (Profissional 10)

“Bom, de forma alguma sou a favor dos cursos de três dias dados por alguns tatuadores. A formação parte de nós, o interesse, trabalho, talento que se tem e vontade. A formação de um tatuador é bastante complexa para ser dada em três dias! Portanto são poucos os que realmente dão cursos sérios e realmente sérios na área. Mas acima de tudo tem de vir de nós, mesmo os cursos mais sérios não nos ensinam «nada» se não se trabalhar muito.” (Profissional 39)

A segunda categoria hierarquizada, **‘Duração inadequada’** (n=3; 3 ref.) traduz uma postura concordante com a anterior categoria exposta e, encontra-se abaixo ilustrada pelas vozes de dois profissionais:

“Há uns ‘cursos’ mas não têm qualidade/ tempo suficiente para formar pessoas nesta área. A única forma de aprender é através de um processo moroso com outros profissionais, dispostos a perder tempo connosco.” (Profissional 6)

“O Estado (...) deveria proibir e eu digo mesmo PROIBIR cursos de tatuagem com menos de 6 meses.” (Profissional 15)

Porém, o panorama actual parece não desencorajar quem realmente almeja tornar-se profissional de MC, pois a **‘A procura é elevada’** (n=3; 3 ref.) como exemplificam as seguintes unidades discursivas:

“Acho que devia haver um maior interesse na parte da formação, mais hipóteses porque interessados há bastantes.” (Profissional 4)

“Este meio está cada vez maior e há cada vez mais procura.” (Profissional 16)

“Cada estúdio só quer um aprendiz e seria para aí 20 pessoas por estúdio a querer formação.” (Profissional 8)

Por outro lado, alguns dos profissionais entrevistados acreditam que possa ocorrer uma **‘Associação entre maior oferta e banalização da actividade’** (n=3; 3 ref.), uma situação que não é do seu agrado, como partilham nas afirmações abaixo transcritas:

“Acho que está bem como está... é algo que requer trabalho, muita dedicação e esforço... se começa a aparecer cursos os miúdos todos vão para lá... e isto não é para todos... acho mesmo que passa muito por transmitir os segredos de mestre para aprendiz.” (Profissional 2)

“Agora está na moda, toda a gente quer ser tatuador... há montes de estúdio aí que (na minha opinião) nem deviam estar abertos porque não têm prática suficiente e a formação vai depender de cada estúdio... se o tatuador for bom vai dar uma formação boa e a quem merece e se ele não for bom vai haver cada vez mais tatuadores mal formados que vão abrir lojas más, etc..” (Profissional 8)

“Cada vez há mais gente a tirar o curso, e gente a aprender sozinha, está a começar a ser uma moda.” (Profissional 3)

As duas categorias de 2ª ordem supracitadas reúnem-se na categoria central **‘Procura crescente’** (n=6; 6 ref.), que simultaneamente expõe a resposta insuficiente do mercado actual no que respeita a ofertas formativas na área da MC perante o número de interessados, bem como a opinião de alguns profissionais caso esta situação se reverta, acreditando que uma maior oferta possa transformar a sua profissão numa moda.

Através dos dados recolhidos, conseguimos perceber que alguns dos profissionais entrevistados acreditam que deve ser dada **‘Preferência pelo método tradicional’**<sup>72</sup> (n=3; 4 ref.) no que respeita ao desenvolvimento da formação dos futuros profissionais -

“A melhor formação que podemos ter é experimentando, errando e aperfeiçoando, se possível sempre ao lado de pessoas com conhecimento na área (...) a *tattoo* é uma coisa que demora anos a aprender.” (Profissional 13)

“Tens de aprender com quem sabe, tornar-te aprendiz de alguém bom e fazer muito por ti...comprar livros e estudar (...) acho mesmo que passa muito por transmitir os segredos de mestre para aprendiz é como um segredo de pai para filho.” (Profissional 2)

- alguns, inclusive, defendem **‘O método tradicional, como a única forma de aprendizagem’** (n=2; 2 ref.), que é uma opinião patente nos trechos de discurso seleccionados a título de exemplo:

<sup>72</sup> Principiantes adoptam o papel de aprendizes e seguem os passos dos respectivos mestres responsáveis pela sua formação profissional, detendo estes o poder de transmitir os segredos e ensinamentos da sua prática, em função da evolução que reconhecem nos seus pupilos (definição do autor).

“A única forma de aprendizagem é estar com alguém que faça, que tatue bem, e estar a ver, e estar a trocar ideias (...) tatuagens é muito complicado porque não pode haver um professor de tatuagens como há para as outras coisas, pode haver alguém que faça tatuagens e que tenha algum tempo para ensinar mas que não se dedique só aquilo e uma pessoa para aprender precisa estar a ver.” (Profissional 1)

“A única forma de aprender é através de um processo moroso, com outros profissionais, dispostos a perder tempo connosco.” (Profissional 6)

As duas categorias de 2ª ordem anteriormente expostas e respectivas unidades de análise que ilustram as perspectivas dos participantes encontram-se condensadas no núcleo de significado **‘Privilegiar o método tradicional’** (n=5; 6 ref.).

A opinião do grupo quanto à situação do nosso país no que respeita a ofertas de formação para os profissionais de MC, é igualmente expressa na categoria central que remete para o **‘Acesso dificultado’** (n=5; 5 ref.) a este tipo de oportunidades de aprendizagem e que se encontra validada pelas categorias de 2ª ordem **‘De difícil acesso’** (n=3; 3 ref.) onde estão reunidas as seguintes unidades de análise -

“Cada estúdio só quer um aprendiz.” (Profissional 8)

“Este ramo é assim, ninguém quer ensinar nada a ninguém.” (Profissional 3)

“Mundo das MC ainda está muito fechado.” (Profissional 5)

- e, **‘De custo elevado’** (n=2; 2 ref.), outra dimensão que se torna muitas vezes num obstáculo à aquisição formal de competências, como partilham dois dos elementos da presente amostra:

“Acho um roubo, muito mal estipulado, muito mal organizado por isso é que preferi esperar e fazer, mais tarde algo em condições. Levam a pessoa à ilusão e a partir do momento em que têm um ‘diploma’ é o ‘desenrasca-te’.” (Profissional 22)

“Há meia dúzia de cursos de esterilização que nem são direccionados a este tipo de profissionais e que normalmente são caríssimos.” (Profissional 4)

Para cinco dos profissionais entrevistados, parte da solução para os problemas e lacunas até agora descritos, passaria pela **‘Ponderação da necessidade de uniformização’** (n=5; 5 ref.) dos conteúdos e vertentes práticas ministradas nas diferentes ofertas formativas existentes para os profissionais de MC. Eis alguns exemplos desta particular postura perante o panorama actual:

“Devia haver um curso de tatuagens e *bodypiercing* como outro curso profissional qualquer, de um ano ou dois, para aprender tudo sobre higiene, anatomia, maquinaria e desenho.” (Profissional 10)

“Seria interessante haver uma faculdade de tatuagens, ou dessa vertente de arte, e se abordassem todos os tópicos referentes a essa actividade, aí sim, talvez estivéssemos todos no mesmo nível ou similar.” (Profissional 11)

“Acho que devia haver centros de formação *piercing* e *tattoo* e etc.... é o que falta, temos que lutar por isso.” (Profissional 5)

“O Estado deveria oferecer... e eu DIGO MESMO OFERECER SE NÃO OBRIGAR, as pessoas em qualquer área ligada à saúde a ter formação sobre patogenias sanguíneas e doenças transmissíveis pelo sangue.” (Profissional 15)

Depois de todas as posturas críticas que predominaram a este respeito, terminamos com a opinião ‘**Positiva**’ (n=4; 4 ref.) de quatro elementos da amostra, que enquanto núcleo de significado, abrange as categorias hierarquizadas e respectivas unidades de análise, ‘**Favorável**’ (n=2; 2 ref.) e ‘**Verifica-se alguma evolução**’ (n=2; 2 ref.), ambas abaixo ilustradas pelas afirmações transcritas:

“Acho que está bem como está (...) isto não é para todos.” (Profissional 2)

“Temos bons formadores no (...)” (Profissional 5)

“Está melhor mas ainda me parece um pouco parco.” (Profissional 31)

“Agora já existem alguns sítios lá está, e são sítios não são escolas nem nada que se pareça, são formadores, neste caso que fazem *piercing* que dão formação mas nem se quer existe diploma, porque na verdade o que conta mesmo aqui é o *portfolio* não interessa o diploma, existe alguma formação mais desenvolvida a nível de *piercing*, tatuagens é que é muito complicado.” (Profissional 1)

Finalizada a exposição das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, bem como das respectivas unidades discursivas que as ilustram, para o grupo dos profissionais entrevistados, passamos a descrever alguns pontos que se salientaram nos seus discursos a respeito do domínio em análise.

Verificou-se uma insatisfação generalizada quanto à situação do nosso país, no que respeita a ofertas de formação para os profissionais de MC. Desde a qualidade da formação que foi classificada como péssima ou reduzida, até à avaliação dos profissionais no papel de formadores, que foram considerados inaptos e mais preocupados com o lucro do que com a formação qualificada dos futuros profissionais.

Como resultado, alguns dos profissionais entrevistados acreditam que o produto das ofertas formativas disponíveis, apontadas também como reduzidas ou praticamente inexistentes, são condições que criam profissionais incapazes de cumprir adequadamente as suas funções.

Os cursos de tatuagem com duração de três dias foram severamente criticados por vários profissionais, partilhando da opinião que uma actividade tão complexa não deve ser ensinada num período tão curto.

Quanto ao panorama actual, embora sintam uma procura crescente de oportunidades de formação e de aquisição de conhecimentos, reconhecem que o acesso a este meio é difícil. Não existem muitos profissionais que queiram dispensar o seu tempo na formação de pares, e os materiais, bem como os cursos disponíveis apresentam um custo elevado e insustentável para alguns dos interessados. Por outro lado, receiam que a maior oferta de formação possa transformar a sua actividade profissional numa banalidade ou numa moda, que é uma situação inteiramente do seu desagrado.

Defendem que a aprendizagem deve ocorrer preferencialmente pelo método tradicional, no qual os principiantes adoptam o papel de aprendizes e seguem os passos dos respectivos mestres responsáveis pela sua formação profissional, detendo estes o poder de transmitir os segredos e ensinamentos da sua prática, em função da evolução que reconhecem nos seus pupilos.

Porém, conscientes da crescente procura e do acesso limitado, alguns profissionais defendem que a resposta para estes problemas possa passar pela ponderação da uniformização dos conteúdos e vertentes práticas leccionadas nas ofertas formativas existentes.

Contrariando estas posturas, cinco dos profissionais da amostra analisada creem que a situação de Portugal no que respeita a ofertas formativas na área da MC é uma situação positiva, com bons formadores e inclusive apontam alguma evolução nas ofertas encontradas.

#### **2.3.4. Questão 4 - “No que respeita à legislação em vigor para as MC, como caracteriza Portugal neste domínio?”**

Do processo de hierarquização e clarificação estrutural efectuado, resultaram sete categorias centrais, congregadas na tabela 23 e relativas às considerações dos elementos profissionais sobre o enquadramento legal que baliza a prática das MC.

Tabela 23

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 4, exclusiva para os profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“acho muito mal” (2) “é péssimo” (8) “é uma vergonha” (37)	Opinião negativa, sem especificação (n=5; 5 ref.)	
“muito pobre” (10) “MUITO POBRE muito mesmo” (22)	Muito pobre (n=3; 3 ref.)	<b>Situação globalmente negativa</b> (n=17; 17 ref.)
“muito mau” (37) “muito mau” (40)	Muito mau (n=2; 2 ref.)	
“fraco” (39)	Fraco (n=2; 2 ref.)	
“MUHAHAHAHAHA serve como resposta ???” (15) “loool” (3)	Como uma anedota (n=2; 2 ref.)	
“já há legislação em Espanha há anos” (10) “um pouco atrás do resto da Europa” (31)	Deficitário, por comparação (n=3; 3 ref.)	
“não existe legislação” (1) “não há legislação em nada” (8)	Não há legislação (n=8; 11 ref.)	
“não existe grande legislação” (2) “não é suficiente” (6) “praticamente não existe” (31)	Situação de insuficiência (n=4; 5 ref.)	<b>Défice legislativo e de profissionalismo</b> (n=15; 20 ref.)
“há ...gente fazendo trabalhos sem nenhuma condição” (29) “não há uma distinção de quem tatua com as devidas condições, de quem tatua na casa de banho” (31)	Falta de profissionalismo/condições (n=3; 4 ref.)	
“ASAE e os órgãos competentes só querem ganhar dinheiro, aplicando algumas normas” (36) “para mim ainda bem que não há leis, se não iam arranjar maneira de nos “mamar” mais guita” (3)	Desacreditação das entidades responsáveis (n=3; 6 ref.)	<b>Défice de controlo/fiscalização</b> (n=12; 15 ref.)
“tem que haver um controlo aos estúdios” (5) “não existe fiscalização” (36)	Sem fiscalização (n=5; 5 ref.)	
“para abrires um estúdio tens de pagar, o resto vai andando aos poucos” (2) “qualquer um abre um estúdio e não pode ser” (5)	Facilitismo na abertura de estúdios (n=4; 4 ref.)	
“é algo muito complicado de gerir” (2) “[merecíamos] uma associação que nos pudesse informar, defender e aconselhar” (12)	Necessita dum sindicato laboral (n=5; 6 ref.)	<b>Necessita de estrutura/organização</b> (n=10; 11 ref.)
“muito mais deveremos tentar nós profissionais” (15) “[é preciso] a união dos profissionais, não só tatuadores e <i>piercers</i> , mas de outras áreas também acho eu” (36)	Precisa de maior envolvimento por parte dos profissionais (n=2; 2 ref.)	
“[era preciso] formação” (12) “muito verdes” (10)	Precisa de formação (n=3; 3 ref.)	
“em Portugal não existe esta profissão” (37) “advogados que olhem para as leis e tornar nossa profissão reconhecida por lei” (36)	Necessita do reconhecimento legal da profissão (n=5; 6 ref.)	<b>Panorama actual prejudica os profissionais</b> (n=7; 9 ref.)
“deveriam pagar o ordenado mínimo ..., muitos estúdios aproveitam-se disso e exploram as pessoas” (22) “acho que deveríamos ter o estatuto de artista para podermos declarar só metade do que fazemos” (15)	Falha quanto aos direitos e obrigações dos profissionais (n=2; 3 ref.)	
“apenas interessa ao nível das finanças” (2) “creio que existe apenas a nível de segurança e higiene no trabalho” (6)	Indefinição nas entidades responsáveis (n=3; 3 ref.)	<b>Clima de indefinição e auto gestão</b> (n=7; 7 ref.)
“a legislação para as MC não está 100% coesa” (13) “não existe nada de concreto” (39)	Indefinição nas práticas legais (n=4; 4 ref.)	
“não estou nada por dentro” (4) “não sei como é que está a legislação” (1)	Profissionais sem informação (n=2; 2 ref.)	<b>Papel pouco activo dos envolvidos</b> (n=4; 5 ref.)
“no geral a maioria das pessoas vai pelo preço... não procuram qualidade e condições” (2) “a maioria [clientes] não pergunta sobre as condições de higienização” (8)	Clientes não priorizam a sua segurança (n=2; 3 ref.)	

As sete categorias são: ‘Situação globalmente negativa’ (n=17; 17 ref.), ‘Défice legislativo e de profissionalismo’ (n=15; 20 ref.), ‘Défice de controlo/ fiscalização’ (n=14; 15 ref.), ‘Necessita de estrutura/ organização’ (n=10; 11 ref.), ‘Panorama actual prejudica os profissionais’ (n=7; 9 ref.), ‘Clima de indefinição e auto gestão’ (n=7; 7 ref.) e ‘Papel pouco activo dos envolvidos’ (n=4; 5 ref.), que se configuram nos principais núcleos de significado que dão resposta à presente questão que se coloca.

No que respeita à legislação em vigor para as MC, em Portugal a apreciação da actual circunstância como uma **‘Situação globalmente negativa’** (n=17; 17 ref.) constitui-se na expressão mais adequada para ilustrar a clara insatisfação patente nos discursos dos profissionais entrevistados.

“MUITO POBRE muito mesmo, para já é uma profissão como outra qualquer o que já deveria ser bem explicito no nosso sistema.” (Profissional 22)

“Está muito mau, havia de haver mais formação e mais cuidados no que toca à higiene.” (Profissionais 40)

“Fraco, não existe nada de concreto e o que existe não é isento e trabalhado com os profissionais desta área.” (Profissionais 39)

“Tipo no Brasil até há sindicato aqui não há nada disso e como fazemos para combater os maus profissionais e os maus trabalhos e os maus estúdios? Não há nada.” (Profissional 5)

As unidades discursivas expostas ilustram o núcleo de significado supracitado e dizem respectivamente respeito às categorias hierarquizadas **‘Opinião negativa, sem especificação’** (n=5; 5 ref.), **‘Muito pobre’** (n=3; 3 ref.), **‘Muito mau’** (n=2; 2 ref.), **‘Fraco’** (n=2; 2 ref.) e **‘Deficitário, por comparação’** (n=3; 3 ref.). Contudo, é com a sexta categoria de 2ª ordem que fechamos a presente categoria central - assim **‘Como uma anedota’** (n=2; 2 ref.) é o modo como dois dos entrevistados concebem Portugal no que respeita à legislação em vigor para as MC:

“MUHAHAHAHAHA serve como resposta ???” (Profissional 15)

“Looool não temos leis ainda!” (Profissional 3)

Descrito o panorama português de acordo com a perspectiva dos profissionais entrevistados, são apontadas por quinze sujeitos da amostra duas lacunas que sustentam a manutenção desta situação precária, o **‘Défice legislativo e de profissionalismo’** (n=15; 20 ref.) e o **‘Défice de controlo/ fiscalização’** (n=12; 15 ref.). Do refinamento da rede de relações entre estes dois núcleos de significado, resultaram respectivamente três categorias de 2ª ordem. Assim, **‘Não há legislação’** (n=8; 11 ref.) e **‘Situação de insuficiência’** (n=4; 5 ref.) são duas das categorias hierarquizadas que sustentam o

núcleo de significado **‘Défice legislativo e de profissionalismo’**, abaixo ilustrado pelas unidades discursivas seleccionadas a título de exemplo -

“Não há legislação... apenas burocracia e devaneios impostos por funcionários camarários.”  
(Profissional 15)

“Nula! Não há legislação em nada (...) não é preciso chegar ao ponto de alguns estados na América em que é obrigatório ter uma licença para ter uma máquina de tatuar mas penso que seria obrigatório uma licença qualquer para abrir um estúdio.” (Profissional 8),

“Não tem [legislação] nenhuma praticamente, e a que tem existe só no papel, não existe fiscalização.” (Profissional 36)

- e que é complementado pela categoria de 2ª ordem **‘Falta de profissionalismo/condições’** (n=3; 4 ref.) que comporta as seguintes referências:

“Acho que deveria ser mais rigoroso porque infelizmente há muita gente fazendo trabalhos sem nenhuma condição.” (Profissional 29)

“Existem mais tatuadores amadores a tatuar em casa, do que tatuadores profissionais.”  
(Profissional 2)

“Não há uma distinção de quem tatua com as devidas condições, de quem tatua na casa de banho. Não existe esse reconhecimento ou a devida legislação (...) se quiseres fazer em casa com um amigo, ninguém te pode impedir.” (Profissional 31)

Por sua vez, o já referido núcleo de significado relativo ao **‘Défice de controlo/fiscalização’** (n=14; 15 ref.) é sustentado pelas categorias hierarquizadas, **‘Facilitismo na abertura de estúdios’** (n=4; 4 ref.) e **‘Sem fiscalização’** (n=5; 5 ref.), ambas ilustradas pelas vozes dos participantes -

“Tem que haver um controlo aos estúdios, qualquer um abre um estúdio e não pode ser. A minha opinião é muito simples é haver um controlo dos mesmos porque qualquer um abre um estúdio, fazem trabalhos horríveis e claro a preços baixos. Acho que é só isto, devia ser mais visto pelas autoridades.” (Profissional 5)

“Para abrires um estúdio tens de pagar, o resto vai andando aos poucos, mas sem grande legislação nem nada de mais. Acho muito mal.” (Profissional 2)

“Não há legislação em nada, não há pessoal da ASAE ou algo do género a ir fazer ronda aos estúdios o que é péssimo.” (Profissional 8)

- a par com a categoria **‘Desacreditação das entidades responsáveis’** (n=3; 6 ref.), que é uma postura de insatisfação e descrédito partilhada por três dos profissionais do grupo em análise:

“ASAE e os órgãos competentes só querem ganhar dinheiro, aplicando algumas normas.”  
(Profissional 36)

“Para mim ainda bem que não há leis, se não iam arranjar maneira de nos «mamar» mais guita.”

(Profissional 3)

“Não há legislação... apenas burocracia e devaneios impostos por funcionários camarários... cada Câmara Municipal faz as suas regras. A ASAE faz caça à multa mas em nada em questões de saúde, os delegados de saúde não têm informação e o pior é que não lhes convém que saia legislação pois assim podem impor-nos coisas ridículas (por ex. um chuveiro na loja).”

(Profissional 15)

Porém, algumas propostas no sentido de reverter a actual situação foram pensadas pelos profissionais escutados. Consideram que Portugal **‘Precisa de maior envolvimento por parte dos profissionais’** (n=2; 2 ref.) e também que **‘Precisa de formação’** (n=3; 3 ref.), como é possível confirmar nos testemunhos abaixo transcritos-

“Tens todo um boom de tatuadores neste momento mas ninguém sabe bem o que anda a fazer... mas todos opinam. Estamos extremamente mal organizados e temos uma comunidade destrutiva ao invés do contrário, fazem-se comadres e a evolução é zero (...) falta estrutura e liderança, menos comadrece e pensar mais no bom e menos no mau, menos elitismo e mais escolha em quem deixamos entrar, precisa-se desesperadamente de gestores para organizar isto tudo e claro perderem-se mania e acalmarem-se egos (...) o Estado deve tentar que haja a formação de um órgão que seja representativo desta área... mas muito mais deveremos tentar nós profissionais.” (Profissional 15)

“Só acho que deveríamos ter um sindicato que olhasse por nós profissionais em termos de leis e apoio jurídico. Pois cada um faz o que quer.... abre o estúdio que quiser também. [É preciso] a união dos profissionais, não só tatuadores e *piercers*, mas de outras áreas também acho eu (...) advogados que olhem para leis, e tornem a nossa profissão reconhecida por lei.” (Profissional 36),

“[Era preciso] leis, regulamentação, fiscalização, formação, dignificar quem trabalha e assegurar o consumidor.” (Profissional 12)

- tendo também salientado a **‘Necessidade dum sindicato laboral’** (n=5; 6 ref.), uma carência exemplificada acima nas afirmações dos profissionais 15 e 36 e complementada aqui por outros colegas que partilham da mesma opinião:

“Dão-se pequenos passos de há dois anos para cá mas ainda falta muita informação, leis, sindicatos, normas a cumprir, pessoas para fazerem cumprir essas normas.” (Profissional 11)

“Acho que merecíamos legislação e uma associação que nos pudesse informar, defender e aconselhar.” (Profissional 12)

As três categorias de 2ª ordem expostas e respectivas unidades discursivas reúnem-se para dar sentido ao núcleo de significado que põe a nu a **‘Necessidade de estrutura/ organização’** (n=10; 11 ref.) do nosso país, no domínio da legislação em vigor para as MC.

Consequentemente, parte dos sujeitos entrevistados considera que o **‘Panorama actual prejudica os profissionais’** (n=7; 9 ref.) e que, enquanto categoria central produto do processo de hierarquização produzido, congrega no seu núcleo de significado duas categorias hierarquizadas de 2ª ordem ilustradoras do presente cenário. A categoria de 2ª ordem **‘Falha quanto aos direitos e obrigações dos profissionais’** (n=2; 3 ref.) que consiste na caracterização de Portugal quanto à legislação em vigor para as MC, sustentada por dois dos profissionais entrevistados -

“Sendo uma profissão como outra qualquer deveriam pagar o ordenado mínimo com os extras, tal como outro trabalho, muitos estúdios aproveitam-se disso e exploram as pessoas ao máximo.” (Profissional 22)

“Acho que deveríamos ter o estatuto de artista para podermos declarar só metade do que fazemos... pois somos o único país que estamos declarados como prestação de serviços e não artistas e deveríamos ter mais direitos em relação a baixas e pensões pois pagamos muito para receber quase nada (...) metade do mês sou uma pessoa muito feliz e realizada... a outra metade sinto-me desprezado... eu traduzo... quando estou em Roterdão ou em Velje na Dinamarca... as pessoas respeitam-se e dão-me valor como artista e quando retorno sou apenas um gajo que faz desenhinhos.” (Profissional 15)

- à qual se junta, a também categoria de 2ª ordem **‘Necessita do reconhecimento legal da profissão’** (n=5; 6 ref.) que para cinco dos profissionais da amostra, significa uma estratégia possível para reverter o actual panorama e erradicar os danos aos profissionais despoletados pelas lacunas legislativas já apontadas. Eis alguns exemplos da presente condição:

“Devia haver leis no nosso país e os tatuadores deviam ser considerados como profissionais havendo assim uma forma de podermos ser considerado como uma profissão, coisa que em Portugal não existe esta profissão, o que é uma vergonha.” (Profissional 37)

“Nas finanças até então éramos prestadores de serviços, nas Câmaras Municipais não há legislação para os estúdios, somos ou éramos gabinetes de estética. Faz-me sentir pouco credível, mesmo para precaver situações de perigo de saúde pública.” (Profissional 10)

“[É preciso] a união dos profissionais, não só tatuadores e *piercers*, mas de outras áreas também acho eu (...) advogados que olhem para leis, e tornem a nossa profissão reconhecida por lei.” (Profissional 36)

Tal como foi anunciado de início pelos profissionais, Portugal encontra-se numa ‘Situação globalmente negativa’ no que respeita à legislação em vigor para as MC, uma posição que se tem vindo a confirmar por meio das várias categorias de 1ª e 2ª ordem que reúnem as posições dos elementos da amostra, bem como pelas respectivas unidades discursivas que as fundamentam e que foram expostas até ao momento. Neste

sentido e neste domínio, Portugal vive num **‘Clima de indefinição e auto gestão’** (n=7; 7 ref.), uma categoria central que resulta da convergência das categorias hierarquizadas, **‘Indefinição nas entidades responsáveis’** (n=3; 3 ref.), que se encontra explícita nos exemplos abaixo apresentados -

“Penso que é o governo juntamente com a inspecção de saúde e a entidade para a segurança e higiene no trabalho.” (Profissional 13)

“Apenas interessa ao nível das finanças... para abrires um estúdio tens de pagar, o resto vai andando aos poucos.” (Profissional 2)

“Não existe grande legislação. Creio que existe apenas a nível de segurança e higiene no trabalho.” (Profissional 6)

- e que se conjuga com a **‘Indefinição nas práticas legais’** (n=4; 4 ref.) que é composta pelas seguintes unidades de análise:

“A legislação para as MC não está 100% coesa mas existem regras mínimas básicas para que possas ter um negócio do género.” (Profissional 13)

“Não existe nada de concreto e o que existe não é isento e trabalhado com profissionais desta área.” (Profissional 39)

“Acho que deveria ser mais rigoroso porque infelizmente há muita gente fazendo trabalhos sem nenhuma condição.” (Profissional 29)

Há ainda quem acredite que o problema em parte reside no **‘Papel pouco activo dos envolvidos’** (n=4; 5 ref.). Se, por um lado, os **‘Clientes não priorizam a sua segurança’** (n=2; 3 ref.) tal como podemos confirmar no excertos abaixo transcritos -

“Existem mais tatuadores amadores e a tatuar em casa do que tatuadores profissionais... e no geral a maioria das pessoas vai pelo preço... não procuram qualidade e condições... contudo a mentalidade das pessoas tem vindo a mudar.” (Profissional 2)

“É preciso os clientes informarem-se. Muita gente vai a um estúdio sem se quer ver o *portfolio* do tatuador, e a maioria não pergunta sobre as condições de higienização. Eu faço sempre questão de mostrar aos clientes que tenho tudo descartável e abro sempre o material à frente deles... mas a maioria das pessoas só quer é sair de lá com uma tatuagem... independentemente de como foi feita.” (Profissional 8)

- por outro lado, no que respeita à legislação em vigor para as MC, há **‘Profissionais sem informação’** (n=2; 2 ref.) neste domínio, o que se traduziu na nossa amostra como uma ocorrência menor, com apenas dois dos profissionais a partilhar desta situação:

“Vou ser muito sincera, não estou nada por dentro.” (Profissional 4)

“Não sei como é que está a legislação.” (Profissional 1)

Deste modo apresentámos as duas categorias hierarquizadas e inerentes unidades discursivas que dão voz à categoria central supracitada **‘Papel pouco activo dos envolvidos’**, e assim encerramos a análise detalhada dos discursos dos profissionais, quanto à temática em questão.

Compete-nos agora reforçar as principais ideias e perspectivas, que derivaram dos importantes contributos cedidos pelos profissionais entrevistados no que respeita à sua opinião sobre Portugal no domínio específico da legislação em vigor para as MC.

Comprendemos que a insatisfação predomina quando se fala de legislação em vigor para as MC em Portugal, e que a situação é caracterizada de forma bastante negativa variando num espectro que vai desde a comparação da situação portuguesa a uma anedota, até à sua avaliação como sendo muito pobre ou muito fraca.

São apontadas várias carências neste domínio, mas foi possível identificar duas lacunas principais que se reconhecem como meios de suporte e de crescimento da precária situação legislativa em debate. Referimo-nos ao défice legislativo e de profissionalismo e ao défice de controlo e fiscalização, que não deixam de estar profundamente relacionados entre si.

Neste sentido, a maioria dos profissionais queixaram-se da falta de leis, de posturas correctas e honestas no exercício profissional, bem como da falta de condições. Também reconheceram que o cenário actual é de demasiada permissividade, na medida em que falta controlo e fiscalização, o que a par do descrédito que fazem das entidades responsáveis, resulta num ambiente de insegurança, frustração e insatisfação vivido e partilhado por muitos dos profissionais entrevistados.

Contudo, e como já vimos na análise detalhada dos seus discursos, não foram identificados apenas problemas ou défices, pois alguns elementos deste grupo acreditam que para reverter a actual situação é necessário maior envolvimento e uma postura mais proactiva por parte dos profissionais bem como mais oportunidades de aquisição de conhecimentos e de formação profissional. Nos seus discursos, os participantes reforçaram de igual modo a necessidade de se criar um sindicato laboral que os represente, defenda e imponha limites. Com isto, expuseram a necessidade de estrutura e organização de Portugal, no domínio da legislação em vigor para as MC.

O actual panorama tal como tem sido descrito até agora, foi compreendido como um meio prejudicial e danoso para os profissionais de MC, na medida em que a legislação em vigor falha quanto aos seus direitos e obrigações. Como principal lacuna apresenta-se o não reconhecimento legal da profissão e, enquanto esta última condição se verificar, muitos dos problemas descritos continuaram a existir porque o contexto é propício a isso mesmo.

Porém, compreendemos que não há acordo quanto às entidades responsáveis. Verifica-se uma certa confusão na atribuição de poderes e responsabilidades. O mesmo é descrito pelos profissionais quanto ao exercício das leis, caracterizado como confuso devido à falta de clareza e de uniformidade, uma situação que relatam das suas experiências pessoais como profissionais de MC e que partilharam connosco.

Por fim, fechamos com uma responsabilização feita por alguns dos sujeitos entrevistados e direccionada a todos os envolvidos nos processos de MC, ou seja, profissionais e clientes. Assim, para mudar o panorama português no domínio em exposição, é necessária uma postura mais activa e interessada na defesa dos seus direitos e da sua segurança por parte de todos os que contactam directamente com o meio das MC.

### **2.3.5. Questão 5- “Prepara de alguma forma os seus clientes para lidar com a dor inerente aos processos de modificação?”**

No anterior bloco de questões destinado a ambos os grupos, exploramos com a questão número nove, o modo como os entrevistados viveram a condição da dor inerente aos processos de modificação. Agora, compete-nos investigar que cuidados ou comportamentos os profissionais adoptam no sentido de preparar os seus clientes para lidar com o sofrimento físico associado às MC. As categorias emergentes encontram-se sintetizadas na tabela 24.

A informação recolhida foi passível de uma organização em cinco núcleos de significado que passamos a identificar: ‘Falar sobre a dor’ (n=17; 18 ref.); ‘Proporcionar tranquilidade e conforto’ (n=12; 12 ref.); ‘Através da postura profissional/técnica’ (n=11; 13 ref.); ‘Sim, sem especificação’ (n=6; 6 ref.) e por fim, ‘Atenção especial durante a primeira vez’ (n=4; 4 ref.).

Tabela 24

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 5, exclusiva para os profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“aviso-os mais ou menos do grau de dor” (22) “não minto em relação à dor” (12) “faço perceber que sem dor não há <i>tattoo</i> ” (13)	Aviso explícito quanto à dor (n=7; 7 ref.)	<b>Falar sobre a dor</b> (n=17; 18 ref.)
“digo-lhes que é a pior coisa do mundo” (15) “digo-lhes que vai doer buuuééé” (37)	Através do exagero da dor (n=3; 4 ref.)	
“nada que não se agunte” (6) “realço sempre que vai doer mas que é uma dor suportável” (39)	Comunicar que a dor é suportável (n=7; 7 ref.)	
“tento acalmar os clientes mais nervosos” (11) “sim, tento acalmá-los” (4)	Acalmar os clientes (n=7; 7 ref.)	
“tento colocar as pessoas o mais confortáveis que me é possível” (2) “tento-lhes deixar o mais confortáveis possíveis” (8)	Proporcionar o maior conforto possível (n=2; 2 ref.)	<b>Proporcionar tranquilidade e conforto</b> (n=12; 12 ref.)
“dois bons dedos de conversa” (13) “brincar um pouco” (10) “conto histórias de outros clientes” (8)	Conversar com os clientes (n=3; 3 ref.)	
“indico cado passo da sua MC antes de ser feita” (16) “aviso o que pode sentir e esperar” (36)	Explicar o processo (n=3; 3 ref.)	
“temos de ser muito pacientes” (10) “tento ser muito paciente e compreensivo em todas as situações” (12)	Ser muito paciente (n=2; 2 ref.)	<b>Através da postura profissional/técnica</b> (n=11; 13 ref.)
“dou-lhes um sorriso calmo e tranquilizante” (13) “mostro-me o mais calma possível” (4) “há que ter atenção a vários pormenores... nervosismo, fala, atitude... são pequenas coisas que tens de observar e contrariar” (2)	Adoptar uma postura tranquilizadora/confiante (n=4; 6 ref.)	
“se o <i>piercing</i> foi bem feito a dor é mínima” (5) “algumas técnicas na aplicação, ajuda” (36)	Execução técnica adequada (n=2; 2 ref.)	
“sim, sempre... depende muito do estado do cliente” (2) “lógico” (11) “sim, antes de cada trabalho” (16)	Sim, sem especificação (n=6; 6 ref.)	
“tentamos relaxar as pessoas que veem a primeira vez” (10) “se for a primeira tatuagem também falo, não quero assustá-los mas quero prepará-los” (1) “pergunto se é a primeira tatuagem” (8)	Atenção especial durante a primeira vez (n=4; 4 ref.)	<b>Atenção especial durante a primeira vez</b> (n=4; 4 ref.)

No presente grupo em análise ‘**Falar sobre a dor**’ (n=17; 18 ref.) revelou-se a principal estratégia de *coping* adoptada pelos profissionais para com os seus clientes, no sentido de os preparar para o sofrimento físico associado aos processos de MC. Deste modo, configura-se no núcleo de significado com maior representatividade e expressa-se através de três ‘*modus operandi*’ traduzidos nas categorias de 2ª ordem que o

constituem. A primeira, ‘**Aviso explícito quanto à dor**’ (n=7; 7 ref.) é o resultado de expressões como as que passamos a transcrever:

“Algum tipo de dor é inevitável, estamos a realizar um trauma no corpo, tem que ser sentido. Isso eu não omito.” (Profissional 11)

“Sim, claro. Aviso-os mais ou menos do grau de dor mas é normal perguntarem-me antes e explicito bastante que com a anestesia sente-se na mesma o local a ser furado, explico que pode diminuir a dor mas não a corta na totalidade.” (Profissional 22)

“Sim, quando são tatuagens maiores eu aviso que vai doer um bocadinho (...) *piercings* não sei porquê as pessoas têm muito mais medo, perguntam sempre se dói, dói, dói, é assim eu digo que dói um bocadinho mas é uma coisa mínima que aguentas perfeitamente.” (Profissional 1)

A segunda categoria hierarquizada, ‘**Através do exagero da dor**’ (n=3; 4 ref.) comporta as seguintes referências de hiperbolização da dor expressas pelos profissionais:

“Yup... digo-lhes vai doer! Muito! Para se irem mentalizando. Só isso chega... digo-lhes que é a pior coisa do mundo. Depois dizem-me ‘mas não dói assim tanto’... e eu rio-me.” (Profissional 15)

“Digo-lhes que vai doer buuuééé e dou-lhes um chupa para minimizar a dor psicológica.” (Profissional 37)

“Pergunto-lhes se já viram o *jack ass*<sup>73</sup> e que é essa a atitude...lol (...) claro que os faço perceber que sem dor não há *tattoo*.” (Profissional 13)

A terceira e última categoria hierarquizada presente no núcleo de significado em exposição transmite uma postura mais amigável perante o sofrimento físico inerente aos processos de modificação. Referimo-nos à categoria ‘**Comunicar que a dor é suportável**’ (n=7; 7 ref.) que é privilegiada por sete dos sujeitos entrevistados, como é possível confirmar abaixo pelos excertos transcritos a título de exemplo:

“Tento acalmá-los, volta e meia aparece um mesmo muito nervoso, vou-lhes dizendo que custa menos do que pensam e tal, normalmente resulta.” (Profissional 4)

“Tento explicar o processo e que é muito mais tolerável do que parece.” (Profissional 31)

“Realço sempre que vai doer mas que é uma dor suportável e tento que percebam que o que vão fazer não é apenas um desenho.” (Profissional 39)

Segundo o grupo de profissionais entrevistados, existem outras estratégias facilitadoras da vivência da dor associada às MC, como tentar ‘**Acalmar os clientes**’ (n=7; 7 ref.) que é uma postura partilhada por alguns dos entrevistados -

<sup>73</sup> <http://www.dickhouse.tv/>

“Sim sempre, tento sempre acalmá-los e ser um pouco de psicólogo.” (Profissional 29)

“Sim, aviso o que pode sentir e esperar a também ajudo a relaxar com uma boa conversa.” (Profissional 36)

“Acalmava a pessoa a falar de várias coisas e punha música que é muito importante, é uma forma de acalmar o cliente.” (Profissional 5)

- bem como tentar **‘Proporcionar o maior conforto possível’** (n=2; 2 ref.), o que é exemplificado nos seguintes excertos:

“Tento colocar as pessoas o mais confortáveis que me é possível.” (Profissional 2)

“Tento-lhes deixar o mais confortáveis possíveis.” (Profissional 8)

Às estratégias expostas muitas vezes se alia o **‘Conversar com os clientes’** (n=3; 3 ref.) numa tentativa de os abstrair da dor que está a ser infligida nos seus corpos. O objectivo passa por envolver os clientes num diálogo que lhes capte a atenção e diminua a concentração no próprio corpo e no sofrimento físico. Eis alguns exemplos do que acabamos de descrever:

“Em primeiro dou-lhes um desenho carregado de emoção e significado que os cativa e os deixe motivados, depois dou-lhes um sorriso calmo e tranquilizador e dois bons dedos de conversa... costuma resultar. Quando dão por ela já terminei a *tattoo*.” (Profissional 13)

“Acalmar, brincar um pouco de maneira a não estarem tão nervosos.” (Profissional 10)

“Há pessoas que ficam muito nervosas, digo-lhes que é uma dor suportável e tento-lhes deixar o mais confortáveis possível, conto histórias de outros clientes, etc. e aviso-lhes sempre que se for preciso parar, basta dizer.” (Profissional 8)

Deste modo, sabemos que **‘Acalmar os clientes’**, **‘Proporcionar o maior conforto possível’** e **‘Conversar com os clientes’** parecem ser estratégias que funcionam no sentido de transformar as experiências de MC num acontecimento mais positivo, na medida em que contribuem para atenuar o sofrimento físico inerente. Consequentemente, e como resultado da hierarquização produzida, as três condições supracitadas configuram-se nas categorias de 2ª ordem que dão voz ao núcleo de significado **‘Proporcionar tranquilidade e conforto’** (n=12; 12 ref.) aos clientes.

A postura profissional, como o **‘Ser muito paciente’** (n=2; 2 ref.) com os clientes e **‘Adoptar uma postura tranquilizadora/confiante’** (n=4; 6 ref.), é assumida pelos profissionais como um factor com influência positiva nas experiências de MC, o que pode ser melhor compreendido através das suas próprias palavras:

“Muitas vezes demoramos muito mais tempo do que o previsto para colocar um *piercing*, porque há pessoas que entram mesmo em pânico, temos de ser muito pacientes.” (Profissional 10)

“Há que ter atenção a vários pormenores... nervosismo, fala, atitude... são pequenas coisas que tens de observar e contrariar. Tens de mostrar confiança e dar a entender às pessoas que sabes o que estas a fazer e que a pessoa fez a melhor opção em ter vindo ter contigo! Isto para que as pessoas façam o que ali vieram fazer e não fiquem com medo e se vão embora! Podes ser um excelente tatuador, mas se não souberes lidar com as pessoas vais ter imensas dificuldades em ser muito bom... não tecnicamente, mas conhecido e procurado.” (Profissional 2)

“Mostro-me o mais calma possível.” (Profissional 4)

Aliada à postura profissional, a postura técnica tem uma influência decisiva na experiência da dor e no produto final. Através de uma **‘Execução técnica adequada’** (n=2; 2 ref.) o sofrimento físico não deverá ser exacerbado e o resultado será de melhor qualidade, tal como referem dois dos profissionais entrevistados -

“Claro que temos sempre o *spray* que se for bem posto não há dor. Se o *piercing* foi bem feito a dor é mínima.” (Profissional 5)

“A maioria já está ciente do que a espera, algumas técnicas na aplicação ajuda, mas todos estão aqui porque querem e têm que estar preparados para o procedimento.” (Profissional 36)

- a qual deve ser complementada pela preocupação por parte dos profissionais em **‘Explicar o processo’** (n=3; 3 ref.) de MC a que o cliente se propõe, o que lhe permitirá estar mais consciente e informado sobre o que vai acontecer em concreto com o seu corpo e, deste modo reduzir a ansiedade provocada pelo desconhecido:

“Sim, antes de cada trabalho o cliente é preparado e indico cada passo da sua MC antes de ser feita.” (Profissional 16)

“Aviso o que pode sentir e esperar.” (Profissional 36)

“Normalmente explico como vai ser a dor, depois que começa a atenuar e tal.” (Profissional 3)

As quatro categorias hierarquizadas de 2ª ordem acima descritas, **‘Ser muito paciente’**, **‘Adoptar uma postura tranquilizadora/confiante’**, **‘Execução técnica adequada’**, **‘Explicar o processo’** e respectivas unidades de análise, reúnem-se para dar sentido ao núcleo de significado **‘Através da postura profissional/técnica’** (n=11; 13 ref.), como modo privilegiado por vários profissionais para preparar os seus clientes no sentido de lidar com a dor inerente aos processos de MC.

Alguns dos profissionais entrevistados assumiram preocupar-se em preparar os seus clientes para a experiência de dor associada às MC, embora não tenham detalhado o modo o fazem. Por isso, as informações recolhidas neste sentido encontram-se agrupadas no núcleo de significado **‘Sim, sem especificação’** (n=6; 6 ref.), que tal como a designação indica, não necessita da ilustração das suas unidades de análise por estas não acrescentarem novos dados.

Consideramos ainda na hierarquização produzida, a categoria central que confere uma ‘**Atenção especial durante a primeira vez**’ (n=4; 4 ref.), ou seja, que conceptualiza um cuidado redobrado com os estreantes, uma condição que nos é transmitida pelas seguintes unidades discursivas:

“Tentamos relaxar as pessoas que veem a primeira vez.” (Profissional 10)

“Quando são tatuagens maiores eu aviso que vai doer um bocadinho, e se for a primeira tatuagem também falo, não quero assustá-los mas quero prepará-los um pouco, porque há pessoas que não veem preparadas psicologicamente, acham que é chegar e fazer e que não vão sentir nada e têm que ter alguma consciência.” (Profissional 1)

“Sendo um cliente novo pergunto se é a primeira tatuagem... há pessoas que ficam muito nervosas, digo-lhes que é uma dor suportável.” (Profissional 8)

Culminada a análise detalhada dos discursos dos profissionais no domínio das preocupações, cuidados e posturas a ter para com clientes, no sentido de amenizar o sofrimento físico inerente às experiências de MC, destacaremos em seguida, os principais ‘*modus operandi*’ partilhados pelos sujeitos e recolhidos nas entrevistas, como estratégias para ajudar os clientes a lidar com a dor.

Para o grupo em análise, a dor não é vista como uma questão tabu, antes pelo contrário. Na globalidade do discurso dos participantes, estes são apologistas de que se fale abertamente com os clientes sobre a dor inerente aos processos de MC. Contudo, aqui ocorre uma diferenciação nos modos de actuação: uns preferem relativizar o impacto da dor, caracterizando-a como suportável ou como algo que se aguenta bem; enquanto outros optam pela estratégia oposta, hiperbolizando a experiência dolorosa de tal modo, que na prática não se venha a igualar tamanho sofrimento físico. Na verdade, a grande maioria dos entrevistados acredita que os clientes devem ser avisados que a dor não é uma utopia e que é aconselhável falar com clareza sobre ela, salientado que é algo sempre muito subjectivo no que respeita à vivência e descrição da sua intensidade.

Por outro lado, um ambiente confortável e tranquilo também é importante para proporcionar experiências de MC mais positivas e menos dolorosas. Neste sentido, os profissionais através dos meios e das condições que possuem, tentam oferecer o maior conforto possível aos seus clientes, estabelecer um diálogo que lhes remova o foco de concentração na dor física, ao mesmo tempo que tentam tranquilizá-los através das suas palavras e da sua experiência.

Contudo, não chega falar abertamente sobre a dor e proporcionar um ambiente apropriado; a postura profissional e técnica também tem influência na forma como a dor é interpretada e vivida pelos clientes. Consequentemente é importante que os profissionais transmitam segurança nas suas palavras e nas suas atitudes, adoptando uma postura tranquila e confiante. E ainda neste sentido ser paciente revelou-se uma qualidade fundamental para o exercício da profissão em destaque, bem como na preparação dos clientes para lidar com a dor.

Obviamente que a execução técnica adequada evita o sofrimento físico acrescido ou desnecessário para a MC pretendida, contribuindo para que a dor sentida seja apenas a necessária à obtenção do resultado final almejado.

Por sua vez, a explicação do processo de MC a que o sujeito se propõe, contribui para uma vivência mais tranquila desta experiência na medida em que o sujeito deixa de se limitar ao campo do desconhecido para passar a ter algumas referências que o guiam sobre processo, e simultaneamente lhe permitem estar melhor preparado para lidar com a dor.

Por fim, alguns profissionais defendem o cuidado ou atenção especial aos estrepantes em determinada MC. Porém, quer se trate de um novo cliente ou de um cliente habitual é sempre importante informar, avisar da dor, tranquilizar, proporcionar um ambiente adequado e saber o que se está a fazer.

Concluimos, deste modo, que a maioria dos profissionais entrevistados se preocupa em preparar os seus clientes para lidar com a dor inerente aos processos de MC.

### **2.3.6. Questão 6- “Na sua opinião, quais são os principais motivos que levam os seus clientes a realizar MC?”– Análise das respostas dos Profissionais**

Se primeiramente averiguámos junto dos clientes o que determinou a sua escolha de fazer uma MC e qual o significado desta mesma escolha, dedicamos o presente espaço à exploração da perspectiva dos profissionais quanto aos principais motivos que dos seus anos de prática e contacto com usuários, conseguem identificar como factores impulsionadores fundamentais para a realização de MC.

Tabela 25

Alguns exemplos de categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 6, exclusiva para os profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“procuram simbolizar pessoas” (1)	Simbolizar/	
“estrelas, porque é aquela pessoa que é uma estrela” (1)	homenagear	
“pessoas” (31)	pessoas/ memoriais	
“para homenagear pessoas que já perderam ou não” (37)	(n=7; 9 ref.)	
“os mais velhos por quererem algo com significado” (10)	Marcar significados	<b>Marcar conteúdos pessoais/ subjectivos</b> (n=19; 22 ref.)
“diziam-me todas as tatuagens que queriam fazer e levavam os significados atrelados” (22)	pessoais (n=4; 4 ref.)	
“algum acontecimento na vida” (5)	Marcar momentos/ fases (n=6; 7 ref.)	
“[marcar] momentos passados” (40)	Celebrar um acontecimento (n=2; 2 ref.)	
“comemoração de algo importante na vida (nascimento de filhos)” (39)		
“celebrar um acontecimento” (6)		
“moda, os mais jovens” (10)	Moda (n=8; 8 ref.)	
“70% acho que o <i>boom</i> moda <i>Miami Ink</i> ” (12)		
“a estética” (4)	Estética (n=6; 6 ref.)	<b>Questões de imagem</b> (n=18; 18 ref.)
“em geral por estética” (36)		
“dar estilo” (13)	Estilo (n=2; 2 ref.)	
“marcar estilo” (5)		
“querem causar choque” (1)	Afirmação visual (n=2; 2 ref.)	
“marcar uma diferença” (3)		
“porque a amiga tem” (2)	Por influência de outros (n=3; 3 ref.)	
“porque viram e também querem” (3)		
“porque algum jogador tem ou actor” (10)		
“as MC fazem as pessoas se sentirem melhor com elas próprias” (2)	Efeito na forma como se veem/ são vistos (n=4; 4 ref.)	<b>Ver e ser visto</b> (n=7; 7 ref.)
“para tapar alguma cicatriz” (37)		
“querem-se mostrar pessoas mais más” (1)		
“pela sensualidade” (3)		
“apenas porque gostam” (2)	Porque gostam (n=5; 5 ref.)	<b>Gostar de MC</b> (n=7; 7 ref.)
“gosto mesmo à <i>tattoo</i> ” (3)		
“simplesmente porque gostam” (1)		
“acham que fica bonito” (2)	Acham bonito (n=2; 2 ref.)	
“porque acham bonito” (8)		

Deste modo, a análise detalhada dos discursos dos profissionais entrevistados permitiu aceder a quatro núcleos de significado, que se configuram nas seguintes categorias centrais: ‘Marcar conteúdos pessoais/ subjectivos’ (n=19; 22 ref.); ‘Questões de imagem’ (n=18; 18 ref.); ‘Ver e ser visto’ (n=7; 7 ref.) e com idêntica força, ‘Gostar de MC’ (n=7; 7 ref.) (tabela 25).

‘**Marcar conteúdos pessoais/ subjectivos**’ (n=19; 22 ref.) surge identificado pelo grupo dos profissionais como o principal motivo que conduz os seus clientes à realização de MC e, como resultado da hierarquização produzida, apresenta-se como o núcleo de significado mais forte, sustentado por quatro categorias hierarquizadas e

respectivas unidades discursivas que lhe conferem sentido e solidez. A primeira, **‘Simbolizar/ homenagear pessoas/ memoriais’** (n=7; 9 ref.) é um motivo bastante evidente nos seguintes excertos:

“Normalmente procuram simbolizar pessoas, nomes ou estrelas, porque é aquela pessoa que é uma estrela.” (Profissional 1)

“Eu não costumo perguntar os significados das coisas mas muitas pessoas ou é porque acham bonito ou em homenagem a alguém.” (Profissional 8)

“Homenagem a pessoas na maioria familiares.” (Profissional 36)

“Para homenagear pessoas que já perderam ou não, outros porque querem ter o signo ou o nome do filho.” (Profissional 37)

“Posso-te dizer que se tatua muito o nome dos filhos.” (Profissional 15)

A segunda categoria hierarquizada, **‘Marcar significados pessoais’** (n=4; 4 ref.) resultou da junção de unidades discursivas como as abaixo expostas:

“Diziam-me todas as tatuagens que queriam fazer e levavam os significados atrelados, arranjavam significados para tudo.” (Profissional 22)

“Os mais velhos por quererem algo com significado.” (Profissional 10)

“Em suma são marcas de certa forma muito pessoais, quando lhes digo que não repito desenhos isso conforta-os porque afinal se somos únicos não faz sentido termos algo igual à vizinha... não se trata de uma peça de roupa nem de uns sapatos mas sim da nossa vida, de nós.” (Profissional 37)

Por fim, a terceira e quarta categorias de 2ª ordem, respectivamente **‘Marcar momentos/ fases’** (n=6; 7 ref.) e **‘Celebrar um acontecimento’** (n=2; 2 ref.) são ilustradas com clareza pelas seguintes palavras dos profissionais:

“Necessidade de marcar uma ocasião ou acontecimento.” (Profissional 2)

“As marcas são de um modo geral correspondentes a alguma situação de vida.” (Profissional 37)

“Muitos pela arte, outros pelos meus desenhos e muitos para marcar fases e momentos passados.” (Profissional 40)

Com uma representatividade muito próxima à anterior categoria central apresentada, encontra-se o núcleo de significado **‘Questões de imagem’** (n=18; 18 ref.) cujo espectro de expressividade se encontra manifesto nas quatro categorias de 2ª ordem que o sustentam. **‘Moda’** (n=8; 8 ref.) e **‘Estética’** (n=6; 6 ref.) são duas dessas categorias e comportam referências como as seguir transcritas a título de exemplo:

“70% acho que o boom moda *Miami Ink* mas desses 70% estética... moda...” (Profissional 12)

“Muitos fazem-nas também por uma questão estética.” (Profissional 37)

“Acho que é estética mesmo pura, conheço muita gente que faz tatuagens só porque está na moda sem significado nenhum.” (Profissional 4)

A complementar as categorias hierarquizadas já expostas junta-se **‘Estilo’** (n=2; 2 ref.) e **‘Afirmção visual’** (n=2; 2 ref.) que encerram o presente núcleo de significado, com algumas das expressões dos profissionais, presentes na sua rede de relações:

“Uns gostam de guardar recordações, outros gostam de dar estilo, outros são viciados... sei lá. Há de tudo.” (Profissional 13)

“Vai de cada cliente, uns por moda, marcar estilo ou porque gostam e assim.” (Profissional 5)

“Querem causar choque, acham que vão causar choque em toda a gente... pensam que só com uma tatuagem vai ser alta cena.” (Profissional 1)

Às **‘Questões de imagem’** alia-se outro importante núcleo de significado, **‘Ver e ser visto’** (n=7; 7 ref.) que como um dos principais motivos encontrados pelos profissionais, para a escolha dos seus clientes em realizar uma MC, agrega no seu núcleo a categoria hierarquizada **‘Efeito na forma como se veem/ são vistos’** (n=4; 4 ref.) explicada por quatro dos profissionais entrevistados-

“As MC fazem as pessoas se sentirem melhor com elas próprias.” (Profissional 2)

“Muitas raparigas pela sensualidade, procuram *tattoos* sexy e metem em sítios sexy.” (Profissional 3)

“Para tapar alguma cicatriz.” (Profissional 37)

“Querem-se mostrar pessoas mais más, sei lá (...) o que vão mostrar não é agressividade é lá está alguma ousadia, é mostrar que são uma pessoa diferente sei lá, aquilo que eles vão mostrar tem um bocado a ver com quem é que vai pensar, depende, numa pessoa ele pode causar admiração, noutra ele pode causar choque.” (Profissional 1)

- e, a categoria de 2ª ordem **‘Por influência de outros’** (n=3; 3 ref.), que sendo uma perspectiva diferente, se encontra explícita nos seguintes excertos:

“Porque a amiga tem.” (Profissional 2)

“Porque viram e também querem.” (Profissional 3)

“Porque algum jogador tem ou actor, a maioria sim, há poucos que realmente é porque querem seguir este estilo de vida.” (Profissional 10)

Consideramos ainda na hierarquização produzida, as categorias de 2ª ordem **‘Porque gostam’** (n=5; 5 ref.) e **‘Acham bonito’** (n=2; 2 ref.) bem como as respectivas unidades de discurso, que se juntam para dar voz ao núcleo de significado **‘Gostar de MC’** (n=7; 7 ref.) como o quarto motivo identificado pelo grupo em análise a respeito da procura dos seus clientes para a realização de MC. Eis alguns exemplos do contributo dos profissionais neste domínio:

“Porque gostam, porque querem, porque podem!” (Profissional 16)

“Gosto mesmo à *tattoo*.” (Profissional 3)

---

“Muitos é apenas porque acham que fica bonito.” (Profissional 2)

Acabada a apresentação diferencial das categorias hierarquizadas de primeira e segunda ordem, e de alguns excertos ilustrativos das respostas dos profissionais, fechamos a análise detalhada dos seus discursos reforçando apenas a caracterização dos principais motivos que levam os seus clientes a realizar MC.

Através das MC é possível fazer homenagens, preservar na pele momentos, fases e experiências irrepetíveis e recordar conteúdos de índole pessoal e subjectiva. Estas parecem ser as principais razões que levam os clientes do nosso grupo a quererem marcar os seus corpos.

Porém, às vezes o motivo não está no significado das marcas mas, naquilo que estas visualmente veiculam, referimo-nos às questões de imagem onde se insere a moda, a estética, o estilo e a necessidade de afirmação visual.

Reconhecemos que imagem e visibilidade dificilmente se podem dissociar e neste sentido, ver e ser visto pode estar na base da escolha de modificar o corpo. Havendo dois formatos para o descrito ocorrer: indirectamente por ver nos outros e querer reproduzir em si, ou directamente no sentido de apreciar o efeito que as MC têm na forma como se veem e acreditam ser vistos e percebidos pelos outros.

Por fim, como é fácil compreender, o gosto pelas MC torna-se fundamental para a tomada de decisão de incorporar em si uma marca, independente do significado que o sujeito lhe possa associar.

Obviamente que os motivos encontrados não permitem generalizações na medida em que reflectem apenas a opinião dos profissionais entrevistados com base na sua experiência profissional e anos de contacto com diferentes clientes. Contudo, é interessante salientar que os contributos dos profissionais não se afastam muito das categorias centrais encontradas para o grupo dos usuários e profissionais na questão dois, referente ao que determinou a sua escolha de fazer uma MC. Referimo-nos aos seguintes núcleos de significado: ‘Por gosto/ estilo’ e ‘Marcas com significado pessoal’ para o grupo dos usuários e, ‘Gostar’ e ‘Motivos estéticos/ artísticos’ para o grupo dos profissionais.

### 2.3.7. Questão 7- “O que distingue para si um bom cliente de um mau cliente?”

Segundo o grupo de profissionais que integram a presente amostra em análise, existem onze características principais que distinguem um bom cliente de um mau cliente (Tabela 26).

As onze categorias encontradas foram: ‘Liberdade criativa dada ao profissional’ (n=14; 15 ref.); ‘Ter em conta a opinião do profissional’ (n=13; 15 ref.); ‘Postura/comportamento’ (n=9; 11 ref.); Bom cliente, sabe o que quer (n=9; 10 ref.); ‘Colaboração/ envolvimento’ (n=8; 11 ref.); ‘Bom nível de informação’ (n=7; 7 ref.); ‘Discussão do(s) preço(s)’ (n=6; 7 ref.); ‘Aguentar a dor’ (n=5; 5 ref.); ‘Mau cliente, não sabe o que quer’ (n=5; 5 ref.); ‘Satisfação e fidelização’ (n=4; 5 ref.), ‘Procurar qualidade/ preço’ (n=4; 4 ref.), e como resultado do processo de hierarquização e clarificação estrutural produzido pela análise detalhada dos seus discursos, configuram-se nas categorias centrais que dão resposta à actual questão.

Assim, percebemos que o núcleo de significado **‘Liberdade criativa dada ao profissional’** (n=14; 15 ref.) surge como uma característica fundamental de distinção entre os clientes e pode ser melhor entendido através das categorias hierarquizadas e respectivas unidades discursivas que o constituem. Referimo-nos às categorias de 2ª ordem, **‘Mau cliente, não dá liberdade criativa’** (n=3; 3 ref.) e **‘Mau cliente, não procura originalidade’** (n=4; 4 ref.) que são duas posturas que condicionam o desempenho profissional e se encontram abaixo ilustradas pelas palavras dos participantes:

“O mau cliente simplesmente não tem confiança no artista.” (Profissional 13)

“Quer tudo da maneira dele.” (Profissional 15)

“Um mau cliente vem com ideias de um amigo ou vizinho.” (Profissional 16)

“Quer fazer algo que viu em não sei quem” (Profissional 40)

“Vai decidir ali vendo uns catálogos.” (Profissional 2)

“Acaba fazendo um desenho do catálogo e ainda por cima idêntico ao desenho, sem deixar eu personalizar ou dar opiniões.” (Profissional 36)

Tabela 26

Categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 7, exclusiva para os profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“quer tudo da maneira dele” (15) “o mau cliente simplesmente não tem confiança no artista” (13)	Mau cliente, não dá liberdade criativa (n=3; 3 ref.)	<b>Liberdade criativa dada ao profissional</b> (n=14; 15 ref.)
“um mau cliente vem com ideias de um amigo ou vizinho” (16) “quer fazer algo que viu em não sei quem” (40)	Mau cliente, não procura originalidade (n=4; 4 ref.)	
“deixa-te trabalhar” (31) “me deixar trabalhar... fazer minha arte focando no que ele quer” (36)	Bom cliente, dá liberdade criativa (n=7; 8 ref.)	<b>Ter em conta a opinião do profissional</b> (n=13; 15 ref.)
“saber ouvir o que o profissional tem a dizer” (39) “[bom cliente] é aquele que entende a arte” (39) “bom cliente, que goste de arte” (40)	Saber ouvir (n=4; 4 ref.) Entender/valorizar arte (n=4; 5 ref.)	
“bom cliente respeita a minha opinião como artista” (15) “aceita de qualquer forma uma opinião em relação ao trabalho a efectuar” (16) “não aceita a opinião do profissional” (16) “o lado mau é não só fazer ouvidos de mercador” (22) “queixar depois de não seguir os meus conselhos” (22)	Bom cliente, aceita a opinião do profissional (n=3; 3 ref.) Mau cliente, não aceita a opinião do profissional (n=2; 3 ref.)	<b>Postura/comportamento</b> (n=9; 11 ref.)
“há clientes que acham que são melhores que os outros ou devem ter regalias que os outros não têm” (10) “exigências” (13) “um mau cliente falta-me ao respeito” (12) “falta de educação na generalidade” (12) “entra de arrogância” (15)	Mau cliente, exige tratamento privilegiado (n=3; 3 ref.) Mau cliente, mostra falta de educação/ respeito (n=2; 4 ref.)	
“passando pelas atitudes” (22) “é simpático” (8) “no final nos agradece” (12) “bom cliente sabe o que quer” (10) “bom cliente é aquele que sabe o que quer” (8)	Bom cliente, mostra simpatia e educação (n=4; 4 ref.) Saber o que quer (n=6; 6 ref.)	<b>Bom cliente, sabe o que quer</b> (n=9; 10 ref.)
“está pronto para fazer uma MC” (2) “está determinado a fazer” (10) “acho que um bom cliente se interessa minimamente” (4) “vontade de saber” (5)	Estar consciente/determinado (n=3; 4 ref.) Bom cliente, envolve-se na experiência (n=3; 5 ref.)	
“um bom cliente tenta a todo o custo ajudar o profissional a concluir o seu trabalho” (12) “seguir tudo o que eu digo à risca” (22) “nem cuida da tatuagem porque ele é que sabe” (15)	Bom cliente, colabora com o profissional (n=4; 4 ref.) Mau cliente, não colabora (n=1; 2 ref.)	<b>Colaboração/envolvimento</b> (n=8; 11 ref.)
“já pesquisou” (2) “fez trabalho de casa” (39) “[bom cliente diz-te] não importa o valor porque gosto muito do teu trabalho” (13) “conhece o meu trabalho” (15)	Traz informação prévia (n=4; 4 ref.) Conhece o <i>portfolio</i> do profissional (n=3; 3 ref.)	
“reclama o preço” (13) “o regatear exaustivo de um preço” (12) “depois dele concordar com o meu desenho, digo-lhe o valor do trabalho e ele aceita” (37) “aguenta o processo” (10) “que se “comporta” em condições apesar da dor” (6)	Mau cliente, discute preços (n=3; 3 ref.) Bom cliente, não discute preços (n=3; 4 ref.) Aguentar a dor (n=5; 5 ref.)	<b>Discussão do(s) preço(s)</b> (n=6; 7 ref.) <b>Aguentar a dor</b> (n=5; 5 ref.)
“mau é aquele que chega na loja e ainda nem sabe o que quer” (2) “o mau entra, não sabe o que quer” (36) “mau cliente, o indeciso” (40)	Não saber o que quer (n=2; 2 ref.) Indecisão (n=3; 3 ref.)	
“vai satisfeito” (11) “fala bem do trabalho” (11) “volta” (10)	Satisfação com o resultado (n=2; 3 ref.) Voltar (n=2; 2 ref.)	<b>Satisfação e fidelização</b> (n=4; 5 ref.) <b>Procurar qualidade/preço</b> (n=4; 4 ref.)
“procura pelo mais barato” (39) “não procura pela tatuagem mais barata” (39) “[procura] a qualidade independentemente do preço” (29)	Mau cliente, procura o mais barato (n=2; 2 ref.) Bom cliente, procura qualidade (n=2; 2 ref.)	

A par com as categorias anteriormente descritas, surge aquela que ilustra uma postura exactamente oposta, a categoria hierarquizada de 2ª ordem **‘Bom cliente, dá liberdade criativa’** (n=7; 8 ref.) que consiste numa forma de colaboração com o profissional, explícita nos seguintes excertos:

“Bom cliente diz-te: gosto de zombies, dentro desse tema pinta o teu quadro e não importa o valor porque gosto muito do teu trabalho.” (Profissional 13)

“Pede para eu desenhar algo que vá ao encontro das suas ideias.” (Profissional 37)

“Por muito que a opinião da pessoa conte, porque afinal quem vai ficar com a tatuagem é ele... as pessoas têm de dar um pouco de margem aos tatuadores para que as coisas funcionem melhor.” (Profissional 2)

Mantendo a mesma linha de pensamento, surge a segunda categoria central mais forte, **‘Ter em conta a opinião do profissional’** (n=13; 15 ref.) que é um comportamento que os próprios valorizam nos seus clientes. Assim, o **‘Mau cliente, não aceita a opinião do profissional’** (n=2; 3 ref.) conforme transparece nas partilhas de dois dos profissionais entrevistados:

“Não aceita a opinião do profissional, como tal, normalmente são os arrependidos, ou seja, fazem o trabalho e meses depois veem perguntar se dá para tapar porque não era bem aquilo que queriam!” (Profissional 16)

“O lado mau é não só fazer ouvidos de mercador como se queixar depois de não seguir os meus conselhos.” (Profissional 22)

Por sua vez, o **‘Bom cliente, aceita a opinião do profissional’** (n=3; 3 ref.) e apresenta como importante capacidade, o **‘Saber ouvir’** (n=4; 4 ref.). Ambas as condições referidas são ilustradas pelas unidades discursivas que se seguem:

“Vai aceitar as minhas ideias, isso é muito importante (...) porque muitas vezes eles têm um monte de ideias que pode funcionar na cabeça deles mas na pele, ou no papel até não funciona, existem regras, regras e estilos para serem feitos e o cliente tem de perceber que está a falar com um profissional e tem que aceitar a ideia quando eu digo que está mal feito ou que assim não vai funcionar bem, ele tem que aceitar e não continuar a insistir.” (Profissional 1)

“Bom cliente respeita a minha opinião como artista.” (Profissional 15)

Fechamos o actual núcleo de significado com a quarta e última categoria hierarquizada que o constitui, **‘Entender/ valorizar arte’** (n=4; 5 ref.) que é resultado da reunião de expressões como as que se encontram a seguir transcritas:

“O cliente que procura arte.” (Profissional 3)

“Um bom cliente tem que perceber minimamente de arte, não pode reclamar o preço, porque é assim, uma pessoa que perceba de arte e alguma coisa de tatuagens, sabe que isto é uma arte e que tem o seu preço, não é simplesmente uma coisa que se faz por vinte ou trinta euros, como se compra uma camisola, estamos a fazer um investimento no corpo em que requer muito profissionalismo e muita arte e saber tatuar.” (Profissional 1)

“Mau cliente é aquele que não entende a arte e significado da tatuagem e procura-a para ostentar à sociedade.” (Profissional 39)

Tal como acontece em qualquer outro serviço de atendimento ao público, as pessoas menos afáveis, desrespeitosas e pouco colaborativas são as mais difíceis de atender. Deste modo, a categoria hierarquizada o **‘Mau cliente, mostra falta de educação/ respeito’** (n=2; 4 ref.) pelo trabalho e pelo profissional, é composta por expressões como as que passamos a reproduzir:

“Um mau cliente falta-me ao respeito seja com o regatear exaustivo de um preço, mau trato, falta de educação na generalidade.” (Profissional 12)

“O mau cliente é o némesis do bom, entra de arrogância quer tudo à maneira dele.” (Profissional 15)

Por vezes, o **‘Mau cliente, exige tratamento privilegiado’** (n=3; 3 ref.) como nos transmitem com conhecimento de causa, alguns dos elementos da nossa amostra:

“Nós tratamos todos por igual atenção seja a primeira vez que vem ou a décima mas há clientes que acham que são melhores que os outros ou devem ter regalias que os outros não têm e ao fim ao cabo isto é o nosso trabalho por isso digo, bom cliente é determinado, paga e volta porque há clientes que nem pagam nem voltam.” (Profissional 10)

“[Mau cliente] faz muitas perguntas, exigências.” (Profissional 13)

“[Bom cliente] não exige ser tratado como o rei da cocada!” (Profissional 15)

Em contrapartida, o **‘Bom cliente, mostra simpatia e educação’** (n=4; 4 ref.) o que torna o convívio mais prazeroso e facilita de certa forma o trabalho do profissional. A presente categoria de 2ª ordem é composta por unidades discursiva como as abaixo apresentadas:

“Um bom cliente é simpático, gosto sempre de pessoas sociais que dê para falar e para descontrair ambos!” (Profissional 8)

“A simpatia, a vontade de saber, que eu gosto muito de falar com pessoas, falo e falo...” (Profissional 5)

“Acho que o bom cliente é o cliente que nos ouve, pondera a tatuagem e no final nos agradece.” (Profissional 12)

Assim, expusemos as três categorias hierarquizadas de 2ª ordem e respectivas unidades de análise que dão voz à categoria central **‘Postura/ comportamento’** (n=9; 11 ref.) como característica distintiva entre bons e maus clientes.

O **‘Bom cliente, sabe o que quer’** (n=9; 10 ref.) que enquanto núcleo de significado é composto por duas categorias hierarquizadas que lhe conferem sentido. A primeira, **‘Saber o que quer’** (n=6; 6 ref.) está exemplificada nas seguintes afirmações:

“Um bom cliente sabe o que quer.” (Profissionais 10)

“Um bom cliente vem com ideias próprias e com certeza daquilo que quer.” (Profissional 16)

“Bom cliente é aquele que sabe o que quer! Ou pelo menos sabe o que gosta.” (Profissional 8)

A segunda categoria hierarquizada, **‘Estar consciente/ determinado’** (n=3; 4 ref.) encontra-se ilustrada no discurso de três dos profissionais entrevistados:

“Bom cliente é aquele que sabe ao que vem, já pesquisou, tem noção do que quer e está pronto para fazer uma MC.” (Profissional 2)

“Bom cliente é aquele que compreende o que vem fazer e estuda o desenho com o tatuador.” (Profissional 39)

“Esta determinado a fazer e aguenta o processo, não se arrepende do que fez, paga e volta.” (Profissional 10)

A **‘Colaboração/ envolvimento’** (n=8; 11 ref.) foi igualmente identificada pelos sujeitos da amostra como uma característica distintiva entre bons e maus clientes. Assim, o **‘Bom cliente envolve-se na experiência’** (n=3; 5 ref.) como nos transmitem as vozes dos profissionais -

“Acho que um bom cliente se interessa minimamente, tira dúvidas em vez de ficar com medo de perguntar.” (Profissional 4)

“Um bom cliente começa desde o momento em que me aborda, a curiosidade pela informação, a sua preocupação passando pelas atitudes.” (Profissional 22)

- e, o **‘Bom cliente, colabora com o profissional’** (n=4; 4 ref.) facilitando o seu trabalho, que é uma experiência positiva ilustrada nas afirmações abaixo transcritas:

“Trabalha contigo também, tenta dizer-te no que esta a pensar... para conseguires um trabalho que agrade aos dois.” (Profissional 31)

“Um bom cliente tenta a todo o custo ajudar o profissional a concluir o seu trabalho. Ser paciente é fundamental.” (Profissional 12)

“Seguir tudo o que eu digo à risca para ficar com uma boa perfuração.” (Profissional 22)

Há sempre quem adopte a postura oposta e, o **‘Mau cliente, não colabora’** (n=1; 2 ref.), uma realidade exposta por um dos elementos do grupo:

“Mexe-se durante a *tattoo* e quer resultados milagrosos depois nem cuida da tatuagem porque ele é que sabe!” (Profissional 15)

Acima apresentámos a três categorias hierarquizadas e inerentes unidades discursivas que compõe o núcleo de significação em exposição, a categoria central ‘Colaboração/ envolvimento’ com o profissional e no processo de MC.

Avançando na hierarquização produzida, ‘**Bom nível de informação**’ (n=7; 7 ref.) surge como categoria central que define um bom cliente, compreendendo-o como aquele que ‘**Traz informação prévia**’ (n=4; 4 ref.) o que é exemplificado nos seguintes excertos de discurso -

“Traz-me referências.” (Profissional 15)

“Fez trabalho de casa.” (Profissional 39)

“Um bom cliente é sempre aquele que está informado.” (Profissional 6)

- e, que ‘**Tem conhecimento do *portfolio* do profissional**’ (n=3; 3 ref.) que enquanto segunda categoria hierarquizada, fecha a exposição do actual núcleo de significado com as unidades discursivas que lhe conferem significado:

“[O bom cliente diz-te] não importa o valor porque gosto muito do teu trabalho.” (Profissional 13)

“Conhece o meu trabalho.” (Profissional 15)

“Bom cliente é aquele que entra no estúdio e pede para ver o meu *portfolio* isto é fundamental para eu ter a certeza que ele gosta do meu trabalho.” (Profissional 37)

A ‘**Discussão do(s) preço(s)**’ (n=6; 7 ref.) é também encarada pelos profissionais entrevistados como uma característica distintiva dos clientes e, no papel de categoria central converge no seu núcleo de significado os dois lados da questão ilustrados pelas categorias de 2ª ordem ‘**Mau cliente, discute preços**’ (n=3; 3 ref.) que comporta referências como -

“Reclama o preço.” (Profissional 13)

“Discute preços e regateia.” (Profissional 15)

“O regatear exaustivo de um preço.” (Profissional 12)

- e, ‘**Bom cliente, não discute preços**’ (n=3; 4 ref.) que é uma opinião expressa por três dos profissionais do grupo:

“Um bom cliente não vai reclamar o preço ou se reclamar vai ser uma coisa mínima não vai regatear o preço.” (Profissional 1)

“O cliente que procura arte e não chora preços é um bom cliente, os que se choram de preços às vezes acabam por me chatear.” (Profissional 3)

“Depois dele concordar com o meu desenho, digo-lhe o valor do trabalho e ele aceita porque entretanto já lhe mostrei todas as minhas condições de trabalho e higiene.” (Profissional 37)

Porém, para cinco dos profissionais entrevistados, aquilo que distingue um bom cliente de um mau cliente encontra-se espelhado na categoria central **‘Aguentar a dor’** (n=5; 5 ref.) que nos foi transmitida pelos sujeitos do grupo, do seguinte modo:

“Está determinado a fazer e aguenta o processo.” (Profissional 10)

“Senta durante o trabalho... pode-se queixar mas não mexe.” (Profissional 15)

“Não faz fitas.” (Profissional 4)

O oposto da quarta categoria central já exposta surge agora na oitava posição no que respeita à representatividade dos núcleos de significado acedidos na presente amostra. Referimo-nos à categoria **‘Mau cliente, não sabe o que quer’** (n=5; 5 ref.) que resulta da conjugação das categorias hierarquizadas **‘Não saber o que quer’** (n=2; 2 ref.) e **‘Indecisão’** (n=3; 3 ref.), e respectivas unidades de análise que caracterizam aquele que é considerado um mau cliente, tal como é descrito nos exemplos que se seguem:

“Mau é aquele que chega na loja e ainda nem sabe o que quer, mas vai decidir ali vendo uns catálogos...” (Profissional 2)

“Mau entra, não sabe o que quer e acaba fazendo um desenho do catálogo.” (Profissional 36)

“Mau cliente é indeciso! Tenho um cliente que me está sempre a pedir para fazer isto e aquilo e depois muda de ideias!” (Profissional 8)

Retomando a descrição das características associadas ao bom cliente, encontramos a categoria central **‘Satisfação e fidelização’** (n=4; 5 ref.) que como a sua designação antevê, abrange as categorias hierarquizadas **‘Satisfação com o resultado’** (n=2; 3 ref.) e **‘Voltar’** (n=2; 2 ref.) numa referência ao estúdio ou, a recorrer aos serviços do mesmo profissional. Eis alguns exemplos do que acabamos de descrever:

“Vai satisfeito, fala bem do trabalho e volta.” (Profissional 11)

“Um cliente que vá sempre com um sorriso na cara.” (Profissional 5)

“Não se arrepende do que fez, paga e volta.” (Profissionais 10)

Por fim, **‘Procurar qualidade/ preço’** (n=4; 4 ref.) enquanto categoria central distingue os dois tipos de cliente por meio das duas categorias hierarquizadas que incorpora. A primeira, **‘Mau cliente, procura o mais barato’** (n=2; 2 ref.) é ilustrada pelas unidades de análise que a compõe:

“O mau cliente é aquele que chega e quer saber preços sem saber condições porque este tipo de cliente não quer saber nada do que diz respeito à saúde e nem tem respeito pelo que faço, quer

se riscar e pronto, para esses prefiro que se vão embora e tatuem com a agulha do tio do amigo e que a tatuagem fique por dez ou vinte euros.” (Profissional 37)

“Procura pelo mais barato.” (Profissional 39)

A segunda, **‘Bom cliente, procura qualidade’** (n=2; 2 ref.) transmite um objectivo e uma postura distinta da anterior, facilmente reconhecida nos seguintes testemunhos:

“Fez o trabalho de casa, sabe ouvir o que o profissional tem a dizer, essencialmente não procura pela tatuagem mais barata.” (Profissional 39)

“O que procura a perfeição e a qualidade independentemente do preço.” (Profissional 29)

Expostos os onze núcleos de significado e as categorias de 2ª ordem que resultaram do refinamento da rede de relações entre eles, propomo-nos apresentar uma súmula daquelas que são as condições e características fundamentais que definem um bom cliente, partindo do pressuposto que o mau cliente é o seu antípoda.

Percebemos que a liberdade criativa dada aos profissionais é algo pelo qual têm bastante apreço, pois na sua perspectiva para além de ser um sinal de confiança permite maior fluidez e menos condicionantes no trabalho e na concretização da sua arte.

Neste sentido, e para que tudo corra de feição, é essencial que os clientes saibam ouvir e tenham em conta a opinião do profissional, sendo este o especialista na área vai aconselhar e actuar para que cheguem a um resultado que agrade a ambos. Para isso, é preciso que o cliente se envolva na experiência esclarecendo as suas dúvidas e preocupações e sobretudo, adoptando uma postura de colaboração com o profissional, o que pressupõe estudar a MC em parceria, ajudá-lo a concluir o seu trabalho e seguir à risca as suas indicações. A colaboração com o profissional também implica um comportamento adequado durante a execução da MC, ou seja, é importante que o cliente aguente a dor sem se mexer porque de outro modo pode condicionar irremediavelmente a qualidade do resultado final.

Para os elementos que constituem o grupo em análise, bom cliente é sempre aquele que mostra respeito pela profissão, pelo trabalho e pelo profissional, que se comporta de forma adequada e não exige um tratamento especial. Sabe o que quer, não revela indecisão mas pelo contrário mostra-se consciente do que vem fazer e determinado na sua escolha. Estas são condições que pressupõem, na maior parte das vezes, um trabalho de caso prévio que inclui pesquisa e procura de informação e que deve resultar na cedência de referências sobre o que pretendem, ao profissional

escolhido. Por outro lado, é igualmente relevante que os clientes tenham conhecimento e contacto com o *portfolio* do profissional assegurando que vai ao encontro daquilo que desejam e podendo deste modo confiar no seu trabalho ao ponto de lhe ceder a tal margem de liberdade criativa que tanto apreciam.

Não reclamar, discutir ou regatear preços é outra característica associada aos bons clientes, que procuram qualidade e perfeição e não o mais barato, respeitando deste modo, o trabalho dos profissionais e a actividade profissional em destaque.

Terminado o processo de MC, bom cliente é aquele que sai satisfeito, que dará boas referências do estúdio e do profissional e, que fica fidelizado.

### **2.3.8. Questão 8- “E, o que distingue para si um bom profissional de um mau profissional?”**

No actual domínio em exploração, foram acedidos oito núcleos de significado, ‘Postura pessoal e profissional’ (n=16; 16 ref.), ‘Qualidade do trabalho’ (n=14; 18 ref.), ‘Infraestrutura e condições de trabalho’ (n=14; 16 ref.), ‘Atenção/ relação com o cliente’ (n=13; 14 ref.); ‘Informação cedida ao cliente’ (n=13; 13 ref.), ‘Investimento pessoal na profissão’ (n=10; 12 ref.), ‘Higiene de trabalho’ (n=8; 8 ref.) e ‘Satisfação do cliente’ (n=6; 7 ref.), que evidenciam as características daquele que é considerado um bom profissional de MC (Tabela 27).

Depois de percebermos juntos dos profissionais quais as características que distinguem um bom cliente dum mau cliente, na questão seguinte suscitámos a reflexão quanto às diferenças entre os seus pares, ou seja, sobre aquilo que define e caracteriza um bom profissional e um mau profissional de MC. E neste sentido, a amostra em análise revelou que a ‘Postura pessoal e profissional’ (n=16; 16 ref.) é uma condição decisiva para o tipo de distinção em causa, como categoria central com maior representatividade abrange no seu núcleo de significado cinco categorias hierarquizadas. Referimo-nos agora, às quatro categorias de 2ª ordem que descrevem a postura de um bom profissional: ‘Ser paciente’ (n=4; 4 ref.), ‘Atitude’ (n=2; 2 ref.), ‘Cordialidade’ (n=4; 4 ref.) e ‘Humildade’ (n=4; 4 ref.), ilustradas pelas unidades discursivas por nós seleccionadas a título de exemplo:

“Um bom profissional é paciente.” (Profissional 10)

“Ser paciente isso é fundamental. Um mau profissional além de tatuar ou furar mal é rude para os clientes, não é paciente.” (Profissional 12)

“Se for antipático e não se esforçar por «agradar» ao cliente, não vai causar muito boa impressão.” (Profissional 4)

Às quais se junta para ilustrar o seu antípoda, a categoria hierarquizada **‘Mau profissional, tem o dinheiro como factor prioritário’** (n=2; 2 ref.), que comporta as seguintes referências:

“O mau descarta tudo isso pelo dinheiro.” (Profissional 15)

“Os maus são os que fazem por dinheiro sem ter a mínima ideia do que é marcar ou adornar o corpo de uma pessoa.” (Profissional 36)

Como já seria de esperar, o **‘Trabalho realizado’** (n=7; 10 ref.) e o **‘Portfolio’** (n=2; 2 ref.) são duas das dimensões sempre presentes na avaliação de qualquer profissional -

“O trabalho em si... aquele que vemos na rua na pele das pessoas, vê se logo quem ama a *tattoo* ou não.” (Profissional 13)

“[Procura] um bom trabalho para todos.” (Profissional 29)

“O trabalho, o *portfolio*, sem dúvida nenhuma... o trabalho ao nível da tatuagem, o trabalho ao nível criativo, desenho e a higiene do trabalho claro.” (Profissional 1)

- nas quais se privilegiam os profissionais que demonstram **‘Originalidade e honestidade criativa’** (n=2; 3 ref.) bem como, **‘Perfeccionismo’** (n=3; 3 ref.) no processo e nos resultados, como é possível confirmar nos seguintes excertos de discurso partilhados pela nossa amostra:

“Tentará sempre realizar o trabalho consoante o seu estilo para deixar marca.” (Profissional 15)

“Tenta fazer só trabalhos originais ou quando utiliza desenhos de outros assume que o fez, identificando o autor original.” (Profissional 39)

“Atenção ao pormenor.” (Profissional 2)

Assim, **‘Trabalho realizado’**, **‘Portfolio’**, **‘Originalidade e honestidade criativa’** e **‘Perfeccionismo’** são categorias hierarquizadas que convergem para o importante núcleo de significado **‘Qualidade do trabalho’** (n=14; 18 ref.) como a segunda condição mais valorizada pelos profissionais entrevistados na distinção dos seus pares.

Tabela 27

Categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas na questão 8, exclusiva para os profissionais.

Unidades de análise	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 1ª ordem
“um bom profissional é paciente” (10)	Ser paciente (n=4; 4 ref.)	<b>Postura pessoal e profissional</b> (n=16; 16 ref.)
“transmitir segurança e confiança” (22)	Atitude (n=2; 2 ref.)	
“[mau profissional] rude para os clientes” (12)	Cordialidade (n=4; 4 ref.)	
“achar sempre que ainda podia ser melhor” (11)	Humildade (n=4; 4 ref.)	
“o mau descarta tudo isso pelo dinheiro” (15) “os maus são os que fazem por dinheiro sem ter a mínima ideia do que é marcar ou adornar o corpo de uma pessoa” (36)	Mau profissional, tem o dinheiro como factor prioritário (n=2; 2 ref.)	
“preocupa-se em fazer as coisas bem” (4) “mau, o que não desenha” (40)	Trabalho realizado (n=7; 10 ref.)	<b>Qualidade do trabalho</b> (n=14; 18 ref.)
“no âmbito do trabalho ser o mais perfeito possível” (12) “atenção ao pormenor” (2)	Perfeccionismo (n=3; 3 ref.)	
“tentará sempre realizar o trabalho consoante o seu estilo para deixar marca” (15) “tenta fazer só trabalhos originais” (39) “o <i>portfolio</i> ” (1)	Originalidade e honestidade criativa (n=2; 3 ref.) <i>Portfolio</i> (n=2; 2 ref.)	
“o bom profissional é aquele que se preocupa com a saúde do cliente” (37)	Preocupação com a saúde do cliente (n=4; 5 ref.)	<b>Infraestrutura e condições de trabalho</b> (n=14; 16 ref.)
“bom profissional tem gosto em mostrar o estúdio” (11) “estúdio em condições” (16)	Condições do estúdio (n=2; 2 ref.)	
“oferecer ao cliente um espaço asséptico” (10) “ter preocupações de higiene notórias no estúdio” (15)	Assepsia do espaço (n=3; 3 ref.)	
“material utilizado” (11) “bom profissional preocupa-se com o material que usa” (4) “mostrar às pessoas o material que vai ser usado” (5)	Tipo de material e modo de preparação (n=5; 6 ref.)	
“[atenção] ao cliente” (2) “bom, entende os clientes” (40)	Qualidade do atendimento ao cliente (n=3; 4 ref.)	
“mau profissional quando tatua sem respeitar o cliente” (37) “respeitam e se dedicam aos clientes” (36) “pôr o cliente confortável e à vontade” (4) “pôr a pessoa à vontade” (5)	Respeito pelo cliente (n=4; 4 ref.) Pôr o cliente à vontade (n=2; 2 ref.)	<b>Atenção/ relação com o cliente</b> (n=13; 14 ref.)
“tem de tratar a tatuagem do cliente como se fosse sua” (8) “trata-o como gostava que o tratassem...” (37)	Conseguir colocar-se no lugar do cliente (n=2; 2 ref.)	
“acompanhamento” (6) “acompanhamento após o seu trabalho” (16)	Follow-up do trabalho/ cliente (n=2; 2 ref.)	
“dar informação” (22) “dar toda a informação possível” (6)	Dar informação (n=2; 2 ref.)	<b>Informação cedida ao cliente</b> (n=13; 13 ref.)
“estar sempre à disposição para qualquer tipo de dúvida” (6) “esclarecer todas as questões...” (10)	Esclarecer dúvidas e dar explicações (n=5; 5 ref.)	
“além de fazer um bom trabalho tem que aconselhar o cliente dos riscos que corre” (6) “sabe aconselhar” (10) “deve saber dar opinião antes do cliente executar” (16)	Alertar sobre os riscos de saúde (n=2; 2 ref.) Expor a sua opinião técnica (n=4; 4 ref.)	
“pintará coisas mesmo que não tenha cliente” (15) “respeitam e se dedicam aos clientes e à <i>bodyart</i> ” (36)	Dedicação (n=4; 6 ref.)	
“bom profissional ama o que faz” (13) “ter o máximo de brio e gosto no que faz” (22) “[mau profissional] falta de conhecimento” (12) “formações necessárias” (16)	Amor/ gosto pelo trabalho (n=4; 5 ref.) Investimento na formação profissional (n=2; 2 ref.)	
“tenta educá-los [clientes] sobre as normas de segurança e higiene” (39) “não cumpre as regras básicas de higiene” (39) “[descuram] na segurança de higiene, limpeza, esterilização, contaminação cruzada” (12)	Bom profissional, respeita as regras de higiene (n=6; 6 ref.) Mau profissional, não respeita as regras de higiene (n=2; 2 ref.)	<b>Higiene de trabalho</b> (n=8; 8 ref.)
“sabe corresponder às expectativas do cliente” (10) “chegue ao que eles querem fazer” (40)	Bom profissional, procura a satisfação do cliente (n=4; 5 ref.)	
“não se esforça por ‘agradar ao cliente’” (4) “não dá atenção ao pedido do cliente” (40)	Mau profissional, não procura a satisfação do cliente (n=2; 2 ref.)	<b>Satisfação do cliente</b> (n=6; 7 ref.)

Na terceira posição, fruto do processo de hierarquização e clarificação estrutural produzidos, encontra-se a categoria central relativa à **‘Infraestrutura e condições de trabalho’** (n=14; 16 ref.), que envolve como especificidades as categoria de 2ª ordem, **‘Condições do estúdio’** (n=2; 2 ref.), **‘Assepsia do espaço’** (n=3; 3 ref.) e **‘Tipo de material e modo de preparação’** (n=5; 6 ref.) exemplificadas abaixo:

“Um bom profissional tem todo o gosto em mostrar o estúdio, assepsia do espaço, material utilizado.” (Profissional 11)

“Há tatuadores que são bons artistas mas que são maus profissionais em questões de higiene que eu não me tatuaria com eles só por causa disso. Para mim uma boa *tattoo* não vale uma doença, é uma das razões de eu só usar descartáveis.” (Profissional 3)

“É sempre um ponto positivo preparar tudo à frente do cliente, abrir embalagens à frente deles etc. porque mesmo que não perguntem não quer dizer que não queiram saber o procedimento e há muitos clientes tímidos.” (Profissional 8),

- a par com outra condição de igual relevância, a **‘Preocupação com a saúde do cliente’** (n=4; 5 ref.) ilustrada nas vozes dos profissionais entrevistados:

“Deve tentar conhecer um pouco o cliente em termos de saúde.” (Profissional 22)

“A falta de consciência do mau profissional quando tatua sem respeitar o cliente ou a saúde dele. O bom profissional é aquele que se preocupa com a saúde do cliente e trata-o como gostava que o tratassem. (Profissional 37)

“Já recusámos muitos trabalhos por vários motivos (gravidez, maternidade, doença de pele, advertimos para *tattoos* com nome de namorados não recusamos mas prevenimos e riscos de saúde, cirurgias etc.) porque não nos interessa só ganhar dinheiro, claro, interessa mais a satisfação do cliente, se pode ou não fazer o que vem procurar, enfim... um bom profissional recusa-se a trabalhar perante estes pedidos, deve, está a pôr em risco a saúde da pessoa, também não usamos tintas UV que brilham na UV embora alguns tatuadores usem, os estudos não são conclusivos quanto ao risco de saúde... enfim tentamos ser o mais profissionais possível.” (Profissional 10)

Contudo, o foco de atenção volta-se para a qualidade das relações interpessoais por meio do núcleo de significado **‘Atenção/ relação com o cliente’** (n= 13, 14 ref.), uma vertente mais humanista que é sustentada por cinco categorias de 2ª ordem e respectivas unidades discursivas. A primeira e segunda categorias hierarquizadas, respectivamente **‘Qualidade do atendimento ao cliente’** (n=3; 4 ref.) e **‘Respeito pelo cliente’** (n=4; 4 ref.) reúnem expressões dos profissionais como as seguir transcritas:

“Podes ser um excelente tatuador mas se não souberes lidar com as pessoas vais ter imensas dificuldades em ser muito bom... não tecnicamente, mas conhecido e procurado (...) a atenção

ao pormenor e ao cliente... a humildade... quando fui para (...), o (...) que é um grande tatuador disse-me que eu podia não tatuar nada de jeito mas que as pessoas gostavam mais de mim do que dele.” (Profissional 2)

“Tenta não descuidar todas as vertentes... técnicas, higiénicas, humanas e artísticas.” (Profissional 31)

“Sempre com o consentimento do cliente antes de chegar à pele!” (Profissional 8).

Por sua vez, as categorias de 2ª ordem **‘Pôr o cliente à vontade’** (n=2; 2 ref.), **‘Conseguir colocar-se no lugar do cliente’** (n=2; 2 ref.) e **‘Follow-up do trabalho/ cliente’** (n=2; 2 ref.) encerram o presente núcleo de significado ilustrando outras dimensões que o constituem:

“Um bom profissional preocupa-se com o material que usa, preocupa-se em fazer as coisas bem e em pôr o cliente confortável e à vontade.” (Profissional 4)

“Eu acho que um bom profissional tem de tratar a tatuagem do cliente como se fosse sua.” (Profissional 8),

“Acompanhamento após o seu trabalho, esta é uma parte indispensável neste tipo de trabalho.” (Profissional 16)

Avançando na hierarquização produzida, acedemos à categoria central **‘Informação cedida ao cliente’** (n=13; 13 ref.) que envolve, tal como a própria designação indica, **‘Dar informação’** (n=2; 2 ref.), **‘Esclarecer dúvidas e dar explicações’** (n=5; 5 ref.) e **‘Alertar sobre os riscos de saúde’** (n=2; 2 ref.) como nos transmitiram alguns dos profissionais da amostra -

“Além de fazer um bom trabalho tem que aconselhar o cliente dos riscos que corre, dar toda a informação possível e estar sempre à disposição para qualquer tipo de dúvida.” (Profissional 6)

“Esclarecer todas as questões de cicatrização, de eventuais complicações (...) porque podíamos fazer e receber e nem querer saber mas alertamos sempre para tudo que possa correr menos bem.” (Profissional 10)

“Mau profissional é aquele que não esclarece todas as dúvidas ao cliente.” (Profissional 39)

- considerando ainda, a relevância em **‘Expor a sua opinião técnica’** (n=4; 4 ref.) também para benefício do cliente, que é uma condição notória nas afirmações que se seguem:

“Bom profissional vai ter sempre uma opinião... e imediatamente que expões a ideia começa a rabiscar.” (Profissional 15)

“Demonstra SEMPRE ao cliente a sua opinião sobre o desenho porque por exemplo eu sinto-me muito mais à vontade em dizer ao cliente que prefiro fazer x do que y, se o cliente não perceber porquê eu explico. Se entretanto ele achar que mesmo assim quer o que me mostrou eu tento editar um bocadinho de forma a que fique a meio termo.” (Profissional 8)

“Deve saber dar opinião antes do cliente executar a sua MC.” (Profissional 16)

Deste modo, expusemos as quatro categorias hierarquizadas que se reúnem para dar sentido ao núcleo de significado supracitado, como condição que distingue um bom profissional de um mau profissional de MC.

O **‘Investimento pessoal na profissão’** (n=10; 12 ref.) é uma dimensão que diz directamente respeito aos profissionais e que, indirectamente, vai influenciar os clientes através dos resultados obtidos nos seus corpos. Deste modo, surge da análise detalhada dos discursos dos profissionais como uma categoria central suportada por três categorias de 2ª ordem e inerentes unidades discursivas. A primeira categoria hierarquizada ilustra como a **‘Dedicação’** (n=4; 6 ref.) ao trabalho distingue os bons profissionais:

“Saber que podes levar mais 30 minutos a fazer uma tatuagem, que não vais receber por isso, mas que o trabalho vai ficar muito melhor!” (Profissional 2)

“Tentará dar-te sempre o máximo de valor pelos teus euros e durante a noite estará a desenhar ou a fazer algo para aprimorar a arte dele. Pintará coisas mesmo que não tenha cliente e terá a mesa sempre cheia de desenhos...” (Profissional 15)

A segunda remete-nos para uma vertente mais emocional e igualmente relevante, o **‘Amor/ gosto pelo trabalho’** (n=4; 5 ref.) como uma dimensão que se reconhece naqueles que são considerados os bons profissionais e que se encontra exemplificada nas palavras de quatro dos sujeitos entrevistados:

“Bom profissional ama o que faz, o mau não sabe porque o faz.” (Profissional 13)

“Os que fazem por amor à arte.” (Profissional 36)

“A paixão e o gosto pelo trabalho.” (Profissional 2)

“Acima de tudo como já disse ter o máximo de brio e gosto no que faz, as pessoas reparam muito nisso.” (Profissional 22)

Por fim, a fechar o actual núcleo de significado está a categoria de 2ª ordem **‘Investimento na formação profissional’** (n=2; 2 ref.) que reforça, para além da dedicação e gosto pelo trabalho, a necessidade de constante actualização e investimento na aquisição de conhecimentos, tal como ilustram as afirmações abaixo transcritas:

“Um bom profissional além das formações necessárias e de um estúdio em condições, deve saber dar a sua opinião antes do cliente executar a sua MC.” (Profissional 16)

“A falta de conhecimento induz a um trabalho mau.” (Profissional 12)

Na distinção entre os profissionais de MC, acrescenta-se que o **‘Bom profissional, respeita as regras de higiene’** (n=6; 6 ref.), uma condição patente nas unidades de discurso a seguir transcritas -

“O trabalho, o *portfolio*, sem dúvida nenhuma...o trabalho ao nível de tatuagem, o trabalho ao nível criativo, desenho e a higiene de trabalho claro.” (Profissional 1)

“A higienização.” (Profissional 8)

“Depende de muitos factores, questões de higiene, para mim é crucial.” (Profissional 22)

“Tenta educá-los [clientes] sobre as normas de segurança e higiene.” (Profissional 39)

“Tenta não descuidar todas as vertentes... técnicas, higiénicas (...).” (Profissional 31)

- e, que por oposição, o **‘Mau profissional, não respeita as regras de higiene’** (n=2; 2 ref.) tal como ilustram os excertos retirados do discurso de dois dos profissionais entrevistados:

“Que aceita fazer trabalhos que sabe à partida que não os consegue fazer, copia trabalhos de outros e assume como seus, que não cumpre as regras básicas de higiene (atender o telefone com as luvas por exemplo).” (Profissional 39)

“Normalmente os maus profissionais descutam muitos processos básicos que podem ser prejudiciais ao cliente, seja no âmbito do trabalho ser o mais perfeito possível como na segurança de higiene, limpeza, esterilização, contaminação cruzada.” (Profissional 12)

Consequentemente, o núcleo de significado **‘Higiene de trabalho’** (n=8; 8 ref.) abrange as duas vertentes supracitadas como categorias hierarquizadas de 2ª ordem e respectivas unidades de análise que lhe conferem sentido.

Como última dimensão acedida na presente amostra para a distinção entre um bom e um mau profissional no domínio das MC, surge a categoria central **‘Satisfação do cliente’** (n=6; 7 ref.) que ilustra a opinião do grupo entrevistado por meio de duas categorias hierarquizadas e suas unidades de análise. A primeira, **‘Bom profissional, procura a satisfação do cliente’** (n=4; 5 ref.) comporta as seguintes referências:

“Um bom profissional é paciente, sabe corresponder às expectativas do cliente (...) porque não nos interessa só ganhar dinheiro claro, interessa mais a satisfação do cliente, se pode ou não fazer o que vem procurar.” (Profissional 10)

“Mostrará alternativas se necessário.” (Profissional 15)

“A sua principal função é conseguir que o cliente saia satisfeito e realizado.” (Profissional 11)

“Bom, entenda os clientes e chegue ao que eles querem fazer.” (Profissional 40)

A segunda categoria hierarquizada do actual núcleo em exposição, **‘Mau profissional, não procura a satisfação do cliente’** (n=2; 2 ref.) é o resultado de expressões como:

“Mau, o que não desenha e não dá atenção ao pedido do cliente.” (Profissional 40)

“Se for antipático e não se esforçar por 'agradar ao cliente', não vai causar muito boa impressão.” (Profissional 4)

Concluída a exposição dos vários núcleos de significado emergentes das entrevistas realizadas com o grupo de profissionais, das respectivas categorias de 2ª ordem e unidades discursivas inerentes, compete-nos agora expor as principais dimensões que os sujeitos da amostra associaram à figura do bom profissional de MC.

Reconhece-se no bom profissional uma postura pessoal e profissional específica, marcada por determinadas características como a paciência, a simpatia, a cordialidade, a humildade e uma atitude descontraída mas não permissiva que deve transmitir simultaneamente segurança e confiança ao cliente. Contudo, na avaliação global do desempenho do profissional pesam não só estas características tidas como fundamentais mas também, a qualidade da sua *performance* demonstrada no seu *portfolio* e noutros trabalhos já concluídos, nos quais os clientes procuram traços de perfeccionismo e privilegiam marcas de originalidade e honestidade criativa.

Por sua vez, as condições de trabalho oferecidas pelos estúdios em termos de infraestrutura, assepsia do espaço, tipo de material e modo de preparação adoptado pelo profissional, revelam se a saúde dos clientes está a ser priorizada ou se, pelo contrário, é colocada em segundo plano o que não deverá acontecer. Conclui-se deste modo, que o bom profissional é aquele que respeita as regras de higiene e oferece as melhores condições possíveis aos seus clientes, preocupando-se com a sua saúde e o seu bem-estar, a par com a qualidade do trabalho prestado.

A relação com o cliente e o atendimento deve ser sempre pautado por honestidade e respeito. O profissional de MC deve esforçar-se para compreender os seus clientes e tentar proporcionar-lhes o máximo conforto possível. Tudo isto distingue um bom profissional sem descurar o acompanhamento em *follow-up* aos trabalhos/ clientes, mostrando-se disponível ao longo de todo o processo, inclusive na fase de cicatrização das intervenções efectuadas.

O respeito pelo cliente passa também pela qualidade da informação que lhe é cedida e neste domínio, o profissional tem o dever de informar os clientes, alertar sobre todos os riscos, explicar tudo o que seja considerado relevante e esclarecer quaisquer dúvidas que lhe sejam colocadas. No papel de especialista em MC, a exposição da sua opinião técnica torna-se fundamental para benefício do cliente, permitindo-lhe compreender as opções que resultarão melhor para o tipo de trabalho solicitado. Assim, o bom profissional é aquele que procura a satisfação do cliente tentando corresponder às

suas expectativas, apontando alternativas quando necessário e esclarecendo os clientes quando os seus pedidos por algum motivo são pouco ou nada viáveis.

Como em qualquer outra profissão, o esforço diário, a dedicação, o gosto pelo que se faz bem como o investimento na formação e actualização profissional distinguem os melhores nomes no meio.

### **3. Discussão dos resultados**

#### **3.1. A entrada no mundo das MC...**

‘Desde miúdo que andava sempre com os braços todos tatuados com os brindes das batatas fritas’ esta afirmação do usuário 17 foi por nós escolhida para ilustrar as vozes dos dois grupos de trabalho quando convergem na identificação da infância/adolescência como as fases durante as quais o primeiro contacto com meio das MC tendencialmente ocorre. Nestas precoces fases de vida as figuras familiares e outros elementos mais próximos revelam-se modelos particularmente importantes que podem ou não facilitar o acesso a este meio, como nos explica o usuário 16 quando descreve o contacto ‘com as tatuagens desde sempre, pois o meu pai tinha o corpo tatuado por ele’. Acrescem-se outras características particulares a estas fases desenvolvimentais, principalmente na adolescência, que na nossa opinião podem levar alguns indivíduos a contactar com este meio. Ao acto de fazer uma MC está associada a experiência de viver o risco, a rebeldia do mergulho no incógnito, a adrenalina de uma nova experiência. Assim, a fase mais propícia para que estas condições se conjuguem é naturalmente a adolescência, por ser uma fase característica de exploração e experimentação identitária (Ferreira, 2006), cuja plasticidade e criatividade pode, para alguns, ter resposta nas metamorfoses voluntárias do corpo (Deschesnes, Demers & Finès, 2006). Estas metamorfoses físicas e externas que penetram a pele envolvem também uma intensa transformação emocional e psicológica (Pérez, 2006) como poderemos confirmar mais à frente a respeito dos projectos corporais de modificação corporal.

Contudo e tal como já havíamos mencionado, nem todas as experiências se assemelham à do usuário acima citado para alguns destes sujeitos seguir o caminho da MC não se revelou uma escolha pacífica. Muitos jovens temem a reacção dos pais (Le Breton, 2004), como é possível compreender através dos seguintes excertos de discurso: ‘a parte pior do primeiro contacto foi mesmo pensar como iria dizer aos meus pais’ (usuário 14) e ‘falei da ideia à minha mãe e ela rejeitou e até me recordo de ter dito várias vezes que não me deixava entrar em casa se o fizesse’ (usuário 17). Mesmo assim, estes jovens não desistem. A beleza e a admiração que nutrem pelas MC [‘fascinava-me aqueles corpos tatuados’ (usuário 28), ‘acho um corpo tatuado é bonito e sensual’ (usuário 30)] são para alguns, motivo suficiente para a opção pela metamorfose voluntária do corpo. Quando assim é, naturalmente descrevem este primeiro contacto com o meio das MC como uma experiência positiva, como a realização de um desejo à muito esperado [‘lembro-me de ser miúdo e dizer aos meus pais que quando fosse grande queria fazer tatuagens e *piercings*’ (usuário 14)]. Uma experiência que muitas vezes termina com a vontade de fazer mais como ilustra o discurso do usuário 14 quando explicita: ‘o pensamento depois de fazer é quando vou fazer a próxima’.

Apesar da aquisição de MC ser um comportamento individual e voluntário, não deixa de estar sujeito a influências externas que podem aumentar ou diminuir a familiarização e o contacto com as MC (Ferreira, 2006; Vilar, 2012), tal como já pudemos constatar.

O que se verificou no nosso grupo de profissionais, é que ter figuras de referência como familiares e amigos que possuam MC ou sejam profissionais na área, fez com que crescessem num meio permissivo neste domínio, em que as marcas no corpo são compreendidas com naturalidade. Assim se entende que a junção destes factores tenha culminado na avaliação por parte de alguns profissionais do seu primeiro contacto com o meio das MC como uma experiência banal (Vilar, 2012).

Ao contrário dos profissionais, a maior parte dos usuários admirava as MC de longe, principalmente através dos média (Simões, 1999; Wohlrab, Stahl & Kappeler, 2007; Maroun & Vieira, 2008; Campos, 2010) (e.g., televisão, revistas, meio musical, *site suicide girls*). Nas interações nucleares destes jovens não habitavam figuras de referência impulsionadoras do contacto ou proximidade com o meio das MC, o que não

tornou a sua inserção no meio tão natural ou tão facilitada mas não os demoveu de concretizar as suas MC.

Acrescentamos que numa análise detalhada, conclui-se que ambos os grupos foram influenciados na ingressão neste meio pelos movimentos musicais em voga, como nos transmitem nos seus discursos: ‘o meu primeiro contacto foi a partir de vários estilos, *punk*, *grunge* ‘emo/scene’ (usuário 9) e ‘ter músicos como ídolos que tinham tatuagens’ (profissional 12), a par com as revistas disponíveis na época que maioritariamente não eram da especialidade, como é possível comprovar nos seguintes excertos: ‘revistas americanas de motas do meu pai’ (usuário 33) e ‘ver umas revistas que o meu tio tinha da PHOTO e da Penthouse de 70’s’ (profissional 12).

Os grupos convergem também no reconhecimento da importância que teve no seu desenvolvimento a descoberta dos corpos esteticamente diferentes dos seus. Não parece tratar-se tanto da revelação em si, mas do contacto visual e da atracção que daí cresceu, tal como podemos comprovar nas palavras do usuário (28) e do profissional (3): ‘ver as pessoas na rua, foi algo que me suscitou bastante interesse desde nova’, “tipo via um filme, aparecia um ‘gajo’ todo tatuado e pensava para mim, quando crescer curtia ser assim’. Estes resultados vão ao encontro das palavras de Le Breton (2004) quando defende que o gosto pelas MC parte geralmente de as ter visto em outros e ter sido atraído pela sua beleza e originalidade.

Os resultados por nós encontrados vão também ao encontro das palavras de Ferreira (2006, p. 259) quando este fala das “marcas inaugurais” (2006) que introduzem os sujeitos no meio da MC. Segundo o autor, estas primeiras marcas são súbitas, impulsivas, caprichosas, pouco reflectidas e movidas sobretudo pelo fascínio e pela curiosidade. Por estes mesmos motivos, acreditamos que em ambos os grupos o *piercing* tenha sido a MC privilegiada para o primeiro contacto com o meio. Para além dos motivos apresentados por Ferreira, acreditamos que as características do próprio procedimento são motivos potenciadores da impulsividade do comportamento. Porque se comparado com muitas outras MC (e.g., *branding*, *scarification*, implantes) a realização de um *piercing* é menos dolorosa por ser bastante rápida e permite o uso de anestesia tópica. Acrescenta-se o facto de ser uma MC reversível, o que à partida diminui a necessidade de reflexão quando comparada com a tatuagem que se traduz numa marca “irreversível” e num procedimento mais demorado, doloroso e dispendioso

(Sweetman, 1999; Sweeney, 2006). Na caracterização da experiência, usuários e profissionais convergiram na experiência da dimensão ansiosa associada à MC, como explica o usuário (23) ‘algum nervosismo típico de quem não sabe como vai ser’.

Contudo, apenas algumas das “marcas inaugurais” vão atingir a intensidade e a densidade ou os contornos de um projecto corporal, e são o que nos predispomos a explorar e a compreender com profundidade.

### **3.2. A opção por um projecto corporal de construção individual...**

Quando se escolhe marcar o corpo, este pode ser um acto direccionado exclusivamente para o próprio, o que é explicado por alguns dos participantes quase como uma necessidade pessoal, e justificado pelo profissional 39 ao falar das suas tatuagens deste modo: ‘sempre as vi como complementos ao meu ser’. Contudo, as MC também podem ter duplo efeito e serem direccionadas para os outros, como nos descreve o usuário 30, ‘queria o meu corpo com arte...e de forma a que eu também gostasse de ver...e também posso dizer para que as outras pessoas também pudessem ver arte’. Este é um efeito que se torna facilmente manipulável através da localização das marcas corporais.

Dos resultados por nós obtidos compreendemos que o gosto pela MC, a apreciação das marcas no corpo, é um dos principais determinantes da escolha de o modificar, o que nos leva a questionar sobre como se explica que gostar seja condição suficiente para tomar uma decisão irreversível como a de marcar o corpo de forma permanente e repetida. Para Le Breton (2006, p. 106) “o valor estético predomina sobre qualquer outra consideração” e tal como já anteriormente afirmámos, tudo começa com a visualização em alguém e gostar do que se viu (Le Breton, 2004).

Os sujeitos da nossa amostra confirmam o anteriormente descrito ao reconhecerem nas MC uma beleza ímpar, ao ponto de também as quererem para si [‘gosto de ver o corpo pintado com (...) recordações, sentimentos, etc.’ (profissional 13); ‘a beleza da arte que acho que fica na pele’ (profissional 10)]. É a atracção visual pelo corpo embelezado, decorado, pintado, como menciona o usuário 25: ‘gosto de me ver assim...sinto-me...a embelezar-me’. É perceber as MC como esteticamente cativantes e reconhecer estas características tanto em si como nos outros corpos modificados, é o

mesmo que dizer “gosto de ver tanto em mim como nas outras pessoas” como refere o profissional 4.

Vivemos numa sociedade extremamente visual (Pires, 2003; Campos, 2010) na qual o corpo e a imagem são interpretados como sinónimos de beleza. Assim sendo, as MC, independentemente da sua natureza (medicina estética ou *body modes*) são uma preocupação estética. A única diferença reside no significado atribuído à definição de beleza (Loeck, 2010). Não podemos esquecer que na sociedade actual existe uma forte tendência para a normalização do visual, ou seja, para a eleição de um padrão estético como norma - o corpo jovem bonito e saudável (Maroun & Vieira, 2008) que segue a “lógica do sempre igual” (Júnior, Ladislau & Niquini, 2007, p.5) - e foram demarcados territórios de legitimidade por igualdade e por diferença. O que segue a norma é bonito, o que diverge da norma é inapropriado ou feio, e aqui residiriam as MC, num espaço dedicado ao pouco ou nada atractivo do ponto de vista estético. Mas, mais importante que esta dicotomia castradora é o facto do padrão estético normativo vigente desconsiderar toda a subjectividade humana (Maroun & Vieira, 2008) ao promover uma produção de corpos em massa. Em contraposição a este movimento de homogeneização dos corpos e da imagem, encontramos nos nossos grupos de trabalho a expressão pessoal e a afirmação da diferença no corpo e através do corpo como determinantes base da escolha de fazer uma MC.

Para alguns dos elementos entrevistados as MC representam uma forma de expressão, e o corpo um espaço para essa mesma expressão, como ilustra o profissional 12 ao explicar os determinantes da sua escolha: ‘gostar da representação gráfica do que me vai no interior’. Este meio de expressão que são as marcas corporais e este espaço de expressão que é o corpo podem conjugar-se para a afirmação da diferença, um determinante defendido por vários elementos e aqui ilustrado na voz do usuário 9 e do profissional 36, respectivamente: ‘mostrar que não sou aquilo que os outros querem que eu seja, que a sociedade quer’ e ‘o facto de ser diferente dos outros’.

Ao assumirem uma estética de divergência, marcam uma posição e expressam uma opinião (Le Breton, 2004) que se afasta da normatividade. O nosso corpo por si só comunica através da nossa postura, da forma como nos movemos, das nossas expressões faciais (Silva, 2006; Silva, 2009). Se para além disto tudo, o nosso corpo é

ilustrado, pintado, colorido, furado, marcado, queimado, rasgado, que mensagens transmitirá?

A pele marcada é investida dum simbolismo que implica sempre o outro para poder fazer sentido (Ferreira, 2006). É como um texto que exige leitores, se não, não passará de um conjunto de palavras. O olhar sobre o corpo tem um papel central nas trocas sociais e a visualidade tem um papel de revelo da vida social. Vivemos numa “sociedade ocularcêntrica” na qual a imagem, o visual de cada um, tem um papel de destaque como meio de comunicação e estruturação da representação subjectiva da realidade (Campos, 2010, p. 129).

Ao divergirem face aos padrões habituais os sujeitos captam a atenção para si, tornam-se centrais como estímulo sensorial nas trocas sociais, uma opção intencional claramente expressa nas palavras do profissional 8, ao mencionar que as ‘tatuagens é uma forma clara e rápida de nos distinguir’. É na relação com o outro e sob o olhar e avaliação do outro, que o corpo marcado é legitimamente reconhecido como diferente (Ferreira, 2006). Através das MC os sujeitos sentem a reapropriação do seu corpo (Lírio, 2008), ao mesmo tempo que procuram notoriedade e reconhecimento através de manifestações corporais explícitas de individualismo.

É deste modo, no corpo e através do corpo e nas relações sociais que estabelece que o sujeito afirma a sua subjectividade através das marcas corporais, marcas de expressão e afirmação pessoal que não deixam de marcar também uma posição social que os destaca pela diferença. O corpo é reprojectado, resignificado, e re(des)contruído, a sua sacralidade e forma natural (Pérez, 2006) são intencional e voluntariamente violadas para construir e exteriorizar subjectividade (Maroun & Vieira, 2008).

Neste sentido, as MC podem ser percebidas como uma fuga à construção de indivíduos em linha de montagem (Guattari & Rolnik, 1993; Abonizio, 2010). Aqui faremos uma analogia entre liberdade e MC através das palavras de José Saramago “Porque os Homens são anjos sem asas, e o que há de mais bonito, nascer sem asas é fazê-las crescer<sup>74</sup>.” É através do seu corpo modificado que afirmam a sua diferença e se expressam como especiais e únicos (Millner & Eichold, 2001; Stirn, 2004). Das várias horas de contacto *online* e em estúdios/convenções de MC, compreendemos que para os indivíduos que se inseriram no universo da MC como um estilo de vida, ter um corpo

---

<sup>74</sup> Citação do Memorial do Convento de José Saramago

dito “normal” é como ter um corpo sem vida, sem graça, é vazio, é incómodo, é feio, não está completo, precisa de mais cores e de formas diferentes. O inconformismo estético descrito revela uma postura de resistência em relação ao padronizado socialmente (Loeck, 2010). Sendo a epiderme a nossa primeira zona de contacto com o mundo, um sujeito com um projecto corporal afasta-se da norma, destaca-se visualmente, o seu corpo funciona como um “*outdoor*” (Loeck, 2010, p.63) de expressão pessoal, e é este compromisso identitário e de autenticidade que assumem logo à partida na comunicação e relação com os outros, a afirmação pública da sua diferença (Ferreira, 2011).

Outro dos principais determinantes desta escolha voluntária de metamorfesar o corpo acedido nos nossos grupos de participantes, associa às MC a possibilidade de eternizar na pele conteúdos subjectivos e pessoais (Vale & Juno, 1989; Caliendo, Armstrong & Roberts, 2005), momentos, sentimentos, experiências, coisas, pessoas, fases, mudanças, celebrações. Ou como melhor explica um dos participantes (profissional 29) o corpo pode revelar-se espaço para a construção da narrativa pessoal: ‘meu corpo hoje em dia é um diário e minhas *tattoos*, minha história’. Cada traço inscrito na pele é premeditado e conserva determinada memória ou experiência à qual está associado um sentimento que se quer recordar para sempre (Ferreira, 2011).

As inscrições no corpo podem conter significados emocionais, como justifica o usuário 28 ‘porque se passou algo na minha vida, que escolhi eternizar em mim’; religiosos (De Mello, 1995; Williams, 2009) como é o caso das marcas corporais do usuário 17 quando refere ‘a própria religião, uma vez que as minhas *tattoos* têm todas uma vertente religiosa’, ou serem reflexos da própria identidade (Sweetman, 1999; Atkinson & Young, 2001), um sentimento traduzido pelo usuário 25 na seguinte afirmação: ‘olhar-me ao espelho e sentir-me ‘EU’’. O objectivo destes sujeitos é preservar na pele marcas identitárias, memórias e experiências de modo que não se alterem com o tempo, não desvançam nem se apaguem.

Como chama a atenção Prost (1995, p. 102) “sentir-se bem na sua própria pele” independentemente dos motivos ou significados associados pelos sujeitos às metamorfoses corporais e pessoais a que se predispõe voluntária e intencionalmente é o que deve prevalecer, pois é através do corpo que muitas pessoas procuram a auto realização (Maroun & Vieira, 2008).

### **3.3. O preço de ser “EU”, especial e único...**

Explorámos o impacto das MC nas dimensões pessoal, social e profissional da vida dos sujeitos entrevistados e concluímos que em todos os campos há prós e contras, embora o impacto negativo se faça notar com maior força. Nas três dimensões acima referidas, os sujeitos mencionaram ter sido alvo de preconceito e discriminação e que graças às MC muitas vezes afastaram os outros em seu redor. Tentámos então perceber o que justificaria este tipo de comportamento e questionámos os sujeitos da amostra sobre como é eles achavam que os outros se sentiam em relação às suas MC. Das suas respostas concluímos que os outros tendem a não compreender as MC e por isso não as toleram, reagindo de forma negativa, muitas vezes chegando até a sentir-se ameaçados por algo que para eles simplesmente não faz sentido.

Por outro lado, acreditamos que este efeito de afastamento que as MC provocam nos outros possa simultaneamente desenvolver um efeito de aproximação entre sujeitos modificados, por se identificarem com a vivência de experiências de discriminação e preconceito em diferentes áreas de vida, pois a partilha de experiências foi assinalada no presente estudo como um factor de união entre pessoas com MC. Ainda neste sentido, Jetten, Branscombe, Schmitt & Spears (2001) corroboram o acima descrito ao explicar que a discriminação percebida é uma ameaça à identidade social e por isso resulta num movimento de maior identificação grupal. As percepções de discriminação reforçam a coesão entre aqueles que são alvo do estigma social, aumentando assim a coesão intragrupal e a auto-estima colectiva e reforçando a diferenciação intergrupala.

Os episódios de discriminação e preconceito que tanto usuários como profissionais referiram ter sido alvo nas várias dimensões supracitadas, correspondem a situações em que o seu corpo foi foco de julgamento público e posto à prova numa experiência intercorporal intensa com a qual se podem identificar. Eventualmente numa situação deste cariz unir-se-iam para se defender, mas seria uma união estritamente propositada e funcional, na medida em que quando deixasse de servir o propósito acima referido, e fora desse contexto, a ligação entre os sujeitos perderia o sentido. Ao partilharem das mesmas experiências negativas como consequência da sua escolha de marcar o corpo, criar-se-iam afinidades mas são solidariedades sensuais (Mellor & Shilling, 1997) porque residem numa identificação momentânea e específica, não há

para além disso qualquer compromisso formal (Ferreira, 2006). Até porque a opção por um projecto de marcação corporal não reside num afastamento da norma para a imersão numa faixa desviante, é a afirmação da individualidade. A tónica está no “Eu”, “Meu corpo, minha subjectividade, minha vida, minha decisão<sup>75</sup>!”

Contudo, as MC podem também ter efeito inverso e aproximar os outros, sejam eles sujeitos modificados ou não. Nas dimensões pessoal e social, as MC funcionam como factor de comunicação e interacção, facilitando o relacionamento e promovendo o contacto interpessoal. Os sujeitos sem MC aproximam-se principalmente por curiosidade, interesse, admiração e até apreciação pelas marcas corporais. Entre sujeitos modificados, a aproximação ocorre por identificação e segundo os entrevistados em geral, também aquilo que os une é a sua forma de ser, a partilha de experiências, os gostos em comum tais como a arte e a música. Se o que aproxima os sujeitos modificados entre si é sobretudo a sua particular forma de ser, estar, e pensar na vida, faz sentido que esta seja o pilar estrutural que os distingue em relação aos outros sujeitos não modificados. Segundo os próprios, a distinção centra-se no facto de terem uma mentalidade mais aberta, maior capacidade de aceitação e tolerância e possuírem algumas características singulares como coragem, irreverência e rebeldia, e o que não é tudo isto, se não uma forma de ser, estar e pensar na vida? Acreditamos que estas características distintivas que os sujeitos encontram para se definirem contribuam para o sentimento de identificação que os aproxima, a par com as experiências de discriminação e preconceito que partilham e acabam por reforçar os laços e a empatia entre si.

Quanto às experiências negativas supracitadas e especificamente na dimensão da vida pessoal, para além do impacto directo, os mais afectados são os familiares e outros significativos que, por não gostarem ou não aceitarem esta ‘escolha de vida’ dos sujeitos modificados, partilham com eles situações de tensão e conflito que conduzem a crises no seio familiar e que podem culminar em situações de ruptura temporária ou definitiva. Os pais são percebidos como as figuras que mais “sofrem” com esta escolha, têm muita dificuldade em percebê-la e em a aceitar e por vezes têm “vergonha” que os filhos tenham uma aparência invulgar, o que se verifica principalmente em meios mais pequenos.

---

<sup>75</sup> Frase adaptada do *slogan* contra o projecto de lei que pretende banir e criminalizar o *eyeball tattooing* no Brasil.

Várias vezes no discurso dos sujeitos da amostra “ouvimos” que Portugal não aceita a diferença, que o nosso país comparativamente a outros países da Europa ainda é dominado por uma mentalidade retrógrada, que ‘a sociedade ainda não está preparada para todo o tipo de gente’ (profissional 2). Ferreira (2006), a este respeito menciona que a discriminação, os juízos morais e a criação de figuras estereotípicas sobre os indivíduos modificados é uma situação particularmente acentuada no povo português, e chama-lhe “um atraso cultural”. Continuamos a falar de preconceito, uma associação entre aspecto e maneira de ser, baseada em ideias pré-concebidas e não fundamentadas como a associação das MC à marginalidade, delinquência e toxicodependência. Os indivíduos extensivamente marcados ou com MC consideradas extremas, ganham estigmas que vão para além da pele e do corpo, são percebidos por muitos como criaturas doentes ou loucos e suscitam sentimentos de aversão como repulsa e medo (Abonizio, 2011) mas como afirma o profissional 29: ‘as pessoas fazem a sua fama, você o seu carácter’.

Este tipo de comportamento de evitamento é consequência da subversão simbólica e da desorganização estética que as MC e os indivíduos modificados provocam na realidade convencional dos outros (Abonizio, 2011). Há uma percepção distorcida dos outros sobre o sujeito modificado baseada exclusivamente na sua imagem, que é, em si, uma incorporação de uma norma social histórica e espacialmente situada, ainda que pouco ou nada reflectida, extremamente reducionista e pouco viável. Contudo, resulta muitas vezes em comportamentos de afastamento, como por exemplo ‘as pessoas mudarem de rua’ (profissional 3) como se fosse alguma doença contagiosa ou algo merecedor de condenação.

As aparências invulgares, extravagantes, coloridas, queimadas ou furadas, introduzem novidade e espectacularidade no quotidiano, invadem a rotina visual e criam desordem, o que para muitos pode ser vivido como uma ameaça à sua estabilidade e organização pessoal (Abonizio, 2011; Ferreira, 2010). São projectos corporais altamente subversivos e inovadores que colocam em tensão preconceitos e limites sociais com corporalidades e individualidades (Pérez, 2006). Vão criar ruído e levantar questões quanto à relação com o corpo e com a sociedade (Ferreira, 2010), ou seja, vão abalar estruturas que, quanto mais rígidas forem, mais intenso será o impacto que vão sofrer ao contactarem com estéticas divergentes. Torna-se uma experiência de agressão visual à qual os outros reagem negativamente e do evitamento podem rapidamente passar à

agressão, através de olhares - ‘olham com desdém e asco’ (usuário 15) - ou no formato de ‘maus tratos verbais’ (usuário 25), o que notavelmente afecta o seu quotidiano (Dias, 2014; Ferreira, 2006), visto que andar na rua é motivo de julgamento social e condenação apenas pelo visual escolhido. Convém termos consciência que todos sofremos este julgamento com base na nossa aparência, mas que a maior parte de nós não é sujeita a ouvir a opinião dos outros quando esta não é solicitada.

Socialmente há uma série de rótulos e conotações negativas associadas às MC. Já referimos alguns e acrescentamos ainda a associação ao ‘delito’, à ‘criminalidade’, à ‘má educação’, à ‘sexualidade dúbia’ e à ‘loucura’ no sentido da irresponsabilidade e da adopção de comportamentos de risco (Abonizio, 2011; Barret & Aspen, 2009). Os sujeitos modificados corporalmente são, em pleno século XXI, apenas pelas suas características estéticas e físicas, associados ao desvio, e afastam-se do conceito de “normalidade” como ilustra um dos jovens participantes (profissional 2) quando refere ‘não sou o namorado perfeito para levar a casa’. Salientamos que os meios de comunicação ainda tendem a alimentar este tipo de preconceito e discriminação. Com isto, referimo-nos por exemplo a uma marca de pastilhas para a garganta que em 2015 surge com um anúncio ao seu produto, apresentando um casal de namorados, num episódio em que o rapaz vai pela primeira vez a casa dos pais da namorada e se apresenta à porta com várias tatuagens e *piercings* faciais, e o pai da jovem ao recebê-los faz uma cara de desdém e eis que surge o *slogan*: “Custa a engolir não?! Há coisas na vida que custam a engolir”<sup>76</sup>! Se por um lado os próprios sujeitos da amostra conseguem reconhecer alguma evolução na aceitação da sua diversidade corporal e estética, este é um claro exemplo de que ainda há um longo caminho a percorrer. Naturalmente que este tipo de comportamento tem repercussões na vida social dos sujeitos quando lhes são atribuídos rótulos e conotações negativas, o que consequentemente leva à sua discriminação (Ferreira, 2006). Os sujeitos referem sentir-se muitas vezes postos de parte ou serem tratados de forma diferente (Barrett & Aspen, 2009). São também no dia a dia alvo de críticas e desrespeito e tudo isto faz com que naturalmente desenvolvam e manifestem emoções negativas como as a seguir partilhadas: “é triste...magoa” (usuário 14) e “as pessoas sabem que nos ferem” (usuário 21). Sentem-se muitas vezes desconfortáveis, desrespeitados, desprezados, rejeitados e inferiorizados.

<sup>76</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=LK0vx1ncBmw>

Alguns optam por ocultar as marcas corporais em determinadas situações sociais, outros enfrentam diariamente esta realidade com algum sofrimento e outros, de certa forma já se habituaram tanto às reacções negativas que não as valorizam (Ferreira, 2006). Neste sentido, torna-se imperativo o “reconhecimento social da sua condição de pessoa e não de uma mera figura reduzida a um atributo corporal socialmente descredibilizado” (Ferreira, 2006, p. 492).

Dias (2014), chama a atenção para a importância e necessidade de compreendermos os motivos que levam estes sujeitos nas actuais sociedades modernas a se reapropriarem de práticas milenares. Tal como vem sendo mencionado, esse foi em parte também o objectivo da presente investigação, aceder aos discursos contemporâneos sobre as marcas corporais. O que a autora propõe, é que o investimento na investigação e na exploração, do sentido e dos significados das marcas, possa contribuir para a sua aceitação pelos outros, ao permitir até alguma identificação. Porque se olharmos para as tribos distantes de nós que praticam as mesmas marcas corporais justificadas pela sua cultura ou religião, a reacção até pode ser negativa mas não é tão violenta, é tolerante (Gil, 2006), e há respeito pelos seus motivos mesmo que não os entendam. Então porque se verifica uma forte tendência para desvalorização dos motivos da diferença dos nossos pares? Porque “apesar de haver uma valorização da individualidade e da autonomia na cultura contemporânea, a vontade do outro, quando divergente da prescrita, torna-se inconcebível a ponto de ser considerada algo que foge à consciência em vez de fruto de uma decisão racional.” (Abonizio, 2011, p. 491).

Profissionalmente a situação não é divergente, pois tanto os usuários como os profissionais de MC até optarem por este ramo, viram as suas hipóteses de empregabilidade severamente reduzidas. “Muitas portas se fecharam devido ao meu aspecto”, são as palavras de um dos elementos da amostra (profissional 16) mas que ilustram uma experiência partilhada pela maioria. O local de trabalho “é um universo onde a expressão do ‘Eu’ só é possível de forma limitada” (Osório, 2006, p. 176). Para conseguirem emprego nos segmentos convencionais do mundo laboral ou para verem o seu trabalho valorizado e as suas competências reconhecidas os sujeitos assumem que a melhor opção é retirar os *piercings* e alargadores, e esconder tatuagens ou outras marcas corporais, mesmo que isto signifique prescindir dos seus traços pessoais de autovalorização e reconhecimento social (Ferreira, 2006). Este é muitas vezes o preço a

pagar durante o horário de trabalho para se poderem sustentar e manter um emprego a longo prazo.

O mercado de trabalho é percebido como um obstáculo à afirmação e expressão da sua autenticidade e individualidade. Os sujeitos, na maior parte das vezes, têm que recorrer a estratégias de gestão da visibilidade social das suas marcas corporais no contexto profissional para assegurarem o seu posto de trabalho (Ferreira, 2006; 2008). Estes jogos do esconde-esconde das MC que os sujeitos se vêem obrigados a cumprir revelam um interessante fenómeno de desdobramento identitário entre o dever-parecer e o querer-ser (Goffman, 1993). As entidades empregadoras geralmente não respeitam a individualidade dos sujeitos com marcas corporais, não aceitam a sua singularidade e inclusive tendem a considerar estas características negativas, ‘acham que as pessoas com grande capacidade profissional não devem ser diferentes’ (profissional 2). Mais uma vez predomina o preconceito quando se associa o aspecto/ imagem a menor capacidade profissional, um fenómeno já anteriormente descrito como *Lookism* (Tietje & Cresap, 2005), o que conduz a comportamentos de discriminação.

No caso dos sujeitos terem MC visíveis, não é incomum as chefias chamarem a atenção pela aparência fora da norma e tentarem homogeneizar todo o *staff*. Por sua vez, os clientes tendem a comportar-se, como já descrevemos anteriormente, assinalando a sua reprovação através do olhar ou de comentários pejorativos, o que só perpetua o ciclo de discriminação desde as entidades empregadoras até aos próprios clientes que não respeitam as escolhas individuais e inferiorizam profissionalmente os sujeitos com base na sua aparência.

Mas, a discriminação e o preconceito não ocorrem exclusivamente de forma unidireccional. “Preconceito este, que, por vezes, começa com o próprio modificado, em se achar mais ou menos em relação às pessoas não possuidoras de modificações” (Janeiro, 2010, p. 101), tal como ilustra este excerto que não é mais que uma expressão comum no universo da MC - ‘eles riem-se de mim por ser diferente, eu rio-me de vocês por serem todos iguais’ (profissional 13) - não querendo isto dizer que seja uma posição adoptada pela maioria até porque nos nossos grupos de entrevistados não teve muitos adeptos. Neste sentido, a questão que aborda as características diferenciadoras entre sujeitos com MC e restantes indivíduos sem marcas corporais, vem reforçar o anteriormente descrito na medida em que encontramos ideias ou opiniões sem

fundamento sério<sup>77</sup>, de características que alguns sujeitos da amostra acreditam que tornam os sujeitos modificados superiores ou de certa forma mais evoluídos que os restantes. Referimo-nos à capacidade de aceitação e tolerância (o que não deixa de ser um preconceito invulgar), maior abertura, mentalidade mais aberta, coragem, irreverência e rebeldia, entre outras dimensões mais generalistas. Na presente investigação, ainda se verificou o fenómeno de discriminação intragrupal no que respeita ao número de MC, como traduzem os seguintes excertos: ‘estou a falar de MC significativas e não de umas coisas pequeninas’ (profissional 2), ‘isto pessoas com *mods* extensas e não os que viram o jogador da bola na tv’ (profissional 15), ‘se for um simples *tattoo* ou um *piercing* no lábio, toda a gente tem’ (profissional 3). Verifica-se uma divisão dentro do próprio grupo dos sujeitos modificados, entre aqueles que usam uma ou outra marca por razões estéticas e aqueles que adoptam as MC como estilo de vida e fazem do seu corpo um projecto de marcação corporal.

### 3.4. Metamorfoses corporais e pessoais...

A noção de MC pressupõe a realização de mudanças voluntárias e intencionais no próprio corpo, razão pela qual averiguámos junto dos usuários e profissionais de MC, o modo como definiam ou caracterizavam a forma como viveram estas mesmas mudanças. ‘Fazem-me sentir feliz’ (profissional 37), ‘vivo-as com prazer’ (profissional 31), ‘gosto de me ver assim modificada’ (profissional 8) são alguns dos exemplos de respostas encontradas, que traduzem uma vivência positiva face às metamorfoses corporais. No discurso dos sujeitos é perceptível a felicidade e a gratificação pessoal obtida com a aquisição das marcas corporais. A estes sentimentos conjugam-se emoções de prazer, satisfação, orgulho e a vontade de fazer mais, de construir um projecto corporal – ‘moldar o meu corpo à minha imagem’ (profissional 6), uma tarefa que pressupõe um compromisso contínuo e irreversível. Esta ‘vontade de fazer mais’ aparece descrita na literatura como “comportamento de coleccionador”, “vício” e “dependência”, são expressões que descrevem a trajectória de marcação corporal que dá origem a muitos projectos corporais (Ferreira, 2006).

---

<sup>77</sup> Definição de Preconceito do dicionário Priberam da Língua Portuguesa – ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial.

Neste sentido, a expressão do usuário 14 ‘aos poucos tornar-me naquilo que gosto e sempre quis’, ilustra o compromisso acima descrito, o de investir nas marcas corporais como constructoras de subjectividade (Pérez, 2006) e como meio de definição pessoal. As mudanças no corpo são vividas como incremento, como melhoria pessoal – ‘sinto-me melhor comigo mesma’ (usuário 9), mas também como oportunidade de evolução, reinvenção e descoberta – ‘Elas foram acontecendo e eu, fui-me encontrando, e fui-me formando e fui percebendo aquilo que eu era e que eu gostava de ser’ (profissional 1). As metamorfoses corporais intencionais são vividas como um processo de desenvolvimento pessoal e como tal, encaradas de forma positiva e satisfatória. E na medida em que não são episódios estanques, mas que constituem todo um processo de autodescoberta, evolução e reinvenção de si, em que “as possibilidades são infinitamente mais elevadas do que aquilo que o indivíduo poderá suportar no seu corpo” (Le Breton, 2004, p.159), exigem um compromisso de investimento do sujeito em si, no seu corpo, de aproximação da imagem ideal à imagem real, através de um projecto constituído por MC reflectidas e irreversíveis. O processo de “fechamento corporal” não obedece a quaisquer tipo de regras pré-definidas nem apresenta limites em termos de possibilidades de escolha, depende apenas da vontade, do ritmo e das escolhas de cada sujeito. “Esta é, em síntese, uma construção iconográfica totalmente pessoal e original” (Pérez, 2006, p.200). Ao reescreverem a sua identidade através de um ensaio visual pretende-se que fabriquem a imagem mais fiel, genuína e verdadeira que têm de si próprios no presente e no futuro, e devido à natureza permanente das marcas corporais estas proporcionam a vivência de valores de consistência, unidade, durabilidade e realização identitária (Ferreira, 2006).

Alguns dos sujeitos entrevistados referiram ter vivido as MC com a mesma naturalidade com que vivem determinados processos biológicos como o envelhecimento, mas também com a vulgaridade com que adoptam rituais de beleza praticados nas sociedades modernas ocidentais como por exemplo, pintar as unhas ou o cabelo. Mas, devido às exigências inerentes às MC, referimo-nos ao seu agendamento, ao custo, à elaboração da marca e à dor associada à sua prática, bem como aos cuidados após a intervenção, facilmente se percebe a natureza distinta entre as marcas corporais e as experiências supracitadas. Contudo, quando os sujeitos assumem as MC como fazendo parte de si, chegando muitas das vezes a esquecer-se da sua presença, acreditamos que a vivência destas mudanças tenha sido incorporada com naturalidade, como parte

integrante do sujeito em termos físicos e estéticos, bem como psicológicos e identitários (Courtine, 1995; Loeck 2010; Sweetman, 1999; Teixeira, 2006).

Como foi anteriormente descrito, as mudanças no corpo provocadas pelas MC foram assumidas como um compromisso e vividas de forma positiva e gratificante. Agora torna-se importante perceber especificamente que efeitos tiveram estas mudanças na relação dos sujeitos consigo próprios e na forma como se veem. Pelas palavras dos participantes, acedemos a duas linhas principais de consequências ocorridas através da metamorfose corporal e são elas, a maior satisfação com a imagem e maior satisfação na relação consigo mesmos. Facilmente se percebe que é um ciclo de reforço contínuo no sentido em que as marcas corporais são vividas de forma positiva porque acarretam efeitos benéficos para a auto-estima e na relação intrapessoal do sujeito, constituindo-se numa oportunidade de desenvolvimento, crescimento e evolução, pelo que é natural que a marcação corporal se perpetue porque há uma retroalimentação através dos efeitos obtidos e que se mantém a cada MC (Ferreira 2006, 2007).

No que respeita à associação das MC com o aumento da satisfação com a sua imagem, os sujeitos ouvidos referem sobretudo sentirem-se melhor e mais bonitos com o seu corpo “decorado” de forma permanente. Acreditam que as marcas corporais são uma mais valia a nível físico e por isso gostam de se observar, há um prazer na leitura das próprias marcas, o que contribui para um impacto positivo ao nível da auto-estima. Neste sentido, Ferreira (2006, 2007) refere que a dramatização corporal conseguida através dos visuais excêntricos legitima o reconhecimento identitário dos sujeitos no sentido da sua singularidade e autenticidade, o que se traduz em ganhos acrescidos para a auto-estima. Inclusive, há quem olhe para as marcas corporais como arte – ‘fiz do meu corpo uma tela emprestando-o para a arte’ (profissional 16), ‘é a construção da tua obra prima’ (profissional 2). Ou como refere Le Breton, (2004, p. 16). “Somos doravante os artesãos das nossas existências, com uma margem de manobra mais ou menos grande”.

Compreendemos que os sujeitos se sentem bastante confortáveis na sua “pele” e que, como a maioria nos transmitiu, já não se conseguem imaginar sem as MC. As marcas voluntárias no corpo contribuem para um sentimento de realização pessoal que sustenta a satisfação na relação intrapessoal, como confirmam os seus discursos: ‘fico feliz por ser assim’ (profissional 2), ‘posso dizer que me adoro’ (profissional 22). Para a autora Pérez (2006), cada MC pode revelar-se uma oportunidade singular de mudança.

O processo inerente a este tipo de experiências corporais traduz-se num espaço de desenvolvimento pessoal desde a reflexão para a escolha da MC, ao contacto e laços criados com o profissional, a par com as intensas emoções vividas antes, durante e após a intervenção no corpo. Todos estes factores tornam a prática de MC numa experiência única, que muda e constrói os sujeitos não só exteriormente como também interiormente. Através das marcas corporais os sujeitos podem-se completar, definir, fortalecer ou até libertar.

Específica e exclusivamente para o grupo dos profissionais, as MC foram destacadas como tendo um efeito reforçador da identidade, permitindo aos sujeitos sentirem-se mais completos e definirem-se, fenómeno possível de confirmar através da “voz” do sujeito 16, quando este diz: ‘sinto o gosto amargo do preconceito e o doce sabor de eu ser eu’. Para Le Breton (2004, p. 21), as alterações da aparência marcadas na pele são reveladoras da “pertença a si” e traduzem a necessidade dos indivíduos de completar um corpo ainda insuficiente para permitir experienciar o sentimento de si, e de identidade pessoal (Giddens, 1991). O corpo marcado funciona assim como suporte expressivo do duplo movimento de confirmação da identidade pessoal para si próprio e para os outros (Ferreira, 2006; Sweetman, 1999).

Por outro lado, as MC permitem usufruir de uma sensação inigualável de exclusividade, e os seus portadores ao diferirem dos outros, estão a reforçar a sua identidade de forma singular, tal como afirma o profissional 1, ‘não me sentir normal banal, sou especial’. Quando as marcas corporais atingem a extensividade de um projecto de corporal, estas deixam de ser impulsionadas pela curiosidade, desafio ou apelo estético e transformam-se numa estratégia de distinção e singularização identitária (Ferreira, 2006) funcionando como “assinaturas de si mesmos” (Le Breton, 2002, p.165).

Se até agora temos vindo a perceber do ponto de vista dos sujeitos como foram vividas as metamorfoses corporais e os respectivos efeitos na relação consigo mesmos, e na forma como se vêem, compete-nos também entender qual é o significado atribuído a esta escolha, a de ter MC, que é à partida uma escolha permanente e irreversível.

Neste sentido, a escolha de modificar o corpo é muitas vezes uma questão de respeito e fidelidade a si próprio, é ‘aceitar aquilo que sou independentemente do que os outros possam pensar’ (usuário 14). As MC são percebidas como componentes da identidade do sujeito (Sweetman, 1999), fazem parte dele e proporcionam-lhe um

sentido de integridade. Tal como já vem sendo mencionado, perante uma realidade social marcada pela instabilidade e mudança, o corpo surge como suporte de manifestação de existência individual e como superfície permanente e inalienável de realização e expressão pessoal (Ferreira, 2007). Nos projectos de marcação corporal o corpo adquire um valor auto-referencial ímpar, com possíveis contornos muito subjectivos, como ilustra o excerto, ‘marcar a minha vida na minha pele’ (profissional 40). Trata-se de um formato de expressão pessoal e de afirmação individual que se traduz num processo de construção identitária cuja exclusividade das marcas reforça em termos de singularidade e unicidade. “Marcar extensivamente o corpo configura, assim, uma tomada de posse sobre a construção da sua identidade e biografia pessoal, celebrando de forma simbólica, perante si e os outros, o poder de (auto)determinação” (Ferreira, 2007, p.304).

Contudo, como temos percebido pelos relatos dos sujeitos, trata-se de um processo de metamorfose que é também um processo de desenvolvimento, descoberta e afirmação, e para percorrer este caminho é necessário assumir esta “escolha” de modificar o corpo com as respectivas consequências pessoais, sociais e profissionais já descritas. É um compromisso que se distingue pela sua irreversibilidade, tal como confirma o usuário 32 quando menciona: ‘estou ciente que esta escolha não tem volta’. “O acto de sucessivamente se fazer marcar passa a corresponder, portanto, a um compromisso indelével e irreversível com um determinado modelo de corporeidade, que funciona simultaneamente como expressão imagética de consistência identitária e de estabilidade no estilo de vida” (Ferreira, 2006, p. 278). A dimensão e o número de marcas corporais remetem para a construção consciente, organizada e detalhada de um projecto corporal que vai ganhando densidade, que vai ganhando “corpo” ao longo do tempo, e que passa a incorporar o quotidiano do sujeito como um estilo de vida ímpar (Ferreira, 2006). É uma forma de ser, pensar e estar na vida particular, é o ‘início de uma vida bem diferente das vidas cinzentas do quotidiano’ (profissional 16) e não deixa de ser também a pertença a um grupo, ‘a minoria’ (profissional 10). “O corpo extensivamente marcado assume o estatuto não apenas de eixo estruturante da construção da diferença individual, como também, simultaneamente, de suporte plástico de resistência social” (Ferreira, 2007, p.301). Encontramos esta dimensão na “voz” do profissional 1: ‘Foi uma escolha do tipo agora já estou deste lado, já não pertença àquele’. Esta consequência é consciente, e este compromisso é assumido e integrado

como princípio orientador da vida dos sujeitos e da sua construção pessoal. Nesta escolha há uma clara recusa de condicionamentos e para muitos o significado das marcas corporais passa também por um exercício de liberdade pessoal (Ortega, 2004), tal como reforça Ferreira (2006, p. 413) quando refere que “são igualmente projectos que contêm o valor da liberdade como fundamento da acção”, transparente nas expressões do profissional 3 e usuário 28, respectivamente: ‘seres livre e seres como tu queres’ e ‘donos do nosso próprio corpo’. No entanto, ao assumirem uma estética corporal divergente, construída com base nos seus desejos pessoais, não significa que queiram transgredir ou romper com a sociedade, mas antes diferenciar-se e destacar-se. A sua opção corporal não tem como finalidade a rejeição social mas antes, a procura e afirmação da sua individualidade (Pérez, 2006).

O sentimento de liberdade acima descrito, aliado ao apreço que têm pelas MC, e ao facto de encararem os seus projectos de marcação corporal como afirmações subjectivas de beleza, faz com que o significado desta escolha reflecta “as próprias buscas pessoais – diferenciação, identidade, satisfação, etc. – que fazem deste tipo de arte uma opção corporal e de vida” (Pérez, 2006, p.202). Através das marcas corporais encontraram um meio de se sentirem confortáveis na sua própria pele, evidenciando as suas características pessoais e destacando-se dos outros. “Um corpo excepcional está na base da construção expressiva de um indivíduo de excepção” (Ferreira, 2006, p. 331).

### **3.5. A dor como instrumento de metamorfose...**

O sofrimento físico leva a uma alteração da relação do homem com o mundo (Le Breton, 2004), altera o corpo do indivíduo, a forma como este se vê e como os outros o vêem (Ferreira, 2010; Nolasco, 2006) porque “a dor não é do corpo mas é do sujeito” (Le Breton, 2004, p.108). A introdução da dor gera desequilíbrio, quebra a homeostase, foca inteiramente o sujeito no seu corpo, neste caso na marca corporal e compõe a experiência. A dor é “instrumento de metamorfose” (Le Breton, 2004, p. 111).

Contudo, em situações controladas como é o caso das MC, “o sofrimento que acompanha a dor é insignificante” (Le Breton, 2004, p.108) na medida em que situações limite estão a ser testadas sob o controlo atento do sujeito, que pode optar por desistir ou fazer uma pausa a qualquer momento. Na análise das categorias encontradas a dor é um acto con(m)sentido, é suportada por motivações várias que lhe conferem significado

e é uma dimensão consciente, voluntária e efémera, daí os sujeitos entrevistados agregarem os seus discursos em categorias que a caracterizam como sendo ‘suportável’ e que a ‘vontade supera a dor’ porque ‘faz parte do processo’. É um meio e não um fim, e sobretudo não é algo que aconteça de surpresa (Ferreira, 2010). Segundo Ramos (2001), a dor e o sofrimento das MC não causam traumas porque estão associados a uma promessa de prazer e a um benefício, tal como se encontra patente na categoria de 2ª ordem ‘a dor é compensada pelo resultado final’. As MC são um acto de comunicação que envolve afectos, consciência e corpo (Nolasco, 2006). Os sujeitos estão conscientes que o sofrimento físico é inerente ao objectivo pretendido, e é isto que distingue muitas pessoas com MC das restantes que não as têm, a coragem para ultrapassar a barreira da dor e os riscos inerentes às intervenções no corpo.

Neste sentido, nem as MC no geral, nem as mais extremas em particular, devem ser associadas a práticas masoquistas, porque tal como evidenciou maioritariamente a nossa amostra, o impulso de marcar o corpo e o significado que lhe é atribuído não está associado à procura de qualquer tipo de prazer através da dor (Le Breton, 2004; Nolasco, 2006). Contudo, isto não invalida que alguns sujeitos vivam a condição da dor de forma positiva, quase como um comportamento adaptativo devido à sua inerência aos processos de MC. Ortega (2008) condena de igual modo a associação da exposição voluntária à dor a práticas patológicas ou de auto-mutilação, considerando esta abordagem moralista e reducionista na medida em que nega as MC como experiências subjectivas.

Uma perspectiva possível de leitura desta posição é a de que vivemos numa sociedade que há muito se preocupa em suprimir qualquer tipo de dor ou sofrimento (Gans, 2000; Le Breton, 2004), numa cultura de anestesia emocional e sensorial. Nestas circunstâncias, a dor voluntária inerente às MC vem reanimar as emoções e os sentidos, faz os sujeitos sentirem-se vivos, é um “suplemento de realidade” e um intensificador da existência (Ferreira, 2010; Ortega, 2008). Para muitos há uma perspectiva positiva associada à dor, que se encontra no facto de fazer os sujeitos ‘sentirem-se vivos’, o que torna a experiência viciante, e aqui há espaço para reflexão... Será a dor que é viciante, serão as marcas corporais, ou serão os efeitos pessoais e sociais das marcas corporais? Apostaríamos mais na terceira opção ao compreendermos que a dor acaba também por ser gratificante, na medida em que quanto maior ou mais extrema é a marca corporal, maior é o troféu de coragem que carregam e exibem ao mundo. Neste sentido Ferreira

(2010), refere-se às MC até como uma prova moral pela coragem e resistência demonstradas, às quais se acresce a capacidade de indiferença e protagonismo face ao julgamento negativo dos outros. Assim, dor e risco são compreendidas como dimensões essenciais para valorização simbólica e social das experiências de MC.

Quando Le Breton (2004, p.112) refere que actualmente não se verifica a necessidade de mostrar indiferença à dor, os resultados por nós encontrados apontam outras possibilidades. Os próprios usuários fizeram referência às suas tentativas de auto-controle para não manifestarem dor, e os profissionais quando questionados consideraram que aguentar a dor era uma característica que distinguia um bom cliente. Talvez não se trate de uma exibição de virilidade, estoicismo no caso masculino, ou de resistência e dignidade em ambos os sexos mas do contrário, a manifestação de dor é motivo de “vergonha” (Ferreira, 2010) porque o sujeito sabe para o que vai e a sua colaboração com o profissional é essencial, como tal é suposto comportar-se devidamente. Mesmo sendo a dor uma experiência inteiramente subjectiva não se esperam grandes manifestações por parte dos clientes.

A variação da intensidade da dor em função da localização da MC referida por ambos os grupos é confirmada pelo autor Le Breton (2004, p.112) bem como a sua desvalorização. A dor perde poder em função da vontade de metamorfosar o corpo, tal como justifica o usuário 18 quando expressa que ‘Sem dor/ esforço não se consegue nada’. A dor é apenas uma barreira para aceder à meta, uma vez que ‘*no pain, no gain*’ (usuário 9 e profissional 22). A dor é igualmente percebida como componente obrigatória para que se “autentique expressivamente a sua subjectividade” (Ferreira, 2010) e para a apropriação do corpo (Nolasco, 2006). Deste modo, quando o sujeito compara o antes e o após da intervenção do modificador corporal, a dor passa para um segundo plano, mas não deixa de marcar a intensidade da experiência, fica gravada na memória como inerente à marca, à mudança. “A dor ainda que não protagonista, contribui também para a construção simbólica da excepcionalidade do momento” (Ferreira, 2006, p.274).

Outra forma de desvalorizar a dor é associando-a à estética pois “é preciso sofrer para se ser belo” (Le Breton, 2004, p. 115). Tal relembra-nos o autor e repete um dos sujeitos da nossa amostra: ‘a beleza como se costuma dizer tem as suas dificuldades. A dor é uma delas’ (usuário 19).

Na presente amostra e provavelmente devido à rapidez do acto, apenas encontramos no *piercing* a dor associada a uma experiência de adrenalina. Elementos da nossa amostra referem: ‘sinto uma adrenalina tal da picada’ (profissional 10), ‘vivo a dor como adrenalina’ (profissional 40), o que segundo Le Breton (2004) poderá estar associado a actividades de *stress seeking*. Contudo, há outras emoções envolvidas nas experiências de MC que justificam a euforia das endorfinas. Referimo-nos às emoções associadas à antecipação da dor e às expectativas sobre a mesma, tais como nervosismo, ansiedade, angústia, *stress*, receio, preocupação, apreensão, etc. (Ferreira, 2010). As MC envolvem intensas emoções físicas e psicológicas às quais é possível associar o conceito de *Flow* (Csikszentmihalyi, 1998) que remete para uma experiência óptima durante a qual os sujeitos estão completamente absorvidos, e neste caso focalizados no corpo e nas sensações, sentindo-se fortes, alerta e no auge das suas capacidades (Pérez, 2006), como confirmam os seus discursos: ‘vivo e vivi essas mudanças com felicidade’ (profissional 39), ‘fortaleceu-me de algum modo’ (profissional 10), ‘sentir que tenho esse poder sobre mim’ (profissional 6), ‘sinto-me realizado cá dentro’ (profissional 21).

Le Breton (2004, p.113) faz também referência à dor também como “uma troca paradoxal entre cliente e o tatuador, é ao mesmo tempo consentida por um e infligida pelo outro. Um laço subtil é assim criado (...)” entre os dois. Na inscrição corporal simultaneamente ocorre um exercício artístico e uma conduta que envolve riscos (Ferreira, 2008). O risco é uma realidade inerente à travessia de metamorfose corporal, não apenas física mas também subjectiva através da exploração dos limites pessoais, há uma “transgressão consentida” que permite explorar também os recursos identitários (Ferreira, 2006).

Antes de se chegar à marca na pele há todo um processo de concepção da mesma, idealização e imaginação que envolve diferentes emoções, conteúdos subjectivos e expectativas, e é à figura do profissional que compete a sua materialização (Pérez, 2006). O seu papel passa por ajudar o sujeito a definir-se, traduzindo os seus gostos e ideias em marcas que o identifiquem, concretizando o imaginário do cliente por meio de uma relação de permanente negociação e colaboração entre expressão pessoal e respeito pela subjectividade e possibilidades técnicas e artísticas (Ferreira, 2008). Logo, facilmente se compreende que a interacção entre ambos seja um factor relevante, na medida em que o profissional muitas vezes actua como um “mediador do *self*” exteriorizando conteúdos pessoais até então reservados ao próprio (Pérez, 2006).

Contudo, a relação com o profissional de MC nem sempre adquire contornos tão profundos, pode simplesmente se definir como uma relação comercial de carácter financeiro, ou pode ser sustentada apenas pela qualificação do profissional e por fim, concretizar-se numa relação de cumplicidade. Esta qualidade da relação com o profissional, do contacto a quem se entrega o corpo para um acto à partida irreversível, vai influenciar a forma como a experiência é vivida e recordada e a valorização da própria MC (Le Breton, 2004). Através da penetração na pele, há uma intimidade partilhada e marcada que cria entre os sujeitos uma ligação perene (Pérez, 2006).

Percebemos, deste modo, que os profissionais de MC têm um papel incontornável na qualidade da experiência de modificação corporal vivida pelos seus clientes, ou seja, que a sua postura e atitude influenciam a forma como a dor, embora subjectiva, é vivida, interpretada e recordada por quem lhes passa literalmente pelas mãos.

Vestimos agora a “pele” dos profissionais, para perceber que estratégias estes utilizam na hora de lidar com a dor dos seus clientes. Esta dor é inerente aos processos de MC e como tal, também um factor acoplado ao serviço que prestam, “porque o traçado da marca implica um estrago na carne” (Le Breton, 2004, p.111). Assim, a experiência de MC envolve a realização de traumas no corpo e, neste sentido, a dor é uma presença assídua e constante.

Verificou-se no grupo um consenso generalizado entre profissionais quanto à importância e necessidade de falar abertamente sobre a dor com os clientes. Segundo Sanders (1995), os profissionais de MC geralmente tentam relaxar o cliente, oferecendo uma descrição simples e directa quanto à presença da dor. No discurso dos profissionais entrevistados, não se verificaram tentativas de ocultação ou de minimização de referências à dor física, antes pelo contrário, privilegiaram o aviso explícito, por vezes optaram até pelo exagero como nos transmite um dos sujeitos, “digo-lhes que é a pior coisa do mundo” (profissional 15), mas nunca omitem a experiência da dor, embora esta seja inteiramente subjectiva e vá depender de vários factores que mais à frente especificaremos.

É importante para os profissionais que os clientes percebam que é necessário passar pela dor, ultrapassar esta barreira, para a obtenção da marca corporal almejada. Porque tratando-se de práticas invasivas, a dor e o risco não são dimensões

prescindíveis na sua valorização simbólica e social (Ferreira, 2010). E, mais importante do que fugir à dor, é integrá-la de forma positiva na experiência (Le Breton, 1995, 2004). Neste sentido, os profissionais tentam que os seus clientes aprendam a valorizar a dor física como móbil da acção (Ferreira, 2010), para além de que, “se lutarem contra uma modificação corporal, ela torna-se uma experiência horrível e negativa” (Fakir, s/d cit in Heuze, 2000, p.34).

A grande maioria dos profissionais acredita que a dor de um MC é uma dor suportável, não só a nível físico mas também porque se trata de um sofrimento justificado, ou tal como já foi mencionado anteriormente, é uma dor com(n)sentido (Ferreira, 2010). Esta compreensão das experiências de MC é transmitida de profissionais para clientes, resignificando a dor com um carácter positivo e construtivo:

A dor “é sublimada pelo processo que acompanha, a metamorfose que anuncia, a satisfação de cumprir por fim uma acção longamente esperada, acentua mesmo o valor tornando-a durante muito tempo um momento de excepção um vez que se trata de modificar definitivamente a forma ou a aparência do corpo e por outro lado aceitar corajosamente a dor sem se deixar derrubar” (Le Breton, 2004, p.113).

Para Sanders (1995) a dor é a principal preocupação dos clientes que vêm pela primeira vez, e a questão “Se vai doer?” é também a mais comum.

“A situação de marcar o corpo, seja na sua versão *body piercing* ou tatuagem, é um complexo evento físico, psicológico e social. Sendo uma rotina produtiva para o profissional que a executa, a feitura de uma marca é, porém, um momento de excepção para quem a recebe no corpo, sobretudo quando se trata da primeira vez” (Ferreira, 2010, p.236-237).

A primeira vez foi também identificada por alguns dos profissionais entrevistados como um momento especial e, para que fique marcada na memória e na pele dos clientes como um episódio recordado com satisfação, requer por parte de quem presta o serviço um esforço e atenção redobradas no sentido de tornar a experiência de MC o mais positiva possível, tal como confirma Ferreira (2006):

“Entre as novas clientelas dos estúdios de tatuagem e *body piercing*, por sua vez, a situação de marcar o corpo implica muito habitualmente uma situação de tensão pelo receio da dor infligida, o que exige da parte do profissional quer uma aprendizagem sobre as várias formas de melhor lidar com os medos e ansiedades do cliente, no sentido de

atenuá-los, de controlá-los, tentando introduzir na sua *performance* e na estrutura da situação de interacção elementos de relaxamento, evasão e distração, de confiança mútua, de intimidade e de conforto físico.” (p.536)

Perante o vazio legislativo no domínio das MC, uma situação já explanada no domínio teórico, é da responsabilidade dos profissionais, e depende bastante das suas competências, a qualidade da informação que transmitem aos clientes. Concluiu-se na presente investigação, que explicar o processo de MC passo a passo, é uma estratégia que reduz a ansiedade provocada pelo desconhecido e por outro lado, também demonstra ao cliente que o profissional domina o procedimento, o que é tranquilizador para o mesmo. Le Breton (2004) sublinha a importância da disponibilidade do profissional para o esclarecimento de dúvidas, explicação dos processos de intervenção e inclusive no aconselhamento ao cliente para obtenção de um resultado favorável para ambos.

Uma postura calma e confiante por parte do profissional é a chave tranquilizadora para a maioria dos clientes, à qual se associa uma característica determinante que é a paciência (Sanders, 1995), qualidade que os próprios profissionais apontaram como factor distintivo entre pares no universo profissional das MC.

Ainda neste domínio, para proporcionar maior tranquilidade e conforto possível, e na tentativa que se abstraíam da dor física, os profissionais tentam acalmar, relaxar e descontraír os seus clientes recorrendo à sua “voz da experiência” e conversando sobre temáticas que afastem a sua concentração da dor física (Ferreira, 2010). Como partilha um dos profissionais entrevistados a este respeito: ‘tento sempre acalmá-los e ser um pouco de psicólogo’ (profissional 29). Steward (1990, p.41) vai mais longe, ao perceber o profissional de MC como “psiquiatra, padre, melhor amigo, mãe, pai – ‘uma espécie de confessor do mesmo sangue’”. A “troca paradoxal” da exposição física conduz à vulnerabilidade e partilha da subjectividade. “Este momento de intimidade partilhada é muitas vezes um tempo de confiança para o cliente que se sente confiante e revela as suas dificuldades, os seus sonhos, os seus receios” (Le Breton, 2004, p. 220).

Por fim, a execução técnica é um factor determinante e que vai depender da qualidade do profissional (Ferreira, 2006, 2008), embora ‘a maioria já está ciente do que a espera, algumas técnicas na aplicação ajuda, mas todos estão aqui porque querem e

têm que estar preparados para o procedimento’ (profissional 36). A experiência de MC será tanto mais dolorosa em função da zona corporal, das competências do profissional, da qualidade do equipamento de trabalho, e da capacidade de resistência à dor do sujeito (Sanders, 1995). Portanto, se por um lado compete ao cliente estar preparado e determinado para a modificação, compete ao profissional ser exímio a nível técnico, de modo a assegurar o menor sofrimento físico possível e um resultado de extrema qualidade.

### **3.6. As MC na óptica dos profissionais...**

Os profissionais da presente amostra, baseando-se na sua experiência e no contacto diário com diferentes clientes, apontam como principal motivo para a realização de MC a intenção de marcar na pele conteúdos pessoais/ subjectivos, o que vai de encontro a diversas referências (Caliendo, Armstrong & Roberts, 2005; Vale & Juno, 1989). As marcas corporais podem representar momentos, fases de vida, acontecimentos especiais ou pessoas (Adams, 2007; Armstrong, Roberts, Owen & Koch, 2004; Sanders, 1995; Turtiainen & Oksanen, 2005) mas independentemente do seu significado, são concretizadas porque conservam na derme dos indivíduos memórias ou experiências associadas a determinados sentimentos (Brettel, 2002; Ferreira, 2009) que não se querem perder nem esquecer (Le Breton, 2004). Para o grupo de profissionais entrevistados, estes conteúdos pessoais que vão ilustrando os corpos são também registos autobiográficos (Ferreira, 2009; Turtiainen & Oksanen, 2005) pois através das marcas corporais o sujeito constrói a sua narrativa pessoal (Garcia, 2006) no corpo e através do corpo, que funciona como veículo de expressão pessoal e afirmação identitária (Domingues & Silva, 2008; Teixeira, 2006). As marcas são reflexos de identidade, tal como já tínhamos abordado no enquadramento teórico (Armstrong, Roberts, Owen & Koch, 2002; Atkinson & Young, 2001; Sweetman, 1999) ao exteriorizarem temáticas subjectivas (Loeck, 2010; Maroun & Vieira, 2008; Samper, 2007) e integrarem a construção do “Eu” (Le Breton, 2004; Loeck, 2010), ao mesmo tempo que vão assegurando um sentimento de segurança subjectiva e ontológica (Turtiainen & Oksanen, 2005).

Contudo, há sujeitos que recorrem às MC por motivos menos profundos e pessoais, como afirma o profissional 4: ‘acho que é estética mesmo pura, conheço muita

gente que faz tatuagens só porque está na moda, sem significado nenhum'. E é aqui que reside grande parte dos clientes, motivados por questões de moda, estética (Le Breton, 2006; Myers, 1992; Sanders, 1995; Souza, 2009), estilo ou afirmação visual, tendo as questões de imagem sido apontado pelos profissionais como o segundo principal impulsionar das marcas corporais. O que pretendem é deixar o corpo mais bonito, ter um visual mais atraente, com um estilo moderno que capte a atenção (Loeck, 2010). Estes clientes são aqueles que possuem um ou outro apontamento no corpo, não olham para as MC como “arte” nem pretendem adoptá-las como um estilo de vida, mas antes como simples marcadores de estilo (Sweetman, 1999). No lado oposto, encontramos aqueles que, tal como os anteriores, integram na sua concepção de beleza determinadas marcas corporais e sentem-se esteticamente atraídos por elas, mas não são motivados por “modas” nem concebem as MC como acessórios de beleza (Wohlrab, Stahl & Kappeler, 2007). Referimo-nos aos clientes extensivamente marcados, que concretizam projectos corporais através da MC, motivados pela auto-satisfação e realização pessoal. Nestes casos, as marcas corporais representam uma questão de fidelidade a si próprios, porque é através da MC que constroem a sua identidade e se permitem sentir confortáveis na própria pele (Courtine, 1995; Ferreira, 2006; Loeck, 2010). Muitas vezes isto só é conseguido através do afastamento da norma e da afirmação da diferença (Samper, 2007; Teixeira, 2006), ou seja pela adopção de uma estética dissidente (Ferreira, 2008) que consiste precisamente no oposto daquilo que move os sujeitos primeiramente descritos, movidos por “modas”.

Tal como se exemplificou a respeito dos projectos de MC, há sujeitos cuja motivação para modificar o corpo é interna, parte de dentro para fora, ou seja, reflecte uma decisão unicamente pessoal e relacionada com a forma como se veem e são vistos. Através das MC melhoram a relação com o próprio corpo, consequentemente a auto-estima e obtêm maior satisfação com a imagem (Ferreira 2006, 2007) efeitos estes, que retroalimentam os projectos de MC. Por outro lado, alguns sujeitos são movidos por influência de outros (Ferreira, 2006; Le Breton, 2004; Vilar, 2012), sejam eles outros significativos, celebridades ou figuras de referência. Este tipo de motivação, de *locus* de controlo externo, sustenta uma ou outra MC, mas não tem força suficiente para justificar

um projecto corporal, por isso este tipo de motivação de fora para dentro, não se aplica aos “coleccionadores<sup>78</sup>” (Ferreira, 2006).

Contudo, para os profissionais de MC os motivos que levam os seus clientes a marcar o corpo de “forma definitiva” não afectam directamente o seu desempenho profissional. Estes devem adoptar uma postura de interesse pela informação cedida pelo cliente para que o trabalho final espelhe a subjectividade do outro (Ferreira, 2008). No entanto, os conteúdos por detrás das marcas não interferem no seu ofício, a menos que questionem os seus valores ou ideologias e nesse caso o profissional pode recusar-se a prestar determinado serviço (Ferreira, 2006; Sander, 1995). Este assunto será retomado e abordado com detalhe posteriormente, na exploração do tema “Por detrás das marcas corporais...”.

Já a liberdade criativa cedida ao profissional é fulcral para a execução do trabalho, e é também a característica dos clientes mais apreciada: ‘um bom cliente é alguém que deposita confiança em ti e deixa-te trabalhar’ (profissional 31). Trata-se de deixar o profissional personalizar a proposta do cliente (Sanders, 1995) de acordo com o seu estilo (Ferreira, 2006) ou com as alterações técnicas e estéticas que considera mais favoráveis, mas para o poder fazer é necessário que o cliente confie no profissional e no seu trabalho, e é nesta margem de segurança que os profissionais entendem o tal espaço cedido para os “deixarem trabalhar”. Isto só é possível quando o cliente está informado, conhece bem o trabalho do artista, fez uma escolha intencional e confia-lhe o seu corpo. Este tipo de trabalho é eleito pelos profissionais e tem como objectivo para ambas as partes a procura de originalidade, aceder a uma marca única que faça sentido para o cliente (Ferreira, 2006; Sanders, 1988) pelo que nunca se baseia em desenhos de catálogo ou na reprodução de outros trabalhos. O que se pretende é singularidade e unicidade.

Neste sentido, para “deixarem trabalhar” os profissionais, os clientes têm que ‘saber ouvir quem percebe daquilo’ (profissional 2), ‘ser bom ouvinte é o principal’ (profissional 22), ‘porque muitas vezes eles têm um monte de ideias que pode funcionar na cabeça deles mas na pele ou no papel até não funciona’ (profissional 1), logo um bom cliente tem sempre em conta a opinião do profissional, consciente de que é o

---

<sup>78</sup> Expressão que descreve a trajectória de marcação corporal que dá origem a muitos projectos corporais (Ferreira, 2006).

melhor para si. Porque se faz parte das características do bom profissional expor sempre a sua opinião técnica aconselhando o cliente para a obtenção do melhor resultado possível (Le Breton, 2004), é papel do cliente ouvir, respeitar e aceitar a opinião do especialista e sobretudo seguir todos os conselhos, antes, durante e após a intervenção, pois os cuidados *aftercare* são totalmente da responsabilidade do cliente e são decisivos para a qualidade do resultado final (Le Breton, 2004; Sanders, 1995).

Como tal, a postura do cliente deve ser de colaboração com o profissional e de envolvimento no processo de MC (Sanders, 1995).

“O ritual de marcação corporal não é solitário e autónomo, mas implica um trabalho de intersubjectividade (...) um suporte vivo do qual o agente perfurador não é proprietário, concede ao cliente um lugar central enquanto inevitável participante em todo o processo que subjaz à sua produção, desde o acto da respectiva encomenda, à sua conceptualização projectual, nos motivos iconográficos, cores, dimensões e zona corporal a inscrever” (Ferreira, 2006, p.547, 548).

Assim, fazer perguntas, tirar dúvidas, mostrar interesse, procurar informação é envolver-se no processo. Por sua vez, adoptar uma postura de colaboração pressupõe um trabalho conjunto com o profissional desde o início do processo e em todas as etapas, bem como o cumprimento rigoroso de todas as indicações cedidas pelo profissional e a adopção de um comportamento que facilite o seu desempenho. Quanto a esta última referência, os profissionais valorizam os clientes que aguentam bem a dor (Sanders, 1995), não por serem considerados mais fortes, até porque para além da dor ser uma dimensão subjectiva, a sua intensidade vai depender também da localização da intervenção, das competências do profissional e da qualidade do material/ equipamento utilizado, mas no sentido em que a postura estável e tranquila do cliente facilita a execução adequada do trabalho e determina a qualidade do resultado final (Sanders, 1995). O bom cliente, é então aquele que ‘aguenta o processo’ (profissional 10), ‘pode-se queixar mas não mexe’ (profissional 15), ‘não faz fitas’ (profissional 4), e ‘que se comporta em condições’ (profissional 6), como pudemos retirar dos discursos da nossa amostra.

No grupo analisado preferem-se também os clientes que entram no estúdio com determinação, com certeza do que gostam e do que querem, ou seja, que sabem para o que vêm e que estão prontos para modificar o corpo (Sanders, 1995). Portanto, saber o

que se quer é uma característica que os profissionais apreciam nos clientes mas que pressupõe algum trabalho de casa. É preciso um bom nível de informação por parte do sujeito antes de chegar à loja para ter a certeza do que quer e do que gosta e deste modo conseguir transmitir essa informação ao profissional, trazendo referências daquilo que pretende. A determinação vai depender muito se o sujeito conhece o *portfólio* do profissional, o seu estilo e o seu trabalho (Le Breton, 2004; Pérez, 2006) que é a única forma de se desenvolver uma relação sustentada pela confiança, que permita chegar às cedências inerentes à liberdade criativa que potenciam qualquer trabalho. “Uma tatuagem de Ed Hardy, de Tin-Tin, de Bruno ou de Ly Tuttle, uma modificação corporal de Lukas Zpira ou de Crass, uma escarificação de Emma ou de Raelyn Gallina classifica o indivíduo, inscreve-o de imediato no pináculo da cultura das marcas corporais” (Le Breton, 2004, p. 216).

Neste sentido, é mais fácil e significativo para os profissionais lidar com sujeitos que compreendem as MC como uma “arte” (Adams, 2007; Pires, 2005; Silva, 2007) e que entendem as marcas corporais como um investimento no corpo. Este tipo de postura é gratificante porque revela respeito pelo ofício e pelos artistas. Por isso, um bom cliente não vai discutir, regatear, reclamar ou chorar preços, como explica o profissional 1 “porque é assim, uma pessoa que perceba de arte, e alguma coisa de tatuagens, sabe que isto é uma arte e que tem o seu preço”. A não discussão de preços pressupõe o respeito e o reconhecimento tanto do ofício como do profissional, e a consciência que as condições de segurança e higiene também têm os seus custos (Ferreira, 2006). Assim, “mau cliente é aquele que chega e quer saber preços sem saber condições” (profissional 37), uma postura que revela desrespeito por si próprio e pelo profissional de MC (Sanders, 1995). Por oposição, um bom cliente é aquele que consciente de todas estas particularidades procura qualidade (Le Breton, 2004) em todas as vertentes, artísticas, técnicas e sanitária, independentemente do preço.

Obviamente que a postura e o comportamento distinguem todos os sujeitos em qualquer ocasião. Como tal, respeito, educação, simpatia e cordialidade são características igualmente apreciadas pelos profissionais nos clientes que os procuram. Por fim, o melhor cliente é o que sai satisfeito do estúdio e fica fidelizado com determinado profissional, tal como exprimem os sujeitos 10 e 11, respectivamente: ‘não se arrepende do que faz, paga e volta’, ‘vai satisfeito, fala bem do trabalho e volta’, esta é a melhor recompensa que um profissional neste domínio pode obter, para além de ser

publicidade gratuita (Sanders, 1995). Nestas circunstâncias, quando se desenvolve uma tal relação de fidelidade com o profissional caracterizada pela procura continuada dos seus serviços, ocorre conseqüentemente a transformação das MC no formato de um projecto corporal cuja coerência estética se encontra salvaguardada pelo trabalho de artisticidade mútua, resultado da intersubjectividade construída entre ambos ao longo dos seus diferentes contactos (Ferreira, 2006, 2008; Sanders, 1989).

Embora não haja grande discrepância entre a postura e comportamento esperado por parte dos profissionais de tatuagem de 1974 em relação aos seus clientes e os resultados obtidos com os nossos profissionais de MC, a título de curiosidade apresentamos as cinco dimensões consideradas na tipificação de clientes de tatuagem de 1974 (Mennerick cit. in Sanders, 1995): 1) Facilitação do trabalho e 2) Controle – são equivalentes às dimensões descritas pelos profissionais entrevistados, quando se referem à necessidade de uma postura de colaboração e envolvimento por parte dos clientes, bem como à questão da liberdade criativa e do saber ouvir, que encarregam o profissional pelo domínio do processo; 3) Ganhos/lucro – esta dimensão não foi encontrada na nossa amostra, possivelmente porque os profissionais actualmente já percebem que mesmo os trabalhos mais pequenos e como tal financeira e artisticamente menos compensatórios, podem no futuro conduzir a uma relação de fidelização, ao mesmo tempo que significam sempre publicidade gratuita. 4) Perigo e 5) Aceitabilidade moral – são dimensões que claramente integram as características de postura e de comportamento de cordialidade, respeito e educação descritas pelos profissionais em relação a si e ao seu trabalho. Contudo, concluiu-se que hoje, esperam-se mais certezas por parte dos clientes, o que por sua vez exige um trabalho de pesquisa prévio, que ao ocorrer facilita o entendimento entre os protagonistas e o desenrolar de todo o processo de forma mais dinâmica e satisfatória para ambas as partes.

### **3.7. Por detrás das marcas corporais...**

No nosso estudo, a preocupação com questões de saúde e higiene é uma realidade muito presente na decisão de marcar definitivamente o corpo, tal como transparece no discurso de dois dos sujeitos da nossa amostra: ‘Sim, em primeiro lugar é a minha saúde (...) depois a arte’ (profissional 29), ‘nada é mais importante do que a vida’ (profissional 37). E, no sentido de reduzir a ansiedade inerente a estas dimensões,

os sujeitos tendem a investigar previamente os riscos para a saúde dos procedimentos de MC que pretendem realizar, bem como as condições de higiene oferecidas pelo estúdio por si eleito (Le Breton, 2004; Pérez, 2006). Procuram avaliar também a conduta dos profissionais (Pérez, 2006) através da confirmação de que as normas gerais de higiene e segurança são respeitadas e de que o material utilizado é descartável e/ou esterilizado (Le Breton, 2004).

Para garantir a sua segurança e satisfação procuram os melhores profissionais do meio, tal como explica o usuário 17 - '(...) ganhou várias convenções internacionais, sabia que à partida estava em boas mãos - ou seja, profissionais reconhecidos. A investigação da qualidade do trabalho do profissional (Le Breton, 2004; Pérez, 2006) ocorre através da consulta do seu *portfólio*, e a avaliação da componente artística é mediada pelo estilo pessoal que o caracteriza. “O facto de ser um trabalho único e executado por um profissional já reconhecido pela singularidade do seu estilo, mesmo que habitualmente não assinado, concede uma aura singular, uma mais valia artística ao corpo que o transporta” (Ferreira, 2008, p. 98).

Na preparação para a realização das MC, a relação preço-qualidade é um factor que também é tido em conta e sobre o qual a expressão “o barato sai caro” se aplica. ‘Não me deixo levar por preços baratos, se é caro, é porque estás a pagar alguma coisa, como material esterilizado, local limpo e etc.’ menciona o usuário 9 a este respeito. Verifica-se neste meio (das marcas corporais), a consciência generalizada de que um bom trabalho não pode ser “barato” (Ferreira, 2006) porque para além da “mão de obra”, exige criatividade e originalidade por parte do profissional (Ferreira, 2008), bem como a disponibilização dos materiais e procedimentos que salvaguardem a saúde dos clientes.

Neste sentido, no grupo de sujeitos “escutados”, a escolha do estúdio para a concretização da sua marca corporal tendencialmente envolve o reconhecimento prévio de várias instalações e o contacto com diferentes profissionais até que encontrem um local que seja do seu agrado e confiança (Le Breton, 2004). “Sendo assim, a eleição depende, em grande medida, da impressão que a pessoa venha a ter do lugar. Também são levadas em consideração as recomendações feitas por amigos, familiares ou conhecidos” (Pérez, 2006, p. 184). Funciona muito pelo ‘nome na praça’ (Usuário 21), ‘funciona muito boca a boca’ (Usuário 30), os estúdios com melhores referências são tendencialmente os mais procurados.

Os sujeitos procuram aconselhar-se e obter informações quanto aos riscos de saúde das MC e sobre as condições de higiene oferecidas pelos estúdios, através do contacto com outros profissionais dos quais muitas vezes são próximos ou até amigos, e de pessoas conhecidas no meio das MC (Le Breton, 2004; Pérez, 2006). Tal como já foi mencionado, procuram também encontrar profissionais e estúdios de referência, “considerando que grande parte da reputação e publicidade do profissional é construída no ‘boca a boca’ difundido num círculo restrito de relações” (Ferreira, 2008, p. 101).

Como confirmámos, a qualidade e competência do profissional revela-se uma das principais preocupações dos sujeitos na preparação para a realização das suas MC (Le Breton, 2004). Neste sentido, passamos a destacar as características que segundo a nossa amostra, distinguem um profissional exemplar neste domínio.

A postura do profissional de MC deve-se destacar pela simpatia, educação, humildade, descontração e sobretudo paciência, e a sua atitude deve transmitir ao cliente segurança e confiança (Sanders, 1995). “A generosidade, a qualidade da presença, a disponibilidade, o escutar são unanimemente saudados e alimentam a reputação do profissional” (Le Breton, 2004, p. 105). A relação com o cliente, por sua vez, deve ser pautada por respeito e sinceridade, é dever do profissional deixar o cliente confortável e tratá-lo com empatia.

“Perceber de maneira empática é perceber o mundo subjectivo do outro ‘como se’ fôssemos essa pessoa – sem, contudo, jamais perder de vista que se trata de uma situação análoga, ‘como se’. A capacidade empática implica, pois, em que, por exemplo, se sinta a dor ou o prazer do outro como ele os sente, em que se perceba sua causa como ele a percebe (isto é, em se explicar os sentimentos ou as percepções do outro como ele os explica a si mesmo), sem jamais se esquecer de que estão relacionados às experiências e percepções de outra pessoa.” (Rogers & Kinget, 1977, p.179)

Ou seja, o profissional deve tratar o cliente como gostava de ser tratado, “quando a convivência falta, a alegria da MC dissipa-se. A má memória do momento anula mesmo a perfeição da obra realizada” (Le Breton, 2004, p. 107).

Desta forma, a qualidade do atendimento vai depender muito das capacidades sociais e de relacionamento interpessoal do profissional. Uma condição destacada pelo profissional 2 na seguinte afirmação: ‘Se não souberes lidar com as pessoas vais ter

imensas dificuldades em ser muito bom... não tecnicamente, mas conhecido e procurado'. Saliente-se que a relação com o cliente não termina quando o serviço acaba, pois o bom profissional é aquele que acompanha a evolução da MC e se disponibiliza a receber o cliente quando o processo de cicatrização não ocorre como o previsto. Contudo, o sucesso das intervenções não depende só dos profissionais, e parte da responsabilidade está no *aftercare* da MC. “No fim de cada intervenção, os clientes são cuidadosamente informados das precauções a tomar e levam a brochura que lhes lembra a conduta a adoptar para a melhor cicatrização possível” (Le Breton, 2004, p. 226).

Avançando na definição e caracterização do bom profissional de MC, podemos afirmar que no grupo de entrevistados impera a ideia de que se trata daquele que procura a satisfação do cliente, dá atenção ao seu pedido e esforça-se por corresponder às suas expectativas (Ferreira, 2008), mostrando alternativas sempre que necessário e assumindo como seu objectivo principal a satisfação e realização do cliente. Exerce o seu papel de especialista no domínio das MC, para que, de acordo com o pedido que lhe foi apresentado, se obtenha o melhor resultado possível dentro daquilo que é exequível e artisticamente aceite pelo próprio. “Acontece assim que os interesses comerciais dos profissionais estão em contradição com a sua ética pessoal ou com o que esperam da sua profissão. Rejeitam os pedidos quando lhes parecem excessivos, arriscando-se a perturbar a existência dos seus clientes” (Le Breton, 2004, p. 221). E, no sentido de melhor se perceber perante que situações os profissionais de MC recusam a prestação dos seus serviços, solicitámos a um dos entrevistados mais dedicados e disponíveis que nos esclarecesse as circunstâncias destas recusas. Segundo o entrevistado, no seu estúdio de MC, o que não quer dizer que seja uma prática generalizada, não recusam mas previnem para os riscos de saúde acrescidos das MC nos casos de gravidez, doença de pele e zonas que foram sujeitas a cirurgia. Advertem também para as tatuagens com nome de namorad(a)os ou marido/esposa, pelos motivos óbvios (Sanders, 1995). Acrescentando ainda que faz parte da sua ética profissional não efectuar MC a menores de 16 anos, e que dos 16 aos 18 apenas com termo de responsabilidade assinado pelos pais, embora não aconselhem a realização de marcas corporais definitivas numa fase em que o corpo se encontra em desenvolvimento e a personalidade em definição. Contudo, a bibliografia disponível aponta para outras dimensões, especificando o caso de clientes que se encontrem sob o efeito de álcool ou drogas (Ferreira, 2006; Le Breton, 2004; Sanders, 1995), estendendo-se o direito de recusa à concretização de trabalhos que vão

contra as suas ideologias ou definição de “arte” e “estética”, bem como dar continuidade a trabalhos de outros profissionais ou marcar definitivamente partes do corpo que envolvam ainda um grande comprometimento a nível social, como a cara e as mãos (Ferreira, 2006; Sander, 1995).

Para além da conduta ética, obviamente que a qualidade do trabalho distingue os profissionais de excelência, aplicando-se este princípio desde as competências básicas como tatuar, furar, cortar, desenhar, até ao perfeccionismo das suas acções e à originalidade e honestidade criativa dos seus trabalhos, ou seja, ao estilo pessoal (Ferreira, 2006, 2008) que distingue a prática de cada um e o torna reconhecido no meio. Actualmente, o profissional de MC “não é mais um simples ‘marcador de pele’, mas um profissional e um artista com reconhecimento social, enquadrado em uma categoria que poderia ser a de *expert*, verdadeiro especialista na matéria” (Pérez, 2006, p. 183).

Contudo, para ser considerado um bom profissional não basta “criar arte”. Na opinião dos nossos entrevistados é obrigatório que as instalações e as condições de trabalho sejam igualmente de elevado nível no que respeita à protecção da saúde dos clientes. Neste sentido, deve haver uma preocupação prévia por parte dos profissionais em saber se existe alguma condição de saúde que possa ser impeditiva da realização da MC pretendida pelo cliente, e preencher uma ficha pessoal com estes e outros dados para a segurança de ambas as partes. O estúdio deve ser um local asséptico (Le Breton, 2004; Ferreira, 2006, 2008) e os materiais utilizados, em função da sua natureza, devem ser esterilizados ou descartáveis e preparados sempre à frente dos clientes (Sanders, 1995). A higiene de trabalho é um factor determinante (Le Breton, 2004, Ferreira, 2006, 2008), sendo os maus profissionais caracterizados como aqueles que “[descuram] na segurança de higiene, limpeza, esterilização, contaminação cruzada” (profissional 12). A este respeito, faz parte também das competências de um bom profissional, informar e educar os clientes sobre as normas de segurança e higiene. Contudo, outras informações precisam ser transmitidas. Os clientes devem ser esclarecidos quanto ao tipo de MC que pretendem realizar e quanto ao processo da mesma, bem como quanto aos possíveis riscos de saúde. Compete ao profissional estar sempre disponível para esclarecer qualquer tipo de dúvidas, explicar o processo de cicatrização, a possibilidade de eventuais complicações e expor sempre a sua opinião técnica, aconselhando o cliente para a obtenção do melhor resultado possível (Le Breton, 2004).

“A obrigação de passar ao cliente a informação necessária acerca das precauções e procedimentos a ter com a sua nova marca, nomeadamente nos primeiros tempos, em que o processo de cicatrização se desenrola, no sentido de prevenir eventuais focos de infecção e ter a melhor cicatrização possível, são pontos de honra na sua prática profissional” (Ferreira, 2008, p. 90).

Por fim, ‘o bom profissional ama o que faz, o mau não sabe porque o faz’ como defende o profissional 13. A dedicação, o empenho, a “paixão” pelo trabalho (Le Breton, 2004), o investimento na renovação e aquisição de conhecimentos caracteriza a identificação pessoal destes sujeitos com a sua actividade profissional e consequentemente a satisfação e realização pessoal e profissional que daí advém e, desta forma distingue os melhores nomes no meio. Esta é pelo menos a percepção dos elementos por nós entrevistados.

### **3.8. EU – Profissional de MC, em Portugal...**

A imersão dos sujeitos na vertente profissional do universo das MC, geralmente ocorre a partir da prática incipiente de marcas corporais na pele de amigos corajosos ‘que se disponibilizaram para serem cobaias’, tal como refere o sujeito 22. Na grande maioria das vezes esta experiência ocorre em casa, longe das condições de higiene necessárias. Antes de avançarmos na caracterização da profissionalização dos sujeitos, considerámos pertinente aprofundar a situação anteriormente referida, que se pode considerar grave e eventualmente perigosa. O fácil acesso a produtos e fornecedores e a hipótese de comprar *kits* completos de tatuagem e perfuração pela *internet* contribuem para uma realidade de “descontrole” profissional (Souza, 2009). Com isto pretendemos reforçar que estes ditos “profissionais” não dominam as técnicas de MC, *asepsia* e *aftercare* necessários, pois não se qualificaram para executar estes trabalhos a não ser pela consulta de meios audiovisuais ou pela observação de outros profissionais. Estas são circunstâncias que colocam em risco a saúde dos que usufruem deste tipo de serviços, que não deixam de ser procurados pelo seu carácter gratuito ou de preço irrisório (Le Breton, 2004), na medida em que são efectuados por sujeitos sem experiência e como tal, representam oportunidades de aprendizagem para os mesmos.

Estas situações são muito comuns e questionam os “espaços de construção de prestígio” desta profissão (Souza, 2009), cujos verdadeiros representantes lutam há anos

para dignificar. Contudo, “numa área onde a legislação que regula este tipo de práticas é escassa, é relativamente fácil um qualquer iniciado encomendar o material necessário para tatuar ou perfurar a pele, e instalar-se por conta própria” (Ferreira, 2008, p. 90).

Por sua vez, o ingresso neste meio como aprendiz de MC é uma experiência totalmente diferente da anteriormente descrita prática incipiente de marcas, distinguindo-se logo por ser uma actividade não remunerada à qual os sujeitos se voluntariam e que pressupõe a concretização de todas as tarefas necessárias à manutenção dum estúdio de MC, em troca da aquisição de conhecimentos através da observação de um profissional mais experiente (Costa, 2003; Le Breton, 2002). Há muita procura por este formato de aprendizagem mas a oferta é muito reduzida (Le Breton, 2004). Entrar para o universo profissional das MC é um processo difícil, ‘é um mundo difícil de se entrar e se manter... custa imenso começar’ (profissional 2), por isso quando um sujeito é aceite como aprendiz está-se perante alguém que se pode considerar privilegiado.

O contacto próximo com meio das MC tem um papel determinante na opção por esta actividade profissional. Muitas vezes, o ingresso na vertente profissional das marcas corporais ocorre através de uma natural progressão do papel de usuário cujo à vontade com o meio e a inserção num círculo de amizades que partilha interesses comuns, constituído por adeptos e profissionais de MC, evolui no sentido de uma “paixão” que transborda a própria pele e culmina no exercício profissional da prática. Osório (2006, p. 28) ao descrever este processo de inserção no meio e estes sujeitos, primeiramente usuários, caracteriza-os do seguinte modo:

“Os ‘donos’ deste cosmo são os tatuadores, profissionais desta arte de embelezar a pele. Juntam-se a eles apenas alguns poucos interessados, normalmente extensamente marcados, com mais de dez tatuagens pelo corpo. Estes frequentaram os estúdios por tempo suficiente para aprender algo da prática.”

Muitas vezes embarcam nesta “viagem” como adeptos e consumidores fiéis de MC e terminam-na a modificar os corpos dos outros como sua actividade profissional. É uma passagem que permite o não comprometimento da distintividade individual e da expressão imagética do *self*, através da opção por um trabalho que sustenta este mesmo estilo de vida e que favorece a expressão e realização pessoal (Ferreira, 2006, 2008).

Compreendemos assim, que a anteceder a escolha desta actividade, verifica-se um fenómeno de identificação pessoal com este universo particular, tal como expressa o profissional 2 – ‘sempre foi uma paixão e um gosto pessoal’ – e que ao perspectivar-se como oportunidade de trabalho concreta, se traduz em sentimentos de satisfação, realização pessoal e profissional, tal como confirmam os sujeitos 13 e 29 respectivamente: ‘encontrei aquilo que sempre quis fazer e com o qual me sinto mesmo feliz’, ‘trabalhar com o que se gosta não tem preço’.

No entanto, as circunstâncias em que integram o universo profissional das MC podem variar. “Trata-se de novas formas ocupacionais surgidas em sectores do mercado de trabalho concernentes à mercantilização do corpo, à construção de estilo e à estimulação dos sentidos, que oferecem aos mais jovens novas e atraentes expectativas de emprego” (Ferreira, 2008, p. 72). Neste sentido, a entrada dos sujeitos neste universo pode ser intencional, resultado de uma escolha consciente e reflectida, como assume o sujeito 3, ‘despedi-me e com a guita do despedimento fui tirar o curso e não fiz mais nada a não ser *tattoo*’. Mas também pode ser consequência da realidade laboral portuguesa (Ferreira, 2006) ou seja, pode ser fruto da dificuldade em encontrar emprego. Tal como confirma Ferreira (2008, p. 79) “a hipótese de vir a tornar a sua paixão de consumo numa fonte de rendimento regular e proveitosa começa a vislumbrar-se, a dado momento das vidas destes jovens, como uma alternativa viável à instabilidade laboral, ao desemprego e ao emprego desconsolador”.

Para o adequado exercício das suas funções como modificadores corporais, os sujeitos precisam de adquirir conhecimentos teóricos e práticos em vários domínios. Para o efeito, o formato ideal, e qualificamo-lo desta forma por ser considerado o modelo mais credível pela maioria dos participantes, seria o já descrito processo de aprendizagem a ocorrer num estúdio sob supervisão de outros profissionais mais experientes, também conhecido por Método Clássico ou Tradicional.

“A proximidade com o mestre na sua actividade providencia ao jovem iniciado todo um conjunto de conhecimentos sobre as oportunidades financeiras e criativas oferecidas pelas actividades de MC que, de outro modo seria bastante difícil obter, não só nos seus aspectos mais técnicos, como nos aspectos mais logísticos” (Ferreira, 2008, p. 92).

Contudo, quando um profissional de MC aceita ficar com um aprendiz a seu encargo, este acto pode ser compreendido como uma forma de partilha de conhecimento e de assegurar o legado do seu trabalho, ou como estando a criar concorrência (Ferreira, 2008; Le Breton, 2004) que é a perspectiva mais comum. “Portanto, não é fácil encontrar quem queira aprendizes” (Osório, 2006, p. 96).

Também é possível descobrir sujeitos que nunca obtiveram nenhum tipo de formação específica, são auto-didactas na sua formação e aprendem sozinhos pela observação (Le Breton, 2004). Podem igualmente adquirir as suas competências por difusão no meio das MC enquanto adeptos e consumidores, ou através da prática de actividades relacionadas como tatuagens de *henna* e *body-paint*, bem como por meio da ligação às artes no sistema formal de ensino (Ferreira, 2006, 2008). “Daí muitas vezes estes jovens acabarem por renunciar à sua prévia carreira universitária, beneficiando, ainda assim, de todo um capital de formação visual e técnica importante no *métier* de tatuador” (Ferreira, 2006, p. 517). Neste sentido confirma-se que “hoje não chegam às profissões da marcação corporal apenas jovens com trajectórias de exclusão ou desajustamento social, situação típica no passado” (Ferreira, 2008, p. 94).

O método de aprendizagem por contacto indirecto com a prática, ou seja, através de livros e meios audio-visuais que permitam a aquisição de conhecimentos é essencial para todos os futuros profissionais, embora surja com maior urgência no caso dos auto-didactas que não possuem muito mais recursos. Como tal, acabam muitas vezes por procurar a orientação de um “mestre” ou o auxílio de outros profissionais, por sentirem falhas na sua formação e no seu trabalho. No que respeita por exemplo às MC mais extremas ou invulgares, geralmente os profissionais que delas se ocupam são os *body piercers*, embora não possuam qualquer formação técnica específica para exercer práticas dessa natureza. Para o efeito, recorrem a profissionais mais experientes, por norma residentes no estrangeiro, onde o domínio das MC se encontra muito mais evoluído, e inclusive muitas vezes pagam para se submeter às MC para poderem aprender através da observação detalhada dos passos do profissional, durante o processo de modificação a ocorrer no seu próprio corpo (Pereira, 2007). Quando não é no próprio corpo, o desenvolvimento de competências de MC ocorre pelo treino sistemático em “cobaias” cuja designação abrange tanto amigos que se voluntariam e não pagam pelo “serviço”, bem como a pele de porco sintética ou “couratos” (Pereira, 2007).

Segundo Ferreira (2006, 2008), dos tatuadores esperam-se competências estéticas e de ordem técnico-expressiva, bem como competências de ordem sanitária, comunicacional e empresarial. Dos *body piercers*, geralmente responsáveis para além dos *piercings* por outras MC como a *scarification* e o *branding* de carácter mais invasivo, são esperados conhecimentos teóricos de anatomia e o domínio de pequenas cirurgias, higiene hospitalar e primeiros socorros. No grupo em análise não se verificou esta marcada distinção na formação profissional. Os sujeitos que não tiveram oportunidade de usufruir do Método Clássico de aprendizagem e tiveram que optar por cursos e formações para a aquisição de conhecimentos, não se limitaram às suas condições de tatuador ou de *piercer*, mas antes às ofertas disponíveis e àquelas que economicamente conseguiam suportar. Realizaram formações em vários domínios como biosegurança, controlo de infeccção e higiene, primeiros socorros e acupuntura, bem como cursos de *body piercing* e de tatuagem. A duração destas ofertas formativas oscilou entre as oito horas até o período de um mês, o que comparativamente com o Método Clássico cuja duração foi situada num intervalo entre os 10 meses e os 2 anos, resultou em severas críticas por considerarem que num período de tempo tão reduzido a aquisição de conhecimentos é uma experiência inviável. Neste sentido, a opinião da maioria dos profissionais quanto à frequência deste modelo de aprendizagem é desfavorável, como é possível constatar através das suas palavras, ‘[é um] desperdício de dinheiro’ (profissional 8), ‘tatuar não dá para aprender em três dias’ (profissional 3).

Quando aprofundámos a sua opinião relativamente às ofertas formativas no domínio das MC em Portugal, a crítica estendeu-se a diferentes domínios. A oferta formativa foi considerada limitada ou nula, e a existente foi qualificada como “muito pobre”, “muito fraco”, “muito atrasado ainda” e “muito mal organizado”. Sobre este assunto Ferreira chama a atenção para o facto de que “o reconhecimento profissional do tatuador ou do *body piercer* não passa necessariamente pela obtenção de qualquer tipo de formação certificada, situação, aliás, praticamente inexistente no circuito (2008, p. 90)”, e também confirmada pela opinião dos participantes. Quanto à duração, e tal como já foi mencionado, salientou-se a forte crítica especificamente direccionada aos cursos de tatuagem de três dias, que foram severamente condenados a par com todas as ofertas formativas de duração inferior a seis meses. Todos os cursos com duração de horas ou de dias foram igualmente condenados e caracterizados como uma forma de

extorsão de dinheiro por profissionais gananciosos que sobrepõe os interesses monetários à saúde dos clientes e à qualidade dos trabalhos prestados.

Por sua vez, os profissionais também não obtiveram uma avaliação favorável tendo sido considerados formadores inaptos: ‘a maior parte é feita por tatuadores e *piercers* que não são bons profissionais’ (profissional 12), ‘são pessoas sem preparação nenhuma’ (profissional 36), ‘são esteticistas e centros de estética’ (profissional 1). Como consequência do acima descrito criam-se maus profissionais, o que se vai reflectir no trabalho que os clientes eternizam na pele. Uma situação relevadora de muita “falta de consciência” (profissional 37) por parte de todos os envolvidos, como refere um dos profissionais entrevistados.

Contudo, a procura por formação para a profissionalização no domínio das MC não pára de crescer, mas nem por isso o acesso a este universo se tornou mais fácil. Situação descrita pelo profissional 8, ‘cada estúdio só quer um aprendiz e seria para aí 20 pessoas por estúdio a querer formação’ e colmatada pelos profissionais 3 e 5 respectivamente, ‘este ramo é assim ninguém quer ensinar nada a ninguém’, ‘o mundo das MC ainda está muito fechado’. E para alguns dos entrevistados assim deve continuar. Ao se privilegiar o Método Tradicional ou Clássico como a única forma de aprendizagem, os “mestres” controlam de perto e com qualidade a formação de novos profissionais, e assim preservam a actividade profissional das MC como um campo fechado, controlado e corporativista (Osório, 2006). Acreditam que a disponibilização massiva de formação poderá banalizar a sua profissão, um risco calculado por muitos que não querem ver a sua “arte” descredibilizada, tal como defende o profissional 2 ‘se começa a aparecer cursos os miúdos todos vão para lá...e isto não é para todos!’.

Mas a opinião descrita anteriormente não é unânime, pois há quem considere diferentes necessidades. Ferreira (2010, p. 244) refere “a propósito da tatuagem e *body piercing*, uma forte ênfase na sua dimensão de conduta de risco, e consequentemente na necessidade de competências e disciplinas profissionais que acautelem a higiene e saúde pública”. Alguns sujeitos reforçam a necessidade de uniformização das ofertas formativas na área das MC, no que diz respeito aos seus domínios teóricos e práticos, à duração dos períodos de aprendizagem para a aquisição de conhecimentos relativos a cada MC e à criação de instituições específicas para o efeito. “As MC são sem dúvida uma arte mas também um comércio com um jogo de procuras e ofertas. Vêm a exigir

uma formação permanente dos profissionais por causa da sua incessante renovação” (Le Breton, 2004, p. 213). Na perspectiva destes profissionais, a uniformização dos processos de aprendizagem poderiam de melhor forma assegurar a saída de novos profissionais competentes, que são aqueles cuja avaliação da sua *performance* abrange tanto o “exercício estético” como a “conduta de risco”, o que pressupõe da sua parte um claro domínio de saberes de natureza clínica e sanitária (Ferreira, 2010).

Com isto, compete-nos deixar a ideia que quando se faz referência ao tradicional processo de inserção no meio das MC e conseqüente aprendizagem pelo Método Clássico, “está-se, efectivamente, diante de um mundo exíguo, com estratégias de fechamento que se pretendem estreitas, e onde se sente a forte presença de lógicas de competição, concorrência e rivalidade entre pares” (Ferreira, 2008, p. 93) e que com a uniformização da formação, esta realidade sofreria alterações profundas, pois as hipóteses de acesso a este meio considerado ‘fechado’ (profissional 5) e que ‘não é para todos’ (profissional 2) seriam incomparáveis às actuais, pelo que este fenómeno teria as suas repercussões que não seriam do agrado dos profissionais mais tradicionais.

Como já explanámos no capítulo cinco da presente dissertação, Portugal é um território por demarcar quanto à legislação para as MC, e teoricamente, neste domínio mostrou-se uma realidade incerta, frágil, desestruturada, que deixa a descoberto tanto profissionais como consumidores de marcas corporais. Na prática, ou seja, através das “vozes” dos profissionais entrevistados, deparamo-nos também com a evidência do vazio provocado pelo défice legislativo na área das MC. A situação é caracterizada pelos participantes como sendo globalmente negativa, e adjectivada como fraca, pobre e má. Reina um clima de insatisfação que se vê agravado quando comparam a situação portuguesa à de outros países, como a vizinha Espanha, Brasil e até dentro da própria Europa. Na impossibilidade de descrevermos detalhadamente a situação legislativa europeia e mundial quanto às MC, limitamo-nos a apresentar alguns dos progressos apresentados pelos países nomeados pelos nossos entrevistados, e que alimentam a sua insatisfação face à situação legislativa portuguesa.

Em Espanha a entidade reguladora é a *General Sanidad* e tal como no nosso país existem limitações quanto à comercialização e uso de níquel. Contudo, para determinadas regiões autónomas já se verifica a existência de legislação mais específica. Por exemplo, em Madrid, desde 2005 existem normas decretadas por lei para

as práticas de tatuagem, micro pigmentação, perfuração cutânea (*piercing*) ou outras similares de adorno corporal; na Catalunha, desde 2001 foram estabelecidas normas sanitárias específicas aplicáveis aos estabelecimentos de tatuagem e/ou *piercing*; nas Canárias, desde 2004 que se encontram regulamentadas as condições higiénico-sanitárias da actividade de tatuagem, micro pigmentação ou perfuração corporal (*piercing*), entre outras regiões e normas.

No Brasil, a entidade reguladora é a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), mas quanto a este país importa sobretudo destacar as várias tentativas de organização de uma entidade representativa dos profissionais de MC. Em 2010 surge o Sindicato de Tatuadores (SETAP-SP) que encerra pela falta de adesão e infraestrutura, uma vez que funcionava apenas com um presidente, *body piercer*, que ditava regras para o país inteiro. Actualmente existem pequenas associações regionais espalhadas pelo país, sendo este o principal modo de funcionamento, embora também exista desde 2014 a Associação dos Tatuadores e Perfuradores do Brasil (ATPB). Contudo, em contacto com alguns profissionais brasileiros, percebemos que existem muitas divergências de opinião com a associação e que esta não é encarada como um progresso no meio embora refiram que fora do Brasil as associações de profissionais de MC geralmente funcionem muito bem. Por outro lado, desde 2013 encontra-se em desenvolvimento a Associação Latinoamericana de *Body Piercing* (LBP) que reúne profissionais de vários países com diferentes mentalidades e parece estar a dar respostas mais favoráveis para representação do ofício e defesa dos profissionais e consumidores. Para além de uma organização representativa, que é uma das falhas fortemente apontadas pelos nossos profissionais, existe um Código de Ética Profissional dos Tatuadores e *Piercers* do Brasil, um documento da autoria de António Carlos Ferrari, Presidente do Sindicato das Empresas de Tatuagem e *Body Piercing* do Estado de São Paulo, que é outra prática igualmente desconhecida no nosso país. E deste modo, em Portugal, continua atribuído ao discernimento dos profissionais falar com os clientes sobre os riscos, os cuidados e as contra-indicações para a saúde das práticas de MC, entre outras questões éticas de igual relevo.

“Ainda que não institucionalizado, existe um conjunto de disciplinas implicitamente aceites entre os profissionais mais reputados no circuito da marcação corporal em Portugal, que vem a consubstanciar-lhes, tacitamente, um código de ética profissional. Inclui, sobretudo, regras do foro higiénico e sanitário, quer relativas

ao material e equipamento com que lidam quotidianamente, quer relativas aos direitos e deveres que enformam a relação do profissional com o cliente” (Ferreira, 2006, p. 535)

Apesar dos dados recolhidos por Ferreira em 2006, que indicam “dada a fragmentação, individualismo e competição que tende a caracterizar o mundo da marcação do corpo, ninguém é particularmente optimista sobre a viabilidade e a real eficácia de uma organização deste tipo” (p. 534), os participantes da presente investigação assumiram a necessidade de um órgão representativo dos profissionais de MC, um sindicato laboral, que imponha limites, faça cumprir as normas, que os informe, defenda, apoie juridicamente e aconselhe. Acresce-se a necessidade de formação, pois é preciso alargar o conhecimento nesta área, através da experiência de outros países, para que deste modo se possam tomar decisões informadas que conduzam a melhores resultados. Os profissionais assumem que uma quota parte desta ausência de estrutura e de organização possa ser da sua responsabilidade, e neste sentido propõem uma mudança de atitude corporalizada numa maior união e trabalho de equipa, com o intuito de dignificarem a sua profissão. Reconhecem ainda a necessidade de maior proactividade e responsabilização da sua parte na defesa dos seus próprios interesses, bem como maior envolvimento na defesa dos seus direitos e na legitimação da sua área profissional. Caso contrário, vão continuar a queixar-se da falta de profissionalismo e de condições, ou seja, da prevalência de profissionais amadores e estúdios caseiros, que para além de representarem uma competição desleal a nível económico, são um risco para a saúde dos clientes.

“Hoje, numa área onde não há qualquer tipo de legislação que regule este tipo de práticas e garanta aos clientes um trabalho sério (...) muitos profissionais destacam a questão da desregulação da sua actividade, e insurgem-se contra esse vazio legislativo em Portugal, onde qualquer um pode exercer práticas de marcação corporal sem o mínimo de competências e condições sanitárias.(...) As condições sanitárias e de assepsia em que as actividades são exercidas constituem, assim, um importante motivo de combate para inúmeros profissionais, preocupados com a má imagem veiculada por certos amadores aparentemente mais ciosos dos lucros que da integridade física dos seus clientes, a trabalhar em condições de higiene muito duvidosas, com equipamento suspeito, etc., situação que acaba por conotar negativamente a própria actividade.” (Ferreira, 2006, p. 534)

Contudo, o vazio legislativo presente permite este tipo de ocorrências. O panorama actual prejudica e dá pouca ou nenhuma credibilidade aos profissionais de MC ao não reconhecer legalmente a profissão. Este deveria ser um dos primeiros passos para reverter a actual situação do país neste domínio, tal como afirma um dos profissionais entrevistados (22): ‘era preciso dignificar quem trabalha e assegurar o consumidor’ legalizando a profissão. Enquanto este facto não ocorrer, tanto os direitos como as obrigações dos profissionais, são um território por demarcar.

Uma das principais queixas percebida no discurso deste grupo é relativa às entidades responsáveis. Convém reforçar que desde 2007, a ASAE (Autoridade de Segurança Alimentar E Económica) é responsável por fiscalizar e instruir os processos de contra-ordenação nos estúdios de tatuagem e *body piercing*, contudo verificámos uma séria confusão por parte dos entrevistados na atribuição de poderes e responsabilidades, tendo sido referidas várias entidades: ASAE, Governo, Inspeção da Saúde, Entidade para a Segurança e Higiene e as Finanças. Resume-se desconhecimento e incongruência dentro do grupo de profissionais entrevistados, mas mesmo assim, as suas queixas independentemente da entidade para a qual se dirigiam são válidas e, apontam no sentido da indefinição das práticas legais, como nos elucidam dois dos participantes: ‘Cada câmara faz as suas regras’ (profissional 15) e ‘Não existe nada de concreto e o que existe não é isento e trabalhado com profissionais desta área’ (profissional 35).

A respeito da entidade fiscalizadora, que legalmente é a ASAE, os sujeitos não acreditam que esteja a ser feito um verdadeiro trabalho de fiscalização para o controlo de qualidade dos serviços prestados, e para assegurar as condições de saúde e higiene. Pelo contrário, interpretam as acções e medidas tomadas pela entidade em causa, como uma forma de extorsão de dinheiro, como traduzem as suas expressões ‘caça à multa’ (profissional 15) e ‘só querem ganhar dinheiro’ (profissional 36).

Na ausência de fiscalização, de legislação e de um sindicato laboral, o facilitismo na abertura dos estúdios de MC é outra queixa apontada na presente amostra. Nestas circunstâncias, os nossos profissionais questionam-se como podem lutar contra os “maus profissionais” que trabalham em “más condições”, produzem maus resultados e, muitas vezes põem em risco a saúde dos que procuram os seus serviços. Este é um assunto sobre o qual é preciso reflectir também, nomeadamente se o Estado tem muita

responsabilidade no panorama descrito, se a falta de atitude dos profissionais tem contribuído para a manutenção desta situação, estas são conclusões assumidas pela nossa amostra. Contudo, não põem de parte a responsabilidade de todos os envolvidos no processo de MC, ou seja, os clientes.

“(...) não é do interesse de nenhuma das partes, produtores e consumidores, que haja razões para que se estabeleça qualquer espécie de desconfiança. Daí a urgência destes artífices na institucionalização de uma ética profissional, nomeadamente sob a forma de legislação, reguladora de competências e disciplinas técnicas e sanitárias, sujeitas a vigilâncias apertadas e sanções jurídicas.” (Ferreira, 2006, p. 534)

Seria de esperar que na procura dos serviços de MC os clientes priorizassem as questões de segurança e higiene face às económicas, fenómeno que nem sempre se verifica, e que nesse sentido alimenta as condições precárias e de risco em que amadores concretizam marcas corporais nos corpos dos outros. Da parte dos consumidores deveria desenvolver-se um papel mais activo neste domínio, pois é do seu interesse defender bons profissionais e boas condições de trabalho, porque os maiores beneficiados serão eles próprios. Para além disso, quanto mais pessoas se consciencializarem destas necessidades, maior a probabilidade de se obterem resultados que agradem aos verdadeiros interessados, profissionais e usuários de MC.

### **3.9. Pensar e usar o corpo de outro modo...**

Se as modificações corporais não *mainstream* por si só são fonte de controvérsia, geradoras de polémica e de cisão de opiniões, as suspensões corporais não lhes ficam atrás, sofrendo inclusive de um impacto social superior. “A prática de suspensão corporal aparece-nos como um fenómeno extremamente denso. Ela instiga um novo olhar sobre os fenómenos contemporâneos e as possibilidades de existência na chamada pós-modernidade” (Lírio, 2008, p. 66).

Por não se tratar de uma marca permanente, nem de um acessório ou jóia, “a suspensão corporal não consiste em mudança permanente, mas sim no estímulo de sensações por meio de um procedimento de perfurações temporárias” (Abreu, 2013, p.12), assim, despoleta uma panóplia de reacções e emoções por parte de quem já assistiu ao vivo, e de quem apenas ouviu falar ou teve contacto através dos media. Na

verdade e conhecendo a prática, toda a gente tem uma opinião pessoal e subjectiva a dar, contudo em termos teóricos e científicos o domínio das suspensões corporais na contemporaneidade é uma área ainda muito inexplorada.

No entanto, também é verdade que dentro do meio das MC, o “universo” da suspensão corporal se revela um meio mais fechado e circunscrito aos sujeitos que estão realmente envolvidos na prática de MC como estilo de vida (Lírio, 2008), tal como confirma Abreu (2013, p. 11):

“Praticada em sua maioria por pessoas que possuem estéticas um pouco mais extremas, como pequenas esferas implantadas sob a pele, escarificações realizadas com bisturi formando desenhos, tatuagens no globo ocular, e alargamentos extremos que vão desde lóbulos das orelhas até genitais, o ritual é parte de um conjunto de técnicas corporais diferentes das mudanças mais aceites na sociedade do século XXI.”

Este fechamento do meio explica, de certo modo, o desconhecimento social e científico actual neste domínio e contra o qual vários investigadores têm dirigido os seus esforços (Anthony Giddens, 1994, 1997, 2012; Beatriz Pires, 2001, 2005; Bianca Dias, 2014; Cláudia Souza, 2009; Daniel Lírio 2007; Gabriela Silva, 2007; Julyana Vilar, 2012; Nathalia Abreu, 2013; Rita Oliveira, 2007; Sara Silva, 2009, 2013; T. Angel, 2012), procurando ouvir activamente os praticantes e adeptos, com o intuito de expandir o conhecimento científico sobre a suspensão corporal na contemporaneidade.

Remetendo-nos aos dados da nossa amostra, profissionais e usuários de MC dividiram-se essencialmente em três opiniões quanto a esta prática: a opinião negativa, caracterizando a experiência de suspensão corporal como algo extremista e doloroso, motivos que justificariam a sua falta de interesse em experimentar tal ritual; a positiva, que é a opinião de quem compreende a suspensão corporal como uma oportunidade de progressão, alimentando expectativas positivas sobre esta experiência e curiosidade em experimentar; e, por fim, encontramos um conjunto de indivíduos que se descartam em dar uma opinião concreta, ao perspectivar a prática de suspensões corporais como uma responsabilidade individual, recorrendo para sustentar esta opinião ao ditado popular “A nossa liberdade termina onde começa a dos outros”, ao qual acrescentamos a expressão de um dos entrevistados sobre o assunto quando refere que “cada um sabe de si” (usuário 28).

A rejeição da prática é justificada de diferentes formas. Contudo, a maioria defende que considera a suspensão corporal uma prática *hardcore*, um acto demasiado extremo, exagerado e violento para o corpo. Lírio (2008) compreende e aceita esta posição, no entanto, e no papel de observador e investigador acrescenta outra perspectiva sobre a mesma experiência:

“Quando meramente nomeados, os actos de perfurar e puxar a pele indicam uma atitude bruta e violenta. No entanto, paradoxalmente, o modo, o ritmo, e o tom afectivo das intervenções, se bem observados, sugeririam, ao contrário, um profundo cuidado e, às vezes, até um carinho com o corpo do outro.” (p. 62)

Contudo, na amostra em investigação o desagrado prevalece e, as suspensões corporais são consideradas por alguns sujeitos como um ritual assustador, “poderá sentir frio na espinha, asco, enjoo, horror e repulsa” (Lírio, 2008, p. 66), associando-lhe inclusive características como masoquismo, mutilação, estupidez, ou definindo-as como uma prática sem qualquer propósito ou sentido. São perspectivas justificadas por Silva (2013), quando os sujeitos interpretam as suspensões corporais como uma ameaça à integridade física:

“Os rituais que descrevemos parecem causar nas sociedades contemporâneas um estranhamento que vai de encontro com o temor à morte, uma vez que esta colectivamente representa o convívio com polaridades que a princípio devem ser evitadas para a manutenção da ordem” (p. 34).

Outro facto que parece perturbar alguns dos entrevistados, é que ao contrário das outras MC, consideram que as suspensões corporais se afastam do conceito de Arte. Neste ponto, a opinião dos nossos sujeitos e as referências bibliográficas não se encontram, na medida em que a suspensão corporal pode acontecer com um carácter privado, apenas na presença dos profissionais e pessoas significativas e sustentada por motivos pessoais ou, tratar-se exclusivamente de uma apresentação performativa, pública, teatral, numa casa nocturna, numa convenção de tatuagens, etc. (Abreu, 2013; Dias, 2014; Oliveira, 2007; Silva, 2007). “Nesse caso, os olhares não são apenas dos iguais, a dor é encarada de uma outra forma e há uma perspectiva muito mais teatralizada e expressiva” (Vilar, 2012, p. 160).

“O corpo do suspenso dá-se a ver a uma plateia fascinada, produzindo um espetáculo de surpresas previsíveis: o sangue, a pele esticada, a levitação, a coreografia no ar. Na colocação e retirada dos ganchos, o fio vermelho de sangue e, com ele, uma enxurrada de câmaras fotográficas e filmadoras” (Lírio, 2008, p. 64).

Mesmo tendo um carácter performativo já assumido, para alguns a questão da componente artística das suspensões corporais pode ser dúbia, e nesse caso adiantamos recorrendo às palavras de Bourdieu (2007, p. 293):

“Entre todas as maneiras de entrar em lutas que devem ser apreendidas como lutas, do exterior, para serem objectivadas, a mais tentadora e irrepreensível é, sem dúvida, a que consiste em se arvorar em árbitro ou juiz, em resolver conflitos que não estão resolvidos na realidade, em ter, por exemplo, a satisfação de anunciar veredictos, de dizer o que é verdadeiramente o realismo, ou ainda, muito simplesmente, de decretar - e por actos aparentemente tão inocentes como o de incluir ou não este ou aquele produtor na amostra ou no corpus - quem é artista e quem não é...”

Centremo-nos agora na principal razão que sustenta a rejeição destes sujeitos em relação às suspensões corporais, e que deriva da caracterização desta experiência como sendo muito dolorosa, ‘imagino que deva ser uma dor maior do que fazer um *piercing* ou uma tatuagem’ (profissional 1) e sobre a qual, possuem igualmente expectativas negativas associadas à dor (T. Angel, 2012) e danos corporais, tal como expressa um dos sujeitos entrevistados, ‘tenho algum receio dos riscos de infecção ou a pele rasgar ou ficar com uma grande cicatriz’ (profissional 1). São estes os motivos que “jamais” permitiram a tais elementos aceitar uma experiência com estes contornos de superação física.

No extremo oposto encontramos os adeptos da prática, e neste sentido, aproveitamos para lembrar que embora todos os participantes tivessem conhecimento do que são suspensões corporais, e que a maioria já havia assistido ao vivo, ou possuía amigos praticantes; três dos sujeitos entrevistados já tinham sido suspensos corporalmente, outros três assinalaram no questionário, as suspensões corporais quanto às MC a concretizar no futuro, e um dos sujeitos referiu ter vontade de repetir esta experiência. A questão que se coloca é – “ O que é que estes sujeitos encontram de diferente nestas experiências, que os anteriores não conseguem compreender ou

aceder?"... E neste sentido, salientamos que a suspensão corporal obriga a “uma forma diferenciada de se pensar e usar o corpo” (Vilar 2012, p. 162).

Perante os dados obtidos, para quem nunca experimentou suspensões corporais, o interesse e a curiosidade partilhados são sustentados pelas expectativas (Lírio, 2008) de uma ‘experiência única’ (profissional 31), de uma ‘sensação única’ (profissional 1), que é uma característica encontrada na literatura referente à prática (Abreu, 2013; Vilar, 2012).

Ainda no domínio das expectativas, é comum associarem às suspensões corporais emoções de prazer (Oliveira, 2007; Silva, 2007) e gratificação. A experiência de suspensão corporal é idealizada como uma experiência óptima (Silva, 2007), o que é tão conseqüente às expectativas favoráveis já mencionadas, bem como ao interesse em através desta prática aceder a um nível mental e sensorial superior (Dias, 2014; Silva, 2009, 2007). Assim, o ritual de suspensão corporal, prática ou experiência como o leitor melhor entender, envolve discursos de superação física, mental (Abreu, 2013; Lírio, 2008; Oliveira, 2007; Silva, 2007, 2009, 2013) e de transcendência (Dias, 2014; Oliveira, 2007; Silva, 2007).

A suspensão corporal é percebida pelos seus apoiantes como uma experiência desenvolvimental, libertadora a nível físico e mental (Lírio, 2008) e como tal, uma experiência positiva. “A experiência de transpassar e penetrar o corpo é capaz de revelar camadas de subjectividades dos sujeitos que só podem ser alcançadas através de uma alteração dos estados psicofísicos do corpo” (Silva, 2009, p.27).

Segundo a descrição de um dos praticantes da nossa amostra, trata-se de uma “viagem mental” (profissional 26), é um teste de resistência física e psicológica, de superação de limites, um auto-desafio (Abreu, 2013; Lírio, 2008; Oliveira, 2007; Silva, 2007, 2009; Souza, 2009; T. Angel, 2012) no qual se espera que a capacidade mental supere a dor física. Daí as expectativas de aceder a outro nível mental e sensorial. Para melhor ilustrar o descrito, transcrevemos as palavras de quem passou pela experiência de forma positiva: ‘a suspensão foi para mim um ritual de conhecimento e superação mental (...) foi uma forma de me ligar mais à mente e desligar do corpo, de despertar (...) foi uma experiência agradável e reconfortante, algo que me tornou melhor, me deixou em paz comigo mesmo’ (profissional 26).

Por fim, e tal como já havíamos mencionado, há um grupo de indivíduos que se posiciona perante as suspensões corporais situando-as no domínio da responsabilidade individual. Neste sentido, adoptam uma postura liberal em relação à prática quando referem ‘tento ser espírito aberto’ (usuário 20) ou, ‘eu defendo a liberdade’ (usuário 26), a par com uma atitude de não julgamento como encontramos no participante 25 quando refere: ‘tento pensar que são gostos e não se discutem’. A adopção deste tipo de comportamento é também uma forma de demonstrarem o seu respeito pelos praticantes e pela actividade, que embora seja um domínio fora dos seus interesses pessoais consideram perfeitamente válido a partir do momento que faz sentido para outros e, conseguem perceber e aceitar as suspensões corporais deste modo.

Nesta segunda parte da presente dissertação apresentámos e discutimos os resultados obtidos através da escuta dos discursos de 40 participantes detentores de MC, acedendo desta forma às suas experiências, que fomos desconstruindo na nossa procura activa de significados. Revemo-nos pois, plenamente, no excerto de Blackman (2008, p. 22) quando a autora refere:

*"Thus, if we want to understand what it means to be human, we need to understand how the body is constructed through symbols, codes, signs, signifying activity and discursive practices".*

Das práticas discursivas encontradas, descritas e analisadas nesta segunda parte empírica, emergiu um leque de conhecimentos que não deixou de nos surpreender pela vastidão e diversidade de que se revestia, mas também pelos desafios e pelas inquietações que nos suscitaram.

É no entanto chegado o tempo de encerramento deste projecto no que à nossa descrição diz respeito, dando lugar à apresentação da sua conclusão, com a consciência de que, da nossa leitura, da re-escuta destas vozes ficou a nossa interpretação, a nossa re-construção das falas partilhadas, processo sempre aberto e continuamente disponível para construções alternativas.

**Debaixo da roupa estamos todos nus (Parte 3)**

As razões não são simples e são demasiado íntimas. Não tenho de dá-las. Talvez seja necessário ser eu, estar no meu lugar e ter o meu nome para entendê-las por completo. Essa é a natureza da pele. Para nós próprios, a pele é aquilo que nos protege, a fronteira entre a nossa presença e o mundo físico, o aparelho sensível que capta a percepção daquilo com que interagimos. Para os outros, essa mesma pele é a nossa superfície, a aparência. E, já se sabe, a aparência é tão enganadora, a superfície é tão superficial.

Também é comum admirarem-se com o carácter definitivo das tatuagens, perguntam-me se não tenho medo de me arrepender. Sorrio. Emociono-me com a inocência daqueles que não percebem que tudo é definitivo e deixa marcas. Eu escrevo livros. Sei que tudo é definitivo e nada é eterno.

Sim, dói fazer *piercings* e tatuagens. Não, não são uma picadinha e, não, não são umas cócegas. Para quê fazê-lo? Já respondi, cada um terá as suas próprias razões. São individuais e ninguém deveria sentir-se ameaçado por elas. Quando pedi a opinião da minha mãe, uma mulher que nasceu nos inícios dos anos quarenta e que me trouxe ao mundo nos anos setenta, ela respondeu: desde que não seja no meu braço, tudo bem. Fiquei feliz por ter a provação que realmente importava, Tudo óptimo, mãe, é no meu braço.

Além disso, a vida. Na escola do meu filho, sou o pai tatuado que passa entre os pais de fato. No supermercado, sou aquele que é vigiado pela segurança a pouca distância. No barbeiro, sinto o embaraço no momento de me tocarem na orelha. Mas, quando estaciono o carro, os arrumadores tratam-me sempre por tu e ninguém mete conversa comigo quando vou a uma bomba de gasolina às quatro da manhã.

Em casa, tomo banho. A água morna na minha pele. Deslizo as mãos pelo meu corpo. É meu. Estou dentro dele.

Em *Abraço (3ª edição)* de José Luís Peixoto (2011), página 334,335.



## CONCLUSÃO

Ao darmos voz aos discursos de um conjunto de sujeitos contemporâneos sobre metamorfoses corporais extremas acreditamos ter cumprido o objectivo da presente dissertação que se tratava de aceder às vivências daqueles que escolheram as modificações corporais como um modo de ser e estar na vida. Com este intuito, trouxemos para o espaço da discussão científica qualitativa, subjectiva e vocacionada para uma análise que se pretende rigorosa, uma temática que tem estado muito no registo do senso comum, da performance e da exibição mais ou menos pública, e consequentemente confinada, calada e predominantemente circunscrita a domínios considerados estéticos.

Ou seja, trouxemos para o espaço da reflexão científica um conjunto de conhecimentos produzidos por quem faz este tipo de modificações, tentando aceder aos motivos e às experiências subjectivas através de uma abordagem que se quis mais ampla do que o aceder aos simples porquês de semelhante opção ou escolha. Por trás disto está essencialmente uma tentativa de compreender os motivos, quais as consequências e todos os significados envolvidos que se associam a escolhas supostamente definitivas e que acompanharão o sujeito para a vida, escolhas para si e escolhas para os outros. Não podemos esquecer que ao mesmo tempo que o investigador recolhe informação é dada uma oportunidade ao sujeito de realizar uma autorreflexão, de refazer o seu percurso biográfico, de pensar sobre os seus valores, as suas histórias e as suas marcas, há uma troca que ocorre entre os dois, não temos que pensar no pesquisador como alguém que recebe sem dar nada em troca (Duarte, 2004).

Do ponto de vista científico a riqueza deste trabalho advém da especificidade que foi desmontar, requalificar, recodificar e categorizar o discurso de 20 usuários e de 20 profissionais de MC que se disponibilizaram a falar seriamente sobre as suas

experiências e sobre os significados subjectivos que elas poderiam assumir, criando dessa forma uma leitura alternativa do conhecimento partilhado por estes 40 sujeitos.

Parece-nos ter sido importante dar voz a estes dois grupos diferentes, usuários e profissionais de MC e distingui-los revelou-se tal como esperávamos uma boa opção. Isto porque, na análise de resultados do conteúdo diferencial dos discursos, se há pontos em que os grupos se cruzam, há pontos em que eles divergem e isto provavelmente tem a ver com a experiência de quem pratica contraposta à experiência de quem usufrui das marcas corporais, acrescentando-se ainda o facto de não termos conhecimento de que esta dimensão esteja presente noutros trabalhos no nosso país.

Ficámos com a noção que o contexto profissional das MC é um terreno muito frágil nas normas e nas regras que o definem e que isto pode ter consequências na saúde dos usuários, tal como está patente na discussão dos resultados. Estamos perante uma realidade pouco dignificante sobre a qual os próprios profissionais foram dando nota das dificuldades da prática do seu ofício num território legalmente não demarcado.

Do ponto de vista científico dar voz a estas pessoas foi interessante, pois acreditamos ter enriquecido a compreensão que temos destas experiências e abrimos leques no que diz respeito à sensibilização sobre as condições de trabalho e segurança.

Mas para além disto, o que nos interessou foi perceber a diversidade de razões, motivos, experiências, vivências que estão subjacentes à realização de MC extremas que normalmente são associadas à dor. Também se revelou interessante em termos de conclusão a dimensão que a dor assume. A dor é normalmente assustadora, mas compreendida como um meio e não como algo que nos surpreende foi algo que surgiu de uma maneira interessante nas vozes destes sujeitos.

As modificações corporais destacaram-se na presente investigação como marcas identitárias. Através dos projectos de marcação corporal os sujeitos podem construir a sua narrativa pessoal no corpo e através do corpo de um modo singular. Este é um processo reforçador da identidade que a confirma tanto para o sujeito como para os outros. O corpo marcado revelou-se assim uma superfície permanente de manifestação e realização pessoal, ao permitir ao sujeito a experiência do sentimento de si, no sentido da exclusividade do ser, da unicidade e da singularidade. A construção identitária que ocorre através das MC permite a distinção e singularização identitária ao ter como base gráfica um projecto que se afasta da norma, e que aproxima o sujeito de outros que

comungam de projectos idênticos. Estamos pois perante um fenómeno que congrega uma dimensão individual com uma outra social, resultando num processo de integração e contínua diferenciação do *Self*.

A questão das motivações pessoais associadas a conteúdos subjectivos e pessoais não nos surpreendeu, tendo vindo confirmar uma visão que era apenas empírica. Tanto quanto nós sabemos, são poucos os estudos realizados em Portugal neste domínio, por isso tudo o que contribua para aumentar o conhecimento através destas vozes sobre as múltiplas dimensões que estão por trás das MC, tem uma inerente vantagem que é afastar da patologização e da estigmatização que o senso comum e grande parte da leitura das abordagens da psicologia e da psiquiatria tende a atribuir a estas práticas.

Deste modo pretendemos dignificar as escolhas pessoais que são feitas em determinados contextos, em determinados momentos e determinados tempos da vida dos sujeitos, valorizá-las, conferindo-lhes um lugar, um tempo e um significado que é dos próprios. Simultaneamente, pensamos que o trabalho sobre os discursos recolhidos permitiu retirar da banalidade e de uma visão descomprometida um conjunto de práticas que inclusivamente podem ter riscos para a saúde, que pressupõe dor e o que se chama um compromisso. Um compromisso com uma marca que é perene e que acompanha o sujeito até ao fim da sua vida.

Contudo, embora a questão da despatologização esteja associada à doença, também encontramos referências ao desvio enquanto afastamento da normatividade e eventualmente à marginalização, pelo que estas são duas linhas paralelas muito próximas. Se bem que a intenção desta dissertação tenha sido trazer à luz do dia temáticas e domínios que têm sido alvo claramente de segregação e de exclusão, a verdade também é que o presente trabalho de investigação veio confirmar que estas são realidades, que a discriminação existe e que a exclusão associada às marcas corporais sejam elas extremas ou no formato de um projecto corporal, também é uma evidência.

Sentimos que é uma vantagem científica confirmar aquilo que nós achávamos que era uma realidade. Há possibilidade de exclusão destas pessoas com base apenas na sua aparência. Esta é uma constatação confirmada dentro do grupo que avaliamos, e portanto em termos de impacto social, a presente investigação mostra também que quem

é usuário de MC extremas sente na pele não só a dor das marcas mas, a dor de quem não os compreende, estigmatiza e critica.

Verificámos que os sujeitos que optaram por estéticas dissidentes veem diariamente os seus corpos ser alvo de julgamento público, são objecto de crítica e desrespeito pelo simples facto de transitarem nas ruas mantendo-se fiéis a si mesmos. Muitas vezes sentem-se rejeitados, inferiorizados e vão desenvolvendo diferentes emoções negativas para com os sujeitos não modificados devido à discriminação e preconceito que integram o seu quotidiano. Concluímos que a partilha deste tipo de experiências negativas entre sujeitos modificados, que resulta da sua escolha comum por um projecto de MC, reforça a coesão intragrupal e consequentemente aumenta a diferenciação intergrupala e que estes são motivos que poderão estar na base de comportamentos discriminatórios para fora do grupo.

Contudo, salientamos que alguns sujeitos acreditam que a sua opção por este estilo de vida os torna de certa forma superiores ou mais evoluídos em relação aos sujeitos não modificados corporalmente, e que as características distintivas que atribuem ao seu grupo não deixam também de ser preconceitos. Interessante é verificar o contrassenso das suas palavras ao considerarem a capacidade de aceitação e tolerância como duas das características diferenciadoras que atribuem ao seu grupo.

Acresce-se ainda que a discriminação intragrupal também foi uma realidade verificada a respeito da adopção da MC como acessórios de moda ou por motivos estéticos em contraposição à opção pelas MC como um estilo de vida ou como a base de construção de um projecto corporal. Como fenómeno individual e simultaneamente grupal as modificações corporais e os seus adeptos acabam por reflectir tanta diversidade quanto unicidade, não fossem expressões da versatilidade do ser humano.

Por outro lado, o respeito pela diversidade parece-nos ser outra questão importante porque sobressaíram as já descritas dimensões da segregação, hostilidade, preconceito e discriminação. Como ilustra José Luís Peixoto (2010) “À sua maneira, cada um deles se sente rejeitado pelas minhas tatuagens e pelos meus *piercings*. Acreditam que eu não quero ser como eles, não quero ser eles. Têm de responder de alguma maneira a essa rejeição”. Esta é uma dimensão interessante, pois a forma como nós comunicamos com os outros através das marcas corporais que temos ou que vemos, também não deixa de ser uma perspectiva viável.

Essencialmente construímos uma visão alternativa ao senso comum, diversa, rica, que serve de ponto de partida para outros níveis de reflexão, de procura e de investigação. Estudar os significados que os outros sujeitos não modificados atribuem às MC, tal como investigar como é que os outros veem, compreendem os sujeitos extensivamente marcados ou com MC extremas, são potenciais pontos de partida para melhor se perceber a falta de aceitação e muitas de vezes de respeito entre sujeitos não modificados e sujeitos com projectos corporais extremos, e possivelmente intervir de modo a reduzir este afastamento entre seres humanos, com iguais direitos e obrigações.

Para futuras investigações, partilhamos aquelas que foram as nossas dificuldades e que consideramos serem também as limitações desta incursão no mundo dos significados das marcas corporais. Nem sempre a entrada neste meio é fácil nem a melhor, muito menos quando o investigador não é objecto de identificação, ou seja, quando não possui MC visíveis. A estruturação da amostra foi um processo árduo, na medida em que os sujeitos não percebiam o porquê de os querermos estudar. Se não eramos repórteres e se não ia passar na televisão, basicamente servia para quê? Sabendo que eramos psicólogos encontramos nas várias respostas ao convite à participação uma certa tendência a pensarem que os iríamos classificar com alguma patologia do foro psicológico, o que, em nossa opinião, poderia justificar a resistência oferecida. O processo de recrutamento dos participantes foi um trabalho que exigiu dedicação, resiliência e sobretudo uma tentativa de mostrar um outro lado da psicologia, “despatologizante” e construtivo que ainda seria desconhecido por muitos. Recordamos que não recebemos nenhum contacto apesar das múltiplas respostas afirmativas que obtivemos junto de participantes na convenção de tatuagens quando os convidámos a participar na investigação, e que após termos mudado o método de recolha de dados, dos 141 sujeitos contactados no *Facebook* apenas 40 responderam de forma afirmativa. Não podemos deixar de referir que ter algumas ligações informais no meio facilitou o processo bem como a afirmação da credibilidade do investigador, enquanto formas de ingressar e ser aceite num meio à partida hostil à actividade de investigação

Relembramos as palavras do cantor e compositor Raul Seixas “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” para salientar que, com os resultados obtidos não pretendemos ditar verdades absolutas ou estanques, até porque “ao estudar-se um caso, o objectivo não é representar o mundo; basta a representação do caso. Aliás, um caso pode não representar o mundo, embora

possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se reflectir” (Pais, 2001, p. 109). Neste sentido, desenvolvemo-nos no cumprimento do nosso desafio, que se pode resumir ao aprofundamento da compreensão das modificações corporais, mantendo-nos fiéis às vozes dos sujeitos com projectos de marcação corporal. Demos voz a estes sujeitos com intuito de alargar a compreensão sobre a sua experiência pessoal e corporal e sobre o universo das modificações corporais e sobretudo pretendemos criar um espaço para a reflexão.

Pensamos que podemos ter contribuído para uma forma alternativa de pensar o corpo, conseqüentemente, de compreender o Outro, não esquecendo, como refere Peixoto que “tudo é definitivo e nada é eterno”.

## BIBLIOGRAFIA

- Abonizio, J. (2010). Aparências ímpares: Um estudo sobre os modos de ser e aparecer dos usuários de modificações corporais extremas. *Ponto Urbe*, 6, 1-12.
- Abonizio, J. (2011). Por uma quiromancia da vida. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 26(75), 182-183.
- Abreu, N. (2013). *Diabos Mutantes: uma análise do ritual urbano de suspensão corporal em São Paulo*. São Paulo: Monografia apresentada à Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP, como parte dos requisitos para a aprovação no curso de Pós-graduação Lato Sensu em Jornalismo Cultural.
- Adams, J. R. (2007). *Transient Bodies, Pliable Flesh: Culture, Stratification, an Body Modification*. Ohio: Dissertação de Doutorado em Filosofia apresentada à Universidade Estadual de Ohio.
- Agar, M. (1986). *Speaking of ethnography. Qualitative methods series, Vol. 2*. London: SAGE Publications.
- Almeida, M. V. (2001). O Corpo na Teoria Antropológica. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 33, 49-66.
- Almeida, M. V. (2004). O manifesto do corpo. *Revista Manifesto*, 5, 17-35.
- Angel, T. (2014, Dezembro 12). Male Beauty, Body Art & Body Modification Culture. Retirado de <http://www.frrrkguys.com.br/eyeball-tattooing-respostas-para-as-perguntas-frequentes/>
- Araujo, F. G., Nader, G. L., & Jesus, D. M. (2008). Modernidade e Pós-Modernidade: questões sobre as identidades culturais. *Revista Visões (4 ed.)*, 4(1), 1824-1831.
- Araújo, T. (2007). O fim da faca. O país campeão mundial da extirpação de clitóris torna a prática ilegal, mas esse costume está longe de acabar. *Revista Superinteressante (244 ed.)*, 45-50.
- Armstrong, M. L., Owen, D. C., Roberts, A. E., & Koch, J. R. (2002). College students and tattoos. Influence of image, identity, family and friends. *Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services*, 40, 20–29.
- Assembleia da República. (2008, Abril 7). Projecto de Lei nº483/X/3ª (PS). *Comissão de Saúde*, 1-17. Retirado de [http://andrealmeida.aroucaonline.com/wp-content/uploads/2008/05/relatorio-parecer\\_\\_pjl\\_483-x.pdf](http://andrealmeida.aroucaonline.com/wp-content/uploads/2008/05/relatorio-parecer__pjl_483-x.pdf)
- Atkinson, M. (2004). Tattooing and civilizing processes: Body modification as self-control. *Canadian Review of Sociology & Anthropology*, 41, 125-146.

- Atkinson, M., & Young, K. (2001). Flesh journeys: Neo primitives and the contemporary rediscovery of radical body modification. *Deviant Behavior*, 22(2), 117-146.
- Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24-34.
- Barreiro, A. M. (2004). Corpo, Ciência e Tecnologia. *A questão social no novo milénio* (1-17). Coimbra: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais .
- Barrett, M., & Aspen, S. (2009). Visible Body Modification in Hiring Practices. *UW-Stout Journal of Student Research*, 1-16.
- Barry, B. (2007). *Speechless: The Erosion of Free Expression in the American Workplace*. Oakland: Berrett-Koehler Publishers.
- Barsalou, L., Niedenthal, P., Barbey, A., & Ruppert, J. (2003). Social embodiment. Em B. H. Ross, *The Psychology of Learning and Motivation*, 43, (43-85). San Diego: CA: Academic Press.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beck, U. (1992). *Risk Society: Towards a New Modernity*. London: Sage.
- Bell, S. (1999). Tattooed: A Participant Observer's Exploration of Meaning. *Journal of American Culture* (Malden, MA), 22(2), 53-58.
- Bergano, S. (2012). A construção identitária em comunidades plurais e inclusivas. *EDUSER: Revista de Educação*, 4(2), 1-11.
- Berthelot, J.-M. (1983). Corps et société. Problèmes méthodologiques posés par. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXXIV, 119-131.
- Blackman, L. (2008). *The Body: The Key Concepts*. New York: Berg.
- Bordo, S. R. (1997). *Género, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.
- Bourdieu, P. (1977). *Outline of a Theory of Practice* (Richard Nice, trans.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bourdieu, P. (1984). *Distinction; A Social Critique of the Judgment of Taste*. Translated by Richard Nice. Cambridge: Harvard.
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção- Crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp.
- Bowker, N., & Tuffin, K. (2004). Using the online medium for discursive research about people with disabilities. *Social Science Computer Review*, 22(2), 228-41.
- Braz, C. A. (2006). *Além da Pele. um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. Campinas: Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- Brettel, C. (2002). Gendered lives. Transitions and turning points in personal, family and historical time. *Current Anthropology*, 43, 45-61.

- Brooks, R. A. (1991). Intelligence without reason. *12Th International Joint Conference on Artificial Intelligence* (569-595). San Mateo: Morgan Kaufmann.
- Bruma, D. (2001). *Sur les traces d'une infamie médiévale*. Paris: Textuel.
- Bryan, S. T. (2001a). The end(s) of humanity: vulnerability and metaphors of membership. *The Hedgehog Review*, 7-32.
- Bryan, T. S. (1984). *The Body and Society: Explorations in Social Theory*. London: Sage.
- Bryman, A. (2004). *Social Research Methods (2nd ed.)*. Oxford: Oxford Univeristy.
- Burkitt, I. (1999). *Bodies of Thought: Embodiment, Identity and Modernity*. Londres: Sage.
- Cains, G. E., & Byard, R. W. (2008). The Forensic and Cultural Implications of Tattooing. *Forensic Pathology Reviews*, 5, 119-220.
- Caliendo, C., Armstrong, M. L., & Roberts, A. E. (2005). Selfreported characteristics of women and men with intimate body piercings. *Journal of Advanced Nursing*, 49, 474-484.
- Campos, R. (2010). Juventude e Visualidade no Mundo Contemporâneo. Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 63, 113-137.
- Carmo, J. (2005). *Dimensões filosóficas da educação física*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Caruchet, W. (1995). *Le tatouage ou le corps sans honte..* Paris: Éditions Séguier.
- Cassimiro, É. S., Galdino, F. F., & Sá, G. M. (2012). As Concepções do Corpo construídas ao longo da História Ocidental: da Grécia Antiga à Contemporaneidade. *Μετάνοια*, 14, São João.
- Cerejo, D., & Silva, R. (2014, Dezembro 1). Perigos de tatuar o corpo sem regulamentação preocupam especialistas. *Jornalismo Porto Net*. Retirado de <http://jpn.up.pt/2014/12/01/perigos-de-tatuar-o-corpo-sem-regulamentacao-preocupam-especialistas/>
- Chilvers, I. (2003). *The Concise Oxford Dictionary of Art & Artists (3rd ed)*. New York: Oxford University Press
- Clark, A. (1997). *Being There*. Cambridge: MIT Press.
- Clark, A. (1999). An embodied cognitive science? *Trends in Cognitive Science*, 9, 345-352.
- Cochiarale, F. (2006). *Quem tem medo da arte contemporânea?* Recife: Massangana.
- COE. (2005, Abril 4). Resolution ResAP(2003)2. *Council of Europe Committee of Ministers*. Retirado de <https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?id=45869>
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2000). *Research Methods in Education (5th ed.)*. London: Routledge Falmer.

- Coleman, H. (2002, Novembro). Mulher iorubana com marcas tribais. *Afro & Africa*. Retirado de <http://www.flogao.com.br/czeiger/84320291>
- Cordeiro, M. M. (2013). *O corpo como imagem e as imagens do corpo na contemporaneidade*. Lisboa: Tese de doutoramento, Belas-Artes (Teoria da Imagem), Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.
- Costa, A. (2003). *Tatuagem e marcas corporais: Atualizações do sagrado (Coleção Clínica Psicanalítica)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Courtine, J.-J. (1995). Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura do corpo. Em D. B. Sant'anna, *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação da Liberdade.
- Creswell, J. (1994). *Research Design: Qualitative and Quantitative*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Crocker, W. H. (1990). The Canela (Eastern Timbira), I: An Ethnographic Introduction. *Smithsonian Contributions to Anthropology*, 33, 487.
- Crossley, N. (1995). Merleau-Ponty, the Elusive Body and Carnal Sociology. *Body and Society*, 1(1), 43-63.
- Cruz, R. R. (2002). Cuerpos juveniles, políticas de identidade. Em C. Feixa, D. Molina & C. Alsinet, *Movimientos Juveniles en América Latina. Pachucos, Malandros, Punketas* (151-165). Barcelona: Ariel.
- Csikszentmihalyi, M. (1998). *Finding Flow: The Psychology of Engagement with Everyday Life*. New York: Basic Books; Masterminds Series edition.
- Csordas, T. J. (1990). Embodiment as a Paradigm for Anthropology. *Ethos*, 18(1), 5-47.
- Cummings, W. (2001). Modern Primitivism: The Recent History of Civilization's Discontents. *Critical Studies*, 15, 297-316.
- Cury, A., Cherfen, M., Mansini, T., & Resinentti, T. (2005). À flor da pele. A identidade reflectida e marcada no corpo. *Eclética*, 48-51.
- Cury, A., Cherfen, M., Mansini, T., & Resinentti, T. (2005). À flor da pele. A identidade refletida e marcada no corpo. *Eclética*, 48-51.
- Damásio, A. R. (1995). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Lisboa: Europa-América.
- Danziger, K. (1997). *Naming the mind: How psychology found its language*. London: Sage.
- Davis, B., & Brewer, J. (1997). *Electronic Discourse: Linguistic Individuals in Virtual Space*. New York: State University of New York Press.
- De Mello, M. (1995). Not Just For Bikers Anymore”: Popular Representations of American Tattooing. *The Journal of Popular Culture*, 29, 37-52.
- De Mello, M. (2007). *Encyclopedia of Body Adornment*. London: Greenwood Press.
- Decreto Lei nº 264/98 de 9 de Agosto. *Diário da República nº190- I Série A*. Ministério da Economia. Lisboa.

- Decreto Lei n.º 142/2005 de 24 de Agosto. *Diário da República n.º 202 - I Série A*. Ministério da Saúde. Lisboa.
- Decreto Lei n.º 156/2005 de 15 de Setembro. *Diário da República n.º 178 - I Série A*. Ministério da Economia. Lisboa.
- Decreto Lei n.º 222/2005 de 27 de Dezembro. *Diário da República n.º 247 - I Série A*. Ministério da Economia e da Inovação. Lisboa.
- Decreto Lei n.º 178/2006 de 5 de Setembro. *Diário da República n.º 171 - I Série A*. Ministério do Ambiente. Lisboa.
- Decreto Lei n.º 259/2007 de 17 de Julho. *Diário da República n.º 136 - I Série*. Ministério da Economia e da Inovação. Lisboa.
- Decreto Lei n.º 371/2007 de 6 de Novembro. *Diário da República n.º 213 - I Série*. Ministério da Economia e da Inovação. Lisboa.
- Deschesnes, M., Demers, S., & Finés, P. (2006). Are tattooing and body piercing indicators of risk-taking behaviours among high school students? *Journal of Adolescence*, 29, 379–393.
- Dias, B. S. (2014). *Os limites do corpo: Modificações corporais*. Bauro: Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes e Representação Gráfica da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Educação Artes Plásticas.
- Dias, P. R. (2009). Ritos e Rituais - Vida, Morte e Marcas Corporais: a importância desses símbolos para a sociedade. *VIDYA*, 29(2), 71-86.
- Dick, B. (2005). Grounded Theory: a thumbnail sketch. *Action research & action learning for community and organisational change*. Retirado de <http://www.scu.edu.au/schools/gmc/ar/arp/grounded.html>
- Domingues, J. V., & Silva, M. R. (2008). A produção de gênero através do body modification. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder* (1-7). Florianópolis: Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) .
- Dominguez, D., Beaulieu, A., Estatella, S., Gomez, E., Schnetter, B., & Read, R. (2007). Virtual ethnography. *Qualitative Social Research*. Retirado de <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/3-07/07-3e1-e.htm>
- Donohoe, M. (2006). Beauty and Body Modification. *Medscape*, 1-4.
- Duarte, B. N. (2013). The Body Hacktivism Movement: A Talk About the Body. *PsychNology Journal*, 11(1), 21-42.
- Duarte, B. N. (2014). Possibilidades tecnológicas e a pirataria corporal: reflexão com base empírica sobre as experiências de exploração do corpo. *Juiz de Fora*, 9(1) 74-85.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas e pesquisas qualitativas. *Educar, Curitiba*, 24, 213-225.

- Dussel, E. (2002). *Ética da libertação. Na idade da globalização e da exclusão* (2 ed.) Petrópolis: Vozes.
- Eisenberg, E. M. (2001). Building a mystery: toward a new theory of communication and identity. *Journal of Communication*, 51, 534-552.
- Eisenberg, N. (2001). The core and correlates of affective social competence. *Social Development*, 10, 120-124.
- Featherstone, M. (1995). *Undoing Culture: Globalization, Postmodernism and Identity*. London: Sage.
- Featherstone, M. (2000). *Body Modification*. London: SAGE Publications.
- Featherstone, M. (2000). No Pain Like This Body. Em K. N. Pramod, *Body Modification*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage.
- Featherstone, M. (2001). *Bodies of Natures*. London: SAGE.
- Featherstone, M. (2003). Post-Bodies, Aging and Virtual Reality. Em M. Featherstone, & A. Wernick, *Images of Aging: Cultural Representations of Life* (227-244). New York: Routledge.
- Featherstone, M., Hepworth, M., & Turner, B. (1991). *The Body: Social Process and Cultural Theory*. Londres: Sage.
- Fernandes, E. M. (2001). *Encontro de narrativas terapêuticas: estudo das memórias do terapeuta activadas durante o processo de recordações do cliente*. Braga: Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.
- Fernandes, E. M., & Maia, A. (2001). Grounded Theory. Em L. S. Almeida, *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas* (49-76). Braga: Universidade do Minho: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Ferreira, V. S. (2004). Da reflexividade corporal entre os jovens portugueses: Uma realidade socialmente fragmentada. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção* (55-61). Universidade do Minho - Campus Gualtar - Braga: Atelier: Corpo e Sexualidade.
- Ferreira, V. S. (2006). *Marcas que Demarcam: Corpo, Tatuagem e Body Piercing em Contextos Juvenis*. Lisboa: ISCTE: Dissertação de Doutoramento em Sociologia apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Ferreira, V. S. (2007). Política do corpo e política da vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. *Etnográfica*, 11(2), 291-326.
- Ferreira, V. S. (2008). OS OFÍCIOS DE MARCAR O CORPO A realização profissional de um projecto identitário. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 58, 71-108.
- Ferreira, V. S. (2009). Youth scenes, body marks and bio-sociabilities. *Young (Nordic Journal of Youth Research)*, 17(3), 285-306.

- Ferreira, V. S. (2010). Tatuagem, body piercing e a experiência da dor: emoção, ritualização e medicalização. *Saúde e Sociedade*, 19(2), 231-248.
- Ferreira, V. S. (2011). Tatuagem o corpo jovem hoje: rito de passagem ou ritual de impasse? *Vivência*, 36, 137-156.
- Fielding, N. G., & Lee, R. M. (1998). *Computer analysis and qualitative research*. London: SAGE Publications.
- Fleck, R. (1994). L'actionnisme viennois. Em K. McGarry, *Hors limites*. Paris: Éditions du Centre Georges Pompidou.
- Fonte, C. (2005). Investigar Narrativas e Significados: a Grounded Analysis Como Metodologia de Referência. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa*, 02, 209-297.
- Foucault, M. (1979). *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. New York: Vintage Books.
- Foucault, M. (1994). *História da Sexualidade II. O cuidado de si*. Lisboa: Relógio D'água.
- Gans, E. (2000). The body sacrificial. Em T. Siebers, *The body aesthetic: From fine art to body modification*. 159-178: University of Michigan Press.
- Garcia, W. (2006). *Corpo e Subjectividade - Estudos Contemporâneos*. São Paulo: Factaser.
- Gaya, A. (2005). Será o corpo humano obsoleto? *Sociologias*, 13, 324-337.
- Gergen, K. (1984). Theory of the self: impasse and evolution. *Advances in experimental social psychology*, 17, 49-115.
- Giddens, A. (1991). *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. California: Stanford University Press.
- Giddens, A. (1992). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (2003). *A constituição da sociedade*. Rio de Janeiro: Martin Fontes.
- Gil, J. (2006). *Monstros*. Lisboa: Relógio D'água.
- Gilbert, S. (2000). *The Tattoo History Source Book*. New York: Juno Books.
- Glaser, B. (2004, Maio 5). Remodeling Grounded Theory. *Qualitative Social Research*. Retirado de <http://qualitative-research.net/fqs-texte/2-04/2-04glaser-e.htm>
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The Discovery of Grounded Theory*. Hawthorne, NY: Aldine Publishing Company.
- Goffman, E. (1987). *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Goffman, E. (1993). *Estigma: la identidad deteriorada. 5ed.* Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Goffman, E. (2010). *Stigma – om afvigerens sociale identitet (2nd ed.)*. Frederiksberg: Samfundslitteratur Press.

- Gold, D. (2011). Seeking religious validity for body piercing and tattoos: how the church of body modification should gain recognition as a religion in the modern era. *Rutgers Journal of Law and Religion*, 13, 139-171.
- Gonçalves, M. M. (2003). *Psicoterapia, uma arte retórica: Contributos das terapias narrativas*. Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, M. M., & Gonçalves, O. F. (1995). Funções políticas do self monadal: A psicologia, o self e o poder. *Análise Psicológica*, XIII, 395-403.
- Gonçalves, M. M., & Gonçalves, O. F. (1999). Personalidade e construcionismo social: Dos traços às histórias. *Psychologica*, 22, 123-133.
- Gonzaga, E. S. (2011). *As práticas de modificações corporais e a formação de identidades somáticas*. Goiânia: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação - Mestrado em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Bibliotecnomia da Univerdade Federal de Góias, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.
- Gorender, M. E. (2008). Estéticas do corpo: técnicas de modificação corporal. *Pepsic*, 9, 39-41.
- Graue, M. E., & Walsh, D. J. (1998). *Studying children in context: Theories, methods & ethics*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Green, T. (2003). *The Tattoo Encyclopedia: A Guide to Choosing Your Tattoo*. New York: Touchstone.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1993). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Guba, E. G. (1981). Criteria for assessing the trustworthiness of naturalistic inquiries. *Educational Technology Research and Development*, 75-91.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1989). *Fourth generation evaluation*. Newbury Park: SAGE Publications.
- Gubrium, J. F., & Holstein, J. A. (1995). Individual Agency, The Ordinary, and Postmodern Life. *The Sociological Quarterly*, 36(3), 555-570.
- Guynup, S. (2004, Julho 28). Scarification: Ancient Body Art Leaving New Marks. *National Geographic Channel*. Retirado de [http://news.nationalgeographic.com/news/2004/07/0728\\_040728\\_tvtabooscars.html](http://news.nationalgeographic.com/news/2004/07/0728_040728_tvtabooscars.html)
- Habermas, J. (1990). *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Don Quixote.
- Haig, B. D. (1995). Grounded Theory as scientific method. *Philosophy of Education*, 1-11.
- Hall, G. J., Frederick, D., & Johns, M. D. (2004). Need help ASAP!!!: A feminist communitarian approach to online research ethics. Em M. D. Johns, S. L. Chen, & G. J. Hall, *Online Social Research: Methods, Issues and Ethics* (239-52). Oxford: Peter Lang Publishing.

- Hall, S. (1980). Cultural Studies: Two paradigms. *Media, Culture and Society*, 2, 57-72.
- Hall, S. (1992). The Question of Cultural Identity. Em S. Hall, D. Held, & T. McGrew, *Modernity and Its Futures* (273-325). Oxford: Open University.
- Hall, S. (2000). *Modern Primitives: The Recurrent Ritual of Adornment (ICR Monographs)*. London: The Institute for Cultural Research.
- Hall, S. (2003). *A identidade cultural na pós modernidade. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro (7 ed.)*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hammersley, M. (2006). Ethnography: problems and prospects. *Ethnography and Education*, 1(1), 3-14.
- Haraway, D. (1991). A Cyborg Manifesto: Science, Technology and Socialist-Feminism in the late Twentieth Century. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, 149-181.
- Hermans, J. M. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical change. *Psychological Bulletin*, 119, 31-50.
- Hermans, J. M. (2001). The dialogical self: Towards a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7, 243-282.
- Heuze, S. (2000). *Changer le corps?* Paris: La Musardine.
- Hilgard, E. R. (1987). *Psychology in America: a historical survey*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich.
- Hine, C. (2000). *Virtual Ethnography*. London: SAGE Publications.
- Horassius, M. (2005). Le corps consommé. Le body art d'hier et d'aujourd'hui. *L'Information psychiatrique*, 535-46.
- Huss-Ashmore, R. (2000). 'The real me': Therapeutic narrative in cosmetic surgery. *Expedition*, 42(3), 26.
- Illingworth, N. (2006). Content, context, reflexivity and the qualitative research encounter: telling stories in the virtual realm. *Social Research Online* 11(1). Retirado de <http://www.socresonline.org.uk/11/1/illingworth.html>
- Jacobson, D. (1999). Doing research in cyberspace. *Field Methods*, 11(2), 127-45.
- James, N., & Busher, H. (2007). Ethical issues in online educational research: protecting privacy, establishing authenticity in email interviewing. *International Journal of Research and Method in Education*, 30(1), 101-13.
- James, N., & Busher, H. (2009). *Online Interviewing*. London: SAGE Publications.
- Janeiro, M. (2010). *Freak Out - Le Freak C'est Chic*. Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP): TCC- Trabalho de Conclusão de Curso, Área: Fotografia.
- Jenkins, J. H. (1988). . Ethnopsychiatric Interpretations of Schizophrenic Illness: The Problem of Nervios within Mexican-American Families. *Culture, Medicine, and Psychiatry*, 12, 301-330.

- Jetten, J., Branscombe, N., Schmitt, M., & Spears, R. (2001). Rebels with a Cause: Group Identification as a Response to Perceived Discrimination from the Mainstream. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(9), 1204-1213.
- Júnior, J. A., Ladislau, C. R., & Niquini, C. M. (2006). *A moda na carne viva: imagem, corpo e consumo: aproximações teóricas*. Montes Claros: Unimontes.
- Kibby, M. (2005). Email forwardables folklore in the age of the internet. *New Media and Society*, 7(6), 770-90.
- Kirk, J., & Miller, M. (1986). *Reliability and validity in qualitative research*. London: SAGE Publications.
- Klemperer, M. (2006, Março 30). Archaeology of Tattoing. Retirado de <http://www.into-you.co.uk/contents/misc-htm>
- Klesse, C. (1999). 'Modern Primitivism': Non-Mainstream Body Modification and Racialized Representation. Em M. Featherstone, *Body Modification* (15-38). London: SAGE Publications.
- Klesse, C. (1999). Modern Primitivism': Non-Mainstream Body Modification and Racialized Representation. *Body & Society*, 5 (2-3), London: Sage, 15-38.
- Konig, R. (1969). *Sociologie De La Mode*. Paris: Petite Bibliotheque Payot .
- Kosut, M. (2006). An Ironic Fad: The Commodification and Consumption of Tattoos. *The Journal of Popular Culture*, 39(6), 1035–1048.
- Larratt, S. (2002). *MODCON The Secret World of Extreme Body Modification*. Toronto: BMEbooks.
- Latini, T. F. (2005). Body Modificatio: Adolescence, Popular Culture & Practical Theology. *Journal of Youth and Theology*, 4(2), 69-85.
- Layder, D. (1993). *New strategies in social research*. Cambridge: Polity Press.
- Le Breton, D. (1992). *Des visages. Essai d'anthropologie*. Paris: Métailié.
- Le Breton, D. (1995). *Antropología del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Le Breton, D. (1999). *L'adieu au corps*. Paris: Éditions Métailié.
- Le Breton, D. (2002). Tatouages et piercings... un bricolage identitaire? *Sciences Humaines*, 132, 32-35.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao Corpo*. Campinas: Papirus.
- Le Breton, D. (2004). *Sinais de identidade Tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis.
- Le Breton, D. (2006). *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Leder, D. (1990). *The Absent Body*. London: University of Chicago Press.
- Lee, H. (2006). Privacy, publicity and accountability of self-presentation in an online discussion group. *Sociological Inquiry*, 76(1), 1-22.

- Leitão, D. K. (2004). À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Iluminuras*, 5(10), 1-37.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lifschitz, J., & Silva, J. (2008). As Reconstruções (Modernas) na Tradição da América Latina. *Revista Itinerarium*, 1, 1-21.
- Lipovetsky, G. (2005). *Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarola.
- Lírio, D. R. (2007). *Suspensão corporal e algumas implicações intersubjectivas*. São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.
- Lírio, D. R. (2008). Suspensão corporal e as três dimensões da intercorporeidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(2), 58-67.
- Loeck, L. (2010). *Os significados do corpo para as pessoas adeptas das modificações corporais extremas*. Porto Alegre: Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Love, S. (2006). Outer Beauty, Inner Beauty. *National Geographic*, 5, 32-45.
- Lusa, A. (2011, Julho 26). DECO alerta para falta de legislação sobre tatuagens e piercings. *Público*. Retirado de <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/deco-alerta-para-falta-de-legislacao-sobre-tatuagens-e-piercings-1504728>
- Lytard, J.-F. (1979). *A Condição Pós-moderna*. Lisboa: Gradiva.
- Machado, C. (2000). *Discursos do medo, imagens do "outro"*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho: Braga, Portugal.
- Maffesoli, M. (1990). *Au creux des apparences: Pour une éthique de l'esthétique*. Paris: Plon.
- Mann, C., & Stewart, F. (2000). *Internet Communication and Qualitative Research: A Handbook for Researching Online*. London: SAGE Publications.
- Markham, A. (2004). The internet as a research context. Em C. Seale, G. Gobo, J. F. Gubrium, & D. Silverman, *Qualitative Research Practice* (328-44). London: SAGE Publications.
- Markham, A. N., & Baym, N. K. (2009). *Internet Inquiry conversations about method*. London: SAGE Publications.
- Marlock, G., & Weiss, H. (2006). In Search of the Embodied Self. *Hakomi Forum Issue 16-17*, 47-56.
- Maroun, K., & Vieira, V. (2008). Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. *Psicologia em Revista, Belo Horizonte*, 14(2), 171-186.
- Marques, T. (2009). Questão de pele. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 40(4), 22-25.

- Matos, C. E., Gentile, P., & Falzetta, R. (2004, Agosto). Em busca do corpo perfeito. *Revista Nova Escola*. Retirado de <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/busca-corpo-perfeito-424326.shtml?page=4#>
- Maxwell, J. A. (1996). *Qualitative Research Design: an interactive approach*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- McDonald, K. (1999). *Struggles for Subjectivity. Identity, Action and Youth Experience*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McKinley, N. M. (1999). Woman and objectified body consciousness: Mothers' and daughters' body experience in cultural, developmental, and familial context. *Developmental Psychology*, 35, 760-769.
- McNamee, S. (2001). Reconstruindo a terapia num Mundo Pós-moderno: Recursos Relacionais. Em M. M. Gonçalves, & O. F. Gonçalves, *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança* (235-264). Coimbra: Quarteto.
- Meier, P. B., Schnall, S., Schwarz, N., & Bargh, A. J. (2012). Embodiment in Social Psychology. *Topics in Cognitive Science*, 1-12.
- Mellor, P., & Shilling, C. (1997). *Re-forming the Body. Religion, Community and Modernity*. Londeres: Sage.
- Melville, H. (1992). *White Jacket ou la Vie à bord d'un navire de guerre*. Paris: Julliard.
- Menezes, N. M. (1007). Corpo e Juventude contemporânea: uma reflexão sobre o discurso estético da Body Modification. *VII simpósio de Dissertações e teses comemoração dos 35 anos do PPGE/UNIMEP* (1-4). Piracicaba: UNIMEP.
- Merlau-Ponty, M. (2004). *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Merlau-Ponty, M. (2005). *O visível e o invisível (4 ed.)*. São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- Merleau-Ponty, M. (1963). *La structure du comportement*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção (3rd ed.)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mifflin, M. (1997). *Bodies of subversion: a secret history of women and tattoo*. New York: Juno Books.
- Millner, V. S., & Eichold, B. H. (2001). Body piercing and tattooing perspectives. *Clinical Nursing Research*, 10, 424-441.
- Miranda, J. B. (2002). *Crítica das Ligações na Era da Técnica, livro organizado com Maria Teresa Cruz*. Lisboa: Tropismos.
- Mol, A. (2002). *The Body Multiple: Ontology in Medical Practice*. London and New York: Duke University Press.

- Moreira, C. D. (1994). *Planeamento e estratégias da investigação social*. Lisboa: ISCSP.
- Mourão, J. A. (2002). Vínculos, Novos Vínculos, Desvinculações. Em J. Miranda, & T. Cruz, *Critica das ligações na era da técnica* (75-96). Lisboa: Tropismos.
- Muller, I. E. (2012). Philosophy and Spirituality in Body Modification. Retirado de <https://pt.scribd.com/doc/235470206/Body-Modification>
- Myers, J. (1992). Nonmainstream body modification: Genital piercing, Branding, Burning and Cutting. *Journal of Contemporary Ethnography*, 21(3), 267-306.
- Nascimento, M., & Peres, W. (2012). VI Congresso Internacional de Estudos sobre Diversidade Sexual e de Género. "Pode o Body Modification produzir resistência ao binarismo sexual?": Problematizações sobre as modificações corporais a partir de uma narrativa performática da vida (1-13). Salvador: ABEH.
- Neimeyer, R. A. (2000). Narrative discuss of the self. Em R. A. Neimeyer, & J. D. Raskin, *Constructions of disorder: meaning-making frameworks for psychoterapy* (207-242). Washington: APA.
- Neto, J. F. (2005). *A saúde modificada: Criatividade, espontaneidade e satisfação na experiência corporal contemporânea*. Rio de Janeiro : Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Saúde Coletiva, Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – Área de Concentração Ciências Humanas e Saúde do Instituto de Medicina Social da Universidade do Rio de Janeiro.
- Nolasco, S. A. (2006). Body Modification (BM): o corpo e a experiência de si no contemporâneo. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 6(2), 370-395.
- Nyberg, A. (2006, Janeiro 30). MODERN PRIMITIVES AND BODY MODIFICATION An Examination of Pain, The Body and Resistance in a Contemporary EuroAmerican Subculture. Retirado de <http://www.sterneck.net/ritual/nyberg-modprim/index.php>
- Oliveira, R. C. (2007). Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 4(9), 63-86.
- Orgad, S. (2006). The cultural dimensions of online communication: a study of breast cancer patients internet spaces. *New Media and Society*, 8(6), 877-99.
- Ortega, F. (2004). Modificações corporais e bioidentidades. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 33, 247-263.
- Ortega, F. (2008). *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Osório, A. B. (2006). *O Género da Tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tese submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos à obtenção do grau de Doutor em Antropologia.

- Pais, J. M. (1993). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Ambar.
- Paixão, R., & Barrocas, J. (2006). Teoria Grounded: Relações Fraternais e Toxicodependência. *Toxicodependências*, 49-64.
- Parlamento Europeu. (29.05.2007). (CE) n.º 1907/2006 . *Jornal Oficial da União Europeia*, 3-273.
- Pasi, F. (1995). Written in the flesh. *Body & Society*, 1(1), 95-105.
- Pelegrini, T. (2006, Janeiro 12). Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. *Revista Urutágua*, 08. Retirado de [www.urutagua.uem.br/008/08edu\\_pelegrini.htm](http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.htm)
- Pereira, F. M. (2007). *Tatuagens, Piercings e outras intervenções corporais*. Recife: Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco para a obtenção do grau de Doutor em Antropologia .
- Pereira, H. R. (2004). A crise da identidade na cultura pós-moderna. *Mental*, 2(2), Barbacena , 87-98.
- Pérez, A. L. (2006). A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *MANA*, 12(1), 179-206.
- Pfeifer, R., & Scheier, C. (1999). *Understanding Intelligence*. Cambridge: MIT Press.
- Pires, B. F. (2001). *Piercing, Implante, Escarificação, Tatuagem. O corpo como suporte da arte*. Campinas: Dissertação de Mestrado apresentada à Univerdade Estadual de Campinas Instituto de Artes.
- Pires, B. F. (2003). O corpo como suporte da Arte. *Revista Latino-Americana de Psicologia Fundamental*, VI, 1, 76-85.
- Pires, B. F. (2005). *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo : Senac.
- Pitts, V. L. (2003). *In the Flesh: The Culturak Politics of Body Modification*. New York: Palgrave Macmillan.
- Polkinghorne, D. E. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany: State University of New York Press.
- Prost, A. (1995). Fronteiras e espaços do privado. Em A. Frost, & G. Vicent, *História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução Denise Bottmann* (13-153). São Paulo: Companhia das Letras.
- Ramos, C. A. (2001). *Teorias da tatuagem: corpo tatuado - uma análise da loja Stoppa Tatoos da Pedra*. Florianópolis: UDESC.
- Rennie, D. L. (1998). Grounded theory methodology: The pressing need for a coherent logic of justification. *Theory and Psychology*, 101-119.

- Rennie, D., Philips, J. R., & Quartaro, G. K. (1988). Grounded Theory: A promising approach to conceptualization in psychology? *Canadian Psychology*, 29, 139-150.
- Revière, C. (1992). Le rite enchantant la concorde. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 42, 5-29.
- Ribeiro, A. (2003). *O Corpo que Somos. Aparência, Sensualidade, Comunicação*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Rodrigues, A. A. (2011). *O corpo em-cena: A Sociedade Administrada e o Trauma nas Body Modifications*. Maringá, Brasil: Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Maringá.
- Rogers, C. R., & Kinget, G. (1977). *Psicoterapia e relações humanas, (Vol. I)*. (M. L. Bizotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros.
- Rosaldo, M. (1984). *Toward an Anthropology of Self and Feeling. Culture theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rosário, N. M. (2006, Janeiro 12). Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose. Retirado de [http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia\\_semiotica/conteudos/corpo.htm](http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm)
- Rosecrans, J. A. (2000). Wearing the Universe: symbolic markings in Early. Em J. Caplan, *Written on the Body: The Tattoo in European and American History* (46-60). Princeton: Princeton University Press.
- Rutter, J., & Smith, G. W. (2005). Ethnographic presence in a nebulous setting. Em C. Hine, *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet* (81-92). Oxford: Berg.
- Samper, M. P. (2007). Reflexion on Body Modification in our contemporary western societies. Retirado de <http://www.coolwoc.co.uk/flash/Lab/bodyModification.pdf>
- Sanders, C. R. (1988). Marks of mischief. Becoming and being tattooed. *Journal of Contemporary Ethnography*, 16(4), 395-432.
- Sanders, C. R. (1989). *Customizing the Body. The Art and Culture of Tattooing*. Philadelphia: Temple University Press.
- Sanders, C. R. (1995). Drill and Frill: Client Choice, Client Typologies, and Interactional Control in Commercial Tattooing Settings. Em A. Rubin, *Marks of Civilization* (219-232). Los Angeles: Museum of Cultural History University of California.
- Sanders, C., & Vail, A. D. (2009). *Customizing the Body: The Art and Culture of Tattooing*. Philadelphia, Pennsylvania: Temple University Press.
- Sanders, T. (2005). Researching the online sex work community. Em C. Hine, *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet* (67-80). Oxford: Berg.

- Santos, A. (2008). *Indicadores de Produção de Resíduos Hospitalares em Centros de Saúde - Caso do Concelho do Barreiro*. Lisboa: Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em Gestão Integrada e Valorização de Resíduos.
- Schiffmacher, H. (1996). *1000 Tattoos*. Colônia: Taschen: Taschen GmbH.
- Schildkrout, E. (2001). Body art as visual language. *Anthro Notes*, 22, 1-8.
- Scott, K., & Drago, M. H. (2010). The Baroque Body: A Social Commentary on the Role of Body Modification in Scott Westerfeld's *Uglies Trilogy*. Em D. Riha, *Humanity in Cybernetic Environments* (51- 60). Oxford: United Kingdom.
- Seale, C. (2000). *The quality of qualitative*. London: SAGE Publications.
- Sebastião, S. (2010). Sujeito pós-moderno: de andrógino a pós-humano. *Comunicação & Cultura*, 9, 59-75.
- Shilling, C. (1993). *The Body and Social Theory*. London: Sage.
- Shilling, C. (2013). *The Body and Social Theory (3rd ed.)*. London: SAGE Publications.
- Siebers, T. (2000). *The Body Aesthetic: From Fine Art to Body Modification*. Michigan: University of Michigan Press.
- Silva, G. F. (2007). *Primitivismo contemporâneo: o corpo como objeto da arte*. Rio Grande: Dissertação de Licenciatura apresentada à Universidade Federal do Rio Grande.
- Silva, P. C. (1999). *O Lugar do Corpo: Elementos para uma Cartografia Fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Silva, P. R. (2006). II Encontro de História de Arte-IFCH. *Corpo na Arte, Body Art, Body Modifications: Fronteiras* (167-172). Campinas: UNICAMP.
- Silva, S. P. (2009). *Corpo Limite. Uma análise dos corpos modificados*. São Paulo: Monografia apresentada ao curso de Comunicação das Artes do Corpo (PUC-SP) na habilitação Performance como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.
- Silva, S. P. (2013). Corpo-Obra: Manipulações Corporais como Processos de (Des)Construções Ético-Estéticas. *Gambiarra Revista dos Mestrados do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes*, 5, 29-40.
- Simmel, G. (1972). *Georg Simmel on Individuality and Social Forms (Heritage of Sociology Series)*. University of Chicago Press.
- Simões, J. (1999). A televisão e as culturas juvenis: os media na construção social da juventude. *Forum Sociológico*, 1/2 (2.<sup>a</sup> série), 161-179.
- Souza, C. M. (2009). Body Modification: Uma análise sobre os usos e significados do corpo na Body Art. *Diversidad y Poder en América Latina* (1-15). Buenos Aires: VIII Reunión de Antropología del Mercosul.

- Souza, M. L., & Gomes, W. B. (2005, Outubro). Aspectos históricos e contemporâneos na investigação do self. *Memorandum*, 9, 78-90. Retirado de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/souzagomes01.pdf>
- Sowell, C. (2009, Julho 31). The History of Earrings. Retirado de <http://www.csbooksandmore.com/pdfs/HistoryofEarrings.pdf>
- Steward, S. M. (1990). *Bad boys and tough tattoos. A social history of the tattoo with gangs, sailors, and street corner punks, 1950-1965*. New York: Haworth Press.
- Stewart, K., & Williams, M. (2005). Researching online populations: the use of online focus groups for social research. *Qualitative Research*, 5(4), 395-416.
- Stirn, A. (2001). Vom Initiationsritual zur geschmückten Haut. Tätowierung im Spiegel von Stammestradiationen und neuem Kunstverständnis (From ritual initiation to the decorated skin: tattoo as mirrored by tribal traditions and a new perception of art). *Psychoth.Soz*, 3(4), 284-307.
- Stirn, A. (2004). Motivationen von Tätowierten und Gepiercten für ihre Körpermodifikationen (Motivations of tattooed and pierced for their body modifications). *Zeitschrift für Klinische Psychologie, Psychiatrie und Psychotherapie*, 51, 43-58.
- Strauss, A., & Corbin, J. M. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park, CA: SAGE Publications.
- Strauss, A., & Corbin, J. M. (1994). Grounded Theory Methodology. An Overview. Em N. Denzin, & Y. Lincoln, *Handbook of Qualitative Research* (273-285). Thousands Oaks: SAGE Publications.
- Strauss, A., & Corbin, J. M. (1998). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. London: SAGE Publications.
- Sweeney, S. M. (2006). Tattoos: A review of tattoo practices and potential treatment options for removal. *Current Options in Pediatrics*, 18, 391-395.
- Sweetman, P. (1999). Anchoring the (postmodern) self? Body modification, fashion and identity. *Body & Society*, 5, 51-76.
- Tassie, G. J. (14). Identifying the Practice of Tattooing in Ancient Egypt and Nubia. *Papers from the Institute of Archaeology*, 14, 85-101.
- Tavares, G. M. (2013). *Atlas do Corpo e da Imaginação. Teorias, fragmentos e imagens*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Teixeira, D. P. (2006). *Intensidades Corporais e Subjetividades Contemporâneas: uma reflexão sobre o movimento da Body Modification*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Teixeira, Z. M. (2004). *A construção e validação de uma narrativa protótipo para o alcoolismo (tese de doutoramento não publicada)*. Braga: Universidade do Minho.

- Teli, M., Francesco, P., & Hakken, D. (2007). The internet as a library-of-people: for cyberethnography of online groups. *Qualitative Social Research*, 8(3), Art. 33. Retirado de <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/3-07/07-3-33-e.htm>
- Tietje, L., & Cresap, S. (2005). Is Lookism Unjust?: The Ethics of Aesthetics and Public Policy Implications. *Journar of Libertarian Studies*, 19(2), 31-50.
- Tucherman, I. (2004). *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Veja.
- Turner, B. (1994). Preface. Em P. Falk, *The Consuming Body*. London: Sage.
- Turner, B. (1996). *The Body and Society: Explorations in Social Theory (2 ed)*. London: Thousand Oaks, CA:Sage.
- Turner, B. S. (1999). The Possibility of Primitiveness: Towards a Sociology of Body Marks in Cool Societies. *Body & Society*, 5(2-3), 39-50.
- Turner, B. S. (2000). *The Blackwell Companion to Social Theory (2nd ed.)*. Hoboken, New Jersey: Wiley-Blackwell.
- Turner, B. S. (2001). The end(s) of humanity: vulnerability and the metaphors of membership. *The Hedgehog Review*, 7-32.
- Turner, B. S. (2008). *Body & Society (3rd ed)*. London: SAGE Publications.
- Turner, V. (1980). *La selva de los símbolos*. Madrid: Siglo veintiuno.
- Turtiainen, J., & Oksanen, A. (2005). A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society. *Auto/Biography*, 13, 111–130.
- Vale, V., & Juno, A. (1989). *Modern Primitives. An Investigation of Contemporary Adornment & Ritual*. San Francisco: RE/Search Publications.
- Varela, F., Thompson, E., & Rosch, E. (1993). *L'inscription corporelle de l'ecrit: Sciences cognitives et expérience humaine*. Paris: Seuil.
- Vaz, P. (2006, Janeiro 12). Corpo e risco. Retirado de <http://www.angelfire.com/mb/oencantador/>
- Vergara, R. L. (2007). Cuerpos transgresores/ Cuerpos transgredidos. Carne y memoria marcadas. Los jóvenes y sus prácticas de modificación corporal. *Última Década*, 26, 103-120.
- Vieira, E. (2008). Na superfície da pele: modificações corporais e subjetividade contemporânea. *Marcas Corporais e Formas de Subjectivação Contemporâneas*. São Paulo, Brasil: III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental.
- Vilar, J. (2012). “Esse corpo me pertence”: construção corporal através das técnicas da body modification. *vivência40 Revista de Antropologia*, 151-167.
- Villaça, N., & Goés, F. (1998). *Em Nome do Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Volpi, J. H. (2009). Body modification: uma leitura caracterológica da identidade inscrita no corpo. *Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, XIV, IX*. Curitiba: Centro Reichiano.

- Waugh, M. (2007). Body piercing: where and how. *Clinics in Dermatology*, 25, 407-411.
- Weyer, E. M. (1932). *The Eskimos: Their Environment and Folkways*. New Haven: Yale University Press.
- Williams, D. J. (2009). Deviant leisure: Rethinking “the good, the bad, and the ugly”. *Leisure sciences*, 31(2), 207-213.
- Winchel, R. M., & Stanley, M. (1991). Self-injurious behavior: A review of the behavior and biology of self-mutilation. *American Journal of Psychiatry*, 148, 306-317.
- Wohlrab, S., Stahl, J., & Kappeler, P. M. (2007). Modifying the body: Motivations for getting tattooed and pierced. *Body Image*, 4, 87-95.
- Wyn, E., & Katz, J. (1997). Hyperbole over cyberspace: self presentation and social boundaries in internet home pages and discourse. *The Information Society*, 13(4), 297-327.